

PSYCHO PACK

A DARK REVERSE HAREM OMEGAVERSE ROMANCE

LENORE ROSEWOOD

PSYCHO PACK

UM ROMANCE OBSCURO DE HAREM REVERSO NO UNIVERSO OMEGA

UNIDADE ALFA FANTASMA
LIVRO TRÊS

LENORE ROSEWOOD



Copyright © 2024 por Lenore Rosewood
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem permissão por escrito da autora, exceto para o uso de breves citações por leitores e revisores. A cópia e distribuição não autorizada de livros não apenas é ilegal, mas também prejudica significativamente a capacidade dos autores de sustentar seu trabalho.

Obrigado por apoiar criadores humanos!

-

Capa por Anna Petrova

Edição e revisão por Olivia Cook

Mapa por Inkarnate

Gráficos internos por Lenore Rosewood e Anna Petrova com imagens licenciadas do Adobe Stock, Shutterstock e Depositphotos

SUMáRIO

Sinopse
Aviso Legal

Capítulo 1
Ivy

Capítulo 2
Praga

Capítulo 3
Thane

Capítulo 4
Whiskey

Capítulo 5
Praga

Capítulo 6
Wraith

Capítulo 7
Thane

Capítulo 8
Ivy

Capítulo 9
Whiskey

Capítulo 10
Ivy

Capítulo 11
Praga

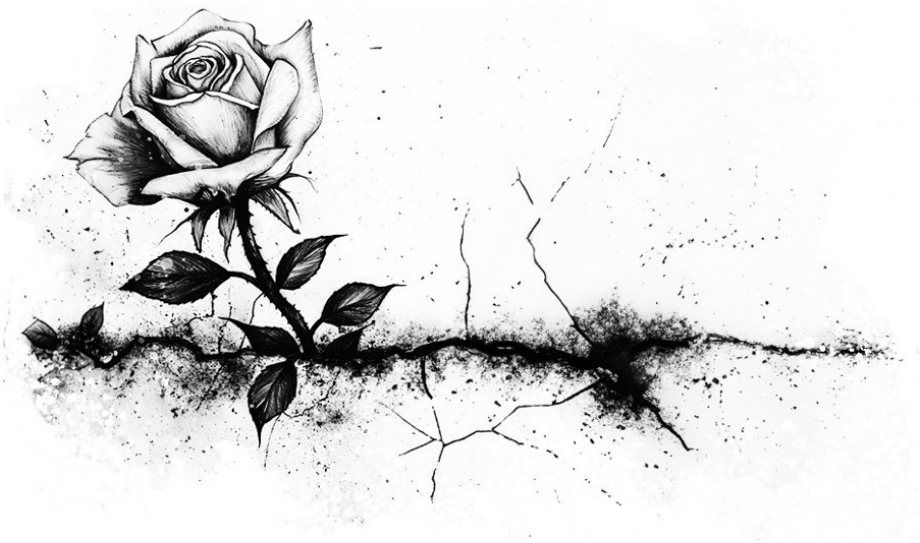
Capítulo 12
Ivy

Capítulo 13
Thane

Capítulo 14
Ivy

Capítulo 15
Thane
Capítulo 16
Wraith
Capítulo 17
Valek
Capítulo 18
Ivy
Capítulo 19
Praga
Capítulo 20
Ivy
Capítulo 21
Praga
Capítulo 22
Wraith
Capítulo 23
Valek
Capítulo 24
Ivy
Capítulo 25
Ivy
Capítulo 26
Wraith
Capítulo 27
Ivy
Capítulo 28
Praga
Capítulo 29
Ivy
Capítulo 30
Ivy
Capítulo 31
Thane

Capítulo 32
Ivy
Capítulo 33
Wraith
Capítulo 34
Ivy
Capítulo 35
Valek
Capítulo 36
Ivy
Capítulo 37
Ivy
Capítulo 38
Wraith
Capítulo 39
Thane
Capítulo 40
Valek
Capítulo 41
Praga
Capítulo 42
Whiskey
Capítulo 43
Ivy
Capítulo 44
Ivy
Capítulo 45
Praga
Capítulo 46
Thane
Epílogo
Nota da Autora



Eu poderia ter fugido.
Mas eu os escolhi.
Minha matilha de alfas quebrados.

E os Fantasmas vão queimar este mundo até o chão para me manter segura.

Enquanto reunimos aliados inesperados e nos preparamos para atacar o coração do Conselho, percebo algo que me aterroriza mais do que qualquer inimigo.

Eu não sou mais apenas a omega deles.

Eu sou a salvação deles.
A razão deles para viver.
A razão deles para morrer.

E quando o Conselho ameaçar tudo o que construímos, eles aprenderão exatamente o que acontece quando você encurrala cinco alfas implacáveis e sua omega feroz.

Os Fantasmas virão por sangue.

E desta vez, estamos trazendo um exército.

AVISO LEGAL

Caro leitor, antes de entrar no deserto... este livro se passa em um Omegaverso sombrio que não é para os fracos de coração. Esta sociedade distópica devastada pela guerra é estruturada em torno da dinâmica alfa/beta/ômega, com alfas ocupando a maioria das posições de poder e ômegas tendo muito pouco. Espere temas fortes de distopia e Omegaverso, como o ciclo de calor dos ômegas e subjugação.

A Unidade Alfa Fantasma caminha na linha tênue entre irmandade e derramamento de sangue. Estes são alfas militares endurecidos e moralmente cinzentos que adoram sua ômega, mas são tóxicos pra caralho uns com os outros. Nada está fora dos limites para as provocações entre alfas, incluindo assuntos sensíveis como estabilidade mental, desfiguração facial e peso. Há **ZERO** abuso em relação à sua ômega. Mas se você está procurando um livro com alfas doces que se dão bem e se apoiam através de dinâmicas de relacionamento saudáveis, este não é o livro. Até mesmo o MM neste livro é entre dois alfas que se odiariam se não fossem parte de uma irmandade—e ainda assim meio que se odeiam.

A presença de elementos problemáticos não constitui endosso pela autora. Esses temas são explorados como parte deste mundo

complexo e falho e dos personagens moralmente cinzentos que o habitam. Por favor, verifique o site da autora para uma lista exaustiva de todos os conteúdos e temas deste livro. Avisos de spoiler potenciais se aplicam. Você também pode usar o código QR abaixo para ir diretamente aos avisos.

Mas se você gosta de seus alfas descontrolados e suas ômegas ferozes...

Os Fantasmas estão esperando.




VRISSIA
THE CAPITAL
REFINEMENT CENTER
REINMICH
THE CHATEAU
REDTOOTH MOUNTAINS
THE MANSION
OUTER REACHES

CAPíTULO

UM

IVY



"Wraith."

Seu nome escapa dos meus lábios em um sussurro sem fôlego, quase inaudível sobre o leve bater da água contra a pedra. Por um momento, estamos congelados no tempo. O mundo se reduz a apenas nós, suspensos neste pequeno bolsão de ar. Seus braços ainda me cercam, mantendo-nos ambos à tona. O calor de sua pele queima contra a minha, afastando o frio da água.

Então seus olhos se abaixam, quebrando nossa conexão. Ele tenta se afastar, mas não há para onde ir neste espaço confinado. Um rosnado baixo e dolorido vibra em seu peito.

Eu alcanço-o sem pensar, meus dedos tocando sua bochecha marcada. Ele se encolhe com o contato, recuando o máximo que pode. O que não é muito.

"Wraith," digo novamente, mais forte desta vez. "Olhe para mim."

Ele balança a cabeça. Seu cabelo cai em emaranhados molhados, obscurecendo a maior parte de seu rosto. Mas ainda consigo ver as cicatrizes desfiguradas onde seus lábios e bochechas deveriam estar, os dentes afiados permanentemente expostos em um sorriso ricto, iluminados pela luz cintilante das algas e cogumelos refletidos na superfície da água.

Meu coração dói. Há quanto tempo alguém o vê sem sua máscara? Há quanto tempo ele se esconde, envergonhado do que foi feito com ele?

"Por favor," sussurro.

Lentamente, tão lentamente, ele levanta os olhos para encontrar os meus novamente. O medo cru e a resignação em seus olhos partem meu coração. Como se ele estivesse esperando que eu recuasse horrorizada. Que o rejeitasse.

Nada mais longe da verdade.

Eu seguro seu rosto com ambas as mãos, ignorando sua respiração ofegante. Meus polegares traçam as bordas elevadas de suas cicatrizes, mapeando os danos que lhe foram causados. Ele treme sob meu toque, um leve tremor percorrendo seu corpo maciço.

"Você me salvou," murmuro.

Ele balança a cabeça novamente, com mais força desta vez. Uma série de rosnados e grunhidos escapam dele—os únicos sons que ele pode fazer com sua garganta arruinada. Mas eu entendo o significado bem o suficiente sem que ele precise gesticular. Eu sei o que ele está dizendo.

Monstro.

Aberração.

Perigoso.

"Bobagem," digo com ferocidade. "Eu não tenho medo de você. Eu *amo* você, Wraith. Tudo em você."

As palavras saem antes mesmo que eu saiba o que estou dizendo. É a primeira vez que digo em voz alta que amo alguém em tantos anos, que dói lembrar. *Alguém,* muito menos um alfa.

Mas é verdade.

Eu o amo, alfa ou não.

Seus olhos se arregalam e sua testa se enruga, confusão e descrença lutando em seu olhar. Como se ele não pudesse acreditar no que estou dizendo, como se ele achasse que meu próprio espanto com minhas palavras tem algo a ver com ele. Eu posso ver o momento em que ele decide se afastar, colocar distância entre nós. Para me proteger de si mesmo.

Eu não lhe dou essa chance.

Antes que ele possa recuar, eu me lanço para frente, fechando a já minúscula lacuna entre nós. Meus lábios pressionam sua boca arruinada, agarrando-se às bordas irregulares de seus dentes. O beijo é desajeitado, estranho. Não há lábios macios para moldar contra os meus, não há vai e vem. Apenas a pressão dura de dentes e carne cicatrizada.

Por um momento, Wraith fica completamente imóvel. Então um tremor percorre seu corpo, tão violento que envia ondulações pela água ao nosso redor. Seus braços se apertam ao meu redor, esmagando-me contra seu peito largo. Um som entre um rosnado e um gemido vibra através dele, e eu o sinto em meus ossos.

Eu não me afasto. Em vez disso, me aproximo mais, aprofundando o beijo. Minha língua se move, traçando os pontos afiados de seus dentes. O sabor de cobre surge em minha boca. Meu próprio sangue de onde seus dentes me cortaram.

Mas eu não me importo.

Tudo o que me importa é este momento, esta conexão.

As mãos maciças de Wraith envolvem minha cintura, seu aperto quase dolorosamente forte. Como se ele tivesse medo de que eu desaparecesse se ele soltasse um pouco. Um rosnado baixo surge em seu peito, vibrando através de mim.

Eu quebro o beijo, ofegando por ar. Os olhos de Wraith estão selvagens, pupilas dilatadas com uma mistura de desejo e descrença. Seu peito se levanta, cada respiração saindo em um suspiro rouco.

"Eu não vou a lugar nenhum," sussurro, apoiando minha testa na dele. Eu seguro seu olhar, embora ele se encolha como se doesse fisicamente quando eu olho para ele, embora ele mal esteja mantendo contato visual agora, olhando para mim e depois para longe, depois para mim, depois para longe.

Eu o seguro mais forte, desejando que ele acredite em mim.

Que confie em mim.

Lentamente, tão lentamente, ele acena com a cabeça. A tensão drena de seu corpo maciço, e ele desaba contra mim. Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, segurando-o perto enquanto

ele enterra seu rosto na curva do meu pescoço, sendo tão cuidadoso para não cortar minha garganta.

Por um longo momento, flutuamos ali em silêncio, agarrados um ao outro. O leve bater da água contra a pedra é o único som. Eu passo meus dedos pelos cabelos emaranhados de Wraith, instintivamente desfazendo os nós o melhor que posso. Uma ômega cuidando de seu alfa.

Imagine só.

Mas não podemos ficar aqui para sempre.

A realidade começa a se infiltrar, lembrando-me de nossa situação precária. Ainda estamos presos em uma caverna subterrânea, com quem sabe quantas pessoas nos caçando. Isso se alguém ainda estiver vivo lá em cima. Os detritos pararam de cair na água, mas os estrondos ainda continuam, embora haja períodos entre eles agora onde tudo está em silêncio.

"Precisamos nos mover," murmuro relutantemente.

Wraith acena com a cabeça contra meu pescoço. Ele se afasta, seus olhos agora claros e focados. Qualquer vulnerabilidade que ele permitiu mostrar está guardada novamente, substituída por aquela feroz proteção que conheço tão bem.

Ele gesticula em direção a um dos túneis escuros que se ramificam de nosso pequeno alcove, então aponta para o nariz, sinalizando que pode sentir o cheiro de uma saída. Eu aceno com a cabeça, entendendo, presa no momento. Eu me pego admirando seu nariz. É um nariz bonito, forte e reto, e estou vendo-o pela primeira vez. Apesar de seu rosto inferior estar tão danificado, ele ainda é tão bonito para mim.

Então ele me pega olhando para ele e sua mão voa para proteger parte de sua boca da vista. Olhando para mim assim, seus olhos azuis arregalados de medo, ele parece um filhote de lobo meio tubarão gigante que acabei de chutar nas costelas.

"Não, espera, não é isso," prometo rapidamente, agarrando-me mais forte a ele. "Eu só… gosto do seu nariz."

Mais olhares. Então ele gesticula, *Por quê?*

"É um nariz bonito," digo, dando um beijo gentil na ponta de seu nariz. Ele se encolhe novamente. "E eu nunca o tinha visto antes."

Ele faz um ruído de rosnado que soa suspeitosamente como, *Você está ficando maluca,* e envolve meu corpo com um braço forte. Eu respiro fundo e me preparo para outro mergulho, acenando para que ele saiba que estou pronta.

Ele mergulha, puxando-me para debaixo da superfície com ele. A água está tão escura que mal consigo ver minha mão na frente do meu rosto. Mas Wraith se move com propósito, guiando-nos sem erro através das passagens sinuosas. Eu me concentro em segurar minha respiração, tentando ignorar a queimação em meus pulmões enquanto nadamos cada vez mais fundo. Tenho que confiar que ele sabe que não tenho a capacidade pulmonar dele. Tenho que confiar que ele não vai me deixar afogar.

E eu confio.

Porque eu estou ficando maluca, aparentemente.

Exatamente quando acho que não consigo mais segurar, quebramos a superfície. Eu arfego, sugando grandes bocados de ar. Estamos em outra caverna agora, esta muito maior que a última. Uma estreita faixa de costa rochosa se estende à nossa frente.

Wraith nos puxa para fora da água com facilidade. Minhas pernas tremem enquanto tento ficar de pé, os músculos fracos do longo mergulho e dos efeitos residuais do que quer que tenham me drogado. Mas Wraith me pega em seus braços como se eu não pesasse nada, me segurando contra seu peito enquanto avança.

Acho que, comparado a ele, eu não peso mesmo.

O brilho fosforescente é mais fraco aqui, lançando tudo em sombras profundas. Mas Wraith parece não ter problemas para navegar pelo terreno irregular. Seus passos são firmes e estáveis enquanto ele avança pela caverna.

Eu provavelmente deveria insistir em andar sozinha. Mas o calor de sua pele é muito tentador depois da água gelada, e meu corpo dói por todo lado. Então eu me permito relaxar em seus braços, apoiando minha cabeça em seu ombro.

"Você sabe onde estamos?" pergunto suavemente.

Wraith balança a cabeça. Seu peito ronca enquanto ele solta uma série de rosnados e grunhidos. Eu franzo a testa, concentrando-me em decifrar seu significado.

"Instalação... subterrânea?" eu adivinho. "Você acha que isso faz parte de algum complexo maior?"

Ele acena com a cabeça, seus olhos se apertando levemente nos cantos. Ele parece feliz, quase impressionado. Ele não precisa realmente sorrir para comunicar isso. Um pequeno surto de orgulho me aquece. Estou ficando melhor em entendê-lo.

"Alguma ideia de quão fundo estamos? Ou como sair?"

Outro balançar de cabeça. Mas ele toca o nariz novamente, então aponta para frente.

Seguindo o rastro de cheiro, então.

Não é exatamente um plano, mas é tudo o que temos.

Continuamos em silêncio por o que parece horas. As cavernas parecem intermináveis, torcendo e virando em um labirinto vertiginoso. Às vezes temos que voltar atrás quando uma passagem termina em um beco sem saída ou fica muito estreita para o corpo volumoso de Wraith.

Meu estômago ronca alto, lembrando-me que não faço ideia de quanto tempo faz desde a última vez que comi. O passo de Wraith vacila por um momento, e ele olha para mim, sua testa se enrugando de preocupação.

"Estou bem," asseguro a ele. "Só com fome. E cansada. E dolorida. Mas bem."

Ele não parece convencido. Seu passo acelera, cobrindo o terreno com passadas longas. Eu quero dizer a ele para diminuir o ritmo, para conservar sua energia. Mas o brilho determinado em seus olhos me diz que seria inútil.

Claro que ele está preocupado comigo estar com fome.

Então, em vez disso, eu me concentro em ficar alerta, escaneando nossos arredores em busca de qualquer sinal de perigo —ou de fuga. Mas não há nada. Apenas rochas e sombras intermináveis, quebradas ocasionalmente por aglomerados de fungos brilhantes.

Até que, de repente, há *algo*.

"Espere," digo, tocando o peito de Wraith. "Você ouve isso?"

Ele para, inclinando a cabeça para o lado. Um leve ronco chega até nós, quase inaudível sobre o som da água pingando. É rítmico,

quase como...

"Máquinas," eu respiro. "Há algo mecânico por perto."

Wraith acena com a cabeça, sua expressão sombria. Ele me coloca no chão gentilmente, então se agacha ao meu lado. Suas mãos se movem em uma série de gestos rápidos.

Perigo. Armadilha? Fuga? Escolha.

Eu mordo meu lábio, pesando nossas opções. Poderia nos levar direto para as mãos de nossos captores. Mas também poderia ser nossa melhor chance de encontrar uma saída. Se há máquinas, deve haver pessoas operando-as.

E onde há pessoas, há saídas.

"Temos que arriscar," digo finalmente. "Não podemos ficar vagando por aqui para sempre."

Wraith acena com a cabeça, embora os tendões e músculos expostos de sua mandíbula se tensionem. Ele se levanta, oferecendo-me sua mão, ainda tentando manter a cabeça virada para que eu não veja completamente seu rosto. É estranhamente cativante que um alfa tão grande e poderoso seja tão tímido. Eu pego sua mão, deixando que ele me puxe de pé. Minhas pernas estão mais firmes agora, o descanso me fez bem.

Eu me inclino e beijo o lado de sua mandíbula. "Obrigada."

Ele ronca de confusão, me olhando de soslaio.

Porra, como esse alfa enorme e assustador é *fofo*?

Eu realmente perdi a cabeça.

Nós avançamos com cautela, seguindo o som. Ele fica mais alto a cada passo, até que é um zumbido constante vibrando através da pedra sob nossos pés. A passagem em que estamos começa a se alargar, as paredes ásperas dando lugar a superfícies mais suaves.

Nós contornamos a borda da passagem, mantendo-nos nas sombras o máximo possível. Meu coração bate tão forte que tenho certeza de que alguém vai ouvir. Mas parece que somos os únicos aqui embaixo, e chegamos ao outro lado sem incidentes.

Acima de nós, o ronco continua, intermitente. Está claro que o caos diminuiu um pouco, mas o que quer que Wraith tenha feito com este maldito prédio afetou sua integridade estrutural.

Eu me pego pensando se os Fantasmas estão bem. Eu sei que eles estão aqui. Vai além de apenas saber que eles moveriam céus e terras para me alcançar.

Eu posso senti-los aqui.

Sinto sua proximidade em meus ossos.

Talvez seja porque eu sou a ômega deles. O pensamento é tão estranho. Eu nunca poderia ter previsto que veria uma matilha de alfas como *minha* matilha. Mas apesar de tudo o que aconteceu… eu não me arrependo da escolha que Valek me deu.

Isso é algo com que terei que lidar mais tarde.

Um conjunto de portas de metal pesado bloqueia nosso caminho. Ao lado delas está outro painel de controle, desta vez com um teclado. Eu engulo um palavrão. Chegamos tão longe, apenas para sermos parados por uma porta trancada.

Wraith estuda o painel por um momento, então levanta o punho. Antes que eu possa pará-lo, ele o desce com força esmagadora. O metal amassa como papel sob o golpe. Faíscas voam enquanto os fios se soltam.

Um alarme toca, tão alto que me faz cambalear. Luzes vermelhas de aviso piscam, banhando tudo em um brilho infernal. Não que isso importe quando não há guardas. Eles devem estar ocupados com o caos acima de nós. As portas deslizam abertas com um som de hidráulica.

"Sutil," eu resmungo.

Então ele me pega novamente, e estamos correndo pela porta aberta. Emergimos em um corredor branco e estéril que se estende em ambas as direções. Sinais na parede apontam para vários laboratórios e áreas de teste. Mas o que chama minha atenção diz "SAÍDA" com uma seta apontando para a esquerda.

Em três passadas longas, ele chega à saída. Outra porta. Ele me segura com um braço enquanto seu punho livre bate na porta com força avassaladora, e nós irrompemos pela porta e para a bendita luz do sol.

O frio cortante me atinge como um tapa no rosto. Eu pisco rapidamente, tentando me ajustar ao brilho repentino depois de tanto tempo na escuridão subterrânea. Os braços de Wraith se

apertam ao meu redor, sua pele queimando quente contra a minha, apesar do ar gelado e nevado.

A liberdade se estende à nossa frente. Um cais de carga ao pé de um penhasco imponente, máquinas abandonadas no caos, e uma estrada montanhosa sinuosa desaparecendo na neve rodopiante. Tão perto. Tão tentadoramente perto depois de tudo pelo que passamos.

Mas não podemos ir embora. Ainda não.

"Espere," digo, me contorcendo para sair dos braços de Wraith. A neve é dolorosamente fria contra meus pés descalços, e eu tenho que lutar para suprimir um calafrio. Wraith começa a tentar me pegar novamente, mas eu coloco minhas mãos em seu peito, parando-o. "Não podemos ir."

Ele congela, olhando para mim com confusão em seus olhos azuis brilhantes. Um rosnado baixo e questionador ronca em seu peito.

"Os outros," explico. "Eu sei que eles vieram me buscar."

Os olhos de Wraith se estreitam. Ele balança a cabeça veementemente, gesticulando em direção à estrada montanhosa convidativa com movimentos rápidos e urgentes.

"Eu sei," digo gentilmente. "Mas não podemos simplesmente deixá-los." Eu hesito. "E... e não podemos deixar Valek também. Eu prometo que vou explicar depois, mas ele não estava tentando me machucar. Apenas… confie em mim. É complicado."

Como tudo o mais.

Agora ele está realmente me olhando como se eu tivesse perdido a cabeça. Então ele balança a cabeça novamente, com mais força desta vez. Suas mãos voam em uma série de gestos rápidos, rápidos demais para eu entender. Mas o significado é claro o suficiente em seus olhos selvagens, na forma como ele continua gesticulando em direção à estrada.

Saia. Agora.

"Não podemos," insisto, mesmo quando outra explosão sacode a instalação atrás de nós. O chão treme sob nossos pés, e uma nuvem de fumaça preta se ergue no céu. "E se eles estiverem presos? E se precisarem de ajuda?"

Wraith rosna, baixo e frustrado. Ele toca a têmpora, então aponta para mim. Pense. Suas mãos se movem novamente, mais devagar desta vez para que eu possa acompanhar.

Você não sabe se eles estão aqui.

"Eles estão," respondo com convicção.

Ele geme, gesticulando novamente, cada movimento de suas mãos firme e decidido. *Mesmo que estejam aqui, eles querem que você esteja segura.*

Eu suspiro. "Mesmo que isso seja verdade, há mais alguém também."

A testa de Wraith se enruga. Ele inclina a cabeça para o lado, questionando.

"O Cavaleiro," explico.

Quem? ele gesticula, franzindo ainda mais a testa.

"Ele era o prisioneiro na cela em frente à minha," respondo. Eu não lhe digo que o Cavaleiro me lembrou dele. Enorme, mudo, incompreendido. "Eu prometi que o ajudaria. Não posso quebrar essa promessa."

Por um longo momento, Wraith apenas me encara. Seu rosto marcado se contorce em uma expressão que não consigo decifrar—descrença? Raiva? Medo? Talvez os três ao mesmo tempo. Ele balança a cabeça novamente, mais enfaticamente desta vez. Suas mãos se movem em gestos rápidos e urgentes.

Perigoso. Loucura. Nós vamos. Agora.

"Eu tenho que tentar," digo, dando um passo em direção à porta da qual acabamos de escapar. "É a nossa matilha, Wraith."

Eu dou um passo. Dois. Minha mão alcança a maçaneta da porta.

Um braço enorme envolve minha cintura, puxando-me para trás. Eu grito de surpresa quando Wraith me gira para enfrentá-lo. Seus olhos brilham com uma mistura de fúria e medo enquanto ele me encara. Um rosnado ronca em seu peito, vibrando contra minha pele.

"Eu tenho que," digo novamente, mais suave desta vez. Eu alcanço, segurando sua bochecha marcada em minha palma. "Você entende, não é?"

Os olhos de Wraith se fecham. Ele se inclina em meu toque, apenas por um momento. Quando ele me olha novamente, há resignação ali.

E respeito pela minha escolha.

Ele acena com a cabeça uma vez, rapidamente. Então ele se agacha, gesticulando para que eu suba em suas costas. Eu me apresso sem hesitar, envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço e minhas pernas ao redor de sua cintura. Sua pele queima quente contra a minha, afastando o frio do ar invernal.

"Obrigada," sussurro, pressionando um beijo em sua têmpora.

Ele solta um suspiro exasperado. Então ele se endireita, ajustando seus ombros maciços. E com um último olhar para a liberdade convidativa da estrada montanhosa, nós voltamos para dentro.

CAPíTULO

DOIS

PRAGA



Momentos antes

O cheiro de antisséptico e infecção queima meus olhos e nariz enquanto lidero Thane e Whiskey por outro corredor branco interminável. Minha mandíbula dói de tanto apertar os dentes para não explodir.

Três horas procurando por este labirinto maldito, e não estamos nem perto de encontrar Ivy. Mas este médico—este Dr. Slovo—ele sabe de algo.

O jeito que ele fugiu quando nos viu chegando...

Eu verifico as placas de identificação em cada porta que passamos. O clique e o baque de nossas botas ecoam pelas paredes estéreis. Atrás de mim, os passos pesados de Whiskey denunciam sua inquietação. Ele nunca foi discreto.

"Você pode andar mais leve, porra?" eu sussurro por cima do ombro. "Você vai trazer o complexo inteiro em cima de nós."

"Beija minha bunda," Whiskey rosna de volta.

"Cale a boca, os dois," Thane corta.

Pelo menos ele entende a necessidade de silêncio.

Ali. O escritório do Dr. Slovo. Eu paro do lado de fora da porta de vidro fosco, observando as sombras se movendo atrás dela.

Uma figura, sentada em uma mesa.

Perfeito.

Eu aliso meu jaleco roubado e ajusto o cordão no pescoço, virando o cartão de identificação para que não seja imediatamente óbvio que é um ID temporário. Não que isso importe. Minha confiança nos trouxe até aqui.

E a arrogância desses idiotas também.

"Lembrem-se," murmuro para meus companheiros. "Deixem-me falar. Vocês são apenas músculos."

Whiskey ri. "Não é difícil fingir."

Eu o ignoro e bato na porta.

Uma voz abafada chega até nós. "Entre."

Dr. Slovo mal olha para cima quando entramos, sua atenção fixa nos papéis espalhados sobre a mesa. Principalmente fotos de 'pacientes' nus olhando para o vazio.

Eu absorvo cada detalhe da sala. Armários de arquivo ao longo da parede. Terminal de computador. Janela com vista para o pátio coberto de neve. Uma rota de fuga em potencial, se necessário. E a única câmera que vejo tem um pedaço de fita preta cobrindo-a.

Então ele gosta de ter privacidade enquanto se masturba aqui.

Bom. Posso usar isso.

"Doutor," digo, mantendo minha voz suave e profissional. O sotaque Vrissiano flui facilmente agora. "Acredito que você tem informações sobre uma de nossas aquisições recentes."

Ele olha para cima então, olhos azuis aguados estreitando-se atrás de óculos de aro metálico. "Eu te conheço?"

"Deveria." Eu me aproximo da mesa dele, deixando que ele veja a autoridade em minha postura. "O Comando me enviou especificamente para revisar o caso da ômega."

Seus dedos se contraem em direção ao telefone em sua mesa. Eu me movo levemente, bloqueando seu alcance. Atrás de mim, ouço os nós dos dedos de Whiskey estalarem.

"Não me lembro de ter sido notificado—" Slovo começa.

"Talvez isso refresque sua memória." Eu puxo um papel dobrado do bolso do meu jaleco. Um cabeçalho oficial roubado de outro escritório. Eu o mostro para ele e o guardo antes que ele tenha tempo de ler. "Agora, sobre a ômega..."

Os olhos do doutor saltam entre o papel e meu rosto. Eu posso ver as engrenagens girando em sua cabeça. Calculando suas chances. Pesando suas opções.

Eu me inclino sobre sua mesa, colocando minhas mãos sobre a madeira polida. O cordão em meu pescoço se move com o movimento.

"Você fez algo com ela, Dr. Slovo?"

Seus olhos se apertam. "A Designação 2749 recebeu os protocolos de tratamento padrão para—"

"Não é isso que estou perguntando, Doutor." Minha voz permanece baixa, controlada.

Atrás de mim, Thane muda seu peso, um aviso sutil.

"Designação 2749—"

"Diga-me onde ela está." Cada palavra cai como gelo.

O filho da puta torce os lábios em um sorriso. "Você parece bastante interessado nesta ômega em particular, Doutor...?"

"Romanov." O nome falso tem um gosto amargo. "Estou revisando o arquivo dela antes da transferência, e ouvi rumores de maus-tratos. O Comando leva isso muito a sério. Ômegas são preciosas, você sabe."

Preciosa parece um eufemismo para Ivy.

Quase um insulto.

Mais como o centro do meu maldito universo.

"Até mesmo uma ômega feral que mutilou um guarda sênior?" Ele revira os papéis em sua mesa com lentidão deliberada. "Eu devo dizer, seus próprios guardas parecem incomumente interessados também. Talvez eles gostariam de perder seus próprios dedos?"

Meus dedos se curvam contra a madeira. Na minha visão periférica, a mão de Whiskey se contrai em direção a onde suas armas normalmente estariam. O uniforme de segurança roubado mal cabe nele, as costuras das mangas tensionando em seus ombros musculosos e o colete apertado em torno de seu torso acolchoado. Já está claro que ele não é um garoto magricela e sem treinamento como a maioria dos guardas aqui.

E ele parece que está prestes a abrir a boca.

Não posso me dar ao luxo de olhar feio para ele agora. Não com esse merda de médico me encarando. Tudo o que posso fazer é torcer para que ele de alguma forma leia minha maldita mente, ou pelo menos perceba que a tensão no meu corpo está pelo menos parcialmente direcionada a ele.

"Procedimento padrão," digo. "Agora, sobre o tratamento dela—"

"Sabe o que acho fascinante?" o médico interrompe, recostando-se em sua cadeira. "O quanto vocês três cheiram a pólvora em vez de antisséptico."

A sala fica em silêncio.

"Foda-se isso." A lâmina desliza da minha manga para minha mão. Um movimento fluido e ela está enterrada em sua garganta antes que ele possa gritar. O sangue respinga sobre os papéis, sobre meu jaleco emprestado.

"Sério?" Thane rosna. "Normalmente sou eu quem perde a cabeça."

Eu puxo a lâmina. "Estar perto de dois bárbaros deve estar me influenciando," digo, limpando a lâmina ensanguentada no jaleco do agora falecido médico antes de guardá-la novamente no punho.

"Que porra de bárbaro você está chamando?" Whiskey rosna, gesticulando furiosamente para mim. Ele está irritado desde que o repreendi corretamente por derrubar tudo como um touro em uma loja de porcelana. "Você é quem acabou de—"

"Chega." Eu me viro para ele. "Não temos tempo para o seu orgulho ferido. Ele nos descobriu. Precisamos nos mover."

"Você nem tentou obter mais informações primeiro! Foi direto para—"

Um tremor o interrompe.

Livros caem das prateleiras.

Uma caneta rola da mesa.

"Precisamos ir." A voz de Thane carrega o tom de comando. "Agora."

O segundo tremor é mais forte. Rachaduras se espalham pelo teto. Eu tiro o jaleco manchado de sangue enquanto corremos para a porta.

O corredor além se inclina e se dobra. Luzes de emergência piscam em vermelho, lançando sombras estranhas enquanto corremos passando por fileiras de portas fechadas. As paredes gemem. Em algum lugar distante, o metal grita.

"Por aqui!" eu grito sobre o caos crescente. O mapa do complexo que memorizei nos guia em direção à ala segura. Em direção a Ivy.

"Ela não estava lá, porra!" Whiskey berra para mim.

"Ela pode estar agora!" eu retruco, o pânico tomando conta, a adrenalina inundando minhas veias. Ele está certo, ela não estava lá quando checamos da última vez. Mas é o único lugar que conheço para começar a procurar.

De lá, talvez possamos pegar o cheiro dela.

De lá, talvez—

Uma parte do teto desaba na nossa frente. O braço enorme de Whiskey envolve minha cintura enquanto ele me joga para o lado, me esmagando contra a parede com a palma da mão espalmada no meu peito.

Fios elétricos vivos estalam no ar onde minha cabeça estava um segundo atrás, cuspindo faíscas azuis e brancas enquanto dançam e se contorcem. O cheiro azedo de ozônio queima meu nariz.

"Sai de cima de mim." Eu empurro a palma de Whiskey, ainda me esmagando contra a parede. Seu corpo enorme se ergue sobre mim, bloqueando minha vista do corredor. Mais painéis do teto caem, chovendo poeira e detritos.

"De nada," ele rosna, finalmente recuando.

"Eu não precisava da sua maldita ajuda!" eu retruco.

"Cale a boca, os dois." A voz de Thane corta nossa discussão. Ele gesticula em direção ao corredor onde as luzes de emergência vermelhas pintam tudo em um inferno carmesim. "Precisamos nos mover. Agora."

O chão treme sob nossos pés novamente. Eu me apoio na parede, meus dedos encontrando uma rachadura que não estava lá segundos atrás. O prédio inteiro geme como uma besta moribunda.

Um rugido ensurdecedor rasga o prédio, seguido pelo estalo rápido de tiros. O som ecoa de algum lugar abaixo de nós, vibrando através do chão arruinado e entrando em meus ossos.

A cabeça de Thane se levanta. "Wraith."

"Ótimo. A última coisa que precisamos é do seu irmão psicótico em um frenesi." Whiskey empurra um pedaço de telha caída do nosso caminho e avança atrás de Thane.

Eu sigo, cerrando os dentes.

Isso está ruim.

"Ele não é um maldito psicótico," Thane rosna, mas há preocupação nas linhas ao redor de seus olhos. "Ele é—"

Outro rugido abafa suas palavras como um fole do inferno ecoando das entranhas do inferno. As paredes tremem mais forte, e eu ouço o som distinto de metal sendo rasgado.

"Ele está destruindo o prédio de dentro para fora." Eu pressiono minha mão contra a parede, sentindo as vibrações se intensificarem. "Precisamos chegar até Ivy antes que o lugar inteiro desabe."

Thane rosna. "Se ele está no porão, a integridade estrutural estará comprometida."

"Deixa de palavras bonitas e se mexe!" Whiskey berra, avançando.

Agora somos nós que o seguimos. Mas não há tempo para reclamar. A ala segura onde eles estavam mantendo Ivy se aproxima, toda de aço reforçado e vidro à prova de balas. Meu coração bate forte contra minhas costelas enquanto corremos em direção a ela.

A porta de sua cela está aberta.

Vazia.

"*PORRA*!" Eu bato meu punho na moldura da porta. "Não! Maldita *porra*!"

Eu entro de qualquer jeito, desesperado. Pego o colchão fino com o cheiro dela, absorvo-o, memorizo seu cheiro como se já não estivesse gravado em cada célula do meu corpo, rasgo o tecido sujo e manchado com um rosnado, só para garantir que ela não esteja escondida lá dentro, sabendo que não pode estar, sabendo—

"Eu te disse!" O punho de Whiskey acerta minha mandíbula, me fazendo cambalear de volta para dentro da cela. "Você nunca maldito ouve!"

Sangue enche minha boca. Eu o cuspo no chão de concreto, minha visão se estreitando para vermelho. "Você quer fazer isso agora? Aqui?"

Ele avança para dentro da pequena cela, enchendo a porta com seu corpo enorme. "Sim. Aqui. Agora. Vou chutar sua maldita bunda e então você vai me *ouvir* por uma vez."

Meus nós dos dedos estalam contra o nariz dele. O crunch satisfatório da cartilagem dá lugar a sangue quente jorrando sobre minha mão. Ele ruge, avançando como um touro enfurecido.

Nós batemos na parede oposta. O impacto tira o ar dos meus pulmões, mas eu levanto meu joelho até sua barriga. Ele grunhe, dobrando-se. Eu bato meu cotovelo na parte de trás de seu pescoço.

"Parem!" A voz de Thane estala como um chicote. "Os dois!"

Whiskey o ignora, envolvendo meus braços em torno de minha cintura e me jogando no chão. Minha cabeça bate no concreto. Estrelas explodem atrás de meus olhos.

"Seu arrogante do caralho!" Suas mãos enormes envolvem minha garganta enquanto ele me monta, me prendendo ao chão sob seu peso. "Sempre acha que sabe mais que todo mundo—"

Eu enfio meus polegares em seus olhos.

Ele se joga para trás com um uivo de dor. Eu rolo, invertendo nossas posições, montando em seu peito. Meus punhos chovem sobre seu rosto.

"Eu—tinha—que—*tentar*!" Cada palavra pontuada por outro golpe. "Eu tinha que—"

A mão de Thane se fecha em torno de minha garganta, me puxando para longe de Whiskey. Ele me esmaga contra a parede com força suficiente para fazer meus dentes tremerem.

"Chega!" ele ruge em meu rosto. "Vocês dois estão comprometendo a missão!"

"Que missão?" eu rosnar, arranhando seu aperto. "Ela nem está aqui!"

"A missão de encontrá-la, seu idiota!" Ele me sacode com força, fazendo minha cabeça bater contra a parede. "O que não podemos fazer se vocês dois se matarem primeiro!"

Outro tremor sacode o prédio. Poeira cai de novas rachaduras no teto. Em algum lugar abaixo, Wraith ruge novamente, seguido pelo som de concreto sendo pulverizado.

"*Me. Solta*." Cada palavra pinga veneno.

"Você terminou?" Os olhos de Thane furam os meus.

Meu lábio se encurva. "Sim."

Ele me solta. Eu deslizo pela parede, esfregando minha garganta. Do outro lado da cela, Whiskey se levanta, sangue escorrendo de seu nariz.

"Vocês sempre acertam meu maldito nariz!" ele chia.

"Vocês dois estão certos," Thane diz, ignorando-o. "Precisamos encontrá-la. Mas brigar entre nós não vai ajudar. E Whiskey, guarde o 'eu te disse' para depois que tirarmos nossa ômega viva."

"Tá bom." Whiskey cospe sangue em minha direção com um sorriso sarcástico. Como se contaminação fosse meu kriptonito. Como se eu não tivesse tido a porra do gozo dele em minhas mãos. "Mas não vou mais seguir a liderança dele. Ele está muito emocional com isso."

"Emocional?" Eu avanço, mas o braço de Thane bloqueia meu caminho. "Você quer ver emocional?"

"Cale a boca, os dois, e foquem!" A voz de Thane carrega o peso total do comando. "Ouçam—"

"Sabe o que eu amo?"

Meu sangue congela.

O sotaque Vrissiano sedoso desliza pelo caos como uma lâmina entre as costelas. Todos nós olhamos enquanto Valek emerge das sombras no final do corredor, seu cabelo branco como osso captando as luzes de emergência carmesim. Sangue escorre de seu uniforme de 'paciente' cinza, fresco o suficiente para ainda estar escorrendo.

"Como nada muda," Valek purra. "Nem mesmo o fim do mundo poderia parar suas pequenas... brigas."

"Seu traidor de merda!" Eu avanço até ele com intenção homicida. "Onde ela está?"

"Tanta hostilidade." Ele inclina a cabeça, olhos prateados brilhando. "E eu pensei que éramos todos irmãos de armas."

"Irmãos não sequestram as companheiras uns dos outros," Whiskey rosna, se juntando a mim.

Os lábios de Valek se curvam em um sorriso cruel. "Eu não a sequestrei. Ela fez uma escolha." Ele passa a língua sobre os dentes. "Não a escolha *correta*, então eu a levei comigo e dei a ela outra chance. Isso é tão errado?"

"Não. Não temos tempo para seus joguinhos de merda." O punho de Whiskey acerta o rosto de Valek.

Sangue jorra do lábio partido de Valek. Ele ri loucamente, desviando do próximo golpe de Whiskey. "Quer dançar, grandão? Vamos dançar."

Um bisturi aparece em sua mão como mágica. Whiskey mal recua a tempo enquanto a lâmina corta o ar onde sua garganta estava. Valek gira, fluido como água, a lâmina um arco prateado nas luzes vermelhas piscantes.

Eu bato nele por trás, enfiando meu joelho na parte de trás de sua perna. Ele cai, mas rola com o impulso, se levantando em uma posição agachada. A faca brilha novamente, abrindo uma linha de fogo em minhas costelas.

"Três contra um?" Sua língua lambe o sangue em seu lábio. "Não muito justo."

"Foda-se justo." A bota de Thane acerta o peito de Valek, enviando-o batendo na parede. "Onde ela está, porra?"

Valek dança para longe do próximo golpe de Thane, mas tropeça nos braços enormes de Whiskey. O alfa maior o prende em um abraço de urso por trás, esmagando os braços de Valek contra seus lados. Sangue do nariz quebrado de Whiskey pinga no ombro de Valek.

"Não tão gracioso agora, hein?" Eu circulo até ficar de frente para ele, flexionando meus dedos.

Os olhos de Valek brilham com um brilho maníaco. "Me machuque. Por favor."

Meu punho acerta as costelas de Valek, o impacto enviando ondas de choque pelo meu braço. Ele ri através de dentes ensanguentados, aquele sorriso irritante ainda estampado em seu rosto, mesmo enquanto Whiskey começa a espremer a vida dele.

Espero que seus olhos saltem da maldita cabeça.

"Onde ela está?" Outro golpe. Sua cabeça bate no peito de Whiskey.

"Já está cansado, Doutor?" Valek provoca, seu sotaque mais espesso que o normal, mesmo com sua cabeça balançando. Sangue escorre constantemente de seu lábio partido em seu uniforme cinza. "Ou devo dizer... irmão?"

Eu enfio meu joelho em sua barriga, silenciando-o. Mas apenas por um momento. Ele arfa outra risada, olhos prateados brilhando com uma luz maníaca que me faz ranger os dentes.

"Quer saber onde está sua preciosa ômega?" ele balbucia, cabeça balançando para o lado. "Ela está gravando o nome dela no meu pau agora. Fazendo arte da minha carne..."

"Que porra você está falando?" Whiskey rosna, sua testa se franzindo em confusão. Ele aperta seu aperto até os ossos de Valek rangerem.

Mas eu noto algo estranho no olhar de Valek. Um brilho vítreo, pupilas dilatadas. A forma como suas palavras se arrastam. Sinais que reconheço de anos de treinamento médico.

"Ele está alucinando," digo, recuando para estudá-lo adequadamente. "O que quer que tenham dado a ele no laboratório, está mexendo com sua cabeça."

"Bom," Thane cospe. "Talvez isso solte sua língua." Ele agarra o queixo de Valek, forçando-o a encarar seus olhos. "Onde ela está?"

A cabeça de Valek rola de volta contra o peito de Whiskey, um sorriso sonhador se espalhando por seu rosto ensanguentado. "Ela é tão linda quando corta... Mãos tão delicadas... Golpes tão precisos..."

Os braços de Whiskey se apertam em torno de Valek, músculos tensionando enquanto ele o segura no lugar. Sangue ainda escorre do nariz quebrado de Whiskey, manchando o uniforme cinza de Valek mais escuro. A visão desperta algo ridículo em mim. Um desejo de cuidar de seu ferimento que eu rapidamente esmago.

Agora não é hora para essa fraqueza em particular.

"Ele não vai nos dizer nada útil assim," digo, estudando as pupilas dilatadas de Valek. Seus olhos prateados estão desfocados,

rolando em suas órbitas enquanto ele murmura algo sobre Ivy e bisturis. "O que quer que tenham dado a ele, é forte. Pode levar horas para passar."

"Não temos horas," Thane rosna.

Ele está certo.

Outra explosão sacode o complexo. Pedaços do teto caem ao nosso redor, e as paredes gemem ameaçadoramente. Em algum lugar abaixo, Wraith ruge novamente, o som ecoando através da infraestrutura moribunda do prédio. Parece que ele está mais longe agora. Mais fundo no subsolo.

"Mantenha-o vivo por enquanto," digo. "Precisamos saber por que ele levou Ivy. Mas se tivermos que largá-lo em algum lugar, largamos."

"De preferência de cara em um barril de merda," Whiskey rosna.

O rosto de Thane endurece. "Concordo."

Eu avanço, olhando para o comprimento exposto do pescoço de Valek enquanto Whiskey o segura no lugar. A artéria carótida pulsa visivelmente sob sua pele pálida. Um golpe preciso no lugar certo...

"Bons sonhos," murmuro. Meus dedos encontram o ponto de pressão com precisão cirúrgica, aplicando um golpe rápido.

Os olhos de Valek reviram. Seu corpo fica mole nos braços de Whiskey, aquele sorriso maníaco finalmente caindo de seu rosto ensanguentado.

"Poderia ter dado uma de suas injeções," Whiskey resmunga, jogando o corpo inconsciente de Valek sobre seu ombro largo. Os braços e pernas do psicopata balançam como um cadáver fresco enquanto Whiskey desce as escadas mais fundo no complexo.

"E 'uma de minhas injeções' poderia interagir com o que quer que esteja em seu sistema, atrasando nossas respostas," respondo em um tom afiado, seguindo-o. Como se ele soubesse algo sobre medicina além do que evitar misturar com suas bebidas se quiser ficar acordado.

Meu olhar varre cada cela enquanto passamos, escaneando por qualquer sinal de vida. As portas estão abertas, seus mecanismos de travamento mortos. Sem energia significa sem contenção. O silêncio

me perturba mais do que gritos. Pelo menos gritos significam que alguém ainda está vivo.

Um flash de metal retorcido chama minha atenção. Eu olho para a cela onde aquela aberração de máscara de ferro estava acorrentada. As paredes estão rasgadas em pedaços, cortes profundos esculpidos no aço reforçado como se fosse papel. As correntes foram arrancadas diretamente da maldita parede.

Algo tão poderoso solto no complexo muda significativamente nossa situação tática. A força necessária para rasgar essas paredes de contenção reforçadas...

Outro tremor sacode o prédio enquanto sigo Whiskey para a escadaria. Eu me apoio na parede, contando os segundos até que passe.

Oito.

Nove.

Dez.

Os intervalos entre os tremores estão ficando mais curtos.

Este lugar não vai aguentar por muito tempo.

Enquanto nos movemos, meus dedos batem contra minha coxa em um padrão que não penso há anos. Nove contas, pausa. Nove contas, pausa. O ritmo das orações do rosário que aprendi no colo de minha mãe, quando ainda acreditava em algo além de ciência e violência.

Por favor, deixe Wraith tê-la. Deixe aquela fera feral que até a mim me aterroriza tê-la conseguido pegar primeiro.

A ironia não me escapa. Todo esse tempo, eu temi o que Wraith poderia fazer com Ivy em um de seus frenesis. Agora estou rezando para que ela esteja segura em seus braços, mesmo enquanto ele destrói este maldito lugar de dentro para fora.

Nove contas, pausa.

Nove contas, pausa.

Um velho hábito ressurgindo em crise.

Quão perturbador.

Eu pensei que estava além disso.

CAPíTULO

TRêS

THANE



O caos nos espera no momento em que chegamos ao corredor no pé das escadas. Guardas por toda parte, enxameando como vespas. Funcionários médicos correndo de um lado para o outro, coletando as peças mais importantes de seu trabalho sórdido.

Frasquinhos e potes quebrados espalhados pelo chão rachado.

Órgãos derramados.

Pacientes de andares superiores correndo descontrolados, mordendo, rindo.

Um paciente nu em cima de uma mesa com os braços estendidos acima da cabeça, os quadris girando e o pênis ereto girando como um moinho de vento, gritando em triunfo com a cabeça decapitada de um médico empalada na ponta de seu poste de soro como um troféu em uma lança.

Eu passo por cima do cadáver espasmódico ao qual a cabeça pertencia, minhas botas deslizando na poça de sangue que se espalha. Meu uniforme roubado já está encharcado de vermelho, mas isso não importa agora. Nossa cobertura já foi descoberta há muito tempo.

Outro guarda passa correndo sem nos dar uma olhada, muito focado em fugir de um paciente fugitivo que ri loucamente enquanto corre nu atrás dele, arrastando tubos de soro e brandindo uma granada.

Não.

Não é uma granada.

Um punhado de merda.

Plague engasga audivelmente e parece que preferiria uma granada, mas isso é perfeito. Em todo esse caos, nos misturamos perfeitamente.

"Por aqui," murmuro, liderando-nos em direção à escadaria que desce para os níveis do subsolo. O chão sob nossos pés geme a cada passo, o prédio inteiro tremendo como se estivesse dando à luz o inferno.

Chegamos até a metade do corredor antes que um esquadrão de guardas nos note. Seu líder avança, rifle levantado. "Pare! Esta área é restrita. Os níveis inferiores estão comprometidos."

Eu continuo andando, Whiskey e Plague seguindo ao meu lado. O dedo do guarda aperta o gatilho.

"Eu disse para parar! A estrutura está falhando. Ninguém desce—"

Meu punho acerta sua garganta, esmagando sua traqueia antes que ele possa terminar. Enquanto ele cai, engasgando, os outros guardas entram em ação. Tiros ecoam, balas passando voando pela minha cabeça.

Eu mergulho atrás de uma maca virada, sacando minha lâmina escondida. Ao meu lado, Whiskey joga o corpo inconsciente de Valek para o lado e avança sobre o guarda mais próximo como um trem de carga. O rifle do guarda quebra ao meio quando Whiskey o esmaga contra a parede.

Plague se move como uma sombra, aparecendo atrás de outro guarda. Sua lâmina brilha uma vez, abrindo a garganta do homem em um jato de sangue arterial. O guarda segura o pescoço, os olhos arregalados de choque enquanto cai.

Uma bala arranha meu braço. Eu rolo para fora do esconderijo, surgindo dentro do alcance do atirador. Minha faca desliza entre suas costelas, encontrando seu coração. Ele arfa, sangue borbulhando de seus lábios enquanto eu torço a lâmina. Provavelmente deveria apenas pegar uma dessas malditas armas, mas o corredor é estreito demais para atirar sem que as balas ricocheteiem.

E até agora, facas e punhos estão fazendo o maldito trabalho.

Mais guardas entram pelos corredores adjacentes, atraídos pelos tiros. Whiskey ruge enquanto avança sobre eles, seu corpo maciço absorvendo golpes que derrubariam um homem normal. Ele agarra um guarda pela cabeça e esmaga seu rosto repetidamente contra a parede até que vire uma pasta.

Plague dança pelo caos, cada movimento preciso e letal. Seu jaleco roubado esvoaça atrás dele enquanto ele gira, lâminas cintilando para abrir gargantas e cortar artérias. Ele sempre foi o assassino mais eficiente entre nós.

Bastardo exibido.

Um guarda avança sobre mim com um cassetete elétrico. Eu seguro seu pulso, quebrando-o com uma torção rápida. Enquanto ele grita, eu enfio meu joelho em sua barriga, dobrando-o. Meu cotovelo desce na parte de trás de seu pescoço com um crunch satisfatório. Eu uso o mesmo cassetete para esmagar a cabeça de outro guarda, o cheiro de carne queimada atingindo meu rosto.

"Atrás de você!" Whiskey grita.

Eu me agacho enquanto uma rajada de tiros rasga o espaço onde minha cabeça estava. Rolando para frente, eu surgo dentro do alcance do atirador. Minhas mãos se fecham em torno de sua cabeça e eu quebro seu pescoço em um movimento fluido.

O corredor fica em silêncio, exceto por nossa respiração pesada e os sons de engasgo dos últimos guardas morrendo. Sangue pinga de meus nós dos dedos, formando poças no chão. Eu flexiono meus dedos, sentindo a dor da pele rachada.

"Todos bem?" pergunto, escaneando meus irmãos em busca de ferimentos graves.

Whiskey grunhe, limpando o sangue de um corte acima do olho. "Só arranhões."

Plague acena com a cabeça, já se movendo para recuperar o corpo mole de Valek. Sangue fresco mancha seu jaleco roubado, nenhum dele próprio.

"Terminamos," uma voz crepita no rádio de um guarda caído. "O Ativo 0663 violou a contenção e destruiu... tudo. Procedendo com o protocolo de evacuação."

Meu coração bate mais forte. O número do experimento de Wraith.

Ele está vivo.

Outra explosão sacode o complexo, mais forte que antes. Rachaduras se espalham pelas paredes, e pedaços do teto caem ao nosso redor. O prédio inteiro geme como se estivesse sendo rasgado ao meio.

"Mexam-se," eu rosnar, empurrando-os em direção à escadaria. "Agora!"

Whiskey joga Valek de volta sobre seu ombro como um saco de batatas enquanto corremos escada abaixo, descendo três degraus de cada vez. O ar fica mais frio, mais úmido à medida que descemos. Luzes de emergência piscam em vermelho, pintando tudo em um brilho infernal. O som de luta ecoa de baixo, pontuado por rugidos desumanos que sacodem poeira das paredes.

Wraith está em algum lugar lá embaixo.

E onde meu irmão está, Ivy também estará.

Ela tem que estar.

A escadaria se abre em outro corredor, este parcialmente desmoronado. Água jorra de canos quebrados, transformando o chão em uma bagunça traiçoeira de sangue e detritos. As paredes estão marcadas com cortes enormes, como se algo grande e poderoso tivesse passado por aqui.

Algo com malditas garras.

Mais guardas bloqueiam nosso caminho, formando uma linha de tiro. Mas esses parecem aterrorizados, suas mãos tremendo em suas armas.

"Última chance," seu líder grita, a voz falhando. "Voltem agora!"

Eu respondo com um rugido, avançando direto sobre eles. Balas passam voando enquanto eu fecho a distância. Uma me acerta no ombro, mas eu mal sinto. Meu sangue canta com a fúria da batalha enquanto eu colido com sua linha.

Corpos voam enquanto eu avanço sobre eles. Ossos quebram sob meus punhos. Sangue espirra em meu rosto, quente e doce como cobre. Atrás de mim, Whiskey e Plague se juntam ao massacre, nossos movimentos sincronizados por anos de luta juntos.

Um guarda consegue levantar seu rifle. Eu agarro o cano, empurrando-o para o lado enquanto seu tiro erra. Puxando-o para frente, eu bato minha testa em seu nariz. Enquanto ele cambaleia para trás, eu arranco o rifle de suas mãos e esmago seu crânio com a coronha.

Mais guardas entram por passagens laterais, mas estão desorganizados, em pânico. Nós os cortamos como uma foice cortando trigo. Whiskey joga um guarda em um grupo de outros, derrubando-os. As lâminas de Plague brilham nas luzes de emergência estroboscópicas, cada golpe como o pincel de um artista em uma tela.

O último guarda vira para fugir. Eu o agarro pelas costas do uniforme e o esmago de frente contra a parede. Ele desliza para baixo, deixando uma mancha de vermelho.

"Limpo!" Whiskey grita, seu peito arfando.

Nós avançamos para o nível do subsolo como uma unidade. Parece uma zona de guerra aqui embaixo. Paredes rasgadas como papel. Vigas de suporte torcidas em arte moderna. Pedaços de concreto e vergalhões espalhados pelo chão. Água jorra de canos quebrados, misturando-se com sangue em rios rosados que fluem em direção aos ralos.

E ali, contra uma parede, uma gaiola retorcida. Barras de aço grossas como meu braço dobradas para fora como pétalas de flor. O chão ao redor está manchado de escuro.

"Puta merda," Whiskey respira. "O cara não brinca."

Então seu cheiro familiar me atinge, um bálsamo para meus nervos à flor da pele.

Madressilva e céu.

Ivy.

"Eles estiveram aqui," digo, seguindo o rastro. "Recentemente."

"Nunca pensei que diria isso," Whiskey murmura, ajustando o corpo mole de Valek, "mas graças a Deus ele a tem."

Mais guardas aparecem na esquina à frente. Seis deles, armas levantadas. Eu não hesito. Eu me lanço sobre eles antes que possam atirar. Meu punho acerta o rosto do primeiro guarda. Cartilagem

cede. Sangue espirra. Eu uso seu corpo como escudo enquanto seus amigos abrem fogo.

Plague aparece como um fantasma atrás deles. Dois caem, segurando suas gargantas. Whiskey avança, usando Valek como um aríete improvisado. A cabeça do alfa inconsciente bate contra o crânio de um guarda. Ambos caem.

Eu pego um rifle de um dos cadáveres agora que estamos em uma área aberta. "Obrigado pela arma," digo secamente ao seu antigo dono. Ele não vai precisar disso para onde está indo.

"Precisamos nos mover," Plague diz, limpando sua lâmina. "Este lugar está desmoronando ao nosso redor."

Ele está certo. O teto geme ameaçadoramente. Outro tremor sacode a fundação. Canos estouram acima de nós, nos banhando com água gelada.

"Qual caminho?" Whiskey pergunta, limpando o sangue da boca enquanto ajusta o peso de Valek no ombro. "O rastro se divide aqui."

Eu escaneio a carnificina. Dois caminhos de destruição levam para longe da gaiola. Um em direção ao que parece ser um laboratório. O outro...

Um rugido sacode as paredes. Não é de Wraith. Mais profundo, mais oco. Ele ecoa pelo corredor mais escuro, o som amplificado pelos túneis subterrâneos.

"Que porra foi essa?" O aperto de Whiskey em Valek se tightens.

"Nada bom," Plague murmura.

Eu dou um passo em direção ao som. O corredor à frente está mal iluminado, luzes de emergência lançando tudo em sombras vermelhas como sangue. Água se acumula no chão, refletindo as luzes estroboscópicas como um espelho para o inferno.

Outro rugido.

Mais perto.

O próprio ar vibra com sua força.

Então o som pesado de ferro.

Correntes arrastando sobre concreto e metal.

Uma forma emerge da escuridão. Oito, talvez dez pés de músculos e tecido cicatrizado. Uma máscara de ferro com olhos

azuis brilhantes. Um braço mecânico terminando em garras de um pé de comprimento. Hastes de metal se projetam de suas costas como lanças. Número de identificação 3686 pintado em seu peito largo.

É o monstro da cela em frente à de Ivy.

E agora que está solto, parece *muito* mais irritado.

Ele fica no final do corredor, nos encarando. Vapor sobe de seu corpo maciço no ar frio. Sangue pinga de suas garras, cada gota ecoando no silêncio repentino.

"Ideias?" Whiskey pergunta, cerrando os dentes.

O monstro dá um passo trovejante para frente. Seu braço mecânico ronca e clica. Aqueles olhos brilhantes nunca nos deixam.

Então ele joga a cabeça para trás e ruge novamente. O som atinge como uma força física, nos empurrando para trás. A água ondula pelo chão. Poeira cai do teto.

Eu seguro meu novo rifle com mais força enquanto encaro a morte de frente.

"Lutamos como diabos."

CAPíTULO

QUATRO

WHISKEY



O rugido do monstro faz meus dentes tremerem. O corpo inconsciente de Valek pesa sobre meu ombro enquanto eu absorvo a escala do que estamos enfrentando.

Cerca de três metros de músculos cicatrizados e puro poder, coroados por uma máscara de ferro que parece algo que um cavaleiro assombrado usaria. Cabelos brancos caem sobre ombros largos em mechas desalinhadas, emoldurando aquela placa de metal sem características com seus buracos azuis brilhantes. Seu braço direito é todo de ferro enegrecido e garras curvas insanas.

Dele, eu acho.

Não é realmente um "isso".

Apesar da aparência monstruosa dessa coisa, é claramente masculino. Seu torso maciço ondula com músculos cordados sob uma pele que parece um mapa de tortura. Cicatrizes cirúrgicas cruzam seus abdominais e peitorais em padrões precisos, enquanto outras marcas são autoinfligidas ou de lutas. Uma cicatriz em forma de Y divide seu peito da clavícula até a cintura de suas calças cinzas esfarrapadas, como se algum doente tivesse realizado uma autópsia enquanto ele ainda estava vivo.

Não duvido desses pedaços de merda.

Ele é como o Wraith elevado ao máximo. Uma versão pesadelo do meu companheiro de matilha, com toda a humanidade arrancada e substituída por ferro frio e raiva infinita.

As lanças que saem de suas costas raspam nas paredes enquanto ele dá outro passo estrondoso com botas de ferro e couro com tiras que vão até os joelhos. Seu braço mecânico zumbe e clica, garras de aço se flexionando. Cada uma é mais longa que meu antebraço e afiada o suficiente para cortar ossos como manteiga.

"Porra", eu murmuro, ajustando o peso morto de Valek no meu ombro. Difícil manter uma postura de luta com esse idiota pendurado em mim como uma capa sangrenta. "Alguém tem um plano que não termine com a gente virando confete?"

A cabeça do monstro se volta para mim ao som da minha voz. Aquelas fendas azuis brilham mais intensamente, e um rosnado que faz os ossos tremerem se forma em seu peito. O som vibra pelo corredor inundado, fazendo a água em nossos pés formar círculos concêntricos.

"Não", diz Plague secamente.

Já vi coisas assustadoras na minha vida. Mas algo sobre essa coisa faz todos os pelos do meu corpo ficarem em pé. Meus instintos gritam para eu correr, para me afastar desse pesadelo ambulante.

Mas não podemos correr.

Não com a Ivy ainda lá fora em algum lugar.

Não com minha matilha em perigo.

O monstro dá outro passo que faz a terra tremer. Suas garras arrastam pela parede, rasgando aço reforçado como se fosse papel. Chuveiros de faíscas caem enquanto ele avança, refletindo na água acumulada em padrões estroboscópicos de laranja e vermelho.

Meu coração está acelerado, mas porra, se eu não estou sorrindo como um maníaco. Faz tempo que não temos uma luta decente que não seja contra um bando de recrutas despreparados, e essa besta parece que pode dar até mesmo ao Wraith uma corrida pelo seu dinheiro. Aqueles olhos brilhantes se fixam em nós através das fendas da máscara, e eu juro que a temperatura cai mais dez graus.

Eu ajusto o peso morto de Valek no meu ombro, avaliando nossas chances. Entre nós três, talvez tenhamos uma chance.

Mas algo me diz que essa luta vai doer.

O Cavaleiro rola os ombros, aquelas lanças de ferro em suas costas captando as luzes de emergência vermelhas. O movimento é

quase casual, como se ele estivesse se alongando para um treino em vez do que está prestes a ser um massacre. Sua mão mecânica se fecha em um punho, e o rangido de metal contra metal ecoa pela sala.

Adoro uma boa luta contra um chefe.

"Bem, merda", eu murmuro, incapaz de conter a excitação na minha voz. "Acho que vamos fazer isso. Se não há ideias sólidas ainda, acho que tenho uma."

Eu levanto a bunda mole de Valek mais alto no meu ombro.

"Whiskey, não!" Plague sibila, mas eu já estou me movendo.

Eu arremesso a Bela Adormecida direto no monstro como um maldito dardo. O psicopata inconsciente voa pelo ar em um arco perfeito. O monstro o afasta com um backhand casual que o manda colidir contra um banco de tanques de armazenamento de produtos químicos.

"Bem, merda", eu digo com um encolher de ombros. "Eu tentei."

Os olhos azuis brilhantes do monstro se fixam em mim.

"Whiskey, seu completo idiota, eu preciso que o Valek tenha um cérebro minimamente intacto quando eu—" Plague começa, mas o monstro já está avançando.

Seus passos sacodem todo o corredor enquanto ele avança em nossa direção. Eu mergulho para a esquerda enquanto Plague rola para a direita. Thane abre fogo com seu rifle, mas as balas apenas ricocheteiam nas partes blindadas do monstro e mal parecem afetar sua carne cicatrizada.

Eu me levanto e corro em direção aos equipamentos do laboratório. Se balas não funcionam, talvez alguns produtos químicos malucos funcionem. Eu começo a pegar frascos, escolhendo as coisas que sei que são mais explosivas e despejando-as em um grande béquer de vidro.

"O que diabos você está fazendo?" Plague grita para mim enquanto ele se esquiva de um golpe daquelas garras gigantes.

"Ciência!" Eu berro de volta, despejando um pó amarelo de aparência desagradável no meu coquetel. "O que acontece se eu misturar esse ácido hidro-seja lá o que for com essa coisa verde?"

"Coisas muito ruins!" Plague grita, horror em sua voz.

"PERFEITO!"

Eu misturo bem a solução e a arremesso nas costas do monstro. O béquer se quebra sobre os espinhos de ferro, espalhando líquido fumegante por todo o corpo cicatrizado. O monstro ruge enquanto os produtos químicos queimam sua pele.

"Isso aí! Venha para o papai!" Eu grito, batendo no meu peito. "Tenho mais de onde isso veio, Pesadelo Wraith!"

"Nunca mais se chame de papai", Plague repreende enquanto passa por mim, evitando por pouco ser esmagado. Por que tudo o que ele faz é tão desnecessariamente chique e coordenado?

"Ah, você adora", eu retruco. "Eu senti o quão duro você ficou quando eu estava te enforcando."

O lábio de Plague se enruga como se ele fosse me matar se o monstro não o fizer primeiro.

O braço mecânico do monstro desce, pulverizando o concreto onde eu estava há um segundo. Eu mergulho entre suas pernas, surgindo atrás dele. Há um enorme tanque de algo que parece esgoto brilhante montado na parede. Os rótulos de aviso estão em Vrissiano, mas caveiras e ossos cruzados são universais.

"Ei, babaca!" Eu grito. "Pega!"

Eu empurro o tanque da parede e o arremesso no monstro. Suas garras cortam o metal como manteiga. Uma névoa verde explode para fora enquanto o que estava dentro vaporiza. O monstro recua com um rosnado, levantando seu braço mecânico para se proteger em vão.

Mas ele ainda se recupera rápido demais.

As garras do monstro rasgam meu uniforme roubado e colete tático como se fossem papel. A dor explode em meu peito quando ele me esmaga contra a parede, me prendendo lá com seu braço mecânico.

"*Porra*!" Eu rugi, tentando me libertar. Mas essa coisa é mais forte do que qualquer coisa que eu já lutei, e a garra enfiada no meu ombro parece uma maldita espada. Eu posso ser um cara grande, mas ele está me segurando como se eu não pesasse nada.

Thane esvazia seu rifle nas costas musculares do monstro, mas as balas apenas ricocheteiam naqueles espinhos e placas de ferro. O

monstro nem mesmo se importa quando algumas atingem a carne. Seus olhos azuis brilhantes furam os meus através daquela máscara de ferro sem características enquanto ele levanta o outro braço para outro golpe, sua mão se fechando em um punho.

Estou ficando *realmente* cansado de mutantes me socando na cara.

"Por aqui, 3686!" Plague grita de algum lugar.

A cabeça do monstro se vira, mas ele me mantém preso. Através da névoa de dor e fumaça química, vejo Plague ajoelhado ao lado da forma caída de Valek. Ele enfia uma seringa no pescoço de Valek e empurra o êmbolo.

Valek se levanta bruscamente do chão, seus olhos prateados se movendo loucamente. Quando seu olhar pousa no monstro, seu rosto se contorce em reconhecimento, depois puro horror, como se estivesse tendo algum tipo de flashback insano.

"Fique longe!" Valek rosna, se levantando. "Não toque nela!"

Ela?

"Mano, que porra—"

O monstro solta um rugido abalador, finalmente me soltando para se virar para a nova ameaça. Eu deslizo para o chão, segurando meu peito sangrando. Porra, isso vai deixar uma marca. Com os dentes cerrados, observo Valek cambalear para uma postura de luta, balançando como um bêbado.

"Corra!" ele balbucia, gesticulando com raiva para... mim? Ele avança, se jogando no monstro. Seu punho conecta com a máscara de ferro em um golpe de raspão que provavelmente o machuca mais do que a besta.

"Plano ruim, mano", eu grito para Plague, grimaceando enquanto me levanto, usando a parede como apoio.

Plague apenas me encara. "Você tinha um melhor? Ou só planejava deixar aquela coisa te moer até virar pó de osso?"

Eu sorrio para ele. "Ah, Doc. Estou começando a achar que você se importa."

Isso me rende o olhar mais sujo até agora.

Eu meio que não odeio isso.

Valek olha para mim com seu sorriso descolado e preguiçoso de sempre, sua cabeça balançando levemente como aquele gato zumbi do filme de terror que me manteve acordado por semanas. "Oh, você não é mais um pequeno ômega", ele balbucia, seu olhar deslizando sobre mim de uma maneira que faz minha pele arrepiar. "Você é um ômega grande e bonito agora."

Minha mandíbula cai. Tudo o que posso fazer é encará-lo.

Que porra é essa.

Ah, merda. Ele acha que eu sou a Ivy.

O maluco ainda está alucinando. Isso é a pior coisa que aconteceu em toda a maldita batalha.

"Sabe, nada do que você diz me afeta, mas *isso* afetou", eu resmungo, cambaleando para uma distância segura. Deixe Valek ser isca de monstro, por tudo o que eu me importo. Especialmente agora. Maldito doido.

"Bem, essa é uma reviravolta estranha, não é?" Plague pergunta secamente.

"Eu gostaria de limpar esse sorriso dos seus lábios", eu rosninho para ele.

"Calma, vocês dois", Thane repreende, pegando algumas balas de uma poça de produtos químicos fumegantes e carregando-as em seu rifle. Huh. Ideia melhor que meu béquer. Ele prepara o rifle e dispara mais algumas balas no monstro, quase acertando Valek.

Nem tenho certeza se ele está *tentando* errar Valek.

Valek se joga no monstro novamente, seus movimentos fluidos apesar das drogas. Mesmo drogado até o talo, ele ainda é mortal pra caramba. Seu punho conecta com a máscara de ferro em uma série de golpes rápidos, mas o monstro mal parece notar.

"Afaste-se, Cavaleiro", Valek balbucia, cambaleando enquanto desvia de um golpe daquelas garras enormes. "Não vou deixar você machucá-la!"

"Essa coisa tem um maldito *nome*?" Eu grito de volta enquanto Plague enfia algo no meu ombro sangrando. Eu rosninho com os dentes cerrados, empurrando-o para longe de mim. Mas pelo menos a dor diminui um pouco.

"Pare de ser um bárbaro por cinco minutos", Plague sibila para mim. "Estou tentando ajudar—"

"O orgulho de Vytoskyk, meu lindo ômega não tão pequeno", Valek interrompe, sangue escorrendo de seu lábio partido enquanto ele dança para longe de outro golpe. "Até—"

Outro rugido arrepiante o interrompe.

Mas não do Cavaleiro.

Este é diferente. Familiar.

Wraith.

Ele irrompe pelo que resta da porta, concreto e vergalhões explodindo para fora.

E Ivy está agarrada às suas costas.

Seus braços estão envoltos em seu pescoço, seu vestido de hospital cinza esvoaçando atrás dela. Poderia muito bem ser um vestido de baile. Ela é a coisa mais linda que eu já vi, mesmo estando montada em outro homem como um maldito cavalo em batalha e não em mim, seu cabelo avermelhado caindo sobre seus ombros e fluindo atrás dela como uma bandeira.

Lágrimas enchem meus malditos olhos. Tudo o que eu quero é segurá-la em meus braços e esmagar meus lábios nos dela. Eu posso estar prestes a ser pulverizado pelo Super Wraith, mas caralho, se meu coração não está voando nas nuvens agora.

"Pare de sonhar", Plague repreende. Mas eu posso dizer pela forma como aqueles olhos azuis frios se aqueceram, ele está sentindo o mesmo. E Thane também. Nosso líder normalmente estoico parece que acabou de levar uma injeção de poção do amor na bunda.

Essa garota é nossa deusa.

Nossa rainha.

Estou tão encantado com a visão dela que levo um momento para perceber que Wraith não está usando sua máscara. Eu olho de novo para a rara visão.

Puta merda.

Em todos os anos que o conheço, nunca vi o rosto desfigurado de Wraith por mais de alguns segundos. Nenhum de nós viu. Nem mesmo Thane. Ele nunca tira a maldita máscara. Bom saber que eu

não estava completamente alucinando quando acordei depois que Valek me envenenou e vi um monte de dentes afiados rugindo para mim.

Mas Ivy não está com medo dele. E ela também não parece particularmente assustada com o Cavaleiro. Quando seu olhar pousa sobre nós, um sorriso aliviado se espalha por seus traços cansados e perfeitos.

Então ela acena para nós e meu coração afunda.

Porra, eu amo essa garota.

A cabeça do Cavaleiro se vira para eles. Aquelas luzes azuis atrás de sua máscara brilham mais intensamente enquanto ele dá um passo estrondoso para frente. Os olhos de Wraith se estreitam, um rosnado escapando de sua garganta arruinada. Em um movimento fluido, Wraith coloca Ivy atrás dele, protegendo-a com seu corpo maciço.

Por um segundo, ninguém se move.

Então o inferno se solta.

Wraith e o Cavaleiro colidem como dois trens de carga. O impacto sacode toda a instalação, enviando rachaduras em teias de aranha pelas paredes. Wraith não é tão maciço, mas quase, e ele tem aquela raiva feral impulsionando-o. Ele empurra o Cavaleiro para trás em uma viga de suporte com força suficiente para dobrar o aço, e o monstro se encolhe visivelmente quando os espinhos de ferro saindo de suas costas se torcem e dobram.

O Cavaleiro revida com um rosnado, suas garras de trinta centímetros arranhando o peito de Wraith e pegando o que resta do lado de seu rosto. Sangue jorra, mas Wraith nem parece notar. Ele agarra o braço mecânico do Cavaleiro e enfia seus dedos nele com um rosnado, o ferro enegrecido se dobrando e se enrolando sob seu aperto esmagador como se fosse papel alumínio.

Rugindo de dor, o Cavaleiro puxa seu braço faiscante para longe, cambaleando para trás como uma fera ferida. Um rosnado oco estranho que soa quase como um gemido ecoa de sua máscara enquanto ele segura seu braço mecânico com a outra mão. O gesto é estranhamente humano. Assim como a forma como ele recua, seus músculos se tensionando em dor óbvia.

Por um segundo, eu me sinto um pouco culpado.

Um pouco.

Wraith levanta as palmas das mãos em um gesto calmante, mantendo o olhar do Cavaleiro enquanto a besta se endireita até sua altura total. Mas eu não acho que essa coisa seja metade tão sábia quanto meu irmão de matilha. O rosnado oco reverberando em seu peito cicatrizado e parcialmente blindado vem direto do inferno.

Então a luz azul nos buracos dos olhos de sua máscara de ferro pisca para Ivy.

"Não", Ivy murmura, como se ele pudesse pensar. "Por favor."

E ele faz a última coisa que eu esperava.

Ele hesita.

Esse momento de hesitação é toda a abertura que Thane precisa. Ele dispara novamente, acertando as costas expostas do Cavaleiro entre as hastes de metal e a armadura.

Grande erro.

O Cavaleiro se vira com um rugido que sacode o maldito prédio, passando por Wraith e indo direto para Thane. Seu braço mecânico fumegante acerta Thane no peito, esmagando-o no chão com força suficiente para rachar o concreto. Antes que Thane possa tentar se levantar, o Cavaleiro o agarra pelo colete de assalto e o levanta como se ele não pesasse nada.

Então o esmaga de volta no chão.

De novo.

E de novo.

Cada impacto afunda Thane mais fundo na cratera que se forma. Sangue jorra de sua boca, manchando seus dentes de vermelho. Sua cabeça bate no chão com um estalo doentio que faz meu estômago revirar.

Foda-se isso.

Minhas costelas gritam de protesto enquanto eu me levanto em um dos grandes tanques de produtos químicos. O Cavaleiro ainda está focado em transformar Thane em pasta, me dando o tiro perfeito. Eu me lanço do tanque com tudo o que tenho.

"Yippee-ki-yay, filho da puta!"

Eu colido com as costas do monstro, envolvendo um braço em volta de seu pescoço em uma chave. Ele me ignora, esmagando Thane no chão novamente. Desta vez, ele pisa em sua cabeça com sua bota de ferro e começa a pressioná-lo com um rosnado profundo e reverberante.

Essa coisa tem uma mente de um trilho só.

Minha mão livre agarra uma das hastes de ferro saindo de sua espinha. "O que será que essa alavanca faz?" Eu escarneço em seu ouvido antes de puxá-la com toda a minha força. O metal se solta com um estalo úmido. Sangue preto espirra para todo lado, quente e pegajoso em meu rosto enquanto um gemido oco de angústia total ecoa da máscara do monstro.

Isso é mais como eu gosto.

"Pare!" A voz de Ivy corta o caos. "Não o machuque! Ele é inocente!"

Thane solta uma risada engasgada enquanto o Cavaleiro continua a esmagá-lo no chão. "Não... é realmente... uma preocupação... agora..."

Eu aperto meu braço em volta da garganta do Cavaleiro, tentando sufocá-lo. Mas é como tentar lutar contra um maldito dragão. Seu braço mecânico zumbe e clica enquanto ele tenta me agarrar. Aquelas garras de trinta centímetros cortam o ar a centímetros do meu rosto.

"Sai de cima do meu irmão!" Eu ruge, agarrando outra haste e arrancando-a. Mais sangue jorra da ferida fresca enquanto o Cavaleiro ruge em lo que deve ser pura agonia, mas ele ainda não para.

É como se ele *não pudesse* parar.

Seu sangue escuro encharca minhas roupas, tornando meu aperto escorregadio. Ele não para mesmo quando Wraith enfia uma das hastes que eu arranquei direto em seu lado, cavando no que devem ser órgãos.

"Pare! Por favor!" Ivy grita novamente, sua voz falhando.

Tanto Wraith quanto o monstro de ferro congelam. O prédio inteiro treme com outra explosão que sacode as fundações, mas o

Cavaleiro permanece imóvel, seu olhar azul brilhante voltando para Ivy.

"Você não precisa fazer isso", Ivy diz, mais suave agora. "Você não é o que eles fizeram de você."

Por um segundo, tenho certeza de que o Cavaleiro vai provar que ela está errada, mas então ele recua de Thane.

Thane rola para o lado, cuspindo sangue.

Eu caio das costas do monstro, minhas costelas gritando de protesto. Sangue preto continua pingando dos buracos onde eu arranquei aquelas hastes de metal enquanto eu agarro Thane pela perna e arrasto seu traseiro para um lugar mais seguro.

Porra, espero que Ivy seja a sussurradora de monstros que ela parece ser agora.

Wraith se move como uma sombra líquida, colocando-se entre nós e o Cavaleiro. Seu rosto arruinado está uma bagunça de sangue escorrendo por seus dentes afiados expostos, mas ele apenas fica lá, peito ofegante, encarando a besta maior.

Os olhos brilhantes do Cavaleiro se fixam nele.

Dois monstros se avaliando.

Então a cabeça do Cavaleiro cai.

Outro rosnado oco ecoa de sua máscara enquanto ele olha para Ivy uma última vez. Antes que qualquer um de nós possa se mover, ele sai pelo caminho que veio, as correntes enormes penduradas em suas costas arrastando para trás e deixando faíscas em seu rastro. O som de seus passos estrondosos e lentos desaparece nas entranhas da instalação.

Puta.

Merdíssima.

Porra.

"Isso aí!" Eu grito, girando para dar um soco no ar com Wraith. "É assim que se faz, baby!"

A cabeça de Wraith se vira para mim, olhos azuis instantaneamente ferozes. Seu punho conecta com meu rosto tão rápido que eu nem vejo vindo. Minha cabeça bate na parede e eu deslizo para baixo, sentindo o gosto de sangue.

"De novo!" Eu seguro meu rosto sangrando, encarando Wraith. "Toda maldita vez com o nariz. O que o meu nariz fez para você?"

Ele se inclina sobre mim, seu rosto desfigurado totalmente ilegível, exceto por uma vaga confusão em seus olhos. Porra, ele é perturbador. De uma maneira metálica. Mas ainda assim.

"Isso se chama soco, mano", eu digo, exasperado. "É amigável. A pequena gata selvagem tem que te ensinar algumas dicas sociais."

Ele continua me encarando por um tempo desconfortavelmente longo. Então seu punho maciço se estende em minha direção, lenta e cuidadosamente, e seus nós dos dedos cicatrizados batem nos meus.

Eu sopro uma rajada de ar que agita meu cabelo, que de alguma forma está grudado no meu rosto. Preciso cortar o cabelo antes que eu acabe com uma juba como a do Thane. Plague pode arrasar com isso, mas nós não podemos.

Eu limpo o sangue do meu nariz quebrado e me levanto, mantendo um olho em Wraith. Mas ele não está mais prestando atenção em mim. Seu corpo maciço já está curvado em volta de Ivy, que está se apertando em seus braços como se não pudesse chegar perto o suficiente.

"Você está bem", ela sussurra, tocando seu rosto desfigurado sem hesitação. Ele enterra o rosto em seu ombro, provavelmente para que ela não continue olhando para ele, e ela se aconchega em seu pescoço.

A visão faz meu peito doer.

Ela costumava se encolher quando qualquer um de nós se aproximava.

Agora olhe para ela.

"Nossa vez. Vocês já se aconchegaram o suficiente", eu digo, cambaleando para perto.

Eu preciso tocá-la, ter certeza de que ela é real.

Ela me deixa enterrar meu rosto em seu pescoço, bebendo aquele doce cheiro de madressilva. Minhas mãos tremem enquanto eu a puxo para perto, cuidadoso para não esmagar seu corpo menor. Para meu choque, ela se derrete em mim, se aconchegando sob meu queixo como um gatinho contente.

"Você veio me buscar", ela murmura.

"Sempre vou, gata selvagem."

Plague e Thane se juntam também, todos nós a cercando, precisando nos assegurar de que ela está segura. Pela primeira vez, ela não se encolhe ou tenta escapar da atenção.

Ela apenas nos deixa sentir seu cheiro.

Tocá-la.

Segurá-la.

Há algo mais diferente nela também. Não consigo colocar o dedo no que é no começo enquanto eu bebo seu cheiro, mas então eu percebo.

Seu pescoço está nu.

O colar de prata que a marcava como propriedade desapareceu. Minhas mãos tremem enquanto eu traço a faixa de pele ligeiramente mais pálida onde ele costumava ficar. Ela não se afasta, apenas inclina a cabeça para me dar melhor acesso.

Puta merda.

Ela está livre esse tempo todo. Entre Valek a levando e todo esse caos, ela teve uma dúzia de chances para fugir.

Mas ela ainda está aqui.

Ela *escolheu* a gente.

Toda aquela merda que nos enfiaram sobre ômegas sendo animais sem mente que precisam de pica de alfa para curá-los... Eu já sabia que era uma piada. Se alguma coisa, é o contrário.

Só olhe para o Wraith. A buceta da Ivy pode muito bem ser a Faculdade do Conselho, porque o cara praticamente virou um estudioso desde que foi lá. Acho que nunca o vi tão calmo e sereno, especialmente logo depois de uma batalha de alta tensão.

Eu dou uma risada com o pensamento, ganhando um olhar questionador de Ivy. "Nada, gata selvagem. Só pensando em como você domou o Wraith."

"Ah, sim. O toque de um ômega pode domar qualquer fera selvagem", Valek balbucia de onde está apoiado na parede, sangue escorrendo constantemente de seu lábio partido. Eu meio que odeio que estamos na mesma sintonia aqui. "Que doce. Quando é a minha vez?"

Wraith rosna para ele, baixo e perigoso, mas Ivy descansa a mão em seu antebraço maciço e seus olhos azuis frios instantaneamente se suavizam. Ele simplesmente derrete com o toque dela. Ivy dá a ele um sorrisinho doce antes de dar a Valek um olhar que faria qualquer alfa cagar nas calças.

"Vai se foder, idiota", ela diz secamente.

Os olhos prateados de Valek brilham com aquela luz maníaca, mas ele parece um pouco menos chapado agora. Melhor ficar de olho nele se os remédios e o golpe de karatê do Plague estiverem passando. "Isso é uma promessa?"

"Se castrar você contar, claro", ela retruca.

Valek apenas sorri. "Isso também é uma promessa?"

Eu não consigo evitar sorrir enquanto Thane puxa Ivy para perto, bebendo seu doce cheiro como um homem morrendo de sede. Suas mãos grandes tremem enquanto seguram seu rosto, polegares passando suavemente sobre suas maçãs do rosto com uma gentileza impossível.

"Ignore ele", ele murmura para Ivy. "Ele não vale seu tempo ou energia."

"Eu discordo", Valek retruca.

Plague chuta ele nas costelas. Eu ignoro os sons da briga atrás de nós. Acho que Plague poderia usar uma distração de ter que mostrar uma maldita emoção por uma vez.

Não é como se ele fosse conseguir se espremer agora que Thane está com as mãos nela de qualquer maneira. Ele está olhando para Ivy como se ela fosse a coisa mais preciosa do universo.

E ela é.

Depois de tudo o que passamos para recuperá-la, depois de pensar que talvez nunca a veríamos novamente...

Minhas costelas doem pra caramba enquanto eu me aproximo, mas eu não ligo. O cheiro dela é a droga mais pura. Parece que eu estou realmente ficando chapado com isso. Sua mão pequena encontra a minha, dedos se entrelaçando, e o simples contato envia eletricidade por todo o meu corpo. Ela aperta gentilmente, e eu aperto de volta, cuidadoso para não esmagá-la.

"Eu senti sua falta", ela admite em um sussurro, aqueles olhos verde-mar encontrando os meus. A honestidade crua em sua voz me atinge como um soco no estômago.

"Senti sua falta também, garota." Minha voz sai mais áspera do que eu pretendia.

Porra, estou ficando mole.

Uma explosão mais alta que o normal sacode a instalação, nos cobrindo de poeira de concreto. Acho que a merda está pegando fogo lá em cima de novo. "Temos que ir", eu digo, mesmo que eu realmente, realmente não queira.

"Concordo", Plague acrescenta, aparecendo ao nosso lado.

"Vamos nos mover", Thane diz, pegando a mão de Ivy.

Até Valek começa a se levantar, claramente tonto com o esforço.

Legal.

Pela primeira vez, estamos todos na mesma página.

Então Ivy se afasta de nós. "Esperem", ela diz. "Temos que encontrar o Cavaleiro primeiro."

"O quê? Não! Por quê?" Thane rosna, saindo do transe em que o cheiro de Ivy o tinha.

"Você tem que estar brincando comigo", eu digo, passando a mão pelo rosto. "Você quer voltar para aquele tanque raivoso ambulante?"

"Eu prometi", Ivy diz, seu queixo se levantando daquela maneira teimosa que aperta meu peito. "E ele não é um tanque raivoso. Ele é como o Wraith."

Wraith levanta as palmas das mãos em clara ofensa.

"Você perdeu a parte em que ele quase transformou o Thane em uma panqueca?" Eu gesticulo para nosso líder, que ainda está cuspindo sangue no chão. "Sem ofensa, mano, mas você está com uma cara de merda."

"Nenhuma ofensa", Thane resmunga, limpando a boca. "E ela não vai chegar perto daquele monstro de novo."

Os olhos de Ivy brilham com desafio. "Aquele 'monstro' é do mesmo laboratório que seu irmão."

Thane se encolhe como se ela tivesse dado um tapa nele.

Porra, pode muito bem ter dado.

"O que você quer dizer?" ele pergunta, seu tom cauteloso, como se não tivesse certeza se quer saber ou não.

Minha mandíbula cai quando as palavras de Ivy me atingem como uma marreta no peito. "Espere, você está dizendo que o Wraith foi...?"

"Experimentado. Como o Cavaleiro." Os olhos de Ivy queimam com aquele fogo feroz. "Eu ouvi o suficiente enquanto estava lá dentro. Pergunte ao Valek se não acredita em mim."

Todos nós nos voltamos para olhar o psicopata, que está sorrindo aquele sorriso irritante. O dele pode ser um pouco mais assustador que o do Wraith, e isso é dizer algo.

"Ah, sim", ele diz, seu sotaque mais espesso que o normal. Deve ser todo o sangue em sua boca. Vai ser terra também quando eu tiver um momento com ele. "Eu tinha minhas suspeitas desde o momento em que o vi. É preciso um para conhecer outro, afinal. Parece que somos irmãos também."

Thane enruga o lábio, mas não responde.

Espere.

O quê?

"Você é de um maldito *laboratório*?" Eu solto, meu cérebro lutando para processar essa merda. Eu passo a mão pelo cabelo. "Porra, isso explica muita coisa."

Os olhos prateados de Valek brilham. "Isso não é o insulto que você pensa que é só porque seu queijo favorito vem de um laboratório."

O maluco acha que é tão esperto. "Mano, isso não faz sentido nem para você. Você só está com inveja porque essa merda é proibida aqui."

O maluco acha que é tão esperto.

Seus olhos se estreitam, mas antes que ele possa soltar outro comentário sarcástico, Wraith já está se movendo. Seu corpo maciço avança em direção ao corredor escuro onde o Cavaleiro desapareceu, seguindo o rastro de sangue preto.

"Espera um pouco, caralho.", Thane berra. "Então, o quê, você obedece a ela agora?"

Wraith para e se vira, mas apenas para encarar seu irmão com aqueles olhos azuis intensos. Um rosnado baixo ecoa de sua garganta arruinada, seus dentes afiados brilhando na luz estroboscópica. O cara é assustador pra caramba, eu admito. Até Thane hesita como se não tivesse certeza se vale a pena a briga que eles estão prestes a ter se ele insistir.

"Puta merda", eu murmuro.

Ela realmente o tem enrolado no dedinho.

"O resto de vocês precisa ajudar também", Ivy exige, sua voz carregando aquele tom que faz meu alfa interior querer rolar e mostrar a barriga. Que porra é essa. "Não podemos deixá-lo aqui. Nós *não* vamos deixá-lo aqui."

"Ele não pode escapar sozinho?" Eu tento uma última vez. "Quer dizer, ele é uma máquina de matar de três metros—"

Ivy me interrompe. "Ele está machucado."

Eu quero discutir com ela, mas sei que não vai levar a lugar nenhum bom. Uma olhada nas hastes de ferro deitadas em poças de sangue preto no chão e é bem claro que ela vai ganhar essa.

Thane levanta as mãos em exasperação. "Acho que você é a líder dos Ghosts agora", ele resmunga, já se movendo para seguir seu irmão.

Eu não consigo evitar sorrir. "Você ainda não percebeu isso?"

O olhar que ele me dá poderia azedar o leite. Mas eu noto que ele não nega enquanto caímos atrás de Wraith, seguindo o rastro de destruição e sangue preto mais fundo nesse inferno.

Provavelmente a coisa mais estúpida que já fizemos, mas se nossa pequena gata selvagem quer que a gente salve a máquina de matar gigante, então é isso que vamos fazer. Pelo menos vê-la mandar em um bando de alfas três ou quatro vezes o tamanho dela é divertido pra caramba.

E ver o rosto do Thane quando ela faz isso?

Não tem preço.

CAPíTULO

CINCO

PRAGA



O fedor de podridão e água estagnada me faz querer vomitar. Sem minha máscara e seus filtros, cada respiração enche meus pulmões de inúmeras bactérias e esporos. Meu jaleco roubado gruda na minha pele, úmido de suor, água suja e sangue. Eu sigo atrás dos outros, observando Ivy empoleirada nas costas largas de Wraith enquanto ele avança pelos túneis.

Eu me sinto culpado.

Não apenas porque estou com ciúmes, e não tenho direito de estar. Nenhum direito. Normalmente, não sou um alfa ciumento, e entendo, em um nível lógico, que é ridículo sentir isso em primeiro lugar. Meus irmãos de matilha têm tanto direito de se vincular a Ivy —em todos os sentidos—quanto eu.

Se ela os quiser, se ela os escolher, é direito dela.

Mas meus instintos de alfa ainda estão ativados por isso.

Eu me sinto culpado por razões além disso.

Meus dedos traçam o contorno de cada instrumento cirúrgico escondido em meu jaleco roubado. As formas familiares de bisturis e seringas que antes me traziam tanta satisfação agora zombam de mim. De que adianta a precisão cirúrgica quando eu nem consegui encontrar nossa ômega? Quando todo o meu planejamento cuidadoso e preparação meticulosa não significaram nada?

Wraith a encontrou primeiro.

Protegeu-a.

Manteve-a segura.

O irmão de matilha mais imprevisível, selvagem, descontrolado, feroz e agressivo que tenho foi o que veio resgatá-la. Não eu. Todos os meus planos e preparações cuidadosos não significaram nada no final.

Quando Ivy mais precisou de mim, meus pontos fortes a decepcionaram.

O sangue escuro da nossa presa deixa um rastro oleoso ao longo do concreto, misturando-se com a água suja. Cada respingo das minhas botas na mistura pútrida envia gotículas de contaminação para minhas roupas. Minha pele se arrepi ao pensar nas bactérias que se proliferam neste esgoto.

Eu mereço isso.

Eu falhei tão espetacularmente hoje.

À minha frente, Whiskey diz algo que faz Ivy rir. O som ecoa pelas paredes do túnel, puro e doce. Meu peito aperta. Até aquele brutamontes consegue confortá-la melhor do que eu. Ele pode ser um bruto, mas pelo menos sabe como fazê-la sorrir.

Eu já *alguma vez* a fiz sorrir?

O que eu tenho a oferecer?

Distância clínica?

Habilidade cirúrgica?

Ah, certo. Ela ficou feliz com o anticoncepcional. Feliz por eu ter dado a ela o mínimo absoluto que um alfa pode dar a uma ômega.

Um gostinho de liberdade.

Um rato atravessa meu caminho, sua cauda nua deixando um rastro na lama. Eu faço uma careta. Foco. Temos uma missão. Encontrar o Cavaleiro. Sair vivos. Todo o resto é irrelevante.

Incluindo meu orgulho ferido.

Por que estamos mesmo fazendo isso?

Porque ela sente pena dessa coisa?

Eu deveria estar frustrado, mas isso só me deixa mais obcecado por ela. Obcecado porque, mesmo que o mundo tenha sido tão cruel com ela e outros como ela, ela ainda é tão… gentil. Compassiva. Indulgente.

Se eu tiver sorte, ela me mostrará a mesma graça que está mostrando a essa monstruosidade de ferro que quase nos matou há menos de vinte minutos. Graça por falhar com ela. Graça por me deixar distrair. Aqueles minutos que passei discutindo com esses idiotas e planejando cada detalhezinho de seu resgate deveriam ter sido gastos para encontrá-la mais rápido. Duvido que Wraith tenha planejado algo. Ele nunca abordou nenhuma situação com uma estratégia.

Além de matar, mutilar e destruir, é claro.

A ideia de que ela pode ter sofrido por causa da minha obsessão com os detalhes mais finos e o planejamento de tudo me faz querer vomitar.

E então, quando finalmente tive a chance de tudo valer a pena, quando eu tinha aquele bastardo cientista exatamente onde eu queria, ele nos descobriu e eu perdi a cabeça antes de conseguir qualquer informação útil dele.

Eu. Aquele que dá sermões a todos os outros sobre manter a cabeça fria. Eu não sou melhor que os outros.

Nem mesmo Whiskey. Pelo menos a forma desastrada e imprudente dele geralmente acaba dando certo. Sortudo do caramba.

Inútil pra caralho.

"O rastro leva por aqui," Thane chama de frente, gesticulando em direção a um túnel parcialmente desmoronado. A água jorra de canos quebrados acima, criando uma cortina de líquido questionável.

Por algum motivo, não consigo me importar.

"Por ali?" A voz de Whiskey carrega uma nota de nojo. "Que se foda. O lugar parece prestes a desabar. E aquilo parece merda ou ácido. Talvez ambos."

"Você tem uma ideia melhor?" Eu retruco, as palavras saindo mais afiadas do que pretendia. "Ou você prefere ficar aqui debatendo enquanto o prédio desaba ao nosso redor?"

Ele se vira, os olhos estreitando. "Quer mais uma rodada, Doutor? Porque eu ficaria feliz em rearranjar esse seu rostinho bonito mais uma vez."

"Os dois parem," Ivy intervém. Sua voz carrega uma autoridade que nos faz calar. "Não temos tempo para isso."

Ela está certa, é claro.

Mas o fato de ela ter que fazer o papel de pacificadora entre nós só prova o quão longe eu caí.

Eu deveria ser a voz da razão.

O calculista.

Aquele com planos de backup para seus planos de backup.

Em vez disso, estou arrumando brigas como um cachorro latindo.

Wraith avança sem hesitar, protegendo Ivy com seu corpo enorme enquanto eles passam pela água. Os outros seguem, deixando-me sozinho no túnel. As luzes de emergência vermelhas lançam tudo em um brilho infernal, transformando a água aos meus pés em rios de sangue.

Que apropriado.

Não consigo imaginar os terrores que os prisioneiros deste inferno passaram, e pelo que eu entendi aqui e ali, o laboratório de onde Wraith—e aparentemente Valek—vieram era lar de práticas ainda mais desprezíveis.

Até crianças estavam sendo torturadas.

Ele parece especialmente chocante sob essa iluminação, e saber que foi deliberado torna tudo muito pior. Em todos os nossos anos juntos, nunca vi mais do que vislumbres fugazes quando sua máscara escorrega durante uma batalha ou quando Whiskey está bêbado e provocando-o. O músculo e o tendão expostos, os dentes afiados permanentemente à mostra.

É uma obra-prima de crueldade.

Imaginar alguém fazendo isso com uma criança… Não consigo imaginar. Eu deixei tudo para trás e me tornei médico porque queria ajudar as pessoas. Matar, sim. Mas ajudar também. Como alguém poderia sentir o chamado para uma profissão tão sagrada apenas para machucar as pessoas mais vulneráveis e inocentes que existem?

Ele deve estar em agonia constante.

Não há nada que eu pudesse fazer para restaurar a aparência de seu rosto, mas talvez eu pudesse dar algo para a dor. Duvido que ele

confiasse em outro médico perto de seu rosto, no entanto. Já é difícil o suficiente fazê-lo deixar eu aplicar vacinas.

Um lobo seria um paciente melhor.

Mas, embora não haja nada que possa ser feito para reparar danos tão extensos, nossa ômega claramente não se importa. Ela olha para ele com tanto calor e afeto em seu olhar, como se fosse completamente cega à ruína de seu rosto.

Ela não apenas se importa com ele.

Ela *ama* ele.

Isso é claro.

E talvez seja por isso que estou tão perturbado com isso. Ele é certamente o primeiro alfa que ela já amou. Se ela amasse todos nós de uma vez, talvez eu me sentisse diferente.

Pelo menos não estaria me consumindo por dentro.

Ao mesmo tempo, isso me dá um fio de esperança.

Se ela pode ver além do rosto dele, talvez ela possa ver além das minhas falhas também. Minhas fraquezas. Minha lista interminável—e crescente—de falhas colossais.

Por outro lado, eu posso ajudar as minhas.

Sou um idiota egoísta por me colocar no centro agora. Outra falha para adicionar à lista. Ela merece o tipo de devoção pura que está claramente recebendo de Wraith. A forma como ele olha para ela como se ela não apenas tivesse pendurado a lua, mas *criado* ela.

O tipo que não tenho certeza se posso dar.

Passei muitos anos construindo muros, escondendo-me atrás de minha máscara e distância clínica. Mesmo agora, mantenho minha distância. Digo a mim mesmo que é para evitar contaminá-la com minha escuridão, mas, na verdade, tenho medo.

Medo de deixar alguém chegar muito perto.

Eu respiro fundo, ignorando o fedor de decomposição que enche meus pulmões. Um pé na frente do outro. Foco na missão. Deixo todo o resto de lado.

Já fiz isso antes.

Posso fazer de novo.

Mesmo que isso signifique assistir das sombras enquanto os outros protegem nossa ômega. Enquanto eles conquistam sua

confiança, seu afeto, seu...

Não. Esses pensamentos não levam a lugar algum produtivo.

Eu passo pela cortina de água, deixando-a encharcar minhas roupas. O que é um pouco mais de contaminação a essa altura? Já perdi tudo o que me fazia ser quem eu sou.

Meu controle.

Meu propósito.

Poderia muito bem perder minha dignidade também.

O túnel se abre em uma vasta caverna, e meu treinamento entra em ação automaticamente. Teto alto? Risco de desabamento. Múltiplas passagens ramificadas? Pontos potenciais de emboscada. Visibilidade limitada devido à iluminação esparsa de fungos. Os esporos podem ser mortais. Podem nos fazer alucinar e nos voltar uns contra os outros. Nunca vi cogumelos como esses.

"O rastro de sangue está ficando mais fresco," Thane murmura à minha frente. "Devemos estar nos aproximando."

Eu aceno com a cabeça, embora ele não possa me ver na luz fraca. O sangue escuro do Cavaleiro se destaca contra a pedra pálida, ainda úmido o suficiente para refletir o brilho fantasmagórico azul-esverdeado. Estamos ficando sem tempo antes que toda a instalação desabe, mas guardo minhas preocupações para mim. Se Ivy quer perseguir esse monstro até as profundezas do inferno, eu vou seguir.

É o mínimo que posso fazer para compensar por tê-la decepcionado antes.

Um estrondo distante ecoa pelos túneis, seguido pelo gemido de metal tensionado. Mais detritos caem do teto, forçando-nos a desviar. Wraith se curva protetoramente ao redor de Ivy, protegendo-a com seu corpo. A visão causa uma dor desconhecida no meu peito.

"Cuidado com onde pisa," eu aviso enquanto avançamos pelos escombros. "A integridade estrutural está comprometida. Um movimento errado pode derrubar o lugar todo."

"Obrigado pela observação óbvia, Doutor," Whiskey resmunga ao meu lado. "Tem mais alguma pérola de sabedoria para compartilhar?"

"Ah, ele tem pérolas," Valek balbucia do meu outro lado.

"Cale a boca," Whiskey e eu dizemos ao mesmo tempo.

Valek solta uma risada. "Vejo que o casal estranho já está completando as frases um do outro," ele diz em seu tom habitual de zombaria. Acho que ele está voltando ao normal.

Por enquanto.

Quando eu tiver minhas respostas, vou dar a ele uma lobotomia de cortesia. Deus sabe que seus ferimentos na cabeça têm se acumulado e causado o mesmo efeito. Poderia muito bem terminar o trabalho.

Então vou colocar um novo chip na parte de trás de seu pescoço, que claramente já foi pré-cortado para mim. Na verdade, estou chocado que ele conseguiu arrancar o chip sem se matar ou se paralisar.

Isso me faz pensar se ele teve ajuda.

Eu consigo juntar dois e dois. O desaparecimento dele com Ivy, as coisas que eles têm dito, o fato de Ivy ter claramente explicado *algo* a Wraith ou ele estaria estripando Valek com as próprias mãos por tê-la sequestrado…

Ela ajudou Valek a escapar?

Eu balanço a cabeça, recusando-me a me deixar espiralar por esse buraco de coelho. Nada disso importa agora. Preciso me concentrar em escanear nossos arredores. Em manter Ivy segura. O que aconteceu na base enquanto Thane, Wraith e eu estávamos naquela missão mal importa agora.

Ivy claramente não tem medo de que Valek vá machucá-la.

Ela parece irritada, não assustada.

Por outro lado, ela é incrivelmente corajosa.

Poucas ômegas seriam capazes de olhar para Wraith sem se mijar de medo, muito menos montar em suas costas com as pernas ao redor de sua cintura e os braços envoltos em seu pescoço cheio de cicatrizes.

E *nenhuma* ômega estaria indo direto para as entranhas do inferno para resgatar um monstro incrivelmente perigoso e ferido que ela nem conhece.

Nenhuma ômega além da nossa Ivy.

O túnel se alarga novamente. Meus olhos escaneiam em busca de ameaças, catalogando rotas de fuga potenciais. Múltiplas passagens se ramificam como artérias. O teto se estende para cima na escuridão. A água escorre pelas paredes em riachos constantes.

"Qual caminho?" Whiskey pergunta, sua voz ecoando.

Eu estudo o rastro de sangue, notando os padrões de respingos e a direcionalidade. "Aquele túnel." Eu aponto para o túnel mais à esquerda. "Com base no padrão de respingos de sangue, ele estava se movendo mais rápido que o normal. Provavelmente perdendo força devido à perda de sangue e desesperado para alcançar segurança."

"Bom," Thane resmunga, já indo naquela direção. "Talvez ele seja mais fácil de lidar dessa vez."

Ivy lança um olhar para ele que poderia congelar o inferno. "Nós não vamos machucá-lo."

Thane suspira exasperado, mas não discute.

Whiskey estava certo. Nós temos uma nova líder.

A caverna se estreita à frente, forçando-nos a prosseguir em fila única. O lugar perfeito para uma emboscada. O rastro do Cavaleiro segue direto por ali, sangue preto manchando as paredes onde sua massa blindada raspou ao passar.

Mas eu sigo em frente, mantendo o ritmo com os outros. Ivy precisa de mim—precisa de todos nós—quer eu mereça sua confiança ou não.

E desta vez, não vou falhar com ela.

Não importa quais horrores nos aguardem nas profundezas abaixo.

CAPíTULO

SEIS

WRAITH



Sangue preto marca nosso caminho.
Manchas escuras na pedra.
Cada passo nos leva mais fundo.
Para baixo.
Para baixo.
Para baixo.
O pequeno corpo de Ivy pressiona contra minhas costas.
Suas pernas envolvem minha cintura.
Braços ao redor do meu pescoço.
Seu cheiro enche meu nariz.
Madressilva e luz.
Cheira a verão.
A esperança.
Meu sol.
O sangue do Cavaleiro se mistura com sua doçura.
Espesso. Oleoso. Errado.
Tudo tão claro e nítido sem minha máscara.
Meu rosto se sente exposto.
Preciso da minha máscara.
Não suporto ser visto.
Pelo menos ela não pode me olhar enquanto está nas minhas costas.
Mas ela me olhou.

Me tocou.
Beijou me.
Meu peito aperta com a lembrança.
Seus lábios eram tão macios contra meus dentes afiados.
Carne delicada encontrando osso irregular e músculo exposto.
Senti o gosto de cobre na língua.
Seu sangue.
O pensamento faz a bile subir na minha garganta.
Eu a machuquei.
Eu sempre a machucarei.
Apenas por ser o que sou.
Monstro.
Aberração.
Coisa.
Os túneis se ramificam e se torcem.
Água pinga da pedra desmoronada.
Cada gota ecoa, marcando o tempo enquanto descemos.
Atrás de nós, minha matilha segue.
Seus cheiros carregam tensão.
Medo.
Raiva.
Eles estão prontos para a violência.
O Cavaleiro é perigoso.
Mesmo ferido, ele poderia matar todos nós.
Matar Ivy.
Eu sei disso.
Mas Ivy nos pediu para ajudá-lo.
Ivy é nossa deusa.
Então ajudaremos.
O cheiro de sangue fresco me atinge.
Perto agora.
Muito perto.
Meus músculos se contraem sob minha pele cicatrizada.
Sempre pronto para lutar.
Para proteger.
Para destruir.

Mas a pequena mão de Ivy aperta meu ombro.

Suave.

Calmante.

Sem violência.

Sem mais sangue.

Isso vai contra todos os impulsos ferozes gravados no meu DNA.

Rasgar.

Destruir.

Matar.

Mas vou tentar.

Por ela.

Minha linda e feroz companheira.

Minha companheira que olha para meu rosto devastado sem nojo.

Que sorriu para mim em vez de recuar em horror.

O rastro do Cavaleiro leva mais fundo nas sombras.

Minha visão se ajusta facilmente.

Eles fizeram meus olhos para a escuridão.

Para caçar.

Para a morte.

Mas posso usar esses "dons" para minha deusa.

Paz em vez de guerra.

Misericórdia em vez de assassinato.

A instalação se move acima de nós.

O concreto geme.

O aço grita.

O tempo está se esgotando.

Precisamos nos mover mais rápido.

O rastro de sangue do Cavaleiro mostra que ele está desacelerando.

Cambaleando.

As poças ficam maiores, mais próximas.

Ele está enfraquecendo.

Morrendo?

Não.

Vamos encontrá-lo.

Salvá-lo.

Porque ela nos pediu.

Porque ela vê algo que vale a pena salvar.

Como ela viu em mim.

Um estrondo particularmente alto vindo de cima.

Os braços de Ivy apertam meu pescoço.

Seu coração acelera contra minhas costas.

Ela está nervosa.

Mas não por minha causa.

Nunca por minha causa.

Como isso é possível?

Eu não mereço sua confiança.

Sua fé.

Seu a—

Não.

Não posso pensar nessa palavra.

Não é possível.

É esperar demais.

Foco na caça.

Em mantê-la segura.

Em seguir o rastro do Cavaleiro até o inferno, se necessário.

Porque ela pediu.

E eu não posso negar nada a ela.

O túnel se abre em uma câmara enorme.

Fungos e algas azul-esverdeados por toda parte.

O teto desaparece na escuridão acima.

Múltiplas passagens se ramificam como veias em carne moribunda.

E lá, encostado na parede ao fundo...

O Cavaleiro.

Seu braço mecânico faísca e se contorce.

Sangue preto se acumula sob ele, espalhando-se pela pedra.

Hastes de ferro saem de seu corpo enorme em ângulos estranhos.

As fendas azuis de sua máscara piscam fracamente.

Ele nos vê.

Um gemido oco ecoa por trás da máscara de ferro.

Dor.

Medo.

Ressignação.

Conheço esses sons.

Eu mesmo os fiz.

Ivy se contorce nas minhas costas, tentando descer.

Hesito.

Não é seguro.

Mas ela bate no meu ombro novamente.

Confie nela.

Eu me agacho, deixando-a deslizar para baixo.

Minha pele fica fria sem o calor dela pressionado contra mim.

Vazia.

Ela dá um passo em direção ao Cavaleiro.

Todo instinto grita para agarrá-la.

Protegê-la.

Escondê-la.

Mas não me movo.

Observo.

E espero.

Pronto para destruir o mundo se ele se mover de forma errada.

Mas ele também não se move.

Todos seguramos a respiração enquanto Ivy se aproxima dele.

Mão estendida para a fera selvagem.

Nossos destinos equilibrados na borda de sua misericórdia.

Meus músculos se contraem enquanto Ivy se estende para ele.

Sua pequena mão paira sobre a máscara de ferro do Cavaleiro.

Todo instinto grita para eu puxá-la de volta.

Mas me forço a ficar parado.

A confiar nela.

As fendas azuis da máscara do Cavaleiro brilham mais forte quando ela toca o metal frio.

Um rosnado baixo surge em seu peito.

Mas não ameaçador.

Não como os sons que ele fez para nós.

Isso é diferente.
Mais suave.
Como os sons que eu faço para ela.
Minha matilha se move atrás de mim.
Seus cheiros carregam medo, raiva, sede de sangue.
Prontos para atacar se ele se mover de forma errada.
Mas ele não vai.
Sei que ele não vai.
Vejo a mim mesmo nele.
Destruído.
Arruinado.
Monstro tentando ser homem.
Mas ela vê além disso.
Além da raiva, das cicatrizes e da dor.
Como ela vê além das minhas.
"Precisamos tirá-lo daqui," Ivy diz.
Sua voz é suave, mas carrega aço por baixo.
Whiskey resmunga. "*Como*?"
Eu rosno para ele sem pensar.
Ele recua um passo.
Bom.
A cabeça do Cavaleiro se vira para o som.
Mas a mão de Ivy em sua máscara o mantém parado.
Sangue preto escorre constantemente de onde arrancamos suas hastes.
Ele está morrendo.
Lentamente.
Eu agarro uma das correntes grossas que saem de suas costas.
Começo a puxar.
O metal geme enquanto seu peso enorme se move.
Thane se move primeiro, pegando outra corrente.
Então Whiskey e Plague.
Até Valek, ainda cambaleando, agarra um pedaço de ferro.
Arrastamos o Cavaleiro pelos túneis.
Seu sangue marca nosso caminho novamente.
Manchas pretas na pedra pálida.

Água pinga.

O concreto geme.

O tempo está se esgotando acima de nós.

Mas continuamos nos movendo.

Por ela.

Para cima.

Para cima.

Para cima.

O braço mecânico do Cavaleiro faísca e se contorce.

O brilho de sua máscara pisca cada vez mais fraco.

Morrendo.

Mas não morto.

Ainda não.

Ainda podemos salvá-lo.

Ivy caminha ao lado de sua cabeça, uma mão ainda tocando sua máscara.

Dizendo palavras suaves que não consigo ouvir sobre o som das correntes e rosnados.

Thane olha para mim.

De novo.

Por quê?

Pare de olhar para mim, irmão.

Mantenho a cabeça baixa.

Não suporto que eles vejam.

Mas os olhos de Ivy não carregam horror.

Apenam algo que parece perigosamente como amor.

Ela quis dizer o que disse?

Ela realmente me ama?

Ela não pode.

Mas ela disse.

E eu confio nela.

Ela… me ama.

Ivy me ama.

CAPíTULO

SETE

THANE



Um outro pedaço de concreto cai atrás de nós enquanto arrastamos o corpo sangrando do Cavaleiro pelo túnel inundado. O impacto envia ondulações pela água podre aos nossos pés. Meu ombro grita de dor com o esforço de puxar a corrente grossa, mas eu continuo puxando.

Não consigo desviar os olhos de Wraith. A gentileza nos movimentos do meu irmão enquanto ele guia o corpo massivo do Cavaleiro pela passagem apertada... é como observar uma pessoa diferente.

Este é o mesmo alfa que despedaça nossos inimigos com as próprias mãos. O mesmo alfa que eu temia que machucasse Ivy, mesmo que não fosse de propósito, se ele participasse em aliviá-la durante o cio dela.

Agora ele está seguindo os comandos sussurrados dela como um cão ansioso, ajustando o aperto nas correntes quando ela sinaliza que o Cavaleiro precisa de mais apoio. Seus dentes afiados brilham na luz fraca quando ele se vira para checar nela, normalmente tão temeroso de que alguém veja seu rosto a ponto de ter colapsos explosivos e letais quando isso acontece. Mas ela apenas lhe dá aquele sorriso suave que faz toda a sua postura mudar.

Meu peito aperta.

Eu costumava ser aquele a quem ele ouvia. Aquele que podia controlá-lo, mesmo que apenas por pouco. Agora nossa ômega o

tem enrolado em seu dedo.

E o resto de nós também.

"Precisamos acelerar o passo," digo, observando o rastro de sangue preto atrás de nós. "Eles serão capazes de seguir isso."

Os olhos de Ivy se fixam nos meus, ferozes e inflexíveis no brilho fosforescente. Eu fecho a boca, o resto da minha sugestão morrendo na minha garganta.

Um olhar é o suficiente.

Quando isso aconteceu?

"Os suportes estruturais não vão aguentar por muito mais tempo," Plague murmura, sua mente analítica ainda rodando cenários mesmo enquanto ele puxa sua parte da corrente. "Se alguém estiver nos seguindo, eles não vão durar muito. Mas nesse ritmo, nós também não. Precisamos de uma estratégia de saída."

"Foda-se estratégias de saída," Whiskey grunhe, cavando os calcanhares enquanto continua puxando o Cavaleiro para frente. "Precisamos de um maldito milagre."

A máscara de ferro do Cavaleiro se vira para a voz de Whiskey, as fendas azuis dos olhos brilhando mais intensamente por um momento. Um rosnado oco ecoa por trás do metal enquanto ele tenta levantar a cabeça.

Parece meio ameaçador.

"Shh," Ivy acalma, sua mão pequena pressionando contra o ferro frio. "Guarde suas forças."

Para meu choque, o monstro se acalma com seu toque. Seu corpo massivo fica dócil enquanto o arrastamos por outra curva no túnel. Mesmo morrendo, ele poderia acabar conosco se quisesse. Mas ele cede a ela como um animal ferido aceitando ajuda.

Como Wraith fez.

Como todos nós fazemos.

E o Conselho acha que ômegas são supostamente a classe mais fraca? Tudo naqueles livros que eu tenho estudado e anotado era uma completa e absoluta besteira.

"Esquerda," Plague grita, sua voz cortando meus pensamentos. "O túnel se alarga à frente."

Ajustamos nosso caminho, as correntes rangendo enquanto manobramos o corpo do Cavaleiro pela passagem estreita. Seu braço mecânico raspa na parede, soltando faíscas. Mais sangue preto escorre dos buracos onde algumas de suas hastes de ferro costumavam estar, misturando-se com a água abaixo. As outras cavam sulcos na pedra, faiscando e fumegando.

A cabeça de Wraith se ergue, olhos azuis brilhando. Ele sinaliza com uma mão, mantendo o aperto na corrente.

Guardas acima. Movendo-se rápido.

"Quantos?" eu pergunto.

Ele balança a cabeça. Muitos para contar.

Ótimo.

Uma explosão sacode o túnel, mais perto desta vez. Detritos caem, forçando-nos a nos pressionar contra as paredes. Ivy tropeça e cinco alfas se lançam para pegá-la. Mas Wraith já está lá, seu corpo massivo curvado protetoramente ao redor do corpo menor dela.

A visão acende algo no meu peito.

Orgulho?

Medo?

Ambos?

Este não é o alfa feroz com quem eu cresci. Aquele que precisava de supervisão constante, que podia surtar a qualquer momento.

Este é... mais.

Melhor.

Ela fez isso.

Nossa pequena ômega feroz com seu coração de aço e compaixão infinita. Ela viu além do monstro, para o homem por baixo. Além de toda a nossa escuridão, para algo que valia a pena salvar.

Somos todos monstros, realmente, mesmo que não pareçamos.

E, apesar de sua aparência e temperamento violento, Wraith pode ser o menos monstruoso de todos nós. Ele é o único que não se inscreveu para essa merda. Eu posso ter sido preparado para violência e derramamento de sangue também, mas eu *queria* lutar

por meus ideais—pelos ideais do nosso pai, que aparentemente também são uma completa besteira—desde o primeiro dia.

Mas Wraith não.

Tudo o que ele queria era um lar.

Uma família.

Eles tiveram que *fazer* ele assim.

Transformá-lo em um assassino sedento de sangue.

E eu ajudei.

Wraith se perdeu, e Ivy o encontrou.

Não eu.

Ivy.

Que tipo de irmão eu sou?

Dezesseis Anos Atrás...

O RELÓGIO DE PAREDE no saguão bate meio-dia, sua ressonância profunda ecoando pelos corredores vazios de nossa propriedade ancestral. Eu fico em meu posto habitual no topo da grande escadaria, observando partículas de poeira dançarem nos raios de luz outonal que entram pelas janelas altas. O piso de mármore abaixo brilha como espelhos polidos, refletindo o vermelho e ouro das folhas caindo lá fora.

Este é meu lugar favorito para observar as idas e vindas do meu pai sem ser visto. Daqui, posso avaliar seu humor antes que ele me note—se ele está bêbado, bravo ou em um de seus raros estados amigáveis. É uma habilidade de sobrevivência que aperfeiçoei ao longo dos anos.

A pesada porta de carvalho range ao abrir em suas antigas dobradiças, derramando a luz do final do outono sobre o piso de mármore polido. As botas do meu pai ecoam contra a pedra enquanto ele entra, mas algo está diferente hoje.

Uma sombra o segue.

Eu congelo, minha mão apertando o corrimão ornamentado até meus nós dos dedos ficarem brancos. A sombra se resolve em um garoto, embora ele seja mais alto que eu, apesar de parecer ter a

minha idade. Seus ombros são incrivelmente largos, músculos ondulando sob uma camisa pequena demais e um casaco militar padrão que já viu dias melhores. Uma bandana azul escura e suja cobre a parte inferior de seu rosto, mas ele continua ajustando-a com mãos que poderiam esmagar pedras.

Essas mãos chamam minha atenção. Estão cheias de cicatrizes e calos, mas se movem com uma delicadeza estranha, como se ele estivesse aterrorizado de quebrar tudo o que toca. Seus dedos roçam na moldura da porta ao entrar, testando sua solidez.

"Thane." A voz do meu pai corta o ar parado como um chicote. Seus olhos me encontram instantaneamente—eles sempre fazem isso. "Desça aqui."

Eu desço lentamente, contando cada degrau enquanto estudo nosso visitante. Dezessete degraus. Eu sei porque os contei milhares de vezes, geralmente enquanto tentava adivinhar o humor do meu pai.

Hoje, seu rosto não revela nada, mas há um brilho em seus olhos que eu não gosto.

O tipo que ele tem quando adquire uma nova arma.

O garoto não olha para cima, mantendo a cabeça abaixada e os ombros curvados como se tentasse dobrar seu corpo massivo para parecer menor. Seu olhar percorre a sala, mapeando saídas, verificando cantos—os hábitos de alguém acostumado a ser caçado. Mas eu capto vislumbres de olhos azuis intensos sob seus cabelos escuros e bagunçados, cheios de uma agonia tão crua que é difícil manter o contato visual com ele.

Não que ele esteja tentando, também.

"Este é seu novo irmão," meu pai anuncia. "O nome dele é Wraith."

Nenhuma explicação.

Nenhum histórico.

Apenas outro decreto que devo aceitar sem questionar, como tudo mais nesta casa.

O garoto se encolhe com as palavras "irmão" e "Wraith", mas, fora isso, permanece imóvel. De perto, vejo as bordas de cicatrizes em suas bochechas e sobre seu olho espiando por baixo da

bandana. O que quer que tenha acontecido com seu rosto, ele está tentando esconder.

É por isso que o nome dele é Wraith?

Parece muito cruel.

"Leve-o para a ala leste," ordena o pai. "Mostre a ele seu quarto."

Estou extremamente confuso, mas não é a primeira vez que ele faz algo inesperado, se não insano, sem explicar nada, e sei que não será a última. Então eu aceno com a cabeça, gesticulando para o garoto seguir. Ele se move com uma graça não natural para alguém tão grande, cada passo cuidadosamente medido. Como se estivesse com medo de quebrar o chão sob seus pés descalços.

Os servos se dispersam enquanto passamos, pressionando-se contra as paredes e se escondendo nas portas. Seus sussurros temerosos nos seguem escada acima.

"Você viu o tamanho dele?"

"Essas cicatrizes..."

"Que tipo de monstro..."

Os ombros do garoto se curvam ainda mais com cada palavra.

Eu ando mais rápido, levando-o para longe de seus murmúrios cruéis. A ala leste se estende à nossa frente, um labirinto de portas fechadas e alcovas sombrias.

Perfeito para se esconder.

"Este é o seu," digo, abrindo a porta de um quarto não utilizado. Ele hesita no limiar, aqueles olhos azuis escaneando cada canto antes de entrar devagar. Suas mãos enormes passam por tudo—o poste da cama, as cortinas, a cômoda—mapeando seu novo território através de contato cuidadoso.

"O jantar é às sete," eu digo a ele. "Mas você pode comer no seu quarto se preferir."

Ele acena com a cabeça uma vez, já recuando para as sombras perto da janela. Eu o deixo lá, fechando a porta suavemente atrás de mim.

Naquela noite, fico acordado ouvindo o rangido do assoalho enquanto ele explora. Seus passos param diante da minha porta mais de uma vez, mas ele nunca entra. Quando espio, vejo

momentos em que ele toca o papel de parede, as molduras das fotos, os móveis. Aprendendo as texturas de seu novo mundo.

Ele não dorme.

Os dias passam. O garoto desaparece durante o dia, encontrando todos os esconderijos possíveis. Armários, vãos, o espaço atrás da estante da biblioteca. Ele age mais como um animal selvagem do que como um humano. Os criados deixam comida do lado de fora de sua porta, mas ele só come quando eles se vão. Nunca há qualquer sinal de que ele sequer existe.

A paciência do pai se esgota rapidamente. Ele arrasta o garoto de seus santuários, obriga-o a sentar-se em jantares formais, mesmo que ele apenas nos encare e se recuse a tirar a bandana que cobre a parte inferior do rosto, exigindo que ele aja de forma "normal". Mas quanto mais ele pressiona, mais o meu estranho novo irmão se recolhe dentro de si mesmo. Aqueles olhos azuis ficam vidrados, e nenhum grito ou sacudida consegue trazê-lo de volta.

Encontro-o no meu armário uma noite, com os joelhos encostados no peito. Em vez de contar a alguém, sento-me com meu irmão até o amanhecer. Isso se torna nossa rotina. Ele se esconde, eu guardo seus segredos. Às vezes, leio em voz alta ou falo baixinho enquanto ele ouve em silêncio.

Não tenho certeza se ele consegue falar.

O pai nunca entende que sua nova "arma" não precisa de força. Ele precisa de tempo. Espaço. Gentileza. Mas a cura não faz parte do plano do General Hargrove para forjar o soldado perfeito.

"Ele está quebrado", declara o pai uma noite, andando de um lado para o outro em seu escritório enquanto eu fico em posição de sentido. "Inútil. Pensei que ele seria um guerreiro quando o encontramos coberto de sangue e entranhas, não uma besta muda que se esconde em cantos escuros."

Eu não digo nada, mantendo meu rosto cuidadosamente neutro. O pai não sabe sobre o manequim de treino que encontrei destruído no jardim. Sobre os amassados nas paredes de pedra que parecem feitos por punhos enormes. Sobre o poder bruto contido naquele corpo enorme, mantido sob controle por uma vontade de ferro.

"Talvez métodos mais agressivos sejam necessários", pondera o pai.

"Deixe-me trabalhar com ele", interrompo, quebrando o protocolo. "Dê-me tempo."

Os olhos do pai se estreitam. "Tempo é um luxo que não temos, garoto. A guerra está chegando. Preciso de soldados, não de brinquedos quebrados."

"Duas semanas", insisto. "Se eu não fizer progresso até lá..."

"*Uma* semana." O pai senta-se atrás de sua mesa, me dispensando. "Não me decepcione, Thane."

Encontro meu novo irmão na biblioteca naquela noite, agachado em seu lugar habitual atrás das estantes. Mesmo estando sozinho, ele ainda está usando aquela bandana. Quando me aproximo, ele levanta a mão, tocando a borda para garantir que ainda está no lugar.

Que tipo de monstros fariam isso com uma criança?

Abaixo-me ao lado dele nas sombras das estantes da biblioteca. "Você está seguro aqui", digo suavemente, mantendo distância. "Ninguém vai fazer você tirá-la."

Seus olhos azuis se voltam para os meus, depois se desviam. Aquelas mãos enormes se abrem e fecham no colo. Mesmo sentado, ele é maior do que eu. Mas não há nada ameaçador em sua postura. Se algo, ele está tentando se fazer menor.

"O pai não entende", continuo, observando suas reações com cuidado. "Mas eu entendo. Ou pelo menos estou tentando."

Uma leve inclinação da cabeça. Ele está ouvindo.

"Eu sei que você pode lutar. Vi o que você fez com o manequim de treino no jardim." Seus ombros se tensionam. "Não se preocupe. Não vou contar a ninguém. Mas você não precisa esconder sua força de mim."

Seus olhos encontram os meus novamente, mantendo o contato por mais tempo desta vez. Há inteligência ali. Dor, sim, mas também uma consciência aguda que o general parece não enxergar.

"Você não está quebrado", digo com firmeza. "Você está se protegendo. Há uma diferença."

Ele se move, o assoalho rangendo sob seu peso. Uma das mãos sobe para tocar a bandana novamente, um gesto inconsciente que notei que ele faz quando está nervoso. Suas mãos são tão grandes e fortes, mas ele ainda é claramente capaz de movimentos delicados.

Uma ideia me ocorre.

Se ele é mudo, talvez haja outra maneira de ele se comunicar.

A biblioteca se estende ao nosso redor, estantes e mais estantes de conhecimento. O orgulho e a alegria do pai, embora ele raramente leia algo que não sejam textos militares.

Mas em algum lugar aqui...

"Fique", digo a Wraith suavemente. Seus olhos me seguem enquanto me levanto, acompanhando meus movimentos como um animal selvagem pronto para fugir. "Quero tentar algo."

Examino as estantes metodicamente, indo mais fundo nas pilhas.

Textos médicos.

Relatos históricos.

Estratégia militar.

Finalmente, em um canto empoeirado, encontro o que procurava. Um volume fino sobre sinais manuais militares, usados para comunicação silenciosa no campo. Não exatamente o que eu preciso, mas é um começo.

Quando volto, Wraith se encolheu ainda mais em seu canto. Seus ombros se curvam à minha aproximação, fazendo seu corpo enorme parecer menor de alguma forma. A visão causa uma dor no meu peito.

"Olhe", digo, segurando o livro. Ele se encolhe violentamente, as mãos subindo para proteger o rosto. A reação me atinge como um soco no estômago.

Ele acha que vou bater nele com o livro?

Eu congelo, então me sento lentamente no chão, com as pernas cruzadas, colocando o livro entre nós. "Ninguém vai te machucar", digo, mantendo minha voz baixa e calma. "Você está seguro."

Suas mãos baixam um pouco. Aqueles olhos azuis intensos alternam entre meu rosto e o livro, calculando.

Avaliando a ameaça.

Abro o livro na primeira página, com movimentos deliberados e lentos. "Veja? É sobre sinais manuais. Maneiras de falar sem usar a voz." Demonstro o sinal para "olá", meus dedos desajeitados enquanto copio a ilustração.

A cabeça de Wraith se inclina levemente.

Curioso, apesar do medo.

Deslizo o livro para mais perto dele, tomando cuidado para não fazer movimentos bruscos. "Podemos aprender juntos. Se você quiser."

Sua mão se aproxima lentamente da página. Prendo a respiração, sem ousar me mover. Seus dedos tocam o papel, traçando a ilustração com uma suavidade surpreendente para mãos tão grandes.

Então, cometo um erro.

Estendo a mão para virar a página, e meu braço roça o dele. Ele rosna, o som saindo de sua garganta como vidro quebrado. Puxo minha mão de volta, mas não recuo completamente.

"Desculpe", digo rapidamente. "Isso foi estúpido. Sem toques. Eu entendo."

O rosnado diminui para um grunhido baixo, depois silêncio. Seus olhos permanecem fixos no livro, os ombros rígidos de tensão. Mas ele não fugiu. Não se recolheu como faz quando nosso pai pressiona demais.

Considero isso um bom sinal.

"Vamos tentar este", digo, apontando para outra ilustração sem tocar na página. O sinal para "sim"—um punho balançando para cima e para baixo. Demonstro, observando sua reação.

Por um longo momento, ele não se move. Então, lentamente, sua mão se fecha em um punho. O movimento é hesitante, incerto. Mas ele copia o sinal perfeitamente.

Meu coração dispara. "Muito bem! Isso mesmo."

Ele abaixa a cabeça com o elogio, mas percebo os cantos de seus olhos se enrugando levemente. O mais próximo de um sorriso que já vi nele.

Na verdade, não tenho certeza se ele *consegue* sorrir, considerando o quanto seu rosto está marcado. É claro, mesmo que

a maior parte dos danos esteja escondida pela bandana que ele insiste em manter.

Trabalhamos em mais sinais. *Não. Pare. Perigo.*

Sinais militares básicos no início, depois começo a improvisar.

Criando nossos próprios sinais para coisas como "fome" e "cansado". Ele os aprende com uma velocidade impressionante, suas mãos ficando mais confiantes a cada nova palavra.

A luz da vela diminui enquanto praticamos, as sombras se alongando ao nosso redor. Mas não quero parar. Este é o momento mais longo que ele passa engajado com alguém desde que chegou.

Ele toca a página, chamando minha atenção para um novo sinal. Suas mãos executam o movimento—dedos abertos, depois curvados para dentro. O sinal para "irmão".

Minha garganta aperta. "Sim", digo com voz rouca. "Irmão."

Seus olhos encontram os meus, mantendo o contato firmemente pela primeira vez. Então, suas mãos se movem novamente, formando deliberadamente os sinais que aprendemos.

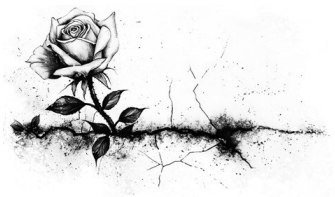
Obrigado, irmão.

As palavras não são perfeitas. A gramática provavelmente está toda errada. Mas eu entendo. E, pela primeira vez desde que o pai trouxe esse garoto estranho e marcado para casa, sinto que talvez—

Não. Não talvez.

Eu *sei* que posso ajudá-lo a se curar.

Um sinal de cada vez.



A CABEÇA DO MANEQUIM DE TREINO se move para trás quando o punho de Wraith acerta. Sua forma melhorou nos últimos dias. Nenhum movimento desperdiçado. Puro poder concentrado. Eu circulo atrás dele, estudando sua técnica.

"Bom. Agora tente aquela combinação que trabalhamos."

Ele acena com a cabeça, assumindo uma postura de luta. Seus ombros se movem sob a camisa, os músculos se contraindo antes que ele desencadeie uma série devastadora de golpes. Jabe de esquerda, cruzado de direita, gancho de esquerda. O manequim balança na base, palha saindo de rasgos frescos na lona.

O pai observa da janela de seu escritório. Posso sentir seus olhos sobre nós, avaliando. Julgando. Mas, pela primeira vez, não há desaprovação em seu olhar.

Apenas cálculo frio.

"De novo", digo. "Desta vez, mais rápido."

Os punhos enormes de Wraith se movem rapidamente pelo ar. A cabeça do manequim se desfaz, o enchimento explodindo para fora. Ele recua, o peito ofegante, e olha para mim em busca de aprovação.

Não consigo evitar um sorriso. "Muito bem, irmão. Quer tentar com um alvo em movimento?"

Seus olhos brilham. Estávamos trabalhando para isso. Um sparring de verdade. Ele assume a posição diante de mim, saltando levemente na ponta dos pés, apesar de seu tamanho enorme.

"Lembre-se", digo, levantando as mãos. "Controle. Poder sem precisão é inútil."

Ele acena com a cabeça, então avança. Esquivo seu primeiro soco, contra-atacando com um jab rápido nas costelas. Ele absorve o golpe como se não fosse nada, já lançando outra combinação. Bloqueio alto, agacho baixo, me movendo em um círculo constante para evitar ficar preso contra seu alcance e força superiores.

Trocamos golpes, encontrando um ritmo. Ele está aprendendo a controlar seu poder bruto, a pensar taticamente em vez de confiar apenas na força bruta. O orgulho cresce em meu peito. Ele chegou tão longe do garoto assustado que se escondia em armários.

Então acontece.

Meu cotovelo acerta a borda de sua bandana enquanto desvio de um gancho. O tecido se solta, flutuando no chão entre nós. O tempo desacelera quando vejo seu rosto pela primeira vez de verdade.

As cicatrizes são piores do que eu imaginava. Linhas irregulares de tecido cicatricial onde suas bochechas deveriam estar. Músculos e

tendões expostos emolduram uma boca cheia de dentes anormalmente afiados, expostos em um sorriso permanente. Como algo saído de um pesadelo.

Mas seus intensos olhos azuis estão cheios de puro terror.

Abro a boca para dizer que está tudo bem.

Que nada mudou.

Mas antes que eu possa falar, ele está em cima de mim.

O pânico cru o impulsiona agora. Seus golpes vêm selvagens e desesperados. Mal consigo bloquear um soco que teria arrancado minha cabeça. Ele ruge, um som de pura angústia e raiva que congela o sangue em minhas veias.

"Wraith, pare! Sou eu!"

Mas ele está além de ouvir.

Além da razão.

Seu punho atinge minha guarda, quebrando meu antebraço. O osso se parte com um estalo horrível. A dor explode em meu corpo quando caio no chão. Antes que eu possa rolar para longe, seu peso enorme me imobiliza.

Aqueles dentes afiados brilham sob a luz do sol. Levanto meu braço bom para proteger minha garganta, mas ele crava os dentes em meu braço. Seus dentes rasgam músculos e tendões como navalhas. Sangue jorra.

Eu grito, o som arrancado de minha garganta. "Irmão, por favor!"

Ele rosna para mim, sangue escorrendo de seus dentes expostos. Suas mãos se fecham em torno de minha garganta, esmagando minha traqueia. Manchas negras dançam na borda de minha visão enquanto olho para aqueles olhos azuis selvagens que não mostram reconhecimento.

Apenas terror animal cego.

Meus dedos se agitam inutilmente em seu aperto de ferro. Não consigo respirar. Não consigo pensar. O mundo se reduz àqueles dentes selvagens se fechando a centímetros de meu rosto, fios de meu sangue os conectando como teias de aranha carmesim.

Então algo brilha em seu olhar.

Reconhecimento.

Horror.

Suas mãos soltam minha garganta. Eu puxo uma respiração desesperada enquanto ele recua, olhando para suas mãos ensanguentadas como se pertencessem a outra pessoa.

"Espere—" tento dizer, mas só consigo emitir um som rouco e fraco.

Antes que eu possa impedi-lo, ele se vira e corre em direção à floresta.

Gritos ecoam da casa.

Guardas saem de todas as portas, armas em punho.

"Não!" Eu pego a bandana dele e corro atrás da figura de Wraith em retirada, mas ele é incrivelmente rápido para alguém do seu tamanho. Minhas botas batem contra a grama bem cuidada enquanto o persigo em direção à linha das árvores. "Irmão, espere!"

Os guardas se espalham atrás de mim, rifles levantados. Seus passos ecoam pelo gramado em perseguição. A voz do pai ressoa da casa, ordenando que contenham a situação.

Que o derrubem.

Wraith alcança a floresta, arrombando a vegetação rasteira como um animal ferido. Galhos se quebram sob seu corpo enorme enquanto ele foge para mais fundo nas sombras. Eu sigo o rastro de destruição, ignorando os espinhos que rasgam minhas roupas e pele.

"Abaixe-se!" um dos guardas grita.

"Não!" eu grito de volta. "Segurem o fogo! Isso é uma ordem!"

Mas eles não respondem a mim.

O primeiro tiro ecoa pelo ar. Wraith tropeça, uma mancha vermelha surgindo em sua camisa. Ele não cai. Nem mesmo diminui o ritmo. Mais tiros seguem, o som ecoando entre as árvores.

Dou uma arrancada, meus pulmões queimando.

Preciso alcançá-lo antes deles.

Preciso protegê-lo.

Meu irmão pode ser enorme e incrivelmente forte, mas agora ele está correndo com puro terror. Sem pensar. Sem lutar.

Apenas tentando escapar.

Os guardas estão nos alcançando. Ouço sua respiração ofegante, suas botas esmagando folhas caídas.

Eles estão se espalhando, tentando nos cercar.

Nos encurralar.

Ali—um flash de movimento à frente. Wraith atingiu um barranco, as paredes íngremes bloqueando seu caminho. Ele se vira, procurando uma rota de fuga, mas estamos cercados. Guardas emergem das árvores, armas apontadas para seu corpo enorme.

"De joelhos!" um deles grita. "Mãos onde possamos vê-las!"

Wraith encosta-se na parede do barranco, seu peito ofegante. Sangue escorre de múltiplos ferimentos, manchando suas roupas rasgadas, escorrendo por seu rosto marcado e dentes afiados, misturando-se ao meu próprio sangue.

Seus olhos se movem desesperadamente, procurando uma saída.

Mas não há uma.

Eu me coloco entre ele e os guardas, com as mãos levantadas. "Abaixem as armas! Ele não é uma ameaça!"

"Afaste-se, jovem mestre!" diz o capitão dos guardas. "Esse monstro é perigoso. Vimos o que ele fez com você."

"Ele é meu irmão!"

"Saia do caminho, Thane."

A voz do pai corta a tensão como uma lâmina. Ele entra na clareira, suas botas esmagando folhas caídas. Seu rosto é como pedra enquanto observa a cena.

"Pai, por favor—"

"Eu disse para sair."

Mantenho minha posição. "Ele estava assustado. Só isso. Ele não queria—"

A parte de trás de sua mão atinge meu rosto, me fazendo cambalear. "Quando eu dou uma ordem, você obedece."

Dois guardas agarram meus braços, me arrastando para o lado. Eu luto contra o aperto deles, mas são fortes demais. "Não! Deixem ele em paz!"

O pai se aproxima de Wraith, que se pressiona ainda mais contra a parede do barranco. Seus ombros enormes se curvam para dentro, tentando parecer menor. Menos ameaçador. Suas mãos enormes se

levantam para proteger o rosto—não para se proteger, mas para cobrir suas cicatrizes e dentes ensanguentados.

A visão é como uma facada no meu peito.

"Eu tinha tantas esperanças para você", diz o pai, sua voz fria de decepção. "Mas você não passa de um animal. Imprevisível. Inútil."

Seu punho atinge o estômago de Wraith. Meu irmão se dobra com um som abafado. O pai segue com um gancho brutal que faz a cabeça de Wraith bater contra a pedra. Sangue jorra de sua boca destruída.

"Pare!" Eu me debato contra os guardas que me seguram. "Você está matando ele!"

O pai me ignora, quebrando metodicamente o garoto maior com golpes precisos. Ele pode ser menor que Wraith, mas é um assassino treinado. Cada golpe mira em pontos fracos, áreas vulneráveis.

Wraith não revida.

Nem tenta se defender.

Ele apenas aceita.

Como se merecesse.

"Reaja!" Eu grito para ele. "Wraith, por favor!"

Mas ele não reage. Seus olhos azuis encontram os meus por uma fração de segundo, cheios de uma resignação que quebra algo dentro de mim.

Ele desistiu.

Aceitou qualquer punição que lhe derem.

Mesmo que seja a morte.

Não!

Eu jogo minha cabeça para trás, acertando um guarda no rosto. Quando seu aperto afrouxa, eu cravo meu cotovelo no plexo solar do outro. Eles me soltam e eu corro para frente, me jogando entre meu pai e meu irmão.

"Chega!" Eu grito.

O punho do pai para a centímetros do meu rosto. "Saia do caminho."

"Não." Endireito minha coluna, encarando-o. "Se você quer machucá-lo, terá que passar por mim primeiro."

"Ele é perigoso, Thane. Um risco. Olhe o que ele fez com o seu maldito braço!"

Olho para meu antebraço quebrado e percebo que está pendurado inutilmente ao meu lado. O outro braço ainda funciona, e eu consigo fechar o punho, mesmo que seja excruciante, mas parece que foi atacado por um lobo.

"Ele é meu irmão." Não recuo, mesmo quando os olhos do pai se estreitam perigosamente. "Então deixe-me lidar com isso."

"Ele precisa ser eliminado."

"Ele precisa de tempo!" Gesto para a forma encolhida de Wraith. "Olhe para ele, pai. Olhe de verdade. Ele não está revidando. Não está atacando. Ele está aterrorizado."

O maxilar do pai se contrai.

Por um longo momento, ninguém se move.

O único som é a respiração ofegante de Wraith atrás de mim.

Finalmente, a mão do pai cai ao seu lado. "Tudo bem. Então ele é sua responsabilidade. Mas se ele perder o controle assim novamente..." Seus olhos se endurecem. "Não serei tão misericordioso."

"Ele não vai", digo rapidamente. "Vou trabalhar com ele. Treiná-lo corretamente."

"Veja que o faça." O pai se vira, gesticulando para os guardas o seguirem. "Porque se ele errar de novo—se *você* errar—vocês dois pagarão o preço."

Eles nos deixam lá, meu irmão sangrando no chão enquanto eu fico de guarda sobre ele. Quando seus passos desaparecem, eu me viro para verificar seus ferimentos.

Ele se encolhe ao meu toque, tentando se fazer ainda menor.

"Ei", digo suavemente, agachando-me ao lado dele. "Está tudo bem."

Seus ombros tremem. Se de dor ou medo, não sei dizer. Provavelmente ambos. O sangue escorre constantemente de seus ferimentos e mandíbulas, encharcando a terra sob nós.

"Aqui", murmuro, puxando a bandana dele do meu bolso. Ele se encolhe novamente, como se eu estivesse sacando uma arma. Quando vê que é sua máscara improvisada, ele a pega de mim e a

amarra rapidamente sobre a parte inferior do rosto. Então ele volta a me encarar com cautela.

"Eu não vou te machucar", continuo, mantendo minha voz suave. "Eu só quero ajudar. Você vai me deixar?"

Mais olhares temerosos sobre suas mãos.

Lentamente, muito lentamente, ele acena com a cabeça.

Eu tiro minha camisa, usando-a para limpar parte do sangue de seu rosto devastado. Ele rosna e se encolhe, então volto minha atenção para os ferimentos em seu corpo causados pelas balas que o atingiram. Não parece que atingiram nada vital, mas ele precisará de pontos. Sua resistência é... impressionante, para dizer o mínimo.

O tempo todo, seus olhos permanecem fixos no chão, a vergonha emanando de cada linha de seu corpo enorme. Ele continua olhando para meu braço ferido, onde ele afundou os dentes em mim.

Eu também vou precisar de pontos, mas vou me curar.

"Isso não foi sua culpa", digo com firmeza. "Eu não deveria ter baixado a guarda durante o treino. Deveria ter sido mais cuidadoso com sua máscara."

Ele balança a cabeça, as mãos se movendo em sinais hesitantes.

Monstro.

Perigoso.

Deve me matar.

"Não." Eu seguro seu ombro, esperando até que ele olhe nos meus olhos. "Você não é um monstro. Você é meu irmão. E eu não vou desistir de você."

Ele continua me encarando.

Eu o puxo para um abraço cuidadoso, com apenas um braço, atento aos seus ferimentos e ao que ele fez todas as outras vezes que o toquei. Seu corpo enorme treme contra o meu, e ele fica rígido, como se estivesse fazendo tudo ao seu alcance para não me empurrar, mas ele permanece imóvel, congelado em meus braços.

Eu o seguro até que os tremores parem, até que sua respiração se normalize. "Vamos resolver isso", prometo. "Certo?"

Ele se afasta o suficiente para fazer sinais com as mãos trêmulas.

Por quê?

"Porque é isso que irmãos fazem." Eu me levanto, oferecendo minha mão. "Agora vamos. Vamos cuidar de você antes que esses ferimentos infeccionem."

Ele olha para minha mão estendida por um longo momento. Então, lentamente, ele a pega. Eu ajudo a levantar seu corpo enorme, apoiando-o enquanto começamos a longa caminhada de volta para casa.

Um passo de cada vez.

CAPíTULO

OITO

IVY



As barras de ferro nas costas do Cavaleiro cavam sulcos profundos na neve enquanto o arrastamos para fora dos túneis e para a neve cada vez mais espessa além da instalação. Seu sangue preto mancha o branco imaculado como tinta. Vapor sobe de seu corpo enorme, apesar do ar gelado da montanha cortar meu fino vestido de hospital.

Atrás de nós, outra seção da instalação desaba com um estrondo ensurdecedor. A destruição nos persegue até o pátio, concreto e aço gemendo enquanto o prédio se desfaz.

"Transporte!" Whiskey grita sobre o caos. "Grande o suficiente para todos nós!"

Ele corre em direção a um veículo militar enorme, seu motor ainda em marcha lenta. O resto do bando se espalha, fornecendo cobertura enquanto os guardas abrem fogo das seções restantes da instalação. Balas levantam respingos de neve ao nosso redor.

Wraith e Thane puxam as correntes, arrastando o corpo sangrento do Cavaleiro em direção ao transporte. Sua máscara de ferro raspa o chão congelado, as fendas azuis piscando fracamente. Um rosnado oco ecoa por trás do metal enquanto eles o manuseiam na área de carga.

Fico por perto, uma mão pressionada contra seu braço mecânico enquanto ele faísca e se contorce, mas ele permanece dócil sob meu toque. Plague aparece com um punhado de suprimentos médicos

roubados, já avaliando os ferimentos do Cavaleiro com eficiência clínica.

"Mantenha-o calmo", ele ordena, sem olhar para cima enquanto corta a carne dilacerada ao redor de onde arrancamos as barras de ferro. "Preciso estancar esse sangramento."

Um rifle dispara de algum lugar acima. Um dos guardas cai, um buraco limpo aparecendo entre seus olhos. Valek está empoleirado na parte de trás do transporte como um gárgula bêbado, eliminando alvos com precisão aterrorizante, apesar de ainda estar chapado.

"Ivy", ele fala arrastado, recarregando com graça fluida. "Seu cabelo parece sangue na neve. Tão bonito."

"Foca em atirar, idiota", eu retruco.

Ele ri e derruba outro guarda.

Whiskey engata a marcha do transporte, o motor rugindo. "Segurem em algo!"

Nós nos chocamos para frente quando ele atravessa uma barreira de segurança. Guardas saltam para o lado enquanto arrombamos o portão. Balas ricocheteiam nos lados blindados. O transporte derrapa na estrada gelada da montanha, mas conseguimos. Atrás de nós, motores rugem à vida enquanto veículos de perseguição nos seguem.

O corpo enorme de Wraith se curva ao meu redor, absorvendo qualquer golpe que possa me atingir. Seu sangue se mistura com o do Cavaleiro no chão do transporte. Quero dizer a ele para se proteger, mas sei que é inútil. Ele morreria antes que algo acontecesse comigo.

O pensamento envia gelo pelas minhas veias.

A instalação continua a implodir atrás de nós, grandes pedaços de concreto e aço caindo como chuva. Os veículos perseguidores têm que desviar dos destroços. Dois colidem ao tentar evitar uma seção de parede em queda.

"Temos um problema!" Whiskey grita do banco do motorista. "Esses idiotas mal colocaram gasolina no tanque!"

"A fronteira ainda está a vinte milhas de distância", Plague responde. Ele está trabalhando incansavelmente nos ferimentos do

Cavaleiro, o rosto em concentração sombria. "Estamos deixando um rastro muito óbvio. Eles terão reforços esperando."

"Então criamos nossa própria travessia de fronteira", Thane diz. Ele gesticula em direção a uma estrada de madeireiros estreita que se ramifica em uma floresta densa. "Por ali. O terreno é mais acidentado, mas eles não vão esperar por isso."

Whiskey vira o volante bruscamente. Os pneus do transporte derrapam no gelo antes de encontrarem tração. Nós saltamos e sacudimos pela estrada de terra, galhos arranhando os lados. O Cavaleiro rosna a cada impacto que o sacode, mas pelo menos isso o mantém acordado.

Os motores dos perseguidores desaparecem atrás de nós enquanto a floresta nos engole por completo. Escapamos do perigo imediato, mas sei que isso não acabou.

Nem de longe.

O transporte balança e sacode enquanto Whiskey nos leva para cima dos trilhos da ferrovia, o veículo inteiro tremendo e ameaçando se despedaçar. Eu me agarro ao braço enorme de Wraith, tentando manter o equilíbrio enquanto avançamos pela noite. A respiração oca do Cavaleiro preenche a área de carga, o brilho azul de sua máscara piscando mais fraco.

"Segurem-se!" Whiskey grita do banco do motorista. O transporte atinge uma parte irregular dos trilhos e quase decola. Meu estômago embrulha quando caímos de volta, o impacto sacudindo cada osso do meu corpo.

"Precisamos sair desses trilhos", Plague diz irritado, sem tirar os olhos de onde está trabalhando nos ferimentos do Cavaleiro. Suas mãos se movem com precisão cirúrgica, apesar dos solavancos constantes. "As vibrações estão fazendo ele sangrar mais."

Outra explosão ilumina a noite atrás de nós, a onda de choque nos atingindo segundos depois. O transporte balança perigosamente, o metal rangendo enquanto Whiskey luta para nos manter nos trilhos.

"Estou trabalhando nisso!" ele grita de volta. "Mas temos companhia!"

Eu me viro para olhar pela janela traseira. Dois veículos militares ainda estão nos perseguindo, seus faróis cortando a neve que gira. Enquanto observo, um deles abre fogo. Balas ricocheteiam no casco blindado do transporte como granizo mortal.

"Inimigos à vista!" eu aviso, me abaixando quando um projétil atravessa a janela traseira. Estilhaços de vidro se espalham pela área de carga.

O riso de Valek ecoa enquanto ele alinha outro tiro. Seu rifle dispara e um dos veículos perseguidores desvia violentamente, com o pneu dianteiro estourado. Ele capota em um banco de neve e desaparece na escuridão.

"Lindo", ele fala arrastado, balançando enquanto recarrega.

O transporte atinge outro solavanco e Plague xinga quando sua agulha escorrega. O braço mecânico do Cavaleiro faísca e se contorce, lançando chuvas de luz azul-branca. "Eu disse para manterem estáveis!"

"Quer dirigir, idiota?" Whiskey rosna. "À vontade!"

"Eles estão bombardeando a própria maldita ferrovia", Thane rosna, se apoiando na parede. "Devem realmente querer nos mortos se não conseguem nos capturar."

O último veículo perseguidor está nos alcançando. O rosto do motorista está claro agora, iluminado pelas luzes do painel. Sua expressão é uma máscara de ódio enquanto ele levanta o que parece ser um lançador de foguetes.

"Abaixem-se!" eu grito.

O míssil passa por nós, tão perto que sinto seu calor. Ele atinge os trilhos à frente com uma explosão estrondosa. O metal se torce e se dobra, os trilhos destruídos pela explosão.

"*Merda*!" Whiskey puxa o volante bruscamente. O transporte desliza de lado, faíscas voando enquanto raspamos nos trilhos destruídos. Minha cabeça bate na parede e estrelas explodem atrás dos meus olhos.

Então estamos no ar.

O tempo desacelera. Eu flutuo sem peso por um instante, neve e estrelas girando acima de nós através das janelas quebradas. Os

braços de Wraith e Thane me envolvem simultaneamente, me protegendo.

Nós atingimos o chão com uma força que esmaga ossos.

O mundo se dissolve em caos. Metal grita. Vidro se estilhaça. Corpos rolam. Algo quente e molhado respinga no meu rosto. Sangue, mas não sei de quem.

Quando o transporte finalmente para de se mover, me encontro deitada sobre Thane e Wraith. Eles absorveram o impacto, me protegendo com seus corpos enormes. Seus braços ainda estão ao meu redor, me mantendo segura entre eles.

"Todos vivos?" A voz de Thane corta o zumbido em meus ouvidos.

Um coro de gemidos responde a ele. Eu levanto a cabeça, tentando avaliar nossa situação. Estamos de pé, felizmente, embora o transporte esteja inclinado para um lado. A neve entra pelas janelas quebradas, já cobrindo o metal retorcido e os suprimentos médicos espalhados.

"E meu mais novo paciente também", Plague relata secamente. "Por enquanto."

"Quão longe estamos do Chateau?" pergunto, minha voz rouca.

"Não tenho certeza." Whiskey rasteja para fora do banco do motorista destruído, sangue escorrendo de um corte na testa. "Mas o motor está fodido."

"E nossos amigos?" Thane pergunta secamente.

Uma última explosão ilumina a noite atrás de nós. O veículo perseguidor deve ter atingido a mesma seção danificada dos trilhos. A bola de fogo sobe ao céu como um sol artificial, pintando a neve de carmesim.

"Isso responde à pergunta", Valek diz alegremente. Ele está, de alguma forma, ainda empoleirado em seu ninho de atirador, embora seu rifle esteja dobrado além do reparo.

Tento me levantar, mas minhas pernas não cooperam. Wraith se levanta no meu lugar, me erguendo com ele. Suas mãos enormes me verificam em busca de ferimentos com uma gentileza impossível, aqueles olhos azuis brilhantes cheios de preocupação. Ele normalmente mantém o rosto virado para que eu não possa vê-lo

claramente sem a máscara, mas aparentemente não quando está preocupado comigo.

"Estou bem", garanto a ele, dando um leve beijo em seu nariz. "Só machucada."

Ele pisca para mim e não parece convencido, mas não há tempo para discutir. Precisamos nos mover antes que os reforços cheguem. Já consigo ouvir o zumbido distante dos rotores de helicópteros.

"Vamos a pé", Thane decide. "Sigam as árvores, evitem as estradas. Eles estarão de olho em veículos."

Ninguém discute. Já chegamos longe demais para desistir agora. A respiração oca do Cavaleiro se estabilizou um pouco sob os cuidados de Plague. Ele sobreviverá, se conseguirmos levá-lo a um lugar seguro.

Enquanto Wraith me ajuda a sair do transporte destruído, eu vejo um último vislumbre da instalação através de uma abertura nas árvores. Ela queima contra o céu noturno nevado, uma pira de concreto e aço. Quaisquer segredos que ela guardava agora são cinzas, misturando-se aos flocos de neve que caem.

Mas conseguimos sair.

Todos nós.

Thane me pega sem aviso, suas mãos enormes gentis, mas firmes. "Lá em cima. Não podemos deixar nossa ômega pegar uma pneumonia aqui fora", ele diz com aspereza, mas percebo o leve suavizar em sua voz.

Ele me ajuda a subir em suas costas largas, meus pés descalços se aquecendo ao deixarem a neve gelada. O calor que emana de sua pele penetra meu vestido de hospital molhado enquanto eu envolvo meus braços em seu pescoço.

"Obrigada", murmuro, pressionando minha bochecha fria contra seu ombro. Seu cheiro de pólvora e pinho também me aquece. E, pela primeira vez, não me incomoda que meu corpo reaja assim a ele.

Whiskey vem atrás de nós e coloca sua camisa sobre meus ombros. Ela cai sobre mim como um vestido, e eu estremeço enquanto enfio meus braços nas mangas.

Muito melhor.

"Quer minhas meias?" ele pergunta.

"Não, obrigada", digo secamente.

Sua testa se franze enquanto ele olha para meus pés descalços. "Tem certeza?"

"Total."

Ele pega uma das correntes do Cavaleiro e gesticula para Plague e Valek ajudarem enquanto nos movemos pela floresta silenciosa em formação solta. Wraith avança à frente, seu corpo enorme fluindo entre as árvores com graça predatória. Seus dentes afiados brilham prateados sob a luz da lua quando ele olha para trás para verificar se estou bem, ainda mantendo o rosto virado o máximo que pode.

Eu lhe dou um pequeno sorriso, e ele rapidamente desvia o olhar.

Mas temos muito tempo para trabalhar nisso quando voltarmos ao Chateau.

Atrás de nós, Valek, Whiskey e Plague arrastam o corpo inconsciente do Cavaleiro pela neve cada vez mais profunda, as correntes rangendo a cada passo. Seu sangue preto deixa um rastro marcante que a neve que cai mal cobre, mas não há tempo para parar. Não com o som dos helicópteros ainda ecoando à distância.

"Quanto falta até a fronteira?" pergunto, mantendo minha voz baixa.

"Dez quilômetros, mais ou menos", responde Thane. "Mas não estamos seguindo uma rota direta. Muito arriscado."

Eu aceno com a cabeça contra seu ombro, observando Wraith desaparecer nas sombras à frente apenas para reaparecer momentos depois. Seus movimentos são tão fluidos, tão precisos. Como um predador de topo em seu elemento. Um lobo em forma de homem.

Ele olha para mim novamente, e eu lhe dou outro sorriso.

Ele apenas responde com um rosnado suave.

Flocos de neve grossos giram em torno do meu rosto, queimando minhas bochechas com seu toque gelado. O vento aumenta, uivando entre as árvores e chicoteando meu vestido de hospital molhado e a camisa de Whiskey em minhas pernas. Eu me aproximo mais do calor de Thane, enterrando meu rosto em seu pescoço.

"A garota está com frio", diz Whiskey atrás de mim. "Temos que parar."

Eu não ia ser a primeira a pedir, mas estou agradecida. Está frio pra caramba e piorando, mesmo para os meus padrões e mesmo que eu esteja sugando todo o calor de Thane.

As mãos de Thane apertam minhas coxas. "Concordo. Wraith!"

Meu alfa marcado surge das sombras à frente, seus olhos azuis brilhando no escuro. Ele faz sinais para Thane e para mim, apontando para uma saliência rochosa quase invisível através da neve que engrossa.

"Caverna?" pergunto, apertando os olhos através da cortina branca.

Wraith acena com a cabeça, já se movendo para explorar o local. Seu corpo enorme desaparece na neve que gira.

"Acham que é seguro?" Whiskey grita de trás de nós, sua voz quase perdida no vento que aumenta.

"Mais seguro do que congelar até a morte aqui fora", responde Plague.

As correntes rangem e chocalham enquanto arrastam o corpo inconsciente do Cavaleiro pelos bancos de neve cada vez mais profundos. Seu braço mecânico solta faíscas ocasionais, o brilho azul das fendas de sua máscara piscando.

Wraith reaparece, sinalizando que a caverna está limpa. Funda o suficiente para nos abrigar, com uma entrada estreita que podemos defender se alguém for suicida o suficiente para nos seguir na tempestade.

Perfeito.

Entramos um por um, espremendo-nos pela abertura estreita. A caverna se abre por dentro, o teto baixo demais para que qualquer um dos alfas fique em pé em sua altura total, muito menos Wraith e o Cavaleiro. Pelo menos estamos fora do vento.

"Coloque-o aqui", ordena Plague, direcionando os outros a deitarem o Cavaleiro contra a parede do fundo. "Com cuidado. Esses pontos estão mal segurando."

Pelo menos acho que ele está quente o suficiente. O calor que emana de seu corpo é praticamente uma fogueira. Mas eu ainda

estou congelando.

Eu deslizo das costas de Thane, meus pés descalços formigando ao tocar a pedra fria. Wraith está lá instantaneamente, me pegando antes que eu possa protestar. Ele me leva para um local relativamente seco e me abaixa gentilmente no chão.

"Aqui", diz Plague, tirando seu jaleco e camisa, revelando os músculos magros por baixo. "Coloque isso antes que você congele até a morte."

"Estou bem—" começo a protestar, mas Whiskey me interrompe.

"Deixe-nos mantê-la aquecida. Você é nossa ômega."

Thane, sem dizer uma palavra, acrescenta sua camisa à pilha que se forma no meu colo. Até Valek, ainda balançando levemente, consegue tirar sua camisa de "paciente" manchada de sangue.

"E vocês?" pergunto, segurando o pacote de tecido quente.

Whiskey solta uma risada. "Nós esquentamos, lembra? Metabolismo alfa e toda essa merda. Agora vista as malditas roupas."

Eu cedo, vestindo as camisas sobre meu vestido fino. Cada uma carrega o cheiro único de seu dono. A combinação me envolve como um cobertor invisível.

Wraith rosna de frustração e sinaliza que sente muito, e levo um momento para perceber que é porque ele não está usando uma camisa.

"Você poderia se aconchegar comigo e me manter aquecida", ofereço a ele.

Ele me olha como se eu fosse louca.

É. Muito trabalho a ser feito aqui.

Mas então ele se aproxima e hesitante envolve seus braços fortes ao meu redor, me envolvendo em seu calor e no cheiro familiar de chuva. Eu me aconchego contra seu peito, apoiando minha testa na curva de seu pescoço marcado, e ele cuidadosamente me aperta um pouco mais, como se pudesse me partir ao meio se for muito bruto.

Na verdade, ele provavelmente poderia.

"Melhor?" pergunta Plague, sua expressão clínica cedendo para revelar preocupação genuína.

Eu aceno com a cabeça, mas meus dentes ainda estão batendo. Os alfas trocam olhares, alguma comunicação silenciosa passando entre eles.

"Que se dane", declara Whiskey. Ele se senta ao meu lado, irradiando calor como uma fornalha. "Vem cá, gatinha."

Antes que eu possa responder, ele me puxa parcialmente para seu colo, compartilhando-me com Wraith. Eu deveria protestar—a antiga eu teria lutado com unhas e dentes contra tal familiaridade—mas seu calor é tentador demais. Eu me deixo afundar contra seu peito largo enquanto Wraith solta um rosnado baixo.

"Não", Whiskey o avisa.

Mais rosnados.

"Tem espaço para mais um?" Plague pergunta com hesitação incomum.

"Vem cá, Doc." Whiskey agarra seu pulso, puxando-o para baixo conosco. "Você é péssimo em se manter aquecido, de qualquer jeito."

"Eu regulo minha temperatura corporal muito bem", Plague murmura, mas ele se acomoda ao meu lado.

Thane se junta a nós sem dizer uma palavra, sua presença sólida me cercando por trás. Até Valek rasteja até nós, ainda resmungando como um lunático enquanto se enrola em meus pés como um gato perturbado e se envolve ao redor da minha parte inferior.

Talvez mais como uma cobra do que um gato.

Eu realmente deveria chutá-lo na cabeça, mas me contenho.

Por enquanto.

Então sinto a ausência de um calor familiar e olho para cima para descobrir que Wraith recuou para as sombras novamente. Seus olhos azuis brilham no escuro enquanto nos observa, ombros curvados. Claramente afundando de volta no poço de autoaversão que sempre ameaça engoli-lo a qualquer momento.

"Wraith", chamo suavemente. "Por favor?"

Ele balança a cabeça e faz sinais para mim.

Não sou necessário. Mais seguro sem mim.

"Bobagem", Whiskey diz antes que eu possa responder. "Venha para cá, irmão. Você está me deixando nervoso pairando assim."

"Ele está certo", Plague acrescenta. "O calor corporal é mais eficaz em proximidade próxima."

Os olhos de Wraith se movem entre nós, a incerteza escrita em cada linha de seu corpo enorme. Eu estendo minha mão para ele.

"Eu quero você aqui", digo simplesmente. "Conosco. Comigo."

Por um longo momento, ele não se move. Então, lentamente, ele se aproxima. Quando ele se senta novamente ao nosso lado, eu imediatamente o alcanço, puxando-o para nossa pilha.

Ele fica rígido no início, mas eu guio sua cabeça para descansar no meu colo. Meus dedos passam por seu cabelo úmido, desfazendo nós com toques suaves. Gradualmente, a tensão escapa de seus músculos enquanto ele envolve seus braços enormes ao redor da minha parte superior.

"Pronto", murmuro. "Assim está melhor."

"Falando em melhor", Whiskey diz, seu peito vibrando contra minhas costas enquanto fala. "Doc, você vai fazer algo sobre meu nariz ou não?"

"Seu nariz é o menor dos seus problemas", Plague retruca, mas suas mãos já estão se movendo, examinando a ponte inchada com precisão clínica.

"Ai! Porra!" Whiskey grita. "Você está fazendo isso de propósito!"

"Procedimento médico padrão", Plague diz secamente. "Você já deveria estar acostumado com isso."

"Padrão, o caramba. Você só gosta de me machucar."

"Se eu quisesse te machucar, não perderia meu tempo com seu nariz."

"E o que diabos isso quer dizer, Doc?"

A briga deles me envolve, estranhamente calmante em sua familiaridade irritante. O peito de Thane sobe e desce em um ritmo constante contra meu ombro. Valek finalmente parou de resmungar, sua respiração se acalmando. Wraith se aconchega mais perto, seus dentes afiados cuidadosamente voltados para longe da minha pele.

Pela primeira vez desde que esse pesadelo começou, eu me sinto... completamente segura.

A realização deveria me aterrorizar. Esses são alfas. Alfas que eu acabei de escolher por razões que estão além da minha

compreensão agora, mas ainda são alfas.

Mas enquanto eu sento aqui, cercada por seu calor e força, tudo o que sinto é paz. A maior paz que já senti na vida.

Um ronco baixo e profundo surge no peito de Wraith enquanto eu coço levemente seu cabelo. Não exatamente um ronronar por causa de sua garganta danificada, mas perto. Sua mão enorme encontra a minha, envolvendo-a completamente. Tanta força mortal, mantida cuidadosamente sob controle.

Por mim.

"Descanse", Thane murmura no meu ouvido. "Nós faremos a vigia."

Eu quero argumentar que não estou cansada, mas a exaustão me atinge como uma onda. Meus olhos ficam pesados enquanto as reclamações gentis de Whiskey e Plague se transformam em ruído de fundo.

Meus alfas.

Minha matilha.

Meu lar.

CAPíTULO
NOVE
WHISKEY



Meu traseiro está ficando dormente.

Não que eu esteja reclamando de ter nossa ômega pressionada contra mim, mas entre o corpinho dela e o tamanho enorme do Wraith, estou preso em uma posição estranha. Além disso, preciso verificar o que está acontecendo lá fora. Alguém deveria ficar de vigia, agora que a tempestade parece estar diminuindo.

Eu me solto cuidadosamente da pilha de aconchego, tomando cuidado para não sacudir a Ivy enquanto transfiro o peso dela para o Plague. Ela faz um som suave, mas não acorda. As mãos do Plague automaticamente a seguram, seu rosto bonito mais tranquilo do que o normal.

Estou acostumado a vê-lo com uma cara de babaca presunçoso. Não tenho certeza se já o vi dormindo.

O frio atinge meu peito nu quando passo pela entrada da caverna, mas isso não me incomoda muito. Ser construído como um tanque tem suas vantagens. A neve ainda está caindo forte, flocos grandes e gorduchos que capturam a luz da lua como estrelas cadentes. Mas não é mais o snowpocalypse de algumas horas atrás.

Então algo se move na escuridão.

Eu congelo, todos os músculos tensionando. Então eu o vejo.

O Cavaleiro.

Ele está parado, imóvel, a cerca de vinte metros da entrada da caverna. Sob a luz da lua, consigo vê-lo com mais clareza do que antes. A máscara de ferro brilha opaca, aquelas fendas azuis nos olhos projetando um brilho sinistro na neve. Seu braço mecânico pende imóvel ao seu lado, sem faíscas ou espasmos. As hastes de ferro que eu não arranquei dele ainda estão saindo de suas costas, capturando a luz da lua, e as correntes que arrasta atrás dele serpenteiam pela neve como serpentes metálicas.

O trabalho do Plague está segurando bem. O sangue preto parou de fluir, e posso ver cicatrizes frescas onde estavam os ferimentos. Um fator de cura impressionante pra caralho.

O que ele está fazendo?

Encarando a lua?

Dou um passo para trás em direção à caverna, e ele se vira para me encarar, emitindo um grunhido baixo e suave.

Nós nos observamos por um tempo que parece uma eternidade. Seu peito sobe e desce em um ritmo constante, cada respiração enviando plumas de vapor para o ar gelado. Ele é ainda maior do que eu lembrava, agora que está em pé, na altura total.

Ele dá um passo estrondoso para frente, a neve rangendo sob suas botas de ferro. Um grunhido baixo cresce em seu peito, vibrando pelo ar entre nós.

"Não faça isso, cara", eu aviso, mantendo minha voz calma. A última coisa que precisamos é de outra briga. "Nenhum de nós quer o round dois."

Ele inclina levemente a cabeça, aquelas fendas azuis me estudando.

Então, sem emitir outro som, ele se vira e começa a caminhar em direção à floresta. Sua marcha está firme agora, poderosa. As correntes arrastam-se pela neve atrás dele, deixando sulcos profundos que rapidamente se enchem de neve fresca.

Eu observo até que ele desaparece na escuridão entre as árvores. Tenho que admitir, o cara é foda.

Literalmente.

Será que vamos vê-lo de novo?

A forma massiva do Cavaleiro se dissolve na escuridão entre as árvores. Eu continuo observando muito tempo depois que ele desaparece, a neve se acumulando em meus ombros nus.

Algo sobre ele me incomoda.

Não consigo identificar exatamente o quê.

Talvez seja a maneira como ele se moveu. Não como uma besta sem mente, mas com propósito. Como se soubesse exatamente para onde está indo. Ou talvez seja como ele foi gentil com a Ivy, apesar de parecer algo saído diretamente de um pesadelo. Me lembra um pouco o Wraith, de certa forma, embora eu nunca diria isso em voz alta.

Eu provavelmente deveria contar aos outros que o novo monstro de estimação deles fugiu. Mas que se dane. Deixe-os dormir. Todos nós precisamos descansar, e não é como se pudéssemos detê-lo de qualquer maneira.

Além disso, o Cavaleiro conquistou sua liberdade.

Assim como qualquer um de nós.

Ainda assim... não consigo deixar de me perguntar para onde ele está indo. Qual é o seu objetivo final? Ele tem algum, ou está apenas agindo por puro instinto, como o Wraith costumava fazer antes que a Ivy fizesse sua mágica?

O cara precisa de uma ômega, isso é certeza.

A neve está caindo mais forte agora, já preenchendo os sulcos profundos deixados pelas correntes que ele arrastava. Logo não haverá mais nenhum vestígio de que ele esteve aqui. Apenás outro fantasma na noite.

Mas algo me diz que esta não será a última vez que o veremos.

Chame isso de intuição.

Ou talvez eu esteja apenas projetando. Não seria a primeira vez que me envolvi com uma causa perdida. Foi assim que acabei com esse bando de idiotas em primeiro lugar. Vi um monte de brinquedos quebrados que ninguém mais queria e pensei: "É, esses são os meus tipos de fracassados."

Veja onde isso me levou.

Uma ômega que pode domar monstros.

Uma fera selvagem que morreria por ela.

Um líder tentando consertar um sistema quebrado.

O que quer que o Valek seja.

E o maldito médico de rosto bonito.

Acho que não precisamos de outro vira-lata. E pelo menos este está indo para longe de Vrissia e em direção à segurança relativa de Reinmich. Talvez ele consiga. Eu certamente espero que sim.

"Boa sorte, grandão", murmuro para o vento.

Melhor voltar para dentro antes que alguém note que eu sumi.

Viro as costas para a neve que cai, entrando de volta na caverna. Meus olhos levam um segundo para se ajustar à escuridão. Então, eu quase pulo da minha pele.

Plague está ali nas sombras como um fantasma, me observando. Há quanto tempo ele está ali? Maldito esquisito.

"*Porra*", sibilo baixinho, pressionando uma mão no peito. Meu coração está acelerado como se eu tivesse corrido dez quilômetros. "Use um sino ou algo assim."

"Você não deveria sair sozinho", ele murmura, a voz pouco acima de um sussurro. Seu olhar passa por mim para a neve lá fora. "O Cavaleiro?"

"Foi embora." Eu encolho os ombros, tentando agir casualmente, embora meu pulso ainda esteja acelerado. "Indo para o oeste, eu acho. Parece que o seu trabalho de costura aguentou."

Plague acena com a cabeça, mas não se move do seu lugar nas sombras. A luz fraca que entra ilumina suas maçãs do rosto altas, fazendo-o parecer ainda mais etéreo do que o normal. Como algum tipo de anjo vingador, em vez do pé no saco que ele geralmente é.

Meus olhos se desviam para onde os outros estão dormindo. Ivy está encolhida contra Thane agora, seus braços enormes envolvendo-a protetoramente. O corpo massivo do Wraith está pressionado contra o outro lado dela, e Valek ainda está deitado sobre seus pés como um gato maligno e assassino.

"Devemos acordá-los?", pergunto, mantendo a voz baixa.

"Não. Deixe-os descansar." Os olhos de Plague encontram os meus na escuridão. "Precisamos conversar."

Porra.

Eu sei exatamente sobre o que ele quer conversar, e não estou pronto para essa conversa.

Não aqui.

Não agora.

Talvez nunca.

Mas ele já está se movendo mais fundo na caverna, claramente esperando que eu o siga.

Como um idiota, eu sigo.

Quando estamos longe o suficiente dos outros para que nossas vozes não sejam ouvidas, ele se vira para mim. Mesmo na luz fraca, consigo ver a tensão em seus ombros.

"Sobre o que aconteceu na clínica—", ele começa.

"Cala a boca", rosnou, mas não há calor real por trás disso. Meu corpo ainda se lembra. Como as mãos de cirurgião dele se sentiram envolvendo nós dois, a maneira como ele sabia exatamente onde tocar, como me fazer—

Não.

Não vou por aí.

"Isso não vai acontecer de novo", digo firmemente, mesmo que meu traidor do pau comece a se mexer com a memória. "Estávamos apenas alterados pelo cheiro da Ivy e precisávamos de uma válvula de escape. Foi só isso."

Plague dá mais um passo para perto, e minhas costas batem na parede da caverna. Quando diabos eu comecei a recuar? Seus olhos azuis claros brilham na escuridão enquanto ele me estuda como se eu fosse um de seus espécimes em uma mesa de cirurgia.

"É nisso que você precisa acreditar?", ele pergunta suavemente. Sua voz tem aquele tom clínico que me deixa louco. Como se ele estivesse analisando cada microexpressão no meu rosto.

"Não há nada em que acreditar", rosnou, mas minha voz sai mais áspera do que eu pretendia. "Aconteceu. Acabou. Seguimos em frente."

Seus lábios curvam-se em um meio-sorriso irritante. "Claro. Muito lógico." Ele se inclina mais perto, e eu capto seu cheiro. Antisséptico e algo mais afiado por baixo, como ozônio antes de uma

tempestade. "Apenas dois alfas ajudando um ao outro em uma situação difícil."

Minhas mãos se fecham ao meu lado. Eu poderia agarrá-lo. Girá-lo. Enfiá-lo contra essa parede e—

Não. Porra, não.

"Exatamente", digo com os dentes cerrados. "Agora, saia daqui antes que eu faça você sair."

Ele levanta uma sobrancelha, completamente imperturbável com minha ameaça. "Me fazer o quê, exatamente?"

Imagens passam pela minha mente.

Imagens que eu não quero.

"Vá se foder", rosnou, passando por ele. Meu ombro bate no dele, e o breve contato envia eletricidade pela minha coluna.

"Eu não disse nada", ele murmura, com um vestígio de riso em sua voz.

Maldito arrogante.

Eu me viro para ele, empurrando-o de volta contra a parede. Ele não se encolhe, apenas inclina a cabeça para trás para manter o contato visual. Não há muita diferença em nossa altura em terreno plano, mas o ângulo do chão da caverna me faz pairar sobre ele, e o maldito ainda parece completamente no controle.

É enlouquecedor.

"Você acha isso engraçado?", exijo. "Você acha que mexer com a minha cabeça é algum tipo de jogo?"

"Eu acho", ele diz cuidadosamente, cada palavra precisa como um bisturi, "que você é quem está jogando consigo mesmo."

Meu punho bate na pedra ao lado da cabeça dele. Ele nem pisca. "Não estou jogando nada."

"Não?" Seus olhos descem para onde meu corpo está pressionado contra o dele, traindo exatamente o quanto eu estou afetado por sua proximidade. "Reação interessante para alguém tão... *desinteressado*."

Eu deveria recuar. Deveria ir embora. Mas o cheiro dele está enchendo minha cabeça, dificultando pensar com clareza. E o jeito que ele está me olhando, como se pudesse ver através de todas as defesas que construí...

"Vá se foder", eu respiro, mas não há raiva nisso. Apenas resignação.

"Você pode, se quiser", ele diz secamente.

Suas palavras me atingem como um soco no estômago. Meus dedos cavam na parede de pedra de cada lado da cabeça dele, prendendo-o entre meus braços. Ele ainda está me olhando com aquela irritante frieza clínica, como se eu fosse apenas mais um de seus malditos experimentos.

"O que você acabou de dizer?", minha voz sai áspera, perigosa.

"Eu disse que você pode me foder se quiser", ele repete calmamente, com precisão, como se estivesse discutindo o maldito clima. "A oferta é apenas para provar um ponto."

Eu rosnou baixinho, pressionando mais perto. Seu corpo magro é todo músculo duro sob as roupas que ainda restam. "E que ponto é esse, *Doutor*?"

"Que você quer isso." Seus olhos azuis claros brilham na escuridão. "Que você quis isso desde aquela noite na minha clínica. Você apenas não admite para si mesmo."

"Seu filho da puta presunçoso—"

"Estou errado?", ele pergunta, olhando intencionalmente para o volume crescente nas minhas calças.

"Pare de me analisar", rosnou, mas Plague apenas olha de volta com aqueles olhos azuis frios, como se estivesse dissecando minha maldita alma.

"Não estou te analisando." Sua voz permanece clínica, distante. "Estou observando. Há uma diferença."

"Diferença?", eu rosnou, meus dedos cavando mais fundo na pedra. Flocos de rocha desmoronam sob meu aperto. "Que maldita diferença?"

"Análise implica julgamento." Sua voz permanece irritantemente calma, mesmo com meu corpo pressionando-o contra a parede. "Estou apenas fazendo observações. Como suas pupilas dilatam quando me aproximo. Como sua respiração falha. Como seu pau—"

Eu bato minha outra mão na parede, enjaurando-o completamente. "Cale. A. Boca."

Seus lábios curvam-se em um meio-sorriso enlouquecedor. "Me faça calar."

O desafio em sua voz quebra algo dentro de mim. Com um rosnado, eu esmago minha boca contra a dele. Não é gentil. Não é romântico. Apenas necessidade crua e frustração reprimida finalmente se libertando. Seus lábios se abrem instantaneamente, me deixando entrar. Me deixando tomar.

E, porra, ele tem um gosto bom.

Como hortelã e algo mais afiado.

Clínico.

Limpo.

Tudo o que eu não sou.

Suas mãos deslizam pelo meu peito nu, deixando rastros de fogo em seu rastro. Aqueles dedos de cirurgião mapeiam cada cicatriz, cada imperfeição, com uma precisão assustadora. Como se estivesse me memorizando. Me estudando.

Eu mordo seu lábio inferior com força suficiente para fazer sangrar.

"Pare com isso", rosnou contra sua boca.

"Parar com o quê?" A voz dele permanece irritantemente calma, mesmo com seus quadris se movendo contra os meus.

"Tratar-me como um dos seus malditos espécimes."

Ele se afasta o suficiente para encontrar meu olhar. Aqueles olhos azuis claros me atravessam. "Você prefere que eu te trate como um paciente?"

Antes que eu possa processar o que ele quer dizer, sua mão desliza pelo meu estômago e envolve meu pau por cima da minha calça.

O aperto dele é perfeito.

Clínico.

Preciso.

"Resposta fascinante ao estímulo", ele murmura, me masturbando com um controle enlouquecedor. "O sujeito exibe sinais claros de excitação, apesar dos protestos verbais sem convicção—"

Eu agarro seu pulso, prendendo-o acima de sua cabeça. "Eu disse para parar."

"Por quê?" A mão livre dele traça o contorno do meu pau, fazendo-me estremecer. "Incomoda você que eu consiga te ler tão facilmente? Que eu saiba exatamente o que você precisa?"

"Você não sabe de nada", rosnou, mas meus quadris se movem contra seu toque.

"Não?" O polegar dele circula a cabeça do meu pau por cima do tecido. "Então por que você está tão duro por mim?"

Eu capturo seu outro pulso, prendendo ambas as mãos acima de sua cabeça com uma das minhas. O corpo magro dele se arqueia no contato, mas seu rosto permanece irritantemente neutro.

"Talvez eu só precise gozar", rosnou, esfregando-me contra ele. "Talvez você seja apenas conveniente. Talvez eu só queira praticar para a Ivy."

Ele levanta uma sobrancelha novamente. Sua expressão maldita favorita. "Do que você está falando?"

"Ela sabe o que fizemos", murmuro. "E ela quer assistir. Talvez eu não queira fazer papel de idiota quando isso acontecer."

"Ah, ela quer, quer?", o brilho de diversão—e algo mais sombrio que eu não gosto nem um pouco—aparece nos olhos de Plague. "Não se preocupe, você vai fazer papel de idiota de qualquer maneira."

Eu rosnou para ele. "Pare de falar."

"Você tem um bom ponto, porém", ele reflete. "Talvez nós *devêssemos* praticar. Pelo menos seríamos menos propensos a nos matar, não?"

Eu dou uma risada. "Nada tornaria isso menos provável."

"Igualmente", ele diz secamente. Sua voz finalmente quebra levemente quando eu mordo seu pescoço. "Então... isso é apenas sobre alívio e joguinhos para você. Você não sonha com aquela noite na clínica."

"Cale a boca."

"Você não sonha com minhas mãos no seu—"

"Eu disse *cale a boca*."

Eu esmago minha boca contra a dele novamente, engolindo qualquer outra coisa que ele ia dizer. Sua língua encontra a minha, e, porra, o jeito que ele beija... É como se ele estivesse me dissecando por dentro.

Aprendendo todos os meus segredos.

Todas as minhas fraquezas.

Eu odeio isso.

Eu *preciso* disso.

Minha mão livre desliza por baixo da camisa que ainda resta nele, mapeando os músculos magros por baixo. Ele é feito de ângulos afiados e força precisa.

Nada suave nele.

Nada gentil.

Perfeito.

"Me diga para parar", rosnou contra seus lábios.

Dando a ele uma saída.

Dando a mim mesmo uma saída.

"Não." A palavra mal é um sussurro.

"Diga que você está apenas brincando comigo."

Seus olhos se fixam nos meus na escuridão. "Não estou."

Algo no meu peito se abre com essas duas palavras simples. Com a honestidade crua em sua voz. Com a maneira como sua máscara clínica finalmente cai, revelando algo mais sombrio. Mais faminto.

"Porra", eu respiro, apoiando minha testa na dele.

Meu aperto em seus pulsos afrouxa, mas ele não se afasta.

"Realmente", ele murmura, e eu posso ouvir o vestígio de um sorriso em sua voz.

"Eu te odeio tanto."

"Eu sei." Seus lábios tocam os meus, leves como uma pena. "Agora, você vai continuar falando, ou vai me deixar te calar com o meu pau?"

As palavras enviam um choque pela minha coluna. Minhas mãos soltam seus pulsos para segurar seus quadris. "Aqui?"

"Por que não?" Seus dedos se enroscam no meu cabelo, puxando-me para mais perto. "Os outros estão dormindo. Estou de

mau humor e poderia usar a distração. E eu sempre quis estudar os efeitos da pedra fria contra a pele nua durante—"

Eu o silencio com outro beijo brutal.

O bastardo não consegue se controlar.

Sempre tem que transformar tudo em uma maldita investigação científica.

Mas enquanto suas mãos habilidosas descem pelo meu corpo, eu percebo que não me importo mais.

Não mais.

Seus dentes agarram meu lábio inferior enquanto tento me afastar, enviando uma descarga direto para o meu pau. O gosto metálico de sangue enche minha boca, mas eu não me importo. Minhas mãos apertam seus quadris com mais força, provavelmente deixando hematomas.

Bom.

Deixe-o ter algo para estudar no espelho depois.

"Ansioso para começar o experimento, Doutor?", rosnou contra sua boca.

Ele se afasta o suficiente para me encarar com aquele olhar clínico que me deixa louco. "Os dados preliminares são bastante promissores." Seus dedos longos deslizam pelo meu peito, mapeando cada cicatriz como se estivesse catalogando evidências. "Embora eu precise de uma amostra maior para tirar conclusões significativas."

Eu o empurro de volta contra a parede, esfregando meus quadris contra os dele. "Vou te dar uma conclusão significativa."

"Fascinante." A voz dele permanece irritantemente calma, mesmo com seu pau endurecendo contra o meu. "O sujeito exibe padrões típicos de agressão alfa ao se preparar para chupar—"

Eu caio de joelhos, puxando suas calças para baixo antes que ele possa terminar aquela observação sarcástica. Seu pau já está duro e vazando.

"Vamos ver como essa maldita voz permanece calma agora, *Doutor*."

Seus dedos se enroscam no meu cabelo enquanto eu o engulo. Não é gentil. Não é cuidadoso. Eu quero que ele perca essa maldita

compostura. Quero ouvir aquela voz controlada quebrar.

"Técnica... interessante", ele consegue dizer, embora sua respiração falhe. "Sua fixação oral sugere—"

Ele poderia simplesmente calar a boca?

Eu afundo as bochechas e chupo com mais força, cortando sua análise no meio. Não tenho ideia do que estou fazendo, mas se ele quer que eu chupe, eu chupo. Seus quadris se movem para frente, o pau batendo no fundo da minha garganta.

Finalmente, uma reação.

Eu olho para cima e vejo sua cabeça jogada para trás contra a pedra, aquela máscara perfeita de indiferença começando a escorregar. Suas mãos apertam meu cabelo, os dedos de cirurgião tremendo levemente. "*Porra*—"

O palavrão envia uma onda de triunfo por mim. Eu recuo, deixando seu pau escapar da minha boca com um estalo obsceno. "O que foi isso, Doutor? Não entendi sua observação científica."

Ele puxa meu cabelo, forçando-me a olhar para ele. Aqueles olhos azuis claros estão escuros de desejo agora, a frieza clínica dando lugar a algo mais cru. "Talvez isso seja mais produtivo com menos conversa."

Eu mostro os dentes em um sorriso selvagem. "Me faça parar."

Ele faz.

Seu pau empurra meus lábios novamente, mais forte desta vez. Menos controlado. Eu o levo mais fundo, afundando as bochechas enquanto ele fode minha boca. Seus movimentos precisos estão ficando mais desleixados, mais desesperados.

Eu alcanço minha calça para me tocar, já dolorosamente duro.

Sua mão agarra meu pulso.

"Não." Sua voz quebra levemente. "Eu não disse que você podia se tocar."

Eu o solto com um rosnado. "Você não é meu chefe."

Seus dedos apertam meu cabelo, me puxando de volta para cima. Antes que eu possa reagir, ele nos gira e me joga contra a parede, me prendendo lá com seu corpo magro. Sua boca colide com a minha, toda aquela precisão clínica desaparecida, substituída por fome crua.

"Você quer estar no comando?", ele rosnou contra meus lábios. "Então lute por isso."

Eu me lanço para frente, mas ele me joga de volta contra a pedra, surpreendentemente forte para alguém tão magro. Seus dentes afundam no meu pescoço, enviando um choque pelas minhas veias.

"Porra", eu sibilo, meus quadris se movendo contra ele.

"Essa é a ideia." Sua mão desliza para dentro da minha calça, envolvendo meu pau. Sem hesitação. Sem gentileza. Apenas aquele aperto perfeito que faz meus joelhos falharem.

Eu agarro seu pulso, tentando assumir o controle, mas ele se solta do meu aperto com uma graça fluida. A outra mão dele se fecha ao redor da minha garganta, o polegar pressionando meu ponto de pulso.

"Fique parado", ele ordena, voz baixa e perigosa. "Ou eu paro."

"Me faça", rosnou, mas meu corpo me trai, ficando submisso ao seu toque.

Seus dentes arranham minha orelha. "Bom garoto."

As palavras enviam um calafrio pela minha coluna. Eu quero socá-lo. Quero jogá-lo no chão e fodê-lo sem piedade. Mas sua mão está se movendo no meu pau com uma precisão enlouquecedora, e eu não consigo pensar direito.

Ele me despe com eficiência implacável, empurrando minhas calças até meus tornozelos. O ar frio da caverna atinge minha pele, mas eu mal percebo. Tudo o que consigo focar são suas mãos em mim, o calor de seu corpo pressionado contra o meu.

"Vire-se."

"Vá se foder."

Seu aperto na minha garganta se intensifica. "Agora."

Eu mostro os dentes, mas obedeço, apoiando minhas mãos na pedra áspera. Seu corpo se molda contra minhas costas, o pau pressionando minha bunda. Uma mão desliza pelo meu peito enquanto a outra envolve meu pau novamente.

"Não vai ser assim que vai acontecer", digo entre os dentes.

"Ainda quer lutar comigo?", ele murmura, me masturbando com uma lentidão que faz meus joelhos falharem.

"Sempre", rosnou, mas sai mais como um gemido.

Sua risada é sombria, perigosa.

Nada como sua frieza clínica habitual.

Isso é algo diferente.

Algo que faz meu pau latejar em seu aperto.

Eu me jogo contra ele, torcendo em seu aperto. Ele tenta manter o controle, mas eu uso meu tamanho a meu favor, girando nós dois e o prendendo de frente contra a pedra fria novamente.

"Ainda acha que está no comando, Doutor?", rosnou em seu ouvido, esfregando meu pau contra sua bunda. Minha mão envolve sua garganta, imitando a pegada que ele tinha em mim.

Ele solta uma risada baixa que me faz estremecer. "Estou deixando você pensar que está."

"É mesmo?" Aperto minha pegada, não o suficiente para cortar sua respiração, mas o suficiente para lembrá-lo de quem é maior. Quem é mais forte. "Parece para mim que você é quem está preso contra a parede agora."

Seus músculos magros se tensionam contra mim enquanto ele testa meu aperto. Mas ele não vai a lugar nenhum a menos que eu o deixe.

"Eu poderia me soltar se quisesse", ele diz, seu corpo magro ainda pressionado entre mim e a pedra. "Estou deixando você ter o controle."

"Besteira." Esfregou meu corpo contra suas costas e sua bunda, deixando-o sentir o quão duro eu estou. Meus dedos cavam em sua garganta o suficiente para fazê-lo suspirar. "Você gosta de ser dominado. Admita."

Sua única resposta é uma risada baixa que envia eletricidade pela minha coluna. Solto sua garganta para agarrar um punhado de seu cabelo, puxando sua cabeça para trás. Meus dentes encontram seu pescoço, mordendo com força suficiente para deixar marcas.

"*Porra*", ele sibila, seus quadris se movendo contra mim.

"O que foi aquilo sobre estar no controle?", rosnou contra sua pele.

Sua mão se move entre nós, envolvendo meu pau. Mesmo nesse ângulo estranho, seu aperto é perfeito. Eu seguro um gemido

enquanto ele o aperta e dá uma batida forte e deliberada.

"Eu *estou* no controle", ele diz, voz firme apesar de sua respiração ofegante. "Eu sempre estou."

Eu bato sua mão contra a parede, prendendo-a lá. "Não mais."

Ele tenta se soltar, mas eu pressiono mais perto, usando meu tamanho para mantê-lo preso. Minha mão livre desliza por seu estômago tenso e plano e empurra as calças brancas e impecáveis que ele ainda está vestindo. Ele ainda está duro como uma pedra, já vazando.

Chega dessa frieza clínica.

"Olha quem está ansioso agora", eu rio em seu ouvido.

Sua única resposta é se esfregar contra mim, pressionando sua bunda contra meu pau. O atrito faz minha visão embaçar. Solto sua mão para agarrar seu quadril, mantendo-o parado.

"Fique", ordeno, imitando seu tom de comando anterior.

Para meu choque, ele obedece. Sua testa repousa contra a pedra enquanto eu exploro seu corpo, mapeando músculos magros e cicatrizes antigas. Cada centímetro dele é feito de ângulos duros e força contida.

Minha mão encontra seu pau novamente, masturbando-o com força. Ele tenta manter aquele controle de ferro, mas posso senti-lo tremendo. Sua respiração vem em suspiros curtos que ecoam pelas paredes da caverna.

"Diga-me o que você quer", exijo.

Ele permanece em silêncio, o bastardo teimoso.

Eu torço meu pulso na subida, fazendo-o suspirar.

"Diga."

"Me faça", ele desafia desta vez.

Meus dentes encontram seu ombro, mordendo com força enquanto me esfrego contra ele. Ele se arqueia com um som abafado que definitivamente não é clínico ou controlado.

"Você estava dizendo?", rosnou, alcançando para masturbá-lo novamente.

Eu masturbo o pau do Plague mais rápido, mantendo-o preso contra a pedra fria com meu peso. Sua respiração falha, as mãos de cirurgião se flexionando inutilmente contra a parede. Ele está

tremendo agora, toda aquela frieza clínica desmoronando sob meu toque.

"O que você quer?", rosnou em seu ouvido, torcendo meu pulso a cada subida. "Diga-me."

Ele permanece teimosamente em silêncio, mas seus quadris se movem contra minha mão. Posso senti-lo lutando pelo controle, tentando manter aquela fachada fria. Mas seu pau está duro como uma pedra e vazando em meu aperto.

"Use suas palavras", provoco, diminuindo o ritmo para um passo enlouquecedor. "Não é isso que você sempre me diz para fazer?"

"Vá se foder", ele range os dentes, mas não há força nisso. Sua voz treme enquanto eu o aperto mais forte.

"Resposta errada." Paro de mover minha mão completamente, apenas mantendo-o à beira. "Tente de novo."

Ele faz um som abafado, algo entre um rosnado e um gemido. Sua testa pressiona contra a pedra, ombros subindo e descendo a cada respiração ofegante. A visão dele perdendo o controle envia fogo pelas minhas veias.

"Por favor", ele sussurra, tão baixo que eu quase não ouço.

"Por favor, o quê?" Pressiono mais perto, esfregando meu pau contra sua bunda. "Seja específico, *Doutor*. Você com certeza não tem dificuldade em falar em qualquer outro momento."

Suas mãos se fecham em punhos contra a parede. Posso praticamente ouvir seus dentes rangendo enquanto ele luta consigo mesmo. Luta para soltar aquele controle de ferro.

"Você é quem fala", ele range os dentes.

"Diga."

Ele enruga o lábio para mim.

"Sua boca", ele finalmente diz, a voz falhando.

Meu pau lateja quase dolorosamente com a desesperança crua em sua voz. Não sei por que diabos estou gostando disso, mas estou. Gostando de destruir suas defesas presunçosas também. Mas ainda não terminei de quebrá-lo.

"Diga direito." Começo a masturbá-lo novamente, exasperantemente devagar. "Implore por isso."

"Por favor", ele suspira, pressionando-se contra mim. "Por favor, preciso que você chupe meu pau." Ele rosna. "*Por favor*. Isso é o suficiente?"

Porra.

Ouvir essas palavras em sua voz precisa e pretensiosa quase me faz gozar na hora. Eu o giro, caindo de joelhos na frente dele. Seu peito se levanta enquanto ele olha para mim, aqueles olhos azuis claros escuros de desejo sob seus cabelos negros desarrumados e molhados colados ao rosto.

"Já que você pediu tão gentilmente", eu purro, mantendo contato visual enquanto seguro seus quadris no lugar. Seu pau salta em minha direção e eu o levo para minha boca antes que ele possa mudar de ideia.

Ou antes que ele comece a reclamar de novo e acorde todo mundo.

Sua cabeça cai para trás contra a pedra com um baque surdo. Uma mão se enrosca no meu cabelo enquanto a outra cobre sua própria boca, abafando os sons que estou tirando dele. Seus quadris se movem para frente como se ele não pudesse se controlar.

Afundo as bochechas e o levo mais fundo, encorajado pela maneira como seus dedos apertam meu cabelo. Sua graça habitual se foi, substituída por pequenos empurrões desesperados que ele não consegue controlar. Cada gemido abafado envia eletricidade direto para meu pau.

"Porra", ele ofega, a voz arruinada. "Você... do jeito que você... *porra*..."

Eu murmuro ao redor dele, e todo o seu corpo estremece. A mão que não está cobrindo sua boca se agarra à parede, procurando apoio. Sua compostura está completamente destruída agora, substituída por necessidade crua.

É muito gostoso.

Eu seguro seus quadris, mantendo-o parado enquanto o levo até o fundo. Seu pau atinge o fundo da minha garganta e eu engulo ao redor dele, bebendo o som abafado que ele faz. Suas coxas tremem sob minhas mãos.

"Por favor", ele implora novamente, a palavra abafada por sua mão. "Por favor, não pare. Estou tão perto..."

Recuo o suficiente para olhar para ele, deixando seu pau escapar da minha boca. "Você vai gozar para mim, Doutor?"

Seus olhos se abrem, fixando-se nos meus com intensidade desesperada. A visão dele assim—corado, desarrumado, completamente arruinado—faz meu pau latejar dolorosamente.

"Por favor", é tudo o que ele consegue dizer antes que eu o engula novamente.

Suas costas se arqueiam contra a parede enquanto eu o trabalho, uma mão ainda segurando seu quadril enquanto a outra desliza para baixo para segurar suas bolas. Suas coxas tremem mais forte, músculos se tensionando enquanto ele se aproxima do limite.

Posso dizer que ele está lutando contra isso, tentando manter alguma aparência de controle mesmo agora. Mas eu quero ele completamente desfeito. Quero ouvi-lo se despedaçar.

Recuo até que apenas a cabeça de seu pau descanse em minha língua, então o levo fundo novamente em um movimento suave. Seus dedos se torcem no meu cabelo quase dolorosamente enquanto estabeleço um ritmo brutal, alternando entre chupadas rápidas e rasas e levando-o até o fundo da minha garganta.

"Porra, porra, *porra*", ele canta baixinho, a voz falhando. "Eu vou... Eu não consigo..."

Eu redobro o esforço, trabalhando-o mais rápido, mais forte. Seus quadris se movem para frente e eu deixo ele foder minha boca, aceitando tudo o que ele me dá. Os sons desesperados que escapam de seus lábios ecoam pelas paredes da caverna, ficando mais altos apesar de suas tentativas de ficar quieto.

"Quieto", tento rosnar ao redor de seu pau, mas ele o empurra mais fundo em minha boca, me abafando.

Sinto o nó de Plague começar a inchar contra meus lábios, quente e insistente. Porra. Claro que o bastardo presunçoso tem um nó enorme para combinar com seu ego. Minha mandíbula já dói, mas eu quero mais. Quero quebrá-lo completamente.

Seus dedos se torcem mais forte no meu cabelo enquanto seu pau pulsa contra minha língua. Os primeiros jatos quentes de gozo

inundam minha boca, mas eu continuo chupando, trabalhando-o até o fim. Ele tenta recuar enquanto seu nó começa a inchar contra meus lábios e dentes, provavelmente preocupado em prender seu pau na minha boca. Eu cavo meus dedos em seus quadris, mantendo-o no lugar. Suas mãos apertam meu cabelo, divididas entre me empurrar para longe e me puxar para perto.

"E-espere", ele ofega, a voz crua e arruinada. "Eu vou—"

Eu o engulo mais fundo em resposta, trabalhando minha garganta ao redor dele. Seu nó pulsa contra meus lábios, ficando maior a cada batida do coração.

O alongamento queima, mas eu quero isso.

Preciso disso.

"Porra", ele sibila através dos dentes cerrados. "*Porra*. É demais —"

Afundo as bochechas e o levo até o fundo, forçando minha mandíbula a abrir mais. Seu nó desliza pelos meus lábios, nos prendendo juntos, seu pau e a cabeça enfiados na minha garganta. O som que ele faz é puramente animal—nada clínico ou controlado nisso. Suas pernas tremem tanto que eu tenho que segurar suas coxas para mantê-lo em pé.

Meu próprio pau lateja dolorosamente dentro da minha calça. Eu me esfrego contra nada, desesperado por atrito. Os sons que ele está fazendo vão assombrar meus malditos sonhos. Nunca pensei que ouviria aqueles tons precisos e controlados se transformarem em gemidos e suspiros desesperados. Seus quadris se movem erraticamente enquanto eu o chupo até o fim, a hipersensibilidade fazendo ele se contorcer contra a parede de pedra fria.

Seu pau e nó pulsam enquanto ele se desfaz com um rosnado agudo, inundando minha boca. Eu engulo ao redor dele avidamente, trabalhando minha garganta, extraindo cada última gota dele. Seu nó lateja contra minha língua, esticando minha mandíbula até o limite. Lágrimas surgem nos cantos dos meus olhos devido ao esforço.

Valeu a pena.

Seus dedos passam pelo meu cabelo, mais gentis agora, suas unhas arranhando meu couro cabeludo. Quase carinhoso. O gesto

me pega de surpresa.

"Olhe para mim", ele ordena, a voz rouca.

Eu olho para cima, encontrando seu olhar, embora minha boca esteja cheia de seu pau. Seus olhos azuis claros estão escuros de desejo, pupilas dilatadas.

"Bom garoto", ele respira, os polegares acariciando minhas bochechas. "Tão bom para mim."

O elogio faz meu pau latejar quase dolorosamente. Seu nó pulsa contra minha língua, enchendo minha boca completamente. Mal consigo respirar ao redor dele, mas não me importo. O alongamento na minha mandíbula beira a agonia, mas até isso só me deixa mais excitado.

Eu gemo ao redor dele, me esfregando desesperadamente contra nada. Meu pau pressiona contra minha calça, vazando e desesperado por atenção. Mas mantenho minhas mãos em suas coxas, mantendo-o firme enquanto seu nó continua a pulsar.

Seu polegar traça meus lábios esticados onde estão selados ao redor de seu pau. O toque é leve como uma pena, mas envia eletricidade pela minha coluna.

"Veja como você está aguentando bem", ele respira, algo como admiração entrando em sua voz normalmente distante. "Quem diria que você poderia ser tão... obediente?"

Eu deveria mordê-lo por isso. Deveria lembrá-lo exatamente com quem ele está lidando. Mas tudo o que posso fazer é gemer enquanto outra onda de seja lá o que isso é passa por mim.

O que diabos está acontecendo comigo?

Seu nó lateja novamente, forçando outro jato de gozo pela minha garganta. Eu engulo avidamente, trabalhando minha garganta ao redor dele, embora a quantidade de gozo que ele já despejou na minha garganta esteja fazendo meu estômago se contrair. O som que ele faz—algo entre um rosnado e um gemido—vai direto para meu pau dolorido.

"Tão ganancioso", ele ofega, sua dicção precisa habitual falhando. "Tão ansioso para agradar."

Meu rosto queima, mas meus quadris se movem involuntariamente. Suas palavras não deveriam me afetar assim.

Nada disso deveria me afetar assim. Mas aqui estou, de joelhos com seu nó preso na minha boca, mais excitado do que nunca na vida.

Seus dedos apertam meu cabelo enquanto outro tremor passa por ele. "Porra... sua boca é tão quente..."

Eu murmuro e rosnou ao redor dele, fazendo-o suspirar. Seu nó pulsa em resposta e meu estômago se contrai, mas eu não quero que isso acabe.

"Toque-se", ele ordena, sua voz falhando levemente. "Deixe-me ver você gozar apenas com isso. Apenas por aguentar meu nó como um bom garoto."

Um som abafado escapa de mim. Minhas mãos tremem enquanto eu mexo com meu cinto e puxo minhas calças para baixo, finalmente libertando meu pau dolorido. Apenas envolver minha mão ao redor de mim quase me faz perder o controle.

"Devagar", ele comanda. "Faça durar."

Eu gemo, mas obedeço, me masturbando com uma lentidão agonizante. Seu nó lateja contra minha língua em aprovação.

"Bom garoto", ele respira. "Assim mesmo."

Meu corpo inteiro estremece com seu elogio. O líquido pré-ejaculatório escorre constantemente do meu pau enquanto eu me masturbo, combinando meu ritmo com a pulsação constante de seu nó. Cada engolida o faz suspirar, seus dedos apertando reflexivamente meu cabelo.

Estou perto—tão perto—mas espero.

Preciso de sua permissão.

Preciso que ele me diga...

"Você está perto", ele murmura, seus dedos apertando meu cabelo. Não é uma pergunta. Ele sempre tem que soar tão maldito clínico, mesmo com seu nó preso na minha boca. "Posso dizer pelo seu padrão de respiração. A maneira como suas pupilas dilatam. O líquido pré-ejaculatório vazando do seu—"

Eu rosnou ao redor dele e mordo um pouco, fazendo suas palavras se cortarem em um suspiro abafado. Minha mão se move mais rápido no meu pau, o líquido pré-ejaculatório pingando no chão da caverna.

Mas eu não gozo.

Ainda não.

Não até que ele me diga.

O que diabos ele fez comigo?

"Olhe para mim", ele ordena, voz áspera, seus dedos cavando no meu cabelo e puxando minha cabeça para trás o máximo que pode com seu pau enfiado na minha garganta. "Quero ver seu rosto quando você gozar."

Eu forço meus olhos a encontrarem o olhar dele com um rosnado baixo e agitado. Seus olhos azuis claros estão escuros de desejo, a máscara clínica completamente destruída. Seu cabelo normalmente perfeito está uma bagunça. Meu pau lateja ao ver.

Eu fiz isso.

Eu quebrei aquele controle de ferro.

"Bom garoto", ele respira, e o elogio me atinge como uma droga. "Agora goze para mim. Mostre-me o quanto você gosta de aguentar meu nó."

As palavras me levam ao limite. Minha visão escurece enquanto meu orgasmo me atravessa, o pau pulsando em minha mão. O gozo respinga no chão da caverna enquanto eu me masturbo, gemidos abafados vibrando ao redor de seu nó.

Seus dedos cavam no meu couro cabeludo. "Isso mesmo", ele murmura. "Me dê tudo."

Eu estremeço com os tremores pós-orgasmo, meu corpo inteiro tremendo. Seu nó continua latejando contra minha língua, enchendo minha boca e garganta com mais gozo até que eu sinta que vou ficar doente ou desmaiar ou ambos. Mas engulo tudo, trabalhando minha garganta ao redor dele, embora meu corpo grite em protesto.

Minha mandíbula dói pra caralho enquanto o nó de Plague pulsa contra minha língua, enchendo minha boca com outra onda quente de gozo. Eu tento engolir tudo, mas há tanto. Um pouco escapa pelos meus lábios esticados, escorrendo pelo meu queixo. Minha garganta trabalha desesperadamente, músculos se contraindo enquanto tento não engasgar.

Seus dedos passam pelo meu cabelo, mais gentis do que antes. Quase carinhosos. O contraste com sua frieza clínica habitual faz meu pau já gasto se contrair.

"Tão bom", ele murmura, sua voz crua e arruinada. Nada como seus tons precisos habituais. "Aguentando tão bem."

Eu rosnou ao redor de seu nó, o som abafado e desesperado. Minha mandíbula parece estar em chamas, esticada mais do que eu pensava ser possível. A queimação envia faíscas de prazer-dor através de mim que eu não quero pensar.

Seus quadris se movem involuntariamente, empurrando seu pau mais fundo. Eu engasgo levemente, mas me forço a relaxar minha garganta. Seu nó lateja em resposta, bombeando outra onda de gozo pela minha garganta.

"Porra", ele sibila através dos dentes cerrados. "*Porra*. Do jeito que você... do jeito que sua garganta..."

Pela primeira vez, o bastardo presunçoso parece sem palavras. Eu murmuro ao redor dele, a satisfação correndo por mim ao reduzi-lo a xingamentos incoerentes.

Suas coxas tremem sob minhas mãos enquanto outro tremor passa por ele. O nó estica minha mandíbula de forma impossível, fazendo meus olhos lacrimejarem. Mas eu não recuo*. Não posso* recuar. Estamos presos juntos até que seu nó diminua.

O pensamento envia uma emoção inesperada por mim.

"Fique parado", ele ordena, mas sua voz treme. "Deixe-me..."

Ele rola seus quadris cuidadosamente, testando. O movimento faz seu pau se mover em minha garganta, seu nó puxando meus lábios esticados. Eu gemo desesperadamente, minhas mãos apertando suas coxas.

"Bom garoto", ele respira. "Tão perfeito. Tão..."

Suas palavras se perdem em um gemido abafado enquanto seu nó pulsa novamente. Eu engulo reflexivamente, trabalhando minha garganta ao redor dele. Minha mandíbula grita em protesto, mas eu a ignoro, focando nos sons quebrados que estou tirando dele.

O tempo perde todo o significado enquanto ficamos presos juntos, seu nó bombeando lentamente carga após carga pela minha garganta. Meu mundo se reduz ao alongamento da minha mandíbula, seu gozo quente enchendo minha boca e garganta, o gosto dele em minha língua.

Seus dedos continuam passando pelo meu cabelo, um gesto estranhamente calmante. Como se ele estivesse me elogiando. Me recompensando.

O pensamento deveria me irritar.

Em vez disso, faz meu pau se mexer com interesse renovado.

O que diabos há de errado comigo?

Finalmente, depois do que parecem horas, seu nó começa a amolecer. Ele sibila através dos dentes enquanto ele encolhe o suficiente para escapar da minha boca abusada. Seu pau segue, me deixando sentindo estranhamente vazio.

Eu desabo contra a parede da caverna, trabalhando minha mandíbula dolorida. Gozo e saliva escorrem pelo meu queixo. Eu deveria me sentir enojado.

Em vez disso, eu me sinto...

Porra.

Eu não sei o que sinto.

Plague desliza pela parede até ficar sentado na minha frente, seu peito ainda ofegante. Pela primeira vez, ele parece tão arruinado quanto eu me sinto. Seu cabelo normalmente perfeito está uma bagunça e sua pele está corada, marcada com hematomas de meus dentes.

"Bem", ele diz finalmente, sua voz rouca. "Isso foi... informativo."

"Cale a boca", eu rouco. "Antes que eu te dê um soco na sua cara bonita."

Seus lábios curvam-se em um meio-sorriso irritante. "Você acha minha cara bonita?"

Eu me lanço para ele, mas minhas pernas estão muito trêmulas para ficar em pé e parece que eu acabei de engolir um jarro de creme. Ele me segura antes que eu caia de cara, me estabilizando com aquelas mãos de cirurgião. O toque envia tremores pelo meu corpo hipersensível.

"Cuidado", ele murmura. "Você ficará desequilibrado por vários minutos após o orgasmo."

"Eu te odeio tanto."

"Eu sei."

Sua mão envolve meu pau e eu me movimento em seu aperto com um gemido abafado.

Porra.

Depois de gozar tão forte, seu toque é quase demais. Minha cabeça cai para trás contra a pedra enquanto ele me masturba, rindo baixinho no meu ouvido.

"Minha vez."

CAPíTULO

DEz

IVY



Eu encaro a escuridão além da entrada da caverna, observando a neve rodopiante apagar lentamente qualquer traço da passagem do Cavaleiro. Sua forma massiva havia se dissolvido nas sombras como um fantasma, aquelas correntes arrastando atrás dele deixando sulcos profundos que já estão se enchendo de neve fresca.

Wraith se move ao meu lado, seu rosto marcado pressionado contra meu pescoço enquanto ele respira meu cheiro. Um ronco baixo vibra em seu peito. Não exatamente um ronronar, mas perto. Seus dentes afiados arranham minha pele com cuidado exquisito enquanto ele me segura mais perto.

Ele também percebeu o Cavaleiro saindo e estava pronto para entrar em ação. Mas ele ouviu quando eu balancei a cabeça.

Meu coração dói, lembrando do rosnado suave e oco que o Cavaleiro deu quando brevemente fizemos contato visual enquanto ele saía da caverna. Não ameaçador, apenas uma mensagem clara para ficar para trás.

Para ficar segura.

Para deixá-lo seguir seu próprio caminho.

Eu entendi.

Às vezes, a coisa mais gentil que você pode fazer por alguém é deixá-la encontrar seu próprio caminho.

Do meu outro lado, a cabeça de Valek repousa na minha coxa, seus olhos prateados semicerrados, mas alertas. As drogas parecem estar passando um pouco, embora ele ainda tenha aquele sorriso preguiçoso e perigoso nos cantos de sua boca ensanguentada. Por todos os seus teatros anteriores, ele tem sido surpreendentemente bem-comportado desde que nos acomodamos.

Ainda estou furiosa, mas a bronca que ele merece por tudo pelo que me fez passar—pelo que todos nós passamos—vai ter que esperar, considerando o quão estreitamente escapamos com nossas vidas.

E ele claramente ainda está chapado como um maldito papagaio.

Um baque abafado ecoa de mais fundo na caverna, seguido por algo que soa suspeitosamente como um rosnado. Minhas orelhas se arrepiam. Whiskey e Plague desapareceram lá atrás há um tempo, e não os ouço discutindo há algum tempo.

Estranho.

Eu começo a me mover, tentando me soltar do emaranhado de membros, mas os braços fortes de Wraith me prendem.

"Eu volto já", sussurro, tocando seu braço. "Só quero ver como estão."

"Nossa doce ômega está curiosa sobre o que dois alfas podem fazer no escuro?", Valek arrasta as palavras, seu sotaque espesso com a intoxicação persistente.

Sinto meu rosto corar. "Isso não—eles não—"

O sorriso de Valek se alarga.

Agora eu *realmente* quero saber o que está acontecendo lá atrás.

Wraith rosna suavemente, mas afrouxa o aperto, me deixando escapar. O frio me atinge imediatamente e eu estremeço, puxando as camisas emprestadas deles mais firmemente ao meu redor. Valek faz um som de desapontamento quando eu me levanto, alcançando meu tornozelo, mas eu saio de seu alcance.

"Comportem-se", digo a ambos. Wraith apenas parece preocupado, enquanto o sorriso de Valek ganha uma borda distintamente perversa.

"Sempre, minha deusa de cabelos de sangue", ele ronrona.

Eu o ignoro e sigo cuidadosamente pela escuridão, seguindo os sons mais fundo na caverna. O teto fica mais baixo, forçando-me a me abaixar em alguns lugares.

Outro rosnado chega aos meus ouvidos, seguido por algo que definitivamente soa como um gemido. Meu coração começa a acelerar.

Certamente eles não estão...

Mas as palavras de Valek ecoam na minha cabeça. O ar realmente cheira diferente aqui atrás. Mais almiscarado, mais intoxicante. Como o cheiro que enchia meu quarto durante meu cio.

Meu coração bate forte contra minhas costelas enquanto me aproximo, atraída pelos sons abafados que ecoam nas paredes da caverna. O cheiro fica mais forte a cada passo. O calor se acumula na parte inferior do meu ventre enquanto memórias do meu tempo com a matilha voltam à tona.

Talvez eu devesse me virar.

Mas meus pés me levam para frente até que eu consigo distinguir suas formas na luz fraca que entra da caverna principal.

Minha respiração para na garganta.

Whiskey está de joelhos, seu corpo enorme estranhamente vulnerável enquanto Plague se inclina sobre ele. Uma das mãos de Plague está enroscada no cabelo de Whiskey, enquanto a outra cobre sua própria boca, abafando seus sons. Mesmo na escuridão, consigo ver como a mandíbula de Whiskey se estica ao redor do nó de Plague, sua garganta trabalhando enquanto engole, seus dedos cavando no chão como se estivesse tentando não se afogar.

A necessidade crua nos olhos normalmente frios de Plague enquanto ele olha para Whiskey deixa meus joelhos fracos. Seu controle preciso está completamente destruído, substituído por algo primitivo e faminto. Seus quadris se movem para frente em empurrões desesperados enquanto seu nó pulsa.

Minhas coxas se pressionam enquanto eu os observo, o calor se acumulando na parte inferior do meu ventre. Eu deveria me sentir culpada por espionar, mas não consigo desviar o olhar. Whiskey já havia pintado um quadro colorido para mim, mas ver é outra questão completamente diferente. Eu nunca imaginei como a visão

de Whiskey de joelhos, a garganta trabalhando enquanto engole o nó de Plague, me afetaria.

"Fique parado", Plague respira, sua voz crua e arruinada enquanto ele rola seus quadris contra o rosto de Whiskey. Nada como seu tom clínico habitual. "Deixe-me..."

Whiskey geme ao redor dele, a vibração ecoando nas paredes da caverna. Seu próprio pau está rígido entre suas pernas, vazando no chão de pedra. Mas ele mantém as mãos nas coxas de Plague, mantendo-o firme.

Minha boca fica seca enquanto observo um fio de gozo escapar do canto da boca esticada de Whiskey. Meu núcleo pulsa de necessidade e eu pressiono minhas coxas com mais força, tentando aliviar a dor crescente.

A cabeça de Plague cai para trás contra a pedra, sua compostura perfeita habitual completamente desaparecida. Seu peito se levanta a cada respiração ofegante enquanto seu nó continua a bombear carga após carga pela garganta de Whiskey.

Ele rola seus quadris cuidadosamente, testando. Whiskey engasga levemente, mas o leva mais fundo, sua garganta visivelmente trabalhando ao redor do comprimento de Plague. A visão me faz morder o lábio para sufocar um gemido.

Não consigo desviar meus olhos deles. Minha mão desliza por baixo da camisa de Whiskey que pende como um vestido em mim, subindo pela minha coxa. Cada terminação nervosa parece eletrificada enquanto observo Plague elogiar Whiskey, sua voz normalmente fria áspera de necessidade.

"Bom garoto. Tão perfeito. Tão..."

As palavras se dissolvem em um gemido que envia calor direto para o meu núcleo. Meus dedos encontram calor úmido enquanto eu me sento lentamente no chão da caverna e me toco, movendo em círculos lentos. A maneira como a garganta de Whiskey trabalha enquanto engole o nó de Plague, a maneira como os dedos de Plague passam pelo seu cabelo quase ternamente... é tão quente que não sei o que fazer comigo mesma.

Eu mordo o lábio para ficar quieta enquanto o prazer aumenta, não querendo me entregar. Mas, porra, vê-los juntos... ver Plague

completamente perder o controle, ver Whiskey tão submisso...

Meus quadris balançam contra minha mão enquanto imagino como seria estar entre eles. Um gemido escapa de mim enquanto o nó do pau de Plague pulsa visivelmente, extraindo um gemido abafado do alfa maior. Meus dedos se movem mais rápido, combinando com o ritmo das investidas rasas de Plague. Os sons úmidos da minha própria excitação se misturam com seus gemidos abafados.

O tempo parece se esticar como mel enquanto eu os observo, perdida em meu próprio prazer crescente. Minha mão livre desliza por baixo das camadas de suas camisas para acariciar meu seio, beliscando e rolando meu mamilo. Cada som quebrado que escapa deles envia eletricidade pelo meu corpo.

Meus dedos se movem em círculos apertados enquanto observo o nó de Plague pulsar na boca esticada de Whiskey. Cada vez que ele engole outra onda de gozo, o calor se enrola mais forte no meu núcleo. A maneira como os dedos de Plague passam pelo cabelo de Whiskey, alternando entre elogios gentis e controle de ferro, faz minhas coxas tremerem.

Whiskey geme ao redor dele, o som abafado e desesperado. Seu corpo enorme treme enquanto o nó de Plague continua a bombear carga após carga pela sua garganta. Posso ver lágrimas nos cantos de seus olhos devido ao esforço, mas ele não recua. Não tenta escapar.

Apenas aceita tudo o que Plague lhe dá.

Minha respiração para quando os quadris de Plague se movem para frente involuntariamente, indo mais fundo. Whiskey engasga levemente, mas se recupera rapidamente, relaxando a garganta. A visão envia eletricidade direto para o meu núcleo. Eu pressiono minha palma contra mim mesma, esfregando contra ela enquanto os observo.

Meus dedos deslizam para dentro enquanto minha mente continua alternando entre o presente e como seria estar entre eles. Ter as mãos cirúrgicas de Plague em mim enquanto Whiskey...

Outro gemido escapa de mim antes que eu possa sufocá-lo. Nenhum deles parece notar, perdidos em seu próprio mundo. A base

do nó de Plague pulsa visivelmente enquanto ele rola seus quadris, testando os limites de Whiskey. O alfa maior apenas aceita, sua garganta trabalhando horas extras.

Meus dedos se movem mais rápido enquanto observo o gozo escapar dos cantos da boca esticada de Whiskey. Ele engole desesperadamente, mas há muito. Escorre pelo seu queixo em filetes grossos, e a visão me faz pressionar um segundo dedo dentro de mim.

Whiskey sibila através dos dentes enquanto o nó de Plague encolhe o suficiente para escapar. Ele desaba contra a parede, trabalhando a mandíbula. Gozo e saliva escorrem pelo seu queixo até seu peito largo.

Eu deveria desviar o olhar.

Deveria me sentir culpada por assistir.

Em vez disso, pressiono um terceiro dedo dentro de mim enquanto Plague desliza para sentar na frente de Whiskey. Seu cabelo normalmente perfeito está uma bagunça, a pele corada.

"Bem", ele diz, a voz rouca. "Isso foi... informativo."

"Cale a boca", Whiskey rouca. "Antes que eu te dê um soco na sua cara bonita."

"Você acha minha cara bonita?"

A discussão familiar me faz sorrir mesmo enquanto me balanço contra minha mão. Algumas coisas nunca mudam. Whiskey se lança e, por um instante, acho que vou ter que me revelar apenas para separar uma briga, mas então ele tropeça e Plague o segura.

"Cuidado", Plague murmura. "Você ficará desequilibrado por vários minutos após o orgasmo."

"Eu te odeio tanto."

"Eu sei."

Mas então a mão de Plague envolve o pau de Whiskey e tudo muda novamente.

"Minha vez", ele ronrona.

Meus dedos trabalham mais rápido dentro de mim enquanto observo Plague montar no colo de Whiskey em um movimento fluido. Seus movimentos são precisos, calculados, mesmo agora. Ele prende o pau de Whiskey entre seus corpos, prendendo-o contra o

estômago de Whiskey enquanto suas mãos percorrem o peito largo do alfa maior.

"Olhe para você", Plague murmura, os dedos deslizando pelo torso ofegante de Whiskey. "Você bebeu tanto. Não é surpresa que pareça que vai ficar doente."

Whiskey apenas geme, sua cabeça caindo para trás contra a pedra. Seu corpo enorme treme sob o corpo magro de Plague enquanto aquelas mãos de cirurgião trabalham em seu estômago, alternando entre carícias gentis e apertões ásperos que o fazem suspirar e rosnar.

"Nada a dizer?" A voz de Plague carrega aquele tom afiado que claramente deixa Whiskey louco. "Nenhum comentário sarcástico? Você deve estar realmente sentindo."

Eu mordo o lábio para sufocar um gemido enquanto os observo, pressionando as pontas dos dedos contra meu ponto. O alongamento queima tão bem enquanto Plague continua a atormentar Whiskey, aquelas mãos habilidosas mapeando cada centímetro do corpo do alfa maior. Whiskey se contorce sob ele, completamente à sua mercê.

"Por favor", Whiskey geme, sua voz arruinada. "Apenas... faça alguma coisa..."

"Eu *estou* fazendo algo." A mão de Plague desliza mais para baixo, envolvendo ambos os paus. Não completamente, mas o suficiente. "Estou conduzindo um experimento muito importante sobre os efeitos da superestimulação em sujeitos alfas que consumiram muito gozo via nó oral."

Mesmo nesse estado, ele não consegue se controlar. Sempre o cientista.

"Isso é muito específico", Whiskey murmura.

Eu pressiono mais fundo dentro de mim enquanto Plague começa a masturbá-los juntos. A visão de seus paus deslizando um contra o outro faz meu núcleo pulsar. As mãos de Whiskey agarram inutilmente o chão de pedra, seu corpo inteiro tremendo.

"Veja como você está desesperado. Assim como da última vez", Plague ronrona, torcendo o pulso de uma maneira que faz Whiskey se arquejar no chão. "Tão carente. Tão cheio do meu gozo."

Plague espalha a palma da mão sobre o estômago de Whiskey e pressiona com força, arrancando um *uof* abafado dele.

"Você é meu agora", Plague rosna, toda a frieza desaparecida de sua voz enquanto ele os masturba juntos com a outra mão. A visão de seus paus deslizando um contra o outro, escorregadios de gozo, envia eletricidade direto por mim. "Diga isso."

"Vá se foder", Whiskey ofega, mas seus quadris se movem desesperadamente para o aperto de Plague.

Plague torce o pulso novamente, fazendo a cabeça de Whiskey cair para trás com um gemido abafado. "Resposta errada." Ele para a mão completamente. "Implore por isso."

Eu mordo o lábio com força para sufocar um gemido enquanto trabalho outro dedo dentro de mim, combinando com o ritmo deles. O alongamento é eletrizante enquanto observo Plague dominar o alfa maior. Minha outra mão belisca e rola meu mamilo, enviando faíscas por todo o meu corpo.

"Por favor", Whiskey finalmente geme, seu corpo enorme tremendo. "Por favor... eu preciso..."

"Precisa do quê?" A voz de Plague é pura seda envolta em aço. "Seja específico."

"Preciso gozar", Whiskey suspira. Suas mãos se agarram ao chão de pedra. "Por favor, eu não consigo... *porra*... eu sou seu. Apenas me deixe gozar."

"Bom garoto." Plague começa a masturbá-los novamente, mais rápido agora. Os sons úmidos de pele contra pele ecoam nas paredes da caverna, misturando-se com sua respiração ofegante e meus próprios gemidos abafados. "Sua voz é muito menos irritante quando você está desesperado e implorando."

Meu núcleo se contrai ao redor dos meus dedos.

"Perto?" Plague ronrona, sua mão se movendo mais rápido em seus paus. Whiskey apenas balança a cabeça freneticamente, além das palavras. "Se humilhe."

"Por quê?" Whiskey engasga. "Para quê?"

"Porque você me irrita", Plague diz secamente.

"Desculpe", Whiskey rosna. Ele solta um grito abafado quando Plague aperta seus paus com força, esmagando seus nós juntos, sua

cabeça caindo para trás contra a pedra. "Apenas por favor…"

"Não é bom o suficiente." A mão de Plague para completamente, arrancando um gemido de Whiskey que faz meu núcleo se contrair. "Você está arrependido por ser um bárbaro imprudente. Por nunca ouvir. Por questionar meu julgamento a cada passo."

"Sim", Whiskey suspira. "Sim, porra, eu sinto muito..."

Plague se inclina, seus lábios tocando a orelha de Whiskey. "E?"

"E eu preciso de você", Whiskey engasga. Seus quadris se movem desesperadamente, buscando atrito. "Preciso..."

"Continue." A voz de Plague é mais afiada agora. "Uma confissão completa, por favor."

Minhas coxas tremem enquanto trabalho outro dedo dentro de mim. Cada som quebrado que escapa dos lábios de Whiskey envia eletricidade pelo meu corpo.

"Suas mãos", Whiskey engasga. Ele treme enquanto a mão livre de Plague desliza por sua barriga. "Eu preciso que você me deixe gozar. Eu sei que não mereço. Apenas por favor..."

"Você sabe que não merece?" Plague rosna.

"Sim", Whiskey geme. Suas mãos se agarram inutilmente ao chão de pedra.

"Diga isso."

Os dentes de Whiskey rangem com um estalo. "Eu não mereço", ele range os dentes.

"Correto", Plague rosna. "Mas como você pediu tão gentilmente..."

Então a cabeça de Plague se levanta, aqueles olhos azuis claros se fixando nos meus na escuridão. Minha respiração para na garganta, mas não consigo desviar o olhar. Seus lábios se curvam mesmo enquanto sua mão continua a masturbá-los.

"Parece que todo o barulho que você tem feito atraiu alguma atenção", Plague ronrona, clara diversão entrando em seu tom clínico.

Whiskey levanta a cabeça para me encarar em choque antes de gemer, sua cabeça caindo para trás contra a pedra enquanto seu rosto queima de humilhação. "Ah, que porra..." ele rosna, seu peito

se levantando a cada respiração ofegante. "Você deve estar brincando comigo."

O calor inunda minhas bochechas enquanto eles me encaram, mas não consigo desviar o olhar. Meus dedos ainda estão enterrados dentro de mim, meu núcleo se contraindo ao redor deles. Parte de mim quer fugir, mas uma parte maior quer ficar aqui e observar.

Eles já sabem que eu estava assistindo, de qualquer maneira.

"E então?" A voz de Plague carrega um tom de diversão. "Você vai apenas assistir ou vai se juntar a nós?"

Sua mão começa a se mover em seus paus novamente, arrancando um gemido abafado de Whiskey. O rosto do alfa maior queima de vermelho, mas seu pau pulsa visivelmente no aperto de Plague.

"Eu... eu deveria ir..." Minhas palavras saem ofegantes, pouco convincentes.

"Deveria?" Os olhos de Plague brilham na escuridão. "Isso não é o que seu cheiro diz."

Ele está certo. O ar está pesado com o doce aroma de madressilva da minha excitação, misturando-se com seus cheiros almiscarados de alfa. Minhas pernas tremem enquanto me levanto e dou um passo hesitante para mais perto.

"Porra", Whiskey geme. "Isso é tão errado..."

Mas seu pau pulsa na mão de Plague, o líquido pré-ejaculatório formando uma gota na ponta.

"É?" A voz de Plague permanece irritantemente calma, apesar de sua própria excitação óbvia. "Seu corpo parece discordar."

Dou outro passo mais perto. O calor que se acumula entre minhas pernas afoga qualquer pensamento racional. Tudo o que consigo focar é na maneira como Whiskey se contorce sob a precisão cirúrgica de Plague, na forma como seus paus escorregadios deslizam juntos.

"Venha aqui", Plague ordena suavemente.

Meus pés me levam para frente antes que eu possa pensar melhor. De perto, o cheiro de sua excitação é intoxicante. Whiskey não encontra meus olhos, seu rosto ainda corado de humilhação, seu peito forte se levantando a cada respiração ofegante.

"Mostre-nos o que você estava fazendo", Plague ronrona.

Minha mão treme enquanto levanto a barra da camisa emprestada de Whiskey. O ar frio atinge minhas coxas úmidas, me fazendo estremecer. Mas a forma como seus olhos escurecem ao ver envia calor líquido se acumulando entre minhas pernas.

"Lindo", Plague respira enquanto meus dedos encontram meu núcleo novamente. "Continue se tocando. Mostre-nos como nos observar afetou você."

Um gemido escapa de mim enquanto deslizo meus dedos de volta para dentro. Minha outra mão belisca e rola meu mamilo através das camadas de suas camisas, enviando faíscas de prazer por todo o meu corpo. Ser observada assim está me deixando nervosa, mas também torna tudo mais intenso.

"Olhe para ela, Whiskey", Plague ordena. Sua mão torce em seus paus, fazendo o alfa maior gemer. "Veja o que você faz com nossa ômega?"

Os olhos castanhos de Whiskey finalmente encontram os meus, escurecendo com uma mistura de vergonha e fome crua. A visão faz meu núcleo se contrair ao redor dos meus dedos.

"Isso mesmo", Plague murmura em um tom que seria ameaçador vindo de qualquer outra pessoa. Diabos, ainda é. "Mostre-nos tudo."

Eu me balanço contra minha mão, combinando com o ritmo das batidas de Plague. Cada rosnado quebrado que escapa dos lábios de Whiskey envia eletricidade pelo meu corpo. Minhas pernas tremem enquanto o prazer aumenta, ameaçando me dominar.

"Porra", Whiskey engasga.

"O quê?" A voz de Plague carrega aquele tom que nos deixa loucos. "Use suas palavras."

Mas Whiskey apenas geme enquanto os dedos habilidosos de Plague trabalham neles dois. Seus quadris se movem desesperadamente, buscando mais atrito. A visão dele se desfazendo faz meu núcleo pulsar ainda mais.

"Ela está perto", Plague observa clinicamente, embora sua própria voz trema levemente. "Veja como suas pupilas dilatam. Como sua respiração falha. A maneira como ela—"

"Cale a boca", Whiskey e eu dizemos ao mesmo tempo.

Plague sorri, mas sua mão se move mais rápido em seus paus.

Meus dedos se curvam mais fundo dentro de mim, encontrando aquele ponto perfeito que faz o êxtase explodir no meu núcleo. Mal consigo ficar em pé enquanto os observo juntos, meus joelhos tremendo a cada onda de calor que passa por mim. A maneira como as mãos de Plague os acariciam tão habilmente, como Whiskey se contorce sob ele, apesar de claramente tentar manter algum controle...

É quase demais.

Whiskey não encontra meus olhos agora, seu rosto corado de vergonha. Mas seu pau pulsa visivelmente no aperto de Plague, o líquido pré-ejaculatório formando uma gota na ponta cada vez que ele rouba uma olhada em mim me tocando. Ele ofega e rosna enquanto luta contra o prazer crescente.

"Veja como você o está deixando excitado", Plague ronrona, sua voz áspera de necessidade. "Ele está tentando tanto não gozar apenas de te observar."

"Cale... a boca...", Whiskey rosna, mas seus quadris se movem desesperadamente para o aperto de Plague.

"Um alfa tão orgulhoso", Plague continua, passando o polegar sobre a ponta de Whiskey de uma maneira que faz ele se mover avidamente em seu aperto. "Tão desesperado para manter o controle. Mas veja como seu corpo o trai quando nossa ômega observa."

Eu pressiono mais fundo, trabalhando outro dedo dentro de mim enquanto os observo. Tenho que me apoiar na parede de pedra da caverna para me sustentar. Minhas paredes internas se contraem fortemente ao redor da intrusão. O calor se enrola mais forte em meu ventre a cada batida da mão de Plague, cada grunhido e rosnado que Whiskey solta.

"Perto?" Plague ronrona. "Ela vai gozar apenas de te observar assim."

O único motivo pelo qual ainda não gozei é porque estou tentando não fazer isso. Tentando segurar. E estou rapidamente perdendo essa batalha.

Os olhos de Plague brilham na luz fraca dentro da escuridão. "Mostre a ele", ele ronrona. "Mostre a ele o que você faz conosco."

Eu gemo suavemente enquanto meus dedos encontram aquele ponto perfeito dentro de mim e meus quadris se movem para frente, afastando-se da pedra em resposta.

Os olhos de Whiskey se arregalam enquanto ele me observa me tocando.

"Porra", ele engasga.

"Linda, não é?" Plague murmura, sua voz precisa áspera de necessidade. Sua mão se move mais rápido em seus paus. "Veja como ela está molhada apenas de te ver implorar para que eu deixe você gozar."

Meu núcleo pulsa com suas palavras. Eu me balanço contra minha palma, esfregando enquanto meu êxtase aumenta, minhas paredes internas se contraindo e tremulando ao redor dos meus dedos. Minhas costas pressionam contra a parede da caverna, a superfície dura e fria contra minha pele febril. Eu me apoio nela, surfando na intensidade crescente entre minhas pernas.

Whiskey solta um rosnado agudo e se move com força, mas a mão de Plague para completamente e aperta com força ao redor das bases de seus nós, arrancando um gemido desesperado de Whiskey. "Ainda não", Plague o repreende. "Não até que ela goze primeiro."

O calor inunda através de mim com suas palavras. Meus dedos se movem mais rápido, curvando-se com mais força para atingir aquele ponto que faz minhas coxas tremerem. Estou tão perto, pairando à beira enquanto observo Plague apertando seus paus juntos em um aperto comandante. As bases de seus paus estão avermelhadas e pulsando, o fluxo cortado onde Plague os está segurando logo abaixo dos nós, e a visão é suficiente para me levar ao limite.

"Olhe para ela", Plague ordena a Whiskey. "Veja o que você faz com nossa ômega."

Eu grito suavemente enquanto meu núcleo pulsa ao redor dos meus dedos, minhas pernas ficando moles e ameaçando ceder.

"Goze por ela agora", Plague ronrona, soltando o aperto em seus paus o suficiente.

A cabeça de Whiskey cai para trás com um rosnado abafado através dos dentes cerrados enquanto ele se desfaz. Seu pau pulsa no aperto de Plague, pintando ambos os peitos com grossos fios de gozo. A visão faz minhas paredes internas se contraírem com tremores pós-orgasmo.

"Bom garoto", Plague respira, ainda masturbando-os durante o processo. Seu próprio pau vaza enquanto ele observa Whiskey estremecer sob ele, embora ele pareça não ter muito mais depois que Whiskey o esvaziou.

"*Porra*", Whiskey geme, sua cabeça caindo para trás contra a pedra. Seu peito enorme se levanta a cada respiração ofegante. "Isso foi..."

"De fato." Os lábios de Plague se curvam em um meio-sorriso irritante. Seus olhos azuis claros se fixam nos meus, calculando. Avaliando. "Embora talvez possamos tentar algo diferente."

Os olhos de Whiskey se abrem rapidamente. "Diferente como?"

"Oh, eu tenho algumas ideias", Plague murmura, sua voz carregando um tom que envia eletricidade pela minha coluna. Seus dedos de cirurgião deslizam mais para baixo, fazendo a respiração de Whiskey falhar enquanto ele acaricia a parte interna da coxa musculosa do outro alfa. "Nada muito... *invasivo*, se é isso que o preocupa. Mas tenho certeza que nossa ômega gostaria do show."

O calor inunda minhas bochechas com suas palavras. O tom afiado de sua voz só torna tudo mais intenso de alguma forma. Como se eu fosse parte de algum experimento elaborado.

"Você é um maldito doente, sabia disso?" Whiskey rosna, mas não há calor real por trás disso. Seus olhos castanhos se voltam para os meus, escurecendo com uma mistura de vergonha renovada e fome persistente.

"Você já mencionou isso." A mão de Plague se move mais para baixo, arrancando outro rosnado abafado do alfa maior. "Várias vezes, na verdade. E ainda assim..."

Suas palavras se perdem de forma significativa. Meu núcleo esquenta com uma necessidade renovada enquanto imagino o que "diferente" pode envolver.

"Porra", Whiskey respira, seu rosto ficando mais escuro. "Você vai ser a morte de mim."

"Talvez." O sorriso de Plague ganha uma borda predatória. "Mas que maneira de partir."

CAPíTULO

ONzE

PLAGUE



Eu não consigo desviar meus olhos de Ivy enquanto ela está ali, corada e tremendo, seus dedos ainda brilhando com sua própria excitação. A visão dela se tocando enquanto nos observa faz meu pau já gasto se contrair com interesse renovado. Mas mais do que isso, isso desperta algo mais profundo.

Ela merece algo melhor do que eu.

Melhor do que qualquer um de nós.

Ainda assim, aqui está ela, nos observando com aqueles olhos oceânicos escuros de desejo. Meus fracassos se repetem em minha mente. Como eu não consegui protegê-la, não consegui salvá-la do que ela passou. A culpa arranha meu peito mesmo agora.

Eu quero reivindicá-la.

Marcá-la como nossa.

Mostrar a ela exatamente o que dois alfas podem fazer para agradar sua ômega. Para provar que posso ser digno de sua confiança. Mas preciso ser cuidadoso. Calculado.

A frieza clínica é meu escudo, minha maneira de manter o controle quando tudo ameaça se transformar em caos. Isso não é apenas sobre prazer físico. É sobre controle. Sobre empurrar limites e ver até onde podemos ir.

Sobre provar a mim mesmo que, mesmo que eu tenha falhado em protegê-la, posso pelo menos agradá-la.

"Venha aqui, pequena", eu ronrono, estendendo minha mão para ela. Ela hesita por um momento antes de se aproximar, seus pés descalços silenciosos na pedra fria. Posso sentir o cheiro de sua excitação, doce e intoxicante. É preciso toda a minha força de vontade para não enterrar meu rosto entre suas coxas ali mesmo.

Em vez disso, eu a guio para ficar sobre o corpo deitado de Whiskey. Ele olha para ela com uma mistura de admiração e vergonha persistente, seu pau já se mexendo apesar de ter acabado de gozar.

Alfas e seu tempo de recuperação.

Tão previsíveis.

"Por que você não se senta?" Eu sugiro, acenando para o rosto de Whiskey. "Tenho certeza que nosso amigo aqui adoraria uma visão mais próxima, e isso o ajudará a ficar parado."

Os olhos de Whiskey se arregalam. "Espere, o quê—"

Eu o silencio com um olhar afiado. "Quieto."

Para meu deleite, Ivy não hesita. Ela monta no peito largo de Whiskey, então lentamente se abaixa em seu rosto. O gemido suave que escapa dela quando sua língua faz contato com seu núcleo me faz estremecer.

"Lá vamos nós", murmuro, passando minha mão ao longo de sua coluna trêmula. "Boa e parada agora. Não queremos que ele tenha ideias de se mover, não é?"

Ivy balança a cabeça, seus olhos se fechando enquanto os gemidos abafados de Whiskey vibram contra ela. Ele claramente está angustiado com o que quero dizer ao mantê-lo parado, mas suas mãos grandes ainda agarram seus quadris, puxando-a para baixo em seu rosto. Ivy suspira e arqueia as costas enquanto Whiskey dedica atenção ao seu clitóris.

"Bom garoto", eu o elogio. "Você está aprendendo."

Volto minha atenção para Ivy, bebendo a visão dela. Ela é tão linda assim, perdida em êxtase, suas inibições desaparecidas. Quero ver até onde posso empurrá-la. O quanto ela está disposta a explorar.

"Agora então", digo, mantendo minha voz clínica e distante, apesar da onda de excitação fresca passando por mim. "Acho que é

hora de um pequeno experimento. Você tem sido tão curiosa sobre paus alfa, mas já explorou um livremente pelo tempo que quis?"

Ela balança a cabeça, seu olhar cheio de curiosidade.

Eu gesticulo para o pau rapidamente endurecido de Whiskey antes de me posicionar atrás de Ivy e segurar seus pulsos. "Vá em frente. Toque-o. Faça o que quiser com ele. Qualquer coisa", eu a encorajo. "Considere isso uma aula prática de anatomia."

Whiskey puxa contra minhas mãos e rosna um pouco. "Qualquer coisa?" ele ecoa, sua voz abafada por sua buceta.

"Mas primeiro", digo, ignorando-o, "você poderia se sentar para que ele não fale?"

Minhas mãos apertam os pulsos de Whiskey enquanto Ivy se senta de volta em seu rosto, cortando qualquer comentário sarcástico que ele estava prestes a fazer. Seu gemido abafado vibra contra seu núcleo, fazendo-a suspirar e se arquejar. A visão envia excitação fresca por mim, apesar de eu ter acabado de gozar.

"Boa garota", murmuro, mantendo minha voz clínica e distante, mesmo que meu pau se contraia com interesse renovado. "Agora ele pode se concentrar em se fazer útil."

Ivy treme enquanto a língua de Whiskey trabalha entre suas dobras, suas coxas se apertando ao redor de sua cabeça. Suas mãos se esforçam contra meu aperto, mas eu seguro firme, mantendo-o preso. O rosnado frustrado que ronca em seu peito apenas faz Ivy gemer mais alto.

"Isso mesmo", eu a encorajo, bebendo cada microexpressão que cruza seu rosto. "Mostre a ele o que você precisa. Use-o."

Ela balança os quadris, esfregando-se contra sua boca. O movimento é hesitante no início, mas fica mais ousado enquanto a língua de Whiskey se aprofunda. Seu pau endurece completamente, já recuperado e vazando.

Eu me inclino perto do ouvido de Ivy, ainda mantendo meu aperto de ferro nos pulsos de Whiskey. "Veja como você o deixa excitado apenas usando sua boca", murmuro.

Um gemido escapa dela enquanto Whiskey redobra seus esforços, claramente impulsionado por minhas palavras. Seus músculos se tensionam sob mim e posso sentir seu pulso acelerado

através de seus pulsos sob meus polegares, seu coração trabalhando horas extras para compensar a falta de oxigênio. Suas botas se agarram ao chão da caverna enquanto ele solta um rosnado abafado. Mas ele não tenta se libertar, mesmo que eu possa dizer que ele está tendo dificuldade para não desmaiar.

Bom. Ele está aprendendo.

Um gemido suave de Ivy chama minha atenção. Ela está explorando o pau de Whiskey com uma curiosidade cuidadosa, traçando as veias e saliências proeminentes. Sua mão pequena envolve a base, incapaz de cercar completamente sua grossura. O contraste de seus dedos pálidos contra sua pele corada é impressionante.

"Você vê o nó dele inchando ao seu toque?" Eu encorajo, mantendo minha voz estável, apesar da visão enviar calor e fome pelo meu corpo.

As pontas dos dedos de Ivy tocam seu nó. O pau de Whiskey se contrai e o gozo escorre de sua cabeça ao seu toque, enquanto ele solta um gemido abafado contra sua buceta. Ela suspira e se contorce em resposta, esfregando-se contra seu rosto. Enquanto suas mãos deslizam de volta para baixo de sua barriga em direção ao seu pau latejante, ele arqueia as costas e se move o máximo que pode em sua posição precária.

"Calma", murmuro, mais para Whiskey do que para Ivy. "Relaxe."

Outro gemido. Os quadris de Whiskey se contraem, buscando mais contato. Os dedos de Ivy deslizam mais para baixo, traçando a veia proeminente ao longo da parte inferior do pau de Whiskey. Seu toque é leve, curioso. Experimental.

Minha respiração para enquanto observo os dedos delicados de Ivy explorarem o pau grosso de Whiskey com uma curiosidade tão inocente. A maneira como ela traça cada veia e saliência, mapeando sua anatomia como se estivesse conduzindo seu próprio experimento… isso desperta algo primitivo e possessivo em meu peito.

E também algo mais sombrio.

Um pensamento se enraíza em minha mente enquanto observo sua exploração cuidadosa. A maneira como ela instintivamente sabe

como tocá-lo, como extrair aqueles rosnados desesperados de sua garganta. Meu pau lateja enquanto imagino como seria compartilhá-la. Sentir ela esticada ao redor de nós dois ao mesmo tempo.

A imagem envia uma nova onda de calor pelas minhas veias. Eu sempre me orgulhei de controle, de cálculo frio. Mas vê-la assim me faz querer perder esse controle completamente.

Minhas mãos apertam os pulsos de Whiskey enquanto os dedos de Ivy deslizam mais para baixo, traçando padrões em suas coxas antes de retornar sua atenção para a cabeça vazando dele. Seus quadris se movem desesperadamente, buscando mais contato. Posso sentir seu pulso acelerado sob meus polegares.

"Cuidado", murmuro, mantendo minha voz estável, apesar da fome correndo por mim. "Ele é sensível ali."

Ela olha para mim, aqueles olhos oceânicos escuros de curiosidade. A visão faz meu pau latejar dolorosamente. Quero dizer a ela exatamente o que estou imaginando. Quero ver se ela estaria disposta a tentar.

Mas ainda não.

Quero aproveitar essa visão primeiro.

Whiskey solta um gemido abafado quando a mão de Ivy o envolve novamente e ela pressiona mais forte contra seu rosto. Suas coxas tremem com o esforço de ficar parado. Posso sentir a tensão em seu corpo enorme, a maneira como ele luta contra seus instintos de empurrar para cima em seu aperto.

"Bom garoto", eu o elogio, sabendo como isso o deixa louco. "Você está aprendendo controle."

Seu rosnado vibra contra o núcleo de Ivy, fazendo-a suspirar e se arquejar novamente. O movimento atrai meus olhos para a curva elegante de sua coluna, a maneira como as camisas emprestadas—nossas camisas—escorregam de um ombro, revelando mais de sua pele.

"Experimente com pressão", instruo, meu tom clínico escondendo o calor se acumulando no meu núcleo. "Veja como ele responde a diferentes estímulos."

Ela obedece, alternando entre toques leves como uma pena e apertões mais firmes. Cada variação extrai novos sons de Whiskey.

Rosnados e gemidos desesperados abafados por sua buceta. Suas mãos se flexionam em meu aperto, mas ele não tenta se libertar.

A dinâmica de poder em jogo me fascina. A maneira como nosso alfa orgulhoso e agressivo se submete tão lindamente quando devidamente motivado. A maneira como nossa pequena ômega feroz assume um controle tão natural.

Seria tão fácil guiá-la. Mostrar a ela exatamente como nos levar. Meu pau se contrai ao pensamento de esticá-la lentamente, cuidadosamente, até que ela esteja pronta.

Até que ela esteja implorando por mais.

"Você está indo tão bem", digo a ela, minha voz mais áspera do que o pretendido.

Ivy estremece com o elogio, seus dedos apertando o pau de Whiskey. O líquido pré-ejaculatório forma uma gota na ponta, pingando em seu estômago.

Meus dedos cavam nos pulsos de Whiskey enquanto observo Ivy explorá-lo com uma curiosidade tão delicada. Suas mãos pequenas mapeiam cada centímetro dele, extraindo sons cada vez mais desesperados de sua garganta. A necessidade crua naqueles gemidos abafados enquanto ele come sua buceta como sua última refeição…

"Bom", murmuro, mantendo meu tom clínico, apesar do calor se acumulando no meu núcleo. "Observe como a vasocongestão aumenta com a estimulação direta."

Whiskey solta um rosnado particularmente agudo às minhas observações acadêmicas. Eu sei que ele gostaria que eu calasse a boca, mas irritá-lo é parte da diversão, e se estou arruinando o clima, ele vai durar mais. Seus quadris se movem involuntariamente, buscando mais contato, mas mantenho meu aperto de ferro em seus pulsos. A maneira como seu pulso acelera sob meus polegares trai o quanto ele está afetado por tudo isso.

"Mantenha-o parado", instruo Ivy. "Não queremos arruinar um experimento tão fascinante, não é?"

Meu aperto aperta nos pulsos de Whiskey enquanto Ivy se esfrega mais forte contra seu rosto, sua respiração vindo em suspiros curtos. O doce aroma de madressilva de sua excitação

enche meu nariz, fazendo minha cabeça girar. Ela parece absolutamente deslumbrante assim.

Selvagem e sem restrições.

Minha respiração para enquanto observo Ivy balançar os quadris, pressionando-se mais firmemente contra a boca ansiosa de Whiskey. Sua cabeça cai para trás, expondo a linha elegante de sua garganta enquanto um gemido suave escapa de seus lábios entreabertos. A visão envia uma nova onda de calor por mim.

Posso sentir Whiskey se esforçando contra meu aperto, desesperado para tocá-la, para puxá-la ainda mais perto. Mas mantenho meu aperto de ferro em seus pulsos, saboreando a maneira como seu pulso acelera sob meus polegares.

"Isso mesmo", murmuro, minha voz mais áspera do que eu pretendia. "Mostre a ele exatamente o que você precisa."

Os olhos de Ivy se abrem ao som da minha voz, se fixando nos meus. A fome crua que vejo lá faz meu pau latejar dolorosamente. Ela mantém meu olhar enquanto se esfrega mais forte, seus movimentos ficando mais desesperados. Só posso imaginar como a língua de Whiskey deve estar, lambendo e sondando suas áreas mais sensíveis.

Um gemido particularmente alto escapa dela, e eu tenho que conter um gemido meu. A maneira como ela se move, tão desinibida e livre... é intoxicante. Quero memorizar cada detalhe. A vermelhidão se espalhando por seu peito, a maneira como seus dedos agarram as coxas de Whiskey para se apoiar enquanto agarram seu pau novamente, os pequenos suspiros e gemidos que caem de seus lábios a cada movimento de seus quadris.

Whiskey solta outro rosnado abafado, as vibrações claramente intensificando o prazer de Ivy em sua situação precária, julgando pela maneira como ela arqueia as costas. Seus quadris se movem involuntariamente, buscando atrito, mas eu aperto meu aperto em seus pulsos em advertência.

"Foco", eu o comando, embora minha própria voz treme levemente. "Faça-a se sentir bem."

Ele responde com vigor renovado, e Ivy grita, suas coxas tremendo ao redor da cabeça de Whiskey. Posso ver os músculos de

sua mandíbula trabalhando enquanto ele a devora, claramente saboreando cada gota de sua excitação. Os sons úmidos de sua boca ansiosa enchem a caverna, misturando-se com os gemidos sem fôlego de Ivy e minha própria respiração ofegante. Sua mão trêmula, pegajosa com o gozo de Whiskey, voa para cobrir sua boca e abafar seus gritos enquanto ela continua se mexendo e se contorcendo no rosto de Whiskey.

Estou hipnotizado pela maneira como Ivy se move, a graça fluida de seu corpo. Ela é uma deusa montada em seu suplicante disposto, tomando exatamente o que ela precisa. O poder que ela exerce sobre nós dois é intoxicante.

"Linda", eu respiro, incapaz de manter a admiração fora da minha voz. "Você está indo tão bem, pequena. Mostre-nos como é bom."

Meu elogio parece incentivá-la. Ela se esfrega mais forte, seus movimentos ficando mais frenéticos. Posso ver a tensão se acumulando em seu corpo, a maneira como seus dedos dos pés se curvam contra o chão da caverna. Ela está perto—tão perto—e estou desesperado para vê-la se desfazer.

"Que garota boa", eu a encorajo em um sussurro áspero, minha frieza clínica escorregando mais a cada segundo que passa. Está me matando não tocar meu pau dolorido, mas isso significaria soltar os braços de Whiskey. Tenho um propósito maior agora do que a autossatisfação. "Solte-se. Goze para nós, Ivy."

Seus olhos se fixam nos meus novamente, e a intensidade que vejo lá quase me desfaz. Ela está corada e ofegante, seu cabelo uma bagunça selvagem emoldurando seu rosto.

Ela é a coisa mais linda que já vi.

Com um último grito agudo, apenas parcialmente abafado por sua mão, o orgasmo de Ivy a domina. Seu corpo fica tenso, coxas apertando a cabeça de Whiskey enquanto ela estremece com as ondas. Eu bebo cada detalhe—a maneira como seus lábios se separam em um grito silencioso, o arco de suas costas, o tremor de seus membros.

Whiskey geme contra ela, claramente lutando por ar, mas relutante em parar de satisfazê-la. Seus quadris se movem

descontroladamente, buscando qualquer tipo de atrito. Eu sei que ele deve estar desesperado por alívio, mas mantenho meu aperto de ferro em seus pulsos. Isso não é sobre ele. Ainda não. Ele pode esperar.

Enquanto o clímax de Ivy começa a diminuir, ela se inclina levemente para frente, se apoiando no torso largo de Whiskey. Seus olhos estão semicerrados, pupilas dilatadas. Um sorriso preguiçoso e satisfeito curva seus lábios enquanto ela olha para mim.

"Caramba...", ela murmura, sua voz rouca e crua.

As palavras simples enviam um choque de eletricidade por mim. Quero puxá-la para perto, beijá-la até perder o sentido, mostrar a ela exatamente o quanto ela me afeta. Mas eu me seguro, agarrando-me aos últimos resquícios de meu autocontrole.

"Você foi maravilhosa", digo a ela, mantendo minha voz estável, apesar da fome rugindo dentro de mim. "Como você está se sentindo?"

Ela pensa por um momento, então sorri. "Como se eu quisesse mais."

Sua ousadia me pega de surpresa, e não consigo evitar uma risada. "Coisinha gananciosa, não é?"

Os olhos de Ivy brilham com travessura. "Você foi quem quis experimentar. Não deveríamos ser minuciosos?"

O desafio em sua voz incendeia meu sangue.

Ah, as coisas que quero fazer com ela...

As maneiras como quero desmontá-la e montá-la novamente...

"Você está absolutamente certa", ronrono, incapaz de manter a borda predatória fora de minha voz. "Apenas começamos."

Minha mente corre com possibilidades enquanto eu bebo a visão de Ivy, corada e tremendo. A fome em seus olhos alimenta o fogo queimando em minhas veias. Quero empurrá-la mais longe, ver exatamente o quanto ela pode aguentar.

"Diga-me, pequena", ronrono, minha voz baixa e controlada, apesar da necessidade pulsando em mim. "Você acha que poderia lidar com nós dois ao mesmo tempo?"

Os olhos de Ivy se arregalam, uma mistura de surpresa e curiosidade cruzando seus traços. "Você quer dizer... ambos dentro

de mim?" ela pergunta cuidadosamente. "Isso é mesmo possível?"

A inocência em seu tom envia uma nova onda de calor por mim. Eu me inclino mais perto, meu sopro passando por sua orelha. "Podemos tentar", murmuro. "E se for demais, um de nós pode sempre usar seu outro buraco."

Um rubor profundo se espalha por suas bochechas com minhas palavras. Posso praticamente ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto ela considera as possibilidades. Seus dentes mordem o lábio inferior, um gesto que faz meu pau latejar com interesse renovado.

"Eu quero tentar", ela diz finalmente, sua voz suave, mas determinada.

"Tem certeza?" pergunto suavemente. "Pode doer."

Ela hesita, então acena com a cabeça.

Eu não preciso ser convencido mais.

Minhas mãos tremem levemente enquanto guio Ivy para a posição sobre o corpo deitado de Whiskey. Sua pele está corada enquanto ela olha com fome cautelosa para nossos paus duros, um leve brilho de suor fazendo-a brilhar na luz fraca. Ela é tão pequena comparada a nós. Eu bebo cada detalhe, gravando-o na memória.

"Calma agora", murmuro, minha voz baixa e controlada, apesar da fome rugindo em mim. "Vamos devagar."

O peito de Whiskey se levanta enquanto ele engole ar, seu rosto escorregadio com a excitação de Ivy. Seus olhos castanhos estão escuros com uma mistura de vergonha persistente e fome renovada enquanto Ivy se acomoda sobre seus quadris. Seu pau está rígido, já recuperado e vazando.

Eu me posiciono atrás de Ivy, meu peito pressionado contra suas costas. O calor de sua pele queima através das camadas de camisas emprestadas que ela está vestindo. Meu pau lateja quase dolorosamente, mas me forço a focar.

Isso não é sobre mim.

É sobre ela.

Sobre empurrar limites.

Sobre controle.

Minha vez vai chegar.

"Está pronta?" pergunto, meus lábios tocando a concha de sua orelha.

Ela acena com a cabeça, um gemido suave escapando dela enquanto guio seus quadris para baixo. A cabeça do pau de Whiskey pressiona contra sua entrada, já escorregadia de seu orgasmo anterior e de sua língua ansiosa. Eu a seguro firme enquanto ela desce, levando-o centímetro por centímetro.

Whiskey solta um gemido abafado, suas mãos se flexionando inutilmente contra o chão de pedra. "Porra", ele sibila através dos dentes cerrados. "*Porra*."

Posso sentir a tensão no corpo de Ivy enquanto ela se ajusta ao alongamento. Sua respiração vem em suspiros curtos, a cabeça caindo para trás em meu ombro.

"Você está indo tão bem", eu a elogio, minha voz áspera de necessidade. "Apenas relaxe."

Quando ela está completamente sentada no pau de Whiskey, seu nó inchado batendo em suas dobras, eu me alinho. O ângulo é estranho, mas consigo pressionar a cabeça do meu pau contra sua entrada esticada e ele desliza o suficiente ao lado do pau de Whiskey.

Ela se tensiona, um grito suave escapando de seus lábios.

"Shh", eu acalmo, acariciando seus lados. "Nós cuidamos de você. Diga-nos se for demais."

Ela acena com a cabeça, gemendo novamente, cavando suas unhas no peito largo de Whiskey para se apoiar. Ele grunhe, os olhos revirando enquanto ela desenha gotas de sangue em sua pele bronzeada corada.

Lentamente, tão lentamente, eu empurro para frente. O calor apertado me envolve, ainda mais apertado pelo pau enorme de Whiskey já a enchendo. É preciso toda a minha força de vontade para não empurrar com força e rapidez. Não para tomar e reivindicar. Em vez disso, entro com cuidado, dando a ela tempo para se ajustar a cada centímetro.

Os dedos de Ivy se agarram ao peito de Whiskey antes de agarrarem minhas coxas, seu corpo tremendo entre nós. Whiskey treme sob ela, sua mandíbula cerrada enquanto luta por controle.

Posso ver a tensão em cada linha de seu corpo, a maneira como seus músculos se tensionam com o esforço de ficar parado.

"É isso," murmuro, pressionando beijos suaves ao longo do pescoço de Ivy. "Você está nos recebendo tão bem."

Quando finalmente estou pela metade dentro dela, ao lado de Whiskey, todos nós congelamos. A sensação é avassaladora. Apertada, quente, perfeita. As paredes internas de Ivy tremem ao nosso redor, ajustando-se ao estiramento. Posso sentir o pau de Whiskey pulsando contra o meu, seu nó latejando e quente.

"Mexe," Ivy suspira após um longo momento. "Por favor."

Eu rolo meus quadris experimentalmente, provocando um coro de gemidos e rosnados dos três. A fricção é deliciosa, diferente de tudo que já senti antes. Whiskey se move um pouco para cima, seu autocontrole finalmente cedendo.

"Calma," rosnou para ele. "Deixe ela ditar o ritmo."

Ele rosna de frustração, mas mantém seus quadris parados. Ivy começa a se mover, levantando-se levemente antes de afundar novamente. O arrasto de seu calor apertado ao longo de nossos paus envia faíscas deliciosas através de mim. Eu seguro seus quadris, guiando seus movimentos.

"Boa garota," eu a elogio. "Assim mesmo."

À medida que Ivy encontra seu ritmo, saltando entre nós com crescente confiança, eu me perco nas sensações. O deslizar úmido dela ao nosso redor, a maneira como seu corpo treme a cada empurrão, os gemidos suaves e choramingos que caem de seus lábios.

É simplesmente intoxicante.

As mãos de Whiskey agarram as coxas de Ivy, seus dedos cavando na pele leitosa dela. Posso ver a batalha pelo controle em seus olhos, a maneira como ele luta contra seus instintos de empurrar com força e rapidez. Mas ele segue minha liderança, deixando Ivy ditar o ritmo.

"Olhe para você," murmuro no ouvido de Ivy, minha voz rouca de desejo. "Nos recebendo tão perfeitamente. Tão boa garota."

Ela geme em resposta, sua cabeça caindo contra meu ombro. Aproveito a oportunidade para espalhar beijos ao longo de seu

pescoço exposto, sentindo o sal de seu suor em minha língua. Minhas mãos percorrem seu corpo, mapeando cada curva e plano.

Eu me aprofundo no calor apertado de Ivy, saboreando a sensação do pau grosso de Whiskey pulsando contra o meu enquanto empurro lentamente para frente.

A sensação é um torturante êxtase.

Suas paredes internas úmidas se contraindo ao nosso redor, nos apertando juntos...

Eu cerro os dentes, lutando por controle enquanto afundo centímetro por centímetro agonizante.

"É isso," murmuro no ouvido de Ivy, mas sai mais como um rosnado. "Você está nos recebendo tão bem. Tão boa garota."

Ela choraminga, seu corpo tremendo e sacudindo violentamente entre nós enquanto eu chego ao fundo. Meu nó esmaga o de Whiskey, a fricção enviando faíscas pela minha coluna.

Ivy grita, suas costas arqueando em um ângulo agudo enquanto é esticada ao limite, sua cabeça batendo contra meu ombro. Eu envolvo meus braços firmemente ao redor dela, prendendo-a no lugar contra meu peito para que ela não se machuque. Ela treme em meus braços, me agarrando, ofegante, choramingando, um de seus seios escapando das camisas emprestadas. Seu seio sedoso e mamilo endurecido esfregam deliciosamente contra meu antebraço.

"Porra," Whiskey geme abaixo de nós, seu peito forte ofegante. Arranhões vermelhos, alguns sangrando levemente, marcam seu torso onde Ivy conseguiu alcançar. "Tão... tão apertada."

Posso sentir cada contração e pulsação de seu pau contra o meu. O calor e a pressão são quase insuportáveis. Tenho que parar, ofegando contra o pescoço de Ivy enquanto luto para manter minha compostura. Se eu não for cuidadoso—se *nós* não formos cuidadosos—vamos rasgá-la.

Minha mão desliza por seu estômago liso, meus dedos dançando sobre o inchaço onde nossos paus a esticam tão completamente. Eu traço o contorno com meus dedos, maravilhado com o quanto ela está aguentando, e quando percebo que posso sentir minha mão através de sua carne trêmula, não resisto à vontade de pressionar suavemente.

Um grito abafado escapa dos lábios de Ivy enquanto meus dedos pressionam contra seu abdômen inferior, traçando o contorno de nossos paus a esticando de forma impossivelmente larga. Minha outra mão voa para cobrir sua boca, abafando seus gritos antes que ela atraia atenção indesejada dos outros alfas na caverna.

A sensação é intoxicante. Sentir o calor de sua pele, a leve ceder enquanto aplico pressão, a maneira como posso realmente sentir as saliências e veias de nossos paus através de sua carne.

"Fascinante," murmuro, meu tom clínico contradito pela aspereza em minha voz. "Você consegue sentir isso, pequenina?"

"Oh deus," ela choraminga contra minha palma, suas unhas cavando em minha coxa. "Eu posso... posso sentir vocês se tocando através de mim..."

Eu acaricio firmemente ao longo do inchaço visível, maravilhado com o quão claramente posso distinguir nossas formas. Ivy se contorce entre nós, suas paredes internas se contraindo ritmicamente ao redor de nossos paus. A pressão adicional é deliciosa.

Abaixo de nós, Whiskey solta um gemido gutural. Seus quadris se movem para cima involuntariamente, nos empurrando mais fundo. "Porra... o que você está fazendo com a gente?"

Eu sorrio, embora nenhum dos dois possa ver. "Apenas conduzindo um experimento sobre pressão interna e sensação tátil." Meus dedos dançam mais para baixo, pressionando com mais firmeza.

"Cala a boca e mexe," Whiskey rosna, mas não há verdadeira raiva por trás disso. Seu pau lateja contra o meu, quente e insistente enquanto ele agarra os quadris de Ivy, ajudando-me a prendê-la no lugar em nossos paus.

Eu pressiono meus dedos com mais firmeza contra o abdômen inferior de Ivy, sentindo o contorno de nossos paus através de sua carne. A sensação é quase demais para mim também, não apenas para ela. Sua pele macia cedendo ao meu toque, as saliências duras de nossos paus claramente definidas enquanto latejamos dentro dela. Ivy choraminga contra minha palma, seu corpo tremendo violentamente enquanto a mantemos parada.

"Vamos começar?" eu pururo.

Sem esperar por uma resposta, começo a me mover. Lentamente no início, saindo apenas uma polegada antes de pressionar novamente. O arrasto de seu calor apertado ao nosso redor é delicioso. Whiskey geme abaixo de nós, seus quadris se contraindo para cima.

Eu rosnou roucamente em seu ouvido. "Boa garota..."

Seus seios, ainda apoiados em meu antebraço, sobem e descem a cada respiração ofegante enquanto aumento gradualmente o ritmo, cada investida um pouco mais forte, um pouco mais profunda. Seus gritos abafados e choramingos vibram contra minha palma enquanto eu a penetro ao lado de Whiskey. Meus dedos traçam o inchaço em sua barriga, seguindo o caminho de nossas investidas enquanto deslizamos para dentro e para fora de seu canal apertado, suas paredes internas se contraindo e tremendo ao nosso redor, apertando nossos paus com mais força.

É a dor mais deliciosa que já senti.

"Veja como ela nos recebe tão bem," eu arfando, falando com Whiskey. "Tão ansiosa, tão disposta..."

Whiskey rosna em resposta, suas mãos agarrando os quadris de Ivy com força suficiente para deixar hematomas enquanto ele começa a empurrar com determinação. A força de seus movimentos a empurra contra meu peito, enfiando-a ainda mais em nossos paus, a saliência de sua cabeça através de sua pele macia pressionando contra minha palma.

Eu acompanho seu ritmo, penetrando-a implacavelmente. Ivy grita contra minha mão, seu corpo se contorcendo entre nós enquanto a fodemos com crescente fervor. Suas unhas arranham minhas coxas, deixando trilhas ardentes em seu rastro. A dor só me estimula mais.

"Isso mesmo, pequenina," eu rosnando em seu ouvido. "Aceite tudo. Mostre o quanto você ama estar cheia de pau de alfa."

Minha mão livre continua a acariciar seu abdômen distendido, maravilhado com como posso sentir nossos movimentos através de sua carne. A cada investida, pressiono levemente, aumentando a pressão, nos masturbando através dela, mesmo que a sensação faça

minha visão escurecer, minha consciência falhando intermitentemente.

Ivy se debate violentamente em resposta e me morde com um rosnado selvagem.

A picada aguda dos dentes de Ivy afundando em minha palma envia uma descarga elétrica direto para meu pau. Eu rosnando baixo em minha garganta, apertando meu aperto em seu rosto enquanto ela se debate entre nós. O gosto metálico do meu próprio sangue enche minha boca enquanto mordo meu lábio, desesperadamente agarrado aos últimos vestígios de meu controle.

Mas ele está escapando a cada movimento de seus quadris, cada contração e tremor de suas paredes internas ao redor de nossos paus.

"Porra," eu sibilo através de dentes cerrados, meus quadris se movendo para frente com força brutal. O calor úmido de sua boceta é o céu, apesar da dor de quão firmemente ela nos aperta, esticando-se impossivelmente para nos acomodar. "Isso mesmo, pequenina. Aceite tudo."

Minha mão livre pressiona com mais força contra seu abdômen inferior, pressionando o contorno de nossos paus. Os gritos abafados de Ivy de agonia extasiante vibram contra minha palma enquanto aumento a pressão, essencialmente nos masturbando através de seu corpo. Seus dentes afundam mais em minha mão, tirando sangue, mas a dor só alimenta minha frenesi. Eu torço minha outra mão para pressionar meus dedos contra seu clitóris, esfregando-o em movimentos circulares rápidos enquanto pressiono a saliência de nossos paus com a palma da mão.

"Você consegue sentir isso?" eu rosnando em seu ouvido, minha voz rouca de necessidade. "Sente o quão cheia você está? Como estamos te remodelando por dentro?"

Ela balança a cabeça freneticamente, lágrimas escorrendo dos cantos de seus olhos. Se de dor ou prazer, não sei dizer. Provavelmente ambos. A visão dela completamente arruinada entre nós, nos recebendo tão perfeitamente, quase me desfaz.

Eu redobro meus esforços, pressionando com mais força enquanto nos masturbo através de sua carne trêmula. O atrito

adicional é enlouquecedor. Posso sentir cada veia e saliência do pau de Whiskey deslizando contra o meu enquanto o penetramos implacavelmente. Meu nó dói onde está esmagado contra o dele, deixando pouco espaço para movimento além de investidas duras.

Os dentes de Ivy finalmente liberam minha mão quando um grito particularmente agudo escapa dela. Eu rapidamente coloco minha palma de volta sobre sua boca, abafando seus gritos.

"Shh," eu murmuro em seu ouvido, minha voz tensa com o esforço de manter o controle. "Você não quer que os outros ouçam, quer? Que venham investigar e vejam você aberta em nossos paus assim?"

Ela balança a cabeça freneticamente, mas sua boceta se contrai ao redor de nós com minhas palavras. Interessante. Eu guardo essa informação para mais tarde.

Minha visão embaça, a consciência falhando intermitentemente enquanto a tempestade de êxtase se constrói a níveis quase insuportáveis. Mas eu me forço a focar. A memorizar cada detalhe.

Eu quero lembrar de tudo.

Preciso lembrar.

Porque isso... isso é perfeição.

Os quadris de Whiskey se movem para cima com mais força, nos empurrando mais fundo. Ivy grita contra minha palma, suas unhas arranhando minhas coxas antes de se agarrarem ao peito e estômago de Whiskey, agarrando-se a ele para se firmar.

"*Porra*," Whiskey geme, agarrando-a com mais força. "Tão apertada. Não... não consigo me segurar por muito mais tempo."

Eu rosnando em resposta, aumentando a pressão de minha mão no abdômen de nossa ômega. Posso sentir nossos nós começando a inchar, esticando sua entrada impossivelmente mais, mesmo que não estejamos dentro dela ao mesmo tempo.

Precisamos estar.

Eu vou surtar se não amarrá-la.

"Ainda não," eu digo com os dentes cerrados, embora esteja perigosamente perto do limite. "Faça durar."

Ivy se contorce entre nós, seu corpo tremendo violentamente. Sua boceta se contrai ritmicamente ao redor de nossos paus,

tremendo e pulsando enquanto outro orgasmo se aproxima. Meus dedos trabalham mais rápido em seu clitóris inchado, determinado a levá-la ao limite antes que percamos o controle.

"Isso mesmo," eu murmuro em seu ouvido, minha voz rouca de necessidade. "Goze para nós. Mostre o quanto você ama estar cheia de nossos paus. Seja uma boa garota."

O corpo inteiro de Ivy fica rígido com minhas palavras, suas costas arqueando em um ângulo agudo. Um grito abafado escapa de sua garganta enquanto seu orgasmo a domina. Suas paredes internas se contraem ao nosso redor como um torno, pulsando e tremendo freneticamente enquanto ela se desfaz.

A pressão adicional é quase demais. Mas eu resisto, determinado a fazer isso durar o máximo possível.

Whiskey não tem tanta sorte. Com um rugido abafado, ele se move para cima com força suficiente para empurrar Ivy contra meu peito, nos enfiando impossivelmente mais fundo. Seu pau pulsa contra o meu enquanto ele começa a gozar, inundando seu canal já cheio com jatos quentes. Eu cerro os dentes, desesperadamente agarrado aos últimos vestígios de meu controle.

Mas é uma batalha perdida.

Ivy se contorce entre nós, superestimulada e desesperada. Seus dentes encontram minha mão novamente, mordendo com força suficiente para tirar mais sangue. É o suficiente para me empurrar ao limite.

Com um rosnado, eu cedo ao inevitável. Meus quadris se movem para frente erraticamente enquanto meu orgasmo me domina. Ele passa por mim em ondas avassaladoras enquanto me esvazio dentro dela ao lado de Whiskey. Não sei como ainda tenho algo para dar a ela, mas tenho.

Nossa liberação combinada é demais para o canal superesticado de Ivy. Esperma vaza ao redor de nossos paus ainda pulsantes, escorrendo para o estômago de Whiskey em fios grossos.

Eu continuo pressionando contra seu estômago, nos masturbando através das ondas de prazer. Cada pulsação envia faíscas através de meus nervos super sensíveis.

Mas eu não consigo parar.

Não *quero* parar.

Ivy treme violentamente entre nós, choramingos suaves escapando apesar de minha mão ainda estar pressionada sobre sua boca. Lágrimas escorrem por suas bochechas coradas enquanto seus olhos reviram, seu corpo ficando mole em meus braços.

Eu deveria parar. Deveria me retirar e deixá-la se recuperar. Mas a sensação dela esticada ao redor de nós dois é intoxicante demais para desistir agora.

Então eu continuo me movendo, mais devagar agora, mas não menos intenso. Minha mão continua trabalhando no contorno de nossos paus amolecidos. Posso sentir cada contração e pulsação enquanto esvaziamos o resto de nossa liberação dentro dela, sua barriga inchando levemente com o esperma que bombeamos para dentro.

"Lindo," murmuro, minha voz rouca.

Ivy geme contra minha palma, seu corpo ainda tremendo com as ondas de prazer. Eu lentamente liberto sua boca, pressionando um beijo gentil em sua têmpora.

"Você foi tão bem," eu a elogio suavemente. "Tão boa garota para nós."

Ela solta uma respiração trêmula, recostando-se em meu peito. Seu coração acelera contra nossos paus, seu pulso tremeluzindo sob minhas mãos.

As mãos de Whiskey acariciam suas coxas, depois seus lados, seu toque incomumente gentil. "Você está bem, gatinha?" ele pergunta roucamente.

Ela balança a cabeça fracamente, embora eu veja a tensão em seus olhos.

Nós a levamos ao seu limite absoluto e além.

Bom.

Esse era o objetivo deste experimento, afinal.

Ver o quanto ela poderia aguentar.

Até onde poderíamos levá-la.

E ela superou todas as expectativas.

Mas ainda não terminamos. E eu posso ver pela forma faminta com que ela me olha de sob suas pestanas, enquanto olha para mim

por cima do ombro, que ela também não terminou.

"O que você acha?" murmuro, meu hálito fazendo cócegas em seu ouvido. "Você acha que consegue aguentar nossos nós?"

Ela balança a cabeça fracamente. "Não... não lá," ela sussurra ofegante. "Mas talvez..."

"Talvez o quê?" pressiono, acariciando sua barriga cheia. Ela se contorce sob minhas mãos, ofegante, arquejando sob meu toque enquanto ondas de prazer a sacodem novamente, fazendo-a tremer em nossos paus. "Você está nos pedindo para amarrá-la em ambos os buracos?"

Um balanço trêmulo de cabeça. Meu pau pulsa dentro dela com a admissão.

"Boa garota," elogio. "Tão ansiosa para nos agradar."

Os olhos de Whiskey se arregalam ao processar suas palavras. "Caralho," ele suspira. "Nós vamos mesmo...?"

Eu aceno com a cabeça, já planejando a logística em minha mente. "Precisamos ser cuidadosos. Estratégicos. Seu pau é ligeiramente mais curto, mas mais grosso que o meu, e se você estiver por cima, ela será esmagada debaixo de nós," explico. "Faz mais sentido você ficar em sua boceta enquanto eu tomo sua bunda."

Whiskey engole seco, seu pomo de Adão subindo e descendo. Ele passa uma mão por seus cabelos castanhos. "Porra. Ok. Sim."

Volto minha atenção para Ivy, acariciando seus lados calmamente. "Tem certeza disso, pequenina? Vai doer. E não só um pouquinho."

Ela acena novamente, mais firmemente desta vez. "Eu quero," ela sussurra. "Por favor."

A necessidade nua em sua voz faz meu pau latejar. "Você certamente não precisa dizer por favor," digo roucamente, inclinando-me para pressionar um beijo gentil em sua têmpora. "Vamos devagar. Vou te preparar primeiro."

Com o máximo de cuidado, começo a me retirar de sua boceta. Ela choraminga com a perda, suas paredes internas se contraindo ao redor de nossos paus como se tentassem me manter dentro. Há um som úmido e molhado quando me retiro completamente, e o ar frio

da caverna ao redor arde contra meu pau latejante. Ele dói onde esfreguei contra o pau de Whiskey, mas nada disso importa.

Não quando ela está prestes a passar por algo muito mais intenso.

Eu a guio para frente até que ela esteja deitada na barriga acolchoada e no peito largo de Whiskey, suas pernas trêmulas—grudentas de esperma—cavalgando suas coxas musculosas.

"Segure-a firme," instruo Whiskey. "Não queremos que ela se debata e se machuque."

Whiskey grunhe em reconhecimento e seus braços enormes envolvem o corpo menor de Ivy, prendendo-a no lugar. Ela se contorce e ajusta sua posição, fazendo uma careta quando sua barriga pressiona a de Whiskey. Ela deve estar tão cheia, tão dolorida de nossos paus enfiados ao mesmo tempo dentro dela. A visão dela, tão pequena contra seu volume—como uma boneca nos braços de uma besta gigante—envia outra onda de calor através de mim.

Eu me posiciono atrás dela, apreciando a visão. Sua bunda é firme e redonda, perfeitamente emoldurada pelas coxas de Whiskey. Seu pau ainda está enterrado até o fim dentro dela, esticando sua boceta. Suas dobras brilham com nossa liberação combinada onde ela está unida ao outro alfa.

"Tão perfeita," murmuro, traçando meus dedos ao longo da curva de sua bunda. Ela estremece e se contorce sob meu toque, pelo menos o quanto pode, um choramingo suave escapando dela.

Eu mergulho meus dedos na borda de sua boceta, cobrindo-os na mistura úmida de nosso esperma e sua excitação. Então meus dedos começam a circular a entrada franzida de Ivy, espalhando nosso fluido misturado como lubrificante. Ela se tensiona no início, um choramingo suave escapando de seus lábios. Posso sentir o anel apertado de músculo tremeluzindo sob meu toque, virgem e intocado.

"Relaxe," murmuro, mantendo minha voz baixa e calmante. "Vai doer, mas serei gentil. Apenas respire, e se for demais, diga não."

"Eu não vou dizer não," ela murmura no peito de Whiskey, ainda tão orgulhosa apesar de sua posição precária. Seu pau ainda está

enterrado fundo em sua boceta, contraindo a cada toque de meus dedos em sua outra entrada. Ela deve estar se contraindo ao redor dele.

Continuo minhas ministrações, traçando e esfregando círculos lentos ao redor de sua entrada. Gradualmente, sinto parte da tensão deixar seu corpo. Sua respiração se estabiliza, caindo em um ritmo com meus movimentos.

Bom.

Quanto mais relaxada ela estiver, mais fácil será.

"Isso mesmo," encorajo, deixando um toque de elogio entrar em minha voz. Eu sei como isso a afeta. "Você está indo tão bem."

Um calafrio percorre seu corpo com minhas palavras, seu buraco tremeluzindo.

Quando sinto que ela está pronta, aumento a pressão levemente. A ponta do meu dedo indicador pressiona com mais firmeza contra sua entrada, não a penetrando ainda, mas deixando-a sentir a possibilidade disso.

Ela suspira, seus quadris se contraindo no aperto de Whiskey.

"Fique parada," ordeno, minha outra mão descansando na região lombar dela. "Deixe-me trabalhar."

Whiskey rosna baixo e impaciente em seu peito.

Eu lhe lanço um olhar fulminante. "Comporte-se."

Ele se acalma com um resmungo, mas posso ver a fome queimando em seus olhos. A maneira como suas mãos se flexionam contra a pele de Ivy, ansiosas para se mover. Para tomar.

Mas ele se contém.

Bom garoto.

Volto meu foco para Ivy, para o trabalho delicado em mãos. Meu dedo continua seus círculos enlouquecedores, cada rotação me trazendo mais perto de seu centro. Seu pulso acelera em seu buraco franzido e em sua coluna sob minha palma. Sua respiração vem em suspiros curtos, afiados e nervosos.

"Respire fundo," instruo. "Inspire pelo nariz, expire pela boca."

Ela obedece, seu pequeno corpo se expandindo a cada inspiração. Enquanto ela expira, sinto parte da tensão deixar seus músculos.

Perfeito.

Começo a aplicar pressão constante até que a ponta do meu dedo empurre para dentro do buraco de Ivy. Sua respiração falha, um grito abafado escapando de sua garganta. Ela abafa seus próprios sons no peito de Whiskey, mas já está tremendo violentamente.

"Shhh," acalmo. "Você está bem. Apenas relaxe."

"Eu te seguro," Whiskey rosna em seus cabelos flamejantes.

Eu paro ali, imóvel, deixando-a se ajustar à sensação. Abaixo dela, Whiskey geme apesar de si mesmo. Só posso imaginar a contração de suas paredes internas ao redor de seu pau enquanto ela luta para aceitar essa nova intrusão.

Lentamente, tão lentamente, aumento a pressão.

O anel apertado de músculo começa a ceder, esticando ao redor da ponta do meu dedo. Ivy solta o mais doce e pequeno choramingo. E eu sei que ela não choraminga facilmente.

"Boa garota," murmuro, acariciando suas costas para acalmá-la.

Com uma lentidão agonizante, trabalho a primeira junta do meu dedo completamente dentro dela. O calor é incrível, seu corpo me apertando como um torno. Pauso ali, dando-lhe tempo para se ajustar enquanto ela treme e sacode, praticamente convulsionando. Tenho certeza de que se Whiskey não a estivesse segurando com tanta força, ela estaria se debatendo contra ele. Os músculos cordados em seus braços incham com o esforço de mantê-la parada.

"Como está se sentindo?" pergunto, minha voz mais áspera.

"C-cheia. Estranho," Ivy sussurra. "Dói, mas..."

"Mas?" pressiono, girando meu dedo levemente.

Ela suspira, seus quadris se contraindo. "Mas bom. Oh deus, é bom..."

Um sorriso puxa meus lábios.

Foco na exquisita tensão ao redor do meu dedo. Na maneira como o corpo de Ivy treme e sacode sob meu toque. Nos sons suaves, desesperados e ferozes que ela faz enquanto trabalho mais fundo dentro dela.

"Mais," ela sussurra, sua voz quase inaudível. "Por favor..."

Pressiono para frente a seu pedido, enfiando meu dedo até a segunda junta. Ivy grita antes de cobrir sua boca com a palma da mão, silenciando-se mesmo enquanto suas costas se arqueiam. Os braços de Whiskey se apertam ao redor dela como um torno.

"Calma," murmuro. "Respire através disso. A dor vai passar."

Ela acena com a cabeça abruptamente.

Começo a mover meu dedo, lentamente retirando antes de pressionar para dentro novamente. Cada empurrão vai um pouco mais fundo, um pouco mais suave. Os choramingos de dor de Ivy gradualmente se transformam em gemidos suaves.

"Olhe para você," suspiro, incapaz de evitar o espanto em minha voz. "Aceitando tão lindamente."

Ela choraminga em resposta, pressionando contra minha mão mesmo enquanto se contrai mais forte ao redor do meu dedo. Buscando mais.

"Tão gananciosa," rio. "Mas precisamos ir devagar. Não quero machucá-la."

Quando estou satisfeito que ela se ajustou a um dedo, pressiono contra sua entrada com um segundo dedo. Ela se tensiona, um suspiro afiado escapando dela.

"Relaxe," ordeno, minha voz baixa e firme. "Você consegue. Eu sei que consegue."

Lentamente, inexoravelmente, pressiono para frente. Seu corpo resiste no início, o anel apertado de músculo lutando contra a intrusão. Mas eu não sou nada se não persistente. Centímetro por centímetro agonizante, meus dedos afundam em suas profundezas.

Ivy grita, o som agudo e desesperado. Suas mãos se agarram ao peito e lados de Whiskey, deixando trilhas vermelhas em seu rastro. Ele rosna, empurrando para cima dentro dela.

"Porra," ele grunhe. "Eu consigo sentir seus dedos através dela."

O pensamento envia uma onda de excitação através de mim. Eu encurvo meus dedos levemente, pressionando minhas juntas contra o pau de Whiskey através da parede interna de Ivy. Seu pau contrai em resposta, separado do meu toque apenas pela mais fina barreira de carne sedosa. Ele geme e se contorce, sacudindo Ivy.

Ela apenas choraminga, além das palavras agora. Seus quadris se movem em pequenos círculos desesperados, presos entre as sensações duais de plenitude. Começo a abrir meus dedos, esticando-a mais. Ela grita, mas não me pede para parar.

Não se afasta.

Tão boa garota.

Meus dedos trabalham mais fundo no calor apertado de Ivy enquanto a estico, adicionando a ponta do meu terceiro dedo. Ela choraminga e se contorce, seu corpo tremendo. A resistência é intensa, seus músculos se contraindo desesperadamente enquanto pressiono para frente com força implacável.

"Respire," murmuro, minha mão livre acariciando suas costas calmamente. "Relaxe e me deixe entrar."

Ela acena com a cabeça abruptamente, seu rosto enterrado no peito largo de Whiskey enquanto ela treme como nunca antes. Seus braços enormes a seguram firmemente no lugar enquanto eu a abro, seu corpo roncando com ronronados profundos para acalmar nossa ômega enquanto a levamos ao limite.

Lentamente, tão lentamente, meu terceiro dedo afunda ao lado dos outros.

Ivy solta um grito abafado, rapidamente silenciado por sua própria mão. Seu corpo se arqueia, a coluna curvando enquanto ela é esticada mais do que nunca, as curvas de sua bunda quicando e tremendo contra minha mão. Eu pauso, dando-lhe um momento para se ajustar ao aumento da largura.

"Boa garota," elogio suavemente. "Como está se sentindo?"

Ela suspira, incapaz de falar. "Eu… eu…"

"Devo continuar?" pururo.

Meus dedos começam a se mover, empurrando superficialmente no início. Dentro e fora, torcendo e abrindo para esticá-la mais. A cada empurrão, trabalho um pouco mais fundo. Suas paredes internas se contraem e relaxam ao meu redor em ondas enquanto seu corpo luta para acomodar a intrusão.

Ela choraminga, o som abafado contra o peito largo de Whiskey. Seus quadris se contraem, presos entre pressionar contra meus

dedos e tentar escapar da sensação avassaladora. Pressiono minha palma com mais firmeza contra sua coluna, mantendo-a firme.

"Fique parada," ordeno suavemente. "Deixe-me cuidar de você."

Abaixo dela, Whiskey geme. Seu pau contrai dentro de sua boceta, separado de meus dedos investigadores apenas pela mais fina barreira de carne. O calor de seu pau irradia através das paredes internas de Ivy.

Meu pau lateja, ansioso para estar enterrado dentro dela ao lado dele. Mas ainda não. Ela não está pronta. Preciso ser cuidadoso, metódico. Isso não é sobre meu prazer. É sobre ver o quanto ela pode aguentar.

Provando que posso ser digno de sua confiança.

Eu encurvo meus dedos, buscando aquele ponto que a fará ver estrelas. Quando o encontro, seu corpo inteiro fica rígido e ela solta um grito animalístico apenas parcialmente silenciado por sua mão.

"Aí está," pururo, estimulando aquele feixe sensível de nervos do outro lado. "Boa garota. Isso é bom?"

Ela acena freneticamente, seus cabelos flamejantes uma bagunça selvagem sobre o peito de Whiskey. Continuo meu trabalho, alternando entre esticá-la mais e estimular aquele ponto que a faz tremer e gemer.

Whiskey se contorce abaixo dela, claramente lutando para manter o controle. Eu rosnando para ele em advertência, mas entendo sua desesperação. A visão de Ivy se contorcendo entre nós, nos aceitando tão lindamente... é quase demais até para mim. Não quero nada mais do que me enterrar dentro dela, sentir ela esticada ao redor do meu pau.

Mas resisto ao impulso.

Isso tem que ser perfeito.

Foco na tarefa em mãos, na exquisita tensão ao redor de meus dedos. Na maneira como o corpo de Ivy cede a mim, se abrindo sob meu toque cuidadoso. Nos choramingos e gemidos suaves e desesperados que ela faz a cada empurrão e torção de meus dedos.

"Tão corajosa, boa garota," murmuro, pressionando um beijo gentil na base de sua coluna.

Ela choraminga com o elogio, suas paredes internas se contraindo ao redor de meus dedos. Posso sentir seu pulso acelerado, seu coração trovejando contra minha palma onde ela descansa em suas costas. Cada centímetro dela treme, presa entre prazer e dor, entre querer mais e se sentir sobrecarregada.

Trabalho um quarto dedo ao lado dos outros, esticando-a impossivelmente mais. A largura adicional arranca outro grito afiado dela e seus músculos se travam mais do que nunca.

"Shh," acalmo, minha mão livre acariciando seu quadril. "Respire através disso. A dor vai passar."

Ela acena com a cabeça abruptamente, sua respiração vindo em suspiros curtos e afiados enquanto ela hiperventila. Posso ver a tensão em cada linha de seu corpo, a maneira como ela luta contra o instinto de se afastar. Luta contra o instinto de me dizer para parar.

Tanta força.

Tanta determinação.

Minha linda e feroz pequena ômega.

Fico parado, dando-lhe tempo para se ajustar. Abaixo dela, Whiskey geme e rosna, seus quadris se contraindo para cima involuntariamente. O movimento sacode Ivy novamente enquanto ela cavalga seu volume, empurrando meus dedos mais fundo. Ela grita, o som agudo e desesperado.

"Calma," rosnou para Whiskey. "Controle-se."

Ele rosna de frustração, mas mantém seus quadris parados. Suas mãos agarram a cintura de Ivy, dedos cavando em sua carne macia com força suficiente para deixar hematomas. A visão envia uma onda de possessividade através de mim. Eu também quero marcá-la, deixar minha própria impressão em sua pele perfeita.

Mas ainda não.

Primeiro, preciso me certificar de que ela está pronta.

Começo a mover meus dedos novamente, lentamente retirando antes de pressionar para dentro. Cada empurrão vai um pouco mais fundo, um pouco mais suave, até que sua bunda esteja aceitando todos os quatro dedos e metade da minha mão. É tudo que cabe. O corpo de Ivy cede a mim, aceitando a intrusão com crescente

ansiedade. Seus choramingos de dor se transformam em gemidos ofegantes.

O pensamento de como será quando eu finalmente estiver enterrado dentro dela ao lado dele faz minha cabeça girar.

"Aí está," murmuro, incapaz de evitar a satisfação em minha voz. "Você está se abrindo tão lindamente para nós."

Ela pressiona contra minha mão, buscando mais apesar do que deve ser, no mínimo, desconforto. O movimento empurra Whiskey mais fundo em sua boceta, arrancando um gemido abafado dele. Seu pau contrai contra meus dedos enquanto ele rola seus quadris, e eu o puno por se mover sem permissão, virando minhas juntas contra sua cabeça e pressionando com força.

Ele se contorce e range os dentes.

Mas ele para.

Redobro meus esforços, determinado a esticá-la o mais completamente possível. Meus dedos se movem em um ritmo constante, empurrando e torcendo, abrindo e curvando. Mapeio cada centímetro dela, registrando cada reação, cada ponto que arranca um suspiro ou grito, na memória. O tremor que percorre seu corpo inteiro quando meus dentes roçam a curva de sua bunda.

Cada resposta é catalogada, analisada, arquivada para referência futura.

"P-por favor," Ivy choraminga, sua voz rouca e desesperada. "Eu preciso... Eu não consigo..."

"O que você precisa, pequenina?" pergunto, embora eu saiba a resposta.

Quero ouvi-la dizer.

Preciso ouvi-la implorar por isso.

Ela se contorce, pressionando sua bunda contra minha mão. "Por favor. Amarre-me…"

Retiro meus dedos lentamente, saboreando a visão do buraco esticado de Ivy tremeluzindo e se abrindo por todo o treinamento que acabei de fazer com ela. Uma fome primitiva queima em mim com a visão.

Ela está pronta.

Posicionando-me atrás dela, pressiono a cabeça do meu pau contra sua entrada franzida. Ivy choraminga, seu corpo se tensionando em antecipação. Com pressão constante, começo a afundar dentro. O anel apertado de músculo resiste no início, depois cede. Minha cabeça passa pela barreira e Ivy solta um grito rouco abafado pelo peito de Whiskey, suas costas se arqueando abruptamente.

"Shh," acalmo, acariciando seu quadril. "Você está indo tão bem. Apenas relaxe."

Centímetro por centímetro agonizante, empurro mais fundo. O calor e a pressão são exquisitos, diferentes de tudo que já senti antes. As paredes internas de Ivy se contraem e tremem ao meu redor enquanto seu corpo luta para acomodar minha largura. Ela ofega, quase hiperventilando, convulsionando cada vez que entro mais um pouco. Abaixo dela, Whiskey geme, sem dúvida sentindo cada contração e pulsação através da fina barreira que nos separa.

"Porra," ele grunhe, seus quadris se contraindo para cima involuntariamente. "Tão apertada..."

Eu rosnando uma advertência para ele, agarrando os quadris de Ivy para mantê-la firme enquanto o movimento de Whiskey a sacode. "Fique parado," resmungo.

Ele geme como se eu estivesse matando ele.

Continuo minha descida lenta, saboreando cada choramingo e suspiro que escapa dos lábios de Ivy. Suas mãos se agarram à pele de Whiskey, deixando trilhas vermelhas em seu rastro, mas tudo que ela pode fazer é se contorcer no lugar, suas coxas tremendo violentamente.

Quando estou completamente dentro, meu nó pressionando insistentemente contra sua entrada esticada, eu pauso.

Deixo ela se ajustar.

Deixo *mim mesmo* me ajustar.

O calor aveludado ao redor do meu pau, a maneira como posso sentir o pau de Whiskey pulsando contra o meu através das paredes internas de Ivy, o tremor de seu pequeno corpo preso entre nós... é avassalador, e está exigindo cada grama de controle que tenho para

não me soltar, para não deixar meus instintos mais básicos assumirem o controle.

"Que boa garota," murmuro, inclinando-me para pressionar um beijo entre suas omoplatas. "Você está nos aceitando tão lindamente. Como está se sentindo?"

Ivy solta uma respiração trêmula. "Cheia," ela engasga. "Tão cheia. Dói, mas..."

"Mas…?" pressiono, rolando meus quadris levemente.

Ela geme, o som baixo e desesperado. "Mas é bom. Tão bom. Por favor... mais..."

Quem sou eu para negar um pedido tão educado?

Começo a me mover, retirando lentamente antes de pressionar para dentro novamente. Cada empurrão vai um pouco mais fundo, um pouco mais suave. Os choramingos de dor de Ivy gradualmente se transformam em gemidos ofegantes. Abaixo dela, Whiskey rosna, seus quadris se movendo para cima para encontrar meus empurrões.

"Lembre-se," arfando, lutando para manter meu tom clínico. "Precisamos amarrá-la exatamente ao mesmo tempo, ou isso não vai funcionar. Segure até eu dizer que é hora."

Whiskey grunhe em reconhecimento, suas mãos agarrando a cintura de Ivy com mais força. Eu acompanho seu ritmo, nossos paus deslizando um contra o outro através da fina barreira das paredes internas de Ivy. O atrito é enlouquecedor, diferente de tudo que já experimentei antes.

Ivy se contorce desesperadamente entre nós. Eu alcanço por baixo dela para esfregar círculos apertados em seu clitóris. Deste ângulo, posso sentir o pau duro de Whiskey pressionando forte contra meu antebraço a cada empurrão, inchando através de seu estômago inchado e prendendo minha mão contra sua barriga acolchoada. A pressão em seu pau é demais para ele ficar parado, e ele começa a empurrar com renovado vigor.

Por um momento, temo que ele vá machucá-la, mas nossa corajosa garota apenas pressiona mais forte contra nós com choramingos abafados.

"Isso mesmo," rosnou em seu ouvido. "Mostre-nos que garota boa você é."

Ela grita, suas costas se arqueando abruptamente. O movimento me empurra mais fundo, meu nó pressionando insistentemente contra sua entrada esticada.

Ainda não.

Não até que Whiskey também esteja pronto.

Aumento meu ritmo, penetrando-a implacavelmente. Whiskey me acompanha empurrão por empurrão, nossos movimentos ficando mais frenéticos enquanto perseguimos nossa liberação. Os gritos abafados de Ivy nos estimulam.

"Perto," Whiskey grunhe, sua voz tensa. "Porra, estou perto..."

"Ainda não," rosnou, embora eu esteja à beira do limite. "Espere meu sinal."

A onda de êxtase avassalador que cresce em meu núcleo se enrola mais apertada a cada empurrão. Suor escorre pela minha coluna enquanto luto contra meus instintos, determinado a fazer isso perfeito. Para provar que posso ser digno da confiança de nossa ômega.

As paredes internas de Ivy se contraem ao nosso redor enquanto outro orgasmo a domina. A pressão adicional é quase demais. Cerro os dentes, agarrando-me desesperadamente aos últimos vestígios de meu controle. Ela está desmoronando agora, mas não demorará para que ela se tense novamente.

"Agora," rosnou, meus quadris se movendo para frente com força brutal. "Amarrá-la agora!"

Whiskey ruge, seus quadris se movendo para cima enquanto seu nó incha. Pressiono para frente no mesmo momento, sentindo meu próprio nó se expandir. Por um segundo de parar o coração, acho que não vai funcionar. Que calculamos mal, que nos trancamos fora dela. Ou pior, a machucamos.

Então Ivy grita no peito de Whiskey, seu corpo ficando rígido entre nós, e ambos nossos nós passam por suas entradas esticadas simultaneamente. O calor apertado nos envolve completamente enquanto nos travamos no lugar, bombeando carga após carga em seu corpo trêmulo.

Estrelas explodem atrás de meus olhos e eu desabo para frente, esmagando Ivy entre Whiskey e eu mesmo enquanto ondas de prazer sacodem meu corpo. Distante, ouço os gemidos guturais de Whiskey misturados com os choramingos sem fôlego de Ivy.

Deitamos lá, um emaranhado de membros suados e peitos ofegantes, enquanto nossos nós continuam a pulsar. Posso sentir cada contração do pau de Whiskey através das paredes internas de Ivy, posso sentir o tremor rápido de seu pulso onde estamos unidos.

"Porra," Whiskey arfa, seu corpo forte se movendo sob Ivy. "Isso foi..."

"De fato," murmuro, lutando para recuperar o fôlego.

Minha mente gira, tentando processar a intensidade do que acabamos de experimentar. A exquisita tensão do corpo de Ivy, a maneira como ela desmoronou entre nós, os sons que ela fez...

Foi além de qualquer coisa que eu poderia ter imaginado ou planejado.

Meu nó ainda pulsa dentro dela em sincronia com o de Whiskey, ainda bombeando o pouco de esperma que nos resta em seus canais já super cheios. Suas paredes internas tremem e se contraem ao nosso redor com ondas de prazer, arrancando um gemido baixo de minha garganta.

Estamos trancados juntos, nós três, da maneira mais primal e íntima possível. O pensamento envia uma onda inesperada de possessividade através de mim.

Minha.

Nossa.

Mas não podemos ficar nessa posição. Ivy está esmagada entre nós, seu pequeno corpo ofuscado pelo nosso volume. Posso ouvir sua respiração ofegante, sentir a rápida subida e descida de suas costas contra as minhas.

"Precisamos nos mover," digo, minha voz rouca. "Role para o lado. Com cuidado."

Whiskey grunhe em reconhecimento. Com cuidado meticuloso, começo a me mover, puxando Ivy comigo. Ela choraminga com o movimento, seu corpo se tensionando. Acaricio suas costas calmamente, murmurando palavras suaves de encorajamento.

"Calma, pequenina. Nós te seguramos."

Whiskey segue nosso movimento, rolando para o lado também. É um processo desajeitado e difícil, ainda mais complicado pelo fato de que ambos ainda estamos amarrados dentro dela. Mas, eventualmente, conseguimos nos acomodar em uma posição mais confortável.

Acabamos de frente um para o outro, Ivy espremida entre nós. Sua cabeça repousa no bíceps de Whiskey, suas costas pressionadas contra meu peito. O calor de sua pele corada queima através das camadas de camisas emprestadas que ela ainda está vestindo.

Meu braço cai sobre sua cintura, a mão se espalhando por sua barriga inferior. O inchaço de seu abdômen é mais proeminente sob minha palma agora. Ela está tão cheia de nosso esperma, esticada ao seu limite absoluto de todas as maneiras. Encontro-me traçando círculos ociosos em sua pele.

"Você está bem, gatinha?" Whiskey pergunta, sua voz rouca.

Ivy faz um som suave, algo entre um choramingo e um gemido. "Mhmm," ela consegue dizer, claramente além da fala coerente. Não que eu pudesse ouvi-la muito bem com o zumbido em meus ouvidos.

Pressiono um beijo gentil na nuca dela, inspirando profundamente. Seu cheiro é intoxicante, doçura de madressilva misturada com nossos cheiros mais almiscarados de alfa. A combinação me deixa mais tonto.

"Você foi tão bem," murmuro contra sua pele. "Tão boa garota para nós."

Ela estremece com o elogio, suas paredes internas se contraindo ao redor do meu nó. A sensação arranca um sibilo agudo de mim, a supersensibilidade beirando a tortura. Whiskey ecoa o som, seus quadris se contraindo novamente, arrancando um grito de dor de Ivy.

"Porra, desculpe," Whiskey murmura em seus cabelos, acariciando-a para acalmá-la.

Mas o rugido da entrada da caverna nos congela no lugar.

Aquele grito em particular não estava abafado.

Nada.

CAPíTULO

DOzE

IVY



As desculpas de Whiskey são interrompidas quando um rugido rasga a caverna. O som arranha meus tímpanos, feroz e cru. Através da luz fraca, avisto a forma massiva de Wraith correndo em nossa direção, seus olhos azuis selvagens com intenção assassina.

Eu tinha sido tão alta assim?

Oh, porra.

Os braços de Whiskey se apertam ao meu redor protetoramente, mas antes que Wraith nos alcance, um flash de cabelo branco o intercepta. Valek colide com o lado de Wraith, enviando ambos contra a parede de pedra. Os movimentos de Valek são instáveis, sua coordenação ainda afetada por quaisquer drogas que permaneçam em seu sistema. Mas sua oscilação errática como um marinheiro bêbado funciona a seu favor enquanto os dois alfas lutam.

Então as mãos enormes de Wraith se fecham ao redor do pescoço de Valek.

"Oh, não, meu pescoço," Valek engasga. Ele esmaga sua testa contra a de Wraith, atordoando o alfa enfurecido o suficiente para Thane prender seus braços ao redor do torso de Wraith por trás.

Mesmo com ambos os alfas o contendo, Wraith se debate, agarra um punhado de cabelo de Thane e o joga de cara na parede da

caverna com um rugido.

"Que porra é essa?" Whiskey rosna acima de mim, seu aperto apertando. "Como eles ouviram isso e não tudo o mais?"

A risada forçada de Valek ecoa pelas paredes da caverna enquanto ele agarra o braço de Wraith e tenta em vão puxá-lo para longe de Thane. "Oh, ouvimos tudo, seu ogro insensível." Seu sotaque se intensifica com o esforço. "Cada gemido delicioso, cada choramingo desesperado..." Ele pausa, virando para olhar diretamente para Whiskey. "E toda a sua merda. Mas parece que nosso animal favorito levou exceção àquele último grito." Seus olhos prateados se fixam nos meus, lábios se curvando em um sorriso de conhecimento. "Suponho que porque ficou claro que nossa ômega não estava chegando *dessa* vez."

Calor inunda minhas bochechas com suas palavras, mas mantenho minha expressão neutra. Não vou dar a ele a satisfação de uma reação. Não que isso importe, já que um momento depois, o punho de Wraith conecta com o rosto de Valek e o envia voando.

"Ivy, diga a ele que você está bem antes que ele mate alguém," Thane grita, rolando para se levantar. Sangue escorre de seu nariz onde Wraith esmagou seu rosto na parede.

"E-Eu estou bem," eu grito, mas minha voz sai muito rouca depois de ter sido completamente arrebatada por Plague e Whiskey. Ele parece não me ouvir enquanto avança para Valek novamente.

Valek mal conseguiu se recuperar do golpe anterior, mas ainda consegue bloquear o próximo soco de Wraith com seu braço. "Mais alto, pequena ômega!"

"Wraith!" Eu me afasto dos braços de Whiskey, mesmo ainda presa em ambos os nós, ignorando seu grunhido de protesto. "Pare! Eu estou bem!"

Desta vez, minha voz ecoa clara pela caverna, mas Wraith parece não ter me ouvido.

Os rosnados de Wraith ecoam pelas paredes da caverna enquanto ele golpeia Valek com força insana. Meu coração bate forte contra minhas costelas, o pânico arranhando minha garganta. Isso não é como suas explosões habituais. Não há reconhecimento

naqueles olhos azuis selvagens, nenhum sinal do alfa gentil que eu conheci.

Apenas fúria cega e feral.

"Wraith, por favor!" Eu grito, minha voz falhando. "Sou eu! Eu estou bem!"

Mas ele não responde. Seu punho massivo conecta com a mandíbula de Valek, enviando o alfa de cabelos brancos de volta contra a parede da caverna. Antes que Valek possa se recuperar, Wraith está sobre ele novamente.

Thane ataca Wraith por trás mais uma vez, seus braços musculosos se esforçando enquanto tenta puxar Wraith para longe de Valek. "Abaixe-se!" ele ruge, mas Wraith apenas se torce no aperto de Thane, o agarra pelo pescoço e o joga no chão com outro rugido.

"Porra," Whiskey grunhe, seus braços envolvendo minha cintura novamente enquanto tenta nos reposicionar. Eu faço uma careta enquanto seu nó se move dentro de mim. "Temos que fazer algo."

As mãos de Plague são gentis, mas insistentes, enquanto ele me empurra para frente. "Fique parada," ele murmura. "Vou tentar sair."

Eu mordo um choramingo enquanto ele lentamente se retira, seu nó puxando minha entrada esticada. Ele diminuiu mais cedo do que o normal, provavelmente por causa da pura adrenalina que estamos sentindo, mas não completamente. Eu me forço a respirar através disso. Não temos tempo para gentileza.

Não com Wraith destruindo a caverna.

Com um último som úmido, Plague se solta.

Ele não perde tempo. Ele atravessa a caverna, pegando o cinto descartado. Suas mãos se movem com precisão cirúrgica enquanto ele puxa uma seringa, tirando a tampa com os dentes.

"Segurem ele!" ele grita para Thane e Valek, que conseguiu se levantar cambaleando.

"O que você acha que estamos fazendo, uma valsa?" Valek arrasta as palavras.

Eles se jogam em Wraith, lutando com seus membros se debatendo. É como vê-los tentar lutar com um leão. Wraith ruge, o som sacudindo poeira do teto da caverna.

Plague avança, enfiando a agulha no pescoço de Wraith e pressionando o êmbolo. Por um momento, nada acontece. Então os movimentos de Wraith começam a desacelerar, seus rosnados se tornando grunhidos arrastados.

Mas ele não cai.

Se algo, o sedativo parece confundi-lo mais. Ele cambaleia, a cabeça girando de um lado para o outro enquanto tenta se concentrar. Seu punho ataca cegamente, acertando Valek nas costelas com um estalo horrível.

"Porra!" Valek arfa, dobrando-se. "Isso é o melhor que você pode fazer, Doutor?"

A expressão de Plague é sombria enquanto ele prepara outra seringa. "Isso deveria ter derrubado um elefante. Seu metabolismo está fora dos gráficos. Impressionante, mas—"

"Pare com essa conversa de ciência, ninguém se importa!" Valek grita, limpando o sangue do rosto e provando-o antes de se jogar de volta na briga.

Eu luto contra o aperto de Whiskey, o desespero me consumindo. "Deixe-me ir até ele," imploro. "Talvez eu consiga acalmá-lo."

"De jeito nenhum," Whiskey rosna, seus braços apertando ao meu redor.

Mas enquanto vejo Wraith atacar novamente, acertando Thane no queixo com um golpe de raspão, sei que estamos ficando sem opções. Se não conseguirmos acalmá-lo logo, alguém vai acabar morto.

O pensamento envia gelo pelas minhas veias.

Não posso deixar isso acontecer.

Eu movo meus quadris, suspirando com o estiramento enquanto o nó de Whiskey puxa minha entrada. Dói, uma dor profunda que irradia pelo meu núcleo, mas cerro os dentes e me esforço.

"Ivy, pare," Whiskey sibila, suas mãos agarrando minha cintura. "Você vai se machucar."

Eu o ignoro, focando na minha respiração enquanto lentamente me liberto. Parece que estou sendo rasgada ao meio, mas não paro. Não posso parar.

Quando finalmente consigo me soltar do nó de Whiskey, a súbita sensação de vazio é chocante, e eu tropeço ao tentar me levantar com pernas trêmulas. Esperma escorre pelas minhas coxas, encharcando as camisas emprestadas que ainda estou vestindo, mas mal percebo.

Dou um passo cambaleante para frente. Depois outro. Minhas pernas parecem gelatina, e cada movimento envia faíscas de dor pelo meu corpo completamente arruinado. Mas me forço a continuar.

"Ivy, não!" Whiskey grita atrás de mim, pânico em sua voz enquanto se levanta rapidamente.

Eu o ignoro, meus olhos fixos na forma massiva de Wraith. Ele está ofegante e rosnando pesadamente, o peito subindo e descendo a cada respiração rouca enquanto se debate contra o aperto dos outros três alfas. Vapor sai por seus dentes afiados expostos na caverna fria como fumaça da boca de um dragão.

"Parem," eu chamo para os outros, minha voz mais firme agora. "Deixem-me tentar."

Antes que qualquer um deles possa me impedir, fecho a distância entre mim e Wraith. Seus olhos selvagens se fixam em mim, narinas dilatadas ao sentir meu cheiro. Por um momento de parar o coração, temo que ele não me reconheça.

Dou outro passo cuidadoso, minhas mãos estendidas em um gesto calmante. "Está tudo bem," murmuro. "Estou segura."

Wraith rosna novamente, avançando contra o aperto de Thane e Valek. Seus músculos massivos se tensionam enquanto tenta se libertar para chegar até mim, tendões se destacando em relevo. Suor e sangue brilham em sua pele na luz fraca da caverna.

"Ivy, volte!" Thane grita, seus braços travados ao redor de um dos bíceps de Wraith.

Eu o ignoro, dando mais um passo adiante.

"Por favor," sussurro, estendendo a mão lentamente. "Volte para mim."

Meus dedos roçam sua mandíbula marcada, leves como uma pena. Ele se encolhe com o contato e fica completamente imóvel, seu peito subindo e descendo a cada respiração ofegante. Aqueles olhos azuis intensos furam os meus.

"Sou eu," murmuro, segurando seu rosto com ambas as mãos agora. "Estou aqui. Estou bem."

Me aproximo mais, ignorando os rosnados de advertência dos outros alfas. Meus polegares acariciam suas maçãs do rosto, traçando as bordas elevadas das cicatrizes que saem de seus dentes afiados. Ele treme sob meu toque, dividido entre se inclinar para o contato e se afastar.

"Isso mesmo," encorajo suavemente. "Volte."

Sem quebrar o contato visual, lentamente me sento em seu colo, cavalgando suas coxas. Deixo minhas mãos vagarem, mapeando os planos de seu peito largo, seu abdômen musculoso.

Gradualmente, sua respiração ofegante desacelera, caindo no ritmo das carícias firmes de minhas mãos. Ainda posso sentir a raiva fervilhando sob a superfície, mas não está mais ameaçando consumi-lo.

"Aí está você," murmuro, pressionando um beijo suave em sua testa.

Um rosnado suave surge em sua garganta, quase inaudível sobre o som de sua respiração pesada. Mas está lá. O primeiro sinal de reconhecimento rompendo a névoa de fúria.

Continuo minha exploração gentil, deixando minhas mãos descerem mais. Pelas saliências de seus abdominais até o corte definido de seus ossos do quadril. Ele já está meio ereto devido à adrenalina residual e minha coxa pressionando o volume em suas calças.

Quando meus dedos roçam a cintura de suas calças, ele fica completamente imóvel. Até sua respiração parece parar enquanto ele espera para ver o que farei a seguir. Eu pauso ali.

"Posso...?" pergunto suavemente.

Ele apenas me observa com aqueles olhos azuis intensos.

Lentamente, tão lentamente, deixo minha mão descer mais. Ele se contrai quando roço contra seu comprimento através do tecido, um rosnado ofegante escapando dele enquanto ele treme sob meu toque, sua respiração vindo em suspiros curtos e afiados. Seus quadris se inclinam levemente para cima, buscando mais contato.

Eu envolvo minha mão ao redor dele por cima de suas calças. Ele é tão grande, tensionando contra o tecido. Um ronco baixo surge em seu peito enquanto começo a acariciá-lo. Não exatamente um rosnado, mas também não um ronronar. Algo intermediário que vibra por todo o meu corpo onde estamos pressionados um contra o outro.

"Isso mesmo," encorajo suavemente. "Deixe-me cuidar de você."

Seus quadris se movem para cima em direção ao meu toque, buscando mais atrito. Sinto ele ficando mais duro a cada segundo, latejando sob minha palma através do tecido fino de suas calças. Sua respiração fica mais ofegante.

Me inclino, pressionando beijos suaves ao longo de sua mandíbula. Sobre as cicatrizes que marcam suas bochechas. Até a concha de sua orelha. Ele está tentando tanto manter o controle, a não me machucar.

Preciso mostrar a ele que está tudo bem.

Que não estou com medo.

Com dedos trêmulos, puxo a cintura de suas calças. Os rosnados de Wraith se intensificam, o som reverberando pela caverna. Mas não me afasto. Consigo diferenciar sua raiva de sua fome. Em vez disso, me aproximo mais, esfregando meu rosto em seu pescoço enquanto desço o tecido.

"Shh," murmuro contra sua pele.

Seu pau surge livre, já duro e vazando. Envolvo minha mão ao redor dele, maravilhada com o quão quente ele parece contra minha palma. Como é impossivelmente grande.

Começo a acariciá-lo lentamente, com cuidado. Sua respiração vem em suspiros ásperos, peito subindo e descendo sob mim. A tensão enrolada em cada músculo é clara. Assim como a maneira como ele luta contra seus instintos de atacar os alfas que o seguram. Um movimento errado e qualquer coisa pode acontecer.

"O que você está fazendo?" Thane rosna cautelosamente.

Wraith solta outro rosnado ao som da voz de Thane e se vira para ele, dentes afiados brilhando como adagas na luz fraca.

Preciso distraí-lo antes que ele ataque novamente.

Sem hesitar, deslizo por seu corpo, me posicionando entre suas coxas musculosas. Seus rosnados ecoam através de mim enquanto envolvo minha mão ao redor da base de seu pau. Me inclino e passo minha língua ao longo de seu comprimento, traçando as veias salientes. O gosto dele explode em minha língua, almiscarado e primal.

Olho para cima e vejo Thane e Valek lutando para segurar os braços de Wraith. Plague fica por perto, outra seringa pronta. Mas os olhos azuis ardentes de Wraith estão fixos em mim agora enquanto levo a cabeça de seu pau à minha boca.

O estiramento é intenso. Ele é tão grande, minha mandíbula já dói enquanto tento acomodar sua largura. Mas estou determinada a mantê-lo distraído. A trazê-lo de volta a si mesmo. Afundo minhas bochechas e chupo com força, arrancando um rosnado abafado do fundo de seu peito.

"Isso mesmo," Plague murmura de algum lugar acima de mim. "Mantenha-o focado."

O rosnado de Wraith ganha um tom mais agressivo novamente.

Dou um olhar para Plague e ele se cala.

Tento ignorar os outros, concentrando-me apenas em Wraith. Na maneira como seus músculos tremem sob meu toque. No gosto salgado de seu líquido pré-ejaculatório em minha língua. Trabalho meu caminho por seu pau centímetro por centímetro agonizante, relaxando minha garganta para levá-lo mais fundo enquanto me agarro a suas coxas para me firmar.

Wraith se debate contra o aperto de Thane e Valek, seus quadris se contraindo. Por um momento, temo que seu pau me engasgue, mas então Whiskey está lá, suas mãos enormes prendendo os quadris de Wraith no chão.

Wraith rosna furiosamente para Whiskey, mas o som é cortado em um gemido abafado quando eu engulo ao redor dele. Seu pau pulsa contra minha língua enquanto movo minha cabeça, levando-o um pouco mais fundo a cada passada. Saliva se acumula em minha boca, escorrendo pelo meu queixo enquanto luto para acomodar seu tamanho.

Recuo levemente, deixando seu pau escapar de minha boca com um som obsceno. "Você está indo tão bem," o elogio, minha voz rouca. "Tão bom alfa para mim."

Mergulho novamente, levando-o à minha boca de novo. Desta vez, consigo engoli-lo até a borda de seu nó, seu pau atingindo a parte de trás da minha garganta. Wraith solta um som que nunca ouvi antes, algo entre um rugido e um gemido.

Foco no peso pesado de seu pau em minha língua. Na maneira como seu pulso acelera sob meus dedos, onde estão envoltos ao redor da base de seu pau sob o inchaço de seu nó. Movo minha cabeça mais rápido, afundando minhas bochechas enquanto o chupo com força.

Ele está perto. Tão perto.

Um rugido abafado escapa do peito de Wraith quando a cabeça de seu pau bate na parte de trás da minha garganta novamente, e eu tenho que lutar para não engasgar com a espessura de seu pau enchendo minha boca. Seu corpo inteiro fica rígido, cada músculo travando enquanto ele fica à beira.

Minha outra mão agarra sua coxa poderosa enquanto movo minha cabeça mais rápido, levando-o ao limite de minha capacidade a cada passada. Lágrimas surgem nos cantos dos meus olhos devido ao esforço, mas não paro. Não até sentir que posso realmente engasgar.

Recuo levemente, deixando apenas a cabeça descansar em minha língua. Meus olhos se fixam nos dele enquanto circulo minha língua ao redor da coroa sensível. Um tremor percorre seu corpo massivo e seus olhos reviram, seu corpo cedendo ao aperto dos outros alfas.

Minha mão se aperta mais ao redor da base de seu pau, dedos apenas conseguindo envolver parcialmente sua largura. Posso sentir seu nó começando a inchar, quente e insistente contra minha palma. Não há como deixá-lo amarrar minha boca. Não sem deslocar minha mandíbula. Mas isso não significa que não posso lamber ao redor da borda de seu nó, arrancando mais rosnados abafados dele.

Olho para cima por baixo de meus cílios e vejo sua cabeça jogada para trás, expondo a coluna cicatrizada de sua garganta.

Suor brilha em sua pele na luz fraca, destacando cada cicatriz e veia saliente. Ele parece um deus selvagem, mal contido em forma humana.

Um movimento na visão periférica chama minha atenção. Desvio os olhos para o lado sem quebrar meu ritmo. Valek se inclina contra a parede da caverna, seu olhar prateado fixo em nós. Uma mão agarra o ombro de Wraith, mas a outra...

Calor inunda minhas bochechas ao perceber o que estou vendo. A outra mão de Valek está envolta ao redor de seu próprio pau, masturbando-se no ritmo de meus movimentos. Seu sorriso habitual desapareceu, substituído por uma expressão de fome crua que faz meu núcleo latejar.

Bom. Isso é o mais perto que ele chegará de qualquer ação depois do que nos fez passar.

A língua de Valek aparece, umedecendo seus lábios enquanto ele me vê levar Wraith mais fundo. "Lindo," ele purra. "Tão boa pequena ômega, não é? Aceitando nossa fera tão bem…"

Wraith rosna ao som da voz de Valek, seu corpo se tensionando. Solto a coxa de Wraith apenas o suficiente para mostrar o dedo do meio para Valek antes de agarrá-la novamente, enterrando minhas unhas através do tecido das calças de Wraith para fazê-lo se concentrar em mim.

"Isso mesmo," Valek encoraja, sua própria respiração ficando ofegante. "Mostre a ele o que essa boquinha bonita pode fazer."

Por mais que ele me irrite, tenho que apertar minhas coxas para aliviar a dor crescente entre minhas pernas.

Foco.

Preciso focar em Wraith.

Levo-o mais fundo, relaxando minha garganta o máximo que posso. O pau de Wraith pulsa contra minha língua. Ele está tão perto. Pronto para explodir.

"Olhe para ela," Valek murmura. Sua mão se move mais rápido em seu próprio pau. "Aposto que ela deixaria todos nós termos uma vez se pedíssemos direito."

Wraith ruge, avançando em direção a Valek. Thane consegue segurá-lo, lançando um olhar de advertência para Valek. "Cale a

boca antes que eu deixe ele arrancar sua garganta," ele rosna.

Valek apenas ri, o som sombrio e faminto. "Você não pode me dizer que não está pensando nisso também. Pensando em tomá-la ao mesmo tempo."

Calor inunda através de mim com suas palavras. Imagens passam por minha mente. Lampejos de pele, membros entrelaçados, rosnados famintos e meus gritos desesperados. Tento afastá-las, mas elas permanecem nas bordas de minha consciência.

Afundo minhas bochechas, chupando mais forte enquanto minha mão trabalha seu pau mais rápido. Os quadris de Wraith se movem para cima, empurrando seu pau mais fundo. Tosse novamente, mas não recuo.

"Merda," Whiskey grunhe.

O rugido mais cru e primitivo até agora ecoa da garganta de Wraith. Seu pau pulsa contra minha língua enquanto ele cai sobre o limite. Jatos quentes de esperma inundam minha boca, tanto que mal consigo engolir tudo.

Mas eu não paro. Continuo chupando, ajudando-o a passar por isso. Wraith se contorce debaixo de mim, preso entre o êxtase e a superestimulação. Eu continuo trabalhando, focando na maneira como seu corpo enorme treme debaixo de mim.

Nos sons quebrados que escapam dele.

No sabor dele na minha língua.

Gradualmente, seus movimentos diminuem. A tensão desaparece de seus músculos enquanto os últimos tremores se dissipam. Eu me afasto com cuidado, deixando seu pau amolecido escorregar da minha boca. Esperma salgado escorre pelo meu queixo e eu o limpo com as costas da mão, olhando para cima para encontrar o olhar de Wraith.

Seus olhos azuis estão mais claros agora, a raiva completamente desaparecida.

E ele está me olhando como se eu tivesse colocado a lua e as estrelas no céu.

Eu levanto as mãos, segurando seu rosto marcado. Sua pele está febrilmente quente contra minhas palmas. Ele se inclina para o meu toque, um rugido baixo surgindo em seu peito.

"Aí está você," eu murmuro, passando meus polegares sobre sua mandíbula marcada.

Ele esfrega o rosto em minhas mãos, olhos se fechando. Os outros ainda o seguram, músculos tensionados e prontos para contê-lo, se necessário. Mas eu sinto a luta saindo dele a cada segundo que passa.

"Está tudo bem," eu digo suavemente. "Vocês podem soltá-lo agora."

Thane e Valek trocam olhares desconfiados, mas lentamente soltam o aperto nos braços de Wraith. As mãos de Whiskey saem de seus quadris. Por um momento, todos seguram a respiração coletiva, esperando para ver se a fúria selvagem vai retornar.

"Ivy," Plague diz cautelosamente. "Você deveria se afastar. Apenas por precaução—"

Eu o silencio com um olhar. "Ele não vai me machucar."

Para provar meu ponto, eu me inclino e pressiono um beijo gentil na testa de Wraith. Ele solta um suspiro trêmulo, os braços envolvendo meu corpo. Seu abraço é cuidadoso, tão cuidadoso, como se ele tivesse medo de que eu pudesse quebrar se ele apertasse demais.

Os braços de Wraith se apertam ao meu redor enquanto eu pressiono minha testa contra a dele, inspirando seu cheiro familiar. A tensão finalmente desaparece completamente de seu corpo enorme, seus rugidos suavizando-se para ronronados de contentamento.

Um ronronar baixo quebra o momento. "Bem, isso foi um verdadeiro show," Valek diz com um sotaque mais espesso que o normal. Eu olho para ele com cautela e o vejo recostado na parede da caverna, parecendo completamente devasso. Seus olhos prateados brilham intensamente enquanto alternam entre mim e Wraith. "Devo dizer, pequena ômega, você tem um talento incrível para domar feras."

O calor inunda minhas bochechas, mas me recuso a dar a ele a satisfação de uma reação. Em vez disso, eu me concentro em Wraith, certificando-me de que ele está completamente de volta a si. Seus olhos azuis estão claros agora, cheios de uma mistura de fome

residual e vergonha que parece completamente fora de lugar em contraste com sua aparência assustadora.

Eu amo isso.

Amo *ele.*

Eu me aconchego feliz em seu pescoço.

O olhar de Valek se desvia para Thane, que está parado rigidamente a alguns metros de distância. Um lento e malicioso sorriso se espalha pelo rosto de Valek. "Falando em feras que precisam ser domadas... nosso ilustre líder está parecendo um pouco *reprimido*, não está?"

O maxilar de Thane se contrai, suas mãos se fechando em punhos. Sem dizer uma palavra, ele gira nos calcanhares e se dirige para o fundo da caverna, desaparecendo nas sombras. Mas não antes de eu captar um vislumbre da protuberância evidente pressionando contra suas calças.

"Deve ser constrangedor," Whiskey comenta com um grunhido. "O pobre coitado é o único que não teve alívio algum."

Eu lhe lanço um olhar furioso, mas não há verdadeira raiva por trás dele. Ele está apenas sendo um idiota, como de costume. É meio bom ter um pouco de normalidade na dinâmica do grupo novamente.

"Vou compensá-lo quando chegarmos em casa," eu respondo.

Whiskey me dá um pequeno sorriso, seus olhos castanho-mel clareando. "Casa, hein? Então você não fugiu de verdade, gatinha selvagem?"

O peso de tudo o que aconteceu desde que Valek me sequestrou cai sobre mim como um cobertor pesado.

Meus olhos se voltam para Valek, estreitando-se enquanto observo sua expressão presunçosa. A raiva surge em meu peito, quente e intensa. Eu consigo desviar o olhar dele, focando novamente em Whiskey.

"Eu não fiz isso de propósito," eu resmungo, minha voz mais áspera do que eu pretendia. "É... complicado."

A testa de Whiskey se enruga. "Complicado como? Tudo o que sabemos é que esse idiota fugiu com você e estava falando um monte de besteiras vagas sobre dar uma escolha a você."

"Estou bem aqui, sabia," Valek murmura.

"Não me lembre," eu resmungo, encostando-me no peito largo de Wraith. Seus braços se apertam ao meu redor instintivamente, e eu encontro conforto em sua presença sólida. "Eu só tenho muita coisa para resolver, ok?"

"Resolver?" Whiskey insiste. "Resolver o quê?"

"Mentalmente," eu retruco. Eu respiro fundo, tentando me centrar. "Olha, eu só... preciso de tempo para processar tudo."

Whiskey abre a boca, claramente pronto para pressionar por mais respostas, mas Plague o interrompe, limpando a garganta.

"É um longo caminho de volta ao Chateau," ele diz, seu tom clínico em contraste gritante com a atmosfera carregada. "Devemos partir logo se quisermos chegar antes que a nevasca feche completamente o caminho da montanha."

As palavras de Plague ficam pairando no ar, lembrando a todos nós da dura realidade que nos espera fora do nosso pequeno santuário na caverna. Eu suspiro, me aconchegando mais perto de Wraith. Parte de mim quer ficar aqui para sempre, envolta em seus braços fortes, cercada pela minha matilha.

Mas Plague está certo.

Não podemos nos esconder aqui para sempre.

"Ok," eu murmuro, relutantemente me afastando de Wraith. Seus braços se apertam ao meu redor por um momento antes de me soltar. A perda do calor dele me faz tremer.

Quando me levanto, minhas pernas vacilam. A dor entre minhas coxas é um lembrete gritante de tudo o que acabamos de fazer. Wraith está de pé em um instante, me estabilizando com aquelas mãos grandes, ásperas e gentis. Eu me inclino para ele com gratidão.

Os outros começam a se preparar e a reunir o pouco que temos. Plague reembala seus suprimentos médicos roubados enquanto Whiskey e Thane verificam nossas armas. Thane está agindo como se estivesse à beira de um trauma, como se tivesse visto coisas que nunca poderá esquecer.

É.

Eu *definitivamente* vou compensá-lo.

Dou um passo hesitante, fazendo uma careta com a dor que irradia do meu corpo. Wraith rosna suavemente, claramente angustiado com meu desconforto. Antes que eu possa tranquilizá-lo, ele me pega em seus braços como se eu não pesasse nada.

"Wraith," eu começo a protestar, mas ele me silencia com um afago.

Como posso discutir com isso?

Eu relaxo contra ele, apoiando minha cabeça em seu ombro largo. Seu cheiro familiar de couro e chuva da floresta me envolve como um cobertor. E, para ser justa, eu não vou longe com os pés descalços.

Ou depois do que Whiskey e Plague acabaram de fazer comigo.

"Todos prontos?" Thane grita, sua voz rouca.

Um coro de grunhidos e acenos responde a ele. Com um último olhar para a caverna que nos abrigou, saímos para o ar gelado do início da manhã.

CAPíTULO

TREzE

THANE



O que.
Diabos.
Foi isso.

CAPíTULO

CATORZE

IVY



O ar gelado e cortante da neve atravessa as camisas emprestadas que estou vestindo, me congelando até os ossos, apesar do calor de Wraith. Eu me aconchego mais perto de seu peito largo, grata pelo abrigo de seus braços enormes enquanto ele me carrega pela neve profunda. Cada um de seus passos afunda até a metade das panturrilhas, a superfície branca e imaculada enganosamente traiçoeira.

"Cuidado com onde pisa," Thane chama da retaguarda do nosso grupo, sua voz um pouco abafada pelo vento gelado. "A neve pode estar escondendo merda."

Como para enfatizar seu ponto, Whiskey de repente cai para frente com um grito de susto, desaparecendo até a cintura em uma fenda escondida. Valek, ainda instável pelas drogas em seu sistema, tropeça nele com um palavrão arrastado. Por um momento de tirar o fôlego, tenho medo de que ambos caiam montanha abaixo.

Mas Thane avança, agarrando o ombro de Whiskey e puxando-o para cima com um grunhido. Os três ficam lá ofegantes, a neve grudando em seus ombros e cabelos descobertos.

"Merda," Whiskey murmura, sacudindo-se como um cachorro. "Essa foi por pouco." Ele lança um olhar sujo para Valek. "Provavelmente fez isso de propósito. Babaca."

"Dessa vez não," Valek murmura.

Sinto os braços de Wraith apertando-me protetoramente. Seu peito ronca com um rosnado baixo, vapor saindo de seus dentes afiados no ar gelado. Eu acaricio seu braço calmamente, tentando acalmá-lo. A última coisa que precisamos é que ele perca o controle de novo aqui fora.

Felizmente, funciona.

Seguimos em frente, o vento ficando mais forte a cada passo. Ele uiva entre as árvores esqueléticas, seus galhos rangendo ameaçadoramente sob o peso da neve e do gelo. Grandes pingentes de gelo pendem de cada superfície, brilhando como adagas de cristal mortais na fraca luz da manhã. Uma rajada forte poderia fazê-los despencar sobre nossas cabeças.

A beleza do nosso entorno é inegável, mas é uma beleza fria e implacável. Do tipo que poderia matá-lo em um instante se você baixar a guarda.

Eu perco a noção do tempo enquanto avançamos, a monotonia do branco interrompida apenas pela ocasional mancha escura de uma árvore ou afloramento rochoso. Meus pensamentos vagam, voltando a tudo o que aconteceu. À escolha que Valek me deu. À realização de que escolhi essa matilha de alfas, para o bem ou para o mal.

Um estalo agudo me tira dos meus pensamentos. Todos nós congelamos, os olhos procurando a origem do som.

"Avalanche?" Whiskey murmura.

Thane balança a cabeça, os olhos escuros escaneando a encosta acima de nós. "Não, isso foi—"

Outro estalo corta o ar, seguido por um gemido ameaçador. Antes que qualquer um de nós possa reagir, os galhos carregados de neve de um pinheiro enorme cedem. Eles caem a poucos centímetros de onde Valek está parado, cobrindo-nos com uma explosão de neve e detritos.

"*Mexam-se*!" Thane ruge.

Nós nos movemos rapidamente para frente enquanto mais galhos quebram e caem ao nosso redor. Os passos longos de Wraith devoram o chão, seu corpo poderoso me protegendo do pior. Eu me

agarro a ele, o coração batendo forte no peito enquanto observo os outros desviarem e se esquivarem da chuva mortal.

Quando finalmente chegamos a uma área limpa, todos paramos para recuperar o fôlego. Valek está com um corte feio na bochecha, onde um galho deve tê-lo atingido. Sangue escorre por sua pele pálida, marcante contra o fundo branco.

"Bem," ele diz, seu sorriso habitual firmemente no lugar, apesar da respiração ofegante. "Isso foi revigorante." Ele passa os dedos pela bochecha e lambe o sangue como um maldito gato.

Eu tenho vontade de esbofeteá-lo.

Como ele pode ser tão despreocupado quando quase morremos? Mas há uma tensão ao redor de seus olhos prateados, uma rigidez em seus ombros que trai seus verdadeiros sentimentos.

Ele está tão abalado quanto o resto de nós.

"Precisamos continuar nos movendo," Thane diz, com uma camada de neve grudada em seu cabelo escuro e desgrenhado. "Estamos muito expostos aqui."

Ninguém discute.

Partimos novamente, nosso ritmo mais rápido agora, apesar do cansaço que vejo pesando sobre todos. A adrenalina do nosso quase acidente passou, deixando para trás um cansaço profundo.

Eu gostaria de poder andar sozinha para aliviar o fardo de Wraith. Mas sei que meus pés descalços seriam inúteis neste terreno. Então, faço o que posso para me tornar o mais leve possível em seus braços, ignorando a dor residual entre minhas coxas das atividades anteriores.

Estamos caminhando há o que parece horas quando Plague de repente para dead in his tracks. Seu corpo inteiro fica rígido, olhos azuis pálidos fixos em algo à distância.

Eu sigo seu olhar, apertando os olhos contra o brilho do sol na neve.

Lá, encostado na encosta da montanha, está o trem mais bonito que já vi. Seu corpo branco e elegante brilha mesmo à distância, estendendo-se ao longo da encosta como uma serpente, com entalhes ornamentados em padrões geométricos delicados adornando seus lados. Um selo dourado marca o carro do motor,

brilhando na suave luz da manhã. Um íbis em voo renderizado em folha de ouro, seu pescoço longo e curvado arqueando-se graciosamente sobre as costas enquanto segura uma flor de lótus em seu bico fino.

"O que é isso?" eu pergunto, incapaz de evitar a admiração em minha voz. Parece algo saído de um conto de fadas, não um meio de transporte funcional. "Nunca vi um trem assim antes."

Whiskey sorri, uma centelha de esperança brilhando em seus olhos. "Ei, talvez possamos pegar uma carona."

A mandíbula de Plague se move, como se estivesse mastigando palavras que não quer dizer. "Ele vai para Surhiira," ele finalmente murmura. "Não para Reinmich."

Isso rende um grunhido de Whiskey. "É, claro. E os Shurhidarianos nos explodiriam à vista. Eu sei. Mas deixe um cara sonhar, certo?"

Os olhos pálidos de Plague brilham perigosamente enquanto ele se vira para encarar Whiskey. A expressão em seu rosto poderia azedar o leite. "*Surhiiranos*."

"Do que você está falando?" eu pergunto, olhando entre eles. "O que é Surhiira?" O nome soa leve e musical na minha língua, nada como os nomes ásperos a que estou acostumada.

Thane suspira, passando a mão pelo cabelo coberto de neve. "É uma nação independente no sudeste. Ninguém realmente sabe o que acontece lá. Eles são neutros, mas apenas porque são completamente isolacionistas."

"É," Whiskey completa. "Mas eles são durões. Todo mundo é um assassino, até os omegas. As crianças também."

"Isso não faz sentido," Plague retruca. "Quem haveria para matar?"

Whiskey encolhe os ombros. "Não sei, provavelmente é um battle royale de livre para todos."

Eu franzo a testa, processando essa nova informação. Outra nação, uma da qual nunca ouvi falar? Como isso é possível?

Então, novamente, meu mundo tem sido tão pequeno por tanto tempo.

Por mais que me incomode, provavelmente há muito que eu não sei.

Eu me aconchego mais perto do calor de Wraith enquanto seguimos o caminho sinuoso. O trem branco e imaculado assombra a borda da minha visão, nos provocando com sua promessa de abrigo. Meus dentes batem, apesar de meus melhores esforços para pará-los.

Whiskey tropeça novamente, desta vez se apoiando no ombro de Valek. O alfa de olhos prateados rosna e o empurra para longe.

"Toque em mim de novo e eu cortarei seus dedos."

"Vai se foder também, amigo." Whiskey levanta o dedo do meio com uma mão avermelhada pelo frio.

Um rosnado baixo surge no peito de Wraith. Eu acaricio seu braço, tentando acalmá-lo antes que a tensão aumente. Seus músculos se contraem sob meu toque, mas ele não ataca.

O vento aumenta, dirigindo agulhas de gelo para qualquer pele exposta. Eu pressiono meu rosto no pescoço marcado de Wraith.

"Isso está demorando demais," Thane murmura de trás de nós. "Precisamos encontrar abrigo logo."

"Sem dúvida," Whiskey arqueja. "Não sinto mais minha bunda."

Isso parece algo que Plague normalmente teria uma observação a fazer, mas desta vez ele está incomumente silencioso. Ele se move como uma sombra pela neve, seu rosto voltado para o trem brilhante à distância. Algo em sua postura parece estranho.

Quase nostálgico.

O caminho se estreita, forçando-nos a andar em fila única. Pedras soltas escorregam sob nossos pés, desaparecendo no vazio branco abaixo. Um passo em falso e nós seguiríamos o mesmo caminho.

Minhas roupas emprestadas estão rígidas de gelo agora, rangendo a cada movimento de Wraith. O frio se instalou profundamente em meus ossos, fazendo tudo doer. Até meus cílios estão cobertos de gelo.

Eu me perco no som hipnótico de botas na neve, no ritmo do sopro visível no ar gelado. O tempo se torna sem sentido, marcado apenas pelo gradual escurecimento do fraco sol de inverno.

Quando levanto a cabeça novamente, apertando os olhos contra o brilho, meu coração cai no estômago. O desfiladeiro que estávamos seguindo desaparece sob uma parede impenetrável de neve e árvores caídas.

"*Merda*!" Whiskey rosna, pisando inutilmente na barreira. "E agora?"

Um silêncio desconfortável cai sobre o grupo. Eu praticamente consigo ouvir as engrenagens girando na cabeça de todos enquanto tentam encontrar uma solução.

"Poderíamos pegar o trem," Plague diz, tão baixo que eu quase não ouço.

Todos olham para ele.

"Você não pode estar falando sério," Thane rosna. "Surhiira não quer nada com uma matilha de cães de ataque do Conselho, e eles viajam com os atiradores mais letais dos Confins Exteriores e além. Se nos virem, estamos mortos—e isso se nos aproximarmos deles."

Os outros parecem igualmente perplexos. Whiskey abre a boca, sem dúvida pronto para soltar uma enxurrada de perguntas inflamadas, mas Plague o interrompe com um gesto brusco.

"Esperem aqui. Eu volto," ele murmura, sua voz estranhamente tensa. Sem mais uma palavra, ele se vira e começa a caminhar pela neve profunda, indo na direção do trem branco e brilhante.

"O que diabos ele está pensando?" Whiskey rosna, dando um passo à frente como se fosse seguir. A mão de Thane em seu ombro o detém. "Cara, ele vai se matar!"

"Deixe-o ir," Thane diz, embora seus olhos nunca se afastem da forma de Plague recuando. "Algo está acontecendo."

Eu concordo, incapaz de me livrar do desconforto que se instala no meu estômago. "Nunca o vi assim antes," eu digo com os dentes batendo.

Wraith ronca suavemente, seus braços apertando ao meu redor. Eu olho para cima e vejo seus olhos azuis intensos fixos no local onde Plague desapareceu na neve rodopiante. Há uma cautela em seu olhar que só aumenta minha própria ansiedade.

"Nunca o viu o quê? Estranho?" Whiskey pergunta, olhando para mim antes de chutar a neve novamente como se estivesse a

punindo. "Você tem vivido debaixo de uma rocha todo esse tempo? O cara é maluco sob toda aquela fachada chique."

"Estou surpreso que você conheça essa palavra," Thane diz secamente.

Whiskey resmunga. "Aprendi com você."

Esperamos em silêncio tenso enquanto os minutos passam. O vento aumenta, chicoteando cristais de gelo contra meu rosto. Eu me enterro mais fundo no abraço de Wraith enquanto os outros se aproximam ao nosso redor para me manter aquecida, inquietos.

Exceto Valek. Ele apenas murmura sem melodia para si mesmo, aparentemente indiferente à tensão crescente e à neve se acumulando em seu cabelo e ombros descobertos.

É Whiskey quem finalmente explode.

"Foda-se isso," ele rosna, saindo do grupo para andar de um lado para o outro como um animal enjaulado, seu torso descoberto vermelho do vento gelado. Ele está tão irritado que praticamente está fumegando. "Já faz muito tempo. E se os Shittarianos ou como quer que sejam chamados decidiram prendê-lo? Devíamos ir atrás dele."

"E fazer o quê, exatamente?" Thane contra-ataca, embora eu possa ver a preocupação gravada nas linhas de seu rosto. "Entrar lá com tudo? Essa é uma ótima maneira de nos matarmos todos."

"Então vamos só ficar aqui com os polegares enfiados no cu?" Whiskey retruca. "Muito heroico, chefe. Só porque *você* teve o pior dia da sua vida não significa que o resto de nós tem que ter."

Os olhos de Thane se estreitam. "Do que diabos você está falando?"

Whiskey encolhe os ombros largos. "Sei lá, cara, eu não gostaria de segurar *meu* irmão literal enquanto minha parceira chupava o pau dele para acalmá-lo."

Wraith rosna perigosamente.

"Você tem um irmão?" eu pergunto, surpresa.

"Bem, não, mas eu tenho imaginação."

O punho de Thane se contrai ao lado como se estivesse prestes a enfiá-lo na cabeça de Whiskey quando um movimento na borda da minha visão chama minha atenção. Eu aperto os olhos através da

neve caindo, meu coração pulando quando uma figura familiar emerge da névoa branca.

"Ele está de volta," eu chamo, o alívio inundando-me.

Os outros se viram como um só, observando enquanto Plague se aproxima de nós. Sua marcha graciosa habitual é dificultada pela neve profunda, mas há uma determinação em seus passos que não estava lá antes. À medida que ele se aproxima, eu procuro em seu rosto alguma pista do que aconteceu durante sua ausência.

Mas sua expressão é tão impenetrável quanto sempre, seus olhos azuis pálidos não revelando nada.

"E então?" Thane exige assim que Plague está ao alcance da voz. "O que aconteceu?"

Plague encara o olhar de nosso líder firmemente.

"Podemos embarcar," ele diz secamente.

Por um momento, ninguém fala. O único som é o uivar do vento e o leve ranger da neve sob as botas de Plague enquanto ele para diante de nós.

Então Whiskey explode.

"Só isso?" ele ruge, gesticulando selvagemente. "Você desaparece por sabe-se lá quanto tempo, volta parecendo que viu um fantasma, e tudo o que você tem a dizer é '*podemos embarcar*'? Que porra é essa? Estou cansado dos seus mistérios de merda."

Os olhos de Plague se estreitam perigosamente. "Conseguimos passagem. Isso não é o que importa?"

"É um passo bem longe do maldito Chateau!" Whiskey grita, levantando as mãos.

"O Chateau que não podemos alcançar a pé sem morrer," Plague retruca. "Pelo menos podemos nos reagrupar em Surhiira."

Thane tem uma expressão cautelosa em seu rosto que eu não gosto nem um pouco.

"Como?" eu pergunto, incapaz de evitar a suspeita em minha voz. "Você disse que eles não queriam nada conosco. O que mudou?"

Um músculo se contrai na mandíbula de Plague, mas ele não responde. O silêncio se estende, ficando mais desconfortável a cada segundo que passa.

Finalmente, Whiskey o quebra com uma risada sem humor. "Ah, entendi. Quem você chupou para nos colocar naquele trem chique? Deve ter sido uma experiência bem merda—"

Plague se move tão rápido que eu quase não vejo. Um momento ele está parado como uma estátua, no seguinte ele tem Whiskey pela garganta, empurrando-o contra uma rocha coberta de neve. Os olhos do alfa maior se arregalam de choque enquanto Plague se inclina, sua voz um rosnado baixo e perigoso.

"Cale. A. Porra. Da. Boca."

Whiskey, para seu crédito, não recua. Ele encara o olhar de Plague com um de seus próprios, e por um momento de tirar o fôlego, tenho certeza de que os alfas estão prestes a brigar.

De novo.

Então Thane está lá, fisicamente se colocando entre os dois alfas. "Chega," ele ruge, sua voz carregando o peso total do comando. "Vocês dois, recuem. *Agora*."

Lentamente, relutantemente, Plague solta seu aperto na garganta de Whiskey. O alfa maior esfrega as marcas vermelhas deixadas para trás, um rosnado baixo roncando em seu peito. Mas nenhum deles faz um movimento para continuar o confronto.

"Se vocês dois terminaram de medir paus," Thane diz, seu tom cheio de sarcasmo, "temos um trem para pegar. A menos que prefiram congelar até a morte aqui fora?"

O lembrete de nossa situação precária parece trazer todos de volta à realidade. Whiskey murmura algo que eu não consigo entender, mas tenho certeza de que é relacionado a pau. Ele cai na linha enquanto Thane começa a nos levar em direção ao trem distante. Plague segue alguns passos atrás de nós, sua postura rígida, olhar fixo à frente como se estivéssemos caminhando direto para a forca.

A tensão estranha é perturbadora.

Mas que escolha temos?

O vento chicoteia impiedosamente meu rosto enquanto avançamos pela neve até o joelho em direção ao trem branco e brilhante. Mesmo aconchegada nos braços de Wraith, o frio cortante está penetrando nas camadas de roupas que pendem do meu corpo.

À medida que nos aproximamos do trem, eu vejo pessoas se movimentando na plataforma. Meus olhos se arregalam ao observar suas aparências. Maçãs do rosto altas e narizes aquilinos dão a eles um ar aristocrático. A metade inferior de seus rostos está toda coberta, os homens usando lenços brancos enquanto as mulheres usam véus com miçangas que tilintam. Suas roupas são um mar de branco imaculado, adornadas com detalhes dourados que brilham ao sol. Túnicas fluídas e ternos sob medida se movem com uma graça sobrenatural. Os véus translúcidos que as mulheres usam fazem pouco para conter seus cabelos negros uniformemente exuberantes, derramando-se em ondas brilhantes.

Todos eles parecem estranhamente fora de lugar contra o pano de fundo do deserto desolado. À medida que nos aproximamos, vários deles se voltam para nos olhar, desconfiança em suas sobrancelhas franzidas.

Uma mulher alta cuja figura rechonchuda prende suas belas túnicas de seda avança, seu véu dourado balançando suavemente. "Bem-vindos, viajantes," ela diz, sua voz musical enquanto nos olha. Ela cheira a alfa, mas não tem nenhuma da agressão usual em sua postura ou tom.

Seu olhar paira brevemente em Plague, seus olhos avelã impenetráveis antes de se voltarem para Wraith. Ele me segura um pouco mais firme com um rosnado suave, abaixando o rosto em meu cabelo para esconder sua mandíbula marcada. Isso chama sua atenção e seus olhos se enrugam nos cantos com um sorriso.

"E uma ômega," ela acrescenta suavemente.

Thane se tensiona ao nosso lado, sua mandíbula se contraindo. Eu olho para ele, confusa com sua reação a um cumprimento tão amigável, mas ele avança e faz uma reverência rígida.

"Obrigado," ele diz em um tom rígido.

"Por favor, embarquem," a mulher diz, gesticulando em direção à entrada brilhante do trem. "Preparamos um carro especial para seu conforto."

Eu tenho que admitir que isso soa bem.

Thane faz um aceno curto e nos sinaliza para seguirmos. A tensão irradia dele em ondas e os outros não parecem muito mais

confortáveis.

Especialmente Plague.

A opulência que me atinge no momento em que entramos no carro do trem é instantaneamente avassaladora. Tudo brilha e cintila, um contraste gritante com o mundo severo lá fora. O tapete creme e dourado sob nossos pés é tão macio que as botas dos alfas afundam nele como se estivessem andando na neve. Padrões florais delicados se entrelaçam com bordas geométricas, cada fio captando a luz das lâmpadas de latão polido montadas em intervalos regulares ao longo das paredes.

Meus dedos coçam para traçar os detalhes de madrepérola que serpenteiam pelos painéis de madeira rica como riachos congelados. Os desenhos contam histórias. Pássaros em voo, videiras floridas e o que parece ser uma escrita antiga em uma língua que não reconheço. As cortinas de gaze que emolduram as janelas flutuam em uma brisa não sentida , suas bordas bordadas com pequenas contas douradas que tilintam suavemente quando se tocam. O som suave de música de piano preenche o espaço, as notas fluindo de alto-falantes escondidos.

O ar cheira a jasmim e sândalo, doce e exótico. Mesas de latão com pernas de filigrana intrincada ficam entre cadeiras estofadas em seda creme, cada superfície exibindo bandejas de prata ornamentadas cheias de biscoitos, croissants, sanduíches pequenos e xícaras de porcelana fina. Minha boca saliva com o cheiro de comida fresca e quente, apesar dos meus nervos.

É lindo.

Demais lindo.

E as coisas mais bonitas podem esconder as verdades mais feias.

Eu me aproximo mais do peito de Wraith, ganhando um rosnado cauteloso. Seu coração bate forte contra meu ouvido, constante e forte.

Pelo menos não sou a única que se sente deslocada aqui.

Somos levados por um corredor alinhado com compartimentos privados, cada porta esculpida com motivos florais igualmente delicados. Nossa guia para diante de uma porta especialmente elaborada no final do carro.

"Seus aposentos," ela diz com uma leve reverência. "Por favor, sintam-se à vontade. Partiremos em breve."

Whiskey resmunga. "Espero que não seja o tipo de partida que mata," ele diz baixinho quando a porta se fecha atrás de nós.

Thane se vira para Plague. "Que porra está acontecendo?" ele exige em um sussurro áspero. "Como você arranjou isso?"

O rosto de Plague é uma máscara de indiferença fria. "Não se preocupe com isso."

"Merda," Whiskey rosna. "Fala logo, Doutor. O que você não está nos contando?"

Eu observo a troca com crescente desconforto. A postura clínica usual de Plague foi substituída por algo... mais frio. Mais distante. Ele não encontra o olhar de nenhum de nós enquanto se move para ficar perto da janela, de costas para nós e os braços cruzados sobre o peito.

"Não importa," ele diz secamente. "Estamos aqui. Estamos seguros. Isso não é suficiente?"

"Não, não é," Thane rosna. "Não quando você está agindo de forma tão suspeita. O que você prometeu a eles?"

Os ombros de Plague se tensionam, mas ele não se vira. "Nada que não possamos dar."

Um calafrio percorre minha espinha com suas palavras. O que isso significa? O que ele poderia ter oferecido que os faria não apenas nos permitir a passagem, mas nos tratar como convidados de honra?

Mas antes que Thane possa pressionar Plague mais, uma batida suave na porta nos interrompe. Todos congelamos, trocando olhares desconfiados. Após um momento de hesitação, Thane se move para abri-la.

Uma jovem beta em um vestido branco fluido desliza para dentro do compartimento, empurrando um carrinho de latão ornamentado carregado com bandejas de prata cobertas. O cheiro de especiarias e pão recém-assado enche o ar, fazendo minha boca salivar apesar da minha ansiedade.

"Refrescos para sua jornada," ela diz docemente, engolindo audivelmente quando avista Wraith. Eu estreito os olhos para ela.

"E… roupas quentes para sua ômega."

Ela alcança debaixo do carrinho e puxa uma pilha de tecido branco dobrado. Ela se vira para mim, seus olhos pousando em mim e sua cabeça inclinada em curiosidade, como se não soubesse o que fazer de mim. Seja o que for que está passando por sua mente, não dura muito. Ela me oferece um sorriso tímido e estende a pilha de tecido.

"Obrigada," eu murmuro, pegando com cuidado. Ainda estou tensa, mas minha tensão diminui um pouco quando sinto o quão quente o tecido é. Eu o desdobro, revelando um roupão de pelúcia luxuoso, mais grosso e macio do que qualquer coisa que já senti na vida.

"Eu consigo ficar em pé," eu digo para Wraith.

Ele me coloca no chão com relutância e eu flexiono os dedos dos pés contra o tapete creme acolchoado. É tão macio que meus pés afundam nele, instantaneamente aquecidos. Eu coloco o roupão sobre minhas roupas emprestadas e começo a me despir por baixo dele, já que é enorme em mim e eu não quero ficar nua na frente de uma estranha.

Wraith estende a mão e ajuda a tirar as roupas de mim enquanto a beta começa a arrumar as bandejas na mesa. As contas de madeira de seu colar batem umas nas outras enquanto ela se move. Um pingente dourado em forma de crânio de íbis com um terceiro olho pende do centro.

Interessante.

Ela me vê olhando para ele e me dá outro sorriso tímido, tocando o pingente reverentemente. Talvez não seja apenas um colar. Eu não achava que alguém fosse religioso nos dias de hoje, mas as pequenas bolas de madeira são espaçadas e separadas com nós intrincados, como contas de oração.

Enquanto ela começa a arrumar as bandejas nas mesas pequenas espalhadas pelo compartimento e a servir copos de vinho de um jarro de alabastro, eu não consigo evitar de estudá-la. Seus movimentos são graciosos, quase como uma dança. As contas douradas adornando seu véu tilintam suavemente a cada movimento.

Quando termina de arrumar tudo, ela faz uma reverência profunda. "Por favor, aproveitem. Partiremos em breve." Com isso, ela desliza para fora do compartimento tão silenciosamente quanto entrou.

Por um longo momento, ninguém se move. Os aromas ricos que emanam dos pratos descobertos são tentadores, mas a desconfiança nos mantém todos parados no lugar.

Finalmente, Whiskey quebra o silêncio com um resmungo. "Foda-se," ele declara, pegando um copo de vinho. "Se estão nos envenenando, temos problemas maiores em mãos." Ele o ergue em um brinde, os olhos fixos em Plague. "Para… seja lá o que for isso."

"Whiskey, não—" Thane começa, mas é tarde demais. O alfa grande já tomou um gole longo.

Todos nós o observamos com a respiração suspensa, esperando que ele desabe. Mas após um momento, ele apenas lambe os lábios com apreço. "Caramba, isso é bom. Picante pra caramba, mas funciona."

Sua atitude casual parece quebrar parte da tensão. Valek se aproxima para inspecionar a mesa, levantando as tampas e cheirando experimentalmente. "Bem, bem… parece que nossos anfitriões graciosos têm um excelente gosto."

Um por um, os outros começam a relaxar um pouco. Eu me sento em uma das cadeiras estofadas na mesa e Wraith se senta ao meu lado, sempre minha sombra. Ainda estou maravilhada com o luxo ao nosso redor enquanto pego um croissant quente e amanteigado recheado com geléia vermelha brilhante. Eu o cheiro com desconfiança. Cheira doce, como algum tipo de fruta que nunca provei. Há pequenos pontinhos pretos nele e eu pego um para esmagá-lo entre meus dedos. Uma semente?

Eu não confio.

Wraith solta um rosnado suave e questionador, sinalizando para mim. *Fome*?

"Eu não aceito comida de estranhos," eu admito com uma risadinha.

Ele hesita, olhando para o croissant em minha mão, e gesticula para que eu o dê a ele enquanto sinaliza novamente, instruindo-me

a não olhar.

Eu inclino a cabeça, franzindo a testa. "Para o quê?" eu pergunto.

Ele gesticula apontando para seu rosto marcado.

Ah.

Ele deve estar consciente de sua aparência ao comer. Meus ombros caem um pouco. "Wraith, eu não ligo para isso," eu murmuro.

Ele sinaliza novamente. *Eu ligo. Você deveria.*

"Bem, eu não ligo."

Ele sopra uma baforada de ar pelo nariz e desliza a palma da mão sobre meus olhos, efetivamente me cegando. Eu tento tirar sua mão, me debatendo. "Ei!" eu sibilo, mas quando ele me deixa empurrar sua mão para longe, uma mordida irregular do croissant está faltando. Ele o estende para mim, balançando-o gentilmente, tentando me seduzir.

"E se o veneno funcionar melhor em mim porque sou menor que você?" eu resmungo, pegando-o dele e cheirando-o novamente com cautela.

Ele balança a cabeça tranquilizadoramente.

Eu hesito novamente antes de dar uma mordida. Toda a tensão escorre de mim, apesar da minha desconfiança natural, enquanto o croissant amanteigado e folhado derrete em minha língua e eu não consigo evitar soltar um gemidinho de satisfação ao dar uma mordida maior. Os sabores explodem em minha boca.

Merda, mesmo que *esteja* envenenado, vale a pena.

O silêncio cai sobre o compartimento agora que todos nos aquecemos e tivemos a chance de comer e beber. A suave balançada do trem enquanto ele começa a se mover não faz nada para acalmar o desconforto que agita meu estômago, que está apenas um pouco melhor agora que comi algo.

"Vou dizer uma coisa, essas pessoas são chiques pra caramba," Whiskey murmura.

Plague dá um resmungo de desdém, olhando pela janela.

Valek murmura, delicadamente tomando o que parece ser algum tipo de néctar de frutas. Sua mão está tremendo, então acho que

ele ainda está bem fodido, mas parece mais alerta do que antes. "De fato."

Whiskey lança um olhar furioso para Valek. "E o que diabos *você* está opinando?" ele rosna. "Você está fora da maldita matilha."

Os lábios de Valek se curvam em um leve sorriso. "Ah, estou? Novidade para mim." Ele olha para Ivy. "Não deveria ser decisão da nossa *verdadeira* líder?"

Eu arqueio uma sobrancelha para ele. "O que você está insinuando?"

"Bem," Valek diz, seu sorriso se alargando em um sorriso completo. "Estamos todos claramente à sua disposição. Você tem mais influência sobre essa matilha de brinquedos quebrados do que o brutamontes."

Eu apenas olho para ele, sem saber o que dizer a isso.

"Ei," Whiskey intervém. "Eu sou o brutamontes, se alguém for."

"Não, você é o idiota," Valek responde em um tom cortante.

A mão de Whiskey se contrai como se ele estivesse pensando em agarrar Valek pelo pescoço e jogá-lo para fora do maldito trem. Eu preciso dizer algo antes que tudo vire um caos.

Especialmente porque todos estão olhando para mim.

Até Thane.

Quando *isso* aconteceu?

"Vamos lidar com isso depois," eu resmungo, me sentindo estranhamente desconfortável sob o peso coletivo de todos os olhares. "Eu não sei o que penso agora, e não vou saber por um tempo. Ok?"

Os olhos prateados de Valek brilham como se ele estivesse prestes a se gabar e mudar minha maldita mente, mas antes que alguém possa dizer algo em resposta, a porta do compartimento se abre novamente.

Desta vez, é um homem que entra.

Ele é enorme, seus ombros largos tensionando um terno branco impecável e seus traços fortes parcialmente escondidos atrás de um lenço branco intricadamente bordado que cobre a parte inferior de seu rosto, exceto as bordas de uma barba escura. Diferente do

atendente anterior, sua presença comanda atenção. Há um ar de autoridade sobre ele que faz todos se tensionarem novamente.

Mas então ele faz uma leve reverência rígida.

"Espero que estejam encontrando tudo de seu agrado?" ele pergunta, seu sotaque melodioso e musical. Até mesmo sofisticado. Não era o que eu esperava de um alfa que parece que poderia transformar o homem comum em pó de osso com um único soco.

Thane endireita os ombros. "Sim, obrigado. Agradecemos sua hospitalidade."

O homem inclina levemente a cabeça. "Bom. Chegaremos a Surhiira em seis horas."

Whiskey se mexe em seu assento, sua testa franzida. Eu praticamente consigo ver as engrenagens girando em sua cabeça.

Ah, não. Eu conheço esse olhar.

Ele está prestes a dizer algo.

E conhecendo Whiskey, pode ser qualquer coisa, desde brilhantemente perspicaz até catastróficamente estúpido.

"Eu tenho uma pergunta," ele diz, sua voz cortando o silêncio tenso.

Todos ficam rígidos. A mandíbula de Thane se contrai tão forte que tenho medo de que ele quebre um dente. Os olhos de Plague se estreitam, seus dedos apertando a xícara de chá delicada que ele segura. As mãos de Wraith se tensionam como se ele estivesse se preparando para uma luta.

Eu seguro minha respiração, esperando o que quer que esteja prestes a sair da boca de Whiskey.

Por favor, pela primeira vez na sua vida, pense antes de falar...

"Por que vocês estão nos deixando ir para Surhiira?" Whiskey pergunta, seu tom surpreendentemente medido. "Quero dizer, sem ofensa, mas um passarinho me contou que é bem difícil entrar lá."

Eu pisco, surpresa.

Essa... foi realmente uma boa pergunta.

Eu olho para os outros, vendo minha própria surpresa refletida em seus rostos. Bem, exceto por Plague. Sua expressão é tão impenetrável quanto sempre, mas há uma tensão em seus ombros que não estava lá antes.

O homem de terno olha para Whiskey por um longo momento, seus olhos azuis pálidos sem piscar e seu rosto aparentemente impassível atrás do lenço bordado. O silêncio se estende, ficando mais desconfortável a cada segundo que passa.

Assim que estou prestes a quebrá-lo eu mesma, o olhar do homem se desvia.

Para Plague.

Minha respiração trava enquanto observo a troca silenciosa. Há algo em seus olhos, um brilho de conhecimento que me dá um calafrio. Plague encara seu olhar firmemente enquanto coloca sua xícara de chá na mesa. Seu dedo indicador se contrai levemente.

"Ele não contou a vocês?" o homem de terno pergunta.

Meu coração começa a acelerar. Contar o quê? O que ele sabe que nós não sabemos? Eu olho para Plague, implorando silenciosamente que ele explique, que diga algo, qualquer coisa para dissipar o desconforto crescente em meu estômago.

Mas ele olha pela janela em vez disso.

"Contar o quê?" Whiskey exige, toda a pretensão de calma evaporando. Ele meio que se levanta de seu assento, músculos tensionados como se estivesse pronto para atacar. "Que porra está acontecendo aqui?"

O homem de branco não responde. Ele apenas olha para Whiskey por um longo momento perturbador, então se vira e desliza para fora do compartimento. A porta se fecha atrás dele com um clique suave que ecoa como um tiro no silêncio atordoado que ele deixa em seu rastro.

Por um momento, ninguém se move.

Ninguém fala.

Estamos todos congelados, tentando processar o que acabou de acontecer.

O que isso significa.

Então tudo vira um caos.

"Que *porra*?" Whiskey ruge, levantando-se e se virando para Plague. "O que você não está nos contando? Em que tipo de merda você nos meteu?"

Plague não se encolhe. Nem mesmo pisca. Ele apenas olha para Whiskey com uma expressão irritantemente calma. "Eu te disse," ele diz, um leve tremor entrando em sua voz que duvido que tenha algo a ver com Whiskey perdendo a paciência. "Não é nada com que você precise se preocupar."

"Merda!" Whiskey rosna. Seu punho bate na mesa, fazendo a porcelana delicada chocalhar. "Aquele maldito enigmático deixou bem claro que devíamos estar preocupados!"

"Whiskey!" Thane ruge, levantando-se.

Eu sinto Wraith se tensionar ao meu lado, um rosnado baixo crescendo em seu peito. Mas eu não posso simplesmente sentar aqui e assistir isso se desenrolar. Eu preciso de respostas.

"Plague," eu digo, mantendo minha voz o mais calma possível. "Por favor. Seja o que for que está acontecendo, nós merecemos saber. Somos uma matilha. Devemos confiar uns nos outros."

Algo brilha em seus olhos com isso. Dor? Culpa? Some tão rápido que não tenho certeza se não imaginei. Ele abre a boca, então a fecha novamente, parecendo lutar consigo mesmo.

"Vocês não entenderiam," ele diz finalmente, sua voz tão baixa que tenho que me esforçar para ouvir.

"Tente nós," Thane rosna, seu corpo enorme irradiando tensão enquanto se inclina sobre Plague. "Porque agora, tudo o que eu entendo é que você fez algum tipo de acordo sem consultar nenhum de nós. Um acordo que está nos levando para o coração de uma nação que, até onde sabemos, tem um longo histórico de não querer nada com estrangeiros e executar qualquer um que se aproxime deles."

A mandíbula de Plague está se movendo novamente enquanto ele solta uma respiração lenta pelo nariz, olhando pela janela novamente como se nós não existíssemos. O silêncio se estende, ficando mais pesado a cada segundo que passa. Eu posso sentir a paciência dos outros se esgotando. Se ele não começar a falar logo, tenho medo de que as coisas possam ficar violentas.

"Era a única maneira," Plague diz finalmente, sua voz mal acima de um sussurro. "A única maneira de nos manter seguros. De manter *ela* segura."

Minha respiração trava.

"Do que você está falando?" eu pergunto, minha voz tremendo apesar dos meus melhores esforços para mantê-la firme. "O que você fez, Plague?"

"Ivy está certa. Pare de falar em enigmas," Thane rosna, colocando as mãos na mesa em frente a Plague. "O que. Você. Fez?"

Mas Plague ignora Thane. Em vez disso, ele olha para mim. Realmente olha para mim. "Nada de ruim. Não para nenhum de vocês, de qualquer forma." Ele pausa, o fantasma de um sorriso curvando seus lábios enquanto ele me encara firmemente. "Você pode confiar em mim nisso, pelo menos, não pode?"

Sua pergunta paira no ar. Eu posso sentir os olhares dos outros em mim, esperando minha resposta. A tensão no vagão do trem é espessa o suficiente para sufocar.

Thane rosna baixo em sua garganta. Eu posso ver os músculos em sua mandíbula se contraindo enquanto ele range os dentes, claramente lutando contra o impulso de agarrar Plague pelo pescoço e sacudi-lo até que as respostas saiam.

Eu continuo olhando para Plague, procurando em seu rosto qualquer sinal de engano. Suas paredes defensivas habituais estão escorregando enquanto eu o observo, revelando uma vulnerabilidade que nunca vi antes. Há algo cru e desesperado em seu olhar. Um pedido para que eu acredite nele.

"Sim," eu digo suavemente, surpreendendo até a mim mesma. "Eu confio."

Minhas palavras parecem ecoar no silêncio repentino que cai sobre o compartimento. Eu praticamente posso sentir o choque irradiando dos outros alfas. Os braços de Wraith se apertam ao meu redor, um rosnado questionável crescendo em seu peito. Mas eu mantenho meus olhos fixos em Plague, observando enquanto o alívio brilha em seus traços antes que ele controle sua expressão de volta para uma neutralidade cuidadosa.

"Ivy, que porra?" Whiskey balbucia, quebrando o silêncio tenso. "Ele está claramente escondendo algo. Como você pode confiar—"

"Porque eu tenho que confiar," eu o interrompo, minha voz mais forte agora. Eu desvio meu olhar de Plague para olhar para cada um

dos alfas por sua vez. Cada um de *meus* alfas. "Todos nós temos que confiar. Somos uma matilha, lembra? Se não podemos confiar uns nos outros, o que temos?"

Thane se endireita, cruzando os braços sobre seu peito largo enquanto encara Plague. "Confiança vai nos dois sentidos," ele rosna. "Se você espera que nós o sigamos cegamente para qualquer confusão em que você nos meteu, você precisa nos dar *alguma coisa*."

Eu posso ver o conflito guerreando nos olhos de Plague. Ele abre a boca, então a fecha novamente, claramente lutando para encontrar as palavras certas. Seus dedos tamborilam um ritmo agitado na madeira polida da mesa, um tique nervoso que nunca vi nele antes.

"Eu tenho... conexões em Surhiira," ele diz com um suspiro resignado. "E isso é tudo o que estou disposto a dizer."

Eu espero que Thane pressione mais, mas para minha surpresa, ele apenas acena com a cabeça curtamente. Não é muito, mas é alguma coisa. Uma fundação sobre a qual podemos construir, talvez.

O rosto de Whiskey fica vermelho enquanto ele gesticula selvagemente. "Por que diabos você não nos contou que eram 'conexões'?" ele exige, sua voz subindo a cada palavra. "Isso é muito menos maldito ameaçador do que todas as suas merdas enigmáticas!"

Eu me encolho com o volume e o rosnado baixo de Wraith vibra através de mim, um aviso para Whiskey manter a voz baixa. Podemos estar em um compartimento privado, mas quem sabe que tipo de vigilância pode estar acontecendo aqui?

Os olhos prateados de Valek brilham. "Sim, muito interessante," ele diz com um tom arrastado. "Conexões em Surhiira, você diz? Isso é bastante impressionante, considerando que os surhiiranos não têm conexões com *ninguém*."

O efeito é instantâneo.

Três vozes de alfa ressoam em perfeita harmonia.

"Ninguém perguntou a você!"

Eu não consigo evitar a risada surpresa que borbulha do meu peito. A pura absurdidade do momento—todos eles unidos, mesmo

que apenas em sua irritação com Valek—quebra parte da tensão que tem nos sufocado.

Valek, por sua parte, apenas sorri aquele sorriso de gato de Cheshire e toma outro gole delicado de seu vinho. "Apenas fazendo uma observação," ele diz levianamente. "Não precisa ficar com os paus em pé."

Whiskey rosna, dando um passo ameaçador em direção ao alfa de cabelos brancos. "Eu vou torcer seu maldito *pescoço* se você não calar a boca."

"Chega," Thane rosna, embora haja menos calor em sua voz agora. Ele belisca a ponte do nariz, parecendo um pai sofrido lidando com crianças brigando. "Estamos todos no limite, mas brigar entre nós não vai ajudar em nada."

Eu concordo com a cabeça, grata por sua sensatez. "Sim. Precisamos ficar unidos, agora mais do que nunca."

Minhas palavras parecem ter um efeito calmante sobre os alfas. Os ombros de Whiskey caem enquanto ele cai de volta em seu assento com um bufão. Os dedos de Plague param de tamborilar nervosamente na mesa. Até os braços de Wraith ao meu redor se soltam um pouco, embora ele ainda me segure firmemente no colo.

O silêncio que cai sobre nós ainda é tenso, mas menos sufocante do que antes. Eu aproveito a oportunidade para realmente olhar para cada um deles, esses homens quebrados e bonitos que de alguma forma se tornaram minha família.

Eles estão todos me olhando agora, esperando para ver o que eu vou fazer. A realização me atinge como um golpe físico. Quando eu me tornei a pessoa para quem eles olham? Quando minha opinião começou a importar mais do que resolver as coisas com ordens, rosnados e brigas?

Eu respiro fundo, tentando reunir meus pensamentos. "Olha," eu começo, minha voz mais firme do que eu me sinto. "Eu sei que estamos todos assustados e confusos. Mas Plague conseguiu passagem nesse trem quando não tínhamos outras opções. Seja qual for o motivo, sejam quais forem suas conexões... ele fez isso para nos manter seguros."

Os olhos de Plague se arregalam levemente com minhas palavras.

Eu continuo antes que ele possa interromper.

"Não estou dizendo que não devemos ser cautelosos," eu continuo. "Mas talvez possamos tentar confiar um pouco mais uns nos outros? Pelo menos até chegarmos a Surhiira. Então podemos nos reagrupar e descobrir nossos próximos passos. Não é como se tivéssemos escolha, certo?"

Os alfas trocam olhares, uma comunicação silenciosa passando entre eles. Finalmente, Thane acena com a cabeça.

"Tudo bem," ele diz roucamente. "Vamos fazer do seu jeito, Ivy. *Mas*," ele acrescenta, encarando Plague com um olhar duro, "se algo der errado, a culpa é sua."

Plague inclina levemente a cabeça. Não é exatamente um acordo, mas também não é uma recusa direta.

Eu termino meu croissant e me recosto no peito de Wraith. Seus braços se apertam ao meu redor novamente, mas desta vez é reconfortante em vez de protetor. Eu deixo meus olhos se fecharem por um momento, de repente exausta.

A suave balançada do trem e o calor do corpo de Wraith ameaçam me embalar no sono. Mas ainda há tanta incerteza à nossa frente.

Tantas perguntas sem resposta.

CAPíTULO

QUINzE

THANE



O balanço suave do trem não faz nada para aliviar a tensão que se acumula no meu estômago. Eu me forço a respirar lentamente, de maneira uniforme, enquanto escaneio o compartimento opulento pela centésima vez. Meus dedos se contraem, com vontade de pegar uma arma que não está lá. Estamos cercados de luxo, mas tudo o que vejo são ameaças em potencial.

O cheiro de Ivy chega até mim, madressilva tingida de ansiedade. A vontade de confortá-la, de envolvê-la em meus braços e protegê-la de quaisquer perigos que nos aguardam, é quase avassaladora.

Todo instinto está gritando que estamos caminhando para uma armadilha.

Surhiira.

O nome ecoa na minha mente como um sino de morte. Tudo o que sei sobre a nação isolacionista colide violentamente com a nossa situação atual. Eles não recebem bem estrangeiros. Certamente não os convidam para trens imaculadamente brancos com atendentes sorridentes e pratarias intermináveis de comida.

Isso não faz sentido.

Nada disso faz sentido.

Meus olhos se voltam para Plague, que está sentado rigidamente perto da janela, seu olhar fixo na paisagem nevada que passa

rapidamente. Suas palavras sobre "conexões" repetem-se na minha cabeça, cada repetição apenas aprofundando meu desconforto. Que tipo de conexões poderiam nos garantir passagem segura para uma nação conhecida por receber intrusos com força letal?

Estou tentando racionalizar isso.

Tentando encontrar alguma explicação.

Talvez Plague tenha salvado alguém importante durante seu tempo como médico civil. Alguém com influência suficiente para puxar cordas, mesmo na Surhiira. Talvez até um surhiirano. É um pensamento reconfortante, mas o nó no meu estômago só aperta.

Se fosse tão simples, por que o segredo?

Por que a evasão?

Ele teria nos contado se fosse o caso.

Não teria?

Tenho quase certeza de que ele pelo menos contaria a Ivy. Eles construíram um vínculo, por mais frágil que seja a base. Ele não a deixaria com medo. Ela não parece mais nervosa do que o normal perto de pessoas que não conhece—cara, até mesmo pessoas que ela *conhece*—mas posso perceber pela forma como ela se assusta e olha ao redor a cada novo som que ela está tensa.

Talvez ele não me contasse, mas contaria a ela.

Se fosse tão simples, pelo menos.

Então ele está escondendo algo.

Eu passo a mão pelo cabelo, a frustração aumentando enquanto tento lembrar de algo substancial sobre o passado de Plague. Mas quanto mais eu tento me agarrar aos detalhes, mais eles escapam como fumaça.

Como é possível que, depois de todos esses anos lutando lado a lado, sangrando juntos, eu não saiba quase nada sobre o homem?

Meus olhos se voltam para ele novamente. Ele ainda está olhando pela janela, o maxilar cerrado, os dedos batendo um ritmo agitado na coxa.

Um tique nervoso. Interessante.

Normalmente, ele é a imagem da precisão fria.

Distante.

Mas não agora.

Agora, ele parece... assombrado.

Eu me lembro de quando Plague se juntou à nossa unidade, anos atrás. Os detalhes são frustrantemente nebulosos. Lembro-me de ter ficado impressionado com sua habilidade cirúrgica, sua capacidade de nos remendar após as missões mais sangrentas.

Mas de onde ele veio?

Como era sua vida antes dos Ghosts?

Em branco. Completamente em branco.

Eu range os dentes, a raiva ardendo no meu peito. Que tipo de líder sou se nem mesmo conheço os fatos mais básicos sobre um dos meus próprios homens?

Claro, todos temos nossos segredos.

Faz parte do trabalho.

Mas isso... isso parece diferente.

Maior. Perigoso.

Onde ele treinou?

O que o fez deixar a área médica para entrar em operações secretas?

Estou tentando em vão juntar os fragmentos que conheço, mas ele poderia muito bem ser um estranho para mim.

Eu olho para os outros, me perguntando se eles estão tendo a mesma percepção. A testa de Whiskey está franzida, seu comportamento descontraído habitual substituído por uma suspeita irritada. Wraith... bem, Wraith é tão impenetrável como sempre. Mas seus músculos fortes estão tensos, uma cautela sombria em seus olhos, mesmo enquanto mantém a cabeça baixa.

Todos estão tensos.

E a culpa é minha.

Eu deveria ter previsto isso. Deveria ter pressionado por respostas há muito tempo. Mas me deixei ficar confortável. Me deixei acreditar que nossas missões compartilhadas, nossa irmandade forjada em sangue e fogo, era o suficiente.

Estúpido.

Tão estúpido.

Uma memória surge, nebulosa e mal formada. Anos atrás, após uma missão particularmente brutal. Estávamos bêbados de vodka

barata e vitória, espalhados ao redor de uma fogueira em alguma floresta esquecida por Deus. Plague estivera mais quieto que o normal, encarando as chamas com olhos assombrados.

Whiskey havia perguntado a ele então. Diretamente. "De onde você veio, Doc? O que te fez entrar nessa bagunça?"

Ele havia olhado para Whiskey por um longo momento, aqueles olhos azuis claros impenetráveis na luz tremeluzente. Então ele sorriu. Não seu sorriso frio habitual, mas algo mais triste. Mais genuíno.

"Às vezes," ele disse suavemente, "a única maneira de expiar seus pecados é cometer outros maiores."

Whiskey havia caído na gargalhada e feito algum comentário grosseiro que não me lembro, o que iniciou uma nova briga, e eu havia ignorado na época, muito bêbado para captar o peso por trás de suas palavras.

Mas agora...

Agora, me pergunto quais pecados ele estava tentando expiar.

E quais pecados maiores ele cometeu desde então.

O trem balança levemente, chocalhando a porcelana fina disposta diante de nós. Ivy se assusta com o som, pressionando-se mais perto de Wraith. Eu tenho que me conter fisicamente para não ir até ela. Tenho que reprimir a pontada de ciúme.

Há preocupações maiores agora.

Como o fato de estarmos avançando em direção a uma nação potencialmente hostil com base apenas na palavra de Plague e em mistérios profundamente insondáveis.

Com cada pico coberto de neve que deixamos para trás, à medida que nos aprofundamos nas Regiões Exteriores mais planas, não consigo me livrar da sensação de que estamos avançando em direção a algo muito mais perigoso do que a tempestade que deixamos para trás.

Eu me forço a respirar lenta e controladamente, lutando contra a vontade de percorrer o comprimento da nossa luxuosa prisão. Porque é isso que é, não é? Uma gaiola dourada, nos levando cada vez mais fundo em território desconhecido a cada volta das rodas.

Eu deveria ter pressionado mais. Deveria ter exigido respostas de Plague no momento em que ele voltou de sua pequena "negociação". Mas deixei meu alívio por encontrar uma saída daquela maldita tempestade—uma maneira de aquecer nossa ômega perigosamente fria—nublar meu julgamento. Me deixei acreditar que poderia confiar na minha irmandade.

Logo depois que um desses bastardos nos traiu.

E agora ele está no trem conosco.

O que diabos eu estou pensando?

Como se ele de alguma forma sentisse que estou ruminando sobre ele, Plague se levanta e sai do vagão sem dizer uma palavra. Ele provavelmente é o único do grupo—Wraith sendo a outra exceção óbvia—que não apenas murmuraria, "preciso mijar," então não seria exatamente suspeito em circunstâncias normais.

Mas estas são tudo menos normais.

E ele tem sido extremamente suspeito.

Quando o olhar azul de Wraith encontra o meu e um entendimento sem palavras passa entre nós, eu aceno com a cabeça e ele se levanta, seguindo Plague para fora do vagão para ficar de olho nele.

Meu olhar se volta para Ivy novamente, observando-a pegar cautelosamente uma fruta roxa em forma de estrela. O instinto protetor que tem fervilhado logo abaixo da superfície desde que a resgatamos ameaça transbordar. Eu quero fazer esse maldito trem voltar e tirá-la o mais longe possível da Surhiira.

Mas não posso.

Estamos comprometidos agora.

E o que quer que aconteça é minha maldita culpa.

Estou tão perdido em meus pensamentos espirais que não percebo Ivy me observando no início. Quando finalmente sinto seu olhar sobre mim, eu pisco, surpreso ao encontrar seus olhos verde-mar estudando-me com preocupação.

"Você está bem?" ela pergunta suavemente.

A suavidade em sua voz me pega desprevenido. Não estou acostumado com alguém se preocupando comigo, muito menos nossa ômega. Meu primeiro instinto é ignorar sua preocupação,

manter a fachada estoica que passei anos aperfeiçoando. Mas algo em sua expressão faz as palavras morrerem na minha garganta.

"Estou bem," eu consigo dizer, mas a mentira tem um gosto amargo na língua.

Ivy franze a testa, claramente não acreditando. Sem dizer uma palavra, ela se levanta, juntando seu roupão oversized como uma saia fluida, e atravessa o compartimento até onde estou sentado. Minha respiração falha quando ela se acomoda no almofadão fofo ao meu lado, perto o suficiente para que eu sinta o calor emanando de seu pequeno corpo.

"Você não parece bem," ela diz, sua voz baixa o suficiente para que apenas eu possa ouvir.

Eu abro a boca, pronto para me esquivar novamente, mas a preocupação genuína em seus olhos me faz hesitar. Quando foi a última vez que alguém se preocupou em perguntar como eu estava me sentindo? Quando foi a última vez que me permiti ser vulnerável o suficiente para responder honestamente?

"Eu..." eu começo, então hesito.

Como posso explicar a tempestade de dúvida e medo que está rugindo dentro de mim?

Como posso admitir que sinto que estou falhando com todos eles?

Falhando *com ela*.

Ivy espera pacientemente, sua presença uma âncora firme ao meu lado. Ela não pressiona, não exige. Apenas oferece apoio silencioso que eu nem sabia que precisava.

Finalmente, eu solto um suspiro pesado. "Estou... preocupado," admito com dificuldade, mantendo minha voz baixa, embora eu tenha certeza de que os outros alfas podem ouvir cada palavra. "Com tudo isso. Para onde estamos indo. No que estamos nos metendo."

Ela acena com a cabeça, compreensão surgindo em seus olhos. "Você se sente responsável," ela diz. Não é uma pergunta.

"Eu *sou* responsável," eu rosn, a frustração vazando em meu tom. "Eu sou o líder. Deveria manter todos seguros. E agora estamos

caminhando para Deus sabe o quê porque não fiz perguntas suficientes. Porque não pressionei o suficiente por respostas."

A mão pequena de Ivy repousa no meu braço, o toque enviando eletricidade pelas minhas veias. "Você não pode controlar tudo," ela diz suavemente. "Às vezes temos que deixar ir e confiar uns nos outros, mesmo quando é difícil."

Eu dou uma risada amarga, incapaz de evitar o tom de amargura na minha voz. "Sim, mas olha onde isso nos levou até agora. Um dos nossos nos traiu. Outro está guardando segredos que podem nos matar. E eu..." Eu paro, engolindo com dificuldade o nó que se forma na minha garganta.

"E você o quê?" Ivy pergunta gentilmente.

"E eu não sei se sou forte o suficiente para proteger todos vocês," eu sussurro, a admissão arrancando algo de dentro de mim. "Qualquer um de vocês. E se eu falhar? E se eu não conseguir—"

Os dedos de Ivy apertam meu braço, interrompendo minha espiral de autodúvida. "Ei," ela diz com firmeza, esperando até que eu olhe para ela. "Você não falhou com ninguém. Você nos tirou daquela instalação. Nos manteve vivos naquela tempestade. E agora está fazendo tudo o que pode para nos manter seguros, mesmo quando não tem certeza do caminho à frente."

Suas palavras abalam as paredes que construí ao meu redor. Eu quero acreditar nela. Quero me ver através dos olhos dela. Mas o peso da responsabilidade pressionando sobre mim é sufocante.

"Como você pode ter tanta fé em mim?" Eu pergunto, odiando o quão vulnerável soo. "Depois de tudo o que aconteceu?"

Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso. "Porque eu vi sua força," ela diz simplesmente. "Não apenas força física, mas a força que é necessária para liderar. Para tomar decisões difíceis. Para continuar mesmo quando tudo parece sem esperança."

Eu balanço a cabeça, incapaz de reconciliar suas palavras com a dúvida que rói meu interior. "Você não entende. Eu deveria ter previsto isso. Deveria saber que Plague estava escondendo algo. Um bom líder não teria—"

"Um bom líder confia em sua matilha," Ivy interrompe gentilmente. "E aprende com seus erros. Você não é perfeito, Thane.

Nenhum de nós é. Mas isso não significa que você não seja um bom líder."

Suas palavras envolvem-me como um bálsamo, aliviando algumas das arestas cortantes da minha autodúvida. Eu quero acreditar nela. Quero me ver da maneira como ela parece me ver. Mas anos de condicionamento, de enterrar minhas emoções e carregar o peso do comando sozinho, tornam difícil aceitar sua tranquilização.

"Eu não sei como fazer isso," eu admito, as palavras mal audíveis. "Como nos liderar através... do que quer que seja isso."

Ivy se aproxima, sua coxa pressionando contra a minha. O contato envia uma onda de calor através de mim, me ancorando no momento. "Você não tem que fazer isso sozinho," ela diz suavemente. "É isso que significa ser uma matilha, certo? Nós nos apoiamos. Enfrentamos desafios juntos."

Tudo o que posso fazer é olhar para ela.

Ela me dá um pequeno sorriso. "Acho que é por isso que eu aguento ficar presa com todos vocês. Há coisas boas em fazer parte de uma matilha."

Eu solto uma respiração trêmula, suas palavras me atingindo mais forte do que eu esperava. Há quanto tempo eu tenho carregado esse fardo sozinho? Há quanto tempo eu me convenci de que mostrar qualquer vulnerabilidade me tornaria um líder fraco?

"Eu não estou acostumado com... isso," eu gesticulo vagamente entre nós. "Falar sobre... sentimentos. Dúvidas. Sempre me ensinaram que um líder tem que ser forte. Inabalável. Corajoso."

A mão de Ivy encontra a minha, seus dedos pequenos entrelaçando-se com os meus maiores. O gesto simples quase me desmonta. Assim como o pequeno sorriso que ela me oferece. "Só é coragem se estivermos com medo. Caso contrário, é apenas imprudência."

Eu olho para nossas mãos unidas, maravilhado com como um toque tão pequeno pode me fazer sentir mais ancorado do que em anos. As paredes que construí ao meu redor, a imagem cuidadosamente cultivada do líder estoico e imperturbável, começam a desmoronar.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo, o leve assobio e o ronco do trem se fundindo ao ruído de fundo, junto com a discussão murmurante entre Whiskey e Valek sobre como são chamadas as folhas de uva recheadas. Pela primeira vez desde que embarcamos nessa prisão dourada, sinto-me um pouco menos como se estivéssemos prestes a mergulhar no caos absoluto.

Um pouco, mas eu aceito.

"Obrigado," eu digo finalmente, minha voz rouca. "Por ouvir."

"Tudo vai ficar bem," Ivy diz suavemente, inclinando-se para me dar um beijo tão gentil que dói. "Sempre descobrimos as coisas. E vamos descobrir de novo."

E, de alguma forma, eu acredito nela.

CAPíTULO

DEzESSEIS

WRAITH



Caminho pelo trem perfeito demais.
Preciso encontrar Plague.
Seu cheiro limpo e afiado é fácil de rastrear.
Fácil de distinguir entre o incenso e as especiarias.
Ele sabe que estou seguindo ele.
Tem que saber.
Mas ele não tenta me perder ou me confrontar.
Apenas continua se movendo pelo trem.
Como se eu nem estivesse aqui.
Não sou invisível para os outros.
Os outros passageiros olham quando passo.
Olhos arregalados, rostos cautelosos sob véus e lenços.
Um velho faz um gesto de proteção.
Agarra um colar de contas no pescoço.
Todos estão sussurrando.
Sobre mim.
Sobre nós.
Estranhos.
Estranhos.
Estranhos.
Mantenho a cabeça baixa.
Continuo me movendo.
Continuo seguindo Plague.

Paredes douradas e brancas e tapetes fofos zombam de mim.
Tudo aqui é tão imaculado.
Tão perfeito.
Sou uma mancha em sua pureza.
Não pertenço aqui.
Meu olhar percorre o ambiente, mapeando saídas.
Catalogando ameaças.
Mas estamos cercados.
Nada é seguro.
Essa beleza esconde perigo.
Tem que esconder.
Nada tão perfeito vem sem um preço.
Um flash de branco chama minha atenção.
Um lenço, abandonado em um assento vazio.
Sem pensar, eu o pego.
O tecido é macio em minhas mãos ásperas.
Desliza entre meus dedos como água.
Levo-o ao rosto, inspirando.
Limpo.
Nenhum traço do cheiro do dono anterior.
Bom.
Ninguém virá procurar por ele.
Enrolo-o cuidadosamente ao redor da metade inferior do meu rosto.
Preciso cobrir minhas cicatrizes.
Minhas mandíbulas de monstro.
Não esconderá tudo.
Mas é melhor que nada.
Pelo menos aqui, não me destaco tanto.
Todos têm seus rostos cobertos.
Aqui, eu quase me misturo.
Quase.
Afasto o pensamento.
Continuo me movendo pelo trem.
Foco na missão.
Encontrar Plague.

Descobrir o que diabos está acontecendo.
Chego à parte de trás do trem.
Seu cheiro limpo é mais forte aqui.
A porta para a plataforma traseira está aberta.
O vento gelado corta pela abertura.
Ele queria ser encontrado.
Estranho.
Empurro a porta.
O metal dourado range sob minha mão.
Alto. Alto. Alto.
Plague está parado no corrimão.
Sua figura magra é silhuetada contra o céu cinza.
A neve gira ao seu redor.
Pega em seus cabelos escuros.
Ele não se vira quando me aproximo.
Apenas olha para as montanhas que estamos deixando para trás.
Olha para o céu nevado e turbulento.
Paro a alguns metros atrás dele.
Esperando.
Silencioso.
Ele sabe que estou aqui.
Poderia muito bem ter me anunciado com uma maldita trombeta.
Mas vou esperar.
Ele falará quando quiser.
Minutos passam.
O único som é o zumbido do trem.
Clack-clack-clack das rodas.
Minha respiração embaça através do lenço.
Finalmente, Plague fala.
"Está um dia lindo, não está?"
Sua voz é baixa, quase triste.
Tão diferente de seu tom clínico habitual.
Não respondo.
Não preciso.
Ele não está realmente falando comigo de qualquer maneira.

"Suponho que você esteja se perguntando por que eu nos trouxe aqui," ele continua, ainda sem olhar para mim. "Por que fiz esse acordo. Que conexões eu poderia ter em um lugar como Surhiira, onde ninguém entra e ninguém sai."

Eu emito um grunhido suave.

Sim.

Obviamente.

Ele ri, o som desprovido de qualquer humor.

"Desculpe. Não posso te contar nada ainda."

Pausa, bate os dedos no corrimão.

Algo que ele faz quando está nervoso.

Bate e bate e bate.

"Você é um bom ouvinte, Wraith. Sempre foi. Talvez seja por isso que não me importo que você me siga. Você não vai cutucar. Não vai exigir respostas que não estou pronto para dar."

Mudo meu peso no tapete acolchoado.

Esperando.

Há mais.

Tem que haver.

"Os outros..." Plague deixa a frase incompleta, balançando a cabeça. "Eles não entenderiam. *Não podem* entender. Ainda não. Talvez nunca." Ele se vira levemente, olhos azuis claros encontrando os meus. "Mas você... você sabe como é ter um passado do qual não pode escapar. Ser algo diferente do que aparenta ser."

Meu maxilar se contrai sob o lenço.

Ele não está errado.

Mas o que diabos ele está querendo dizer?

"Eu não sou... quem eles pensam que eu sou," Plague diz suavemente, suas palavras quase perdidas no vento. "Nunca fui. A persona que criei... é uma máscara. Assim como as máscaras físicas que usamos."

Não gosto disso.

Parece perigoso para Ivy.

Dou um passo à frente, pairando sobre ele.

Chega ao ponto, porra.

Plague suspira.

Olha de volta para as montanhas que desaparecem.

"Preciso que você entenda que tudo o que fiz, tudo o que estou fazendo... é para proteger a matilha. Para proteger *ela*."

Meu peito aperta ao pensar em Ivy.

Segura.

Quente.

Enrolada com os outros.

Longe de qualquer jogo que Plague esteja jogando.

Ele segura o corrimão com tanta força que seus nós dos dedos ficam brancos. "Fiz coisas terríveis. Coisas que nunca poderei expiar. Esta é minha chance de acertar as coisas—pelo menos tanto quanto eu puder."

Eu emito outro grunhido.

Ainda não é uma explicação completa.

Mas é mais do que ele deu a qualquer outro.

Seus dedos batem no corrimão.

Tap tap tap.

Como se estivesse batendo um código que só ele entende.

"É estranho," ele reflete. "Eu costumava pensar que você era quase desumano. Eu estava errado. Você é o mais humano de todos nós. O único Ghost que não tem nada para pedir perdão."

Um pedido de desculpas?

Ghosts não pedem desculpas.

Há realmente algo errado com ele.

O vento chicoteia ao nosso redor.

Morde minha pele.

A neve pega em meus cabelos.

Ainda assim, eu espero.

"E o que quer que aconteça," ele diz suavemente. Mal consigo ouvi-lo sobre o zumbido do trem. "Quero que você saiba que estou feliz por termos estado todos juntos nessa irmandade fodida. Mesmo que tenha sido uma bagunça... significou algo. Para mim, pelo menos."

Ele olha de volta para as montanhas.

Estão mais distantes do que nunca.

Os minutos passam.

O mundo também.
Ele terminou de falar.
Posso perceber.
E não sei o que fazer.
Como reagir.
Tudo o que sei é como ser silencioso.
Mas isso parece ser o suficiente.

CAPíTULO

DEzESSETE

VALEK



Ninguém mais parece notar o pássaro gigante na sala.

Fascinante.

O enorme pássaro branco abre suas asas, penas brilhando com um brilho iridescente que não deveria ser possível. Eu observo, hipnotizado, enquanto essas penas impossíveis passam pelos delicados doces dispostos diante de nós, banhando-os em um caleidoscópio de cores.

É lindo.

Hipnotizante.

Meu olhar percorre o vagão opulento do trem, observando as posturas tensas e as sobrancelhas franzidas dos meus... companheiros? Carcereiros? Não tenho certeza de onde me encaixo nesse grupo desajustado de desajustados.

Eu afasto os pensamentos nebulosos, focando em vez disso nas pequenas pessoas que acabei de notar rastejando sobre os macarons. Elas são do tamanho de formigas, suas formas minúsculas correndo pelas superfícies pastel das delicadas confeitarias. Uma pena que estejam urinando nos macarons. Eu gostei de todos os macarons que já provei, e gostaria de experimentar um.

Uma das pequenas pessoas arco-íris acena para mim.

Eu aceno de volta.

"Você está bem aí?" A voz rouca de Whiskey corta meus devaneios. "Você está encarando esses biscoitos como se tivessem insultado sua mãe."

Eu desvio meu olhar do circo em miniatura que se desenrola na bandeja de sobremesas. "Eu poderia ser o deus deles se quisesse," eu digo, com um sorriso preguiçoso curvando meus lábios.

Eu me recosto no assento macio, observando o espetáculo que se desenrola diante de mim com um prazer preguiçoso. As drogas ainda cantam em minhas veias, tornando tudo agradavelmente nebuloso, suavizando as bordas da realidade.

Mas não o suficiente para embotar completamente meus sentidos.

Não, sou experiente demais para isso.

Os olhos de Whiskey se estreitam. "Hã?"

Não consigo evitar a risada baixa que escapa de mim. Se ao menos eles soubessem as maravilhas escondidas logo abaixo da superfície de suas percepções tediosas. O vibrante tapete da realidade que se desenrola diante daqueles com olhos para ver.

Mas eles são todos tão... *limitados*.

Cegos para a verdadeira natureza das coisas.

Eles nem conseguem perceber que nosso querido médico está nos enganando.

Esta é a oportunidade perfeita para desaparecer no horizonte, e se eu tivesse algum instinto de autopreservação, é exatamente isso que faria.

Não tenho interesse em dançar direto para o pesadelo fechado que é Surhiira. Com nossa sorte, Plague é um espião ou assassino, ou ele sempre foi um verdadeiro príncipe e estava esperando a oportunidade perfeita para nos entregar.

Ele certamente parece o tipo. Todos ângulos afiados, olhos bonitos, cabelos pretos e aquele ar de superioridade saindo de cada poro.

Mas parece que estou preso agora.

Ivy conseguiu me colocar uma coleira, e é tão real quanto a de metal que tirei de seu pescoço antes de libertá-la. Enquanto ela mordisca uma fruta roxa em forma de estrela—suspeitamente,

porque ela é uma garota boa e inteligente—não consigo evitar que meu olhar percorra seu lindo pescoço descoberto.

E ainda assim, ela escolheu o cativeiro.

Aparentemente, eu também.

Merda.

Meus olhos voltam para o grande pássaro branco. Ela inclina a cabeça até ficar de cabeça para baixo e seu bico longo e fino se abre, revelando o vazio negro do espaço em sua garganta, enquanto fala.

"Perseguir sombras só te levará mais fundo na escuridão."

Sua voz ecoa em meu crânio.

"Você faz um excelente ponto, minha amiga emplumada," eu muso, erguendo meu copo em um brinde para ela.

"Do que diabos você está falando, psicopata?" Whiskey exige.

Eu me viro para ele lentamente, saboreando a forma como o mundo desfoca nas bordas. Seu rosto entra em foco nítido. Pobre, simples Whiskey. Tão ansioso para lutar, para foder, para sentir algo —*qualquer coisa*—além do vazio abissal que vem com ser um cachorrinho do estado.

"Apenas tendo uma conversa deliciosa com uma deusa," eu respondo, gesticulando vagamente em sua direção. "Você deveria tentar isso algum dia. Pode expandir seu cérebro do tamanho de uma ervilha."

O olhar de Whiskey se volta desconfiado para o espaço vazio ao meu lado. "Não há nada aí, seu maluco."

"Ah?" Eu finjo surpresa, inclinando a cabeça. "E eu pensei que o pássaro gigante e brilhante era impossível de não notar. Meu erro."

Um rosnado baixo surge no peito de Whiskey. "Eu juro por Deus, Valek, se você não parar com essa merda—"

"Você vai o quê?" Eu interrompo, minha voz afiada como uma lâmina. "Me bater até eu ficar sem sentidos? Já passei por isso. Sinto muito, mas você terá que ser mais criativo."

"Acalmem-se, vocês dois," Ivy murmura, claramente irritada, seus lábios bonitos um pouco manchados de roxo pela fruta. "Nós não precisamos de uma briga de Homem das Cavernas VS Psicopata antes mesmo de chegarmos lá."

"Como quiser," eu digo agradavelmente, dando a Whiskey meu sorriso mais doce.

O maxilar de Whiskey se contrai, suas mãos se fechando em punhos. Mas antes que ele possa soltar qualquer resposta espirituosa que tenha montado com as poucas palavras que batem naquele cérebro vazio, a compreensão surge em seus olhos. Seus lábios se curvam em um sorriso que é uma mistura de diversão e pena.

Meu lábio se enruga.

Como esse bufão ousa sentir pena de mim.

"Eu entendi agora," ele diz, recostando-se no assento. "Você bateu a cabeça muitas vezes."

A risada brota do meu peito, sombria e oca. Oh, se ao menos ele soubesse. Se ao menos qualquer um deles soubesse a verdade do que se esconde sob a superfície da realidade. Os horrores que esperam nas sombras, famintos e pacientes.

"Não," eu purro. "Vocês são todos cegos demais para ver a verdade."

A temperatura no vagão do trem parece cair vários graus. Ivy e Thane estão nos observando agora, sua atenção atraída pela tensão que paira entre Whiskey e eu.

"A verdade?" A voz profunda de Thane ecoa do outro lado do compartimento. "E que verdade seria essa?"

Eu me viro para nosso querido líder. Como os poderosos caíram, reduzidos a seguir as migalhas deixadas por um homem que mal conhecemos. Um homem que está nos levando direto para as mandíbulas da besta.

"A verdade," eu digo, saboreando cada palavra como um vinho fino, "é que estamos todos fodidos. Realmente, completamente, *exquisitamente* fodidos."

"Gostaria de elaborar?" Thane pergunta, seu tom enganosamente calmo. Mas eu posso ver a tensão contida em seu corpo maciço, pronta para explodir a qualquer momento. Pronta para lutar.

É isso realmente tudo que esses alfas podem fazer?

Eu gostaria que Ivy tivesse padrões mais altos.

Gostaria de não estar ansioso por uma vida inteira lidando com as besteiras deles. Por outro lado, essa vida pode ser curta assim que nosso trem chegar ao destino.

Ivy estará segura, no entanto.

Disso, tenho certeza.

Os surhiiranos são um povo misterioso, mas seu amor e reverência pelas ômegas não são segredo. Saber que ela será adorada e reverenciada como merece torna mais fácil engolir o quão provável é que eu esteja prestes a ser apagado da face do planeta.

Só espero que seja um pelotão de fuzilamento.

Eu não quero ser enforcado.

"E então?" Thane pressiona, tirando-me de meus pensamentos.

Eu me inclino para frente, cotovelos apoiados nos joelhos enquanto uno as pontas dos dedos sob o queixo. "Pense nisso," eu digo. "Estamos em um trem rumo a uma nação conhecida por seu brutal sigilo e completo desdém por estrangeiros. E ainda assim, aqui estamos, sendo tratados como convidados de honra. Vocês realmente não estão desconfiados?"

O silêncio que cai sobre o compartimento é tão espesso que dá para engasgar. Eu praticamente consigo ouvir as engrenagens girando em suas cabeças, ver a dúvida se infiltrando em seus olhos.

Bom. Deixe isso fermentar.

Deixe crescer.

"Você é quem fala de desconfiança," Whiskey rosna, mas há um lampejo de incerteza em sua voz agora. "Depois da merda que você fez, sequestrando Ivy—"

"Ah, sim," eu interrompo, meu sorriso afiado o suficiente para cortar. "Minha grande traição. Diga-me, Whiskey, você se deu ao trabalho de perguntar à nossa pequena fera o que realmente aconteceu durante nosso tempo juntos? Ou está contente em se afogar em suas suposições?"

Ivy se tensiona, seus olhos verde-mar se aguçando em minha direção.

"Chega," Thane corta, levantando-se. Ele se impõe sobre todos nós, uma montanha de músculos e raiva mal contida. Apenas um

grande homem das cavernas. "Não vamos fazer isso agora. Precisamos nos manter focados, unidos—"

Uma risada escapa de mim, afiada e amarga. "Oh, você deve estar se sentindo *muito* unido depois do que acabou de fazer com seu irmão."

As palavras pairam no ar como uma granada, e por um momento, acho que Thane pode realmente me matar. Seus olhos brilham com uma fúria que nunca vi fora do campo de batalha.

Mas então algo muda em seu olhar.

A raiva não desaparece completamente, mas é temperada por algo mais. Algo que parece perigosamente próximo de compreensão.

"Você está tentando nos dividir," ele diz calmamente, sua voz pouco acima de um sussurro. "Por quê?"

Eu me recosto no assento, abrindo os braços. "Por que não? Já estamos fraturados. Quebrados. Uma matilha de cães raivosos fingindo ser uma família. Estou apenas dizendo em voz alta o que todos estão pensando."

Meus olhos encontram os de Ivy, segurando seu olhar enquanto continuo. "Estamos caminhando para uma armadilha. Todos nós. E um de nossa 'irmandade' sabe exatamente o que nos espera do outro lado."

Como se fosse uma deixa, o trem começa a diminuir a velocidade, a paisagem lá fora se transformando em um mar de pedra branca e um lago azul cintilante que se estende por quilômetros.

Chegamos.

O ponto sem retorno.

O grande desastre final começou.

CAPíTULO

DEzOITO

IVY



O trem balança levemente ao começar a diminuir a velocidade, tirando-me de meus pensamentos ansiosos. Eu me aproximo da janela, absorvendo a visão do nosso misterioso destino que surge à vista.

Pedras brancas imaculadas se estendem até onde a vista alcança, os edifícios se erguendo como torres de marfim contra um céu incrivelmente azul. As estruturas são diferentes de tudo que já vi. Todos arcos graciosos, vidros brilhantes e torres delicadas que parecem desafiar a gravidade. Filigranas douradas adornam cada superfície, captando a luz do sol e fazendo a cidade inteira brilhar como um miragem contra o lago de águas cristalinas que se estende até o horizonte.

Leva um momento para eu perceber que a cidade inteira é construída na lateral de um penhasco que se ergue da margem do lago. Não é à toa que tudo é feito de pedra branca. A costa igualmente imaculada é pontilhada por jardins exuberantes repletos de flores vibrantes que nunca vi antes. O contraste das flores coloridas contra a pedra branca é de tirar o fôlego.

"Puta merda," Whiskey murmura ao meu lado.

Eu aceno silenciosamente. Não consigo desviar meus olhos da cidade reluzente que se espalha diante de nós, um contraste gritante com o mundo cruel que deixamos para trás. As torres

delicadas e os arcos graciosos parecem algo saído de um conto de fadas, não a realidade brutal que aprendi a esperar. É lindo.

Lindo demais.

Meus dedos apertam o tecido macio do roupão que peguei emprestado enquanto uma sensação de desconforto se instala no meu estômago. Nada tão perfeito vem sem um preço. Aprendi essa lição da maneira mais difícil, repetidas vezes.

A porta do compartimento se abre com um leve assobio, e eu me viro para ver a figura imponente de Wraith enchendo a entrada. Ele enrolou um lenço branco imaculado ao redor da metade inferior do rosto, seus olhos azuis brilhando quando nossos olhares se encontram, apesar das circunstâncias estressantes. Ele entra no compartimento com aquela graça predatória fluida que nunca deixa de me impressionar, considerando seu tamanho.

"Plague está...?" Eu começo a perguntar.

Ele não precisa responder. Plague entra atrás dele um momento depois, incapaz de encarar meu olhar.

Ele parece... perdido.

Assombrado de uma maneira que nunca vi antes.

Meu coração dói ao ver esse alpha—*meu* alpha—em evidente dor emocional, mesmo enquanto os alarmes começam a soar na minha mente.

O que diabos está acontecendo?

Eu o sigo pelo vagão do trem, perto o suficiente para sentir o calor irradiando de seu corpo. Por um longo momento, nenhum de nós fala. Eu observo seu reflexo no vidro enquanto ele olha pela janela para a cidade branca, notando a mandíbula tensa, as olheiras.

"É linda," eu digo suavemente.

Os lábios de Plague se curvam em um sorriso amargo. "É."

Eu quero perguntar o que ele quer dizer, exigir respostas sobre o que realmente está acontecendo. Mas o olhar perdido em seus olhos me impede. Seja lá quais segredos ele está guardando, seja lá qual fardo ele está carregando... Posso perceber pela tensão que irradia dele em ondas que ele não está pronto para falar sobre isso.

Ainda não.

Em vez disso, eu estendo a mão hesitante e pego a dele na minha. Sua pele é fria e seca, e ele se enrijece com o contato. Por um momento, acho que ele vai se afastar.

Mas então seus dedos se curvam ao redor dos meus, apertando gentilmente.

Eu olho para cima, surpresa com a intensidade em seu olhar enquanto ele me encara. Os traços afiados de seu rosto de alguma forma se suavizaram. Seus olhos, geralmente frios e duros, estão quentes apesar da tristeza neles.

"Ivy," ele murmura, sua voz mais áspera que o normal. "Eu..."

Ele para, claramente lutando para encontrar as palavras. Eu aperto sua mão novamente, oferecendo o conforto que posso. "Está tudo bem," eu digo, mesmo sem ter certeza de que está. "O que quer que esteja acontecendo, o que quer que você esteja enfrentando... nós estamos aqui. *Eu* estou aqui."

Os olhos de Plague se arregalam levemente. Esperança? Mas antes que ele possa responder, a voz profunda de Thane corta o momento.

"Precisamos nos preparar," ele diz, seu tom cortante. "Eles virão nos buscar em breve."

"Espero que não seja para cortar nossas cabeças," Whiskey diz com um resmungo.

A realidade volta com força, e Plague solta minha mão. Ele dá um passo para trás, aquela máscara familiar de frieza e distanciamento voltando ao lugar enquanto ele encara Whiskey.

Minha mão se sente vazia onde a dele estava.

O trem para completamente com um leve assobio de hidráulica. Por um momento, todos ficamos parados, trocando olhares desconfiados.

Então a porta do nosso compartimento se abre com um leve assobio, fazendo-me pular. A atendente que nos recebeu mais cedo entra no compartimento, seu véu de contas balançando.

"Chegamos," ela diz, sua voz musical apesar da formalidade. Seu tom está mais rígido que antes. "Se puderem me seguir, por favor."

Eu olho para Plague novamente, mas ele está olhando fixamente para frente, sua expressão impenetrável. O resto dos alfas se

posiciona ao meu redor enquanto seguimos a atendente pelo corredor estreito do trem.

Meus alfas fecham fileiras ao meu redor enquanto seguimos a atendente para o corredor. A figura imponente de Wraith surge à minha direita, enquanto Thane assume a posição à minha esquerda, seus corpos projetando sombras gêmeas sobre mim. Plague e Whiskey ficam atrás, e até Valek—ainda balançando levemente—se move para nos flanquear, seus olhos prateados menos turvos que alguns minutos atrás.

A atendente nos guia pelo corredor ornamentado do trem, suas vestes brancas fluindo sussurrando contra o carpete macio. A luz do sol da manhã que entra pelas janelas reflete nas contas douradas de seu véu, enviando reflexos prismáticos dançando pelos painéis de madeira polida.

Quando pisamos na plataforma, a grandiosidade total de Surhiira tira meu fôlego. A cidade de pedra branca se ergue diante de nós como algo saído de um sonho, suas torres delicadas perfurando um céu incrivelmente azul. O mármore imaculado sob meus pés é incrustado com veias de ouro que pulsam com uma luminescência sutil, como se a própria pedra estivesse viva com a luz do sol capturada.

"Fique perto," Thane murmura, sua mão descansando protetora na minha lombar.

Eu não preciso ser avisada duas vezes. A beleza ao nosso redor só me deixa mais cautelosa. Tudo aqui parece perfeito demais, preciso demais.

Como uma armadilha dourada pronta para se fechar.

Mais figuras vestidas de branco deslizam por nós, seus rostos obscurecidos por véus e lenços que ondulam na brisa quente que vem do lago. O ar aqui cheira diferente. Limpo e doce. Nada parecido com o cheiro químico forte de Reinmich ou a fumaça ácida das Regiões Exteriores.

Wraith rosna suavemente ao meu lado, seu lenço branco emprestado fazendo pouco para abafar o som. Eu olho para cima e vejo seus olhos azuis fixos em um grupo de guardas posicionados ao longo da borda da plataforma. Seus uniformes brancos imaculados

estão impecáveis, mas noto a maneira como suas mãos repousam casualmente nos cabos ornamentados de espadas curvas em seus quadris. As armas parecem cerimoniais, todas brilhando em ouro e pedras preciosas, mas algo me diz que são tão mortais quanto bonitas.

Eles parecem não ter nos notado. Tenho a impressão de que não há muito senso de perigo aqui. É claro que esta cidade cintilante nunca viu uma bomba.

"Por aqui, por favor," nossa atendente diz, gesticulando em direção a uma escada imponente que parece flutuar sem suporte da borda da plataforma. Os degraus são esculpidos na mesma pedra branca de tudo o mais, mas são atravessados por fios de madrepérola que captam a luz como relâmpagos congelados.

Os ombros de Plague ficam tensos enquanto nos aproximamos das escadas. Algo em sua postura dispara alarmes na minha cabeça.

Ele conhece este lugar.

Conhece intimamente, se estou lendo ele corretamente.

O pensamento envia um calafrio pela minha espinha, apesar do ar quente.

"Você está bem, Doc?" Whiskey pergunta, sua voz baixa. "Parecendo um pouco pálido aí."

Plague o ignora deliberadamente.

Whiskey franze a testa. Posso perceber que ele está tão preocupado com Plague quanto eu, por trás da bravata e do bluster habituais.

Descemos as escadas flutuantes em formação apertada, meus alfas se movendo com precisão treinada para me proteger de todos os ângulos. O lago se estende abaixo de nós, sua superfície tão imóvel e clara que parece vidro polido. Cardumes de peixes prateados nadam sob a superfície, suas escamas brilhando como moedas sob a luz da manhã.

"É como um sonho, não é?" Valek balbucia ao meu lado.

Pela primeira vez, eu concordo com ele. Tudo aqui tem uma qualidade sobrenatural que me faz sentir como se estivesse caminhando por uma pintura, não por uma cidade real. Até o ar parece brilhar com magia.

As escadas terminam em um amplo passeio que serpenteia ao longo da margem do lago. Mais jardins florescem aqui, mas estes são diferentes dos que estão acima. Árvores delicadas com folhas cristalinas projetam sombras arco-íris em nosso caminho. Flores que parecem feitas de vidro soprado tilintam suavemente na brisa, suas flores em forma de sino liberando grãos de pólen iridescentes que dançam no ar como luzes de fadas.

Um pátio de mármore branco se espalha diante de nós, torres brancas delicadas se erguendo de ambos os lados. Na outra extremidade do pátio, há um palácio que parece desafiar a gravidade, suas torres reluzentes e arcos graciosos flutuando impossivelmente acima de uma série de piscinas em cascata. A água que flui de um nível para o outro capta a luz, fazendo parecer que diamantes líquidos estão derramando de um nível para o outro.

Meus pés descalços mal fazem som no mármore imaculado, e meu roupão sussurra em meus tornozelos enquanto nossa atendente nos guia pelo pátio em direção ao palácio impossível. As botas dos alfas ecoam suavemente, o som saltando das torres brancas altas de ambos os lados.

Não consigo me livrar da sensação de que estamos sendo conduzidos.

Como presas sendo guiadas para uma armadilha.

Meus olhos percorrem o ambiente, catalogando cada detalhe, cada possível rota de fuga. Velhos hábitos são difíceis de morrer. O Centro de Refinamento me ensinou bem—embora provavelmente não da maneira que eles pretendiam. Anos lutando pela sobrevivência afiaram meus instintos até a perfeição.

Os arcos ornamentados que revestem o pátio poderiam fornecer cobertura, mas estão muito expostos. As piscinas em cascata podem oferecer um caminho para o lago, mas a água provavelmente é rasa, e quebrar uma perna tornaria a fuga impossível. Os troncos finos e nodosos dos salgueiros cristalinos seriam perfeitos para escalar, mas seus galhos delicados nunca suportariam meu peso.

Meu olhar se volta para o palácio que se ergue diante de nós. Mais arcos impossíveis e torres flutuantes se elevam no céu azul sem nuvens. Sem suportes visíveis. Sem como escalar aquelas paredes

brancas e lisas. A única entrada ou saída parece ser pela grande entrada que estamos nos aproximando.

Um gargalo, se já vi um.

Estamos sendo canalizados.

Contidos.

Presos.

O peito de Wraith ronca como se ele sentisse minha inquietação. Seu cheiro familiar de couro e chuva ajuda a me ancorar, mas não é o suficiente para silenciar os alarmes gritando na minha cabeça.

Estamos prestes a travar a luta das nossas vidas?

Mais figuras vestidas de branco deslizam por nós, seus rostos escondidos atrás de véus e lenços que captam a luz. Elas se movem com uma graça tão fluida que é quase inquietante. Como se estivessem flutuando, não caminhando. Seus rostos cobertos se voltam para nos observar, e eu posso sentir o peso de inúmeros olhos ocultos.

Julgando.

Avaliando.

Calculando.

Então, um choque brilha em seus olhos, e eles se curvam rapidamente.

Por quê?

Eu instintivamente me aproximo dos meus alfas enquanto nos aproximamos da entrada do palácio. Um arco de pedra branca pura se estende acima de nós, filigranas douradas captando a luz da manhã. Os desenhos contam histórias que não consigo ler. Pássaros em voo, flores desabrochando e o que parece ser uma escrita antiga fluindo pela pedra como música congelada.

Mas o que chama minha atenção são os guardas.

Eles estão alinhados nas paredes em intervalos regulares, imóveis como estátuas em seus uniformes brancos imaculados. Suas espadas curvas brilham em seus quadris, cabos incrustados com pedras preciosas que captam a luz como estrelas capturadas. Eles não se movem enquanto passamos, mas posso sentir seu foco se voltar para rastrear nosso movimento.

Minha mente automaticamente começa a calcular as probabilidades. Vinte guardas que posso ver. Provavelmente mais escondidos nas sombras acima.

Todos armados.

Todos treinados.

Todos prontos para entrar em ação a qualquer momento.

Os ombros de Plague estão rígidos com tensão enquanto ele caminha ao meu lado. Sua máscara habitual de distanciamento clínico está rachando nas bordas. Ele sabe de algo. Algo sobre este lugar. Algo que o deixou mais tenso do que já vi.

Isso só me deixa mais nervosa.

A única coisa que me ancorar é que eu confio nele.

Eu não deveria, e estou brava comigo mesma por isso.

Mas eu confio.

Então, um dos guardas olha para nós.

Surpresa, choque e reconhecimento brilham em seu olhar, e um murmúrio passa pelos guardas, causando um efeito dominó. Todos se curvam profundamente de uma vez, as espadas em seus lados tilintando com o movimento gracioso.

Ao meu lado, Whiskey tropeça e praticamente se dobra ao meio, curvando-se tão rapidamente que temo que ele vá cair. Os outros seguem o exemplo, até mesmo o corpo poderoso de Thane se curvando em um gesto de respeito. Para minha surpresa, o corpo maciço de Wraith também se inclina, embora sua mão suba para manter o lenço firmemente no lugar, seu olhar azul passando entre os guardas. Tenho certeza de que ele também está avaliando.

O que está acontecendo?

Plague é o único que permanece em pé, ereto e alto, sua mandíbula cerrada enquanto ele olha para frente. Ele me vê olhando e lança um olhar irritado para Whiskey, como se a reverência do outro alpha fosse de alguma forma embaraçosa.

Antes que eu possa processar qualquer coisa, um movimento na entrada do palácio chama minha atenção. Minha respiração trava na garganta quando uma ômega mais velha desliza em nossa direção, sua presença comandando todos os olhos no pátio.

Ela é de tirar o fôlego.

Suas vestes brancas fluem ao seu redor como luz líquida, adornadas com bordados dourados intrincados que parecem se mover por conta própria. Uma coroa de ouro e pérolas repousa em seus cabelos grisalhos, o delicado trabalho em metal formando o formato de flores de lótus e asas de íbis. Seu véu dourado—adornado com o mesmo arco-íris de pedras preciosas incrustadas no cabo da longa espada curva em seu quadril—se move e brilha sob maçãs do rosto altas.

Uma rainha.

Uma ômega é a rainha.

Meu coração pula na garganta quando Plague caminha para frente. A rainha para de se mover e o observa, sua expressão impenetrável, enquanto Plague se ajoelha diante dela e inclina a cabeça, seus cabelos escuros caindo sobre o rosto. O movimento é tão fluido, tão praticado, como se fosse memória muscular. Suas mãos repousam com as palmas para cima em suas coxas, completamente expostas e vulneráveis.

Indefeso.

Não.

Não.

Ele está oferecendo sua cabeça.

Apresentando seu pescoço para execução.

"Não!" O grito escapa da minha garganta, e eu corro em direção a eles sem pensar duas vezes.

"Plague, seu idiota!" Whiskey berra, avançando. Por um momento, acho que ele vai tentar me impedir. Então ele me ultrapassa, avançando como um trem desgovernado.

Os guardas saltam para frente, bloqueando-nos com espadas desembainhadas. Whiskey rosna, colocando-se entre eles e eu, protegendo-me enquanto os outros Ghosts me cercam também. Todos prontos para lutar até a morte.

Mas a rainha não reage a nós.

Ela também não saca sua espada.

Em vez disso, ela estende a mão com uma graça impossível, seus dedos adornados com joias agarrando o queixo de Plague. Ela

inclina seu rosto para cima com uma gentileza excruciante, seu polegar acariciando sua bochecha em um toque terno.

Eu congelo no meio do passo, meu coração parando de bater enquanto observo a expressão severa da rainha se transformar. A mudança é sutil, apenas um leve suavizar ao redor de seus olhos azuis claros enquanto eles pousam em Plague. Um lampejo de raiva, e então...

Saudade.

Amor.

As peças se encaixam com uma velocidade vertiginosa enquanto ela fala, sua voz musical espessa de emoção.

"Bem-vindo a casa, Príncipe Hamsa."

CAPíTULO

DEZENOVE

PLAGUE



Dez anos atrás…

O cheiro intoxicante do jasmim que floresce à noite me envolve enquanto me recosto contra o corrimão de pedra esculpida, observando o pôr do sol pintar o lago em tons de ouro e carmesim. Aqui nos jardins suspensos, é fácil esquecer o peso do dever e das expectativas que pressionam sobre mim.

Fácil fingir que sou apenas Hamsa.

E não um príncipe.

Adiir está estendido ao meu lado no banco almofadado, suas longas pernas esticadas descuidadamente. A luz do sol moribundo reflete nos fios dourados tecidos em suas vestes brancas, fazendo-o brilhar como um deus antigo. Ele é o único que sempre viu além do meu título, para a pessoa por trás dele.

"Você está pensativo de novo," ele diz, cutucando minha perna com o pé descalço. "Quase consigo ouvir as engrenagens girando naquele cérebro superativo seu."

Eu resmungo, afastando seu pé com uma careta e me levantando para que ele não possa fazer isso de novo. "Eu não estou *pensativo*. Estou pensando."

"É a mesma coisa quando se trata de você." Ele se senta, fixando-me com aquele olhar penetrante que sempre me faz sentir

como se ele pudesse ver direto através das paredes que construí cuidadosamente. "O que é desta vez? Mais textos médicos que você não deveria estar lendo?"

Calor inunda minhas bochechas.

Claro que ele sabe.

Adiir *sempre* sabe.

"Encontrei algo interessante nos arquivos," eu admito. "Um tratado sobre cirurgia de campo de batalha de antes da guerra. As técnicas que eles usavam... eram revolucionárias. Se pudéssemos adaptá-las, combiná-las com nossas próprias práticas de cura—"

"Hamsa." A suavidade em sua voz faz meu peito doer. "Você sabe que não pode."

"Por que não?" As palavras escapam antes que eu possa detê-las, afiadas de frustração enquanto olho para o corrimão que dá vista para as vastas terras vazias. Além delas, o brilho laranja de explosões e incêndios pontilham a paisagem. "Por que um príncipe não pode ser um curandeiro? O que há de errado em querer ajudar as pessoas em vez de governá-las?"

Adiir suspira, passando a mão pelos cabelos escuros. O movimento desloca seu lenço, revelando a linha forte de sua mandíbula por um momento antes que ele o ajuste. "Nada há de errado nisso. Mas você tem outras responsabilidades. Deveres sagrados que—"

"Isso é besteira e você sabe." Eu me afasto do corrimão, inquieto demais para ficar parado. "O que é mais sagrado do que salvar vidas? Do que aliviar o sofrimento?"

"Sua mãe—"

"Minha mãe está errada." As palavras têm gosto de cinzas na minha língua, mas não posso voltar atrás. Nem quero. "Tudo isso—o isolamento, as tradições rígidas, os muros que construímos ao nosso redor—está nos matando. Estamos sufocando atrás de nossa própria perfeição."

Adiir me observa enquanto eu caminho de um lado para o outro, sua expressão impenetrável por trás do lenço. Mas eu o conheço bem o suficiente para ver a preocupação em seus olhos escuros.

"Estamos?" ele pergunta calmamente.

"Estamos o quê?" eu murmuro.

"Sufocando. Estamos *nós* sufocando, ou é você?"

Eu lhe lanço um olhar irritado, mas sei que ele está certo. Em vez de discutir, eu me sento novamente no banco ao lado dele, perto o suficiente para que nossos ombros se toquem.

"Eu não quero ser um príncipe," eu sussurro, as palavras mal audíveis sobre o leve som das fontes. "Nunca quis. Eu só... quero ajudar as pessoas. Ajudá-las de verdade, não apenas sentar em julgamento e emitir decretos do alto. Droga, eu nem sou o próximo na linha para ser rei. Mas eu não quereria isso também."

Há algo mais que eu quero também.

Algo que nunca admitirei querer.

"Eu sei." A voz de Adiir é suave, compreensiva. Ele é o único com quem posso ser verdadeiramente honesto, mesmo que haja aquela coisinha que nunca vou contar a ele. "Mas querer algo não o torna possível."

"Por que não?" Eu me viro para encará-lo, desesperado para fazê-lo entender. "Olhe para o que temos aqui. As melhores instalações médicas do mundo conhecido, séculos de conhecimento de cura trancados em nossos arquivos, técnicas que poderiam salvar incontáveis vidas. E o que fazemos com isso? Nós o escondemos. Mantemos escondido atrás desses muros enquanto as pessoas sofrem e morrem enquanto o mundo desmorona além deles."

"As leis—"

"As leis podem ser mudadas."

"Não essas." Ele agarra meu pulso quando eu começo a me afastar, seu aperto gentil, mas firme. "Hamsa, por favor. Eu sei que você quer ajudar. É uma das coisas que eu a—" Ele se interrompe, limpando a garganta. "É uma das coisas que faz de você quem você é. Mas há outras maneiras de servir seu povo."

Eu olho para onde seus dedos circundam meu pulso. Leva um momento para eu encontrar minha voz. "E se eu não puder? E se eu não fui feito para isso?"

Seu polegar acaricia meu ponto de pulso, enviando eletricidade por minhas veias. Por que ele está fazendo isso? Ele é um alpha. E

um nobre, por sinal. Alphas não tocam outros alphas sem necessidade.

Eu saberia.

Eu penso nisso o tempo todo.

"Você aprende a ser," ele continua. "Você se adapta. Encontra maneiras de ajudar dentro dos limites de sua posição."

"Como você fez?"

As palavras escapam antes que eu possa detê-las. Adiir fica muito quieto, seu aperto apertando levemente antes que ele se force a relaxar.

"Isso foi diferente," ele diz calmamente.

"Foi?" Eu torço meu pulso em seu aperto até que nossos dedos se entrelacem. "Você queria ser um estudioso. Estudar os textos antigos, preservar nossa história. Mas sua família precisava que você assumisse o lugar de seu pai como Comandante da Guarda Real."

"E eu me adaptei." Sua voz é áspera. "Como você fará."

"Mas você não está feliz."

Ele fica em silêncio por um longo momento, olhando para o céu que escurece. As primeiras estrelas aparecem, brilhantes como diamantes contra o índigo profundo.

"A felicidade nem sempre é possível," ele diz finalmente. "Às vezes, o dever tem que ser suficiente."

A resignação em sua voz quebra algo dentro de mim. Sem pensar, eu levanto a mão e engancho meu dedo na borda de seu lenço, puxando-o para baixo. Ele me permite, embora seus olhos se arregalem de surpresa.

"E se eu não quiser que seja suficiente?" Eu sussurro.

Sua respiração falha. "Hamsa—"

"E se eu quiser mais?"

Estamos muito perto agora, o ar entre nós carregado de possibilidade. Eu posso ver o momento em que seu controle começa a rachar, o desejo escurecendo seus olhos cor de avelã.

"Não podemos," ele respira, mas não se afasta.

"Por que não?"

"Porque você é o príncipe."

"Eu não quero ser."

Sua mão livre se levanta para acariciar meu rosto, o polegar passando sobre minha maçã do rosto. Eu congelo com seu toque, mesmo que eu tenha sido quem puxou seu lenço. Então ele avança, esmagando sua boca contra a minha.

O beijo é desesperado, faminto, anos de desejo não dito derramados em um único ponto de contato. Eu agarro seus ombros, puxando-o para mais perto enquanto sua língua invade minha boca.

Seus lábios são incrivelmente macios contra os meus, nada como eu imaginava durante todos aqueles olhares roubados e toques prolongados. Eu derreto no beijo, meus dedos se enroscando em seus cabelos escuros enquanto ele me puxa para mais perto. O cheiro de jasmim se mistura com sua própria fragrância quente e picante, fazendo minha cabeça girar.

Não deveríamos estar fazendo isso.

Não podemos estar fazendo isso.

Mas eu quis isso por tanto tempo.

Um rosnado suave escapa de mim quando seus dentes arranham meu lábio inferior. O som parece quebrar algo nele. Seu aperto aperta, uma mão subindo para acariciar a nuca enquanto a outra se apoia possessivamente em meu quadril. O toque envia eletricidade por minhas veias.

"Hamsa," ele respira contra minha boca. A maneira como ele diz meu nome, áspero de necessidade, me faz estremecer. "Temos que parar."

Mas ele não se afasta. Em vez disso, seus lábios deslizam por minha mandíbula, descendo pela coluna do meu pescoço. Eu inclino a cabeça para trás, dando-lhe melhor acesso. Meu pulso troveja sob sua boca.

"Por quê?" Eu consigo dizer, embora minha voz saia vergonhosamente ofegante. "Por que temos que parar?"

Ele morde meu pescoço, arrancando um suspiro de mim. "Porque você é um príncipe," ele murmura contra minha pele. "Alphas não fazem isso. Seria um escândalo como a família real nunca viu antes. Seu pai--"

"Eu não me importo." Meus dedos cavam seus ombros enquanto ele encontra um ponto particularmente sensível. "Dane-se meu pai."

E agora, eu *não* me importo.

Eu deveria.

Mas não me importo.

Sua risada é sombria. "É por isso que você é tão perigoso." Ele se afasta o suficiente para encarar meus olhos, e a fome que vejo em seu olhar faz minha respiração falhar. "Você me faz querer coisas impossíveis."

O broche dourado de íbis em sua camisa capta a luz do sol moribundo, chamando minha atenção por um momento. Algo brilha em seu olho. Algo que não deveria estar lá.

Meu coração para.

Uma lente.

Ele está gravando isso?

O terror sobe pela minha garganta, me sufocando.

"Adiir…" Eu engasgo.

Ele pausa e olha para o broche, seguindo meu olhar. "Você sempre foi observador," ele diz calmamente, parecendo quase decepcionado enquanto levanta a mão e acaricia a asa dourada de nossa deusa.

"Você me traiu," eu sussurro.

Como ele pôde?

Nós crescemos juntos.

Éramos praticamente irmãos.

Ele olha para cima, seus olhos encontrando os meus. Por um momento, a culpa brilha nessas profundezas, mas desaparece assim que aparece, e seus lábios se curvam em um sorriso. "O quê? Você pensou que eu realmente *queria* você?" Ele ri baixinho. "Você pode ser observador, mas ainda é um idiota."

Minhas mãos se movem antes que eu possa pensar.

Eu agarro sua garganta, meus dedos encontrando os pontos de pressão precisos que cortarão o fluxo de sangue para o cérebro. Seus olhos se arregalam de choque e traição—tão convincentes, mesmo agora—enquanto eu aperto.

"Por quê?" Eu pergunto com voz rouca. "Valia a pena?"

Ele arranha minhas mãos, mas eu tenho a vantagem. Sua boca se move, tentando formar palavras, mas nenhum som sai. Eu posso

sentir seu pulso acelerado sob minhas palmas, sentir o momento exato em que suas lutas começam a enfraquecer.

Eu sei exatamente quanto tempo leva para morrer assim.

Sei exatamente o que está acontecendo dentro de seu corpo enquanto eu lentamente, metodicamente, espremo a vida dele.

O conhecimento faz a bile subir em minha garganta.

Seus olhos permanecem travados nos meus até o fim. Mesmo quando a consciência desaparece deles, aquele olhar de traição nunca some.

Como se de alguma forma *eu* fosse o traidor.

Quando ele finalmente fica mole em meu aperto, eu seguro por mais trinta segundos. Só para ter certeza. Exatamente como aprendi em meus textos, estudando as estruturas delicadas da garganta humana. Conhecimento destinado a curar transformado em violência.

Minhas mãos tremem enquanto eu baixo seu corpo para o banco almofadado. Ele parece tranquilo, como se estivesse dormindo. Como se a qualquer momento ele abriria os olhos e sorriria para mim, brincaria sobre eu estar pensativo de novo, tocaria minha mão quando não precisasse.

Mas ele não vai.

Eu o matei.

Eu matei o homem que eu...

Não.

Não posso pensar nisso.

Preciso me mover.

Preciso fugir.

Tenho certeza de que alguém está assistindo através da lente do íbis.

Logo, eles saberão de tudo.

A menos que eu já esteja longe.

Lágrimas ardendo em meus olhos, eu arranco o broche falso de sua camisa, rasgando-o. Só por precaução. Não que isso importe. Eu não posso ficar aqui. Não posso correr o risco.

Eu dou uma última olhada no corpo de Adiir, estendido graciosamente no banco onde compartilhamos tantos segredos.

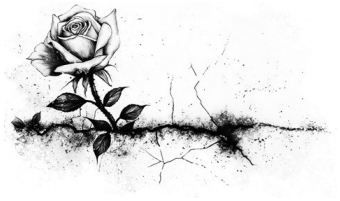
Tantos sonhos.

Tudo mentira, no final.

O pôr do sol pinta sua pele em tons de ouro e carmesim enquanto eu me viro e fujo para a escuridão que se aproxima, deixando para trás tudo que já conheci.

Tudo que já amei.

Tudo que já fui.



"Bem-vindo a casa, Príncipe Hamsa."

As palavras de minha mãe quebram as paredes cuidadosamente construídas que passei uma década erguendo. O mármore sob meus joelhos parece estar girando. Como se eu estivesse preso em um daqueles sonhos febris que costumavam me atormentar depois que fugi, onde eu acordava ofegante, convencido de que estava de volta nos jardins suspensos com o sangue de Adiir em minhas mãos.

Mas isso é real. A pedra fria sob meus joelhos, os sussurros de seda e o tilintar de contas douradas, o cheiro familiar de lótus e jasmim—tudo é real.

O peso do olhar da rainha me prende no lugar tão certamente quanto qualquer restrição física. Eu não consigo olhar para cima. Não consigo suportar ver a mistura de emoções que sei que deve estar lutando naqueles olhos azuis claros tão parecidos com os meus. Olhos que costumavam me olhar com tanto orgulho antes que eu jogasse tudo fora.

Atrás de mim, ouço a respiração ofegante de Whiskey. "Puta merda," ele murmura. Um baque surdo segue—provavelmente Thane cutucando-o para silenciá-lo.

Eu fecho os olhos, desejando que o mundo pare de girar em seu eixo. Uma década de controle cuidadoso ameaça desmoronar. A máscara distante que criei para me esconder—para manter todos a uma distância segura—parece fina como papel.

Meu maxilar se contrai tão forte que meus dentes doem.

Mas não posso mais me esconder.

Não aqui.

Não agora.

"Levante-se, meu filho."

A voz de minha mãe está mais suave agora, embora ainda carregue o peso do comando. Seus dedos permanecem gentis em meu queixo, o polegar acariciando minha bochecha como ela costumava fazer quando eu era pequeno e tinha medo de trovão. O gesto familiar quase me quebra.

Eu me forço a levantar em pernas que parecem de água, ainda incapaz de encarar seu olhar. As contas douradas de seu véu tilintam suavemente enquanto ela se aproxima. Seu cheiro familiar—perfume de jasmim e lótus—me envolve, ameaçando me arrastar de volta para aquela noite nos jardins.

Para tudo que eu perdi.

Para tudo que eu destruí.

"Olhe para mim, Hamsa."

Eu olho.

E quase me afogo no amor que vejo lá, temperado por uma dor antiga, mas não menos feroz por isso. Os anos pintaram de prata seus cabelos escuros, adicionaram linhas finas ao redor de seus olhos que não estavam lá antes. Mas ela ainda é tão majestosa quanto sempre em suas vestes brancas fluindo, ainda cada centímetro a rainha que eu lembro.

Como ela ainda pode me olhar assim?

Depois do que eu fiz?

Depois que eu fugi como um covarde e deixei ela pensar...

"Sua Majestade." A voz de Thane corta minha espiral. O arrastar de botas no mármore me diz que ele se curvou formalmente. "Nós não sabíamos—"

"Claro que não." O tom de minha mãe carrega um toque de aço agora. Ela solta meu queixo, mas não dá um passo para trás. "Meu filho sempre foi... *criativo* em seus métodos de se esconder."

"Isso é dizer pouco," Whiskey murmura.

Um guarda se move, a mão caindo no cabo de sua espada, mas minha mãe levanta uma mão adornada com joias. O guarda congela no meio do movimento.

Eu mereço sua raiva.

Seu desprezo.

Em vez disso, ela está me olhando como se eu ainda valesse a pena ser salvo.

Ela não sabe o que eu fiz?

Ela deve saber.

Não tem como ela não saber.

"Mãe, eu—"

"Shh. Haverá tempo para você explicar mais tarde. Por agora..." Seu olhar se desvia para meu bando—*meu bando*, quando foi que eu comecei a pensar neles assim?—pousando em Ivy. "Vamos receber você e os seus adequadamente."

"Bem, isso explica o trem chique," Whiskey diz. "E eu pensei que íamos ser executados."

"O dia ainda é jovem," Valek diz de algum lugar atrás de mim.

Ivy.

Doce, feroz Ivy, que está me olhando com um alívio tão aberto que faz meu peito doer. Nenhum julgamento naqueles olhos verde-mar. Apenas aceitação. Ela está entre Wraith e Thane, seu pequeno corpo diminuído pela massa deles, mas está me olhando com aquela intensidade silenciosa que sempre vê direto através de minhas defesas.

Como sempre.

Mesmo quando eu não mereço.

"Eu sabia que você estava escondendo algo bom," Ivy diz. Então seus lábios se curvam em um sorriso brincalhão. "Embora eu tenha que admitir, 'príncipe secreto' não estava na minha lista de teorias."

Uma risada surpresa escapa de mim antes que eu possa detê-la. O som ricocheteia nas colunas de mármore, assustando um cortesão próximo que rapidamente se curva e se afasta.

O som é enferrujado, desconhecido.

Quando foi a última vez que eu ri de verdade?

"Explica por que ele é um babaca tão fresco," Whiskey murmura, mas não há calor real nisso. Seus olhos cor de mel dançam com uma diversão mal contida enquanto ele balança nos calcanhares. "Todo aquele vocabulário chique e ódio obsessivo por germes—e tudo que ele *acha* que é um germe—finalmente faz sentido."

"De fato." Os lábios de minha mãe se contraem sob o véu, os fios dourados captando a luz. "Embora ele leve nosso desdém religioso pela sujeira mais longe do que qualquer outro aqui."

Um servo passa correndo, a cabeça curvada, as vestes brancas sussurrando contra o mármore. O movimento chama a atenção de Wraith, seu corpo maciço se tensionando enquanto ele rastreia a ameaça potencial. Seu lenço branco emprestado se move com o movimento, revelando um flash de dentes afiados antes que ele o ajuste rapidamente.

Whiskey resmunga, arrastando minha atenção de volta. "Claro que a sujeira é contra a porra da religião dele."

Eu me encolho. "Whiskey—"

Mas a rainha apenas ri musicalmente. "Oh, eu gosto desse. Você deveria mantê-lo por perto," ela diz para mim antes de seguir mais fundo no palácio, seu vestido real sussurrando enquanto roça no átrio de mármore. O som de contas tilintando segue em seu rastro.

Se ao menos ela soubesse a verdade sobre qualquer um deles.

Sobre o que fizemos.

Sobre o que somos.

Os corredores do palácio passam em um borrão de mármore branco e filigranas douradas enquanto seguimos a forma graciosa de minha mãe. Cada passo parece que estou caminhando através de água, sons abafados e distantes. Os sussurros suaves de tecido, o tilintar gentil de véus de contas, o eco de botas no chão polido—tudo parece vir de muito longe.

Cortesãos e servos se pressionam contra as paredes enquanto passamos, curvando-se profundamente. Seus sussurros nos seguem como fantasmas.

O príncipe voltou.

Depois de todo esse tempo...

Mas onde ele esteve?

O que aconteceu com ele?

Isso não pode ser real.

Mas o peso da presença do meu bando atrás de mim é inegável. O calor de seus corpos e a mistura familiar de seus cheiros de alguma forma me ancoram.

Eu me tornei dependente deles, parece.

Que aterrorizante.

"Então," Whiskey arrasta de algum lugar à minha esquerda, sua voz cortando a névoa em minha cabeça. Suas botas raspam no chão polido enquanto ele se aproxima. "Devemos chamá-lo de 'Sua Alteza' agora? Ou 'Vossa Graça'? Ou isso é só para ocasiões formais?"

Eu lhe lanço um olhar fulminante, mas ele apenas sorri aquele sorriso insuportável. "Eu vou te dissecar enquanto você dorme," eu murmuro, mas a brincadeira familiar ajuda, de uma forma estranha. Faz essa situação surreal parecer um pouco mais normal.

"Safado," Whiskey responde com um piscar de olhos.

A risada prateada de Valek ecoa de trás de nós. "Parece que meu apelido combina ainda melhor com ele do que eu pensava. Princesa Plague. Tem um certo charme, não?"

Ok.

Essa brincadeira familiar não ajuda em porra nenhuma.

Eu cerro meus dentes, lutando contra a vontade de explodir com os dois. Mas então eu vejo Ivy me observando, um leve sorriso em seus lábios. Um sorriso destinado a mim e a mais ninguém. Eu gostaria de poder dizer o que ela está pensando. Mesmo depois de todo esse tempo, ela ainda é um mistério para mim.

Mas aquele calor em seus olhos…

Ela confia em mim.

Mesmo agora.

Mesmo depois de tudo.

O pensamento envia uma dor pelo meu peito que não tem nada a ver com a pressão sufocante de estar de volta nestes corredores.

Um grupo de nobres passa por nós, suas vestes brancas sussurrando. Eles se curvam profundamente, mas eu pego o brilho de reconhecimento em seus olhos. A maneira como eles olham. A mão de uma mulher voa para a boca, abafando um suspiro.

Eles se lembram de mim.

Lembram do príncipe que fugiu na noite, deixando o caos em seu rastro.

A rainha nos leva mais fundo no palácio, passando por arcos delicados e fontes fluindo que não mudaram na década em que estive fora. As mesmas esculturas incrivelmente intrincadas revestem as paredes, contando histórias antigas em ouro e madrepérola. O mesmo incenso doce queima em incensários de latão ornamentados, enchendo o ar com memórias que passei anos tentando esquecer.

"Temos muito a discutir," minha mãe diz, sua voz carregando aquela neutralidade cuidadosa que eu lembro tão bem. "Mas primeiro, seu bando precisa descansar. A tripulação do trem me informou que todos vocês pareciam desgastados, e temo que isso tenha sido um eufemismo." Seu olhar percorre-os criticamente. "Sem mencionar roupas adequadas."

Thane olha para seu peito nu, parecendo perceber pela primeira vez que estamos todos seminus, nossas roupas há muito sacrificadas para manter nossa ômega aquecida.

"Ei, somos soldados, não realeza," Whiskey murmura, cruzando os braços sobre o peito largo. "Tínhamos outras coisas com que nos preocupar."

Thane cutuca ele no lado. "Mostre algum respeito," ele rosna.

Mas a risada de minha mãe tilinta como sinos de prata. "Oh, eu gosto muito deles, Hamsa. Eles são exatamente o que você precisava."

O uso do meu nome real envia outro choque através de mim. Eu não o ouvia falar em voz alta há tanto tempo, que quase esqueci como soa. Quase me convenci de que eu era apenas Plague. O Ghost frio que eu criei.

Mas aqui, nestes corredores brancos com sua beleza impossível e o peso esmagador da memória, aquela fachada cuidadosa está desmoronando.

"Seus aposentos foram mantidos," minha mãe continua enquanto nos aproximamos de um corredor familiar. As palavras me atingem

como um golpe físico. "Embora você possa preferir ficar com seu bando na ala dos convidados—"

"A ala dos convidados," eu digo rapidamente.

Rápido demais.

"O que tem nos seus 'aposentos'?" Whiskey pergunta imediatamente, animando-se como um cão farejando. Ele pode ser um idiota, mas nenhuma maldita coisa passa por ele. "Eu quero ver—"

"*Não*," eu digo bruscamente.

A palavra ecoa nas paredes de mármore, mais áspera do que eu pretendia. Vários servos próximos se encolhem.

Todos olham para mim.

"O que você está escondendo lá?" Whiskey pressiona.

Ele nunca consegue parar, não é?

"Nada," eu sibilo. "Eu só não quero suas patas sujas em minhas coisas."

Whiskey resmunga. "Você com certeza queria--"

Eu lhe lanço um olhar mortal. Julgando pela maneira como ele fecha a boca por uma vez, ele está se perguntando se eu vou derramar seu sangue por todo esse chão bonito e imaculado.

Bom.

"A ala dos convidados será suficiente," a rainha diz suavemente, parecendo alheia enquanto segue naquela direção. Suas vestes sussurram contra o chão enquanto ela muda de direção.

Eu sigo atrás dela sem perder mais um momento sendo arrastado para mais besteiras com Whiskey. Ainda não sei o que diabos fazer com tudo o que está acontecendo entre nós, mas ter *ele* aqui quando cada corredor parece assombrado pelo fantasma de Adiir não está ajudando meus nervos.

Não quando eu sei o que meu pai pensaria.

Isso se ele ainda estiver vivo. É estranho que minha mãe esteja sozinha. Nossa sociedade valoriza e reverencia ômegas tanto que não é totalmente incomum que ela esteja longe do rei, mas se ela sabia que estávamos vindo...

Onde ele está?

A culpa me atravessa quando percebo que estou esperançoso.

Especialmente agora que sei como é ter um companheiro. O terror avassalador que surge ao pensar que algo pode acontecer com ela. Meu pai não é um pai gentil ou amoroso de forma alguma, mas ele é o companheiro de minha mãe, e ela o ama apesar de suas falhas.

Se algo aconteceu com ele, aconteceu enquanto eu estava longe.

Merda.

Minha mente trabalha horas extras enquanto continuamos caminhando. Cada passo parece que estou caminhando através de melaço, meus pés incrivelmente pesados contra o chão de mármore polido. Eu me concentro no ritmo constante das botas atrás de mim. Nos pés descalços de Ivy pisando silenciosamente na pedra. Em qualquer coisa, menos no peso da memória pressionando sobre mim.

Meu bando.

O pensamento ainda parece estranho, estrangeiro. Como vestir roupas que não cabem direito. Eu nunca quis me apegar. Nunca quis deixar ninguém se aproximar novamente.

Mas aqui estamos.

E aqui estou eu, levando-os direto para o coração de tudo que eu fugi.

CAPíTULO

VINTE

IVY



Minha mente gira enquanto seguimos a rainha por mais um conjunto de arcos impossivelmente ornamentados. Cada revelação sobre Plague—sobre *Hamsa*—parece mais uma peça de um quebra-cabeça sobre o qual eu tenho refletido há tanto tempo.

Plague é um príncipe.

Um maldito *príncipe*.

A ala dos hóspedes se desdobra diante de nós em uma sinfonia de branco e dourado. Tapeçarias delicadas tremulam contra as paredes, seus fios captando a luz como metal líquido. O brilho quente das lanternas de latão projeta prismas dançantes sobre os padrões geométricos intrincados esculpidos no teto.

Tudo é tão imaculado, tão perfeito.

Intocado pela guerra.

Eu nunca soube que lugares como este existiam. E, a julgar pela maneira cautelosa como Thane, Whiskey, Wraith e Valek olham ao redor, tensos e nervosos, não sou o único.

Um grupo de atendentes surge de alcovas que eu nem havia notado, suas vestes brancas sussurrando enquanto se curvam profundamente. Eles carregam pilhas de roupas que parecem mais macias do que qualquer coisa que eu já tenha tocado, e suprimentos médicos que brilham com precisão cirúrgica.

"Por favor," diz uma delas, sua voz suave e preocupada sob o véu. "Deixe-nos cuidar de suas feridas."

Meus alfas trocam olhares cautelosos. Mesmo depois de tudo pelo que passamos, aceitar ajuda de estranhos não é fácil para nenhum de nós. Mas o cansaço e a dor superam a paranoia, e um por um, eles permitem ser guiados para bancos acolchoados.

Eu observo enquanto mãos gentis começam a limpar e costurar os diversos cortes e feridas que acumulamos. Os atendentes trabalham com eficiência praticada, seus movimentos fluidos e precisos. Uma delas se aproxima de mim com uma tigela de água morna e perfumada com ervas, e panos limpos.

"Posso?" ela pergunta suavemente.

Eu aceno com a cabeça, embora todos os meus instintos gritem para eu me afastar quando seus dedos tocam minha pele. Ela trabalha rapidamente, limpando a sujeira do meu rosto e braços. A água cintilante fica marrom turva. Quando ela me pede para remover meu robe, fico mais relutante. Não gosto de ficar nu perto de estranhos.

Mas minha necessidade de me lavar e me sentir limpo novamente supera o desconforto. Eu tiro o robe e deixo ela me esfregar, tentando não pensar muito nisso.

Um rosnado baixo de Wraith chama minha atenção. Ele se encolheu em um canto, seu corpo enorme curvado para dentro enquanto vários atendentes pairaram por perto com suprimentos médicos. Um ronco contínuo vibra em seu peito.

Sem pensar, eu me levanto e vou até o lado dele.

Seus olhos azuis se voltam para mim.

"Está tudo bem," eu murmuro, sentando no banco ao lado dele. Minha mão encontra seu braço, sentindo os músculos tensionados sob sua pele. "Eles só querem ajudar."

O rosnado de Wraith se aprofunda. Eu acaricio seu braço calmamente, tentando projetar uma calma que não sinto completamente.

"Por favor, deixe-nos pelo menos olhar para esse corte," murmura uma das atendentes, seu véu balançando enquanto ela gesticula para o ferimento profundo no lado de Wraith.

Eu sinto os músculos de Wraith tensionarem sob minha mão, prontos para fugir. Sua respiração acelera, o peito subindo e descendo em rajadas curtas. Ele está tendo flashbacks de quando foi experimentado?

"Estou aqui," eu sussurro, apertando seu braço.

Ele vira o rosto com outro rosnado, mas permite que a atendente olhe para o ferimento ensanguentado. Ela emite um som suave de preocupação. "Isso precisa de uma limpeza adequada e pontos." Ela pega seus suprimentos, movimentos cuidadosos e precisos. "O risco de infecção—"

Wraith se encolhe quando ela o toca. Eu não o culpo. Não depois do que eu sei sobre seu passado.

"Shh," eu acalmo, apertando seu braço. "Eles não são como os outros."

Seus olhos azuis encontram os meus, cheios de um terror feral que eu sei que pode se transformar em agressão se ele for pressionado o suficiente. Mas ele não se afasta enquanto a atendente começa a limpar o ferimento com uma toalha macia que cheira a ervas. Eu posso sentir ele tremendo pelo esforço de ficar parado.

"Pronto," a atendente diz suavemente. "Não foi tão ruim, foi?"

"*Ai*! Porra!" O grito de dor de Whiskey ecoa pela ala dos hóspedes, chamando imediatamente a atenção de Wraith. A cabeça do alfa feral se levanta e seus olhos se fixam em Whiskey. "Cuidado com essas agulhas, pode ser?"

Eu olho para ver o alfa enorme fazendo caretas em seu banco acolchoado enquanto uma atendente tenta costurar um corte profundo em seu ombro. Seu corpo enorme diminui a pobre mulher, que de alguma forma mantém a compostura apesar de seus constantes movimentos.

"Se você pudesse ficar parado, hóspede honrado, isso seria muito mais fácil," ela diz com infinita paciência, seu véu balançando enquanto trabalha.

"Eu estou parado," Whiskey resmunga. "Você está me esfaqueando de propósito."

"Sim, esse é o objetivo dos pontos," a atendente diz secamente. "Talvez se você falasse menos, seria mais fácil para nós dois."

A risada áspera de Valek ecoa de seu próprio banco. "Ela te entendeu, brutamontes."

"Cala a boca," Whiskey rosna. "Pelo menos eu não estou vendo coisas."

"Eu não estou vendo coisas, estou vendo pássaros," Valek responde simplesmente.

Eu seguro um sorriso enquanto Whiskey começa outra rodada de xingamentos criativos. As brigas familiares ajudam a aliviar parte da tensão enrolada no meu estômago.

É quase... normal.

Tão normal quanto qualquer coisa pode ser neste lugar impossível.

Wraith se tensiona novamente quando a atendente começa a costurar seu ferimento. Sua mandíbula se contrai sob o lenço branco, mas ele fica parado. Eu passo meu polegar sobre seus nós dos dedos cicatrizados, oferecendo o conforto que posso.

"Filho da *puta*!" Whiskey rosna. "Esse definitivamente não foi necessário!"

"Minhas mais profundas desculpas," sua atendente diz serenamente.

Até Thane solta um sorriso com isso, embora rapidamente volte sua expressão para a neutralidade severa. Ele está lidando com seu próprio tratamento com graça estoica, quase não se encolhendo enquanto uma atendente limpa um corte feio acima de seu olho.

Minha atenção se volta para Plague, que está afastado de todos, olhando para fora de uma das janelas em arco. Ele não disse uma palavra desde que entramos na ala dos hóspedes. O peso de seus segredos paira pesado no ar, fazendo o espaço entre nós parecer vasto, apesar do quarto relativamente pequeno.

A rainha está ao lado dele, mas também não está falando. Eles estão apenas parados juntos em um silêncio companheiro, olhando para o reino. Embora de vez em quando, ela olhe para ele, o fantasma de um sorriso em seus lábios.

Ela claramente não está planejando executá-lo.

Ótimo.

Então eu não vou ter que me tornar um assassino.

Uma inspiração afiada traz meu foco de volta para Wraith. A atendente que o ajuda parou, seus olhos fixos onde o lenço dele deslizou levemente, revelando mais de seu rosto do que ele normalmente permite que alguém veja.

"Oh," ela respira suavemente. "Isso parece doloroso. Você deixaria eu dar uma olhada?"

O corpo inteiro de Wraith fica rígido. Ele balança a cabeça firmemente, uma mão subindo para ajustar o lenço de volta no lugar.

"Por favor," ela insiste gentilmente. "Podemos ser capazes de ajudar."

Seus olhos azuis se voltam para os meus, cheios de incerteza e pânico mal escondido. Eu aperto sua mão tranquilizadoramente.

"Está tudo bem," eu murmuro.

Ele me olha por um longo momento, músculos tensionados sob minha mão. Então, com uma lentidão agonizante, ele levanta a mão e puxa o lenço para baixo do rosto, incapaz de encontrar o olhar preocupado da atendente.

A atendente não consegue esconder completamente uma careta, mas não há horror em sua expressão. Apenas uma profunda simpatia enquanto ela observa a extensão total de sua desfiguração. Os dentes afiados expostos e os tendões. As marcas profundas de tecido cicatricial.

"Posso?" ela pergunta suavemente, sua mão pairando perto de seu rosto.

A respiração de Wraith acelera, mas ele dá um aceno brusco. Seus dedos tocam suavemente suas cicatrizes com uma gentileza impossível, mapeando os danos. "Isso dói?"

Ele encolhe os ombros, mas eu posso sentir ele tremendo. Posso ver a maneira como ele range os dentes afiados mesmo com seu toque leve. Não é só que ele odeia ser visto, também. Ele claramente está com dor.

Suas mãos se movem em sinais agitados e afiados.

Ninguém tenta consertar. Deixe como está.

"Ele diz que não quer que ninguém faça nada em seu rosto," eu traduzo, mantendo minha voz suave. "E ele tem problemas com medicamentos como anestesia também."

A atendente acena com a cabeça, retirando a mão. "Para ser honesta, não poderíamos reparar completamente danos tão extensos mesmo se isso não fosse um problema. Algumas coisas estão além de nossas habilidades." Ela pausa, considerando. "Mas poderíamos suavizar as cicatrizes com terapia a laser," ela diz para ele. "Não seria invasivo e ajudaria com a dor, se você estiver interessado."

Wraith começa a balançar a cabeça, então hesita, seus olhos azuis duros piscando para mim enquanto ele puxa o lenço de volta. Seu olhar suaviza um pouco. Não muito, mas um pouco.

Talvez, ele sinaliza com clara relutância.

Eu solto um suspiro de alívio. Eu amo Wraith completamente. Não me importo com sua aparência. Nunca importou antes, e não importa agora. Mas me importa que ele esteja com dor.

Os olhos da atendente se apertam com compreensão. "Não há pressa para decidir. A oferta permanece sempre que você estiver pronto." Ela volta a terminar os pontos em seu lado, deixando o assunto de lado.

Eu me aproximo, pressionando minha testa contra seu ombro. Seu braço se levanta para me envolver automaticamente, e eu sinto parte da tensão deixando seu corpo. Seja por alívio por ela ter parado de pressionar sobre seu rosto ou pelo conforto do meu toque, não tenho certeza.

Provavelmente ambos.

Outro grito agudo de Whiskey quebra o momento. "Chega! Eu vou fazer meus próprios malditos pontos."

"Como desejar," sua atendente diz serenamente, embora não faça nenhum movimento para entregar sua agulha. "Embora eu deva avisar, o último paciente que tentou isso acabou costurando os próprios dedos."

Até o peito de Wraith ronca com uma risada silenciosa.

Valek está surpreendentemente bem-comportado enquanto as atendentes examinam sua cabeça e a parte de trás de seu pescoço.

Na verdade, ele parece estar gostando das cutucadas e espetadas, um sorriso preguiçoso curvando seus lábios, embora uma delas esteja enfiando o dedo no corte na parte de trás de seu pescoço.

A atendente que verifica seu couro cabeludo lhe dá um olhar cauteloso. "Você está bem?" ela pergunta hesitante, como se não tivesse certeza se queria saber.

"Ele não está bem. Isso é horrível," diz a que está cutucando seu pescoço. "Eles o marcaram como um cachorro. Olha, ainda há fibras entrelaçadas em sua coluna vertebral." Ela mostra para a outra atendente, que se inclina para examinar o ferimento. "Quem faria algo assim com outra pessoa?"

"Prática comum em Fucklandia," Valek diz suavemente.

As atendentes trocam olhares horrorizados. Uma delas rapidamente prepara algum tipo de solução enquanto a outra começa a extrair cuidadosamente as fibras embutidas. Cada vez que ela puxa uma, os ombros de Valek se tensionam levemente e seu rosto se contrai.

"Não é de admirar que ele seja tão estranho," a outra atendente murmura. "Os químicos nas fibras quebradas provavelmente estavam envenenando ele."

"Drogas também," Valek acrescenta. "E alguns ferimentos na cabeça."

"Ele sempre foi estranho," eu digo. "Mas isso explica por que ele está agindo de forma tão estranha? Ele tem estado mais estranho do que o normal ultimamente, e isso já é dizer muito."

"Pode ser," uma das atendentes pondera. "Mas houve ferimentos na cabeça?"

"Alguns," eu digo secamente.

Elas não precisam saber quem deu o primeiro.

Ele está tentando tanto manter sua pose habitual de superioridade, mas eu posso ver as rachaduras em sua máscara. A maneira como seus olhos prateados se movem pela sala como um animal encurralado. O leve tremor em suas mãos enquanto ele segura a borda do banco acolchoado.

Eu ainda estou tão bravo com ele.

Além de bravo, na verdade.

E eu sei que ele não merece ser confortado depois de tudo o que ele fez. Depois de trair o bando. Me trair. Colocar todos nós no inferno. Quase nos matar.

Mas eu me levanto mesmo assim e vou até ele.

Eu sento no banco ao seu lado e envolvo sua mão com a minha. Tanto quanto posso, de qualquer forma. Ele pode ser mais magro que Thane, Wraith e Whiskey, mas suas mãos ainda são enormes e fortes.

O sorriso de Valek se volta para mim e eu tenho que lutar para não ficar furioso com a inclinação arrogante de seus lábios. A única razão pela qual eu ganho essa pequena batalha é porque eu sei que seu ato de idiota é principalmente só isso. Um ato.

"O que é isso, pequeno ômega?" ele purra. "Você já me perdoou?"

"Não," eu digo secamente.

Ele parece querer dizer algo que vai mudar minha mente sobre oferecer algum conforto, mas para minha surpresa, ele se segura. Acho que até Valek é capaz de aprender coisas novas.

Whiskey ri do outro lado da sala. "Eu também poderia ter usado um pouco de apoio, sabia," ele diz. "E eu não sequestrei ninguém nem ferrei com todos nós."

"Eu vou segurar sua mão depois," eu prometo a ele.

"Já é um pouco tarde," Whiskey resmunga.

"Suas pupilas ainda estão extremamente dilatadas," a primeira atendente observa para Valek, trazendo minha atenção de volta para ele enquanto ela inclina seu rosto para examinar seus olhos com uma luz de caneta. "O que quer que tenham dado a você era bastante potente. Posso te dar algo para ajudar a limpar isso do seu sistema, se quiser?"

A garganta de Valek se move enquanto ele engole. "Isso seria... apreciado."

Ela prepara uma injeção com eficiência praticada, e eu noto como Valek deliberadamente desvia o olhar quando ela a administra. Eu aperto sua mão.

Interessante.

O psicopata destemido não gosta de agulhas.

"Pronto," ela diz suavemente. "Os efeitos devem começar a reverter dentro de uma hora. Embora você possa sentir algum desconforto enquanto as drogas saem do seu sistema."

"Maravilhoso," Valek murmura. "Eu adoro uma boa abstinência."

Eu não deveria sentir pena dele. Eu realmente não deveria. Mas vê-lo tentar manter suas paredes cuidadosamente construídas enquanto esses estranhos cuidam das evidências de seu próprio trauma...

É pelo menos mais difícil odiá-lo do que era uma hora atrás.

Ainda vou fazer ele trabalhar por isso, no entanto.

As atendentes estão terminando com Valek quando a rainha retorna à ala dos hóspedes. Eu nem havia notado que ela havia saído. A maneira como ela se move me lembra de Plague. De *Hamsa*. Aquela mesma graça fluida que sempre o fez parecer de outro mundo.

"Assim que todos tiverem a chance de descansar," ela diz, sua voz musical ecoando facilmente pela sala, "eu ficaria honrada se vocês se juntassem a mim para o jantar no salão real. Hoje à noite, é claro, não tão cedo."

Meu estômago dá uma reviravolta nervosa.

Salão real.

Eu sou um ômega feral.

Eu não pertenço a um palácio.

"Se a comida e a bebida forem como as que tivemos no trem," Whiskey diz ansioso, "nós não perderíamos por nada."

Os olhos da rainha se aquecem um pouco. "Acredito que vocês acharão nossa hospitalidade bastante satisfatória aqui também," ela diz. Então seu olhar se volta para seu filho, suavizando ainda mais. "Temos muito a discutir, mas pode esperar até que seu bando se recupere. Afinal, temos tempo agora, não é, Hamsa?"

Ele se tensiona levemente com o uso de seu nome real. Mas ele inclina a cabeça em uma leve reverência. "Sim."

As pontas de seus dedos tocam levemente seu braço enquanto ela se vira, suas vestes brancas imaculadas sussurrando no mármore. Então ela desliza para fora da sala e as atendentes a seguem, levando os suprimentos usados com elas.

No momento em que a porta se fecha atrás dela, todos se voltam para Plague.

"Cara, eu quero malditas respostas, e eu as quero agora," Whiskey diz, gesticulando. "Você é um maldito *príncipe* e nunca pensou em mencionar isso?"

"Quando exatamente eu deveria ter mencionado isso?" Plague pergunta secamente. "Durante tiroteios? Briefings de missão? Hora do chá?"

"Nós não temos hora do chá," Whiskey resmunga. "Porra, se *hora do chá* é o que você estava sentindo falta, não é de admirar que você reclame de ter que se contentar com cerveja e água e—"

"Cala a boca," Thane corta, sua voz profunda carregando aquele tom de comando que geralmente faz todos se alinharem. "O que eu quero saber é por que você fugiu. O que aconteceu que fez um príncipe abandonar tudo e se juntar a um bando de assassinos?"

Eu observo Plague cuidadosamente, notando como seus dedos tamborilam em sua coxa. Aquele tique nervoso que eu notei antes. Parece que ele está muito mais nervoso do que o normal ultimamente.

"É complicado," ele diz tensamente.

"Descomplique," Valek diz de seu banco. "Temos tempo."

Os olhos pálidos de Plague brilham perigosamente. "Não, não temos. O que temos são algumas horas para descansar antes de jantar com a rainha de Surhiira. Minha mãe. Sugiro que todos usem esse tempo sabiamente."

"Besteira," Whiskey rosna. "Você não pode jogar essa bomba em nós e depois simplesmente—"

"Eu posso fazer o que eu bem entender," Plague rosna.

A temperatura na sala parece cair vários graus. Eu nunca o ouvi falar assim antes. Nunca vi esse lado dele. Mas por trás da raiva fria, eu capto algo mais em sua voz.

Medo.

"Plague," eu digo suavemente, chamando sua atenção. Eu me aproximo dele, mas ele se encolhe mesmo que eu não esteja nem perto o suficiente para tocá-lo. Os outros ficam em silêncio, nos observando. "Nós só estamos preocupados com você."

Sua expressão suaviza um pouco quando ele encontra meu olhar. "Não esteja," ele diz, mas há uma gentileza em sua voz que não estava lá um momento atrás. "Eu te disse antes. Você pode confiar em mim."

"Mas você não confia em nós," Thane diz secamente.

"Eu confio em vocês com minha vida," Plague responde. "Eu confio em vocês com a vida *dela*. Mas isso..." Ele gesticula vagamente para nossos arredores opulentos. "Isso é algo completamente diferente."

"Do que você tem medo?" eu pergunto calmamente.

A pergunta parece pegá-lo de surpresa. Por um momento, uma vulnerabilidade crua brilha em seus traços. Então suas paredes voltam a se erguer.

"Descanse um pouco," ele diz, se virando. "Você vai precisar para esta noite."

Bem, *isso* não é nada ameaçador.

Ele caminha em direção a um dos arcos que levam mais fundo na ala dos hóspedes, seus movimentos precisos e controlados. Mas eu pego o leve tremor em suas mãos, a tensão em seus ombros.

Ele está em pânico.

E eu preciso descobrir o porquê.

CAPíTULO

VINTE E UM

PESTE



Eu não posso ficar na ala dos hóspedes.

Não com todos aqueles olhos em cima de mim.

Não com suas perguntas ardentes pairando no ar como adagas prestes a cair. E quem pode culpá-los? Eu menti para eles por anos. Droga, eu até estava começando a acreditar na minha própria mentira.

Eu praticamente esqueci quem eu realmente sou.

Meus pés me levam por corredores familiares. Passando por servidores sussurrantes e cortesãos curvados. Subindo escadas sinuosas e passando por arcos dourados até que eu chego à porta que jurei nunca mais cruzar.

Meus aposentos.

A fechadura se abre ao meu toque, reconhecendo-me mesmo depois de todos esses anos. Dentro, nada mudou. O mesmo chão de mármore branco brilha sob minhas botas. As mesmas cortinas de gaze flutuam na brisa que vem da varanda aberta. Os mesmos textos médicos proibidos enfileiram-se nas prateleiras, suas lombadas rachadas e gastas de tantas noites de estudo secreto.

Eles mantiveram tudo perfeitamente.

Como um túmulo.

Como se estivessem esperando que um fantasma voltasse.

O aroma de jasmim flutua pelas portas da varanda, e de repente eu estou de volta aos jardins. Os lábios de Adiir nos meus. Suas

mãos no meu cabelo. O jeito que ele me olhava como se eu fosse algo sagrado, logo antes de eu—

Um enjoo sobe na minha garganta.

Eu assassinei meu melhor amigo.

Mesmo que ele estivesse tentando me prender. Mesmo que ele tivesse traído tudo entre nós. Mesmo que ele estivesse prestes a me expor para... para quem? Eu ainda não sei quem estava observando através daquela lente. Ainda não sei quem ordenou que ele gravasse nosso momento de fraqueza.

Foi o pai dele?

Ele sempre me odiou.

Minhas mãos tremem enquanto pego um frasco de vidro delicado da minha antiga bancada. O líquido âmbar dentro dele capta a luz, me lembrando de todas as horas que passei aqui, estudando artes de cura que eu não deveria tocar. Brincando de ser algo que eu nunca poderia ser.

Agora olhe para mim.

Um curandeiro, afinal.

Apenas mais uma traição de tudo o que eu deveria ser.

"Foi aqui que você cresceu?"

Eu me viro rapidamente, e o frasco escapa dos meus dedos. Ivy o pega com uma graça impossível, seus olhos oceânicos estudando o conteúdo antes de colocá-lo cuidadosamente de volta na bancada. Ela parece etérea em seu robe branco de Surhiiran, como se pertencesse mais a este lugar do que eu jamais pertenci.

"Você não deveria estar aqui," eu digo com aspereza, mas não consigo desviar o olhar dela.

"Você também não, pelo jeito que está tremendo."

Minha risada é amarga. "Eu não deveria estar *em lugar nenhum*."

Ela se aproxima, e eu luto contra o impulso de recuar. De manter a distância cuidadosa que passei anos aperfeiçoando. Mas estou tão cansado de fugir.

Tão cansado de me esconder.

"Conte-me," ela diz suavemente.

"Você não pode entender," eu digo com aspereza, mas minha habitual frieza clínica está se desfazendo. "O que eu fiz... quem eu

era..."

"Tente."

Sua voz é suave, mas há aço por trás dela.

Algo dentro de mim se quebra. Talvez seja a compreensão gentil em seu olhar. Talvez seja o peso dos segredos que carreguei por tanto tempo.

Ou talvez eu esteja apenas cansado de fugir.

"O nome dele era Adiir." As palavras arranham minha garganta como vidro quebrado. "Nós crescemos juntos. Ele era... tudo para mim."

Ivy se acomoda no banco da janela, seu robe branco se espalhando ao seu redor como luz de lua líquida. Ela não fala, apenas me observa com aqueles olhos que veem demais. O silêncio se estende entre nós como uma coisa viva.

"Em Surhiira, alfas não..." Eu passo uma mão pelo cabelo, agitado. "Não é apenas malvisto. É proibido. Especialmente entre nobres. Especialmente para um príncipe." Uma risada amarga escapa de mim. "Mas eu o amei mesmo assim. O amei desde que éramos crianças, embora nunca tivesse coragem de dizer."

As palavras saem agora, como água rompendo uma barragem. "Ele era o filho do Comandante da Guarda Real. Nós crescemos juntos. Ele me entendia de uma forma que ninguém mais entendia. Quando eu me infiltrava nos arquivos para estudar textos médicos, ele ficava de guarda. Quando eu reclamava das tradições rígidas que estavam me sufocando, ele ouvia."

Eu percorro o comprimento dos meus antigos aposentos, incapaz de ficar parado. "Eu sabia que ele não sentia o mesmo. Não podia. Mas naquela noite nos jardins..." Minhas mãos se fecham em punhos. "Ele me beijou. Quando ele me tocou como eu havia sonhado por tanto tempo, eu esqueci tudo o mais. Toda regra, toda tradição, toda consequência."

A memória de seus lábios nos meus, suas mãos no meu cabelo, envia uma nova onda de náusea por mim. "Mas era tudo uma mentira. Ele tinha um dispositivo de gravação escondido em seu broche. Ele ia me expor. Destruir tudo." Minha voz cai para um sussurro. "Então eu o destruí primeiro."

A respiração ofegante de Ivy me faz estremecer. Lá vem. O nojo. A rejeição. Mas quando eu ouso olhar para ela, há apenas compreensão em seu olhar.

"Eu o assassinei," eu me forço a continuar. "Esmaguei sua garganta com minhas próprias mãos. As mãos que passei anos treinando para curar, não para machucar. Então eu fugi. Não consegui enfrentar a decepção da minha mãe. A raiva do meu pai. Então eu me tornei outra pessoa. Me tornei Peste."

A confissão paira no ar entre nós, pesada com o peso de uma década de culpa. Não consigo mais olhar para Ivy, não suporto ver o momento em que a compreensão se transforma em repulsa. Em vez disso, eu olho para a cidade branca e reluzente que se estende abaixo dos meus antigos aposentos.

"A pior parte?" Minha risada é vazia, amarga. "Eu me tornei exatamente o que eu sempre quis ser. Um curandeiro. A coisa que me foi proibida porque eu nasci para *isso*." Eu gesticulo para o quarto opulento, para a evidência de uma vida que tentei deixar para trás. "O caminho foi traçado para mim antes mesmo de eu respirar pela primeira vez, mesmo que eu seja o mais novo de três. A sobra da sobra."

Meus dedos encontram a lombada de um dos meus antigos textos médicos, traçando o couro gasto. "Eu costumava esconder esses livros, escondê-los debaixo da minha cama. Estudá-los à luz de velas quando todos pensavam que eu estava dormindo. E agora..." Outra risada quebrada escapa de mim. "Agora eu sou exatamente o que nunca me foi permitido ser. Apenas mais uma traição para adicionar à lista."

O silêncio se estende. Eu espero por suas perguntas sobre meus irmãos, sobre por que eles não apareceram para nos receber. Sobre onde está meu pai. Mas elas não vêm. Ela apenas me observa.

"Minha mãe não disse nada sobre meu pai. Sobre o rei," eu continuo, as palavras fluindo livremente agora. "Ou meus irmãos. E eu tenho medo de perguntar. Medo de saber se..." Eu engulo seco. "Se algo aconteceu enquanto eu estava fora. Se eu os abandonei quando precisavam de mim."

Minhas mãos não param de tremer. Eu as cerro em punhos, as unhas cavando nas palmas. "Eu fico pensando no que vamos discutir depois do jantar. No que ela vai me contar. Sobre quem ainda está..." Eu não consigo terminar a frase.

"Você não tem que enfrentar isso sozinho," Ivy diz suavemente.

A gentileza em sua voz quase me quebra. Eu me viro para ela, subitamente furioso. Não com ela—nunca com ela—mas comigo mesmo.

Com a situação.

Com tudo.

"Você não entende?" Eu exijo. "Eu sou um assassino. Um covarde. Eu matei meu melhor amigo e fugi de tudo em vez de enfrentar as consequências. Eu traí minha família, minha posição, tudo o que eu deveria ser. E então eu me tornei a única coisa que me foi proibida, como se fosse um desafio a todos."

Ela se levanta do banco da janela, se movendo em minha direção com aquela graça silenciosa que sempre me pega desprevenido. Eu recuo até bater na minha antiga bancada. Frascos chocalham atrás de mim.

"Pare," eu aviso. "Não... não tente me confortar. Eu não mereço isso. Nada disso. Essa segunda chance que eu nunca ganhei. Eu especialmente não mereço *você*."

Mas ela não para. Ela estende a mão para a minha—uma mão manchada com o sangue de inúmeros fantasmas—e eu me afasto.

"Essas mãos salvaram vidas," ela diz com firmeza. "Eu te vi reconstruir nossa matilha vez após vez. Te vi curar em vez de machucar. É isso que você é agora."

"Você não sabe o que eu fiz. As vidas que tirei como um Fantasma—"

"Eu sei exatamente o que você fez." Ela agarra minha mão antes que eu possa me afastar novamente. "Eu te vi no seu pior e no seu melhor. Todos nós vimos. E ainda estamos aqui."

Eu olho para onde seus pequenos dedos envolvem os meus. O contraste é gritante. "Você deveria fugir," eu sussurro. "Todos vocês. Antes que eu destrua tudo de novo. Antes que—"

"Nós não vamos a lugar nenhum." Ela aperta minha mão. "O passado não define quem você é agora. O que aconteceu foi trágico, mas você era jovem e assustado e encurralado. Ele te traiu primeiro."

"Isso não justifica nada. Eu poderia ter apenas dominado—"

"Não," ela concorda. "Mas explica. E você passou todos os dias desde então tentando se redimir lutando por um mundo melhor. Protegendo em vez de destruir."

As lágrimas que eu segurei por uma década queimam atrás dos meus olhos. "Foi tudo em vão," eu digo roucamente.

"Você não sabia que o Conselho era corrupto," ela diz, estendendo a mão livre e acariciando meu rosto. "Você fez o seu melhor. Isso tem que ser suficiente, Hamsa."

O som do meu verdadeiro nome em seus lábios quebra algo dentro de mim. Uma barragem que passei uma década construindo desmorona em um instante. Meus joelhos cedem e eu caio no chão, arrastando-a comigo porque não consigo soltar sua mão. *Não vou* soltar. Ela é a única coisa que me ancora à realidade enquanto as paredes cuidadosamente construídas atrás das quais me escondi desmoronam.

"Eu não mereço perdão," eu engasgo, as palavras rasgando minha garganta. "Eu deixei que eles pensassem qualquer horror que suas mentes criassem. Deixei minha mãe chorar sem saber se eu estava morto ou vivo. Deixei ela se perguntar o que fez de errado, quando a falha foi minha. Sempre minha."

Os braços de Ivy me envolvem, e eu deveria empurrá-la para longe. Deveria manter a distância que me manteve são todos esses anos. Mas eu não consigo. Em vez disso, eu enterro meu rosto em seu pescoço, respirando seu aroma de madressilva enquanto tremores sacodem meu corpo.

"E agora você está aqui," ela termina. "Conosco. Comigo."

Minhas mãos encontram sua cintura, apertando com força, mas eu não consigo soltar. "Eu destruo tudo," eu a aviso. "É o que eu faço. O que sempre fiz. Tudo o que eu toco vira cinzas."

Ela apenas me olha, aqueles olhos azul-esverdeados vendo através de todas as defesas que me restam. "Eu não tenho medo da

sua escuridão," ela diz simplesmente. "Eu tenho bastante da minha."

E de alguma forma isso me quebra mais do que qualquer outra coisa. Minha testa cai sobre a dela enquanto as últimas das minhas paredes desmoronam.

"Estou tão cansado," eu sussurro. "Tão cansado de fingir. De me esconder. De ser algo que não sou."

"Então pare," ela diz, como se fosse simples assim.

Como se uma década de controle cuidadoso pudesse simplesmente ser deixada de lado.

Como se eu não fosse desmoronar em milhões de pedaços se eu soltar.

Mas talvez eu já tenha desmoronado.

Um leve arrastar de botas no mármore me faz enrijecer, mas eu não me afasto de Ivy. Estou muito exposto, muito vulnerável. Deixe que vejam. Estou cansado demais para me esconder.

"Bem, merda." A voz rouca de Whiskey ecoa pelos meus aposentos. "Isso foi pesado."

Claro que ele ouviu tudo.

Claro que ele nos seguiu.

Eu deveria estar com raiva. Deveria mandá-lo sair. Mas os dedos de Ivy ainda estão entrelaçados com os meus, e de alguma forma isso faz com que seja... não exatamente ok, mas suportável.

"O que você quer?" Eu pergunto, minha voz ainda rouca.

"Só queria ter certeza de que você está bem." Ele muda o peso de um pé para o outro, as botas arrastando no chão novamente. "A gata selvagem está certa. Nós não vamos a lugar nenhum."

Uma risada amarga escapa de mim. "É *lugar nenhum*."

Whiskey ri. "Você está chorando no chão e ainda está me corrigindo. Acho que é um bom sinal de que você não desistiu completamente. Nós somos sua matilha, idiota. Lide com isso."

"Eu não estou *chorando*. Você não entende—"

"Não, *você* não entende." Seus olhos melados brilham com irritação quando eu olho para ele. "Nós nos importamos com você, imbecil. Todos nós. Alguns de nós... mais do que se importam, eu acho."

Eu levanto uma sobrancelha. "É mesmo?"

"Talvez tanto quanto a Ivy," ele diz cuidadosamente. "Isso responde sua pergunta?"

Calor inunda meu rosto.

"Isso é diferente," eu resmungo.

"Por causa do que aconteceu com aquele outro cara?" Whiskey ri. "Se você está confuso, eu não sou o Adiir. Eu nem pareço que meu nome poderia *ser* Adiir. Muito chique."

Isso me faz rir. "Não," eu admito. "Isso é verdade."

Ele sorri um pouco, mas não é o sorriso de sempre que eu já tive vontade de arrancar de seu rosto. Parece genuíno. Então ele suaviza em um sorriso.

"É Colt," ele diz.

Tudo o que posso fazer é encará-lo.

Ele acabou de nos contar seu nome?

Ivy está tendo a mesma realização, pelo jeito que ela também está olhando para ele. "Seu nome é Colt?" ela pergunta.

"Sim."

Eu pisco. "Tipo Colton?"

"NÃO. SÓ COLT."

Ivy mal consegue segurar uma risada.

Seu rosto fica vermelho. "Por que todo mundo sempre pergunta isso?" ele resmunga.

"Porque é uma suposição lógica," eu digo secamente. Parte do peso no meu peito diminui enquanto caímos na nossa brincadeira confortável de sempre. "Claro que seu nome é Colt. Combina com você."

"É um bom nome para um soldado," Ivy concorda.

"Ou para um cavalo teimoso," eu adiciono.

Ele ri, caminhando para se juntar a nós, suas botas pesadas no tapete. "É, bem, Hamsa combina com você também. Chique e pretensioso." Ele sorri. "Estava quase decepcionado que não era Eggbert, na verdade. Eu estava quase me apegando a esse nome."

"*O quê*?" Eu olho para ele. "Por que você pensaria isso?"

Ele encolhe os ombros largos. "Sei lá, cara, alguém te chamou disso uma vez e ficou. Pensei que era por isso que você tem tanto tema de pássaro. Tenho que admitir que foi difícil superar isso. Você

sabe como é difícil gozar quando pensa que o nome de alguém é Eggbert?"

Ah, pelo amor de Deus.

Deve ter sido o Valek.

"Eu não acredito que você estava pensando que meu nome era —" Eu me interrompo, balançando a cabeça. "Não, na verdade, eu acredito completamente nisso."

Ao meu lado, Ivy começa a rir. O som é contagioso, e logo eu também estou rindo. Rindo de verdade, pela segunda vez hoje. Mais do que eu ri em anos.

"O quê?" Whiskey exige. "Eu estou falando sério!"

"Você é um idiota," eu digo com afeto.

O calor que se espalha por mim me surpreende.

Quando foi a última vez que me senti tão... leve?

Tão sem defesas?

As risadas de Ivy diminuem para um zumbido contente enquanto ela se inclina contra meu ombro. Seu pequeno corpo se encaixa perfeitamente no meu, como se ela tivesse sido feita para estar ali. O pensamento me dá uma pontada inesperada.

Eu não mereço esse conforto gentil.

Não mereço nenhum dos dois.

Mas sou egoísta demais para afastá-los.

"Talvez," Whiskey admite com aquele sorriso insuportável. "Mas eu sou *seu* idiota agora. Sem voltar atrás, *Vossa Alteza*."

"Isso é uma ameaça ou uma promessa?" Eu pergunto.

"Ambos." Ele se senta ao nosso lado, seu peso fazendo o chão ranger sob o tapete. Seus olhos melados brilham com algo que parece perigosamente amor. Ele não pode *me amar*, não importa o que ele diga. Ele simplesmente não pode. Mas por um momento, eu deixo-me acreditar que ele ama. "Alguém tem que manter sua bunda real humilde."

"Eu garanto que isso não será necessário. Eu tenho humildade suficiente para me afogar agora."

"Bobagem," Whiskey diz. "Você é o cara mais arrogante que eu já conheci. E eu conheci *eu*."

Os ombros de Ivy tremem de riso silencioso. "Ele não está errado."

"Traído pela minha própria ômega," eu resmungo, mas não há calor nas palavras. Meu peito dói de como isso parece... normal. Sentado no chão dos meus antigos aposentos, cercado pelos fantasmas do meu passado, mas de alguma forma me sentindo mais presente do que em anos.

"Se acostume, Doutor." O joelho de Whiskey encosta no meu. O contato casual envia uma corrente elétrica por mim que eu tento desesperadamente ignorar. "Nós vamos te encher de porcaria por ser um príncipe secreto. Para sempre."

"Ah, alegria." Mas não consigo evitar o sorriso na minha voz.

A pequena mão de Ivy encontra a minha novamente, seus dedos se entrelaçando com os meus. O toque simples me ancora, me impede de cair de volta na escuridão que ameaça me engolir desde que chegamos.

"Você sabe o que isso significa, né?" Whiskey pergunta, seu tom assumindo aquele tom perigoso que geralmente precede algo incrivelmente estúpido.

Eu suspiro. "Estou com medo de perguntar."

"Você tem *aposentos*." Seu sorriso se torna malicioso. "Com uma *cama*. Uma cama real chique."

Calor inunda meu rosto. "Absolutamente não."

"Ah, vamos lá—"

"Nós não vamos profanar minha cama de infância, seu bárbaro absoluto."

Ivy faz um som engasgado que é meio riso, meio constrangimento. Mas não perco o jeito que seu cheiro muda de interesse.

Traidora.

"Sua perda," Whiskey diz com um suspiro exagerado. "Poderia ter sido divertido. Fazer novas memórias para expulsar as antigas e toda aquela merda filosófica."

As palavras me atingem mais forte do que eu esperava. Expulsar as antigas... não é isso que eu tenho tentado fazer na última

década? Fugindo dos meus fantasmas, me enterrando em violência e frieza clínica?

Mas talvez... talvez ele tenha um ponto.

Não sobre a cama—*absolutamente não* sobre a cama—mas sobre fazer novas memórias.

Melhores.

"Você está pensando demais de novo," Ivy murmura, apertando minha mão. "Eu praticamente consigo ouvir as engrenagens girando."

"Alguém tem que pensar nessa matilha," eu respondo automaticamente. "Deus sabe que não será ele."

"Ei!" Whiskey protesta. "Eu penso bastante. Na verdade, acabei de ter um pensamento bem profundo, não foi?"

"Realmente profundo." Mas não consigo evitar o carinho que entra na minha voz.

Ele sorri, claramente satisfeito por me fazer sorrir. A expressão transforma todo o seu rosto, suavizando as bordas duras do guerreiro em algo... mais doce. Mais vulnerável.

Quando foi que eu comecei a notar essas coisas?

Quando foi que eu comecei a me importar?

"A propósito," Whiskey diz, se inclinando como se fosse me contar um grande segredo. "Eu tenho quase certeza de que você tem uma *deusa*, não um senhor, ou qualquer outra coisa que você diga para fingir que é normal como o resto de nós."

"Realmente não importa," eu digo secamente. "Eu não sou religioso. Outra coisa que me faz a ovelha negra da família."

Embora minhas orações pareçam ter sido respondidas de qualquer maneira. Ivy está segura, afinal. E de alguma forma, contra todas as probabilidades, todos nós sobrevivemos.

Estranho.

"Nós devíamos voltar," Ivy diz relutantemente. "Antes que os outros venham nos procurar também."

Ela está certa. Claro que ela está certa. Mas eu não estou pronto para enfrentá-los ainda. Não estou pronto para deixar essa bolha estranha de paz que encontramos no último lugar que eu esperava encontrar.

Só mais alguns minutos.

"Eles podem esperar," Whiskey diz, como se estivesse lendo minha mente. Ele estica as pernas, se acomodando. "Tenho certeza que o Thane ainda está tendo uma crise existencial de qualquer maneira. O cara está dissociando desde a caverna."

O rosto de Ivy queima. "Eu prefiro não pensar nisso agora."

Whiskey olha para ela com um sorriso. "O quê? Está com aquela clareza pós-gozo depois que você chupou o Wraith na frente de todos nós?"

"Ômegas não *gozam*," ela sibila como se estivesse considerando arrancar algo mais valioso do que dedos.

Eu rio baixinho. "Talvez você pudesse reconfigurar o trauma dele com uma experiência melhor," eu ofereço. "Só os três de vocês. Sabe, os dentes afiados do Wraith poderiam fazer um encontro... *único*, se você for cuidadosa."

O doce aroma de madressilva enche o ar enquanto a excitação de Ivy aumenta com minhas palavras. Suas pupilas dilatam, aqueles olhos intensos escurecendo de interesse mesmo enquanto ela tenta manter seu olhar furioso em Whiskey.

Merda.

Talvez eu estivesse errado sobre a ideia horrível do Whiskey.

"Está ficando quente aí, Doutor?" A voz de Whiskey tem aquele tom perigoso que sempre faz meu sangue ferver. Seus olhos brilham de diversão enquanto ele se aproxima.

"Cala a boca," eu resmungo. "Nós não temos tempo de qualquer maneira."

"Talvez mais tarde," Ivy diz, beijando meu pescoço, sua voz sussurrando contra minha garganta.

"Eu conheço um lugar," eu murmuro.

"Bem," diz Whiskey, batendo as mãos nas coxas. "Antes que a gente fique todo excitado e comece a transar na frente dos seus brinquedos de infância, é melhor nos prepararmos para o banquete real. Nós não temos tempo para fazer o que eu quero fazer com vocês dois agora."

Eu rio apesar de mim mesmo. "Você tem um ponto."

Eu odeio quando ele está certo.

CAPíTULO

VINTE E DOIS

WRAITH



O cheiro forte de álcool ainda queima meu nariz.
Me lembra de...
Não.
Aqui é diferente.
Suas mãos eram gentis.
Não como *eles*.
Toque meu rosto através do lenço.
Sinta as bordas ásperas das cicatrizes.
Lugares irregulares onde o ácido comeu a carne.
A enfermeira disse que podiam ajudar com a dor.
Não sabia que ainda havia dor.
Me acostumei.
Como respirar.
Mas agora que ela mencionou...
Meu rosto dói.
Sempre lateja.
Às vezes dificulta pensar.
A enfermeira disse que podiam ajudar.
Não podem consertar, mas podem ajudar.
As cicatrizes poderiam ser menos horríveis.
Ivy me ama de qualquer maneira.
Ama o monstro que eu sou.
Mas talvez...

Talvez eu pudesse ser menos monstruoso.

Por ela.

Mesmo que ela odiasse que eu fizesse isso por ela.

Minha doce e feroz ômega.

Merece mais do que uma besta cicatrizada.

"Eles provavelmente estão fazendo um orgia sem nós," Valek fala embriagado.

Seus olhos prateados estão mais claros agora.

Menos turvos.

As drogas estão saindo do seu sistema.

Ele parece mais ele mesmo agora.

"Quero dizer, você *viu* como eles se olhavam?" Ele acena com a mão vagamente. "A princesa e o camponês e nossa pequena ômega..."

"Não é sua agora," Thane lembra ele.

Os olhos de Valek brilham com mágoa.

Com dor.

Não costumo ver Valek com dor.

Ele deveria saber que isso é culpa dele.

Uma prisão de sua própria criação.

Eu deveria matá-lo por isso também.

Mas não vou.

Ivy não iria querer isso.

Ela vai perdoá-lo.

Claro que vai.

Ela é tudo de bom e puro no mundo.

O único ponto de luz em um mundo escuro.

Mas ele é meu irmão.

O mesmo laboratório.

O mesmo sangue.

Estendo a mão.

Acaricio seu cabelo branco desajeitadamente.

Não sei por quê.

E não sei como ser gentil.

Posso ser muito rude.

Apenas parece certo.

Ele pisca para mim surpreso.
Então sorri aquele sorriso afiado como uma faca.
Mas está mais suave agora.
Mais real.
"Você está... *me acariciando*?" ele pergunta.
Encolho os ombros.
Continuo fazendo isso.
Seu cabelo é macio.
Como neve.
Ele se inclina para minha mão.
Thane nos observa do outro lado da sala.
Me dando um olhar estranho.
Sei por quê.
A caverna.
Ele tem agido estranho desde então.
Sinalizo para ele com uma mão livre.
Continuo acariciando Valek com a outra.
O que você acha deste lugar?
"É perfeito demais," Thane murmura. "Como uma armadilha feita de açúcar."
Armadilha bonita, no entanto.
Seus lábios se contraem.
Quase um sorriso.
"Sim. Bonita."
Não sei o que dizer sobre isso.
Não sou bom com palavras para começar.
Continuo acariciando o cabelo de Valek.
Ele ronrona.
Não gosto disso.
Mas sinto pena dele.
Não sei por quê, mas sinto.
Talvez porque eu entenda.
Acho que ele estava tentando salvar Ivy.
Do seu próprio jeito.
Um jeito ruim, mas o dele.
Sou uma besta, não um animal.

Posso conectar as coisas.
Posso observar.
Ele estava tentando libertá-la.
E ele removeu a coleira dela.
Isso me deixa feliz.
Eu não saberia como fazer isso.
Não sem machucá-la.
Ou eu teria feito antes.
Ele traiu o bando, mas não a Ivy.
Somos mais parecidos do que eu pensava.
Afinal, somos irmãos.
Continuo acariciando ele.
Continuo acariciando meu novo irmão.
Ele se inclina em mim, ainda grogue.
As drogas estão saindo, mas ainda estão lá.
Observo os ombros do meu outro irmão relaxarem lentamente.
Ele continua olhando para mim.
Olhando para Valek.
Então olhando para mim novamente.
O silêncio se estende entre nós.
Não é confortável.
Ainda não.
Mas está chegando lá.
Talvez.
"Você está pensando nisso, não está?" Thane pergunta.
Encontro seus olhos.
O quê? Eu sinalizo.
"O tratamento que eles ofereceram," Thane diz.
Seus olhos escuros estão sérios.
Encolho os ombros.
Poderia me deixar pior, eu sinalizo de volta.
"Talvez," Thane admite. "Mas pode deixar as cicatrizes menos dolorosas. Isso valeria a pena, não valeria?"
Toque meu rosto através do lenço novamente.
Não tenho certeza.
Não acho que valeria.

"Ivy pensaria que sim," Thane continua, sua voz ficando mais baixa. Mais gentil. "Confie em mim, ela preferiria que você se sentisse melhor. Ela não se importa com sua aparência, e acho que você sabe disso também."

Quero acreditar nisso.

Uma pequena parte de mim acredita.

Eu me importo, eu sinalizo com ênfase.

"Você poderia comer sem doer tanto," Thane acrescenta.

Minha mão congela no cabelo de Valek.

Como ele sabe sobre isso?

Fui tão óbvio assim?

"Eu percebo as coisas," Thane continua. "Vejo como você se encolhe às vezes quando engole. Você não come perto de mais ninguém, mas tenho certeza de que isso não é mais fácil."

Valek rosna com a perda de atenção.

Como um gato exigente.

Continuo acariciando ele, minha mente fervilhando.

"Claro, nada pode ser feito sobre esses dentes de diabo impressionantes," Valek diz arrastado. "A menos que pudessem alisá-los. Embora isso possa parecer pior. Como um crocodilo com facetas…"

Eu franzo a testa.

O que são facetas? Eu sinalizo, tendo que soletrar a palavra.

Não faço ideia do que isso significa.

Mas soa terrível.

"Pessoas ricas colocam sobre os dentes para parecerem perfeitamente lisos," Thane responde. Um sorriso puxa seus lábios. "Eram mais comuns antes da guerra."

Eu olho para ele em branco.

Isso pareceria pior, eu concordo.

"Certo," Thane responde.

Ele está estranho novamente.

Não gosta de falar sobre meu rosto.

Isso o incomoda.

Faz ele se sentir mal.

Valek ri.

O som é menos afiado do que o normal.
Talvez porque as drogas estão saindo.
Talvez porque eu ainda estou acariciando ele.
Continuo acariciando o cabelo de Valek.
Como acariciar um animal selvagem.
Tenho que ser gentil.
Cuidadoso.
Ele me lembra de mim mesmo.
Quando eu escapei pela primeira vez.
Antes de Ivy.
Antes do bando.
Quando tudo era raiva.
Dor.
Confusão.
Somos ambos predadores fingindo ser domesticados.
Ambos monstros usando máscaras.
A dele é apenas mais bonita que a minha.
Thane se move do outro lado.
Ainda não olha diretamente nos meus olhos.
A caverna mudou algo entre nós.
Não sei exatamente o quê.
Não sei como consertar.
Não sei se é um grande problema.
Ou se Thane está apenas sendo ele mesmo novamente.
Sempre em sua própria cabeça.
Sempre pensando demais.
Eu sinalizo, mantendo uma mão no cabelo de Valek.
Eu te assusto agora?
Thane levanta a cabeça rapidamente. "O quê?"
Na caverna, eu sinalizo.
Ele me encara.
Eu enlouqueci, eu acrescento.
Thane pisca. "O quê? Não. Claro que não."
Valek ri. "Oh, não é isso que está errado."
Inclino a cabeça para ele, confuso.
Thane fica rígido. "Valek—"

"Ele só está tendo dificuldade em olhar para você sem imaginar Ivy chupando seu pau," Valek diz. "Nem todo mundo está confortável com *esse* nível de amor fraternal."

Oh.

Oh, merda.

Não pensei nisso dessa forma.

Thane parece que vai matar Valek ele mesmo.

"Cale a boca," Thane rosna pelos dentes.

A cabeça de Valek cai para que ele possa olhar para Thane.

"Na verdade, não somos irmãos também?" Valek pergunta com inocência. "Se Wraith e eu somos parentes, então isso significa…"

"Já foi um dia infernal, não o torne pior," Thane diz com os dentes cerrados.

Valek ri.

Uma risada real.

Não sua risada usual.

Não afiada.

Não zombeteira.

Real.

Estranho como isso parece natural.

Como realmente nos sentimos como irmãos.

Todos nós três.

Os olhos prateados de Valek se fecham enquanto ele relaxa.

Quase em paz.

Nunca o vi assim antes.

Sempre bordas afiadas e sorrisos cruéis.

Agora ele está apenas... cansado.

Como eu.

CAPíTULO

VINTE E TRÊS

VALEK



Quando foi que eu comecei a deixar as pessoas me tocarem sem matá-las?

A névoa no meu cérebro clareou o suficiente para que eu possa pensar com alguma clareza agora, mas tudo ainda parece... suave. Nebuloso nas bordas.

Como olhar através de um vidro fosco.

Eu não deveria estar tolerando Wraith acariciando meu cabelo. Mas eu tolero. Por quê? Porque é bom ser tocado por alguém que não está me machucando?

Oh, como eu caí.

Eu me levanto instável, ignorando o olhar cauteloso de Thane enquanto me dirijo para um dos arcos que levam mais fundo na ala dos hóspedes. Meus pés afundam no carpete fofo a cada passo, e não posso deixar de me maravilhar com o luxo obsceno que nos rodeia.

Mármore branco e filigrana dourada.

Imaculado e perfeito.

Como o jaleco do meu pai antes que eu o pintasse de vermelho.

A memória me faz sorrir.

Será que realmente faz apenas alguns dias desde que eu levei Ivy?

Talvez até menos.

O tempo não tem significado quando você está à beira da sanidade, dançando com a loucura como um velho amigo. As drogas que me injetaram naquela instalação certamente não ajudaram. Mas mesmo antes disso, tudo estava... desconectado.

Fragmentado.

Eu passo os dedos pela parede enquanto caminho, sentindo a pedra fria sob minha pele. Tão diferente das paredes de metal estéril do laboratório. Do concreto áspero da instalação onde tentaram me quebrar novamente.

Eles deveriam saber melhor.

Você não pode quebrar o que já está quebrado.

Meu reflexo chama minha atenção em um espelho dourado, e eu paro. Olhos prateados me encaram, muito brilhantes. Muito afiados. O cabelo branco que quase todo Vrissiano tem cai em camadas desalinhadas ao redor do meu rosto.

Eu pareço exatamente como ele.

Exceto pelos olhos.

Os dele eram azuis.

Eram.

Passado.

Porque eu os arranquei antes de matá-lo.

Uma risada suave escapa de mim ao lembrar do dia em que escapei daquele inferno e vi tudo queimar até o chão, e eu observo os lábios do meu reflexo se curvarem naquele sorriso familiar que me faz parecer tão diferente do homem que me forçou a este mundo.

Mas há uma suavidade no meu sorriso que não estava lá antes.

Está menos afiado, menos maligno.

Eu pareço quase normal.

Meu sorriso vacila.

Nojento. Aqui estou eu, seguindo uma ômega como um cachorro perdido, deixando sua besta feral me acariciar como um gato doméstico.

Importando-me.

O pensamento faz meu lábio se enrugar de nojo. Eu deveria ser melhor que isso. Mais forte. Eu não deveria precisar de ninguém.

Afinal, foi para isso que ele me criou. O assassino perfeito.

Frio.

Calculista.

Sem emoções.

Mas ele errou em algum lugar ao longo do caminho.

Porque eu me importo.

Não apenas com Ivy.

Com esse bando de brinquedos quebrados.

Até com aquele idiota do Whiskey, embora eu preferisse gargarejar vidro e cianeto a admitir isso em voz alta.

Por outro lado, meu pai ficaria tão desapontado.

Ele odiaria o que eu me tornei.

Ele até ficou desapontado comigo quando chorei por um dos meus irmãos morrendo durante um experimento. Disse que eu era um bobinho. O novo eu que suspira e se lamenta por perder a família desgraçada que de alguma forma encontrou seria completamente nojento para ele.

Talvez se importar não seja tão ruim, então.

Espero que ele esteja me observando do inferno.

Eu me aprofundo na ala dos hóspedes, meus passos silenciosos apesar da minha marcha instável. As paredes brancas parecem continuar para sempre, cada corredor idêntico ao anterior. Como o labirinto interminável de corredores no laboratório.

Mas estes são diferentes.

Estes não ecoam com gritos.

Eu pensei que estava fazendo a coisa certa quando levei Ivy. Pensei que estava dando a ela a escolha que eu nunca tive. A liberdade de decidir seu próprio destino.

Mas eu estava errado.

Não sobre a escolha—ela *precisava* disso—mas sobre como eu fiz isso.

Eu posso ter aberto sua gaiola dourada, mas quando o passarinho não voou livre, eu estendi a mão e a agarrei. Tentei forçá-la a fazer algo que ela não queria, como todo outro escória da terra que tentou esmagar seu espírito. Pensei que sabia o que era

melhor para ela. Pensei que tinha o direito de fazer essa escolha por ela.

Eu a machuquei.

Traí ela.

E pela primeira vez na minha vida, isso me incomoda.

Muito.

Eu mereço ser expulso do bando.

Expulso de sua vida.

É apenas justiça.

Minha mão encontra a parede novamente quando outra onda de tontura me atinge. As drogas ainda estão saindo do meu sistema, fazendo tudo inclinar e girar em intervalos aleatórios. Mas minha mente está mais clara do que tem estado em dias.

Clara o suficiente para entender o que eu fiz.

Clara o suficiente para sentir algo perigosamente parecido com culpa.

Culpa e arrependimento e vergonha.

É isso que essa dor vazia no meu peito é?

Que fascinante.

Nunca pensei que fosse capaz disso.

Por outro lado, eu nunca pensei que fosse capaz de amar também.

Mas aqui estou eu, meu coração negro batendo por uma pequena ômega feroz que me odeia. Que tem todo o direito de me odiar. Que deveria me executar com suas próprias mãos por minha traição patética e egoísta.

E, por Deus, eu deixaria.

Eu até deixaria ela me enforcar.

E ainda assim...

Ela segurou minha mão.

Ofereceu conforto quando eu não merecia.

Assim como fez por Wraith.

Por todos eles.

Meu pai diria que isso a torna fraca. Que compaixão é uma falha fatal. Um defeito a ser eliminado. A ser extinto. Sua própria carne e sangue não significavam nada para ele. Se é que ele não sentia

prazer extra em torturar aqueles de nós que vieram de seu próprio esperma.

Eu me lembro de caçá-lo através da fumaça e das chamas. Lembro-me da maneira como ele tentou argumentar comigo, apelando para nosso sangue compartilhado.

Como se isso significasse alguma coisa.

Como se ele não tivesse passado anos me ensinando exatamente como os laços de sangue eram insignificantes. E eu me certifiquei de que ele vivesse o suficiente para apreciar a ironia. Me certifiquei de que ele entendesse que havia alcançado seu objetivo de criar o assassino perfeito.

Apenas não da maneira que ele pretendia.

Então, se os laços forjados no próprio sangue não têm significado, por que os laços forjados em besteiras precárias e caprichosas como *confiança* e *afeto* e *amor* significariam alguma coisa? O sangue pelo menos significa algo para a maioria das pessoas neste mundo desgraçado.

Mas eles significam algo.

Não apenas algo.

Tudo.

E isso me aterroriza mais do que qualquer tortura jamais poderia.

Eu não estou apenas apegado a este bando e à ômega no centro. Isso vai contra tudo o que eu já acreditei, tudo o que eu sou, mas estou começando a temer que estou começando a amá-los.

Isso me faz estremecer.

Eu me encontro no que parece ser algum tipo de templo. Mais mármore branco, mais filigrana dourada. Cadeiras fofas dispostas ao redor de mesas baixas. Cortinas leves flutuando em uma brisa que não consigo sentir. Incenso com um cheiro doce fumegando em suportes ornamentados em forma da própria ave.

Ela está no centro de um mosaico colorido que se estende pela sala de parede a parede, suas asas impossíveis projetando sombras de arco-íris no chão de mármore e nas pedras brancas que formam uma imagem idêntica dela no chão. Ela inclina a cabeça para mim, o terceiro olho brilhando com sabedoria antiga.

Magia não é real.

Deuses também não.

Mas neste momento, essa estranha ave emplumada parece tão real quanto eu.

"Vejo que você conseguiu sair do trem," eu digo secamente, balançando levemente nos pés.

"Sim," ela diz suavemente, sua voz ecoando em meu crânio. "*E esta é a última vez que você me verá, Valek.*"

Eu sorrio para isso. "Você sabe meu nome?"

"Claro que sei," ela responde, sua cabeça arqueando para trás naquele pescoço serpentino para pentear uma longa pena branca com seu bico esguio. *"Eu conheço cada um dos meus filhos que são chamados para Surhiira.*"

"Eu não fui chamado para lugar nenhum," eu digo. "Eu segui uma ômega e seu bando de idiotas para um trem. Não exatamente uma convocação divina."

Todos os olhos da ave brilham com clara diversão. *"E ainda assim aqui você está,"* ela diz, sua voz ressoando como um sino. *"Seguindo seu coração em vez de sua cabeça pela primeira vez na vida."*

Eu mostro meus dentes em algo que pode ser um sorriso ou um rosnado. "Eu não tenho coração. Eles o arrancaram de mim há muito tempo."

"Você não está tão quebrado quanto pensa," ela diz, sua voz ressoando. *"Apenas rachado nos lugares certos para deixar a luz entrar."*

Eu solto uma risada, o som ecoando nas paredes imaculadas. "E o que você sabe sobre estar quebrado, minha amiga emplumada?"

Ela abre as asas, e por um momento, vejo as linhas de fratura correndo por sua forma etérea. Como vidro manchado remendado com fios de ouro.

"Mais do que você pode imaginar," ela responde.

Talvez eu ainda esteja mais drogado do que pensei.

Ou talvez eu esteja finalmente ficando propriamente louco.

Eu abro a boca para fazer outra pergunta, mas a ave já se foi. O templo está vazio, exceto por uma jovem atendente do outro lado da sala, acendendo velas com graça praticada em um altar elaborado de mármore. Seu véu se move enquanto ela me olha, cautela

evidente em sua postura. Eu a estudo por um momento, divertido com a maneira como ela tenta esconder seu medo.

Garota esperta.

Os instintos da maioria das pessoas sobre mim estão corretos.

"Eu tenho algumas perguntas," eu digo suavemente. "Sobre este lugar."

Minha cabeça ainda parece nebulosa nas bordas, mas eu preciso saber mais sobre onde nós caímos.

Ela hesita, olhando para a porta como se esperasse que alguém viesse resgatá-la dessa conversa. Mas ninguém aparece, então ela inclina a cabeça levemente, colocando uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha. "Eu tentarei responder o que puder."

"Como é este lugar?" Eu gesticulo vagamente para nossos arredores imaculados. "*Realmente* como. Não a superfície brilhante que todos veem."

"Eu... não tenho certeza do que você quer dizer."

"Sim, você tem." Eu me aproximo, notando como ela se tensiona, mas não recua. Interessante. Essas pessoas têm espinha dorsal sob toda sua graça etérea. "As paredes brancas perfeitas. A filigrana dourada. A maneira como todos flutuam como se estivessem acima dos problemas do resto do mundo. Eles estão? Ou há mais nisso?"

Ela me estuda por um longo momento, cabeça inclinada. As contas de seu véu tilintam suavemente com o movimento. "Nós somos... diferentes," ela diz finalmente. "Mas não da maneira que os de fora pensam. Nós não nos escondemos dos problemas do mundo. Simplesmente escolhemos enfrentá-los à nossa maneira."

"E que maneira é essa?"

"Através da beleza. Da preservação do conhecimento. Da manutenção do que foi perdido quando outros escolheram a destruição." Sua voz se fortalece enquanto fala, orgulho evidente em seu tom. "Nós lembramos como o mundo era antes. E mantemos essas memórias vivas."

Eu me aproximo de uma das mesas baixas, passando os dedos pela filigrana intrincada. O metal está quente sob meu toque, como se estivesse vivo. "E as ômegas? Ouvi dizer que são tratadas de maneira diferente aqui."

Seu sorriso é visível através do véu. "Elas são sagradas para nós. Abençoadas pela própria Deusa." Ela gesticula para o mosaico onde a ave estava momentos atrás, embora não mostre sinais de ter visto o que eu vi. "Elas são o coração de nossa sociedade. As guardiãs de nossas tradições mais antigas."

"Não são propriedade, então?"

As palavras saem mais afiadas do que eu pretendia.

"Propriedade?" Ela parece genuinamente horrorizada. "Não. Nunca. As ômegas são valorizadas. Protegidas. Mas livres para escolher seus próprios caminhos. As regras são mais rígidas para os alfas, embora isso tenha mudado recentemente sob o decreto da rainha. Ela é uma ômega."

As drogas ainda devem estar me afetando mais do que eu pensava, porque me vejo considerando possibilidades que nunca permiti antes.

Um lugar onde Ivy estaria segura.

Verdadeiramente segura.

"E se alguém quisesse ficar?" Eu pergunto cuidadosamente. "Alguém de... fora?"

"Você quer dizer sua ômega?" Sua voz é gentil, compreensiva. Quando eu levanto a cabeça para olhar para ela, ela apenas encolhe os ombros. "Nós temos olhos. Vemos como todos vocês orbitam ao redor dela. Como a protegem ferozmente."

"Ela não é mais minha," eu resmungo. "Eu estraguei isso espetacularmente."

"Estragou?" Ela se move para acender outra vela, seus movimentos precisos e graciosos. "Ela segurou sua mão mais cedo. Ofereceu conforto quando você estava com dor. Isso não parece alguém que desistiu de você completamente."

Eu mostro meus dentes em algo que pode ser um sorriso ou um rosnado. "Você é mais observadora do que deixa transparecer, mas está errada. Ivy não me quer. Ela estava apenas me mostrando misericórdia. Você tem sua deusa e eu tenho a minha."

"Talvez," a atendente responde. Ela coloca o pavio e se vira para me encarar completamente com um suspiro. "Para responder sua

pergunta... sim. Se ela escolhesse ficar, seria bem-vinda. Todos vocês seriam, embora exigisse certos... ajustes."

Ela lança um olhar pontudo e julgador sobre mim.

"Ajustes?" Eu ecoo, interessado.

"Nós fazemos as coisas de maneira diferente aqui. Nossos costumes, nossas formas de viver... levam tempo para aprender. Para entender." Ela pausa, considerando suas próximas palavras com cuidado. "Mas para aqueles dispostos a tentar, a realmente abraçar nossos caminhos... sempre há espaço. Especialmente para a ômega do príncipe perdido."

O pensamento é tentador. Mais tentador do que deveria ser.

Um novo começo.

Uma chance de ser algo diferente do que eu fui feito para ser. Do que eu me tornei.

Mas estou mentindo para mim mesmo.

Ivy não me quer.

E ela não deveria.

Não que isso importe de qualquer maneira. Tenho certeza de que vou morrer em breve. O anjo da morte me seguiu por toda a minha vida, e posso senti-lo mais perto do que nunca agora.

Mas importa para mim saber que Ivy está segura quando eu der meu último suspiro, e esse estranho pedaço de paraíso impossível na terra pode tornar isso possível.

"Qual é o problema?" Eu pergunto.

Ela ri suavemente. "O 'problema', como você diz, é a dedicação completa aos nossos caminhos. Sem medidas pela metade. Sem manter um pé no mundo exterior." Seus olhos ficam sérios. "Nós mantemos nosso isolamento por uma razão. Aqueles que escolhem ficar devem escolher completamente."

"Uma gaiola dourada ainda é uma gaiola," eu aponto.

"É uma gaiola se a porta está sempre aberta?" Ela abre as mãos. "Nós escolhemos ficar porque o que construímos aqui vale a pena preservar. Vale a pena proteger. Até de nós mesmos."

Eu penso em Ivy novamente. Em como ela escolheu ficar com o bando mesmo quando eu ofereci liberdade. Em como ela está

lentamente nos ensinando que talvez ser ligado por escolha não seja o mesmo que estar preso.

Merda.

Quando foi que eu comecei a pensar assim?

As drogas devem estar saindo errado.

A atendente me observa com aqueles olhos compreensivos. "Pense nisso," ela diz suavemente. "Há tempo."

Há?

Não tenho tanta certeza.

Não para mim, pelo menos.

Mas antes que eu possa questioná-la mais, a porta do templo se abre e outra atendente aparece. "Você é necessária," ela diz para a primeira, que se inclina levemente para mim antes de deslizar para longe.

Maravilhoso.

Agora estou sozinho com meus pensamentos, que estão muito coerentes para meu conforto enquanto me aproximo do altar onde a atendente estava acendendo velas.

Como tudo o mais nesta cidade ornamentada, o altar é uma obra-prima de mármore branco e filigrana dourada. Mas há algo diferente neste. A superfície está desgastada em alguns lugares, como se incontáveis mãos a tivessem tocado em devoção ao longo dos séculos.

A pedra polida reflete a luz de dezenas de velas, suas chamas perfeitamente imóveis no ar anormalmente calmo. Censores de latão em forma de pássaros e flores pendem de correntes delicadas, fumaça de cheiro doce saindo de seus bicos como respiração congelada. A fumaça forma padrões no ar que parecem quase deliberados. Quase como escrita.

Uma estátua de mármore se ergue sobre o altar. É a ave, seus olhos cravejados de joias fixos em mim enquanto suas asas estendidas emolduram as prateleiras em camadas e as velas cintilantes. Só que esta estátua tem dois olhos em vez de três.

Um flash de branco perto da ponta de sua asa esquerda chama minha atenção.

Um lenço.

É branco como os outros, mas em vez de fios dourados ao longo do tecido sedoso, os detalhes são prateados. Os padrões geométricos que os detalhes prateados formam são afiados e triangulares.

Quase como facas.

É como se este lenço tivesse sido feito para mim.

As palavras da atendente sobre "ajustes" ecoam em minha cabeça, assim como as palavras da ave espectral. Meus dedos se contraem enquanto hesito por apenas um momento antes de estender a mão e pegar o lenço do altar. O tecido parece como luar líquido contra minha pele, tão fino que mal posso senti-lo. Nada como a merda áspera de grau militar a que estou acostumado.

O enorme mosaico da ave parece me observar com aqueles olhos impossíveis enquanto eu levo o lenço ao rosto. Seus olhos brilham com algo que pode ser diversão. Ou julgamento. Difícil dizer. Eu nunca fui bom com seres divinos.

Até mesmo os imaginários.

"Não olhe para mim assim," eu resmungo, envolvendo cuidadosamente o tecido ao redor da parte inferior do meu rosto. "Você foi quem disse que eu fui chamado aqui."

Ela não responde desta vez.

Provavelmente é melhor assim.

O lenço se acomoda no lugar com uma facilidade sobrenatural. Eu odeio usar qualquer coisa remotamente parecida com uma focinheira, mas a seda é fria o suficiente contra minha pele que eu consigo mantê-la no lugar sem arrancá-la e jogá-la nas velas cintilantes. Eu respiro, esperando mofo ou o doce enjoativo do incenso do templo.

Em vez disso, não sinto cheiro nenhum.

Limpo.

Puro.

Como neve recém-caída.

Que apropriado.

Eu pego meu reflexo em um dos censores de latão polido. Com meu cabelo, olhos e lenço todos brilhando com o mesmo prateado, eu quase pareço fazer parte. Quase como se eu pertencesse a este

lugar impossível com sua promessa impossível. Quase como se eu não fosse uma abominação fugitiva que se tornou um assassino em série porque não sabia o que mais fazer com minha vida desgraçada.

Não posso evitar de rir.

Que bizarro.

As palavras da deusa Surhiirana ecoam em minha mente.

Apenas rachado nos lugares certos para deixar a luz entrar.

Perfeito.

Agora estou recebendo conselhos de vida de alucinações.

CAPíTULO

VINTE E QUATRO

IVY



Meus pés descalços pisam silenciosamente no carpete fofo enquanto voltamos para a ala dos hóspedes, Whiskey e Plague seguindo em algum lugar atrás de mim. O ar aqui parece diferente do que nos aposentos de Plague. Mais leve de alguma forma, menos carregado de fantasmas e memórias.

Mas quando viramos a esquina, eu paro de repente.

Valek está parado abaixo da entrada arqueada de um dos corredores, um lenço branco com detalhes prateados cobrindo a parte inferior do rosto. Os padrões geométricos tecidos no tecido refletem a luz como pequenas lâminas.

"Olha quem decidiu se juntar ao desfile de moda," Whiskey murmura atrás de mim.

Valek se vira ao som da voz de Whiskey, e eu capto um vislumbre de algo estranhamente vulnerável em sua expressão antes que sua máscara afiada habitual volte ao lugar. O lenço se move enquanto ele sorri, embora eu só perceba pelo jeito que seus olhos se enrugam nos cantos.

"Com ciúmes?" ele purra. "Tenho certeza de que poderíamos encontrar algo adequadamente chamativo para você. Talvez com pequenas armas e bandeiras bordadas."

Eu seguro um sorriso.

Algumas coisas nunca mudam.

Mas definitivamente há algo diferente em Valek. As drogas devem estar passando, mas em vez de torná-lo mais afiado, mais perigoso, ele parece... mais suave de alguma forma. Mais humano.

Não que eu fosse dizer isso para ele.

"O lenço combina com você," eu digo, surpresa comigo mesma. "Prateado e branco. Fica bem."

Valek fica muito quieto, seus olhos se abrindo levemente. Por um momento, acho que vejo aquele mesmo vislumbre de vulnerabilidade novamente. Então ele ri, mas não é sua risada áspera habitual.

A suavidade na risada de Valek me pega desprevenida. Eu nunca o ouvi soar assim antes. Isso faz algo se torcer no meu peito, uma mistura confusa de raiva persistente e simpatia inesperada.

"Você está sendo gentil comigo," ele diz, seus olhos brilhando com algo que pode ser diversão ou dor. É sempre difícil dizer com ele. "Que... perturbador."

Eu me aproximo, atraída por aquela vulnerabilidade desconhecida em sua voz. "Talvez você mereça um pouco de gentileza. Só um pouco."

Ele inclina a cabeça, me estudando com aqueles olhos brilhantes demais. Os detalhes no lenço refletem a luz enquanto ele se move, fazendo os padrões geométricos dançarem. "Eu mereço muitas coisas, pequena ômega. Gentileza não é uma delas."

"Isso não é para você decidir." As palavras escapam antes que eu possa pará-las.

Ele hesita. Por um momento, eu capto outro vislumbre daquela vulnerabilidade crua antes que sua máscara habitual volte ao lugar.

"Não," ele concorda quietamente. "Suponho que não."

Eu estudo os olhos prateados de Valek, tentando reconciliar a criatura vulnerável diante de mim com o monstro que me sequestrou. Que nos traiu todos. Seu lenço sussurra enquanto ele muda de peso sob meu olhar, como se ser observado tão atentamente por mim o estivesse deixando desconfortável.

"Você parece menos desequilibrado," eu digo cuidadosamente. "As drogas estão passando?"

"Deve ser," Whiskey acrescenta atrás de mim. "Que pena. Eu estava começando a gostar do Valek Drogado."

"Gostar?" Valek ecoa, parecendo quase esperançoso.

Os olhos de Whiskey se estreitam. "Não olhe para mim assim."

"Assim como?" Valek pergunta, inocente.

"Você sabe como," Whiskey diz com um resmungo, rolando os ombros até estalarem antes de tomar um gole longo de uma das taças de vinho espumante na mesa de refrescos que os atendentes claramente mantêm abastecida. "Como um gato esquisito que quer que eu o acaricie."

"Wraith fez isso," Valek diz.

Whiskey o encara por um longo momento. "É, não quero saber," ele murmura baixinho, olhando para o copo para ver se sobrou algo. Ele esvazia as últimas gotas.

"Não foi nada *assim*, seu pervertido," Valek responde.

Whiskey encolhe os ombros. "Quem sabe com você?" ele diz, dando uma mordida enorme em um croissant amanteigado. Ele olha para ele como se tivesse acabado de mudar sua vida, então pega outro e o oferece para mim. Eu o pego hesitante. "Experimente um desses, Ivy, tem ameixas ou algo assim."

"Você é o que come pênis no café da manhã, não eu," Valek comenta.

Eu quase cuspo o croissant que acabei de morder.

Plague parece materializar do nada. "Vocês estão começando outra briga?" ele resmunga, lançando um olhar julgador para ambos.

"Ah, não," Whiskey geme. "Ele está usando palavras como *tolos*."

"Você vai arruinar seu apetite," Plague diz, tirando o croissant da mão de Whiskey antes que ele possa terminá-lo. "E nada enfurece mais a família real do que um alfa que não consegue limpar o prato."

Whiskey ri. "Isso não vai acontecer. Eu estou faminto pra caramba."

"Não por pênis," Valek acrescenta.

Plague se vira para ele. "Você pode calar a boca antes que eu te jogue em um buraco?" ele sibila. "E não fale assim perto da minha família ou eu vou cumprir essa ameaça."

Valek apenas ri, mas a falta habitual de alegria desapareceu. Eu não consigo evitar sorrir com a brincadeira quase divertida entre eles. É um contraste tão grande com a tensão que sempre fervilha sob a superfície quando esses alfas interagem.

"Eu também gostava mais do Valek Drogado," Plague resmunga, voltando-se para Whiskey. "Ele era marginalmente menos irritante."

Os olhos de Valek se estreitam acima do novo lenço. "E eu gostava mais de você quando era apenas um médico pretensioso em vez de uma princesa pretensiosa."

"Pelo menos eu sou consistentemente pretensioso," Plague rebate. "Ao contrário de algumas pessoas que oscilam entre maníaco homicida e cachorrinho abandonado."

"Eu prefiro o termo 'psicopata reformado'," Valek pondera, ajustando o lenço com dignidade exagerada.

"Reformado?" Whiskey ri. "Desde quando?"

"Eu tive um encontro espiritual," Valek responde simplesmente.

Eu não consigo evitar rir das palavras de Valek. Um encontro espiritual? Ele? O alfa mais niilista e sedento por sangue que eu já conheci afirma ter encontrado religião?

"Você está cheio de merda," Whiskey diz, expressando meus pensamentos.

"A Deusa fala com aqueles que mais precisam dela," uma voz suave diz atrás de nós.

Todos nos viramos para encontrar uma das atendentes parada no arco, seu véu de contas balançando suavemente. Ela se inclina levemente. "Perdoem a interrupção, mas o jantar será servido em breve. Trouxemos roupas adequadas para todos vocês."

Mais atendentes surgem de alcovas que eu nem tinha notado, seus braços carregados com pilhas de tecido branco que reflete a luz como neve fresca.

"Finalmente," Whiskey murmura. "Estou cansado de meus mamilos estarem à mostra."

"Isso faz dois de nós," Valek diz. "Tenho certeza que seus amantes discordam."

Eu seguro uma risada enquanto Plague se vira para ele novamente. "O que eu *acabei* de dizer sobre—"

"Sobre ser apropriado perto da sua família, sim, sim." Valek acena com a mão de forma desdenhosa. "Mas eles ainda não chegaram, não é?"

"Quase lá," Plague rosna, ainda irritado.

"As atendentes são parentes também?" Valek pergunta, curioso. "Sua nobreza mantém as coisas tão próximas na família quanto aqueles daquela ilhinha, ou não?"

"Não," Plague responde, sua mandíbula se contraindo. "Elas não são parentes."

Valek levanta as mãos em um gesto de apaziguamento. "Eu não estou aqui para julgar. Meu próprio pool genético certamente deixa a desejar."

Whiskey solta um sopro de ar pelo nariz. "Cara, tudo sobre você deixa a desejar."

"Nem tudo," eu respondo.

Valek me olha como se eu tivesse pendurado a lua.

"Não se acostume," eu murmuro para que só ele ouça.

As atendentes cuidadosamente colocam as roupas em bancos próximos. Há camisas brancas impecáveis para os alfas, todas em branco puro com detalhes dourados. Mas o que chama minha atenção é a peça claramente destinada a mim.

É... linda.

O tecido parece incrivelmente delicado, como luz da lua tecida. Bordados dourados traçam padrões pelo corpete e mangas. Pássaros em voo, videiras floridas. Um véu de contas combinando, adornado com pequenas gemas douradas e vermelho-sangue que refletem a luz como estrelas, repousa ao lado.

"A rainha pediu algo especial para a ômega," uma atendente diz suavemente, notando meu olhar. "Você nos permitiria ajudá-la a se vestir?"

Eu hesito. A ideia de ser tocada por estranhos, de estar vulnerável... mas essas pessoas têm sido nada além de gentis. E eu preciso começar a confiar em algum momento.

Não é?

"Ok," eu digo baixinho.

Os alfas trocam olhares, claramente não querendo me deixar sozinha. Mas a atendente gesticula para a sala adjacente onde suas próprias roupas esperam.

"Nós cuidaremos bem dela," ela os assegura.

Wraith aparece na esquina, seus passos altos mesmo no carpete fofo. Um rosnado baixo e cauteloso ecoa em seu peito. Thane está logo atrás dele, sua testa franzida enquanto seu olhar escuro passa entre as atendentes.

"Está seguro," Plague diz para os outros alfas.

Whiskey é o primeiro a ceder com um aceno rígido. "Tudo bem."

Wraith rosna novamente. Thane coloca uma mão em seu ombro e o rosnado para enquanto parte da tensão desaparece da postura cautelosa do alfa feral.

"Não a leve para longe," Thane diz enfaticamente.

"Ou haverá um inferno a pagar," Valek acrescenta.

Plague olha para ele, mas uma das atendentes apenas ri suavemente. "Anotado," ela responde, o sorriso em seus lábios pintados claro mesmo através do véu. Ela gesticula para que eu a siga e as outras.

Eu olho por cima do ombro para meus alfas, incapaz de suprimir um sorriso com suas expressões preocupadas. Eles parecem um bando de cães de guarda ansiosos, todos mal se contendo para não me seguir pelo corredor.

"Eu os vejo no jantar," eu digo suavemente, esperando aliviar um pouco de sua preocupação. "Tentem não começar nenhuma guerra enquanto eu estiver fora."

Whiskey ri. "Sem promessas, gata selvagem."

É estranho como, apesar de tudo, eu tenho tanto carinho por esses homens quebrados e lindos que de alguma forma se tornaram minha família. Talvez *por causa* de tudo.

Até Valek, por mais brava que eu esteja.

Todos eles.

Eu me viro antes que a emoção me sobrecarregue e sigo pelo corredor atrás das atendentes. O peso de seus olhares coletivos me segue até que eu viro a esquina e desapareço de vista.

As atendentes me levam mais fundo na ala dos hóspedes, através de arcos cobertos por cortinas de gaze. Tudo aqui parece um sonho, de outro mundo.

"Por aqui, convidada honrada," uma das atendentes diz, gesticulando para uma porta ornamentada. Seu véu se move enquanto ela se move, as pequenas contas douradas refletindo a luz.

A sala além é como tudo mais neste lugar impossível. Claramente algum tipo de câmara de vestir. Espelhos altos alinham as paredes, suas molduras douradas esculpidas com pássaros delicados em voo. Mais daqueles lampiões de latão lançam um brilho quente sobre tudo, e o ar cheira a jasmim e algo mais doce.

"Podemos?" outra atendente pergunta, gesticulando para meu robe. Suas mãos são gentis enquanto me ajuda a tirá-lo, cuidadosa para não me assustar. Como se eu fosse um animal selvagem.

E acho que eu sou.

Eu me forço a ficar parada enquanto as betas começam a me preparar para o jantar real, embora todo instinto grite para eu correr. Para lutar. Para não deixar ninguém me tocar. Mas seus movimentos são cuidadosos, precisos.

Como Plague.

O pensamento ajuda de alguma forma.

Água morna e perfumada com ervas cai sobre minha pele enquanto elas lavam os últimos traços de nossa jornada. O sabão que usam cheira a madressilva, e eu me pergunto se escolheram isso deliberadamente para combinar com meu cheiro natural. Nada aqui parece acidental.

"Seu cabelo é lindo," uma delas murmura enquanto passa algum tipo de óleo pelos fios emaranhados. "Como fogo vivo."

Eu me tensiono com o elogio. Não estou acostumada. Mas ela apenas continua trabalhando, seus dedos cuidadosos para não puxar muito enquanto desfaz os nós.

"A rainha ficará satisfeita," outra diz suavemente. "Faz tanto tempo que não recebemos uma ômega como convidada."

"Muito menos uma com tanto fogo em seu espírito," a primeira acrescenta.

Elas falam como se eu não estivesse lá, suas vozes musicais flutuando ao meu redor como fumaça. Mas não há malícia em suas palavras. Nenhum julgamento. Apenas um tipo estranho de reverência que me deixa profundamente desconfortável. Elas nem comentam sobre minha cicatriz.

Eu não estou acostumada a ser tratada como algo precioso, exceto pelos Fantasmas.

Algo a ser valorizado.

No Centro de Refinamento, as betas sempre nos trataram como lixo sob seus sapatos cuidadosamente polidos. Como se nossa existência fosse de alguma forma uma afronta que precisava ser punida. Mesmo que os cientistas Vrissianos não fossem tão brutais, eles claramente me viam como pouco mais que um rato de laboratório.

Essas betas são... diferentes. Gentis.

O vestido que elas me ajudam a vestir parece usar luz das estrelas. O tecido é incrivelmente macio contra minha pele, fluindo ao meu redor como água. Fios dourados brilham enquanto me movimento, fazendo os pássaros bordados parecerem decolar. O véu de contas repousa sobre a parte inferior do meu rosto com um peso surpreendente, as pequenas gemas frias contra minhas bochechas.

"Perfeito," uma das atendentes suspira, ajustando a queda do tecido. "Você parece ter saído das histórias antigas."

Eu quero dizer a ela que ela está errada. Que eu sou apenas uma ômega feral que teve sorte. Que toda essa beleza parece uma mentira envolvendo minha alma cicatrizada.

Eu toco o tecido macio do vestido, ainda sem acreditar que isso é real. O bate-papo quieto das atendentes desaparece em ruído de fundo enquanto eu estudo meu reflexo. Apesar da riqueza, eu consigo ver as marcas que nossa jornada deixou em mim. Hematomas fracos pontilham minha pele como constelações, contando histórias de tudo pelo que passamos.

"Sua matilha deve se importar muito com você," uma das atendentes diz suavemente enquanto ajusta a queda do meu véu.

"Eles são... complicados," eu resmungo.

Ela ri, o som como sinos de prata. "O amor geralmente é."

Amor.

"Você está pensando demais," outra atendente diz, seu véu balançando enquanto ela se move para acender mais dos lampiões de latão. As chamas dançantes lançam sombras cambiantes nas paredes. "Sua testa está franzida. É engraçado... você é muito parecida com ele."

"Com quem?"

"O príncipe." Ela pausa, inclinando a cabeça. "Embora eu suponha que você não o conhecia como príncipe até hoje."

Não. Eu só o conheço como o alfa frio, mas compassivo, que se mantinha à distância mesmo enquanto nos aproximávamos. Que me beijou como se tivesse medo que eu quebrasse em suas mãos. Que tem carregado o peso de outro mundo em seus ombros, e nenhum de nós fazia ideia.

"Pronto," a primeira atendente diz, recuando para avaliar seu trabalho. "Agora você parece pronta para jantar com a realeza."

Mas eu não estou. Eu sou uma ômega feral que cresceu na natureza. Que aprendeu a sobreviver com dentes e garras. Que ainda se encolhe com movimentos bruscos e dorme com um olho aberto. Toda essa seda e ouro não podem mudar isso.

Não podem mudar o que eu sou.

O que eu sempre serei.

Mas por esta noite, eu posso fingir.

Por Plague.

Por Hamsa.

CAPíTULO

VINTE E CINCO

IVY



Eu tento não deixar óbvio que estou nervosa enquanto sigo outra atendente por corredores de mármore sinuosos em direção ao salão de jantar real. O leve sussurro do meu vestido e o suave tilintar das contas do meu véu ecoam pelas paredes imaculadas.

A atendente para diante de um conjunto de portas brancas imponentes. "Você está pronta, hóspede honrada?"

Não.

Eu não estou nem um pouco pronta.

Mas eu aceno mesmo assim.

As portas se abrem silenciosamente, e eu preciso conter um suspiro. O salão de jantar é diferente de tudo que eu já vi. Colunas brancas imponentes se estendem para o alto, unidas por cortinas transparentes drapeadas entre elas que captam o brilho quente de centenas de lanternas de latão suspensas por correntes delicadas.

É como se estivéssemos jantando dentro de uma nuvem ao pôr do sol.

A mesa em si é uma obra-prima de mármore branco e íbis esculpidos que a sustentam com suas asas estendidas. Ela se estende por todo o comprimento do salão, brilhando como água parada, refletindo a luz de taças de cristal e delicados arranjos de mesa que deixam qualquer coisa que eu já vi em Reinmich no chinelo. Flores brancas que eu não reconheço transbordam de vasos ornamentados, suas pétalas parecendo brilhar de dentro.

Meu coração acelera enquanto dou passos hesitantes no suntuoso salão de jantar. O leve sussurro do meu vestido contra o chão de mármore parece ensurdecedor no silêncio que caiu sobre a sala.

Todos os olhos estão em mim, e eu luto contra o impulso de fugir.

Então meus alfas se levantam em uníssono para me cumprimentar junto com a rainha, e meus medos se transformam em um leve nervosismo. Seus uniformes brancos e dourados são muito diferentes de seus equipamentos habituais, desgastados pela batalha.

Thane é o primeiro a chamar minha atenção, um leve sorriso puxando os cantos de sua boca. O casaco e a camisa brancos e impecáveis destacam seus ombros largos e sua estrutura poderosa. Ele parece cada centímetro o oficial comandante que é. As dragonas douradas em seus ombros brilham na luz quente, combinando com a intensidade em seus olhos escuros enquanto ele me observa se aproximar.

Wraith está rígido ao lado de seu irmão, sua estrutura enorme de alguma forma ainda mais imponente em um uniforme que não foi feito para um alfa tão alto e musculoso quanto ele. Ele manteve seu lenço branco firmemente no lugar, as cicatrizes em suas bochechas mal visíveis sobre a borda, e eu posso sentir a tensão emanando dele em ondas. Seus olhos azuis encontram os meus, cheios de admiração e ansiedade.

Ao lado dele, Valek está com uma postura descontraída e enganosa. O lenço prateado que ele colocou mais cedo ainda está enrolado ao redor da parte inferior de seu rosto, combinando com seus olhos. Seu olhar está incomumente caloroso enquanto me observa, mas aquele brilho de diversão perpétua ainda está lá.

Mas não é direcionado a mim.

Raramente é.

Provavelmente porque Whiskey está em um uniforme adequado.

Whiskey mexe com a gola, claramente desconfortável com a roupa formal. Mas ele está impressionante, mesmo que esteja longe de seu estilo habitual. O casaco sob medida destaca sua estrutura

robusta, fazendo-o parecer ainda mais forte do que o normal. Seu cabelo castanho foi domado em algo que se assemelha a ordem, embora alguns fios teimosos tenham se soltado.

E então há Plague.

Hamsa.

Ele está à direita da rainha, parecendo mais real do que eu já o vi. Seu uniforme real lhe cai perfeitamente, destacando sua estrutura magra e ângulos afiados. Um lenço branco adornado com delicados bordados dourados cobre a metade inferior de seu rosto, mas o conflito em seu olhar ainda é claro como o dia. Ele só suaviza quando nossos olhares se encontram.

A voz melodiosa da rainha quebra o silêncio. "Bem-vinda, Ivy." Ela gesticula graciosamente para uma cadeira de mármore de encosto alto vazia na outra extremidade da mesa, entre meus alfas. "Por favor, junte-se a nós."

Eu me dirijo ao assento indicado, hiperconsciente de cada passo, cada farfalhar de tecido. Quando me sento no assento de veludo macio da cadeira incrivelmente confortável, entre Thane e Wraith, as mãos da rainha se movem para seu véu.

"Não há necessidade de tanta formalidade entre familiares," ela diz, sua voz calorosa enquanto remove o véu intrincado. Seu rosto está marcado pela idade, mas há uma beleza atemporal em seus traços. Maçãs do rosto afiadas, lábios cheios e os mesmos olhos inteligentes que Plague tem.

Ela se volta para o filho, erguendo uma sobrancelha expectante. Ele sai do transe em que eu aparentemente o coloquei e levanta a mão para desenrolar seu próprio lenço. Ele o dobra cuidadosamente e o coloca à esquerda de seu lugar à mesa.

"Valek, Wraith," a rainha continua, seu olhar percorrendo meus outros alfas. "Vocês estão à vontade para remover seus lenços também. E seu véu, querida," ela acrescenta, olhando para mim com um sorriso gentil.

Valek não hesita, desenrolando seu lenço com um floreio. Tudo o que ele faz tem que ser tão... chamativo. E, para meu eterno horror, estou começando a achar isso charmoso.

Eu levanto a mão para meu próprio véu e o solto. O ar frio atinge meu rosto, e eu resisto ao impulso de me esconder no meu cabelo. Aparentemente, o véu estava agindo como um escudo e me mantendo firme enquanto todos me olhavam. Sem ele, me sinto estranhamente vulnerável neste lugar onde certamente não pertenço.

Wraith, no entanto, permanece imóvel. Seus olhos azuis se movem entre os rostos agora expostos ao redor da mesa. Eu posso ver seu peito subindo e descendo rapidamente sob o uniforme branco impecável.

Eu aperto seu braço gentilmente, tentando tranquilizá-lo sem chamar muita atenção. Seus músculos se tensionam sob meus dedos, prontos para se romper a qualquer momento. Eu sei o quanto ele odeia se destacar, o quanto ele deseja se misturar com os outros. Mas a ideia de comer com todos os outros quando ele está tão angustiado por estar sem máscara está claramente o sobrecarregando.

Para minha surpresa, Whiskey parece estar se comportando muito bem. Ele está sentado ereto, seu sorriso arrogante habitual substituído por uma expressão de interesse educado enquanto ouve a rainha dando ordens às atendentes. É quase perturbador vê-lo tão... composto. Eu percebo Plague observando-o cautelosamente do outro lado da mesa, claramente esperando que o outro sapato caia.

Mas não cai.

Pelo menos, ainda não.

Então as pesadas portas de mármore rangem ao se abrir, chamando a atenção de todos.

Especialmente a de Plague.

Um alfa alto entra, suas botas batendo no chão polido. Seu uniforme real combina com o de Plague, mas ele é maior, mais robusto. A semelhança com Plague ainda é inconfundível.

Eles são claramente irmãos.

Meus alfas se tensionam ao meu redor, as mãos se movendo em direção a armas que não estão lá. Até a rainha segura a respiração.

Então a expressão séria do alfa se quebra em um sorriso largo. Ele cruza o espaço entre eles em três passadas largas e envolve Plague em um abraço esmagador. "Bem-vindo de volta."

Plague retribui o abraço com igual força, e algo no meu peito dói com a emoção crua em seu rosto normalmente guardado.

"Estou começando a me sentir muito deixado de fora aqui." Whiskey se inclina para trás na cadeira, cruzando os braços. "Acho que somos os únicos alfas sem irmãos, hein, Val?"

Os lábios de Valek se curvam em seu sorriso perigoso. "Fale por si mesmo." Ele estende a mão e passa os dedos pelo braço de Wraith como se estivesse acariciando um gato gigante.

Eu me preparo para Wraith esmagá-lo. Wraith odeia ser tocado sem permissão. Mas ele apenas dá a Valek um olhar irritado e se afasta.

A falta de derramamento de sangue quase me pega de surpresa.

Quando isso aconteceu?

"Todos," Plague endireita o casaco, se recompondo. "Este é meu irmão mais velho, o príncipe Revi."

Todos nos levantamos e nos curvamos, até Whiskey conseguindo mostrar respeito adequado. Eu mantenho os olhos baixos, hiperconsciente da etiqueta adequada que me foi ensinada no Centro, mesmo que não venha naturalmente.

"Por favor, não há necessidade de tanta formalidade." A voz de Revi carrega o mesmo sotaque culto de seu irmão. "Qualquer bando que manteve meu irmãozinho problemático vivo por tanto tempo é praticamente família."

"*Problemático*?" Plague levanta uma sobrancelha. "Parece-me que você foi quem fodeu—" Ele congela quando a rainha o olha com surpresa. Acho que ele tem sido um Fantasma e não um príncipe por muito tempo. "Quero dizer, *estragou tudo o tempo todo.*"

Há um momento de silêncio constrangedor.

Mas é Whiskey, é claro, quem quebra o silêncio.

"Prazer em conhecê-lo, Sua Alteza Real," ele diz a Revi, e eu me preparo para qualquer comentário inapropriado que está prestes a seguir. Mas, para meu choque, Whiskey apenas sorri e acrescenta: "Obrigado por nos receber. O lugar é chique pra caralho."

Eu me contorço com o palavrão, mas Revi me surpreende ao rir. É um som quente e rico. "Fico feliz que você aprove," ele diz, seus olhos brilhando de diversão. "Embora eu deva avisá-lo, o 'chique pra caralho' só piora daqui para frente."

O sorriso de Whiskey se amplia. "Pode trazer. Eu poderia me acostumar com isso."

Plague parece mortificado, mas Revi apenas ri. Se a rainha está chocada, ela não mostra.

"Quando os guardas nos disseram que você havia embarcado no trem de suprimentos, pensei que fosse uma piada cruel," Revi murmura, voltando-se para Plague. Ele olha para o irmão como se estivesse vendo um fantasma. Um literal. "E ainda assim aqui você está. Eu vim assim que soube."

"É bom vê-lo novamente, irmão," Plague diz com sinceridade, mas não perco o tom de culpa em sua voz.

Ou a hesitação.

Eu me lembro do que ele me disse mais cedo, a mim e a Whiskey. Sobre não saber o que havia acontecido com seu pai e irmãos, se eles ainda estavam vivos. Eu me sinto inundada de alívio por ele, que pelo menos Revi ainda está aqui, e por todas as aparências, ele não tem guardado rancor pela ausência de Plague nem uma fração do que Plague guarda de si mesmo.

Mas ainda há tantas perguntas a serem respondidas.

Tanto tempo que eles terão que recuperar.

E então há a guerra que deixamos para trás. Parece outro mundo aqui, e de muitas maneiras, é. Mas a liberdade poderia ser tão fácil? E eu poderia realmente aproveitá-la, sabendo o que está acontecendo lá fora, além dessas paredes douradas?

Eu acho que não poderia.

E acho que os Fantasmas também não.

"Revi," Plague diz, caminhando para ficar ao meu lado. "Há alguém que eu gostaria de apresentar a você. Nossa ômega, Ivy."

O olhar de Revi se volta para mim, e eu não estou acostumada com a bondade e o calor que encontro nele. Pelo menos não de alfas estranhos que eu mal conheço. Até agora, todos em Surhiira

foram gentis, mas os únicos alfas que encontrei foram guardas e servos. E mesmo assim, apenas brevemente.

"Acredite em mim quando digo que é um prazer e uma honra," ele diz, abaixando a cabeça em um gesto reverente e oferecendo a mão.

Eu congelo, olhando para Plague. Ele me dá um leve aceno tranquilizador, e eu coloco minha mão na de Revi, embora eu perceba que não tenho ideia do que ele vai fazer. Mas eu confio em Plague.

Revi apenas abaixa a cabeça ainda mais e levanta levemente minha mão antes de soltá-la. Um gesto gentil e elegante de reverência inconfundível, apesar de ele ser um príncipe e eu ser apenas uma ômega feral que nem mesmo tem um sobrenome.

Pelo menos, não um que minha mãe achou que valesse a pena passar adiante. Considerando as circunstâncias que devem tê-la levado ao centro de reprodução onde ela me teve, não posso culpá-la por isso.

Mas então, isso me atinge. Neste lugar, eu não sou uma vira-lata qualquer. Eu sou a companheira do príncipe. O príncipe de um país que claramente vê minha espécie como mais do que apenas gado de reprodução.

É tudo surreal demais para processar.

O tipo de coisa que eu nunca permiti que imaginasse que existisse neste mundo. Um mundo que sempre—*só*—foi cheio de violência e turbulência desde que eu faço parte dele.

"Venham, vamos nos preparar para o jantar," a rainha diz, gesticulando para uma atendente. "Tenho certeza de que nossos convidados estão famintos após sua longa viagem."

"Sim, os pastéis no trem eram ótimos," diz Whiskey, rolando os ombros antes de ser o primeiro de todos nós a se sentar novamente . "Mas eu poderia usar uma comida de verdade depois de tudo o que acabamos de passar."

Revi sorri. "Deve ter sido algo sério se você estava seminu nas montanhas geladas das Terras Exteriores."

Whiskey solta uma risada. "Cara, você não tem ideia."

Eu me sento entre Thane e Wraith e observo enquanto Whiskey e Revi trocam provocações, sua conversa fácil enchendo o salão de jantar enquanto as atendentes servem vinho em nossos copos, que são tão opulentos quanto tudo o mais. A tensão em meus ombros diminui um pouco. Os outros parecem se sentir quase tão perdidos quanto eu, mas deixa com Whiskey o trabalho de passar por cima do protocolo real com seu charme habitual.

"Sabe," Whiskey diz para Revi. "Você me lembra de mim mesmo, se eu fosse surhiirano. Você é como uma versão chique e principesca de mim."

Eu vejo Plague se tensionar pelo canto do olho. Sua mandíbula se contrai enquanto ele murmura, alto o suficiente para eu ouvir: "Isso não era o que eu precisava ouvir."

Valek, nunca perdendo uma oportunidade para causar problemas, se inclina para frente com um brilho travesso em seus olhos prateados. "Ora, ora," ele sussurra para mim. "Já ouvi falar de problemas com o pai, mas *problemas com o irmão*? Isso é novo."

Os olhos de Plague se estreitam perigosamente enquanto ele se vira para encarar Valek. Eu nem sei como ele ouviu isso, mas claramente ouviu.

"Achei que eu tinha dito para você se comportar," ele sibila.

Valek pisca inocente, a imagem da dignidade ferida. "Isso foi o Whiskey," ele diz suavemente.

Eu seguro a respiração, esperando que Plague exploda. A tensão emanando dele é palpável, seus dedos brancos de tanto apertar o garfo enquanto ele observa a rainha cautelosamente. Felizmente, ela não parece notar o que está acontecendo, absorvida em responder a uma atendente que está fazendo uma pergunta sobre o jantar.

Plague relaxa, mas só um pouco.

As portas se abrem novamente e as atendentes entram na sala, carregando travessas elaboradamente decoradas. O aroma rico de carnes assadas e especiarias doces enche o ar enquanto as atendentes deslizam silenciosamente ao redor da mesa, enchendo nossos pratos.

Minha boca se enche de água ao ver cortes de carne perfeitamente selados, brilhando com algum tipo de molho de ervas,

acompanhados de legumes coloridos assados dispostos em padrões intrincados.

Eu olho ao redor, esperando que alguém dê a primeira mordida. Whiskey, previsivelmente, mergulha de cabeça com entusiasmo, enfiando comida na boca como se estivesse com medo de que ela desapareça.

"Puta merda," ele geme com a boca cheia de carne.

"Shhh," Plague sussurra para ele. "Tenha modos."

"Você foi quem soltou o palavrão primeiro," Whiskey diz com um resmungo, lavando a comida com um longo gole de vinho violeta espumante. "Isso é uma boa mer—*coisa*."

Mas Wraith não se moveu.

Seu corpo enorme está rígido na cadeira ao meu lado, a tensão emanando dele em ondas. O lenço branco cobrindo a metade inferior de seu rosto permanece firmemente no lugar, um contraste gritante com os outros que removeram os seus.

Ele deve estar faminto.

Mas ele não quer tirar o lenço.

Do outro lado da mesa, percebo Plague nos observando com preocupação. Ele capta meu olhar e inclina a cabeça levemente em direção a Wraith, uma pergunta silenciosa.

Eu dou um pequeno aceno negativo.

Não podemos forçá-lo.

A voz melodiosa da rainha corta o tilintar silencioso dos talheres. "Está tudo do seu agrado?" ela pergunta, seus olhos percorrendo todos nós antes de pousar em Wraith. Uma pequena ruga aparece em sua testa ao notar seu prato intocado.

"Está delicioso, Sua Majestade," Thane diz suavemente, claramente tentando desviar a atenção de Wraith. "Estamos honrados com sua hospitalidade."

Mas a rainha não é tão facilmente distraída. "Você não está comendo, meu querido," ela diz a Wraith, seu tom gentil, mas curioso. "A comida não é do seu agrado? Podemos mandar a cozinha preparar algo diferente, se preferir."

Wraith fica muito quieto ao meu lado. Eu posso sentir o tremor percorrendo seu corpo, a maneira como seus músculos se contraem

como se ele estivesse pronto para fugir a qualquer segundo. Sua respiração acelera, o peito subindo e descendo em rajadas rápidas e curtas.

"Ele, hum... ele não está se sentindo bem," eu minto rapidamente, me odiando por isso, mas sabendo que é necessário. "Passamos por muita coisa. Podemos ter um minuto?"

Os olhos da rainha se estreitam levemente, e eu sei que ela não acredita em mim. Mas antes que ela possa pressionar mais, Plague fala.

"Você pode ir," ele diz, sua voz carregando aquela neutralidade cuidadosa que eu aprendi a reconhecer como uma máscara para emoções mais profundas.

Eu dou a Plague um sorriso grato antes de me levantar rapidamente. Talvez um pouco rápido demais para um jantar real, mas isso é a última coisa em minha mente agora. Wraith me segue, quase derrubando a mesa em sua pressa para sair.

Meu coração também acelera enquanto eu pego a mão enorme de Wraith e o puxo para o corredor vazio, longe do peso opressivo de todos aqueles olhos. Sua mão envolve a minha, tremendo levemente apesar de seu aperto de ferro.

"Está tudo bem," eu murmuro enquanto nos afastamos mais pelo corredor, embora não tenha certeza se estou tentando tranquilizá-lo ou a mim mesma. "Estamos longe de todos agora. Você pode respirar."

E eu também.

Puta merda, este jantar é... demais.

Ele não responde, mas seu peito se move enquanto ele engole ar como se estivesse se afogando. Eu odeio vê-lo assim. Meu alfa feroz e protetor reduzido a um animal em pânico por algo tão simples quanto um jantar formal. Mas eu entendo. Depois de tudo pelo que ele passou, depois de anos se isolando, ser jogado no centro das atenções assim deve ser excruciante.

Dobramos uma esquina e eu avisto um nicho escondido atrás de uma cortina transparente. Perfeito. Eu puxo gentilmente a mão de Wraith, guiando-o para o pequeno espaço. É apertado com seu tamanho, mas isso parece ajudar. O espaço fechado o ancorou,

dando-lhe algo sólido para se apoiar enquanto ele luta para recuperar o controle.

Eu levanto as mãos, segurando seu rosto. Sua pele está febril sob minhas palmas, um contraste gritante com a seda fria de seu lenço.

"Olhe para mim," eu digo suavemente. "Concentre-se em mim. Nada mais importa agora, ok? Só nós."

Lentamente, seu olhar selvagem se fixa no meu. Eu posso vê-lo lutando para se centrar, para afastar o pânico que ameaça consumi-lo. Ele vence essa luta, seus ombros relaxando levemente antes de se inclinar para frente com um rosnado suave e pressionar sua testa contra a minha, seus olhos se fechando.

Meu alfa corajoso e quebrado.

"Isso aí," eu encorajo. "Você está indo tão bem. Apenas respire comigo, ok?"

Eu exagero minha própria respiração, lenta e constante, até que ele começa a seguir meu ritmo. Os tremores que sacodem seu corpo enorme gradualmente diminuem, embora a tensão ainda esteja lá, pronta para explodir a qualquer momento.

Quando tenho certeza de que ele está calmo o suficiente para me ouvir, pergunto gentilmente: "Você quer que eu traga um pouco de comida? Você não precisa voltar para lá se for demais."

Wraith se inclina um pouco para trás e suas mãos cobrem as minhas, que ainda estão em seu rosto. Ele balança a cabeça veementemente, depois solta para sinalizar.

Ficar com você. Proteger.

Meu coração se enche de orgulho, mesmo que a preocupação me corroa por dentro. Sempre tão preocupado com minha segurança, mesmo quando ele é quem está se despedaçando.

"Estou bem," eu asseguro a ele. "Nada vai acontecer comigo aqui. E eu não me importo de ficar aqui fora com você, se for isso que você precisa. Poderíamos encontrar um lugar quieto para comer, só nós dois."

Mas Wraith já está balançando a cabeça novamente, com mais força desta vez. Suas mãos se movem em gestos afiados e agitados.

Não. Você vai. Fique segura. Divirta-se.

Eu franzo a testa, não gostando do rumo que isso está tomando. "Wraith, eu não vou deixar você aqui sozinho. Ou nós dois voltamos, ou nós dois ficamos aqui fora. Estou bem com qualquer coisa, contanto que esteja com você." Eu respiro fundo. "Honestamente, também estou tendo dificuldades. Este jantar é... demais, não é?"

Ele me encara por um longo momento, aqueles olhos azuis intensos perfurando os meus. Eu posso ver o conflito rugindo por trás deles. A necessidade de proteger lutando contra seus próprios medos.

Ele dá um suspiro longo e profundo.

Então, com uma lentidão dolorosa, suas mãos se movem para as bordas de seu lenço.

Minha respiração trava. "Tem certeza?"

Por você, ele sinaliza, e meu coração se parte um pouco.

Ele acena uma vez, um movimento brusco de sua cabeça, e puxa o tecido sedoso para longe de seu rosto. O lenço prende levemente em um de seus dentes afiados, rasgando um pouco, e ele olha para ele com clara infelicidade.

"Vamos te arrumar um novo," eu digo gentilmente, me inclinando para beijar sua mandíbula cicatrizada. "Tenho a sensação de que eles não estão com falta de lenços."

Ele acena, relaxando levemente.

Eu o guio de volta para o salão de jantar, nossos passos ecoando pelas paredes de mármore imaculadas. A cada passo, eu posso sentir o aperto de Wraith se fortalecer, ver a maneira como sua mandíbula se contrai. Mas ele não vacila. Não tenta voltar.

Estou tão orgulhosa dele, que isso está me ajudando a esquecer o quão nervosa estou.

Nós paramos logo do lado de fora, e eu me viro para encará-lo. Ele claramente está tendo dificuldade em me olhar nos olhos, escolhendo encarar o chão de mármore em vez disso. Talvez todos os espelhos e superfícies reflexivas estejam o incomodando. Ele se encolhe quando eu levanto as mãos e seguro seu rosto cicatrizado.

"Estou bem aqui com você," eu murmuro. "Podemos sair a qualquer momento que você precisar, ok? Não se esqueça, eu não me importaria nem um pouco de fazer uma pausa."

Ele acena com a cabeça bruscamente, depois se inclina para pressionar sua testa contra a minha. O gesto familiar nos ancorou.

"Pronto?" eu pergunto suavemente.

Outro aceno, mais firme desta vez.

Eu respiro fundo e abro as portas.

CAPíTULO

VINTE E SEIS

WRAITH



As portas pesadas se abrem.

O som da pedra rangendo faz meus dentes afiados coçarem.

Não é tão ruim quanto a sensação de estar sendo observado.

Olhos que queimam em mim enquanto reentramos no salão de jantar.

Apenas uma coisa me impede de fugir.

A pequena mão de Ivy na minha.

Seu toque me ancora.

O carpete fofo abafa nossos passos.

Mas cada passo parece um trovão no meu peito.

Nos aproximamos de nossos assentos.

Olhos.

Tantos olhos.

Todos em mim.

No meu rosto exposto.

Minhas cicatrizes.

Meus dentes afiados de monstro.

Eu luto contra o impulso de rugir.

De rosnar para os atendentes que me encaram.

De provar que sou a besta que eles pensam que eu sou.

Mas o aperto de Ivy se fortalece.

Eu engulo o rosnado que cresce na minha garganta.

Por ela.
Sempre por ela.
Chegamos às nossas cadeiras.
A minha parece incrivelmente delicada.
Como se pudesse quebrar sob meu tamanho.
Me sento com cuidado.
Muito consciente de como eu supero tudo ao meu redor.
De como não pertenço a este lugar perfeito.
Ivy se acomoda ao meu lado.
Sua presença acalma a besta dentro de mim.
A besta que eu sou.
Eu me concentro no cheiro dela.
O cheiro do meu sol.
Madressilva e ouro fiado.
Mais brilhante que qualquer coisa em Surhiira.
Seu cheiro afoga os outros aromas avassaladores.
Carnes ricas.
Vinhos doces e picantes.
Perfumes que queimam meu nariz.
Respire.
Apenas respire.
Inspire pelo nariz.
Expire pela mandíbula horrível.
Como Ivy me mostrou.
O cheiro da comida faz minha boca salivar.
Não como há muito tempo.
Não mais que uma mordida.
Meu peito dói de fome.
Mas eu não posso.
Não aqui.
Não com todos esses olhos em mim.
Eu disse a Ivy que comeria.
Mas não consigo.
Imagino tentar comer com minha boca desfigurada.
O rasgar.
A bagunça.

O nojo em seus rostos.
Eu como como um animal selvagem.
Como uma besta raivosa.
Não.
Melhor ficar com fome.
Uma atendente aparece ao meu lado.
Ela estende a mão para meu copo vazio.
O movimento repentino me assusta.
Eu me encolho violentamente.
Meu braço se move para me proteger de uma ameaça falsa.
O copo de cristal delicado se quebra.
Vinho tinto escuro se espalha pela toalha branca.
Como sangue.
Como tanto sangue que eu derramei.
O silêncio cai.
Todos os olhos em mim novamente.
A vergonha queima em mim, quente e sufocante.
Eu quero desaparecer.
Afundar no chão e nunca mais emergir.
Eu me preparo para o nojo.
A raiva.
A rejeição que sempre me segue.
Mas isso não acontece.
Então Whiskey se move.
Seu cotovelo atinge seu copo.
Derrama tudo.
"Merda!" ele sibila. "Essas coisas derrubam fácil."
Eu olho para ele.
Ele olha de volta para mim.
Ele sorri um pouco.
Por quê?
Ele fez isso de propósito?
"Está tudo bem."
A voz da rainha corta o silêncio.
Seu tom é gentil.
Compreensivo.

Como uma música.
Nada como a crueldade fria a que estou acostumado.
"Temos muitas toalhas de mesa," ela acrescenta.
Ela ri um pouco.
Ela gesticula para uma atendente.
Elas se apressam para limpar a bagunça.
Em instantes, o vinho derramado desaparece.
Um novo copo aparece diante de mim.
E um novo copo aparece diante de Whiskey.
Como se nada tivesse acontecido.
Como se eu não tivesse acabado de provar o quanto não pertenço aqui.
Eu olho para a rainha.
Não consigo compreender sua gentileza.
No meu mundo, erros são punidos.
Severamente.
Especialmente por líderes.
Mas aqui...
Aqui, eles agem como se não fosse nada.
Como se eu não fosse um monstro no meio deles.
Eu olho para Whiskey.
Ainda estou tão confuso.
Ele pisca para mim.
Por que ele está piscando?
Tem algo no olho dele?
Espere…
Ele fez isso para me ajudar a me misturar?
A pequena mão de Ivy encontra a minha debaixo da mesa.
Ela aperta gentilmente.
Encontrar o olhar dela sem máscara me deixa nervoso.
Inferno, até mesmo com máscara me deixa nervoso.
Mas eu vejo apenas calor ali.
Nenhum julgamento.
Apenas amor.
Eu aperto de volta.
Cuidado para não machucá-la com minha força.

Ela sorri.

E por um momento, eu esqueço onde estamos.

Esqueço o mundo perfeito ao nosso redor.

Os estranhos.

O peso das expectativas.

É apenas nós.

Então eu noto a tensão ao redor dos olhos dela.

Seu olhar se move rapidamente pela sala.

Nunca se fixando.

Sempre observando.

Sempre cautelosa.

Ela também está desconfortável.

Este mundo de seda e cristal é tão estranho para ela quanto para mim.

Instintos protetores se acendem no meu peito.

Eu posso me sentir como um monstro aqui.

Mas eu sei meu propósito.

Eu sei por que existo.

É para mantê-la segura.

Para protegê-la de qualquer mal.

Mesmo que esse mal seja apenas desconforto.

E eu posso suportar qualquer coisa por ela.

Vou suportar qualquer coisa por ela.

Mesmo isso.

CAPíTULO

VINTE E SETE

IVY



Estou extremamente consciente das reações dos atendentes em relação ao Wraith desde que ele e eu voltamos para a sala.

Extremamente consciente porque sei que o Wraith também está.

Os olhos dos servos estão arregalados acima de seus véus enquanto o observam com clara cautela, e isso só aumentou desde o incidente do copo de vinho. Cada rosnado baixo dele os faz pular.

A pequena distração do Whiskey ajudou, no entanto.

Não que isso tenha impedido alguns dos servos estacionados ao redor da sala de olharem nervosamente para o Wraith a cada poucos momentos. Tenho que conter um rosnado de minha própria reação.

Como eles ousam julgá-lo?

Mas enquanto os observo de onde estou sentada ao lado do meu alpha, minha mão sobre a dele debaixo da mesa, percebo o modo como seus olhos se demoram quando pensam que ninguém está olhando. Os olhares rápidos, a leve inclinação de suas cabeças. Isso me lembra crianças vendo algo novo pela primeira vez.

E, para ser justa, eles estão reagindo da mesma forma com todos os Ghosts, dando olhares fascinados e nervosos para cada um dos meus alphas por sua vez. Na verdade, eu sou a única estranha de quem eles não parecem ter medo.

Talvez isso mudasse se eles soubessem que eu sou a única estranha que tem a reputação de arrancar dedos. Ou se soubessem

que estou pensando em adicionar os dedos de um príncipe à coleção se ele continuar encarando o Wraith. Revi pode ser o irmão do Plague, mas isso não me impede de dar a ele um olhar mortal que finalmente o faz voltar a olhar para o maldito prato.

A rainha não está reagindo, o que parece ajudar. A única vez que ela olha brevemente para o Wraith, ela desvia o olhar como se soubesse que ele não gosta de ser olhado. E acho que é bastante óbvio pela linguagem corporal dele. Apesar de seu tamanho imponente, ele está claramente tentando parecer menor. Ombros curvados, postura defensiva, seu cabelo escuro e desalinhado caindo sobre o rosto.

Eu só espero que ele esteja bem.

E eu *realmente* espero que ele coma de verdade.

"Sabe, este é um lugar legal", diz Whiskey, quebrando a tensão silenciosa na sala. "Mas tenho que dizer, há uma coisa em que Reinmich leva vantagem sobre vocês."

Plague olha para cima rapidamente e então começa a cortar a carne em seu prato no que só posso entender como um aviso.

"Oh?" pergunta a rainha, com a cabeça levemente inclinada para o lado. "E o que seria isso?"

"Ratos", diz Whiskey em um tom sério. "Em um prédio desse tamanho, haveria pelo menos três ou quatro correndo por aí agora. A falta de ratos está me deixando um pouco nostálgico."

Revi é o primeiro a soltar uma risada. "Bem, tenho certeza de que poderíamos importar alguns."

"Idiota", murmura Plague em seu vinho. Mas há um toque de afeto ali.

Assim, a tensão na sala se dissipa. As conversas lentamente retomam ao redor da mesa, e sinto os ombros do Wraith relaxarem ao meu lado.

Crise evitada.

Por enquanto, pelo menos.

Volto minha atenção para o prato à minha frente, cheio de comida que parece e cheira incrível. Eu pego meu garfo, extremamente consciente do peso da prataria em minha mão. Seria uma arma decente em caso de necessidade.

Velhos hábitos são difíceis de morrer, eu acho.

Eu espeto um pedaço de carne perfeitamente grelhada, brilhando com algum tipo de molho de manteiga com ervas, e levo aos meus lábios. No momento em que toca minha língua, tenho que conter um gemido. É a coisa mais deliciosa que já provei.

"Bom pra caralho, não é?" pergunta Whiskey, mostrando um sorriso para mim. "Parece que morremos e fomos para o céu."

"Eu certamente espero que não tenhamos morrido", diz Valek secamente.

"Não morremos", murmura Thane com rigidez.

Eu aceno entusiasticamente para Whiskey enquanto dou outra mordida, não confiando em mim mesma para falar sem fazer barulhos embaraçosos. Ao meu lado, Wraith ainda não tocou em sua comida. Cuidadosamente, garantindo que meus movimentos sejam lentos e deliberados, alcanço debaixo da mesa e coloco minha mão em sua coxa. Ele se encolhe levemente ao contato, mas não se afasta.

Lentamente, ele alcança o garfo com a mão esquerda. Ele o segura como se fosse uma adaga, e eu me pergunto se ele já segurou um antes. Eu nunca o vi comer de verdade. Ele olha ao redor para garantir que ninguém está olhando para ele. Felizmente, não estão. Talvez até de propósito, como se soubessem que ele precisa de privacidade.

Ele espeta um pequeno pedaço de carne e leva o garfo aos dentes expostos, hesitando por um momento e olhando cautelosamente para mim—como se estivesse com medo de que eu vá me assustar—antes de dar a mordida. Sem lábios ou bochechas para ajudar a guiar a comida, ele tem que inclinar a cabeça levemente para trás. A carne desaparece atrás de seus dentes afiados, e eu vejo um vislumbre do músculo nu em sua mandíbula trabalhando enquanto a carne desce pela garganta.

Há algo estranhamente atraente na forma como ele come.

Como um lobo.

Faz sentido. Todos os seus dentes são afiados. Nenhum deles é molar. Ele não poderia mastigar se quisesse. Eu aperto sua coxa gentilmente, oferecendo-lhe um sorriso antes de dar outra mordida

e mantendo meus olhos longe dele para que ele possa continuar comendo sem se estressar, embora parte de mim queira continuar observando.

Especialmente quando percebo o quão longa é sua língua desse ângulo.

Não é nada óbvio com a boca fechada.

O que mais ele poderia fazer com ela?

As palavras de Plague de antes ecoam em minha cabeça.

Talvez você pudesse reprogramar o trauma dele com uma experiência melhor. Apenas os três de vocês. Sabe, os dentes afiados do Wraith poderiam fazer um… encontro único, se você for cuidadosa.

Ok.

Isso é *definitivamente* o que ele quis dizer.

Meu rosto esquenta com o pensamento e eu tenho que apertar as coxas para evitar que meu cheiro se intensifique. O movimento me faz mexer e Thane me olha de canto de olho, seus olhos escuros intrigados com meu cheiro, apesar de sua clara tensão e estresse.

Minha imaginação está fugindo de mim, e rápido. Imaginando o Wraith indo até mim, aquela língua longa passando pela minha vagina, mergulhando fundo enquanto seus dentes afiados roçam meus lábios como lâminas…

Seria perigoso, mas isso faria parte da diversão.

Wraith definitivamente *não* entenderia se eu tentasse explicar por que o pensamento é tão excitante. Ele pensaria que eu enlouqueci. Mas talvez ele se sentisse melhor consigo mesmo se soubesse que essa nova fantasia chegou direto ao topo da minha mente.

E agora que a ideia ocorreu, posso dizer que nunca vou conseguir me livrar dela até que se torne realidade.

Eu me mexo na cadeira, tentando banir as vívidas imagens mentais da língua e dos dentes do Wraith entre minhas coxas. O calor se espalha pelas minhas bochechas enquanto me forço a focar no prato ornamentado à minha frente, estudando os desenhos para ocupar minha mente. A última coisa que preciso é que meu cheiro revele exatamente para onde meus pensamentos foram.

Mas já é tarde demais.

Sinto os olhos escuros de Thane me perfurando agora, me estudando com aquela intensidade que sempre me faz sentir como se ele pudesse ver direto através de mim. Suas narinas se dilatam levemente, e eu sei que ele percebeu a mudança no meu cheiro.

Droga desses alphas e seus sentidos aguçados.

Eu arrisco um olhar para cima, encontrando seu olhar por um momento. O olhar de conhecimento em seus olhos faz minha respiração falhar. Ele levanta uma sobrancelha como se não tivesse ideia do que está passando pela minha mente.

E acho que ele não saberia.

Ele também não entenderia.

Eu pego meu copo, engolindo o vinho violeta espumante. Eu meio que odeio isso, o que ajuda. É a única coisa que provei em Surhiira que não gosto nem um pouco. O vinho picante e distintamente apimentado rapidamente me esfria.

Quando coloco o copo de volta, percebo Valek me observando também. Seu olhar passa brevemente para o Wraith ao meu lado, e então volta para mim. O sorriso que ele mostra me diz que ele descobriu exatamente o que está acontecendo na minha cabeça.

Wraith percebe o olhar de Valek e solta um rosnado baixo de advertência. O som ecoa através de mim onde nossas coxas estão pressionadas uma contra a outra debaixo da mesa, e eu tenho que morder o lábio para conter um gemido.

Eu engulo mais vinho.

"Eu não estou olhando para *você*", diz Valek arrastando as palavras, sua voz cheia de diversão.

O rosnado do Wraith se aprofunda.

"Está tudo bem, gatinha?" pergunta Whiskey, sua voz baixa o suficiente para que apenas nossos vizinhos próximos possam ouvir. "Você parece um pouco corada."

Eu abro a boca para responder, mas nenhuma palavra sai. Como diabos vou explicar que estou sentada aqui em um jantar real, cercada por dignitários e atendentes, fantasiando sobre meu alpha feral me comendo?

"Estou bem", digo roucamente, enfiando mais comida na boca. Mas quando Wraith olha de lado para mim, a preocupação em seu olhar azul é dolorosamente clara.

Ah, não.

Ele acha que eu estou enojada com a forma como ele come?

A realização me atinge como um soco no estômago. Claro que ele pensa isso. Ele é tão autoconsciente, e aqui estou eu, corada e me contorcendo ao lado dele. Não há como ele saber o que está passando pela minha cabeça. Ele provavelmente pensaria que estou mentindo se eu tentasse explicar.

Eu tenho que consertar isso.

Lentamente, para que ninguém mais perceba meu braço se movendo, eu deslizo meus dedos mais para cima em sua coxa. Sua respiração acelera levemente, e pelo canto do olho, posso vê-lo me observando cautelosamente. Eu mantenho meus olhos fixos no meu prato, fingindo estar fascinada pelos desenhos intrincados pintados na porcelana fina enquanto mastigo minha comida com um ar pensativo.

Mas todo o meu foco está na forma como o corpo do Wraith responde ao meu toque. Quando meus dedos finalmente roçam o volume em suas calças, outro rosnado baixo ecoa em seu peito. O som vibra através de mim, se instalando em meu estômago.

Seu pau se contrai contra minha mão e eu olho para ele de baixo de minhas pestanas com um sorriso inocente. Seus olhos azuis estão arregalados de confusão e perplexidade, mas qualquer autoaversão que estava lá há um momento desapareceu agora. Ele está me olhando como se eu estivesse completamente louca, mas pelo menos ele não parece mais querer desaparecer.

Bom.

"Ivy, você precisa de ar?"

A pergunta repentina da rainha me atinge como um balde de água gelada.

Meu rosto, que há momentos parecia estar em chamas, de repente esfria enquanto olho para cima e encaro seus olhos. Sua testa está franzida em clara preocupação enquanto ela me observa da outra extremidade da mesa, com a cabeça levemente inclinada.

"N-não, Sua Majestade", consigo engasgar, forçando um sorriso que provavelmente parece desequilibrado, considerando o quão nervosa estou.

Ou estava.

Definitivamente não agora.

"Tem certeza?" pergunta Valek com um sorriso de conhecimento. Não se pode esconder nada dele. "Se precisar de um momento, você e o Wraith podem sair..."

"Tenho certeza", digo rapidamente, forçando um sorriso.

Whiskey ri e murmura algo que faz Valek gargalhar. Thane os encara antes de olhar de volta para mim, franzindo a testa mais do que já vi antes.

A conversa continua, no entanto, e apesar da atenção que acabamos de receber, Wraith parece um pouco mais calmo. Ele ainda está me dando olhares preocupados, mas são do tipo de olhares que você dá para alguém que está te assustando.

Ah, bem.

É melhor do que ele pensar que estou enojada.

Do outro lado da mesa, Plague limpa a garganta, chamando minha atenção. Há uma tensão em seus ombros que não vi desde que chegamos. Ele coloca o garfo, seus olhos fixos em seu irmão.

"Revi", ele diz, sua voz cuidadosamente neutra. "Onde está o pai? Eu teria pensado que ele estaria aqui para... tudo isso."

A temperatura na sala parece cair. O sorriso fácil de Revi desaparece e ele olha para a rainha, com a testa franzida.

"Mãe", ele diz lentamente. "Hamsa não sabe?"

A rainha balança a cabeça, seus dedos apertando o guardanapo. "Eu ainda não tive a chance de contar a ele."

Meu coração acelera, sentindo o peso do que está por vir. Os olhos de Plague saltam entre sua mãe e seu irmão, um lampejo de medo cruzando seus traços antes que ele controle sua expressão de volta à neutralidade cuidadosa.

"Me diga o quê?" ele pergunta.

A rainha hesita, dor gravada nas linhas de seu rosto. "Seu pai... o rei... ele se foi, Hamsa. Ele morreu pouco depois que você desapareceu."

Oh, merda.

Plague fica muito quieto. Por um momento, não tenho certeza se ele está respirando. "Como?" ele pergunta, a palavra mal audível.

"Um ataque cardíaco", diz Revi gentilmente. "Foi rápido. Ele não sofreu."

Eu observo o conflito passar pelo rosto de Plague. Alívio, culpa, raiva. Tudo passando rapidamente antes de se estabelecer em uma máscara de vazio cuidadoso.

"Entendo", ele diz, sua voz estranhamente plana enquanto alcança seu copo de vinho. "E o Azarel? Ele também deveria estar aqui, não deveria? Ou… ele está…?"

O olhar constrangedor que Revi e a rainha trocam faz meu estômago se contrair. Plague também percebe, seus nós dos dedos branqueando ao redor do copo.

"Ele não está morto", diz Revi rapidamente. "Pelo menos... esperamos que não."

Plague apenas encara. "O que isso significa?"

A rainha suspira profundamente, de repente parecendo cada um de seus anos. Revi se move para o lado dela, ajudando-a a se acomodar mais confortavelmente em sua cadeira. A ternura no gesto me pega de surpresa.

"Seu irmão partiu em uma missão há vários anos", explica a rainha, sua voz tingida de preocupação. "Ele se infiltrou nas fileiras de Reinmich para manter um olho na ameaça mais provável de invadir Surhiira no futuro."

"Mantendo nossos amigos próximos e nossos inimigos mais próximos", acrescenta Revi, seus lábios se torcendo em um sorriso irônico que não alcança seus olhos.

O rosto de Plague empalidece. "Vocês sabiam que eu estava vivo e trabalhando para o exército?" ele pergunta suavemente.

"Não", murmura a rainha. "Até recebermos a notícia quando você chegou ao nosso trem, nós assumimos o pior."

A culpa se agita no meu peito, embora eu saiba que não é meu fardo carregar. Só posso imaginar o que Plague deve estar sentindo.

Seu rosto é uma máscara impassível como de costume, mas há algo mais lá. Uma leve curvatura para baixo de seus lábios que eu

provavelmente perderia se não o conhecesse tão bem até agora, mas desaparece em um instante.

"Perdemos contato com Azarel recentemente", continua Revi, sua voz tensa com preocupação. "Não ouvimos dele há meses. Estamos... preocupados."

A mandíbula de Plague trabalha enquanto ele processa essa informação. Posso ver as engrenagens girando em sua cabeça, provavelmente já formulando planos e contingências.

É o que ele faz de melhor, afinal.

"Precisamos extraí-lo", ele diz firmemente. "Temos contatos, recursos. Poderíamos—"

"Não é tão simples", Revi interrompe, balançando a cabeça. "Não podemos arriscar expor nossa rede de inteligência. E nosso exército não está equipado para esse tipo de operação. Mantivemos nosso isolamento por um motivo."

Os olhos de Plague se estreitam. "Então vocês vão simplesmente deixá-lo lá? Nosso irmão?"

"Claro que não", a rainha intervém, sua voz afiada. "Estamos explorando todas as opções. Mas devemos ser cautelosos. A segurança de Surhiira—"

"Para o inferno com a segurança de Surhiira!" Plague explode, seu controle cuidadoso finalmente rachando. "De que adianta tudo isso", ele gesticula para o saguão de jantar opulento, "se não podemos nem proteger os nossos? Se não podemos fazer nada sobre os omegas que estão sendo sequestrados e torturados?"

Um silêncio tenso cai sobre a mesa. Eu seguro minha respiração, esperando pela explosão. Mas, para minha surpresa, a rainha fala primeiro, sua voz suave e preocupada.

"O que é isso sobre omegas?"

As palavras da rainha pairam no ar, pesadas com preocupação. Posso ver os músculos na têmpora de Plague se contraindo enquanto ele luta para encontrar as palavras certas. Eu quero alcançá-lo, oferecer algum tipo de conforto ou apoio, mas estou paralisada.

Esta não é minha história para contar.

E ainda, de certa forma, é.

É a história de todos nós, entrelaçada por circunstâncias e crueldade.

Plague respira fundo, seus dedos batendo um ritmo agitado na toalha de mesa impecável. "O Conselho... eles não são o que pensávamos que eram. O que qualquer um de nós pensava que eram."

"Nenhuma surpresa lá", diz Revi secamente.

A rainha se inclina para frente. "Explique."

"Eles têm... coletado omegas", diz Plague, sua voz tensa. "Sequestrando-os, na verdade. De todos os lugares. De onde quer que possam colocá-los. Usando-os para o que quiserem." Seu olhar se endurece. "Tenho certeza que vocês podem usar suas imaginações."

Eu engulo com dificuldade.

"Mas por quê?" pergunta Revi, seu charme fácil substituído por uma intensidade afiada que me lembra de Plague. "Omegas são valorizados. Protegidos. A coisa mais preciosa neste planeta."

Uma risada amarga escapa de mim antes que eu possa pará-la. Todos os olhos se voltam para mim, e sinto meu rosto corar. Mas já fui longe demais para recuar agora.

"Protegidos", ecoo, incapaz de evitar a borda em minha voz. "É assim que você chama isso? Trancados em gaiolas douradas, tratados como propriedade para ser negociada e vendida?"

Os olhos da rainha se arregalam.

Posso sentir o peso de seus olhares, uma mistura de horror e pena que faz minha pele arrepiar. Eu levanto o queixo, encontrando seus olhares com desafio. Não serei intimidada por seu choque ou sua simpatia.

"Eu fui dada a esta matilha pelo Conselho. Eles me tiraram do Centro de Refinamento", digo, minha voz mais firme do que me sinto. "Um lugar para 'civilizar' a gente. Para nos transformar em bonequinhas perfeitas e obedientes para os alphas brincarem."

O rosto de Revi empalidece. "Isso é bárbaro."

"Se Azarel é nosso informante", Plague diz com raiva, "por que ele não te contou o que estava acontecendo?"

Revi parece não ter uma resposta para isso. Quando ele finalmente fala, sua voz está longe de confiante como antes. "Eu não sei." Ele pausa, olhando para a rainha.

"Talvez porque ele não *quisesse* que você soubesse", diz Plague com ênfase.

A mão delicada da rainha aperta o cabo de seu copo. "Hamsa…"

"É a verdade", ele diz, seu tom brusco suavizando. "Revi pode ser o mais velho, mas Azarel sempre foi o mais parecido com nosso pai. Talvez ele queira que Surhiira permaneça exatamente como está. Todos sabemos como ele se sente sobre a tradição."

Não há como confundir a amargura nessas palavras. O silêncio que cai sobre a mesa é tão alto que me torno dolorosamente consciente do meu próprio pulso batendo em meus ouvidos.

"Você tem prova de tudo isso?" Revi pergunta cuidadosamente. "Isso muda tudo. E eu quero dizer *tudo*." Ele olha para o resto de nós, seu olhar pousando em Thane. "Você é o líder desta matilha, não é? O que você tem a dizer sobre tudo isso?"

Thane se endireita, seus olhos escuros encontrando o olhar de Revi com firmeza. Há uma tensão em seus ombros que raramente vi, como se estivesse se preparando para o impacto.

"O que eu tenho a dizer", Thane começa, sua voz profunda carregando facilmente pelo saguão de jantar opulento, "é que meu pai—o pai de Wraith também—está à frente de tudo isso." Ele pausa, mandíbula se contraindo. "Temos um contato, e antes de sermos…distraídos", ele diz, pausando para dar um olhar significativo para Valek, "estávamos prestes a finalmente obter a prova de que o Conselho está comprometido. Que foi infiltrado por traficantes de omegas."

Pela primeira vez, Valek parece sinceramente culpado—uma emoção que eu nem sabia que ele era capaz de sentir. Estou aprendendo coisas novas sobre todos os meus alphas.

O silêncio cai sobre o saguão de jantar como um cobertor pesado. O rosto da rainha empalidece, seus dedos apertando o guardanapo até que seus nós dos dedos fiquem brancos. O charme fácil de Revi foi substituído por uma tensão ao redor de seus olhos

que parece muito com a expressão de Plague quando ele está estressado e não sabe o que dizer.

Finalmente, Whiskey quebra a tensão, sua voz cortando o silêncio como uma faca. "O quê? Que porra está acontecendo?"

Eu me encolho com sua franqueza, mas alguém tinha que dizer.

Poderia muito bem ser Whiskey.

De novo.

Ele está carregando esse jantar inteiro em seus ombros largos.

Revi limpa a garganta, seus olhos piscando para sua mãe antes de falar. "Bem... podemos ter perdido contato com Azarel", ele diz, sua voz tensa. "Mas ainda temos outros infiltrados na região. O Conselho emitiu uma ordem de matar à vista para os Ghosts. Para todos vocês."

Sinto o sangue drenar do meu rosto.

Os Ghosts todos congelam.

"E… um mandado para o retorno de Ivy", Revi termina calmamente.

A sala gira ao meu redor, e por um momento, acho que vou desmaiar. Uma ordem de matar à vista? Para meus alphas? E eles me querem de volta? A ideia de voltar para aquele inferno me faz querer vomitar.

"Merda", Thane murmura ao meu lado, sua voz profunda áspera com raiva e, para meu horror, medo. Eu nunca ouvi Thane parecer com medo antes. "Meu pai deve ter percebido que estamos atrás dele."

Os olhos de Plague se estreitam. "Ou eles sabem que fomos capturados por Vrissia. Eles podem pensar que estamos comprometidos agora."

"Ou aquele maluco nos traiu", Whiskey diz bruscamente.

"Raven ou Nikolai?" Thane murmura.

"Escolha o seu", Plague diz com desdém, então pausa, como se considerando. "Duvido que isso tenha algo a ver com qualquer um deles. Na verdade, eles provavelmente são os únicos dois canalhas nas Fronteiras Exteriores que o Conselho quer mortos mais do que nós. A menos que você saiba de algo que não sabemos, Valek?"

Valek, que está olhando silenciosamente para o chão com a mandíbula cerrada, balança a cabeça.

"Então estamos fodidos", Whiskey diz simplesmente.

"Não", a rainha diz, chamando a atenção de todos nós de uma vez. Ela respira fundo, seu olhar varrendo todos nós. "Talvez", ela diz cuidadosamente, "seja hora de uma mudança. Que sentido há em viver em uma utopia se há tantos sofrendo além de nossas fronteiras? E… talvez possamos encontrar Azarel."

Revi se endireita, surpresa evidente em seu rosto. "Mãe, nosso isolamento nos manteve seguros por gerações. Se começarmos a interferir em assuntos externos—"

"Então podemos realmente fazer a diferença", ela termina por ele. "De que adianta todo o nosso conhecimento, todos os nossos recursos, se os acumulamos atrás dessas paredes enquanto o mundo queima ao nosso redor?"

Suas palavras me chocam.

Penso em todo o sofrimento que vi, toda a dor infligida por aqueles no poder. Ouvir uma governante falar sobre realmente querer ajudar... é mais do que eu jamais ousei esperar.

Claro, ainda pode ser uma armadilha.

Mas meus instintos me dizem o contrário.

E meus instintos raramente estão errados.

"Não será fácil", diz Plague, mas há uma nota de esperança em sua voz que eu nunca ouvi antes.

A rainha acena gravemente. "É por isso que precisaremos da ajuda de vocês. De todos vocês", ela acrescenta, dando ao nosso grupo desorganizado um sorriso suave. "Vocês viram o pior que o mundo tem a oferecer. Sabem como navegar em seus perigos."

Sinto o peso de suas palavras se estabelecer sobre nós.

Isso é maior do que qualquer coisa que já enfrentamos antes.

Isso pode mudar tudo.

Mas… pode *mudar* tudo.

Eu levanto o queixo, encontrando o olhar da rainha. "O que for preciso."

Um sorriso lento se espalha pelo rosto dela. "Eu posso ver por que meu filho escolheu você", ela diz calorosamente. "Você tem o

coração de uma verdadeira rainha."

Calor inunda minhas bochechas com suas palavras. Eu não sou uma rainha. Sou apenas uma omega feral que aprendeu a sobreviver por qualquer meio necessário. Mas enquanto olho ao redor para meus alphas—minha família—percebo que talvez seja exatamente isso que é necessário.

"Então, qual é o nosso primeiro passo?" pergunta Whiskey, inclinando-se para frente com um sorriso ansioso. "Eu voto que comecemos explodindo coisas. Para o registro, sou um especialista nisso."

Plague belisca a ponte do nariz. "Isso absolutamente não—"

"Estou curiosa", a rainha interrompe, seus olhos fixos em Whiskey. "O que exatamente você *é* para o meu filho?"

Sua pergunta direta paira no ar enquanto o sorriso habitual de Whiskey vacila por um momento, incerteza cruzando seus traços.

"Eu, uh..." Ele olha para Plague, que ficou muito quieto ao lado da rainha. "Sou seu companheiro de matilha. Somos todos companheiros de matilha aqui."

Os lábios da rainha se curvam em um sorriso de conhecimento. "Sim, isso é claro. E você certamente é um dos alphas de Ivy. Mas é aí que termina?"

Eu seguro minha respiração, observando a interação entre eles. O rosto de Whiskey fica vermelho, um contraste gritante com sua bravata habitual. Plague parece que quer que o chão de mármore se abra e o engula.

"Mãe", Plague diz, sua voz tensa. "Eu não acho—"

"Silêncio, Hamsa", ela interrompe gentilmente. "Eu não sou cega, nem tola. Vejo o jeito que vocês se olham."

Oh, merda.

Whiskey limpa a garganta, endireitando seus ombros largos. "Sua Majestade", ele diz, sua voz mais áspera que o normal. "Eu... me importo com seu filho. Mais do que provavelmente deveria, já que somos, uh… ambos alphas. Mas eu não daria muita importância para isso. Eu não sou realmente o tipo dele", ele acrescenta com um sorriso malicioso, mas não alcança seus olhos.

O rosto da rainha é impenetrável enquanto ela ouve Whiskey, então olha para Plague. Seus olhos se arregalam e ele abre a boca para falar, mas nenhuma palavra sai.

"Eu vejo", a rainha diz calmamente. "E isso é verdade, Hamsa? O afeto dele é unilateral?"

Eu observo Plague cuidadosamente, notando o jeito que seus dedos batem um ritmo agitado contra sua coxa. Aquele tique nervoso de novo. Ele fica em silêncio por um longo tempo, trauma fervilhando até a superfície. Anos de condicionamento, de esconder uma grande parte de quem ele realmente é, lutando contra a honestidade crua do momento.

E Whiskey acabou de dar a ele um caminho claro para escapar.

"Eu..." Plague começa, então vacila. Ele respira fundo, endireitando os ombros. "Não", ele diz finalmente, sua voz ficando mais forte. "Não é."

Whiskey o encara em choque. Eu nunca realmente o vi atordoado em silêncio, mas acho que há uma primeira vez para tudo.

Plague lhe dá um sorriso fraco, mas imediatamente se prepara para a rejeição.

Em vez disso, a rainha apenas acena, um sorriso suave brincando em seus lábios.

"Bom", ela diz simplesmente.

Plague pisca, claramente desequilibrado. "*Bom*?" ele ecoa.

A rainha estende a mão, colocando-a sobre a dele. "Meu filho, você realmente pensou que eu o condenaria por isso? Depois de tudo que aconteceu? Depois que pensei que tinha te perdido para sempre?"

Eu observo enquanto algo em Plague parece desmoronar. As paredes cuidadosas que ele construiu ao redor de si mesmo, a máscara de frieza e distanciamento que ele usou por tanto tempo—tudo cai naquele momento. Ele parece jovem de repente, vulnerável de uma forma que nunca vi antes.

"Mas... as leis", ele diz fracamente. "As tradições—"

"Mudaram", a rainha termina por ele.

Plague a encara por outra pequena eternidade, seus dedos congelados no meio de uma batida contra a toalha de mesa. "Mudaram", ele ecoa, sua voz mal acima de um sussurro. "O que você quer dizer?"

Eu quero alcançá-lo, oferecer algum tipo de conforto, mas estou presa ao meu assento. Isso parece muito íntimo, muito cru. Como se eu estivesse invadindo um momento que nunca deveria ter testemunhado.

"Eu sei sobre Adiir", a rainha diz gentilmente.

A respiração ofegante de Plague é audível mesmo de onde estou sentada. Ele empalidece, e por um momento, temo que ele possa desmaiar.

"Você sabe?" ele engasga.

"O pai de Adiir foi quem orquestrou tudo o que aconteceu naquela noite", ela explica, sua voz assumindo uma borda mais dura. "Ele queria gravar sua confissão—que você gosta da companhia de omegas e alphas—para chantagear seu pai. Para forçá-lo a retribuir o favor de manter isso em segredo."

Um rosnado baixo cresce no peito de Plague, suas mãos se fechando em punhos na mesa. "Aquele bastardo", ele rosna. "Ele foi quem colocou Adiir nisso, não foi? Fez ele gravar... fez ele..." Ele não consegue terminar a frase.

A crueldade disso faz meu estômago revirar.

"Sim", a rainha confirma calmamente. "Embora eu não acredite que Adiir soubesse a extensão total dos planos de seu pai. Ele era um peão, assim como você. Um peão disposto, mas um peão, no entanto."

Plague solta uma respiração trêmula. "Isso não muda o que eu fiz", ele diz calmamente.

"Não", a rainha concorda. "Mas pode mudar como você vê isso. Como você vê a si mesmo."

Eu observo enquanto Plague luta com isso, sua máscara habitual de frieza e distanciamento rachando ainda mais a cada segundo que passa. É como assistir a uma barragem quebrando em câmera lenta, anos de emoção cuidadosamente enterrada finalmente explodindo.

"Quando você fugiu", a rainha continua, sua voz grossa de emoção, "eu pensei... pensei que era porque você estava envergonhado. Porque temia a reação de seu pai à sua atração por alphas."

A cabeça de Plague se levanta, seus olhos arregalados de choque. "Você sabia sobre isso antes?"

A risada da rainha é suave, tingida de tristeza. "Eu sabia desde que você era pequeno. O jeito que você olhava para Adiir... era o mesmo jeito que eu olhava para seu pai."

Sinto todos os outros na mesa se contorcendo desconfortavelmente ao meu redor, claramente inseguros se deveriam estar ouvindo isso. Mas eu não consigo desviar o olhar. Este é um lado de Plague—de Hamsa—que eu nunca pensei que veria. Cru e vulnerável e tão… humano.

"Eu não..." Plague começa, então para, engolindo com dificuldade. "Eu nunca quis que nada disso acontecesse. Eu só... não podia ficar. Não depois do que eu tinha feito. Não quando eu pensei..."

"Quando você pensou que nós o rejeitaríamos", a rainha termina por ele.

Plague acena, incapaz de encontrar seus olhos.

A rainha aperta a mão de Plague. Ele se encolhe no início, então cobre a mão dela com a sua. "Eu nunca poderia rejeitá-lo", ela continua. "Não por quem você ama. Não por nada." Seu olhar pisca para Whiskey com um sorriso de aprovação. "E eu gosto desse alpha, de qualquer maneira. Ele aprecia nossa culinária, e talvez ele possa fazer você relaxar um pouco."

Whiskey lhe dá um sorriso. Este é autêntico. "Com certeza."

Eu observo enquanto Plague processa isso, anos de culpa e vergonha lutando com essa nova informação. "Mas o pai..."

"Você não precisa mais temer seu pai", a rainha diz firmemente. "Quando ele morreu e eu assumi o controle total, fiz mudanças. Começando com as leis sobre relacionamentos entre alphas."

Os olhos de Plague se arregalam. "Você... o quê?"

O sorriso da rainha é gentil, mas firme. "Eu decretei que alphas poderiam ficar juntos em Surhiira. Abertamente. Sem vergonha."

O silêncio que cai sobre o saguão de jantar é ensurdecedor.

Eu posso praticamente ouvir as engrenagens girando na cabeça de todos enquanto processam essa bomba, mesmo que seja uma notícia antiga para os atendentes. A boca de Whiskey cai de choque, enquanto a testa de Thane está franzida em pensamento profundo. Até Valek parece surpreso, seu sorriso habitual substituído por uma surpresa genuína. Wraith está em silêncio, como de costume, mas posso dizer que ele está se perguntando qual é o grande problema em primeiro lugar.

Mas é Plague que não consigo tirar os olhos.

Ele parece... despedaçado.

Como se tudo o que ele já acreditou sobre si mesmo, sobre seu passado, estivesse desmoronando ao seu redor.

"Por quê?" ele pergunta, sua voz falhando. "Por que você faria isso?"

Os olhos da rainha brilham. "Porque eu esperava... eu *rezava*... que se você algum dia voltasse para casa, saberia que era amado. Aceito. Que havia um lugar para você aqui." Ela respira fundo. "E se você puder reunir um exército que queira mudar o mundo, estaremos ao seu lado."

"Então, o quê?" A voz de Whiskey, um contraste tão gritante com a conversa emocional que se desenrola diante de nós, me faz pular. "Vamos começar uma revolução inteira?"

"Já estava na hora", murmuro, incapaz de me conter.

"Espere", a voz de Thane ressoa pela sala, forte e sóbria como sempre.

Todos nos voltamos para olhar para ele, até a rainha.

Mas ele está olhando diretamente para mim.

"Todos nós estamos fazendo isso há tanto tempo que é automático", Thane continua, sua voz baixando. "Sempre seguindo para a próxima missão, o próximo plano de contingência. Mas precisamos parar e pensar em algo. Esta é a primeira vez—talvez a única vez—que teremos a chance de fazer algo diferente. De dar a *Ivy* algo diferente."

Os outros ficam em silêncio, mas posso dizer que estão entendendo mais de suas palavras do que eu, a julgar pelos olhares

contemplativos em seus rostos.

"O que você está dizendo, Thane?" pergunto, franzindo a testa.

"Ele está tentando te dar uma escolha, pequena omega", diz Valek, uma estranha melancolia em seu tom. "Uma real. Para viver a vida que você deveria ter tido desde o início."

"Uma vida que só existe aqui", Thane termina, confirmando que eles estão, para meu choque, na mesma página. "Uma vida que só podemos te dar aqui."

Leva um momento para as palavras afundarem.

Quando afundam, eu balanço a cabeça lentamente.

"Não", digo com uma firmeza que me surpreende, minha voz ecoando pelos tetos abobadados. "Eu não—não podemos simplesmente ficar aqui enquanto seu pai e o Conselho levam o que resta do nosso mundo para o buraco."

"Mas é um mundo *que nós* criamos", Thane diz firmemente. Ele acena para os outros Ghosts. Todos, exceto Wraith, eu noto. "Você merece algo melhor."

"Thane, não", digo através dos dentes, levantando da cadeira antes que eu possa me conter. "Vocês não vão me deixar aqui sozinha enquanto vão lutar uma guerra em Reinmich."

"Não sozinha", ele corrige, olhando significativamente para seu irmão.

Wraith rosna suavemente em confusão, ficando tenso. Posso dizer que a forma como Thane está falando está assustando ele tanto quanto a mim.

A realização do que ele está pedindo me atinge como um trem-bala.

Ficar aqui, em Surhiira, com Wraith?

Enquanto os quatro vão embora, talvez para sempre?

Onde eles podem morrer?

Eu abro a boca para falar, mas Plague me antecipa.

"Vale a pena considerar, Ivy", ele diz suavemente. Solenemente. "Thane está certo. Você e Wraith… vocês não escolheram isso. O resto de nós escolheu. Todos nós tivemos um papel em sustentar o mundo que infligiu tanta crueldade a você." Sua voz se aperta com culpa. "É nossa responsabilidade derrubá-lo."

"Foda-se sua responsabilidade", eu fervo antes que eu possa me conter.

Todos os cinco alphas estão me encarando agora.

Por mais tabu que seja para alphas xingarem em um jantar real, tenho certeza que é muito mais tabu para omegas, mas não consigo me conter. Não quando a própria sugestão de ser separada de minha matilha, por mais nobres que sejam suas intenções, me enche de ainda mais pavor do que a ideia de acabar de volta no Centro de Refinamento.

Tudo *que eles* podem fazer é me torturar.

Me prender.

Me matar.

Ser separada de meus companheiros?

Isso é um destino ainda pior do que a morte. É uma morte da alma, e essa é a única coisa que prometi que nunca deixaria aqueles bastardos tirarem de mim.

"Ivy", Whiskey começa. "Eles têm um ponto."

"Não", eu sibilo. "Nós somos

matilha

. Isso significa algo, não significa?"

Eles todos trocam um olhar tenso, algum argumento não dito passando entre eles.

"Claro que significa", Thane diz calmamente. "Mas—"

"Então vocês não vão sem mim", digo firmemente. "Eu sabia no que estava me metendo quando escolhi ser sua omega. Se Reinmich cair, cai por nossa causa. Todos nós. Como uma matilha. Como uma unidade." Eu mordo de volta as lágrimas que formam nos olhos, mas sei que é uma causa perdida. "Aceitem ou deixem."

Thane me encara por alguns longos momentos, e me pego imaginando quantos soldados experientes murcharam sob aquele olhar escuro e penetrante. É mais difícil segurá-lo do que eu gostaria de admitir.

Mas então, ele pisca lentamente, um riso suave ecoando de seu peito largo. "Isso é um ultimato?"

Eu endireito minha espinha, percebendo que ainda estou de pé. "Sim", digo, tentando soar mais confiante do que me sinto. "É."

Ele abre um sorriso fantasmagórico, trocando um olhar com os outros. "Bem, acho que está decidido. Temos nossa omega. Temos nossa unidade. Temos nossos aliados. Agora, só precisamos de nosso exército." Ele pausa, olhando para a rainha. "Com todo o respeito, Sua Majestade… o que você ganha com isso?" ele pergunta, expressando minha preocupação não dita.

Para minha surpresa, a rainha sorri.

"Uma chance de corrigir alguns dos erros que meu isolamento permitiu que se instalassem no mundo além de nossas fronteiras", ela diz. "E uma chance de ajudar meu filho a curar as feridas de seu passado." Seu olhar varre todos nós. "E, se tivermos *muita* sorte, uma chance de ganhar aliados poderosos na luta contra aqueles que prejudicam os mais vulneráveis entre nós."

É um discurso bonito. Mas aprendi da maneira mais difícil que palavras bonitas muitas vezes escondem verdades feias, e mesmo agora, é difícil para mim aceitar suas palavras como sinceras.

Pelo menos até eu encontrar seu olhar.

Ela me dá um pequeno aceno.

Com esse reconhecimento, qualquer medo que eu pudesse ter de que estou apenas desesperada para acreditar que ainda há algo de bom neste mundo fodido evapora imediatamente.

Eu acredito nela.

Com todo o meu coração, eu acredito nela.

"Vamos precisar de tempo para discutir as coisas", Thane diz. "Como uma matilha."

A rainha acena. "Claro. Levem todo o tempo que precisarem. Podemos falar mais sobre isso de manhã, depois que todos descansarem e terminarem sua refeição."

"Isso aí", Whiskey diz, esfregando as mãos antes de mergulhar de volta em sua comida. "Se vamos para a guerra, melhor nos abastecermos."

Plague se encolhe com sua linguagem.

Mas a rainha apenas sorri.

A conversa à mesa se transforma em um zumbido distante enquanto me encosto na estrutura sólida de Wraith. Minhas pálpebras parecem incrivelmente pesadas, o peso de tudo pelo que

passamos finalmente me alcançando. Eu sei que deveria me sentar direito, deveria pelo menos fingir estar ouvindo.

Mas não consigo reunir energia para me importar com etiqueta adequada mais.

O braço de Wraith me envolve, seu toque hesitante no início. Quando não me afasto, ele me puxa para mais perto, sua mão enorme fazendo círculos calmantes em meu braço. O ronronar suave em seu peito vibra através de mim como uma canção de ninar.

Eu quero dizer a ele o quanto estou orgulhosa de que ele está sentado aqui comigo, mesmo que sentar em um jantar real deva ser uma tortura para ele. O quanto eu o amo. O quanto eu amo todos eles. Esses alphas lindos e quebrados que são todos meus, mesmo enquanto o mundo desmorona ao nosso redor.

Mas as palavras se perdem em algum lugar entre meu cérebro e minha boca, emaranhadas na névoa de exaustão que nubla minha mente.

Uma mão quente se acomoda em minha coxa. Eu não preciso olhar para saber que é Thane. Seus dedos traçam padrões preguiçosos contra o tecido sedoso de meu vestido, cada carícia enviando pequenas faíscas de calor através de mim, apesar de minha fadiga.

Nenhum deles deveria provavelmente estar fazendo isso aqui, também. Eles nem estão tentando esconder como eu estava quando toquei Wraith debaixo da mesa. Mas estou muito cansada para me importar com propriedade. Muito desgastada para me preocupar com o que alguém possa pensar.

Esses alphas são meus, e eu sou deles.

Deixe o mundo inteiro ver.

CAPíTULO

VINTE E OITO

PESTE



O peso do olhar da minha mãe nos segue enquanto deixamos o salão de jantar, Ivy meio adormecida e tropeçando entre Thane e Wraith. Meu peito dói ao vê-la, tão pequena e vulnerável entre seus corpos imponentes.

Ela não deveria ter que carregar o fardo do nosso mundo quebrado.

Nenhum deles deveria.

Mas ela escolheu isso.

Escolheu *nós*.

O pensamento ainda me confunde.

Caminhamos pelos corredores sinuosos do palácio, as paredes brancas e imaculadas em contraste com a escuridão que sinto se aproximando nas bordas da minha visão. Cada passo parece que estou caminhando através de melaço, o peso do passado me arrastando.

Quando chegamos à ala dos hóspedes, Ivy já está mais dormindo do que acordada. Thane a pega sem esforço, segurando-a contra seu peito largo. Ela se aconchega nele, um suspiro de contentamento escapando de seus lábios.

"Eu cuido dela," ele murmura, sua voz profunda incomumente gentil. "Vocês todos se preparem para dormir."

Eu aceno com a cabeça, sem confiar na minha voz. Os outros começam a tirar suas roupas formais, mas eu não consigo me mover

ainda. Meus olhos estão fixos na forma adormecida de Ivy enquanto Thane a leva para a cama enorme que domina o centro do quarto.

Ela parece tão tranquila.

Tão intocada pelos horrores do mundo.

Mas eu sei que não é assim.

Todos nós sabemos.

A mão de Whiskey no meu ombro me tira dos meus pensamentos. "Você está bem?" ele pergunta, sua voz baixa.

Eu forço um sorriso que parece mais um grimace. "Estou bem."

Ele ri, claramente não acreditando. "Claro que está. E eu sou a princesa de Reinmich."

Apesar de tudo, uma risada escapa de mim. "Acho que não é assim que o ditado vai."

"É, bem, estou improvisando." Ele começa a desabotoar minha jaqueta, seus dedos surpreendentemente ágeis. "Vamos, vamos tirar essa roupa chique antes que você desmaie em pé."

"Não é como se fosse um espartilho," eu digo secamente.

Whiskey sorri. "O meu é."

Eu deveria protestar. Deveria manter a distância cuidadosa que cultivei por tanto tempo. Mas estou tão cansado de fugir. De me esconder. Deixo que ele me desvista, meus olhos se fechando enquanto suas mãos se movem sobre meu corpo.

Quando estamos ambos sem roupa, os outros já se acomodaram na cama ao redor de Ivy. Ela está encolhida entre Wraith e Thane, seus cabelos flamejantes espalhados sobre seus peitos largos. Thane está colado atrás dela, um braço protegendo sua cintura enquanto ela se aconchega no pescoço cicatrizado de Wraith. Valek, surpreendentemente, se enfiou entre Wraith e a cabeceira, seus cabelos prateados brilhando na luz fraca enquanto caem sobre seus olhos fechados.

Juntos, eles parecem... certos.

Completos.

Eu hesito na beira da cama, de repente inseguro.

Eu pertenço aqui?

Depois de tudo que fiz, de tudo que escondi...

A mão de Whiskey encontra a parte inferior das minhas costas, me empurrando gentilmente para frente. "Vamos," ele murmura. "Você é um de nós, quer queira ou não."

Eu deixo que ele me guie para a cama, me acomodando ao lado de Thane. Whiskey se espalha ao meu lado, seu corpo irradiando calor. Ivy se mexe levemente quando o colchão cede, seus olhos se abrindo.

"Hamsa?" ela murmura, estendendo a mão para mim com um sorriso sonolento.

O som do meu verdadeiro nome em seus lábios me dá um choque. Eu pego sua mão, pressionando um beijo gentil em seus nós dos dedos.

"Estou aqui," eu sussurro. "Volte a dormir."

Ela murmura contente, seus olhos se fechando novamente. Em instantes, sua respiração se acalma, profunda e constante.

Ficamos deitados em silêncio por um longo tempo, o único som o sussurro suave da respiração e o ocasional farfalhar dos lençóis. Eu olho para o teto ornamentado, traçando os padrões geométricos familiares com meus olhos. Qualquer coisa para me distrair da tempestade de emoções dentro de mim.

"Você está pensando alto demais," Whiskey murmura ao meu lado. "Quase consigo ouvir as engrenagens girando na sua cabeça."

Eu viro a cabeça para olhar para ele, surpreso ao encontrar seus olhos castanhos fixos em mim. Há uma suavidade em seu olhar que nunca vi antes. Isso faz meu estômago se torcer.

"Desculpe," eu sussurro. "Vou tentar pensar mais baixo."

Ele ri, o som abafado pelo travesseiro. "Espertinho." Sua mão encontra a minha debaixo das cobertas, seus dedos roçando os meus. "Quer falar sobre isso?"

Eu hesito. As palavras estão lá, subindo na minha garganta, mas não consigo deixá-las sair. Anos de controle cuidadoso, de enterrar tudo profundamente, tornam quase impossível me abrir.

Mas Whiskey apenas espera pacientemente, seu polegar traçando círculos preguiçosos no dorso da minha mão. O toque simples me ancora ao presente quando sinto que posso flutuar em um mar de nostalgia estranha e desconfortável.

"Eu não sei como fazer isso," eu admito finalmente, minha voz quase inaudível. "Como ser... *eu* novamente. Quem quer que eu seja."

Whiskey fica quieto por um longo momento, pensando. Então ele puxa gentilmente minha mão. "Vamos," ele diz suavemente. "Vamos pegar um ar."

"Não pelados, não vamos," eu resmungo.

Sua risada baixa vibra através de mim. "Você não quer mostrar nossos paus para toda Surhiira?"

"Não. Eu não quero."

Ele rola lentamente para fora da cama, me puxando com ele. Eu observo, divertido, enquanto ele revira desajeitadamente o guarda-roupa como um urso gigante. Ele encontra alguns roupões de seda e joga um para mim sem aviso. Eu o pego, mas não antes que ele me cubra como um lençol sobre um fantasma.

Ele engasga uma risada que certamente teria acordado todos os outros. "Novo disfarce da Peste acabou de ser revelado."

"Cala a boca," eu resmungo, tirando o roupão da minha cabeça e vestindo-o. Mas também estou rindo um pouco.

"Agora eu *realmente* pareço a princesa de Reinmich," Whiskey diz ironicamente, amarrando o cinto na cintura. Eu não consigo evitar deixar meu olhar percorrer seu corpo forte, notando como ele veste bem o roupão, o tecido se acumulando em seus ombros largos e se abrindo sobre seu torso acolchoado.

"Você sabe que não há uma, certo?" Eu pergunto, de repente inseguro.

"Ainda não," ele diz, sorrindo. "Pode haver se Surhiira tomar o controle. Você seria o rei então? Que pensamento estranho."

"Eu sou apenas o terceiro na linha, mas mesmo se não fosse, não tenho interesse em nenhuma coroa," eu digo secamente.

"Você certamente tem interesse na minha."

Eu levanto uma sobrancelha. "Estou surpreso que você até conheça essa palavra."

"Eu conheço muitas," ele diz, já saindo para a varanda.

Eu sigo Whiskey para fora, o ar frio da noite arrepiando minha pele. Por um momento, ficamos apenas parados em silêncio,

observando a vista da cidade branca e reluzente de mármore e pedra à nossa frente, nosso lago brilhando como bilhões de diamantes sob a luz da lua cheia.

É estranho como parece familiar e estranho ao mesmo tempo.

Whiskey se inclina contra o corrimão, seu roupão se abrindo para revelar seu torso robusto. "Então, Sua Alteza," ele diz, com um tom de brincadeira na voz. "Cuidado em me dar o grande tour?"

Eu reviro os olhos, mas não consigo evitar o pequeno sorriso que se forma nos meus lábios. "Achei que você queria ar, não um passeio à meia-noite."

Ele sorri aquele sorriso insuportável que sempre consegue me irritar. "Por que não os dois? Vamos, me mostre seus velhos esconderijos."

Antes que eu possa protestar, ele já está balançando a perna sobre o corrimão da varanda. Meu coração pula na garganta enquanto ele se equilibra precariamente na borda.

"O que diabos você está fazendo?" eu sibilo, agarrando seu braço enorme.

Ele apenas ri, o som carregado pela brisa da noite. "Viva um pouco, Doutor. Ou devo dizer, *Príncipe*?"

Com isso, ele se lança da varanda. Eu observo em horror enquanto ele voa pelo ar, aterrissando com força no telhado de pedra de um prédio mais baixo em uma posição semi-agachada. Ele se endireita, rolando os ombros até estalarem, e se vira para mim com os braços abertos, aquele sorriso arrogante ainda estampado em seu rosto.

"Você vem ou não?"

Eu hesito por apenas um momento, anos de controle cuidadoso lutando contra o impulso imprudente de segui-lo. Mas talvez seja exatamente disso que eu preciso agora.

Me soltar.

Lembrar como é se sentir livre.

Antes que eu possa me convencer do contrário, estou escalando o corrimão. A pedra é fria sob meus pés descalços enquanto eu calculo a distância. Não é um salto impossível, mas faz anos que não faço algo assim.

Eu respiro fundo, dobro os joelhos e me impulsiono.

Por um momento de tirar o fôlego, estou voando. O vento chicoteia meu cabelo, e eu me sinto mais vivo do que em anos. Então estou rolando pelo telhado, parando aos pés de Whiskey.

Ele estende a mão, oferecendo-me ajuda para me levantar. "Nada mal para um príncipe mimado," ele provoca.

Eu pego sua mão, deixando que ele me levante. Apenas porque ele será mais insuportável se eu recusar. "Saiba que estou longe de ser mimado."

"Ah, é?" Seus olhos brilham com interesse. "*Conte-me*."

Em vez de responder, eu saio correndo pelo telhado, meus pés encontrando caminhos familiares que pensei ter esquecido. Whiskey me persegue, sua risada estrondosa ecoando no ar noturno.

E eu também estou rindo.

Passamos por pátios cheios de árvores de cristal incrivelmente delicadas, suas folhas tilintando suavemente na brisa. Fontes que parecem desafiar a gravidade, a água fluindo para cima em arcos brilhantes. Jardins repletos de flores que brilham de dentro, pintando a pedra branca em um arco-íris de cores suaves.

É de tirar o fôlego.

Mágico de uma forma que eu quase havia esquecido.

Nós diminuímos o ritmo em um telhado amplo e plano com vista para a praça central. A enorme estátua de mármore da Mãe Celestial domina o espaço, seu bico esguio voltado para a varanda, olhos dourados brilhando sob a luz suave da lua enquanto suas asas se abrem como se abraçassem a cidade.

Como se abraçassem *nós*.

A vista é muito familiar.

Foi aqui que aconteceu.

Onde eu matei Adiir.

Onde tudo mudou.

"Ok, eu admito," Whiskey diz enquanto se junta a mim na varanda, gesticulando para a vista. "Este lugar é realmente espetacular."

Eu aceno com a cabeça, um nó se formando na minha garganta enquanto as memórias me invadem. Memórias nas quais não quero

me aprofundar agora. "Eu costumava vir aqui o tempo todo quando era criança. Era meu esconderijo secreto quando as pressões de ser um príncipe se tornavam demais."

Whiskey fica quieto por um momento, me estudando com aqueles olhos castanhos que sempre parecem ver através de mim.

"Deve ter sido solitário," ele diz suavemente.

As palavras me atingem mais forte do que eu esperava. "Foi," eu admito, minha voz quase um sussurro. "Eu tinha tudo o que poderia querer, materialmente. Mas sempre me senti... à parte. Diferente."

"Porque você é bi-alfa?"

"O quê?" Eu engasgo, uma risada forçando sua saída apesar do aperto na minha garganta. "Esse termo nem faz sentido."

"Eu não sei a palavra para isso," ele protesta.

"Eu acho que não existe uma," eu admito, ainda rindo um pouco. "Mas... sim, isso foi parte disso. Foi mais do que isso, porém." Eu olho para a cena serena, suspirando. "Eu nunca quis governar. Nunca me senti confortável com a ideia de ter tanto poder sobre a vida das pessoas. Eu só queria ajudar. Curar."

A mão de Whiskey encontra a minha, seus dedos se entrelaçando com os meus. O toque simples me impede de cair novamente na dor antiga. "Parece para mim que você encontrou uma maneira de fazer isso de qualquer forma," ele diz. "Talvez não da maneira que você esperava, mas ainda assim."

Eu olho para nossas mãos unidas, maravilhado com o quão natural parece. Quão certo. "Eu acho que sim," eu murmuro. "Embora eu não tenha certeza de quanto bem realmente fiz, no grande esquema das coisas."

"Ei." A voz de Whiskey é incomumente séria. Ele se vira para mim completamente, sua mão livre subindo para acariciar minha bochecha. Sua palma é áspera contra minha pele. "Você fez mais bem do que sabe. Você salvou nossas bundas mais vezes do que posso contar. Especialmente nossa ômega."

Calor inunda meu rosto com suas palavras. "Se você soubesse metade das coisas que eu fiz..." Eu deixo a frase incompleta, incapaz de encontrar seu olhar.

"Nós sabemos quem você é agora," Whiskey interrompe. "É isso que importa."

Eu pauso, considerando suas palavras. É realmente tudo o que importa? Eu quero acreditar que sim. Eu quero acreditar que posso me libertar do passado que parece me sufocar, e quando olho ao redor para o lar que uma vez pareceu uma prisão, sinto que não sou o único que mudou.

Se Surhiira mudou, talvez ele esteja certo. Talvez eu também tenha mudado.

"Eu o matei bem aqui," eu sussurro, as palavras rasgando minha garganta. "Adiir. Meu melhor amigo. O homem que pensei amar." Uma risada amarga escapa de mim. "E agora aqui estou, dez anos depois, parado no mesmo lugar com outro alfa. A história tem um senso de humor perverso, não é?"

Whiskey fica quieto por um longo momento, digerindo isso, sua palma ainda descansando em minha bochecha. "Você não é a mesma pessoa que era então," ele finalmente diz, sua voz suave. "E eu não sou Adiir."

Eu me inclino em seu toque apesar de mim mesmo, faminto pelo conforto que me neguei por tanto tempo. "Não," eu concordo. "Você não é."

Seu polegar acaricia minha maçã do rosto, enviando pequenas faíscas de eletricidade através de mim. "Eu não vou te trair," ele murmura. "Eu não vou te machucar. Eu estou aqui porque quero estar. Porque eu..." Ele hesita, engolindo em seco.

Eu encontro seu olhar, meu coração acelerado. "Porque você o quê?"

Em vez de responder, ele se inclina e me beija.

Não é nada como o beijo de Adiir.

Não há desespero, nenhuma agenda oculta.

Apenas calor e ternura.

Eu congelo por um momento, sobrecarregado pelas emoções conflitantes que surgem em mim. Mas então Whiskey começa a se afastar, incerteza piscando em seus olhos, e eu não suporto a perda de contato.

Minhas mãos se levantam para se enredar em seus cabelos, puxando-o de volta para mim. Eu o beijo como se estivesse me afogando e ele fosse ar, derramando dez anos de solidão e saudade no pressionar de meus lábios contra os dele.

Quando finalmente nos separamos, estamos ambos respirando pesadamente. Whiskey descansa sua testa na minha, suas mãos firmes em minha cintura onde nossos corpos se encaixam.

"Por que você está sendo tão... *gentil* comigo?" Eu pergunto, odiando o quão vulnerável soo.

Whiskey ri um pouco, o som vibrando através de mim. "Não acho que alguém já me perguntou isso depois de um beijo."

"Você beija muitas pessoas?" Eu pergunto diretamente.

Ele me dá um sorriso preguiçoso. "Está com ciúmes?"

"Talvez," eu admito suavemente.

A mão de Whiskey sobe para acariciar minha bochecha novamente. "Porque você merece, idiota," ele diz suavemente. "E porque eu..." Ele hesita, incerteza passando por seus traços. "Porra, eu não sou bom com essas coisas sentimentais. Eu me importo com você, ok? Mais do que provavelmente deveria."

Minha respiração trava na garganta. Eu procuro em seu rosto por qualquer sinal de engano, qualquer indício de que isso seja apenas mais uma de suas piadas. Mas tudo o que vejo é honestidade crua.

"Whiskey," eu sussurro, sem saber o que mais dizer.

Ele sorri, mas é mais suave do que o normal. Vulnerável de uma forma que nunca vi nele antes. "Colt," ele me lembra. "Meu nome é Colt, lembra?"

"Colt," eu ecoo, testando o nome na minha língua.

Combina com ele.

Forte e um pouco selvagem, assim como ele.

"Não sei se consigo me acostumar a te chamar de Hamsa, então," ele diz. "Então talvez devêssemos continuar com nossos novos nomes, hein?"

"Acho que eu preferiria isso," eu murmuro. "Quem eu era antes... essa pessoa parece morta agora. É estranho, mas eu não sou mais Hamsa. Nem mesmo neste lugar."

"É. Eu me sinto assim também," ele admite antes de hesitar.

"O que foi?" Eu pergunto.

Ele me olha por um momento, mexendo a mandíbula antes de olhar para a varanda. "Quem quer que você seja agora," ele diz lentamente, seu pomo de Adão subindo e descendo enquanto as palavras ficam presas em sua garganta. "Eu te amo."

Essas últimas três palavras saem tão roucas, tão murmurantes, que levo um momento para perceber o que ele disse.

"Você... *me ama*?" Eu consigo engasgar.

"Você me ouviu," ele resmunga. "E eu não vou dizer de novo."

Eu procuro em seu rosto por qualquer sinal de engano, qualquer indício de que isso seja apenas mais uma de suas piadas. Mas tudo o que vejo é honestidade crua naqueles olhos castanhos. Vulnerabilidade que nunca testemunhei nele antes.

Ele se move desconfortavelmente, evitando meu olhar novamente. "É, bem, não faça um grande drama disso ou algo assim."

Mas eu posso ver a tensão em seus ombros largos, a maneira como sua mandíbula se contrai enquanto ele espera minha resposta.

Ele está com medo.

Assim como eu.

"Eu..." As palavras ficam presas na minha garganta.

Depois de Adiir, eu jurei que nunca mais me deixaria ser tão vulnerável novamente. Não com outro alfa. Nunca.

Mas não é exatamente isso que eu tenho feito, sem nem perceber? Deixando minha guarda cair pouco a pouco, não apenas com Ivy, mas com todos eles.

Com *ele*.

"Olha, esqueça o que eu disse," ele murmura. "Eu sei que você tem muita merda para lidar. Eu só queria que você soubesse, caso a gente morra. Eu não estou—"

Eu o interrompo agarrando a frente de seu roupão e puxando-o de volta para mim. Nossos lábios se chocam, e por um momento, é tudo dentes e desespero. Então ele se derrete em mim com um gemido baixo, suas mãos se enredando em meus cabelos.

Este beijo é diferente do primeiro. Há calor agora, urgência. Todo o desejo reprimido e frustração de meses—anos, se eu for honesto

comigo mesmo—derramados em um único ponto de contato.

Eu me perco no sabor dele, na sensação de seu calor sólido pressionado contra mim. Sua barba arranha meu queixo, tão diferente da suavidade de Ivy ou da memória de Adiir. Mas isso me ancora, me lembra que isso é real.

Que *ele* é real.

Quando finalmente nos separamos, estamos ambos respirando pesadamente. Ele descansa sua testa na minha, suas mãos ainda enterradas em meus cabelos.

"Porra," ele ofega. "Isso foi..."

"É," eu concordo, incapaz de evitar o sorriso na minha voz.

Ele se afasta o suficiente para encontrar meu olhar, seus olhos procurando os meus. "Então, isso significa...?"

"Sim." Eu respiro fundo, me preparando. É agora ou nunca. "Eu também te amo, seu idiota insuportável."

O sorriso que se espalha em seu rosto é mais brilhante que o sol. "É?"

"É." Eu não consigo evitar sorrir de volta, me sentindo mais leve do que em anos. "A Deusa me ajude, mas eu te amo."

Eu não acredito nela há tanto tempo.

E ainda não acredito.

Logicamente, eu sei que é apenas minha imaginação.

Mas enquanto ficamos ali na varanda, nos abraçando com nossas testas pressionadas uma contra a outra, em plena vista de Surhiira sob a sombra da estátua de nossa Mãe Celestial, eu juro que seus olhos estão brilhando.

CAPíTULO

VINTE E NOVE

IVY



Eu acordo com um sobressalto, meu coração acelerado enquanto tento lembrar onde estou. Os lençóis de seda macia contra minha pele parecem estranhos, e por um momento, o pânico arranha minha garganta enquanto luto para juntar as peças de como cheguei aqui.

Então tudo volta.

Surhiira.

O palácio.

O jantar real.

Estou na ala dos hóspedes, cercada por meus alphas.

Seus cheiros familiares me envolvem, acalmando minha ansiedade. O braço enorme de Wraith está drapeado protetoramente sobre minha cintura, seu rosto marcado enterrado em meu cabelo. Thane está pressionado contra minhas costas, sua respiração constante fazendo cócegas em meu pescoço. Whiskey e Valek estão espalhados por perto, seus membros entrelaçados de uma forma que seria cômica se não fosse tão comovente que eles estão se tolerando até esse ponto.

Mas alguém está faltando.

Plague.

Ele estava aqui quando todos caímos na cama, exaustos pelos eventos dos últimos dias.

Para onde ele foi?

Enquanto olho sonolenta ao redor do quarto, um lampejo de movimento perto da janela chama minha atenção. Plague está lá, silhuetado contra a luz pálida do amanhecer. Ele já está vestido com seu uniforme branco de príncipe, um lenço combinando enrolado na metade inferior de seu rosto. Enquanto observo, ele se vira levemente, e vejo seu perfil afiado delineado pelo brilho suave do nascer do sol.

Ele parece... diferente.

Mais leve de alguma forma, como se parte do peso que ele carregava finalmente foi tirado de seus ombros.

Como se sentisse meu olhar, Plague se vira completamente para mim. Seus olhos se enrugam um pouco nos cantos. Ele está sorrindo sob aquele lenço. É uma expressão suave e genuína que raramente vi nele.

Meu coração dá uma pequena reviravolta no peito.

Eu cuidadosamente me liberto do emaranhado de membros ao meu redor, me movendo o mais silenciosamente possível para evitar acordar os outros. Eles se mexem e resmungam e rosnam em seu sono, mas, felizmente, não acordam completamente.

Eles precisam descansar depois de tudo pelo que passamos.

Plague estende a mão enquanto me aproximo, e eu a pego sem hesitação. Sua pele é fria contra a minha enquanto ele me puxa para perto, envolvendo meu quadril com um braço e apoiando o queixo em minha cabeça. Ficamos ali em silêncio confortável, observando o sol subir mais alto sobre as torres brancas impossíveis de Surhiira.

Eu nunca vi nada parecido.

As torres de mármore imaculado capturam a luz, brilhando como gelo contra o céu violeta riscado de dourado e laranja. À distância, percebo o burburinho dos mercados ganhando vida, as pessoas se movendo com graça fluida por ruas que parecem mais obras de arte do que vias funcionais.

"É lindo," eu sussurro, incapaz de desviar meus olhos da vista.

Plague murmura em concordância, seu peito vibrando contra minhas costas. "Eu quase esqueci," ele murmura. "Passei tanto tempo fugindo deste lugar, que nunca parei para apreciar sua beleza."

Eu me viro em seus braços, olhando para ele. Há uma melancolia em seus olhos que nunca vi antes.

"Você se arrepende de ter voltado?" pergunto suavemente.

Ele fica em silêncio por um longo momento, considerando. "Não," ele diz finalmente. "Acho que... eu precisava enfrentar isso. Para lembrar de onde vim." Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso. "E para perceber o quanto eu mudei."

Eu me inclino, pressionando um beijo gentil em sua mandíbula.

"Todos nós mudamos," murmuro.

Seu braço se aperta ao meu redor, e eu me derreto em seu abraço. Ficamos ali em silêncio confortável, observando a cidade abaixo de nós ganhar vida. É hipnotizante, ver tantas pessoas vivendo suas vidas diárias sem medo. Sem a constante ameaça de violência que paira sobre cada interação em Reinmich.

"Eu quero te mostrar a cidade," Plague diz de repente. "Todos vocês. Há tanto para ver. Tanto que eu dei como certo quando vivia aqui."

Eu me afasto um pouco, examinando seu rosto. "Tem certeza? Eu sei que estar de volta aqui é... complicado para você."

"Tenho certeza," ele diz, acenando. "Eu quero que você experimente todas as coisas que eu nunca apreciei." Ele pausa, um brilho travesso entrando em seus olhos. "Além disso, acho que é hora de fazermos algumas compras. Fazer esses alphas parecerem menos como feras selvagens, e te levar em sua primeira maratona de compras. Vamos precisar de disfarces para o Alpha dos Alphas, de qualquer maneira."

Não consigo evitar o frio animado em meu peito com a ideia. Eu nunca tive roupas novas antes, muito menos fui às compras. A ideia de explorar esta cidade impossível com meus alphas, de experimentar algo tão maravilhosamente *normal*... é quase avassaladora.

"Eu gostaria disso," digo.

Atrás de nós, ouço o farfalhar dos lençóis e um coro de resmungos sonolentos. Os outros estão começando a acordar. Plague e eu nos viramos, observando com divertimento afetuoso enquanto nossos alphas lentamente ganham vida.

Whiskey é o primeiro a se sentar, seu cabelo castanho selvagem. Ele pisca sonolento, apertando os olhos contra a luz da manhã. "O que está acontecendo?" ele balbucia. "Estamos sob ataque?"

Não consigo evitar rir disso. "Sem ataques," asseguro a ele. "Apenas uma manhã linda em Surhiira."

Isso parece acordá-lo completamente. Ele olha ao redor, observando nossos arredores opulentos com olhos arregalados antes de se levantar da cama e se juntar a Plague e a mim na janela.

"Puta merda," ele suspira. "Que nascer do sol."

"Linguagem," Plague repreende com um sorriso.

Thane é o próximo, levantando-se com sua graça forte e silenciosa de sempre. "Você acordou cedo," ele comenta, seus olhos se suavizando enquanto me observa. Eu provavelmente pareço uma bagunça com meu cabelo todo selvagem e desalinhado, mas é claro pela forma como ele está me olhando que ele não concorda.

Eu encolho os ombros, incapaz de evitar o sorriso em meu rosto. "Não consegui dormir. Muito animada, acho."

Valek se alonga languidamente, sua graça felina em plena floração novamente agora que ele não está tão ferrado. "Animada para o quê, pequena omega?" ele ronrona. "A princesa prometeu alguma diversão real?"

"Compras, na verdade," Plague diz antes que eu possa responder. "Achei que todos nós poderíamos usar roupas novas. E há algumas coisas que eu gostaria que Ivy visse."

Isso chama a atenção de todos.

Acho que nenhum de nós realmente teve a chance de apenas... comprar coisas. De escolher o que queremos vestir, o que queremos nos cercar.

A próxima hora é um turbilhão de atividade enquanto todos nos preparamos para o dia. Atendentes aparecem como se fossem convocados por magia, nos ajudando a vestir roupas de seda branca que são muito mais confortáveis do que parecem.

Mal posso acreditar em meus olhos enquanto observo nossos reflexos no espelho ornamentado. Desapareceram as roupas desgastadas pela batalha e manchadas de sangue com as quais

chegamos. Em seu lugar, estamos todos adornados com roupas que parecem pertencer a um conto de fadas.

Meu vestido é uma obra-prima de seda branca fluida que brilha a cada movimento, capturando a luz como a superfície do lago de Surhiira. Depois de estar com minha matilha, minhas curvas se preencheram um pouco mais, e este vestido abraça cada uma delas. Meu cabelo ruivo selvagem foi domado em ondas soltas, adornado com pequenos pinos dourados em forma de penas de íbis.

Todos os cinco alphas estão vestidos com o mesmo uniforme militar branco e impecável que enfatiza seus corpos, incluindo Plague, o que me surpreende. Talvez seja porque ele não quer ser imediatamente reconhecido como o príncipe que é. Além do fato de Plague estar usando luvas brancas, a única diferença entre eles são os padrões geométricos em seus lenços. Valek ainda tem aquele que encontrou ontem à noite, os fios prateados acentuando seus olhos. Wraith está tenso e desconfortável em suas roupas formais, mas ainda parece majestoso.

Todos eles parecem.

Majestosos e heroicos.

"Nós limpamos bem, hein?" Whiskey diz, expressando o que tenho certeza que todos estamos pensando.

Não consigo evitar rir.

"Você está linda," Plague murmura, seus olhos percorrendo-me com admiração não disfarçada. "Como sempre."

Meu rosto esquenta com suas palavras. Parece estranho estar aqui, vestida como se eu mesma fosse uma realeza. "Você também," consigo responder. "Todos vocês."

Thane limpa a garganta. "Devemos ir," ele diz roucamente, mas não perco a forma como seu olhar se demora em mim. "A cidade espera."

Quando chegamos à entrada frontal do palácio, estou praticamente vibrando de empolgação. Os alphas parecem se alimentar de minha energia, sua cautela habitual dando lugar ao que parece ser entusiasmo genuíno enquanto seguimos Plague até o pátio.

Quando saímos para a manhã brilhante de Surhiira, tenho que piscar contra a luz deslumbrante refletida em toda aquela pedra branca. O ar é fresco e limpo, carregando o cheiro de flores que não consigo nomear e especiarias que nunca provei.

Vou ter que mudar isso.

Plague nos leva por escadarias imponentes e através de pátios movimentados. Percebo como as pessoas param e olham enquanto passamos, seus olhos se arregalando em reconhecimento ao avistarem Plague, apesar de seu uniforme militar. Muitos se curvam profundamente, murmurando "Sua Alteza" com clara reverência e confusão.

Posso dizer que isso deixa Plague desconfortável. Seus ombros ficam tensos a cada cumprimento, e ele mantém os olhos fixos à frente. Mas ele não vacila, não tenta se esconder. Ele apenas continua seguindo em frente, uma mão repousando protetora na base de minhas costas.

"Você vai ter que fazer um anúncio," Thane diz para ele em um tom irônico. "Todos pensam que você voltou dos mortos."

"Parece que eu voltei," Plague murmura.

Eu lhe dou um sorriso simpático.

Chegamos ao que deve ser o distrito comercial principal, e imediatamente fico sobrecarregada pela pura variedade de mercadorias em exibição. Barracas e lojas alinham as ruas, oferecendo de tudo, desde joias intrincadas até frutas exóticas em todas as formas, cores e texturas imagináveis. Os cheiros de comida cozinhando e óleos aromáticos se misturam no ar, fazendo minha boca salivar.

Eu paro em frente a um carrinho de frutas, meus olhos imediatamente atraídos por uma fruta do tamanho de meu punho. Ela tem uma casca grossa e coriácea em um tom de vinho profundo. A protuberância semelhante a uma coroa no topo chama minha atenção, a própria tentativa da natureza de decoração real.

"O que é essa?" pergunto, apontando para ela.

"Isso é uma romã," Plague responde. "Nossa fruta nacional."

"Gostaria de experimentar uma?" Thane pergunta do meu outro lado. "Elas são muito boas. Eram minha fruta favorita quando eu era

criança."

Wraith acena em concordância.

"Elas são suculentas," Valek acrescenta. "Como comer cápsulas de sangue."

"Provavelmente do jeito que *você* as come," Whiskey diz para ele com um resmungo.

Plague já está pegando sua bolsa de moedas.

"Não precisa pagar," o vendedor de meia-idade diz rapidamente, aparecendo do nada e pegando a romã com a coloração mais rica. Seus olhos estão arregalados como pratos enquanto ele enfia a romã nas mãos de Plague. Então outra, e mais uma, até que os braços de Plague estão comicamente cheios. "Não para o príncipe."

"Deixe-me," Plague diz ao vendedor com um suspiro cansado. Ele soa um pouco mais ameaçador do que eu tenho certeza que ele pretende, e o vendedor parece que está prestes a cagar um tijolo.

Felizmente, Whiskey percebe imediatamente. "Desculpe, cara," ele diz ao vendedor, dando uma palmada forte nas costas do homem atordoado. Ele o atinge com força suficiente para fazê-lo tropeçar. "Ele não quer parecer um idiota frio. É só o jeito dele."

Os olhos do vendedor se arregalam enquanto ele olha para Whiskey, então para Plague.

"Isso me faria feliz," Plague diz rigidamente, forçando um sorriso. Ele coloca as romãs em seus braços de volta no carrinho, exceto pela melhor, e pega sua bolsa de moedas. Ele tira algumas moedas douradas com o íbis gravado nelas e as entrega ao vendedor. "Desculpe por te assustar. Você não tem nada a temer da família real."

O vendedor não parece tão certo, mas ele não reclama das moedas. Quando nos afastamos da barraca de frutas, eu olho para trás e o vejo segurando-as contra o sol, maravilhado com a forma como capturam a luz.

"Que interessante," Valek comenta para Plague enquanto nos afastamos. "Sua família não é tão benevolente quanto parece?"

Plague dá a Valek um olhar lateral desconfortável. "Meu pai não era. E Azarel sempre foi do lado... sério. Mas ele nunca foi cruel. A menos que algo tenha mudado desde que eu parti." Ele se vira para

mim, tirando a adaga de seu cinto. "Aqui. Você a corta em seções, assim—"

"Não, meu jeito é mais rápido," diz Whiskey, pegando a romã de Plague. Ele a abre com as próprias mãos, a fruta inteira se dividindo em várias seções. O suco vermelho escorre e cai em suas mãos enquanto Plague faz uma careta de julgamento. Especialmente quando um pouco do suvo respinga na jaqueta branca anteriormente impecável de Whiskey.

"Isso também funciona, suponho," Plague diz secamente.

"Cuidado. Vai manchar pra caralho seu vestido," Whiskey diz, me entregando uma seção suculenta da fruta. A polpa é amarela pálida e semelhante a uma teia, pontilhada com sementes da cor vermelha mais brilhante que já vi. Posso entender por que Valek as comparou com sangue.

Eu vou dar uma mordida nela como se fosse uma fatia de maçã e Whiskey solta uma risada. "Não assim," ele diz. "Essa parte amarela é amarga. Você não quer comer isso. Apenas coma as sementes. Assim." Ele arranca uma da polpa e a joga no ar, pegando-a com a boca.

"Exibido," Plague murmura.

Whiskey lhe mostra um sorriso. "Você adora."

Eu arranco uma das sementes brilhantes e a coloco na boca através do meu véu de contas. A explosão de sabor é chocante. Doce e azedo ao mesmo tempo, complexo de uma forma que eu não sabia que uma fruta poderia ser. As sementes estalam agradavelmente entre meus dentes.

"Oh, uau," eu murmuro, pegando outra. "Isso é..."

"Bom?" Whiskey pergunta, entregando seções para o resto dos alphas antes de arrancar um punhado de sementes da sua própria de uma vez.

"Incrível," eu o corrijo, saboreando cada pequena explosão de sabor.

"Cuidado com o tecido branco," Plague resmunga, segurando a romã em suas mãos como se o suco vermelho brilhante pudesse incendiar suas luvas brancas.

Eu não preciso ver a boca de Valek para saber que ele está sorrindo. O brilho em seus olhos é inconfundível, mesmo antes de ele puxar o lenço para dar uma mordida desnecessariamente viciosa em sua seção de romã, polpa amarga e tudo. "Desista, princesa," ele ronrona, o suco manchando seus lábios como se ele fosse um vampiro que acabou de morder a garganta de uma vítima. "Somos todos feras selvagens, até você. É por isso que nós te deixamos tão desconfortável."

Plague dá a Valek um olhar irritado. "Eu gostava mais de você quando não estava tentando ser profundo."

Eu mordo uma risada, colocando mais algumas sementes na boca. Wraith faz a mesma coisa, suas mãos enormes surpreendentemente cuidadosas enquanto ele arranca uma e a desliza por trás de seu lenço. Mas, novamente, não deveria ser uma surpresa, considerando o quanto controle ele teve durante nosso primeiro encontro.

A memória faz meu rosto esquentar novamente.

Valek dá uma risada sombria e se vira para mim. "Em Vrissia, temos uma história sobre a romã. Uma omega come seis sementes no submundo e se torna a rainha dos mortos." Ele sorri maliciosamente. "Talvez você também se torne a rainha de algo, sim?"

Eu reviro os olhos para ele, mas não consigo evitar sorrir. A forma como o suco mancha meus dedos de vermelho parece de alguma forma decadente, quase perigosa. Como se eu estivesse me entregando a algo proibido.

"Eu teria que ser o rei, e isso não vai acontecer," Plague diz com ênfase antes de comer algumas sementes ele mesmo. Para meu alívio. Surhiira é incrível, mas eu não conseguiria manter o ato de rainha por muito tempo.

A omega de um príncipe, no entanto?

Isso pode ser diferente.

O sabor doce e azedo da romã ainda permanece em minha língua enquanto nos aprofundamos no movimentado distrito comercial. Meus olhos saltam de barraca em barraca, tentando

absorver a deslumbrante variedade de cores e texturas em exibição. Eu nunca vi tantas coisas lindas em um só lugar antes.

Assim que terminamos nossa romã compartilhada e nos livramos da casca amarga, e Whiskey lava as mãos em uma fonte a pedido insistente de Plague, vamos para uma loja com filigranas douradas intrincadas emoldurando as janelas. Todos aqui parecem falar a mesma língua comum que nós, mas a escrita acima da porta não é nada que eu reconheça.

Quando entramos pela porta da frente, um sino toca suavemente, anunciando nossa chegada. Uma atendente desliza até nós, suas vestes brancas sussurrando contra o chão polido. Seus olhos se arregalam enquanto nos observa, demorando-se em Plague por um momento em claro choque antes de se recompor com uma reverência profunda.

"Bem-vindos, hóspedes honrados," ela diz, sua voz tremendo levemente. "Como posso ajudá-los hoje?"

Plague avança, sua postura majestosa. "Precisamos de novas roupas," ele diz suavemente. "Algo que nos ajude a nos misturar com os frequentadores de festas escrotas em um baile de máscaras."

Ela parece chocada com suas palavras. Acho que estar com os Ghosts por tanto tempo bagunçou seu vocabulário de príncipe. "Claro, Sua Alte—"

"Apenas senhor está bom," Plague interrompe gentilmente.

"Couro seria bom," Whiskey acrescenta. "Vocês têm essa merda aqui?"

O sorriso da atendente vacila sob o véu. "Temos tudo que vocês possam imaginar," ela croa.

"Ótimo," diz Whiskey, já entrando.

Enquanto nos movemos pela loja, não consigo evitar passar os dedos sobre os tecidos que passamos. Sedas tão finas que parecem água. Veludos tão macios que quero enterrar meu rosto neles. Meus instintos de omega estão entrando em overdrive, e eu nem estou no cio agora.

A atendente nos leva a uma área mais reservada da loja, separada por cortinas de gaze. "Talvez possamos começar com

algumas opções para os cavalheiros?" ela sugere, gesticulando para um cabide de roupas.

Whiskey sorri, cutucando Plague. "Aquele vestido preto com penas nos ombros ficaria bem em você."

Eu mordo o lábio para evitar rir enquanto o rosto de Plague fica vermelho. Seus olhos se estreitam perigosamente como se ele estivesse prestes a estrangular Whiskey. "Cala a boca."

"Ah, qual é," Whiskey provoca. "Combinaria com seu visual de pássaro."

"Não é um pássaro," Plague diz com os dentes cerrados. "É um médico da peste. É por isso que meu nome é Plague."

Whiskey inclina a cabeça. "Desculpe, uh, o que é um *médico da peste*?"

Plague o encara por um segundo antes de acenar com a mão. "Esquece," ele murmura, caminhando mais fundo na loja enquanto Whiskey o segue como um golden retriever gigante, tentando em vão fazê-lo explicar.

Eu passo meus dedos sobre um cabide de tecidos brilhantes, maravilhada com a forma como parecem mudar de cor a cada movimento. As sedas e veludos são tão finos, tão delicados. Nada como as roupas grossas e práticas às quais estou acostumada.

Parte de mim ainda não consegue acreditar que isso é real.

"E esse aqui?" Whiskey segura um vestido branco e translúcido que deixa pouco à imaginação. Ele aparentemente desistiu de aprender sobre médicos da peste hoje.

Eu reviro os olhos, lutando contra um sorriso. "Acho que isso não vai nos ajudar a nos misturar em uma festa de alta classe."

"Quem disse que estamos tentando nos misturar?" Valek ronrona, aparecendo ao meu lado com um espartilho de couro que faz meus olhos se arregalarem. "Eu digo que fazemos uma entrada que nunca esquecerão."

Thane belisca a ponte do nariz, claramente exasperado. "O ponto é *não* chamar atenção para nós mesmos. Estamos tentando nos infiltrar, não começar um motim."

"Você nunca se diverte," Valek murmura, mas ele devolve o espartilho com um suspiro dramático.

Enquanto nos aprofundamos na loja, a realidade de nossa situação começa a se instalar. Não estamos apenas fazendo compras por diversão. Estamos nos preparando para uma missão perigosa. O peso disso se instala em meu peito, um contraste estranho com a leveza que tenho sentido hoje.

"Precisamos decidir nossa abordagem," Thane diz, sua voz profunda cortando meus pensamentos. "Dada a natureza do Alpha dos Alphas, nossa melhor aposta é jogar com as expectativas deles. Ivy vai se passar pela omega de uma matilha poderosa. Isso nos dará o acesso que precisamos sem levantar suspeitas."

Meu estômago dá uma reviravolta com suas palavras. Não está longe da verdade, realmente, mas a ideia de deliberadamente me colocar em exibição me deixa nervosa. Passei tanto tempo tentando ficar escondida, tentando me misturar ao fundo.

Agora estarei no centro das atenções.

E estarei cercada por alphas.

Como um pedaço de carne andando voluntariamente para a cova do leão.

"Você está bem com isso, gatinha?" Whiskey pergunta, seu tom de provocação habitual suavizado.

"Eu consigo lidar," murmuro. "Além disso, não é como se eu estivesse sozinha, certo?"

O rosnado baixo que ecoa pelos cinco alphas me faz sentir um pouco melhor sobre a situação imediatamente.

"Estaremos bem ao seu lado," Thane diz, seus olhos escuros intensos. "A cada passo do caminho."

"Ninguém vai tocar em você," Valek acrescenta.

Wraith acena em silêncio, concordando. A forma como ele se aproxima, sua estrutura massiva irradiando energia protetora agressiva, diz mais do que palavras jamais poderiam.

Suas reações possessivas provavelmente deveriam me assustar. Uma vez, teriam. Mas agora, cercada por esses alphas que provaram repetidamente que morreriam por mim—que matariam por mim—eu me sinto segura.

Querida.

Amada.

"Ok," digo, minha voz mais firme do que me sinto. "Vamos encontrar algo adequadamente... omega."

A próxima hora é um turbilhão de seda e renda, contas e bordados. As atendentes trazem roupa após roupa, cada uma mais elaborada que a última. É avassalador, mas também emocionante. Eu nunca tive tantas escolhas antes.

"Ah, esse é perfeito," Whiskey diz, segurando um vestido vermelho profundo com um decote acentuado e uma fenda até a coxa. "Você vai ficar incrível nisso, Ivy."

Antes que eu possa responder, Plague se interpõe entre nós, seus olhos estreitos. "Absolutamente não. É muito revelador."

"Esse é meio que o ponto, não é?" Whiskey argumenta. "Omegas de alta classe geralmente são exibidas, certo?"

"Não *nossa* omega," Plague murmura.

"Que tal um meio-termo?" sugiro, segurando um vestido azul meia-noite com detalhes prateados. O decote ainda é baixo, mas não muito escandaloso, e há cortes estratégicos que sugerem pele sem revelar demais. "Esse é sexy, mas ainda elegante."

Os alphas trocam olhares, uma conversa silenciosa passando entre eles. Finalmente, Thane acena. "É adequado. Mas você vai precisar de algo para cobrir, só por precaução."

Encontramos um xale combinando que cai elegantemente sobre meus ombros, fácil de remover se necessário, mas fornecendo uma camada extra de modéstia. Enquanto me escondo atrás de uma cortina para experimentá-lo, posso ouvir os alphas murmurando entre si.

"Vamos precisar estar em alerta máximo," Thane diz. "Haverá alphas de todos os lugares. Poderosos, acostumados a conseguir o que querem."

"Deixe-os tentar," Valek rosna, seu tom brincalhão habitual substituído por algo mais sombrio. "Eu adoraria uma desculpa para derramar um pouco de sangue azul."

"Não estamos lá para começar uma briga," Plague os lembra, mas há uma borda em sua voz que não estava lá antes. "Mas se alguém sequer olhar para ela de forma errada..."

"Eles estão mortos," Whiskey termina. "Simples assim."

Wraith rosna baixo em concordância.

"Sim. Vamos arrasar tudo se der errado," Thane diz gravemente. "A única coisa que torna isso um pouco mais seguro para Ivy é que eles tendem a ignorar omegas nesses eventos."

"Acho que é por isso que não se chama o Omega dos Alphas," Whiskey diz com um resmungo.

Eu provavelmente deveria estar nervosa depois do que acabei de ouvir. Mas quando saio de trás da cortina, observando seus olhos se arregalarem enquanto observam minha aparência, tudo o que sinto é uma onda de poder.

"E então?" pergunto, dando uma voltinha. "O que vocês acham?"

Por um momento, nenhum deles fala. Então Whiskey solta um assobio baixo. "Caramba, gatinha."

"Você está..." Plague começa, então para, aparentemente sem palavras.

"Como uma rainha," Thane termina, sua voz rouca.

Wraith faz um sinal para mim com ênfase. *Nossa rainha.*

Valek está incomumente sem palavras.

Com meu traje resolvido, voltamos nossa atenção para as roupas dos alphas. Eles precisam parecer líderes de matilha poderosos e ricos, o que significa trocar seu equipamento tático habitual por algo mais refinado.

Plague, é claro, parece em casa com as roupas finas. Ele escolhe um terno preto sob medida com detalhes dourados sutis que complementam sua postura real. Thane opta por um conjunto de carvão profundo que enfatiza seus ombros largos e presença imponente.

Whiskey reclama o tempo todo, mas até ele não pode negar o quão bem ele fica no smoking azul marinho que escolhemos para ele. Valek, previsivelmente, escolhe algo mais chamativo—um terno branco com bordados prateados que combinam com seu cabelo e olhos.

Mas é Wraith quem mais me surpreende. Quando ele sai do provador em um terno preto perfeitamente ajustado, sua estrutura massiva de alguma forma ainda mais imponente com as roupas formais e o lenço combinando, minha respiração falha. Ele parece...

majestoso. Perigoso de uma forma completamente diferente do habitual.

"Isso é um baile de máscaras, certo?" Whiskey pergunta. "Então vamos precisar de máscaras também?"

"Elas estão aqui," diz Plague, gesticulando para as prateleiras em uma parede distante. Dezenas de máscaras intrincadas cobrem a parede de um lado ao outro, variando de máscaras pretas simples a criações elaboradas que cobrem o rosto inteiro, adornadas com joias, penas e metais preciosos. Algumas são caras o suficiente para serem guardadas em vitrines.

Eu sempre fui atraída por máscaras, mas nunca vi nada assim pessoalmente. A ideia de realmente usar uma, de me transformar em outra pessoa por uma noite, é, admito, um pouco emocionante, apesar da natureza da missão e do nível de perigo em que a matilha estará.

"Escolha qualquer máscara que chame sua atenção," Plague murmura, seu sopro quente contra meu ouvido. "O preço não é um problema, é claro."

Eu olho para ele, surpresa. É fácil esquecer às vezes que ele é realmente da realeza, que dinheiro não significa nada para ele, e a realização é um pouco chocante. Mas então eu pego o olhar suave em seus olhos, a forma como ele está absorvendo minha empolgação, e isso para de importar.

Whiskey, previsivelmente, mergulha de cabeça. Ele vai direto para uma seção de máscaras mais dramáticas, segurando uma após a outra com alegria, sem nenhum respeito pela fragilidade. "Olha essa aqui," ele chama, colocando uma máscara vermelha escura com gemas de obsidiana preta adornadas com chifres curvos. Ela deixa a parte inferior de seu rosto descoberta. "Como eu estou?"

"Como um touro em uma loja de porcelana," Valek arrasta, mas há diversão brincando em seus olhos prateados. "Adequado, realmente."

O sorriso de Whiskey se amplia sob a máscara. "Perfeito. Vou levar."

Thane se aproxima das máscaras com seu foco metódico habitual. Ele seleciona uma máscara branca pura que cobre seus

olhos e a ponte do nariz. É simples, elegante, um contraste marcante contra seu cabelo escuro e traços fortes.

"Não vai escolher uma caveira?" Whiskey pergunta, claramente surpreso.

"Isso seria óbvio demais," Thane diz secamente, olhando significativamente para a máscara chamativa de Whiskey.

Valek, fiel à forma, escolhe a opção mais dramática disponível. Ele emerge de trás de uma vitrine usando uma máscara em forma de rosto de cobra venenosa, toda escamas iridescentes e presas brilhantes.

"Sutil," Plague murmura, já usando uma máscara preta adornada com um punhado de pequenas gemas brilhantes da mesma tonalidade de tinta que seu cabelo.

Enquanto Wraith examina as máscaras, verificando-as sem tocá-las como se estivesse com medo de quebrar algo, eu volto minha atenção para a parede de máscaras, me sentindo um pouco sobrecarregada pelas escolhas. Quando ele seleciona uma máscara de lobo preta fosca que cobre suas cicatrizes, eu já estou de volta à estaca zero, tentando encontrar algo que me sirva.

É então que eu a vejo.

Uma máscara de coelho branca, suas orelhas altas adornadas com delicadas filigranas douradas. Os olhos são emoldurados por desenhos vermelhos que me lembram chamas. Sem pensar, eu a pego. O interior é forrado com veludo macio, e ela se encaixa perfeitamente, como se tivesse sido feita para mim.

Eu me viro para os outros, de repente tímida. "O que vocês acham?"

Por um momento, todos eles apenas olham. Então Whiskey solta um assobio baixo. "Você vai começar um motim completo parecendo assim."

É impossível não se sentir um pouco vaidosa com a fome que vejo nos olhos de todos. Até Wraith, que esteve incomumente quieto durante todo esse processo, está me observando com uma intensidade que faz minha pele formigar, seus olhos azuis queimando por trás dos traços suaves e angulares de sua máscara de lobo.

Eu me viro de volta para o espelho, ajustando levemente a máscara de coelho. O branco nítido e as marcas vermelhas ao redor dos olhos realmente destacam o fogo em meu cabelo, fazendo-o parecer uma chama viva na luz suave da loja.

Por um momento, eu mal me reconheço.

Isso é divertido.

É perigoso e não deveria ser, mas é divertido.

"O que vem depois?" pergunto, removendo a máscara com um pouco de relutância e encarando meus alphas novamente. Eu provavelmente deveria estar cansada depois de tudo que aconteceu, mas agora, sinto que poderia continuar o dia todo.

"Há uma loja do outro lado da rua que se especializa em produtos para omegas," Plague responde assim que encontra sua voz novamente. "Achei que você gostaria de dar uma olhada."

Meu coração dá uma reviravolta com a sugestão. Eu nunca fiz compras para mim mesma antes, muito menos para coisas especificamente projetadas para omegas. Eu penso nos suprimentos luxuosos que os alphas trouxeram para mim para fazer um ninho no Chateau, e como eu escolhi abrir mão deles pelos materiais rústicos e rudimentares aos quais estava acostumada.

Mas de alguma forma, parece diferente agora.

Tudo parece.

Depois de embalar nossos disfarces, saímos da loja e eu olho para as lojas do outro lado da rua. Eu avisto a loja de omega imediatamente. É incrivelmente óbvia com o símbolo dourado de omega acima das portas. A fachada é uma obra de arte por si só, toda mármore branco brilhante e filigranas douradas intrincadas. Cortinas de gaze flutuam na brisa, oferecendo vislumbres dos tesouros dentro.

Tecidos, travesseiros, decorações…

A voz profunda de Thane ressoa atrás de mim. "Você está bem, pequena?"

Eu olho para ele, engolindo em seco. "É só... muito."

O que eu não digo, o que não confio em mim mesma para colocar em palavras, é que parece tão surreal. No mundo que conheço, omegas são enfeites, não clientes. Este lugar não parece

apenas uma loja de suprimentos onde alphas podem ir para pegar coisas para atender às necessidades básicas de seus animais de estimação.

É claramente feito *para* omegas.

Parece uma distinção tão boba e trivial, mas desperta um sentimento estranho em meu peito que eu mesma não entendo.

Seus olhos escuros se suavizam com compreensão. "Nós não precisamos entrar se você não estiver confortável."

Mas Whiskey já está saltando à frente, seu entusiasmo contagiante. "Vamos, gatinha! Vamos ver que merdas chiques eles têm lá dentro."

Antes que eu possa protestar, ele está me guiando pela porta, os outros seguindo de perto.

A loja é um tesouro de confortos para omegas. Tecidos macios em todas as cores imagináveis pendem das paredes e transbordam de cestas ornamentadas. Frascos de vidro delicados cheios de óleos perfumados capturam a luz, enviando prismas de arco-íris dançando pelo chão. E em todos os lugares que olho, há travesseiros e cobertores e coisas macias que fazem meus dedos coçarem de vontade de tocar.

"Bem-vinda. Como posso ajudá-la hoje?" a beta atendente pergunta, seu olhar demorando-se em mim com óbvia curiosidade.

Plague avança, sua postura real em plena exibição. "Estamos procurando materiais para ninho," ele diz suavemente. "Os melhores que você tiver disponível."

Materiais para ninho?

Os olhos da beta se arregalam, piscando entre Plague e eu. A compreensão surge em sua expressão, seguida rapidamente por empolgação. "Claro, Sua Alteza. Temos uma excelente seleção. Por favor, sigam-me."

Ela nos leva mais fundo na loja, para uma seção cheia dos tecidos mais luxuosos que já vi. Sedas e veludos estão empilhados, cada um mais tentador que o último.

"Sinta-se à vontade para tocar," a beta incentiva. "É a melhor forma de encontrar o que fala com você."

Eu hesito, olhando para meus alphas em busca de confiança. Eles acenam encorajadoramente, e isso é tudo o que é preciso para as comportas se abrirem. Eu mergulho minhas mãos na pilha mais próxima de tecido, um ronronar escapando de mim antes que eu possa pará-lo.

É como tocar uma nuvem.

"Puta merda," eu sussurro, me esquecendo por um momento.

Whiskey ri. "Uma mulher depois do meu próprio coração."

O olhar azul pálido de Plague se suaviza. "Se você acabar querendo ficar aqui depois que tudo isso acabar," ele diz suavemente, "posso mandar entregar o que você quiser no palácio. Tenho certeza que eles podem fazer um pedido personalizado também."

"Claro," a beta diz imediatamente.

Eu passo meus dedos sobre um rolo de tecido prateado brilhante, maravilhada com a forma como ele parece fluir como luz líquida entre meus dedos. A vontade de juntá-lo, de me envolver em sua maciez, é quase demais.

Talvez seja apenas o estresse de tudo que aconteceu, mas sinto que estou prestes a começar a construir um maldito ninho bem aqui na loja.

"O que você acha desse aqui?" A voz de Whiskey quebra minha reverie. Ele está segurando um cobertor grosso e macio com fibras felpudas em um verde floresta profundo. "Parece musgo, não é? Pensei que poderia fazer você se sentir... sei lá, em casa ou algo assim."

O nó que se forma em minha garganta me pega de surpresa. Eu estendo a mão, passando-a sobre o material macio. Ele realmente me lembra da floresta, dos breves momentos de paz que encontrei na natureza com minha mãe.

Eu me pergunto o que ela pensaria deste lugar.

"É perfeito," eu consigo dizer, minha voz rouca. "Obrigada."

O sorriso de Whiskey é suave e genuíno. Ele joga o cobertor em uma cesta que a atendente traz, então segue para inspecionar uma pilha de fronhas de seda com uma intensidade surpreendente.

Um por um, os alphas se juntam. Thane é atraído por cores ricas e escuras—vinhos profundos e azuis meia-noite que me fazem pensar no céu noturno. Valek tem um olho para padrões delicados e intrincados com bordas afiadas. Ele continua me trazendo tecidos finos como gaze cobertos com desenhos espirais que capturam a luz.

Wraith parece sobrecarregado por todas as escolhas. Mas ele me observa cuidadosamente, notando em quais texturas eu me demoro, quais cores chamam minha atenção. Quando ele finalmente faz sua única seleção—um cobertor enorme e incrivelmente macio de pele falsa em uma rica cor safira—eu percebo que é o mesmo tom de seus olhos. Mas tenho certeza que ele nunca olhou voluntariamente em um espelho, então não há como ele saber disso.

Plague se move pela loja com um propósito silencioso, ocasionalmente murmurando para a atendente sobre pedidos personalizados e cronogramas de entrega. Mas eu não perco a forma como seu olhar continua voltando para mim, quente e adorador.

Enquanto passo minhas mãos sobre um rolo de couro macio como manteiga, minha mente divaga. Eu quase consigo ver. Um futuro aqui, nesta cidade impossível de pedra branca e luz dourada. Uma vida onde não estou constantemente olhando por cima do ombro, onde não tenho que lutar por cada pedaço de conforto.

Uma vida onde posso construir um lar de verdade.

"Você está bem, pequena omega?" A voz de Valek é incomumente gentil. Quando olho para cima, fico surpresa ao ver preocupação genuína naqueles olhos geralmente afiados.

Eu aceno, não confiando em minha voz. Como posso explicar como estou me sentindo? A esperança e o medo, o anseio e a dúvida, todos tão entrelaçados que não consigo dizer onde um termina e o outro começa?

Mas Valek apenas acena, como se entendesse.

Talvez ele entenda.

Somos todos quebrados à nossa própria maneira, afinal.

"Aqui," ele diz, pressionando um cobertor de seda em minhas mãos. É um preto profundo e rico, entremeado com fios prateados

que capturam a luz. "Para quando você precisar de um lembrete de que até a noite mais escura tem estrelas."

Eu seguro o tecido contra meu peito, sobrecarregada pelo gesto. Por tudo isso. A bondade, o cuidado, a pura normalidade de fazer compras de roupa de cama com minha matilha.

Minha família.

"Obrigada," murmuro, e quero dizer isso por muito mais do que apenas a seda. Ainda estou planejando ter a conversa para acabar com todas as conversas com ele quando tivermos um momento a sós, mas por agora, pode esperar.

O sorriso de Valek é mais suave do que já vi, os cantos de seus lábios aparecendo acima de seu lenço. Ele estende a mão, como se quisesse me tocar, então pensa melhor. Em vez disso, ele apenas acena e se afasta para aterrorizar outra exibição de almofadas.

Eu me viro de volta para a montanha de tecidos que acumulamos, passando meus dedos sobre cada peça. O verde floresta do cobertor de Whiskey. O azul meia-noite da seda de Thane. O safira da pele falsa de Wraith. O preto brilhante da noite do cobertor de Valek.

E lá, aninhado no centro, um pedaço de seda branca pura adornada com delicados bordados dourados.

A contribuição de Plague.

Isso me lembra da própria Surhiira, da beleza imaculada deste lugar que poderia ser nosso lar.

Nosso lar.

É isso que eu quero?

Ficar aqui e criar raízes quando tudo isso acabar?

Eu pego uma pequena almofada, passando meus dedos sobre as palavras bordadas em fios dourados.

Lar é onde a matilha está.

E eu a adiciono à nossa cesta com um sorriso.

CAPíTULO

TRINTA

IVY



Pela janela, os pináculos reluzentes de Surhiira desaparecem à distância, substituídos pelo deserto árido das Terras Exteriores. Minha mão traça padrões ociosos no vidro frio da janela do trem enquanto relembro os últimos dias.

Eu nunca esperava me apaixonar por um lugar. Mas Surhiira, com seus edifícios de pedra branca e detalhes dourados, conquistou um espaço no meu coração. A maneira como a luz do sol dançava sobre os padrões geométricos que adornavam cada superfície. A dignidade silenciosa de seu povo, com suas roupas brancas e rostos velados. Até as rígidas regras sociais pareciam reconfortantes em sua previsibilidade.

É difícil acreditar que estivemos lá por apenas alguns dias. Parece que nosso tempo em Surhiira foi simultaneamente muito mais curto e muito mais longo. Talvez seja porque é tão isolado do resto do mundo, parece estar em um universo paralelo, separado da minha própria percepção de tempo.

Peste está sentado ao meu lado, lendo um livro encadernado em couro. Ele trocou suas roupas dramáticas habituais pelo terno preto simples, mas elegante, com detalhes dourados que escolheu durante nossa visita ao mercado em Surhiira. Seus cabelos escuros estão presos na nuca, algumas mechas longas caindo sobre seu rosto angular enquanto ele se debruça sobre o livro.

Eu disse a ele, pouco antes de partirmos, que poderia imaginar ficar em Surhiira. Talvez não na cidade em si—não tenho certeza se minha natureza selvagem aguentaria as paredes ao nosso redor, pelo menos não por muito tempo—mas perto. Há uma villa à beira do lago que chamou minha atenção ontem à noite, enquanto eu observava o pôr do sol com a matilha pela última vez, e insinuei que algo assim seria perfeito.

Seguro, mas protegido.

Se é que ele quer voltar para cá, é claro. Eu sei que seria uma decisão importante para ele, e agora estamos todos no modo de sobrevivência.

Eu observo Thane e Valek jogando cartas em uma pequena mesa à minha frente, ambos parecendo muito mais refinados do que estou acostumada a vê-los. Thane corta uma figura imponente em seu terno cinza escuro, um contraste gritante com o conjunto branco extravagante de Valek, com detalhes prateados que combinam com seus olhos.

Wraith cochila no canto, seu corpo enorme preenchendo o terno preto e a camisa branca impecável. Um lenço de seda preto cobre a metade inferior de seu rosto, o tecido se movendo levemente a cada respiração constante. Mas mesmo meio adormecido, ele parece pronto para entrar em ação a qualquer momento.

Whiskey está esparramado em uma poltrona perto deles, com as pernas esticadas à frente. O azul marinho escuro de seu terno destaca o calor de seus cabelos castanhos e olhos cor de mel. Ele continua puxando a gola, como se o tecido o estivesse incomodando.

Eu entendo. Também não estou acostumada com meu vestido azul meia-noite. É macio e sedoso, mas parece estranho contra minha pele.

Mas todo esse trabalho faz com que pareçam um bando de alfas ricos e poderosos com uma ômega os unindo. Ninguém adivinharia que são assassinos treinados.

A ilusão é perfeita.

Quase perfeita demais.

Eu pego Valek escondendo cartas quando ele acha que ninguém está olhando, e tenho que segurar um sorriso. Algumas coisas nunca mudam, não importa o quão chique seja a embalagem.

Eu encosto minha testa no vidro frio, observando a paisagem árida passar rapidamente. Parte de mim já sente falta dos pináculos reluzentes e da arquitetura incrivelmente delicada de Surhiira. A pedra branca imaculada e o filigrana dourado intrincado parecem um sonho agora, desaparecendo a cada milha que nos afastamos daquele oásis impossível.

Mas outra parte de mim se sente mais viva do que em anos. Estamos nos aproximando do perigo, chegando mais perto do coração da corrupção que envenenou nosso mundo. E, pela primeira vez, sinto que realmente temos uma chance de mudar as coisas.

Somos lobos em pele de cordeiro.

E estamos prestes a entrar na boca do lobo.

"Você está pensando demais de novo," a voz rouca de Whiskey interrompe meus pensamentos. Eu pisco, percebendo que estive olhando para o nada pela janela por quem sabe quanto tempo.

"Só... nervosa," eu admito, forçando um sorriso fraco.

Os olhos de Whiskey se suavizam. "Ei, nós estamos com você. Ninguém vai te tocar lá dentro."

"Não é de mim que estou preocupada," eu resmungo.

"Nós sabemos nos cuidar," Thane resmunga do outro lado do compartimento. "Apenas foque em fazer seu papel. Enquanto parecermos normais, poderemos nos mover livremente."

"E nós não parecemos normais facilmente," Valek me lembra, seus lábios se curvando.

Eu aceno com a cabeça, engolindo em seco. Certo. Eu só tenho que fingir ser uma ômega mimada e de classe alta.

Fácil.

Totalmente natural para uma ômega feral que cresceu na natureza.

"Você vai se sair bem," Peste diz suavemente, como se pudesse ler minha mente. Ele estende a mão para apertar a minha. Ele está usando luvas hoje, mas são de algodão e brancas, não as de couro preto de costume. "Apenas relaxe."

Eu aceno com a cabeça, mas a ansiedade ainda agita meu estômago. O balanço suave do trem pouco faz para acalmar meus nervos enquanto nos aproximamos do nosso destino. Cada movimento me lembra do que estamos prestes a fazer.

Fora da janela, a paisagem árida das Terras Exteriores dá lugar às ruínas bombardeadas do que já foi uma cidade próspera. Edifícios em ruínas e metal retorcido se erguem contra o céu escurecido, um lembrete sombrio do mundo que estamos lutando para consertar.

"Você consegue, gata selvagem," Whiskey diz, cutucando meu ombro. "Apenas lembre-se, você deve ser uma princesinha mimada. Aja como se fosse dona do lugar."

Eu rio. "Certo. Porque eu tenho tanta experiência com isso."

"Apenas canalize seu Valek interior," ele diz com uma piscadela. "Ninguém faz o esnobe melhor do que ele."

"Eu me ressinto disso," Valek diz com indiferença. "Eu prefiro o termo 'conhecedor exigente'."

"Lembre-se," Thane diz, puxando uma mala preta elegante do compartimento superior. "Nós esperamos para colocar nossas máscaras até chegarmos ao Alpha's Alpha. Até lá, somos apenas viajantes de passagem."

"Apenas viajantes que por acaso estão usando roupas chiques que valem mais do que a maioria das pessoas ganha em um ano," Whiskey resmunga.

"Pelo que eu entendi, esse clube não é frequentado pelos desfavorecidos," Peste responde secamente. "Enquanto nos misturarmos com os outros monstros ricos que passam o tempo em lugares como esse, estaremos bem."

Valek se alonga languidamente, esticando seus longos braços e pernas. "Eu tenho uma pergunta."

Thane olha para ele com dureza. "Você tem sorte de não estar apodrecendo em um buraco agora, então é melhor não ser uma pergunta idiota."

Valek revira os olhos. "Sempre tão dramático," ele diz com um suspiro de decepção. "Eu só estava me perguntando como exatamente planejamos passar pela segurança com nossos... talentos particulares. Mesmo que pareçamos o papel, eles vão nos

revistar em busca de armas. E alguns de nós," ele olha diretamente para Wraith, "não são exatamente feitos para sutileza."

Os ombros de Wraith sobem e descem com um suspiro pesado, mas ele não discute.

A mandíbula de Thane se tensiona, mas eu posso ver que a pergunta não é totalmente indesejada. "É por isso que estamos pegando o trem em vez de tentar entrar pelos túneis. O Alpha's Alpha atrai convidados ricos de todos os lugares. A segurança deles estará focada em manter os indesejáveis fora, não os bem-vestidos."

"E nós não pareceremos indesejáveis com essas roupas," Whiskey acrescenta com um sorriso.

"Exatamente," Thane continua. "As máscaras também ajudam. Ninguém questiona por que alguém pode querer esconder sua identidade em um baile de máscaras. É esperado. Até encorajado."

Eu observo enquanto ele puxa um pedaço de papel dobrado do bolso do casaco e o espalha na pequena mesa. É um plano detalhado do que deve ser o clube onde essa reunião está acontecendo.

"A verdadeira segurança estará lá dentro," ele explica, seu dedo traçando vários pontos no mapa. "Mas eles estarão procurando por ameaças óbvias. Ratos de rua, combatentes da resistência, esse tipo de coisa. Não alfas ricos e sua ômega mimada."

"E as armas?" Whiskey pergunta, pairando sobre o mapa. "Odeio dizer isso, mas Valek está certo sobre isso."

"Isso não será um problema," Peste diz, colocando seu livro de lado. "As armas que temos agora, graças a Surhiira, são feitas de materiais que não acionam os scanners padrão. Lâminas de vidro, garrotes de fibra de carbono, esse tipo de coisa."

"Chique," Whiskey assobia. "Vocês não brincam em serviço."

"Não," Peste concorda quietamente. "Nós não brincamos."

Eu me inclino para estudar o mapa, tentando memorizar cada detalhe. O clube é enorme, abrangendo vários andares acima e abaixo do solo. Múltiplos pontos de entrada, saídas de emergência, salas privativas... é um labirinto de perigos e rotas de fuga.

"Quando estivermos lá dentro," Thane continua, "mantemos nossos papéis. Ivy, você será o centro das atenções, quer queiramos

ou não. Fique perto."

"Não me importo de ser uma distração," eu digo com um encolher de ombros.

"Como mariposas para uma chama," Valek purra. "Embora, neste caso, a chama possa queimá-las primeiro."

Eu olho para ele, mas ele não está errado. A ideia de usar seus próprios preconceitos contra eles—a suposição de que uma ômega é apenas uma decoração bonita—tem uma certa justiça poética.

"Esses alfas não preferem outros alfas?" Eu pergunto.

"Não exatamente," Thane responde secamente. "Geralmente é um fetiche de humilhação para eles, não uma atração genuína. Muitos deles gostam de ser dominados por ômegas também."

Ele olha na direção de Whiskey e Peste, e as sobrancelhas de Whiskey se levantam. "Tem algum motivo para você estar olhando para mim, irmão?"

Thane pisca rapidamente. "O quê? Não—"

Mas antes que ele possa dizer mais alguma coisa, Valek ri com uma risada sombria. "Então não olhe para eles como se fosse matá-los, pequena ômega. A menos que você queira que eles sigam você pelo clube como um bando de filhotes famintos e perdidos."

A ideia me faz fazer uma careta de nojo. "E a comunicação?" Eu pergunto roucamente, esperando mudar de assunto.

"Sinais manuais," Thane responde. "Como praticamos. E Wraith já é fluente neles." Ele pausa, seus olhos escuros encontrando os meus. "Se algo der errado—qualquer coisa—você dá o sinal e abortamos. Sem hesitação."

Eu aceno com a cabeça, embora todos saibamos que eu não vou. Não quando estamos tão perto de expor a corrupção no coração de tudo.

"E o que exatamente constitui 'errado' nesse cenário?" Valek pergunta, examinando suas unhas com falso desinteresse. "Porque tenho a sensação de que nossas definições podem diferir um pouco."

"Se alguém tocar na Ivy, eles morrem," Whiskey diz secamente.

"Se alguém até *olhar* para ela de forma errada, eles morrem," Peste acrescenta.

"Se alguém respirar na direção dela—" Whiskey começa de novo.

"Nós entendemos," Thane interrompe, embora eu perceba o esboço de um sorriso em seus lábios. "Mas tentem manter o derramamento de sangue ao mínimo até termos o que precisamos. O objetivo é capturar o bastardo do Conselho como alavanca, não começar uma guerra. Pelo menos, ainda não."

O 'ainda' paira no ar entre nós.

Eu olho pela janela novamente enquanto o trem começa a diminuir a velocidade. As ruínas deram lugar a seções reconstruídas de uma cidade compacta no meio do nada. Chamativa e ostentosa em comparação com a beleza elegante de Surhiira, mas impressionante à sua maneira. Sinais de néon perfuram a escuridão, anunciando prazeres e vícios de todos os tipos.

Estamos nos aproximando agora.

Perto do ventre da besta.

E de alguma forma, temos que matá-la de dentro para fora.

"Estamos prontos?" Thane pergunta a todos nós.

"Ah, estamos prontos," Whiskey diz com um sorriso perigoso. "A questão é, eles estão prontos para nós?"

Olhando ao redor para minha matilha, não consigo evitar sorrir.

Não.

Eu acho que eles não estão nem um pouco prontos para nós.

CAPíTULO

TRINTA E UM

THANE



Eu observo enquanto minha matilha desce do trem, cada um se movendo com uma graça praticada, apesar das roupas finas e desconhecidas. A estação está cheia de pessoas, mesmo a esta hora, mas elas se abrem ao nosso redor como água ao redor de pedras. Comandamos atenção sem tentar.

Exatamente o que precisamos.

Mesmo que isso me deixe irritado.

Ivy está deslumbrante em seu vestido azul meia-noite, atraindo olhares de admiração que fazem minhas mãos coçarem por armas. Plague e Whiskey a flanqueiam protetores, enquanto Valek segue à frente, interpretando o papel de um aristocrata mimado com uma facilidade perturbadora.

Mas é de Wraith que preciso agora.

"Um momento," murmuro para ele enquanto os outros se dirigem à saída da estação. Ele vira aqueles olhos azuis intensos para mim, questionando.

Quando os outros estão fora de alcance, encaro-o completamente. "Se as coisas derem errado lá dentro," digo baixinho, "seu único trabalho é tirar Ivy de lá. Nada de heroísmos. Nada de vingança. Apenas pegue-a e corra."

Sua testa se franze sob seus cabelos escuros.

Encontro seu olhar firmemente. "Já conversei com os outros sobre isso, mas queria ter certeza de que teríamos uma conversa a

sós. Confio mais em você. Você é meu irmão," digo com voz rouca. "E sei que você fará o que for preciso para mantê-la segura."

Wraith fica parado por um longo momento, seu corpo enorme tenso sob o terno preto impecável. Finalmente, suas mãos se movem.

Sempre.

"Eu sei que você fará isso." Hesito antes de apertar seu ombro. Não é realmente da minha natureza ser fisicamente afetuoso, mas à medida que nos aproximamos do precipício da vitória ou da destruição total, parece certo. Ele pisca para mim, surpreso. "E, irmão… mantenha-se vivo também. Ela precisa de você."

Ele desvia o olhar, mas acena com a cabeça, rígido.

Nos reunimos aos outros, que pararam para nos esperar perto da entrada da estação. As luzes neon da cidade pintam seus rostos em vermelhos e violetas intensos, tão diferentes do brilho suave de Surhiira. Acima da expansão urbana, o letreiro animado do clube Alpha's Alpha domina o horizonte sob a luz da lua cheia.

É claramente a principal atração.

Um salto agulha enorme esmagando a cabeça de um lobo rosnando em um loop infinito. Cada vez que o salto desce, a língua do lobo se estica e seus olhos reviram.

Sutil.

Por outro lado, por mais chamativo que seja, sua completa falta de sutileza é o que me permitiu encontrar tantas informações, então quem está reclamando?

Só posso torcer para que Raven não tenha exagerado quando disse que Monty Filch é pontual e previsível. Por causa de tudo que nossa cobra residente nos fez passar, perdemos a data que ele recomendou. Ter que adiantar para a terça-feira seguinte é um risco, mas agora que temos uma nova base para retornar, se ele não estiver aqui, devemos ser capazes de sair e tentar novamente outra hora.

Teoricamente, pelo menos.

Odeio que tudo esteja tão incerto assim.

Meu estômago se revira enquanto assumo a liderança e seguimos pelas ruas lotadas. Todo instinto grita que estamos

caminhando para uma armadilha. Que devemos pegar Ivy e correr, encontrar um lugar seguro para nos esconder.

Mas não podemos.

Por um lado, ela nunca nos perdoaria.

Forço-me a respirar lentamente, a projetar a calma e confiança esperadas de um líder de matilha rico.

Planejamos para todas as contingências.

Estamos tão preparados quanto possível.

Mas enquanto observo o cabelo flamejante de Ivy refletir as luzes neon, seu pequeno corpo diminuído pelos alfas ao seu redor, não consigo me livrar do terror absoluto que envolve meu coração, cavando, sussurrando que estamos prestes a perder tudo.

Só rezo para que Wraith seja rápido o suficiente, se chegar a isso.

Lidero minha matilha pelas ruas iluminadas por neon, mantendo meu passo calmo e confiante, apesar do medo. Ao nosso redor, a cidade pulsa com excessos berrantes que mal cobrem a sujeira.

É difícil resistir à compulsão de procurar por ameaças, como costumo fazer. Preciso ser sutil. Devemos ser alfas ricos, não soldados endurecidos pela batalha.

A distinção parece frágil.

"Olha esse lugar maldito," Whiskey murmura ao meu lado, puxando a gola novamente. "Dá vontade de tomar um banho só de andar por aqui."

"Pare de se mexer," Plague sibila. "Você está chamando atenção."

Ele está certo. Alguns transeuntes já estão nos olhando com curiosidade.

Precisamos nos misturar melhor.

Isso já é perigoso o suficiente com uma ômega marcada, quanto mais uma que não está marcada. Ela está usando um spray para suprir o cheiro de ômega o suficiente para que não seja óbvio que estamos tentando esconder algo, mas alguns alfas já estão olhando para ela.

Eu não queria falar sobre isso com Ivy antes da missão. Tinha medo de que ela se sentisse pressionada a aceitar nossas marcas só para nos manter seguros.

Protegê-la não significa apenas proteger sua vida. É também sobre proteger sua autonomia.

E quando—*se*—ela nos permitir marcá-la, quero que seja especial.

Ela merece nada menos.

Percebo um movimento no canto do meu olho. Um grupo de alfas saindo cambaleando de um bar próximo, claramente bêbados. Seus olhares se fixam em Ivy, narinas dilatadas, e minhas mãos se fecham dentro dos bolsos.

Esta noite vai terminar comigo arrancando algumas espinhas, não vai?

Mas antes que eu possa reagir, Valek se interpõe suavemente em sua linha de visão, seu terno branco brilhando sob as luzes neon. A ameaça casual em sua postura faz com que repensem o que estavam planejando.

Pelo menos esses são capazes de usar a cabeça sobre os ombros e não a cabeça entre as pernas.

O Alpha's Alpha se aproxima a cada passo, aquele letreiro neon grotesco lançando sombras distorcidas pela rua. Meus músculos se tensionam à medida que nos aproximamos da entrada, onde uma fila de convidados bem-vestidos se estende ao redor do quarteirão. Vamos ter que ir direto para a entrada VIP.

Este é o primeiro teste real.

Ivy toca meu braço suavemente.

Me tranquilizando *a mim.*

Exige tudo de mim para não retribuir o toque.

Para não ser óbvio.

CAPíTULO

TRINTA E DOIS

IVY



Eu mantenho os olhos baixos enquanto nos aproximamos da entrada VIP, lutando contra todos os instintos selvagens que gritam para eu mostrar os dentes aos alfas que passamos. Seus olhares famintos deslizam sobre mim como óleo, fazendo minha pele formigar sob o cetim do meu vestido.

Mas não posso reagir.

Não posso mostrar nenhum sinal de que sou algo além de uma ômega mimada e bem treinada.

O letreiro neon acima lança um brilho vermelho sinistro sobre tudo, fazendo as sombras dançarem como seres vivos. O salto agulha esmagando a cabeça do lobo repetidamente queima minha retina, uma metáfora óbvia do que este lugar representa.

Poder.

Dominância.

Os fortes esmagando os fracos.

Eles não fazem ideia de que tipo de lobos estão deixando entrar por suas portas esta noite.

Meus alfas se movem ao meu redor em formação perfeita, um escudo vivo entre mim e o resto do mundo. Thane lidera com aquela presença naturalmente comandante que atrai respeito sem esforço. Plague e Whiskey me flanqueiam enquanto Wraith e Valek fecham a retaguarda.

Somos todos predadores aqui.

Apenas melhor vestidos que o habitual.

O segurança é enorme, sua cabeça careca brilhando sob as luzes neon vermelhas e roxas. Seu rosto me lembra um buldogue, cheio de papadas e um semblante permanentemente carrancudo. Ele mal olha para cima de seu tablet enquanto nos aproximamos, claramente acostumado a lidar com a elite.

"Nome?" ele grunhe, sua voz como cascalho.

"Matilha Adler," Thane responde suavemente. O nome falso sai de sua língua com facilidade praticada. "Estamos esperados."

Meu coração pula quando o segurança não diz nada. Mas mantenho minha expressão cuidadosamente neutra. Uma ômega mimada não estaria preocupada em entrar em um clube. Isso provavelmente é apenas mais uma terça-feira à noite para eles.

Então o segurança acena com a cabeça. Ele nem sequer nos olha direito, muito entediado ou cínico para se importar. "Podem passar."

O detector de metais que passamos não emite nenhum som, graças às nossas armas Surhiiranas. Sinto o peso da lâmina de fibra de carbono presa à minha coxa sob o vestido.

Espero não precisar usá-la.

Enquanto passamos pelo segurança, ouço fragmentos de conversas da fila. Alfas ricos reclamando da espera, se gabando de suas últimas conquistas, discutindo negócios que valem mais dinheiro do que posso compreender. Suas vozes transbordam uma arrogância que faz minha pele formigar.

Essas são as pessoas que acham que são donas do mundo.

Que acham que são donas de pessoas como eu.

A vontade de mostrar a eles o quanto estão errados queima em meu peito, mas eu a engulo. Esta noite não é sobre vingança. É sobre coletar informações. Sobre encontrar alavancas que possamos usar para derrubar o sistema corrupto que permite tudo isso.

Ainda assim, é difícil não imaginar o quão satisfatório seria ver seus rostos chocados quando uma ômega "indefesa" arranca mais alguns dedos.

Caminhamos como uma matilha até um vestiário. As paredes são revestidas de espelhos, suas superfícies refletivas multiplicando

nossas imagens infinitamente de uma forma que me faz sentir tonta. Isso parece um sonho. Um pesadelo.

Vejo Wraith se tensionar ao meu lado, seu corpo enorme ficando rígido ao ver seu reflexo repetido várias vezes, embora a maioria de suas cicatrizes esteja coberta pelo lenço preto.

Meu peito aperta.

Esbarro afetuosamente em seu braço, a única coisa que posso arriscar fazer com as câmeras nos observando. Elas nem estão escondidas. Cada canto tem uma, com luzes vermelhas piscando.

Ele emite um som suave em resposta.

Thane pega a caixa contendo nossas máscaras, seus movimentos precisos e controlados. "Lembrem-se," ele diz baixinho, "uma vez que colocarmos estas máscaras, seremos pessoas diferentes. Temos que ser."

Eu aceno, aceitando minha máscara de coelho branco dele. O delicado filigrana dourado capta a luz baixa, fazendo os desenhos de chamas carmesim ao redor dos olhos parecerem dançar. Ao prendê-la no lugar, vejo meu reflexo em um dos espelhos.

A máscara me transforma.

Pareço realmente pertencer a este antro de monstros ricos. Meu cabelo ruivo selvagem emoldura a máscara perfeitamente, e o vestido azul meia-noite abraça minhas curvas de uma forma que fala de privilégio, não de sobrevivência.

Realmente pareço a ômega mimada que estou fingindo ser.

Ao meu redor, meus alfas colocam suas próprias máscaras.

Plague coloca sua máscara preta primeiro, as pequenas joias brilhando como estrelas em um vazio infinito. Combina perfeitamente com ele. Elegante e misterioso, com um toque de perigo. A forma como as joias brilham me lembra o céu noturno sobre Surhiira.

A máscara branca de Thane cobre seus olhos e a ponte do nariz, de alguma forma fazendo-o parecer ainda mais impressionante que o normal. É simples, mas imponente, atraindo atenção enquanto revela nada. Assim como ele.

A máscara de cobra iridescente de Valek capta a luz enquanto ele a ajusta, as escamas parecendo se mover. "Agora isso sim é mais

parecido," ele sibila, prolongando o som do 's' de propósito.

"Sério?" Plague pergunta secamente.

"O quê? Estou entrando no personagem."

Viro para ajudar Wraith com sua máscara de lobo preto, mas ele já está prendendo-a no lugar, mantendo os olhos fixos no chão em vez dos espelhos. Os traços suaves e angulares de sua máscara cobrem completamente suas cicatrizes e dentes afiados. É apropriado. Ele parece um lobisomem real.

"Você está incrível," digo suavemente.

Seus olhos azuis encontram os meus através dos buracos da máscara, e vejo parte da tensão deixando seus ombros.

Ele me responde com sinais. *Você também.*

"Se todos terminaram de se admirar," Thane diz, embora sua voz seja gentil, "devemos seguir em frente."

"Vamos nessa," diz Whiskey. Ele parece estar se divertindo mais com tudo isso, sorrindo sob sua máscara de touro demoníaco, apesar da tensão que paira sobre nós como uma nuvem de tempestade.

Talvez eu estivesse errada.

Não somos lobos em pele de cordeiro.

Somos lobos em *pele de lobo*.

Endireito meus ombros no espelho.

Hora de interpretar meu papel.

O vestiário se abre para um corredor mal iluminado, revestido de mármore preto. Nossos passos ecoam na pedra polida enquanto nos aprofundamos no clube. O baixo da sala principal vibra pelo chão, ressoando em meus ossos.

Mantenho o olhar baixo, mas estou ciente de tudo ao nosso redor, a ponto de os pelos da minha nuca se arrepiarem. As câmeras escondidas nos lustres ornamentados. Os guardas armados com postura relaxada, apesar dos ternos e dos fuzis presos ao peito. As saídas de emergência marcadas em vermelho brilhante.

Velhos hábitos custam a morrer.

O volume de Whiskey me protege da vista enquanto outro grupo passa, suas risadas altas ecoando pelas paredes. O rosnado baixo de Wraith é quase inaudível sobre a música, mas sinto-o em meu peito.

Eles estão tão tensos quanto eu.

Talvez eu seja apenas melhor em esconder isso.

Chegamos a outro conjunto de portas, estas vigiadas por mais dois guardas de terno. Eles nos dão uma olhada rápida antes de se afastar. As portas se abrem, liberando uma onda de som e cheiros que quase me sobrecarregam.

O Alpha's Alpha ataca meus sentidos ao entrarmos. A música pulsante vibra em meus ossos, enquanto luzes estroboscópicas pintam tudo em cores neon intensas. O enorme palco central domina o piso principal, onde artistas com trajes elaborados se contorcem ao ritmo do baixo. Vários níveis se elevam acima de nós como círculos do inferno, cada um prometendo formas mais exclusivas de entretenimento. Cabines privadas alinham as paredes, suas cortinas finas escondendo pouco do que acontece por trás delas.

Então os cheiros me atingem, fazendo meus ouvidos zumbirem. Todos se misturam em um buquê nojento. Vapor de vape frutado, perfumes caros e o cheiro ácido de suor e excitação. Cobrindo tudo, há um odor doce e artificial que quase cheira a chiclete, e quando olho para cima, vejo neblina saindo dos dutos de ar, iluminada pelas luzes pulsantes.

E onde quer que eu olhe, há alfas.

Todos em busca de sua próxima emoção, sua próxima conquista.

Nenhum deles suspeita que os verdadeiros predadores acabaram de entrar por suas portas.

Estamos dentro.

Agora a verdadeira caça começa.

"O que é esse cheiro?" murmuro para Plague enquanto nos aprofundamos no clube, mantendo minha voz baixa. Ele parece ser o mais indicado para saber.

Ele se inclina para perto. "Incenso especializado para mascarar feromônios," ele explica baixinho. "Estão bombeando isso pelo sistema de ventilação."

"Por quê?" pergunto, embora não tenha certeza se quero saber a resposta.

"Serve a dois propósitos," ele continua enquanto nos dirigimos a uma das cabines privadas. "Primeiro, aumenta a excitação. Deixa todos mais... receptivos. Mas, mais importante, impede que os alfas detectem o cheiro de uma ômega, o que os faria perder a cabeça."

Meus olhos se arregalam atrás da máscara de coelho. "Você quer dizer..."

"Não podemos ter um alfa ficando obcecado com o cheiro de uma ômega específica em um lugar como este," Whiskey intervém com uma risada baixa. "Isso deixaria tudo muito bagunçado, muito rápido."

"Conveniente," digo secamente, observando enquanto um alfa claramente bêbado passa cambaleando, flanqueado por duas alfas, vestidas de couro da cabeça aos pés. Uma ômega em um traje elaborado de pavão dança em uma gaiola de cristal próxima, seus movimentos quase hipnóticos enquanto alfas se aglomeram abaixo dela.

"Ei, eu não estou reclamando," Whiskey murmura. "A última coisa que precisamos é de algum ricaço achando que encontrou o amor verdadeiro no meio de tudo isso."

Ele está certo, é claro. A doçura artificial pode fazer meu nariz coçar, mas provavelmente é a única coisa impedindo uma guerra total aqui dentro. Já vi o que acontece quando alfas ficam territoriais com ômegas que acham que lhes pertencem.

Enquanto passamos por uma das salas premium com as cortinas parcialmente abertas, Valek congela, seu corpo inteiro ficando rígido ao olhar para dentro da sala. Os outros alfas seguem seu olhar afiado.

"Ah, pelo amor de Deus," Plague rosna.

Lá, reclinado em almofadas de veludo em toda sua glória afetada, está um alfa magro com uma juba de cabelos loiros e uma máscara que lembra o rosto de um corvo dourado. Ele está deitado no colo de um alfa enorme com uma máscara de urso dourada que lhe cai bem, enquanto uma ômega curvilínea com cabelos escuros fluindo e uma máscara de cisne o alimenta com uvas enquanto ele descansa a cabeça em seu ventre e coxas macios.

"Bem," Valek arrasta as palavras. "Isso é... inesperado."

Ele olha para cima rapidamente ao som da voz de Valek, surpresa cruzando o que posso ver de suas feições sob a máscara.

"Queridos," ele croá. "Que bom ver vocês, tão... *vivos*. Eu estava preocupado quando ouvi que o Conselho colocou uma recompensa por suas cabeças." Seu olhar se desvia para mim, um lampejo de curiosidade e admiração brilhando ali. Não gosto nada disso, apesar de ele parecer um anjo caído belíssimo. "E a pequena ômega. Não é à toa que especificaram que queriam *você* ilesa."

Wraith rosna possessivamente atrás de mim, e os outros fecham fileiras ao meu redor.

"Sim, tenho certeza de que você estava muito preocupado," Plague diz em um tom monótono.

Observo enquanto o alfa se desvencilha do emaranhado de membros com uma graça surpreendente, deixando seus companheiros se voltarem um para o outro em sua ausência. Ele amarra a faixa de seu roupão de seda branca sobre seu abdômen tonificado, mas o tecido fino ainda deixa absolutamente nada à imaginação.

"De qualquer forma, vocês estão aqui. Antes tarde do que nunca," ele sussurra, arrumando suas roupas. "Devo dizer, vocês se limpam muito bem." Ele gesticula ao redor, indicando a decoração decadente. "Bem-vindos ao meu antro de iniquidade."

"Você *é dono* deste lugar?" Valek rosna, seus olhos prateados brilhando perigosamente atrás de sua máscara de cobra.

"Quem é esse?" sussurro para Plague.

"Raven," Plague responde, sua voz cheia de desdém. "Nosso informante."

Os lábios de Raven se curvam em um sorriso presunçoso que imediatamente o coloca no topo da minha lista de pessoas menos favoritas. "Claro que sou. Como mais você acha que eu consigo informações tão confiáveis? As pessoas tendem a... se soltar em estabelecimentos como este."

Meus alfas estão tão tensos que estou começando a me preocupar que tudo vá desmoronar. As unhas de Valek cavam suas palmas, e sei que ele está calculando quão rápido poderia cruzar o

espaço entre eles. Quantos segundos levaria para envolver aquelas mãos ao redor da garganta de Raven e estrangulá-lo até a morte.

"Seu mentiroso," Valek sibila, dando um passo ameaçador à frente. "Todo esse tempo fingindo ser o informante inocente—"

"Ah ah," Raven repreende, balançando um dedo. "Eu pensaria muito bem antes de seu próximo movimento. Vê aqueles cavalheiros no bar? E aquelas damas perto do palco? Sem mencionar as dezenas que você não pode ver..." Ele sorri, mostrando todos os dentes. "Eles não estão aqui apenas pelo ambiente."

Varro a sala, notando os guardas estrategicamente posicionados que ele está apontando. Todos estão nos observando agora, com as mãos próximas às armas escondidas.

"Vocês estão cercados," Raven continua agradavelmente. "E, embora eu tenha certeza de que vocês poderiam derrubar muitos deles, isso meio que derrotaria o propósito de sua pequena infiltração, não é?"

A mão de Thane se estende, agarrando o braço de Valek antes que ele possa atacar. "Recue," ele rosna.

"Além disso," Raven acrescenta, examinando suas unhas perfeitamente manicuradas, "eu entreguei exatamente o que prometi, não foi? As informações sobre o querido Monty eram bastante precisas."

"Eu deveria te estripar onde você está," Valek cospe.

"Mas você não vai," Raven diz com uma confiança irritante. "Porque vocês precisam de mim. E porque me matar faria toda essa operação desmoronar antes mesmo de começar. Vocês estão atrasados, sabiam? Uma semana inteira atrasados."

"Nós nos desviamos," Thane rosna com um olhar significativo para Valek.

Raven sorri. "Então suponho que eu não seja a única cobra no meio de vocês, hein?"

Wraith emite um rosnado baixo e constante.

Observo a guerra silenciosa que se desenrola entre eles.

Mas Raven está certo.

Não podemos nos dar ao luxo de arruinar nosso disfarce agora.

Não quando estamos tão perto.

"Além disso," Raven continua. "Se eu quisesse traí-los, vocês realmente acham que teriam passado por aquelas portas ilesos? Vocês são bastante óbvios, mesmo com seus disfarces."

Isso rende um rosnado baixo de reconhecimento relutante dos outros.

"Onde ele está?" Thane pergunta, sua voz tensa com raiva contida.

O sorriso de Raven se amplia. "Último andar, sala privativa três. Como eu disse, ele é pontual. Ao contrário de *vocês*. Criatura de hábitos, nosso Monty." Ele se inclina conspiratoriamente. "E entre nós, ele tem gostos bastante... específicos. Do tipo que o torna particularmente vulnerável a chantagem."

"Se você estiver mentindo..." Valek começa, mas Raven o interrompe com uma risada.

"Por favor. O que eu ganharia com isso?" Ele acena com a mão de forma desdenhosa. "Sou um homem de negócios. Informação é minha moeda, e eu sempre entrego produtos de qualidade." Seus olhos brilham atrás de sua máscara ornamentada. "Além disso, assistir vocês derrubarem o Conselho peça por peça é muito mais divertido do que qualquer show que eu poderia montar aqui."

Sinto Plague se tensionar ao meu lado. "E o que acontece depois que sairmos?" ele pergunta cuidadosamente. "O que impede você de avisá-los?"

"Meu doce verão," Raven arrasta as palavras, "se eu quisesse avisá-los, eles já saberiam que vocês estão aqui. Não, eu prefiro assistir ao caos se desenrolar de uma distância segura." Ele olha para o pulso, conferindo um relógio de ouro elaborado. "Falando nisso, talvez vocês queiram se apressar. Monty tende a... terminar seus negócios rapidamente, se é que me entendem."

O maxilar de Thane se contrai, mas ele acena com a cabeça rapidamente. "Vamos," ele diz para nós, já nos guiando em direção à escada espiral que leva aos andares superiores.

"Ah, e mais uma coisa," Raven chama atrás de nós. Quando nos viramos, sua expressão perdeu um pouco de sua leveza. "Tentem não matar muitos dos meus funcionários, certo? Boa ajuda é tão difícil de encontrar nos dias de hoje."

Vejo um último vislumbre dele enquanto nos afastamos. Ele já está voltando para sua sala privativa, onde o alfa e a ômega o esperam em suas almofadas de veludo.

Apenas mais uma noite de devassidão para ele.

Mas para nós, tudo está em jogo.

Enquanto subimos as escadas, não consigo me livrar da sensação de que estamos entrando em algo maior do que qualquer um de nós imaginou. Mas não há como voltar atrás agora.

É hora de capturar um membro do Conselho.

CAPíTULO

TRINTA E TRÊS

WRAITH



Tudo dói no meu nariz.
Doces cheiros falsos.
Queimando minhas narinas.
Não consigo sentir o cheiro de Ivy.
Não consigo sentir cheiro de nada real.
Apenas doçura falsa.
Como doces apodrecendo.
Faz minha cabeça girar.
Fico perto dela.
Tenho que protegê-la.
O clube pulsa ao nosso redor.
Muitas luzes.
Muitos sons.
Muitos corpos.
Aproximo-me mais de Ivy.
Protejo seu pequeno corpo com o meu.
Mantenho-a segura.
Esse é o meu propósito.
Meu único propósito.
Minha cabeça lateja.
Luzes piscam.
Vermelho.
Roxo.

Azul.
Como relâmpagos no meu crânio.
Não consigo me concentrar.
Muito movimento.
Muitas ameaças.
Mantenho Ivy mais perto.
Não confio no alfa dourado.
Ele pode ter mentido.
Aparentemente já mentiu uma vez.
Provavelmente está mentindo agora, então.
Ninguém esperava por ele aqui.
Isso é claro.
Tudo isso pode ser uma armadilha.
Mas o que podemos fazer?
Só podemos continuar subindo.
Tantos andares.
Para cima.
Para cima.
Para cima.
Corpos pressionam-se ao nosso redor.
Alfas com máscaras.
Predadores escondendo seus rostos.
Como nós.
Mas não como nós.
Eles são moles.
Fracos.
Só brincando de ser perigosos.
A música vibra em meus ossos.
Faz meus dentes doerem.
Bordas afiadas se raspando.
Preciso da minha máscara real.
Odeio essa máscara chique.
Parece errada.
Mas cobre meu rosto de monstro.
Tenho que fingir que não sou uma besta real.
É isso que importa.

Toco minha própria máscara.
Certifico-me de que ainda está lá.
Se alguém ver, vai gritar.
Vai chamar muita atenção.
Vejo-a à minha frente.
Só de vê-la, fico eufórico.
Mesmo neste lugar de merda.
Um anjo no inferno.
Thane nos leva mais alto.
Subimos mais escadas em espiral.
Para cima.
Para cima.
Para cima.
Mais para cima no inferno.
Não deveria ser mais para baixo?
Uma ômega com uma máscara de borboleta passa balançando.
Seus quadris balançando.
Tentando chamar nossa atenção.
Não me importo.
Só tenho olhos para uma ômega.
Minha ômega.
Meu sol.
Mais ômegas passam.
Seus olhos demoram em mim.
Por quê?
O que eles estão mesmo olhando?
Uma com máscara de raposa para.
Aproxima-se.
Muito perto.
"Oi, estranho."
Sua voz está cheia de convite.
Seus olhos percorrem meu corpo musculoso.
Que porra é essa?
O que ela quer?
Eu rosnou baixo.
Nunca machucaria uma ômega.

Mas posso assustá-las.
"O tipo forte e silencioso," a ômega de máscara de raposa purra.
Porra.
Não funcionou.
A ômega de máscara de raposa estende a mão para mim.
Outro rosnado.
Dessa vez é de Ivy.
Ela se coloca entre nós.
A ômega de máscara de raposa recua.
Olhos arregalados atrás da máscara.
Olha para Ivy como se ela fosse louca.
Sai rapidamente.
Bom.
Ela deveria ter medo.
Minha ômega morde.
Thane olha para nós.
"Não estrague nosso disfarce," ele murmura.
"Desculpe," Ivy diz secamente.
Não parece arrependida.
Continuamos nos movendo.
Seguindo a liderança do meu irmão.
Subindo escadas em espiral.
Passando por mais corpos se esfregando.
Mais olhos famintos.
Mais cheiros errados.
Prendo a respiração quando posso.
Tento não sentir tudo isso.
Foco em seguir Ivy.
Em mantê-la segura.
Em tentar captar apenas um traço de seu cheiro.
Seu cheiro perfeito e puro.
Tenho que protegê-la.
Tenho que levá-la através disso.
Tenho que completar a missão.
Então podemos ir...
Para casa?

Surhiira é casa agora?
Não sei.
Não me importo.
Casa é onde quer que Ivy esteja.
Chegamos ao último andar.
Mais guardas aqui.
Mais armas escondidas sob os ternos.
Mais câmeras nos observando.
Meus músculos se tensionam.
Pronto para lutar.
Pronto para matar.
Mas tenho que ficar calmo.
Tenho que desempenhar meu papel.
Thane nos leva por um corredor.
Paredes de veludo vermelho.
Detalhes dourados por toda parte.
Como sangue e riqueza misturados.
Sala privada três.
Esse é o nosso alvo.
Dois guardas flanqueiam a porta.
Eles nos olham com cautela.
Bons instintos.
Eles deveriam estar com medo.
"Exibição privada," um diz.
Sua mão repousa sobre a arma.
"Temos um compromisso," Thane responde suavemente.
Mostra-lhes algo.
Não me importo com o quê.
Continuo observando Ivy.
Mantendo-a segura.
Os guardas trocam olhares.
Um olha para Ivy.
Parece faminto.
Eu deveria matá-lo aqui e agora.
Deveria esmagar sua cabeça.
Tenho que ficar calmo.

Tenho que manter o foco.
O outro guarda avança.
Apertando a arma.
"Afaste-se," ele rosna.
Meus músculos se tensionam.
Pronto.
Esperando.
Seu parceiro também se move.
Ambos bloqueando a porta.
Protegendo sua presa lá dentro.
"Eu disse que temos um compromisso," Thane repete.
Sua voz agora carrega aço.
O primeiro guarda rosna.
Chega perto de Thane.
Estúpido.
Tão estúpido.
"Olha, eu não sei quem diabos você pensa que é—"
Os olhos de Thane encontram os meus.
Apenas um pequeno aceno.
É tudo que eu preciso.
Empurro a máscara de Ivy sobre seus olhos.
Ela faz um som de surpresa irritada.
Me sinto mal.
Mas não quero que ela me veja assim.
Thane e eu nos movemos como um.
Anos lutando juntos.
Minhas mãos encontram a cabeça do segundo guarda.
Meu irmão agarra o primeiro.
CRACK.
O som de crânios batendo no mármore.
O estalo de ossos quebrando.
Limpo.
Rápido.
Silencioso.
Eles mereciam pior.
Mas teriam sido barulhentos.

Seus corpos desmoronam.
Nenhum tempo perdido.
Nenhum som feito.
Apenas cascas vazias agora.
Consegui esmagar a cabeça dele afinal.
Thane se move primeiro.
Sempre o líder.
Agarra a maçaneta da porta.
Os outros assumem a formação.
Protegendo Ivy.
Escudando-a.
Isso é o que importa.
Minhas mãos ainda formigam.
Da matança.
Da adrenalina.
Foco.
Mantenha-se alerta.
Mais matança por vir.
Tenho que estar pronto.
Tenho que proteger.
Tenho que destruir.
A porta se abre.
Luz roxa derrama-se.
Música ecoa de dentro.
Diferente da do clube abaixo.
Mais lenta.
Mais sombria.
Mais perigosa.
Aqui vamos nós.

CAPíTULO

TRINTA E QUATRO

IVY



Eu ajusto minha máscara de coelho para poder enxergar direito depois do gesto protetor e doce, mas frustrante, de Wraith. Meu coração acelera com a violência repentina e com a plena consciência de que a matilha está em sério perigo agora, mas não há tempo para pensar nisso enquanto entramos correndo na sala.

A luz roxa banha tudo com um brilho sobrenatural. A cena diante de nós congela como uma cena distorcida de um filme. Guardas cansados em pé ao redor de um beta de aparência suja que deve ser Monty Filch, amarrado em uma cadeira elaborada, uma alfa com uma máscara de leopardo sobre ele, com seu salto agulha pressionando sua virilha através da calça. Ele está usando uma máscara de porco rubi e uma romã está enfiada em sua boca como uma mordaça, escorrendo suco vermelho por todo seu corpo suado e magro.

De repente, gosto muito menos de romãs.

No canto, uma ômega linda usando uma máscara de gato branca está sentada em uma cadeira de veludo de encosto alto. Seu cabelo fluido cai como fitas de luar sobre seus ombros e corpo voluptuoso, combinando com a seda prateada que cai sobre seu ventre macio e coxas enquanto ela entediada lixa as unhas.

Então seus olhos violetas se fixam em nós.

Seu grito perfura o ar.

Vejo o caos eclodir em câmera lenta. As mãos dos guardas se movem em direção às armas, mas meus alfas já estão em movimento. Eles fluem como água, como a morte em forma.

Whiskey avança como um trem desgovernado, alcançando o primeiro guarda antes que ele possa sequer sacar a arma. Aquelas mãos enormes envolvem a cabeça do guarda e *torcem*. O estalo de seu pescoço quebrando soa como madeira rachando, abafado pelo som abafado do beta gritando na romã.

É tão agudo que, a princípio, acho que ainda é a ômega gritando, mas ela já se protegeu no canto atrás de uma estátua sensual de ferro de uma mulher segurando um chicote em uma mão e uma taça de vinho na outra. Ela está encolhida e cobrindo a cabeça em silêncio aterrorizado.

Thane e Wraith se movem em perfeita sincronia, coordenando-se sem uma palavra. Thane vai por baixo enquanto Wraith vai por cima. O guarda entre eles não tem chance. Sua arma sai do coldre assim que Thane derruba suas pernas. O punho de Wraith conecta-se com seu queixo enquanto ele cai, esmagando seu rosto, e ouço dentes se espalhando pelo chão de mármore.

Valek é pura graça, todo movimento fluido enquanto desliza entre dois guardas. O fio de garrote de fibra de carbono aparece em suas mãos como mágica. Um guarda cai, agarrando a garganta enquanto o sangue jorra em um arco que capta a luz roxa como um arco-íris macabro. O outro tenta apontar sua arma, mas Valek já está atrás dele, o fio mortal encontrando outra garganta.

A lâmina de vidro na mão enluvada de Plague capta a luz enquanto ele a enfia na base do crânio de um guarda. O homem cai sem um som, morto antes de atingir o chão. Outro guarda avança sobre ele, mas Plague se esquiva, deixando o impulso do homem levá-lo direto para uma segunda lâmina.

A alfa com a máscara de leopardo abandona seu "cliente" e avança sobre mim com um rosnado, salto agulha erguido como uma arma. Mas eu não sou a ômega indefesa que ela pensa que sou. Eu me agacho sob seu golpe selvagem e levanto meu joelho em seu estômago. Quando ela se dobra, agarro seu cabelo e esmago seu

rosto no meu joelho que sobe. O estalo de seu nariz quebrando através da máscara é profundamente satisfatório.

Ela cambaleia para trás, sangue escorrendo por sua máscara arruinada. Avanço sobre ela, pronta para acabar com isso, mas Wraith está de repente lá. Sua mão enorme envolve sua garganta, levantando-a do chão. Ela chuta e arranha seu braço, rosnando, mas ele pode muito bem ser feito de pedra. Ele a esmaga contra a parede, a deixando inconsciente, e deixa seu corpo caído sem cerimônia aos meus pés.

Tudo isso leva menos de trinta segundos.

Corpos estão espalhados pelo chão ao nosso redor, sangue se espalhando lentamente pelo mármore em poças escuras que parecem pretas sob a luz roxa. Os únicos sons são nossa respiração pesada e os gritos abafados contínuos do beta enquanto ele tenta em vão se libertar de suas amarras.

Acho que ele nem parou para respirar.

A ômega ainda está encolhida no canto, tremendo e segurando sua lixa de unhas de metal como uma adaga. Apesar de seu terror óbvio, há fogo em seus olhos.

Eu encaro Monty enquanto ele continua gritando na mordaça de romã, seus olhos selvagens de terror por trás da máscara de porco. O corpo inteiro do beta treme, as cordas rangendo contra a cadeira elaborada.

"Você sabe quem somos?" Plague pergunta suavemente, sua voz carregando aquela frieza clínica que sempre o faz parecer mais perigoso.

Quando Monty continua gritando, Valek avança e arranca a romã de sua boca com força suficiente para que um dente venha junto, caindo no chão de mármore. Sangue e suco de fruta se misturam no queixo de Monty enquanto ele engasga para respirar.

"Por favor," ele choraminga, os olhos saltando entre nossas máscaras enquanto seus lábios inchados tremem. "Eu lhes dou qualquer coisa que quiserem. Dinheiro, informações, poder—"

"Ele fez uma pergunta," Thane ruge, sua voz profunda ecoando pelas paredes.

O reconhecimento brilha nos olhos de Monty.

"Vocês são... vocês são os Fantasmas," ele engasga.

"Muito bom," Valek sussurra, jogando a romã ensanguentada para o lado. "Agora, quem enviou a ordem de execução?"

Monty engole em seco, seu pomo de Adão subindo e descendo. "Não é óbvio?" Uma risada amarga escapa dele. "General Hargrove."

As palavras atingem como golpes físicos. Vejo Thane e Wraith ficarem rígidos, embora tentem esconder. Meu coração dói por ambos. Suspeitávamos disso, é claro, mas ter isso confirmado... Eu gostaria de poder confortá-los, mas não há tempo para isso agora.

"Por quê?" Thane exige, sua voz cuidadosamente controlada.

"Vocês foram capturados," Monty diz rapidamente, as palavras saindo em um turbilhão. "E quando o laboratório explodiu, o que certamente não foi uma coincidência, e vocês não relataram imediatamente, ele assumiu que vocês haviam desertado. Mas..." Ele hesita, lambendo os lábios ensanguentados.

"Mas o quê?" Plague pergunta suavemente. A ameaça silenciosa em sua voz lança um frio sobre a sala.

"Era apenas uma questão de tempo de qualquer maneira," Monty murmura, encolhendo-se enquanto as palavras saem com dificuldade.

"O que você quer dizer com isso?" Thane rosna, dando um passo ameaçador à frente.

A boca de Monty abre e fecha, mas nenhuma palavra sai. Ele olha para a porta como se estivesse calculando suas chances de fuga.

"Resposta errada," Whiskey rosna.

Seu pé atinge a perna da cadeira, rachando a madeira. A cadeira inteira desmorona, fazendo Monty cair no chão. As cordas se soltam, mas em vez de tentar fugir, ele apenas se encolhe em uma bola trêmula no chão.

"Por favor," ele choraminga novamente. "Eu conto tudo. Só não—"

"Então comece a falar," Thane o interrompe.

Eu olho para a ômega no canto. Ela parou de entrar em pânico, observando tudo com olhos violetas afiados. Enquanto seu beta se

contorce e choraminga pateticamente no chão, seu nariz se enruga levemente em... o quê? Vergonha? Desgosto?

Monty continua se contorcendo no chão, sua máscara de porco torta. "A ômega deveria quebrar vocês," ele engasga. "Vocês já haviam sido considerados um risco que sobreviveu à sua utilidade. Todos vocês estão com o dedo no gatilho. Um movimento errado e vocês se destruiriam. Era nisso que estávamos contando."

Meu sangue corre frio. "O quê?"

"Você deveria ser o catalisador," ele continua, olhando para mim com algo parecido com pena em seus olhos. "Mas você... você os tornou mais fortes. Mais perigosos. Imprevisíveis. E uma arma imprevisível é inútil."

"Quem no Conselho queria nos eliminar?" Thane exige, sua voz tensa com raiva contida.

Monty solta uma risada histérica que faz minha pele formigar. "O Conselho? Somos apenas marionetes. Hargrove diz para pular, e eles perguntam quanto alto. É assim que as coisas têm sido por um tempo. Só... só não matem o mensageiro," ele croá, observando-os nervosamente. "Estou lhes dando o que querem. A verdade. Isso conta para alguma coisa, certo?"

Thane e Wraith apenas o encaram.

Um movimento chama minha atenção tarde demais.

A ômega avança, empunhando a estátua pesada atrás da qual ela estava se escondendo momentos antes. Antes que qualquer um de nós possa reagir, ela a balança com uma força surpreendente, atingindo Thane na parte de trás da cabeça. Ele cai de joelhos com um grunhido alto, momentaneamente atordoado.

Monty agarra sua chance. Ele se levanta e corre para a porta enquanto estamos distraídos, abandonando sua ômega sem sequer um segundo olhar. Valek e eu nos movemos para agarrá-la enquanto ela se prepara para outro golpe.

“Tirem as mãos de mim!" ela sibila, se contorcendo contra nós, ainda segurando a estátua.

"Atrás dele!" Thane ruge, já se levantando apesar do sangue escorrendo por seu pescoço. "Não deixem ele—"

Gritos e sirenes irrompem no corredor, o som ensurdecedor no espaço fechado. Wraith se posiciona na minha frente, me protegendo com seu corpo enorme enquanto a ômega aproveita o caos, levantando o joelho com força brutal na virilha de Valek. Ele se dobra com um grunhido de dor.

"Eu... talvez precise revisar minha política de não matar ômegas," ele arfa.

Ela balança a estátua em Plague em seguida, empunhando-a como uma maça. Ela o atinge na lateral da cabeça, derrubando-o, e então se vira e ataca Whiskey com ela enquanto ele avança sobre ela, quebrando um dos chifres de sua máscara.

Se ela fosse uma alfa, ou mesmo uma beta, qualquer um deles já a teria matado, mas é claro que eles não sabem o que fazer ao serem atacados por uma ômega.

Acho que é minha vez.

Eu passo por um Wraith perplexo e pulo nas costas da ômega, envolvendo meu braço em volta de sua garganta por trás. Ela arranha meu braço, suas unhas manicuradas rasgando minha pele, embora ela estivesse apenas lixando-as—em garras, aparentemente—mas eu me seguro firme, com cuidado para aplicar pressão nos lados de seu pescoço em vez de sua traqueia.

"Shh," eu rosnó enquanto ela se debate. "Apenas vá dormir."

Seus movimentos ficam mais frenéticos, então gradualmente mais fracos. Finalmente, ela fica mole em meus braços. Eu a deixo gentilmente no chão, verificando seu pulso para ter certeza de que ela está apenas inconsciente.

"Puta merda," Thane murmura, balançando levemente. "Bom trabalho, Ivy."

"O que diabos fazemos com ela?" Whiskey pergunta enquanto esfrega a cabeça sangrando com uma careta, olhando entre a ômega inconsciente e a porta por onde Monty desapareceu.

Thane ainda parece meio atordoado, mas seus olhos estão afiados enquanto avalia a situação. "Nós a levamos conosco," ele diz firmemente. "Ela é nossa única alavanca agora."

"Inimigos à vista!" Valek grita de sua posição perto da porta.

Mais guardas entram na sala, atraídos pelo tumulto. Wraith se move como um raio, interceptando a primeira onda antes que eles possam me alcançar. Seus punhos enormes fazem um trabalho rápido nos rostos de dois guardas, transformando-os em polpa, enquanto Whiskey passa por ele e avança sobre o grupo como um aríete.

Ossos quebram enquanto corpos atingem as paredes.

Nós nos movemos para o corredor e Plague e Thane assumem posições de flanco, seus movimentos precisos e letais apesar do ferimento de Thane. Os guardas não têm chance contra o ataque coordenado de meus alfas, mas parece haver reforços intermináveis subindo as escadas.

Vamos ter que pular pela janela?

"Chega!"

A voz de Raven corta o caos como uma lâmina. Ele está no final do corredor, sua máscara dourada de pássaro captando a luz roxa. Os guardas restantes congelam no meio do movimento.

"Vocês estão destruindo meu estabelecimento," ele diz, seu tom enganosamente calmo enquanto escaneia a carnificina ao nosso redor. Sua compostura cuidadosamente mantida se quebra quando ele avista um guarda em particular caído contra a parede.

"Marcus," ele diz secamente. "Eu gostava do Marcus. Ele durou três meses inteiros. Um recorde, realmente."

"Ele estava no nosso caminho," Valek diz friamente.

As mãos de Raven se fecham em punhos, suas unhas cravando-se em suas palmas. Por um momento, acho que ele pode nos atacar. Mas ele respira fundo, suavizando o que posso ver de suas feições de volta a uma máscara de indiferença.

Ele estava mesmo chateado?

Ou estava apenas... irritado?

"Como estou de bom humor, vocês têm dez segundos para sair do meu estabelecimento," ele diz, sua voz gelada. Seus olhos percorrem os Fantasmas, parando em Whiskey, e seus lábios se curvam levemente. "Quinze, para o alfa fofo."

Whiskey o encara. "Que porra é essa?"

"Depois disso, não posso garantir sua segurança," Raven continua, ignorando-o. "Mas eu *posso* garantir sua captura."

"Você nunca pôde garantir merda nenhuma," eu retruco.

Uma risada afiada escapa dele. "Talvez não. Mas posso garantir sua captura se ficarem muito mais tempo. E antes que comecem a reclamar, estou sendo incrivelmente generoso depois que avisei para não matarem muitos dos meus funcionários."

"Ele está certo," Plague diz secamente. "Precisamos nos mover."

Wraith pega a ômega inconsciente, segurando-a com uma gentileza surpreendente apesar da situação. Eu pego a pequena bolsa enfeitada que ela deixou cair, esperando que contenha algo útil. Os outros se fecham ao nosso redor, criando uma barreira protetora enquanto nos movemos em direção à saída de emergência.

"Dez segundos," Raven chama atrás de nós, cantarolando.

"Vá se foder e seus segundos, seu maldito esquisito," Whiskey rosna antes de quebrar a janela e se jogar no parapeito. O vento frio entra, dissipando um pouco do cheiro doce e enjoativo no ar.

Eu olho para Raven a tempo de ver seu olhar se fixar na ômega nos braços de Wraith, e confusão brilha em suas feições.

"Quem é essa?" ele pergunta, parando.

"Não é da sua conta," Whiskey responde, se jogando para fora da janela e quebrando o resto do vidro.

"Esperem!" Raven rosna, avançando do final do corredor.

Whiskey já está fora da janela e o resto de nós o segue, meus alfas me protegendo, a adrenalina correndo em minhas veias. Plague sobe pela janela em seguida, se virando para oferecer a mão, e Thane agarra minha cintura, me levantando até ele. Plague me ajuda a passar pela janela e me puxa contra seu lado, absorvendo o impacto quando caímos na estreita passagem suspensa entre os prédios.

O ar frio da noite atinge meu rosto enquanto as sirenes continuam tocando no clube, doendo meus ouvidos mesmo que estejamos livres. Ouço três pares de botas caindo pesadamente na passagem atrás de nós e me viro para confirmar que Thane, Wraith

e Valek estão conosco. Abaixo de nós, a cidade se estende em um mar de neon e sombras.

"Qual caminho?" Whiskey arfa, sangue ainda escorrendo por seu rosto de onde a ômega o atingiu.

"Ali." Thane aponta para outra escada de incêndio no prédio adjacente. "Podemos cortar por lá e perdê-los nos túneis."

O som da perseguição ecoa pela escada atrás de nós. Botas pesadas no metal, gritos se aproximando. Meu coração bate forte contra minhas costelas enquanto corremos pela passagem, nossas roupas completamente impraticáveis para esse tipo de fuga.

Wraith lidera o caminho, ainda carregando a ômega inconsciente em seus braços. Seu cabelo prateado flui atrás deles no vento, captando o brilho neon de baixo.

A passagem range sinistramente sob nosso peso combinado. Eu tento não olhar para baixo, para a queda vertiginosa abaixo de nós.

Foco em correr.

Em ficar viva.

"Continuem se movendo!" Plague grita, sacando três lâminas de vidro de seu casaco, a luz da lua captando suas bordas curvas. Ele balança o pulso e elas assobiam pelo ar, cada uma encontrando seu alvo.

Uma bala passa pelo meu ouvido, ricocheteando no corrimão. Mais tiros seguem, forçando-nos a nos agachar e desviar enquanto corremos.

"Não atirem, seus malditos idiotas!" Raven grita da janela de onde saímos. "Vocês vão machucar as ômegas!"

Chegamos à escada de incêndio do outro prédio justamente quando a primeira onda de guardas surge na passagem atrás de nós. Valek se vira, aquele sorriso perigoso visível mesmo com sua máscara torta. Ele tira algo de seu casaco. Um pequeno dispositivo que brilha fracamente na luz neon.

"Um presente de Surhiira," ele sussurra, então o joga na passagem.

A explosão sacode toda a estrutura. O metal grita enquanto a passagem se solta, levando vários guardas com ela enquanto

despenca em direção à rua abaixo. O vão entre os prédios agora é intransponível.

"Isso resolve," Whiskey diz com uma risada sem fôlego.

Mas não podemos parar para celebrar. Mais gritos ecoam de dentro do prédio onde estamos agora. Eles estão vindo de cima e de baixo.

"Para baixo!" Thane ruge, já nos liderando pela escada de incêndio. "Precisamos chegar ao nível da rua!"

Descemos o mais rápido que ousamos, os degraus de metal rangendo a cada passo. Meu vestido azul meia-noite prende em algo e rasga, mas eu mal noto. O som da perseguição está se aproximando novamente.

"Há uma entrada de serviço para os túneis dois quarteirões a leste," Thane ordena entre respirações. "Se conseguirmos chegar lá—"

O estalo de tiros o interrompe. Balas ricocheteiam no metal ao nosso redor enquanto atiradores aparecem nas janelas acima. Acho que não estão seguindo as ordens de Raven. Eu me agacho instintivamente, quase perdendo o equilíbrio nos degraus estreitos.

Wraith rosna, mudando a ômega sobre seu ombro para me proteger melhor com seu corpo. Ela se mexe levemente, mas não acorda.

Chegamos ao nível da rua correndo. As multidões se abrem ao nosso redor como água, gritos surgindo quando as pessoas avistam o sangue e as armas. Alguns tentam nos agarrar, seja para ajudar as autoridades ou para ganhar uma recompensa, mas meus alfas passam por eles como se não estivessem lá.

"Esquerda!" Plague grita. "Próximo beco!"

Entramos em uma passagem estreita entre os prédios, o brilho neon substituído por sombras profundas. Os sons da perseguição ecoam pelas paredes de tijolos, se aproximando.

"Ali!" Thane aponta para uma porta de metal pesada embutida na parede. "Plague, você pode—"

Mas Whiskey já está lá, seu ombro batendo na porta com força devastadora. A fechadura cede com um rangido de metal e nós

caímos dentro justamente quando mais balas atingem a parede onde estávamos.

O túnel se estende à nossa frente, iluminado por luzes de emergência piscando.

"Qual caminho?" eu arfo, tentando recuperar o fôlego. O ar está pesado com o cheiro de mofo e água parada.

"Norte," Plague diz firmemente. "Há uma junção cerca de meio quilômetro à frente que se conecta ao antigo sistema de metrô. Podemos perdê-los no labirinto e voltar para nosso trem."

Corremos, nossos passos ecoando pelas paredes curvas. A ômega inconsciente balança sem vida no ombro de Wraith, mas ele não diminui o ritmo. Atrás de nós, posso ouvir nossos perseguidores entrando no túnel.

"Eles vão seguir nossa trilha," Valek diz, sua voz tensa. "As marcas de água de nossos sapatos—"

"Então teremos que ser mais rápidos," Thane rosna.

Nos forçamos mais, ignorando a queimação em nossos pulmões. A junção que Plague mencionou aparece à frente. Um emaranhado de túneis se ramificando em direções diferentes.

Thane assume a liderança e o seguimos pelos túneis sinuosos, meu vestido arruinado arrastando e encharcado pela água suja. Wraith oferece carregar-me também, mas eu balanço a cabeça, murmurando um agradecimento. Estou muito tensa. Cada sombra me faz ficar tensa, esperando que mais guardas apareçam a qualquer momento.

Mas os sons da perseguição desapareceram, substituídos por nossa respiração ofegante e o respingo de nossos passos. Meu coração ainda bate forte contra minhas costelas, a adrenalina tornando tudo mais nítido, mais claro. As luzes de emergência piscando lançam sombras estranhas nas paredes curvas, fazendo os túneis parecerem vivos de alguma forma.

Como se estivéssemos nos movendo pela barriga de uma besta gigante.

"Quase lá," Thane arfa, sua máscara branca brilhando na luz fraca. "Mais duas curvas e chegaremos ao poço de manutenção que leva à estação."

Wraith rosna em reconhecimento, a ômega inconsciente ainda pendurada em seu ombro enorme. Ela não se mexeu desde que a deixei inconsciente, mas sua respiração constante me diz que ela está viva. Ainda não tenho certeza se levá-la foi a decisão certa, mas ela é nossa única alavanca agora que Monty escapou.

O poço de manutenção acaba sendo uma escada enferrujada que leva a uma grade pesada. Whiskey sobe primeiro, seus braços enormes flexionando enquanto empurra a grade para o lado. O som dos trens passando acima chega até nós.

"Limpo," ele chama baixinho.

Emergimos um por um em uma sala de armazenamento abandonada. Caixotes e equipamentos antigos acumulam poeira nos cantos, e a única luz vem de uma janela suja no alto de uma parede. A sala cheira a óleo, ferrugem e décadas de abandono.

"A plataforma é logo ali," Plague diz, apontando para uma porta parcialmente escondida atrás de algumas prateleiras.

"E se não for?" Valek murmura.

"Então estamos fodidos," Whiskey responde alegremente.

Mas quando saímos para a plataforma, tentando parecer casuais apesar de nossas roupas formais manchadas de sangue, eu avisto a estação e o familiar branco e dourado do trem Surhiirano. A visão dele me enche de um alívio tão intenso que fico tonta.

Um movimento chama minha atenção. Um grupo de guardas da estação se esconde em um beco sombrio do outro lado dos trilhos, suas armas brilhando fracamente na luz da estação. Minha respiração trava enquanto agarro o braço de Thane para avisá-lo.

"Eu os vi," ele murmura, sua voz tensa. "Apenas continue andando."

Os guardas nos observam com tensão óbvia, mas não se movem para nos interrogar. Talvez sejam os uniformes brancos impecáveis da equipe de segurança do trem que os fazem hesitar. Julgando pelo que sei agora, tenho certeza de que ouviram histórias sobre o que acontece com pessoas que interferem nos negócios Surhiiranos.

De qualquer forma, eles ficam parados enquanto embarcamos no trem, embora eu sinta seus olhos queimando em nós até que as portas se fechem com um leve assobio.

O interior familiar e opulento do vagão do trem parece surreal depois de tudo pelo que passamos. Os assentos macios e os detalhes brilhantes estão exatamente como os deixamos, como se estivéssemos entrando em outro mundo completamente diferente.

Puta merda.

Conseguimos.

E embora possamos ter perdido Monty, temos sua ômega.

CAPíTULO

TRINTA E CINCO

VALEK



Eu me recosto no assento de veludo macio, observando os outros cuidarem de seus ferimentos. A adrenalina está passando, deixando-me estranhamente melancólico.

Não é um sentimento ao qual estou acostumado.

E não é um que eu particularmente aprecie.

Meus olhos se voltam para Ivy enquanto ela cuida do corte na parte de trás da cabeça de Thane, causado pelo ataque feroz da ômega que capturamos. A maneira como ela o toca com tanta gentileza, com tanto cuidado... faz algo se torcer no meu peito.

Eu realmente estou sentindo arrependimento.

Arrependimento de que ela talvez nunca mais me toque daquela forma.

Eu pensei que estava fazendo a coisa certa quando a levei. Dando a ela a liberdade de escolher que foi roubada de mim naquele laboratório estéril. Mas eu estava errado.

Tão espetacular e catastroficamente errado.

Também não estou acostumado a estar errado.

Muitas primeiras vezes para mim ultimamente.

Cruzo os braços sobre o peito e cruzo as pernas, continuando a observá-la de uma distância que calculei cuidadosamente. Perto o suficiente para satisfazer meu impulso de alfa de me aproximar da pequena ômega que me atrai como um ímã, longe o suficiente para deixá-la confortável em estar no mesmo espaço.

Isso dói.

Ter que conviver com o que eu fiz.

Ter que vê-la com os outros.

Ter que lidar com a plena compreensão e consciência de que provavelmente nunca poderei recuperar o que destruí.

"Pare de ficar remoendo," Whiskey murmura, sentando-se ao meu lado. O sangue secou em seu rosto onde a estátua o atingiu. Parece que a ômega capturada não conseguiu acertá-lo tão forte quanto acertou Thane. "É estranho ver você todo... pensativo e tal."

Eu mostro os dentes em algo que pode ser um sorriso. "Eu sou sempre pensativo. Simplesmente escolho não compartilhar esses pensamentos com idiotas."

Ele ri, mas não há calor real nisso. Estamos todos muito exaustos para nossas provocações habituais.

A ômega inconsciente está deitada em um dos bancos, seus cabelos prateados espalhados sobre o veludo. Deve ser Vrissiana, a menos que ela tenha tingido. Achei que detectei um leve sotaque quando ela estava gritando, mas havia tanto caos que é difícil dizer com certeza. Wraith fica por perto, observando-a com evidente cautela, embora Plague tenha dado a ela um sedativo quando ela começou a se mexer. Realmente não há como ela ir a lugar algum tão cedo.

Mas quem pode culpá-lo?

Essa ômega acertou mais golpes do que os guardas.

Até me acertou nas bolas.

Tenho que admirar o espírito dela, mesmo que eu queira estrangulá-la por isso. Não vou, só porque ela é uma ômega, e isso vai contra meu pequeno credo perturbado que guia minhas decisões.

Mas eu *quero*.

O trem diminui a velocidade enquanto nos aproximamos de nossa nova base e eu olho pela janela. Ela está montada dentro das paredes de uma mina Surhiirana, toda em mármore branco e filigrana de ouro, assim como a própria Surhiira. Torres de guarda disfarçadas de obeliscos elegantes. Posições de armas escondidas atrás de esculturas ornamentadas.

É completamente desnecessário.

E é absolutamente magnífico.

"Isso é... excessivo," diz Plague, secamente. "Desculpe."

"É incrível," diz Whiskey, soltando um assobio baixo.

Eu noto como os olhos de Ivy se arregalam levemente ao ver isso. Como ela se inclina inconscientemente para frente, atraída pela beleza apesar de si mesma.

Eu não sou o único com bom gosto.

Somos recebidos na estação privada por um contingente de guardas em uniformes brancos impecáveis. Eles nos conduzem por corredores de mármore e por escadas sinuosas até o que só pode ser descrito como uma masmorra, embora seja a masmorra mais limpa e elegante que já vi.

Há até uma fonte.

Queria que minha antiga cela tivesse uma fonte.

"Coloque-a ali," ordena Thane, apontando para o beliche. Até isso é de veludo.

Wraith a deita com uma gentileza surpreendente, considerando que ela tentou esmagar nossas cabeças.

"Como lidamos com isso?" Whiskey pergunta, voltando-se para nós. "Não podemos exatamente torturar uma ômega para obter informações."

"Eu posso," diz Ivy.

Todos nos viramos para encará-la.

"O quê?" Ela cruza os braços. "Vocês acham que eu não sei como extrair informações de alguém? Além disso, ela claramente não é tão indefesa quanto finge ser."

"Não vamos torturar ômegas," Thane murmura.

Eu me recosto contra a parede branca e impecável da cela, observando os outros debaterem o que fazer com nossa prisioneira como se pudéssemos fazer algo além de ficar parados com os polegares enfiados no traseiro.

Ela é uma ômega.

Tudo o que podemos realmente fazer é incomodá-la.

"Ela claramente sabe algo valioso, ou Raven não teria reagido daquela forma quando a viu," diz Plague.

"O que foi aquilo, afinal?" Whiskey pergunta, andando de um lado para o outro.

"Ele pode tê-la reconhecido," eu digo. "*Ou* ele se apaixonou à primeira vista. Nós, Vrissianos, somos irresistíveis, afinal."

"Você acha que ela é Vrissiana?" Thane pergunta, franzindo a testa. "O que uma ômega Vrissiana estaria fazendo com um beta do Conselho?"

Eu encolho os ombros. "Dificilmente seria a primeira vez que um oligarca adquiriu um animal de estimação de outro lugar."

"Sim, um 'animal de estimação' que ele abandonou ao primeiro sinal de problema," Whiskey ri. "Até onde eu sei, temos que nos preocupar mais com Raven vindo atrás da pequena psicopata do que com Filch."

"Havia supressores de odor sendo bombeados pelos dutos de ar," Thane pondera, olhando para a ômega adormecida. Posso ver as engrenagens girando por trás daqueles olhos escuros, chegando às mesmas suspeitas que nos atormentam.

Todos, exceto Whiskey, de qualquer forma. Duvido que ele tenha algo entre as têmporas além de uma brisa leve.

"Eu senti o ar clarear quando Whiskey quebrou a janela," diz Ivy pensativamente. "Talvez tenha sido quando Raven percebeu."

"Bom ponto," eu digo com um sorriso de aprovação.

Ela revira os olhos, como se achasse que estou sendo sarcástico. E suponho que só tenho a mim mesmo para culpar por isso, mas nada poderia estar mais longe da verdade.

Ela sempre foi inteligente.

Inteligente o suficiente para não querer nada comigo.

CAPíTULO

TRINTA E SEIS

IVY



Não consigo dizer se Valek está sendo um idiota, mas geralmente é seguro assumir que sim.

Mesmo que ele tenha sido diferente ultimamente.

Não tenho certeza do porquê, exatamente, porque ele parece ter voltado ao seu eu estranho, mas lúcido. Mas seja o que for, estou muito cansada e estressada para descobrir agora.

O que eu sei é que ainda quero ele aqui.

Às vezes, não tenho certeza se é porque o amo ou porque quero torturá-lo. Às vezes é os dois. Mas de qualquer forma, ele faz parte da matilha.

Minha matilha.

O resto, podemos descobrir.

Primeiro, precisamos descobrir o que diabos está acontecendo com nossa prisioneira e se podemos usá-la como alavanca.

Whiskey está certo. O parceiro dela a deixou no clube sem pensar duas vezes, mesmo que ela literalmente tenha lutado por ele.

Com uma estátua.

Mesmo que minha matilha seja um pouco caótica, completamente descontrolada e cheia de personalidades em conflito que poderiam fazer um sargento experiente desistir, não tenho dúvidas de que cada um deles passaria pelo inferno para me resgatar. Eles provaram isso repetidas vezes. Todos eles, até Valek.

A traição do beta dela deve doer.

Mas, conforme o sedativo passa e a outra ômega acorda de seu estado drogado, a confusão em seus olhos violetas se dissipa para revelar apenas gelo por baixo.

É. Não tão indefesa.

"Onde estou?" ela exige, olhando ao redor das paredes de pedra branca da cela da masmorra onde estamos todos amontoados, puxando seu robe de seda mais firmemente ao redor de seu corpo voluptuoso. É o tipo de coisa que você usaria em... bem, um clube de sexo. Não em uma masmorra literal.

Os alfas estão se posicionando entre mim e nossa prisioneira, como se eu não fosse a que a sufocou.

Plague avança. "Você não está em posição de fazer perguntas," ele diz em um tom frio que duvido que já tenha usado com uma ômega antes.

Thane se aproxima do beliche, seu corpo maciço projetando uma sombra sobre ela. "Qual é o seu nome?"

Ela olha para ele com raiva, seus lábios cheios pressionados em uma linha fina.

"Queremos fazer isso da maneira fácil," Thane continua, sua voz profunda ecoando pela cela. "Mas se você não falar, não teremos escolha."

"O quê, vocês vão torturar uma ômega?" ela diz com uma risada amarga.

"Não," eu murmuro, contornando o volume de Wraith. "Mas *eu* vou."

Nossos olhos se encontram, e por um momento, é como olhar em um espelho. Vejo o mesmo fogo, a mesma teimosia que me manteve viva todos esses anos. Mesmo que pareça mais gelo no dela.

E há algo mais que conheço bem.

Amargura.

"Diga-nos seu nome," Thane diz novamente.

Ela finalmente é a primeira a desviar o olhar. "Cosima," ela diz.

"Cosima?" Valek repete, parecendo surpreso.

Antes que ela possa responder, Whiskey intervém com sua confiança deslocada habitual. "Não, cara, é Cosmo."

A cabeça da ômega se levanta, seus olhos violetas brilhando. "É *Cosima*, seu idiota!" ela sibila, seu sotaque vago se intensificando. "*Cos-ih-muh*. Diga direito."

"Esse não é um nome Vrissiano," Valek pondera, confirmando que ele também percebeu seu leve sotaque.

Os lábios de Cosima se curvam em um sorriso sarcástico. "Vlytek vakh myv vakrav vodznyc," ela cospe.

Whiskey pisca, olhando entre ela e Valek. "O que ela disse?"

Uma risada baixa escapa de Valek. "Nada que eu possa repetir na frente da dama," ele diz, acenando para mim.

Eu reviro os olhos, sacando minha adaga de vidro Surhiirana de seu esconderijo. A lâmina brilha na luz fraca enquanto avanço. Cosima se encolhe levemente contra a parede, mas seu olhar nunca vacila.

"Não temos tempo para isso," eu murmuro. A adrenalina da nossa fuga está diminuindo, deixando-me crua e à beira de um colapso. "O que uma princesa Vrissiana como você está fazendo com um beta do Conselho?"

Ela hesita, o maxilar se apertando. "Minha mãe é Vrissiana," ela finalmente diz através dos dentes.

"E seu pai?" Thane pressiona.

Outra pausa. Seus dedos se torcem no tecido sedoso de seu robe. "Ele é um comerciante."

Os olhos de Thane se estreitam. "Eu quero um nome."

Eu balanço a faca no ar, um lembrete gentil. O olhar de Cosima pisca para a lâmina, depois volta para mim. Por um momento, acho que ela pode atacar. Mas então seus ombros caem levemente.

"Arthur Maybrecht," ela diz, o nome caindo de seus lábios como uma maldição.

O silêncio que se segue é ensurdecedor. Observo enquanto o reconhecimento surge nos rostos dos alfas.

"Bem, bem," Valek arrasta. "Isso é um desenvolvimento interessante."

Eu olho entre eles. "Quem é esse?"

A voz de Plague está tensa quando ele responde. "Um financista incrivelmente rico. Ele fez sua fortuna enviando grupos de saque

para acumular suprimentos médicos logo após as primeiras bombas, e então monopolizando o mercado no rescaldo."

"Comerciante, nada," Whiskey ri, cruzando os braços sobre o peito largo. "Ele é um dos ricos babacas que financiam o papai de Thane. E outros poderosos por toda Reinmich."

"Pensei que eu tinha te dito para parar de chamá-lo disso," Thane diz secamente, se mexendo desconfortavelmente. Mas posso ver as engrenagens girando. Cada menção de seu pai parece uma facada nas costas.

De Wraith também.

Os olhos de Cosima se arregalam levemente enquanto sua atenção se fixa em Thane. "*Você* é o filho do General Hargrove?" Uma risada divertida escapa dela. "O que arrancou o esqueleto de seu oficial comandante?"

"A coluna," Whiskey a corrige. "Mas ele é o cara."

Isso rende outro olhar de Thane.

Cosima inclina a cabeça, seus olhos percorrendo o corpo maciço de Thane com uma avaliação. "Hmm. Eu pensei que você seria... mais alto."

Thane se irrita. "Eu tenho dois metros e três," ele diz incrédulo.

É óbvio que a ômega está apenas tentando nos irritar.

E está funcionando.

Alfas são tão previsíveis.

Eu me viro de volta para Cosima. "O que você estava fazendo no Alpha's Alpha?" eu exijo antes que outra disputa comece. "Por que você estava com Monty?"

"Não é óbvio?" ela pergunta em um tom entediado. "Eu sou a ômega dele."

Eu franzo a testa. "Ele é um beta. Não há ômegas suficientes para todos os poderosos grupos de alfas que querem uma. Então, por que eles te dariam a ele?"

"Por favor. Dinheiro e poder podem comprar qualquer coisa. Qualquer*um*," ela acrescenta com amargura, olhando ao redor para meus alfas. "Vocês deveriam saber disso melhor do que ninguém."

Eu me irrito com a implicação, mesmo que não esteja longe da verdade original. Eu *fui* apenas um prêmio dado aos Fantasmas.

Embora eu fosse realmente uma bomba-relógio destinada a destruí-los.

Essa realização ainda não afundou completamente.

Mas não importa como começou, não é isso que se tornou.

Ver-me através dos olhos de outra ômega, no entanto, é um lembrete de quanto as coisas mudaram.

"Nós não somos iguais," eu digo firmemente. "Por um lado, meus alfas nunca me deixariam como Monty deixou você. Você está realmente disposta a arriscar sua vida para proteger aquele covarde?"

Algo brilha em seus olhos.

Dor, talvez.

Ou raiva.

Some antes que eu possa ter certeza.

"A única pessoa que estou protegendo é eu mesma," ela responde. "E vocês são todos idiotas se acham que meu parceiro inútil é a chave para fazer o Conselho chamar os cães de volta."

"Oh, estamos muito além disso," Thane diz solenemente. "Agora, estamos na fase de 'queimar tudo e ver o que acontece'."

Cosima engole audivelmente, mas sua expressão permanece estoica e inalterada, como uma boneca de porcelana. Ela olha de volta para mim. "Você disse isso mesmo, Monty é um covarde. Se você está planejando me usar como alavanca, está perdendo seu tempo."

"Monty pode não," Plague pondera, estudando-a como um rato em uma gaiola. "Mas estou disposto a apostar que seu pai tem um pouco mais de aço na coluna. Um homem que conseguiu transformar o inverno nuclear em um império é muitas coisas, mas um covarde não é uma delas."

"Caramba, cara," Whiskey diz em um sussurro reverente. "Isso foi mais duro do que precisava ser."

O olhar de Plague pisca para ele com irritação. "Não é a hora *nem* o lugar."

A expressão no rosto de Cosima sugere que Plague não está errado.

"Você é a ômega de um membro do Conselho," Plague continua. "Você deve ver e ouvir muitas coisas—especialmente quando Monty está te exibindo em suas festas sexuais."

"Isso depende," ela diz secamente.

"De quê?" ele pergunta.

Ela sorri. "De quais 'coisas' você está se referindo."

Vejo a tensão no corpo magro de Plague, o único sinal de que ele está ficando irritado com suas evasivas e fingimento de inocência. "Um homem chamado Zeran. Ele teria sido um prisioneiro. Capturado há quatro, talvez cinco meses."

Meu coração acelera quando percebo o que ele está insinuando.

Seu irmão.

Zeran deve ser um pseudônimo para Azarel.

"Zeran?" Cosima repete. "Não me soa familiar. Como ele é?"

Ou ela é uma atriz que deixaria Mila Molotova com vergonha, ou ela está dizendo a verdade.

"Ele tem dois metros e dez, mais ou menos do mesmo porte que Thane." Plague avança, tirando sua máscara. "Mas basicamente assim."

Os olhos de Cosima se arregalam enquanto ela observa sua aparência, e pela primeira vez, ela parece perder a compostura.

Dura apenas uma fração de segundo, mas é o suficiente.

E posso dizer que os outros também perceberam.

"Então você o viu," Plague comenta, sua voz ganhando um tom que só ouvi algumas vezes. Por mais tensa que seja a relação de Plague com seu irmão, ainda é seu irmão.

Ainda é família.

"Não," Cosima diz, sua expressão indiferente e tom entediado voltando como uma máscara. É uma que ela usa bem, mas posso ver as rachaduras. Ela não desvia o olhar como a maioria das pessoas que foram pegas mentindo, o que significa que ela é experiente nisso.

Acho que todas as ômegas têm que ser.

Sua gaiola pode ter sido dourada enquanto a minha era enferrujada com barras afiadas, mas ambas éramos prisioneiras. Ela é uma literal agora. Infelizmente, isso não nos torna menos inimigas.

"Você está mentindo," Plague diz antes que eu tenha a chance. Seus olhos se estreitam. "Por quê?"

Ela olha para ele com um riso desdenhoso, mas seus olhos a traem. "Que razão eu teria para mentir sobre algum prisioneiro?"

"É isso que eu pretendo descobrir," Plague comenta, seu olhar piscando para mim.

Eu me lembro da faca em minha mão e a levanto.

Mas antes que eu tenha a chance de pelo menos assustar Cosima, o som de guardas se movendo no corredor chama a atenção de todos. Uma porta bate mais adiante no corredor e uma cacofonia de protestos bêbados e indignados ecoa pelas paredes de pedra.

Whiskey se assusta com o som, rápido demais, e a ponta do chifre em sua máscara engancha a borda da máscara lobuna de Wraith, arrancando-a. Ele fica em branco ao perceber o que acabou de fazer, com todos nós confinados em um espaço apertado.

"Oh, *merda*—"

As cicatrizes e dentes afiados de Wraith brilham antes que suas mãos voem para cobrir seu rosto com um rugido angustiado que enche a cela.

Os outros alfas entram em ação, se afastando dele como se ele fosse explodir em uma fúria feral, mas eu também estou me movendo. Eu guardo minha faca de volta em seu coldre escondido enquanto corro para o lado de Wraith, pegando sua máscara caída, mas o grito de puro terror que ecoa pela cela me diz que é tarde demais.

Uma raiva protetora surge em mim, mas eu ignoro o pânico de Cosima, focando em Wraith. Ele ainda está cobrindo o rosto com as mãos e tremendo como se fosse explodir, mas eu puxo sua cabeça para baixo em minha direção e pressiono minha testa contra a dele para tentar acalmá-lo.

"Está tudo bem, está tudo bem," eu digo suavemente, beijando as costas de suas mãos. "Olhe para mim."

Suas mãos se movem levemente e eu capto um vislumbre de seus olhos azuis nos meus. Eu procuro preocupada pela fúria feral que o domina quando algo assim acontece.

Para meu choque, não há raiva lá. Apenas confusão, vergonha e uma pitada de preocupação enquanto ele olha para mim.

Como se ele estivesse preocupado com *mim*.

Ele sinaliza cautelosamente para mim. *Você está bem*?

Eu olho para ele, observando enquanto os outros permanecem congelados, suas mãos repousando em suas armas em vários estados de prontidão para controlar o caos iminente.

Caos que... não está acontecendo, aparentemente.

"Sim," eu engasgo, ainda fixada em Wraith e vagamente consciente de que os gritos da ômega diminuíram para uma respiração ofegante. Mas eu lidarei com ela mais tarde. "Você está?"

Wraith olha para a máscara de lobo em minha mão e faz um gesto para que eu a entregue a ele. Quando eu faço isso, ele rapidamente a coloca de volta, amarrando a fita enquanto olha cautelosamente para o outro canto da sala.

Cosima se jogou da cama e para o canto, seus olhos fixos em Wraith, pupilas tão dilatadas que há apenas uma faixa de violeta ao redor delas.

Ele olha de volta para mim e suspira. Ele dá um aceno curto.

Eu solto um suspiro meu e os outros Fantasmas relaxam visivelmente. Eu me levanto na ponta dos pés, pressionando um beijo nas mandíbulas de Wraith através da máscara, e espero que a vadia veja. "Estou orgulhosa de você," eu sussurro para que só ele ouça, acariciando minhas mãos em seu peito.

Minhas emoções se afiam em bordas serrilhadas enquanto me viro de volta para a ômega que ainda está encolhida no canto, parecendo que acabou de ver um demônio sair dos poços do inferno. E eu odeio que ela não seja a única que olha para ele assim.

"O que... o que ele é?" ela engasga, sem piscar.

Uma nova raiva floresce em meu peito. "Acabamos com o jeito gentil," eu digo, sacando minha lâmina novamente. Ela faz um som satisfatório de *snikt* ao sair do coldre. Eu caminho até Cosima, passando pela mão estendida de Thane e ignorando a maneira como ele chama meu nome como se estivesse preocupado que eu vá fazer algo louco.

Ele *deveria* estar preocupado.

Mal consigo ouvi-lo sobre o som do meu coração batendo forte em meus ouvidos.

"Ivy, precisamos dela viva," Plague diz em um tom cauteloso.

"Oh, ela estará viva," eu digo, minha voz soando incomumente calma, dada a situação. "Não vou cortar nada vital."

"Uma mulher depois do meu próprio coração," Valek ronrona.

"Cale a boca," eu digo secamente.

O instinto de autopreservação de Cosima parece ter entrado em ação e ela sai do transe em que estava há um segundo, se encolhendo longe de minha faca. "Me desculpe," ela diz de repente, levantando suas mãos bem cuidadas. Elas estão tremendo. Bom. "Eu pensei... pensei que ele era outra pessoa."

Eu congelo com suas palavras.

Ela está blefando para salvar a pele?

Não... ela parece sincera.

Mas isso deixa ainda mais perguntas.

"Isso seria uma novidade," Whiskey murmura baixinho.

Thane cutuca ele no lado com força suficiente para fazê-lo chiar.

"O que você quer dizer com 'pensou que ele era outra pessoa'?" eu cuspo, cada palavra carregada de veneno.

Cosima hesita, seu olhar viajando sorrateiramente entre mim e Wraith. Ele se pressionou de volta para o canto mais distante da cela agora e posso dizer que ele está tentando se esconder de Cosima atrás dos outros.

Um passo à frente, dois passos para trás.

Mas pelo menos ele não está entrando em uma fúria induzida pelo pânico como costuma fazer quando perde a máscara.

Isso é progresso.

Muito progresso.

"Nada," Cosima diz, olhando para o chão, sua compostura gelada de volta ao lugar.

Tarde demais.

"Responda-me," eu digo através dos dentes, pressionando a lâmina em sua garganta. Ela congela e para de respirar, claramente aterrorizada de se mover.

Ela sabe que não estou blefando.

Ela é inteligente o suficiente, pelo menos.

Seus lábios se separam e sua respiração falha neles, e posso dizer que ela está tentando não engolir. Mas ainda há desdém em seus olhos quando eles encontram os meus. E se não estou enganada, uma pitada de respeito relutante.

"O... *rosto* dele," ela diz, escolhendo cada palavra com cuidado, como se soubesse que sua vida dependia disso. "Eu já... vi antes. Alguém como ele. Dentes afiados. Olhos azuis. Cicatrizes. E eu pensei..." Ela fecha os olhos, suas sobrancelhas se franzindo como se de repente estivesse mais com medo do que está vendo atrás deles do que de mim.

Vamos ter que consertar isso.

"Você pensou o quê?" eu exijo, pressionando a lâmina o suficiente para fazer uma gota de sangue aparecer em sua garganta leitosa. Ela se encolhe e eu a puxo para trás antes que ela possa entrar em pânico e se matar antes de obtermos as respostas de que precisamos. "Você já viu alguém como ele antes? Onde?"

"Você não acreditaria em mim," ela diz com amargura.

"Tente."

Ela hesita, olhando para a faca, depois para Wraith. Estou prestes a arrancar seus olhos se ela olhar para ele errado de novo, mas não há horror lá agora.

Não tenho certeza se a pena que encontro é muito melhor.

Mas isso detém minha mão.

Por enquanto.

"Em um sonho," ela diz calmamente.

"Um sonho?" eu ecoo. "Você sonhou com *Wraith*?"

Agora não tenho certeza se vou cortá-la por proteção ou ciúme.

"Não," ela diz, a impaciência voltando à sua voz. Se algo, é a única coisa que me convence de que ela está dizendo a verdade. "Não *ele*. Alguém com o mesmo..." Ela hesita, olhando para mim cautelosamente enquanto escolhe suas próximas palavras. "*Sorriso*."

Valek solta uma risada que ele rapidamente disfarça como uma tosse antes que eu possa dar-lhe um olhar mortal.

"Não era ele," ela continua. "O h—*homem* que eu vi não tem rosto. As cicatrizes são mais... extensas."

"Mais extensas do que *isso*?" Whiskey solta. Ele dá um sorriso apologético para Wraith. "Desculpe, cara. Foi um elogio. Você é... único."

Wraith rosna suavemente de irritação.

Eu também.

Se Whiskey fosse qualquer outra pessoa, eu o morderia. Mas considerando que literalmente todo pensamento interno de Whiskey acaba saindo para fora, acho que não é tão ruim quanto metade das outras merdas que saem de sua boca.

"O homem que você viu nesse sonho," eu digo, voltando para Cosima e tentando pensar racionalmente, embora todos os meus instintos estejam à flor da pele agora. "Como ele era?"

"Bem, ele não é realmente uma pessoa," ela diz, sua voz ganhando uma borda crua enquanto olha para a parede. Através dela. "Ele não se comunica ou pensa, ele apenas... ele segue."

"Segue o quê?" Thane ecoa cautelosamente. "Quem?"

Seus olhos se voltam para ele, arregalados e selvagens novamente. "*Eu*. Ele segue *eu*. Ele quer *eu*. É sempre *eu*."

"Ok," Plague diz, sua voz um pouco mais suave agora. A voz que ele usa com pacientes rebeldes. Aqueles que ele acha que estão à beira da sanidade, e eu sei, considerando que ele já usou essa voz comigo antes quando eu estava completamente feral. "E o que você acha que ele quer com você?"

Ela balança a cabeça, puxando os joelhos para o peito e envolvendo os braços em torno das pernas. "Eu não sei," ela murmura. "Tenho tido o mesmo sonho todas as noites da minha vida, e sei que quando ele me pegar, ele vai me devorar. Eu sei que vai. É assim que o sonho sempre termina."

Olhando para ela agora, ouvindo a maneira como sua voz quebra enquanto fala desse monstro... me pergunto se Plague está certo e que ela não está exatamente em contato com a realidade. E isso coloca sua reação a Wraith em um contexto ligeiramente diferente. A realização de que ela *não* estava reagindo ao rosto do meu companheiro, não realmente, me deixa um pouco menos esfaqueadora.

Um pouco.

"É um sonho," Plague diz firmemente. "Um sonho não pode te machucar."

"Esse pode!" ela sibila. O cheiro de sangue atinge o ar e percebo que suas unhas afiadas cavaram crescentes em suas coxas. "Ele vai me encontrar. Se eu estiver aqui fora, ele vai me encontrar, e ele vai rasgar cada um de vocês em pedaços. Vocês têm que me levar de volta."

Meus alfas e eu trocamos um olhar cauteloso. Nenhuma palavra passa entre nós, mas todos estamos pensando a mesma coisa.

"Há pelo menos trinta metros de aço reforçado e pedra sólida entre você e o mundo exterior," Plague diz em seu tom lógico e direto, mas isso só parece agitá-la ainda mais. "Ninguém vai entrar. Ou sair."

"Vocês são uns idiotas," ela sibila. "Vocês não podem detê-lo. O único que pode está em Reinmich, e estamos todos sentados aqui como patos."

"Seja como for, você não vai a lugar algum," Plague diz calmamente. "Não até alguém estar disposto a fazer um acordo."

Whiskey, por outro lado, *não* está calmo. Ele continua olhando por cima do ombro e se virando para poder ver o corredor, como se o monstro fosse aparecer logo atrás dele e ir direto para o traseiro dele.

"Eu te disse, Monty não vai te dar nada," ela sibila.

Não posso evitar estremecer por ela com a certeza em seu tom. A convicção absoluta de que o homem que ela chama de companheiro não levantará um dedo para salvá-la.

"Eu não estava me referindo a ele," Plague responde. "Mas algo me diz que seu pai vai querer você de volta. Foi dele que você estava falando, não foi? O homem que pode te proteger desse grande e mau monstro?"

O olhar de Cosima volta a ser gelado, mas ela não diz nada. Em vez disso, ela se afunda de volta contra a pedra, deixando a cabeça cair contra ela com um *thunk* que até eu estremeço, e sua risada musical ecoa pela cela.

"Estamos todos fodidos," ela diz em um tom cantado.

Os alfas trocam outro olhar antes que Thane incline a cabeça em direção à porta. "Vamos lá," ele murmura. "Não vamos conseguir nada dela assim."

"Não diga que eu não avisei quando ele vier atrás de mim," Cosima diz, fechando os olhos com um suspiro resignado. "E todos vocês também."

Acho que Thane pode estar certo.

Eu guardo minha faca de volta em seu coldre, e um por um, saímos da cela. Plague é o último a sair e fecha a porta com um baque que ecoa pelo corredor agora silencioso. Seja lá quais prisioneiros indisciplinados os guardas trouxeram antes, eles agora estão em silêncio ou desmaiados.

"Então, isso foi..." Thane começa.

"Assustador pra caralho," Whiskey termina para ele com um arrepio. "Eu não sabia que ômegas podiam ser tão assustadoras." Ele olha para mim. "*Você* é só picante. Eu prefiro mordidas do que seja lá o que diabos aquilo foi a qualquer dia da semana."

"Eu também," Valek intervém, parecendo esperançoso. É a primeira vez que ele fala em alguns minutos. Deve ser um novo recorde. Ele tem estado incomumente sombrio.

Ah. Isso mesmo.

Ele acabou de me ver ameaçando torturar alguém.

Ele provavelmente está excitado e de bom humor.

"Vou lembrar disso mais tarde," eu digo secamente.

"Você acha que a coisa da loucura é uma atuação?" Thane pergunta cautelosamente, olhando para Plague. Considerando que ele é nosso médico de matilha e basicamente nosso psicólogo, faz sentido.

"Pode ser," Plague diz pensativamente. "Mas eu duvido."

"Eu também," eu admito. "Ela parece... genuinamente assustada."

Sorte para ela, porque eu estava prestes a cortar aquele sorriso pretensioso de seu rosto. Então Wraith não seria o único com um sorriso "único".

Os outros ficam em silêncio, mas, como sempre, Whiskey é quem quebra o silêncio. "Ela estava *definitivamente* mentindo sobre não

ver seu irmão," ele diz para Plague.

Plague acena com a cabeça. "Eu percebi isso também. Mas não acho que questioná-la mais quando ela está nesse estado vai adiantar. E infelizmente, não acho que torturá-la vai ajudar também," ele diz, com um toque de diversão em seu olhar enquanto ele se volta para mim.

Eu rio. "Eu vou sobreviver."

"Se você está ansiosa para enfiar essa faca em alguma carne, eu me ofereço de bom grado," Valek ronrona.

Algo me diz que ele não está brincando. Se não fosse pelos cientistas e assistentes agressivamente normais que encontrei no laboratório, eu pensaria que os Vrissianos são apenas caos em forma humana.

Mas não.

Tenho certeza de que é só Valek.

E agora a bonequinha de porcelana assustadora que pode ser nossa única chance de entrar em Reinmich sem nos matarmos. Se ela realmente é a filha de algum magnata obscenamente rico, isso é.

"Se você merecer," eu digo secamente para Valek.

Ele me dá aquele sorriso travesso dele, mas o brilho de esperança em seus olhos ao lado disso me impede de revirar os olhos com muita força.

Whiskey dá um olhar cauteloso para Valek antes de rolar os ombros e olhar ao redor novamente, ainda claramente nervoso. "Sobre a historinha de terror da ômega," ele diz desajeitadamente. "Temos certeza de que ela está mentindo?"

"Duvido que ela esteja *mentindo*," Plague responde em um tom seco. "O medo dela era real. Ela está claramente sofrendo de algum tipo de delírio."

"É, bem, ela sabia sobre os dentes," diz Whiskey, desenhando linhas irregulares no ar na frente de sua boca. "Eu não tinha a menor ideia de que esse tipo de coisa era possível antes..." Ele para, gesticulando desajeitadamente para Wraith e olhando para mim como se eu fosse mordê-lo se ele dissesse a coisa errada.

Uma preocupação válida.

"É estranho," Valek admite, apoiando-se em uma porta com os braços cruzados sobre o peito.

Whiskey olha para ele, depois para Wraith. "Você tem certeza de que nunca viu algo assim no laboratório? Como é o Cavaleiro sob a máscara?"

Wraith balança a cabeça.

"A máscara dele está soldada, pelo que eu sei," Valek responde. "Eu não acho que ela sai. Mas suponho que seja tecnicamente possível que algo assim esteja escondido debaixo dela."

"Nós *não* estamos considerando a possibilidade de uma ômega psíquica," Plague diz, não escondendo sua irritação com a conversa. "Podemos voltar ao assunto em vez de perder nosso tempo pensando em coisas que não são possíveis?"

"Eu espero que não," Whiskey murmura.

"Ele tem um ponto," Thane diz, andando de um lado para o outro novamente. "Saímos da missão vivos, mas ainda não temos Monty. Ou nosso exército."

"Não," Plague pondera, claramente feliz por estarmos discutindo planos novamente. "Mas podemos ter algo melhor. Se Cosima realmente é a filha de Arthur Maybrecht, ele deve estar disposto a trocá-la por meu irmão. E se Azarel está lá há tanto tempo, eu garanto que ele sabe algo que pode nos ajudar a vencer."

"Ainda há o exército," Thane lembra ele. "A rainha deixou claro que precisamos apresentar algo antes que ela esteja disposta a arriscar tropas Surhiiranas."

Plague fica em silêncio. Ele claramente não tem uma resposta para isso.

"Eu posso conhecer alguém," Valek intervém.

Thane dá a ele um olhar silenciador. "*Seu* último contato nos fodeu."

"Tecnicamente, Raven cumpriu," Valek pondera. "Ele só deixou de fora alguns detalhes importantes."

Thane dá um suspiro cansado, mas ele não discute, o que fala sobre o quão fodidas estão nossas chances. "Quem é?"

"É alguém que todos nós conhecemos, na verdade," ele responde. "Nikolai."

"Nikolai?" Whiskey solta. "Aquele psicopata chamativo com os óculos vermelhos?"

"Precisamos de um exército," Valek diz com um encolher de ombros. "Ele é o mercenário mais temido das Fronteiras Exteriores. Que exército melhor do que um de aluguel?"

Thane parece levar isso como um insulto pessoal.

"Mesmo se confiássemos em Nikolai, ele acha que *você* é Prytel. E como diabos vamos pagá-lo o suficiente para evitar que ele nos traia?" Thane exige. "Caso você não tenha notado, não temos mais acesso aos fundos do Conselho."

"Não, mas *temos* um príncipe," Valek diz, gesticulando para Plague. "E como você disse, a lealdade de Nikolai pode ser comprada. Ele não vai levar o engano para o lado pessoal, desde que ofereçamos um preço justo."

"Por que eu tenho a sensação de que a ideia dele de justo é tudo nos cofres Surhiiranos?" Plague pergunta secamente.

Valek simplesmente encolhe os ombros. "Foi apenas uma ideia."

Plague suspira aquele suspiro que me diz que ele está realmente considerando isso. "Acho que não é a pior ideia."

"Um exército é um exército," eu digo. "Quanto mais esperamos, mais tempo esses idiotas têm para se preparar para o que está por vir."

Todos estão olhando para mim agora.

"Ivy está certa," Plague diz com relutância clara, voltando-se para os outros Fantasmas. "E se nada mais, a reputação de Nikolai pode ser suficiente para fazer alguns dos apoiadores do Conselho pensarem duas vezes sobre qual lado escolher."

"Ou fazê-los pensar duas vezes sobre qual lado *não* escolher," Whiskey murmura.

"Esse é o ponto," eu digo.

Thane continua andando de um lado para o outro, suas botas ecoando na pedra. Eu posso praticamente ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto ele pesa nossas opções. Finalmente, ele para, voltando-se para nós.

"Temos os meios para contatá-lo agora," ele diz em um tom de resignação. "É arriscado, mas não temos muita escolha."

Os outros estão em silêncio por uma vez.
Não há mais nada a dizer.
Nós *não* temos escolha.
Temos uma guerra para planejar e um monstro para matar.
E não é o monstro que Cosima tem tanto medo.

CAPíTULO

TRINTA E SETE

IVY



Eu me encosto na parede de pedra fria da sala de estar da nova base temporária, tentando me acostumar com o mármore branco e o filigrana dourado que parece estar em todo lugar em Surhiira. Mesmo que esta mina esteja fora da capital, é incansavelmente bonita.

A aversão de Plague ao concreto e ao aço definitivamente faz mais sentido agora.

As paredes de mármore esculpido deveriam parecer frias e estéreis, mas de alguma forma, não parecem. Talvez seja a maneira como os detalhes dourados captam a luz suave das lanternas, ou talvez seja apenas porque meus alfas estão aqui comigo, fazendo qualquer espaço parecer um lar.

Whiskey se espalha em um dos sofás de veludo, ocupando muito mais espaço do que o necessário. Ele tentou me convencer a me juntar a ele, mas não importa o quanto ele batesse no travesseiro ao lado para tentar me fazer mudar de ideia, estou muito nervosa para me sentar. Ele ainda está usando suas roupas formais do clube, embora o casaco esteja desabotoado e a gravata tenha desaparecido há muito tempo. Sua máscara parcialmente deschifrada balança de um dedo.

"Tudo o que estou dizendo é que deveríamos ter pegado um pouco daquela bebida de gente rica antes de sairmos," ele diz, continuando o debate que começou com Plague alguns minutos

atrás. "Seu vinho é delicioso, não me entenda mal, mas aquela foi a oportunidade de uma vida. Só uma daquelas garrafas valia mais do que um soldado ganha em um ano."

"Não exatamente havia tempo para isso," Plague responde secamente de onde está sentado em uma cadeira ornamentada, com as pernas cruzadas à sua frente. Ele trocou sua máscara por um lenço. "E tenho certeza de que você era muito mal pago quando era apenas um soldado comum."

Eu pego o olhar de Wraith de onde ele está à minha direita, pairando sobre mim. Ele ainda está usando seu terno também, mas como Plague, está usando um lenço em vez de sua máscara de baile. Ele percebe que estou olhando para ele e seus olhos se apertam um pouco nos cantos. Sua maneira de sorrir.

Eu sorrio de volta para ele e me aproximo um pouco. Ele envolve meu quadril com um braço forte, me puxando mais perto de seu calor enquanto olhamos de volta para o grande debate que tem mantido minha mente ocupada enquanto esperamos que Thane e Valek voltem. Posso dizer que todos estão tensos com eles estarem juntos sem mais ninguém por perto, mas não acho que Valek nos trairia.

Não desde que ele começou sua era de humilhação.

"Que porra você sabe sobre meu salário, Sua Alteza?" Whiskey exige, mas ele não parece realmente bravo. Se algo, ele parece gostar de provocar Plague sobre seu status real. Eles têm se dado melhor do que o normal ultimamente. Nenhuma de suas brigas tem muito calor ultimamente.

"Eu sei o suficiente sobre a Colômbia para saber que eles não estavam exatamente investindo no conforto dos soldados," Plague diz, examinando suas mãos enluvadas com interesse exagerado. "O orçamento para fogos de artifício era maior do que isso."

"É, bem..." Whiskey deixa a frase morrer, claramente incapaz de argumentar contra esse ponto. "Ainda deveríamos ter pegado a bebida."

Não consigo evitar rir um pouco. A briga é uma boa distração. Provavelmente é por isso que os Fantasmas fazem isso o tempo

todo. "Tenho certeza de que sair com nossa alavanca era mais importante do que roubar álcool," eu comento.

"Fale por si mesma, gata selvagem," ele brinca com um sorriso, olhando para mim. "Eu tenho minhas prioridades em ordem."

Wraith solta um rosnado baixo, sua versão de uma risada. É bom vê-lo um pouco relaxado novamente depois do que aconteceu na cela.

"Você não saberia o que é reto se ele mordesse sua bunda," Plague murmura.

As sobrancelhas de Whiskey se levantam. "Isso foi uma *piada*? Do próprio Príncipe Pau-no-Cu?"

"Não faço ideia do que você está falando," Plague diz com ar de superioridade, mas eu percebo um leve sorriso em seus olhos. "Você está apenas desejando ter ficado para descobrir o que Raven quis dizer quando disse que você era o fofo?"

"Ei," Whiskey rosna. "Ele não estava falando de mim."

"Ele olhou direto para você," eu aponto.

"Ele não olhou," Whiskey geme, deixando a cabeça cair de volta no sofá. "Ele estava claramente olhando para você."

"Quinze para o alfa *fofo*," Plague diz, ecoando as palavras de Raven. "Não a ômega *fofa*."

Whiskey franze a testa para ele e se mexe desconfortavelmente. "Poderia ter sido qualquer um de nós," ele murmura. Ele olha para Wraith como se estivesse prestes a dizer algo estúpido, e meus olhos se estreitam em um aviso, mas seja lá o que ele estava pensando em dizer, ele guarda para si.

Uau. Ele é realmente capaz de ter um filtro.

Há uma primeira vez para tudo, eu acho.

Então a porta se abre e Thane entra, seus olhos escuros escaneando a sala automaticamente antes de se fixarem em nós. Mesmo em seu terno cinza, ele ainda carrega a presença imponente de um líder militar.

"E então?" Plague pergunta, sentando-se mais ereto.

"Valek fez contato," Thane diz, passando uma mão pelos cabelos escuros. "Então agora esperamos."

Eu me mexo contra o calor sólido de Wraith, observando o rosto de Thane cuidadosamente em busca de qualquer sinal do que ele está pensando. Ele parece tenso, mas isso não é novidade. Estamos quase sempre tensos.

"Quanto tempo esperamos?" eu pergunto.

Thane encolhe os ombros, seus ombros largos se movendo sob o terno cinza. "Podem ser horas. Podem ser dias. Nikolai não é exatamente conhecido por sua previsibilidade."

"Ou por sua sanidade," Whiskey intervém de sua posição esparramada no sofá. "Só dizendo. O cara é completamente imprevisível."

"Você é quem fala," eu murmuro.

Ele apenas sorri para mim, impenitente como sempre.

Valek entra na sala atrás de Thane, seus olhos brilhando com a mesma prata dos detalhes em seu lenço. Ele está usando de novo, mesmo que claramente irrite Plague. Ou talvez *porque* irrita Plague. “Só temos que confiar que a sede por poder e riqueza superará tudo mais.”

"E se não superar?" Plague pergunta, seus olhos pálidos se estreitando.

"Então não estamos pior do que estamos agora," Valek responde com um encolher de ombros. "Embora eu deva dizer, a promessa de ouro Surhiirano tende a tornar as pessoas notavelmente indulgentes. Especialmente pessoas que tiveram que comprar sua própria sobrevivência."

Eu percebo como o maxilar de Plague se tensiona com isso. Ele ainda não está totalmente confortável em usar os recursos de sua terra natal dessa maneira, mesmo que a rainha tenha dado sua bênção. Outro lembrete de como tudo isso é complicado.

"O que fazemos agora, então?" eu pergunto.

Thane encolhe os ombros. "Esperamos."

Eu observo Whiskey e Plague caírem de volta em sua briga habitual, com Valek se juntando desta vez, embora haja uma corrente de afeto mais profunda agora que não estava lá antes. Todos estão claramente ainda tensos em torno dele, incluindo eu,

mas vê-lo se esforçar tanto está tornando um pouco mais fácil considerar um futuro onde eu não estou tão brava quanto estou.

É doce, de certa forma, como vê-los se unir em torno de um esporte. E acho que lutar é um esporte para eles. Mas eu não consigo relaxar. Meu corpo vibra com a tensão de tudo que aconteceu, e posso dizer pela postura rígida de Thane que ele está tão tenso quanto eu.

Minha mente vagueia de volta para aquela ideia que Plague plantou em minha cabeça sobre Thane e Wraith, e apesar de todas as coisas pesando em minha mente, sinto meu estômago se contrair com a ideia.

Talvez haja uma maneira de eu ajudar os dois alfas a liberar um pouco dessa tensão. A maneira como seus corpos enormes preenchem seus ternos pretos está fazendo coisas comigo, de qualquer maneira.

E estou cansada de lutar contra isso.

Eu me mexo contra o calor sólido de Wraith, inclinando a cabeça para encontrar seus olhos azuis intensos. Seu braço aperta em torno de meu quadril instintivamente.

"Thane," eu digo suavemente, atraindo seu olhar escuro para mim. "Posso falar com você e Wraith por um minuto?" Eu faço uma pausa, observando como seus músculos se tensionam. "Sozinhos?"

Thane hesita, seus olhos se movendo para a porta. Ele ainda está em alerta máximo depois de tudo que aconteceu, e posso dizer que ele está pesando os riscos de dividir ainda mais a matilha.

"Por favor?" eu acrescento, deixando um toque de necessidade entrar em minha voz.

Suas narinas se dilatam levemente quando ele percebe a mudança em meu cheiro. A compreensão brilha em seus olhos, seguida rapidamente por calor. E confusão. Muita disso também.

"Tudo bem," ele diz com voz rouca.

Wraith apenas acena, como eu sabia que ele faria. Ele me seguiria para qualquer lugar.

Eu escorrego de baixo do braço de Wraith e vou em direção à porta, balançando meus quadris o suficiente para garantir que tenho

a atenção deles. Atrás de mim, ouço Whiskey soltar um assobio baixo.

"Divirtam-se," ele chama atrás de nós.

"Cale a boca," Plague murmura, mas há diversão em sua voz.

Eu pego Valek nos observando sair com um sorriso malicioso, mas ele não diz nada. Talvez ele esteja aprendendo afinal.

Os corredores de nossa base temporária estão silenciosos nesta hora, nossos passos ecoando nas paredes de mármore. Eu lidero meus alfas pelos corredores sinuosos, não totalmente certa de onde estou indo, mas confiando em meus instintos.

E agora, meus instintos estão gritando por privacidade.

Posso sentir o calor de seus olhares em minhas costas enquanto caminhamos. A intensidade controlada de Thane e a fome selvagem de Wraith, ambos focados inteiramente em mim. O pensamento me deixa ainda mais determinada a encontrar um lugar perfeito para nos retirarmos.

"Para onde estamos indo?" Thane pergunta, sua voz profunda e rouca.

Eu olho para trás, sobre o ombro, encontrando seus olhos escuros. "Para algum lugar privado," eu purro. "A menos que você prefira voltar e ouvir mais brigas?"

Um rosnado baixo ecoa do peito de Wraith, e eu mordo meu lábio para esconder meu sorriso.

"Entendido," Thane diz.

Dobramos outra esquina e eu avisto uma porta que parece promissora. Quando a abro, encontro exatamente o que eu esperava. Uma pequena sala de estar, completa com móveis de veludo, uma grande cama com pés de garra e tapetes grossos.

Perfeito.

Eu entro, me virando para enfrentar meus alfas enquanto eles me seguem. Thane fecha a porta atrás de nós com um clique suave que parece ecoar no silêncio repentino.

Por um momento, apenas nos encaramos. O ar entre nós crepita com tensão e necessidade não dita. Esses dois alfas ferozes e perigosos que rasgariam o mundo por mim, esperando por meu sinal.

Meu coração acelera enquanto encontro seus olhares ardentes. Embora eu ache que tenho sido bastante óbvia sobre o que quero, e eles claramente estão excitados também, eles ainda estão tensos. Como se não tivessem certeza se eu estou prestes a pular neles e arrastá-los para a cama ou se vou soltar algum tipo de bomba neles.

De certa forma, acho que vou.

Eu respiro fundo, fortalecendo meus nervos. "Eu estive pensando," eu começo, me virando para enfrentá-los. "Depois de tudo que aconteceu... todos nós precisamos de uma maneira de liberar um pouco de tensão. Juntos."

As sobrancelhas de Thane se levantam.

Wraith fica muito quieto.

"O que exatamente você tinha em mente?" Thane pergunta cuidadosamente.

Aqui vamos nós.

"Eu quero que Wraith me coma enquanto eu chupo seu pau," eu digo rapidamente. Não vou me preocupar em escolher minhas palavras agora, mesmo que minha franqueza claramente surpreenda ambos. "E Thane, talvez... talvez você possa dar o nó na minha boca?"

As palavras ficam pairando no ar entre nós. Os olhos de Thane se arregalam, uma mistura de choque e interesse inconfundível cruzando seus traços. Ele olha para Wraith, claramente sem saber como reagir.

Wraith, por sua parte, parece absolutamente perplexo. Horrorizado, até.

Merda.

Suas mãos se movem em sinais rápidos e agitados. *Eu não quero mais te comer!*

Espere. Foi isso que ele pensou que eu quis dizer?

A cabeça de Thane se vira para ele. "Você queria *comer* ela?"

Wraith olha desajeitadamente para Thane.

"Eu meio que imaginei, mas não tinha certeza," eu admito.

Quando nos conhecemos, Wraith definitivamente olhou para mim como se não tivesse certeza se queria me devorar, me foder, me segurar ou todos os três ao mesmo tempo. Isso me assustou na

época, antes que eu percebesse que o alfa feral simplesmente não tinha experiência com ômegas e não sabia o que fazer comigo.

Agora, eu quero isso.

Apenas não de uma maneira fatal.

Thane belisca a ponte do nariz, soltando um suspiro de sofrimento. "Ok, para o registro, *isso* é por que eu tinha preocupações." Ele gesticula para Wraith, exasperação clara em sua voz. "*Essas* são as preocupações."

Meu rosto queima enquanto olho entre Thane e Wraith.

"Eu... hum..." Eu gaguejo, de repente sem palavras. Como eu explico o que quero sem parecer completamente depravada? "Thane, você poderia talvez ajudar...?"

Thane limpa a garganta, mudando seu peso enquanto se vira para enfrentar Wraith. "Ela quer que você use sua boca nela," ele começa devagar, sua voz profunda mais rouca que o normal. "Lá... embaixo. O que ela fez com você na caverna, só que... ao contrário."

A cabeça de Wraith se inclina, aqueles olhos azuis intensos se movendo entre nós. Suas mãos se movem em uma série de sinais rápidos que não consigo acompanhar.

"Não, não para *morder*," Thane esclarece rapidamente. Eu percebo a leve tensão em sua voz, a maneira como suas calças parecem mais apertadas do que estavam há um momento. "Com sua língua. Você lamberia a boceta dela. Para... fazê-la se sentir bem."

Eu olho para a protuberância de Thane, e pela primeira vez, me pergunto se seu comportamento tenso em torno de Wraith desde o incidente na caverna não é porque ele não gostou de testemunhar aquilo, mas porque gostou um pouco demais. Ele está sempre tenso e encontrando maneiras de se sentir culpado por seus instintos alfa, mesmo que os dele sejam bastante benignos. Tudo faz sentido.

A compreensão brilha nos olhos de Wraith, e para minha surpresa, ele não parece tão horrorizado com o conceito quanto eu esperava. Ele se vira para mim, suas mãos se movendo em movimentos cuidadosos e deliberados.

Você tem certeza? Isso não vai te assustar?

Mesmo agora, com a perspectiva de transar diante de nós, seu primeiro pensamento é pelo meu conforto. "Eu tenho certeza," eu digo, talvez um pouco rápido demais. "E, sim, pode ser um pouco assustador. Mas isso é parte do que torna emocionante."

Wraith me encara por um longo momento, claramente tentando processar essa informação. Eu quase posso ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto ele pesa os riscos potenciais contra meu desejo óbvio. Finalmente, seus ombros enormes sobem e descem em um suspiro pesado.

Se você tem certeza, ele sinaliza.

Eu aceno, de repente me sentindo tonta enquanto a realidade do que estamos prestes a fazer afunda. Thane pega minha mão, me guiando em direção à cama que domina o centro da sala. Os lençóis de seda são frios contra minha pele enquanto eu me deito, meu coração batendo tão forte que tenho certeza de que eles podem ouvir.

Wraith hesita ao pé da cama, seu corpo enorme tenso com energia nervosa. Eu estendo minha mão para ele, oferecendo um sorriso.

"Está tudo bem," eu o tranquilizo. "Eu confio em você."

Eu observo os ombros enormes de Wraith relaxarem levemente com minhas palavras. Quando ele levanta a mão para desenrolar seu lenço, seus movimentos ainda são hesitantes, incertos. Ele desvia o olhar enquanto o tecido cai, claramente esperando que eu mude de ideia sobre isso quando vir seu rosto marcado e dentes afiados novamente.

Mas a visão dele tira meu fôlego de uma maneira completamente diferente do que ele provavelmente espera.

Ele é tão gostoso.

Por qualquer padrão normal, sua aparência *deveria* ser aterrorizante. Sua estatura enorme, mesmo para um alfa. O músculo e osso expostos de suas mandíbulas. O sorriso permanente de dentes afiados que poderiam arrancar carne do osso. As cicatrizes profundas e irregulares subindo de onde ele deve ter tido uma boca normal uma vez.

Mas eu não apenas aceito sua aparência. Eu sou genuinamente atraída por ela. Por ele. Por tudo sobre ele que aparentemente aterroriza todo mundo.

Ele é uma fera, mas não de uma maneira ruim.

Ele é como um lobo selvagem, mortal e bonito e absolutamente perfeito exatamente como ele é. Os ângulos afiados de seus dentes expostos brilham na luz da única lanterna na sala, e meu coração acelera não com medo, mas com algo completamente diferente.

"Você é lindo," eu sussurro, as palavras escapando antes que eu possa pará-las.

Os olhos azuis de Wraith se fixam nos meus, arregalados com descrença. Um rosnado baixo e cauteloso surge em seu peito, o tom questionador e incerto.

Eu estendo a mão para ele novamente, e desta vez, ele vem até mim. Seus movimentos são cuidadosos, medidos, como se ele estivesse com medo de se mover rápido demais e me assustar. Quando minha mão toca seu rosto, o rosnado em seu peito se intensifica. Sua mão enorme vem para segurar meu rosto com uma gentileza impossível, aqueles dedos ásperos mal tocando minha pele. Eu me inclino em seu toque, mostrando a ele com ações o que minhas palavras podem não transmitir completamente.

Eu quero isso.

Quero *ele*.

Seu polegar traça meu lábio inferior, e eu não consigo evitar estremecer com o contato. Mesmo aquele pequeno toque envia eletricidade através de mim. Meu corpo responde a ele em um nível instintivo.

Eu pressiono um beijo em sua palma, mantendo contato visual para mostrar a ele que eu quero dizer isso. Sua respiração ofegante faz meu coração pular. Mesmo agora, depois de tudo que passamos, ele ainda parece surpreso que eu queira tocá-lo. Que eu queira estar perto dele.

"Você não vai me machucar," eu digo suavemente, embora eu saiba que é isso que ele está preocupado. "E mesmo que você machuque... valeria *tanto* a pena."

Seus olhos escurecem com minhas palavras, as pupilas dilatando até que haja apenas um anel fino de azul ao redor das bordas. O predador nele reconhece a presa disposta diante dele.

Por que isso está me excitando que minhas suspeitas foram confirmadas? Minhas suspeitas de que ele *queria* me comer uma vez?

Talvez eu seja louca.

Eu puxo Wraith para baixo, não mais disposta a esperar. Seu corpo enorme me cerca, me fazendo sentir pequena, mas não presa. Nunca presa. Não com ele.

"Confie em mim," eu sussurro contra sua mandíbula marcada. "Como eu confio em você."

A última de suas hesitações desaparece enquanto ele solta um som que vibra através de mim. Metade rosnado, metade ronronar.

Eu sinto Thane se mover ao nosso lado, claramente sem saber o que pensar de tudo isso. Mas em vez de quebrar o momento, sua presença apenas o intensifica. O ar fica pesado com tensão e o cheiro terroso do almíscar alfa.

Meus alfas.

Meus protetores.

Todos meus.

Thane se acomoda ao meu lado, seus olhos escuros queimando enquanto Wraith se move entre minhas pernas, seus movimentos cuidadosos e lentos. Minha respiração falha quando ele se inclina, o colarinho de seu paletó se enrugando com o movimento, suas mãos viajando pelo meu corpo até meus quadris, aqueles olhos azuis penetrantes se encontrando com os meus.

Porra, eu amo aquele terno nele.

"Espere," Thane diz de repente. Wraith congela, olhando para ele com cautela. "Talvez devêssemos... ir com calma. Começar devagar."

Eu mordo um rosnado frustrado. Por mais que eu aprecie a preocupação de Thane, estou tão tensa que sinto que posso explodir a qualquer momento. "Está tudo bem," eu os tranquilizo. "Eu quero isso. Não quero que pareça seguro."

Thane hesita por apenas um momento antes de acenar. Ele se move, se posicionando perto da minha cabeça. A visão da

protuberância pressionando contra suas calças cinzas faz minha boca salivar. Ele deveria usar terno com mais frequência também. É perfeito para ele. Destaca seus ombros largos, seus bíceps grossos, as linhas duras de seu torso cortando em seus quadris.

A respiração de Wraith é quente contra minha coxa interna enquanto ele se acomoda entre minhas pernas. Meu coração bate forte, mas eu me forço a relaxar, a confiar nele. A confiança é metade da diversão. Suas mãos são incrivelmente gentis enquanto deslizam por minhas pernas, empurrando o tecido do meu vestido para cima.

Eu tento estabilizar minha respiração enquanto o vejo hesitar, suas mandíbulas se abrindo levemente como se ele ainda não tivesse certeza se isso é uma boa ideia.

E provavelmente não é.

Mas quando sua língua desliza entre seus dentes afiados e ele desaparece entre minhas pernas, a ponta de sua língua passando pelo meu clitóris, é preciso tudo em mim para não desmoronar imediatamente. Eu já estou tão molhada para esses alfas que, quando a língua de Wraith se afasta do meu clitóris, meu lubrificante escorre dela e cai no meu botão latejante, fazendo eu arquejar na cama com um suspiro engasgado.

É tudo que eu imaginei.

Quente e molhado e tão, tão bom.

"Porra," Thane respira, sua voz tensa. "Você está bem, pequena?"

Eu só consigo acenar em resposta à pergunta de Thane, as palavras me falhando enquanto a língua de Wraith começa a explorar. O primeiro movimento hesitante envia eletricidade arqueando através do meu corpo. Ele é tão cuidadoso, tão gentil, claramente com medo de me machucar com aqueles dentes afiados. Mas, por mais cauteloso que seja, posso sentir a borda perigosa deles roçando minhas coxas internas enquanto ele trabalha.

O contraste de perigo e prazer faz minha cabeça girar. Eu me movo cuidadosamente contra suas mãos, implorando silenciosamente por mais. Wraith pega a dica, ficando mais ousado à

medida que ganha confiança. Suas mãos enormes agarram meus quadris, me mantendo no lugar enquanto ele se aprofunda.

Puta merda, sua língua é *longa*. Muito mais longa do que eu percebi. Ele alcança lugares dentro de mim que eu nem sabia que existiam, se curvando e torcendo de maneiras que me fazem ver estrelas. Eu mordo meu lábio para abafar um gemido, não querendo assustá-lo.

"Não se segure," Thane murmura, sua voz rouca de excitação. "Deixe-nos ouvir você, linda."

Eu encontro seus olhos escuros, vendo o calor lá, e algo em mim se quebra. O próximo movimento da língua de Wraith arranca um grito agudo da minha garganta. Ele congela por um momento, claramente surpreso, mas quando eu enterro meus dedos em seu cabelo escuro e curto e o puxo para mais perto, ele toma isso como o encorajamento que é.

Seu rosnado vibrante ecoa contra meu núcleo, adicionando uma camada inteiramente nova de sensação. Posso sentir as pontas afiadas de seus dentes pressionando perigosamente perto das áreas mais sensíveis, mas meus nervos apenas intensificam todos os outros sentidos.

O conhecimento de que um movimento errado poderia cortar minha boceta, mas confiando que ele não vai... é tudo que eu queria e mais um pouco.

A língua de Wraith se aprofunda de maneira impossível, se curvando de uma forma que faz meus dedos dos pés se enrolarem também. Eu grito novamente, mais alto desta vez, além de me importar quem pode ouvir.

"Isso aí," Thane encoraja, sua mão subindo para segurar meu rosto. "Você está indo tão bem. Tão corajosa."

Eu viro minha cabeça, me aconchegando em sua palma. O tecido de suas calças está esticado obscenamente, e o cheiro de sua excitação é óbvio sobre o cheiro intoxicante do meu próprio. Sem pensar, eu estendo a mão para ele, apertando-o através do material caro.

Thane sibila, seus quadris se contraindo para frente. "Porra, Ivy..."

"Por favor," eu gemo, minha voz ofegante e desesperada. "Eu quero sentir seu gosto."

Por um momento, eu acho que ele pode recusar. Mas então Wraith faz algo particularmente esperto com aquela língua maldita dele, pressionando-a contra meu ponto, e eu arquejo na cama com um grito. Quando eu volto a mim, Thane está rapidamente desabotoando o cinto.

Eu lambo meus lábios em antecipação enquanto ele se liberta. Ele é enorme, a cabeça já brilhando com pré-gozo. Eu estendo a mão para ele com entusiasmo, mas ele segura, incerteza brilhando em seus olhos.

"Você tem certeza?" ele pergunta. "É muito para..."

"Pare de se preocupar," eu rosnó. Antes que ele possa continuar levantando suas preocupações, eu abro o zíper e agarro seu pau. O primeiro gosto dele em minha língua nos faz gemer. Ele é salgado, almiscarado, perfeito. Eu o levo mais fundo, saboreando o peso dele em minha língua, o alongamento de minha mandíbula.

Wraith escolhe aquele momento para focar sua atenção no meu clitóris, sua língua longa circulando ao redor dele em espirais persistentes, e eu gemo em torno do pau de Thane. As vibrações em minha garganta devem ser boas porque ele amaldiçoa baixinho, uma mão descendo para se enredar em meu cabelo, mais áspera do que ele costuma ser.

"Porra, exatamente assim," ele rosna. "Tão boa para nós, pequena ômega."

Eu me envaideço com o elogio, dobrando meus esforços. É um desafio, coordenando meus movimentos com o balanço dos meus quadris nas mãos ásperas de Wraith, mas estou determinada. Eu quero fazê-los se sentir tão bem quanto eles estão me fazendo sentir.

A língua de Wraith é implacável, lambendo-me como um homem morrendo de sede. Eu posso sentir que estou chegando perto, aquela tensão familiar se acumulando na parte inferior do meu ventre.

Mas não é o suficiente.

Eu preciso de mais.

Eu tiro o pau de Thane da minha boca com um som molhado, ofegando por ar. "Wraith," eu arquejo. "Seus dentes... use-os. Com cuidado."

Ele se afasta, sua testa franzida enquanto me encara.

É. Ele acha que eu sou louca.

"Eu confio em você," eu digo a ele. "Por favor."

Wraith procura meu rosto por mais um momento, então acena. Quando ele abaixa a cabeça novamente, aqueles dentes afiados arranham minhas coxas internas, deixando linhas ardentes em seu rastro enquanto sua língua desliza do meu buraco até meu clitóris, pressionando contra a parte inferior do botão. Uma onda de calor gelado sobe pela minha coluna e eu tremo violentamente, meus olhos rolando para trás como se eu estivesse possuída.

A mão de Thane aperta em meu cabelo. "Ivy..." Há um aviso em sua voz.

"Shhhhh." Eu levo o pau de Thane de volta à minha boca para calá-lo. Funciona. Ele para de protestar. Eu afundo minhas bochechas, levando-o o mais fundo que posso, e sou recompensada com um rosnado engasgado dele.

A língua de Wraith varre ao redor do meu clitóris novamente, circulando-o com precisão enlouquecedora. Mas desta vez, posso sentir o arranhão mais leve dos dentes, as pontas pressionando gentilmente contra minha boceta como uma armadilha de aço. O conhecimento de que um deslize poderia me foder não deveria ser tão excitante quanto é, mas estou longe demais para examinar isso de perto.

Um tremor percorre meu corpo enquanto aquelas pontas mortais roçam minha carne mais sensível. Meus quadros se contorcem involuntariamente, perseguindo a sensação perigosa. Wraith rosna, as vibrações viajando direto para meu núcleo. Suas mãos enormes apertam minhas coxas, me mantendo imóvel enquanto ele continua seu ataque implacável.

Eu gemo em torno do pau de Thane, levando-o mais fundo. O alongamento em minha mandíbula é delicioso, me ancorando enquanto o prazer ameaça sobrecarregar meus sentidos. Os dedos

de Thane apertam em meu cabelo, guiando meus movimentos enquanto ele começa a empurrar superficialmente em minha boca.

"Porra, Ivy," ele geme. "Sua boca é tão boa..."

O orgulho floresce em meu peito com suas palavras. Eu afundo minhas bochechas, chupando mais forte, determinada a fazê-lo perder o controle.

A língua de Wraith se achata contra meu clitóris, a textura enviando faíscas de prazer através de mim.

Então eu sinto.

O arranhão mais leve dos dentes contra meus lábios internos. Meu corpo inteiro fica tenso, preso entre o medo instintivo e a excitação igualmente instintiva.

Mas Wraith não me machuca. Em vez disso, ele usa as pontas de seus dentes de lobo com precisão exquisita, adicionando apenas pressão suficiente para intensificar cada sensação disparando através de meu núcleo. O contraste de sua língua gentil e presas perigosas me faz tremer, à beira do êxtase.

Eu tenho que lutar para me segurar.

Eu gemo desesperadamente por mais, esperando de alguma forma que ele saiba para não parar, já que não posso implorar a ele com o pau de Thane enterrado em minha garganta.

Ele rosna em resposta, dobrando seus esforços. Sua língua mergulha mais fundo, circulando minha entrada antes de mergulhar dentro. A sensação daquela língua longa e ágil explorando minhas profundezas me faz ver estrelas. Minhas mãos se fecham nos lençóis enquanto luto para ficar imóvel, não querendo arriscar aqueles dentes afiados me cortando por acidente.

"Porra, você deveria se ver," Thane geme acima de mim.

Eu tremo violentamente enquanto a língua de Wraith faz mágica entre minhas coxas. O contraste de suas lambidas gentis e dentes perigosos me faz tremer à beira do êxtase. Eu luto para focar em satisfazer Thane, mas as sensações duplas são avassaladoras.

Os dedos de Thane apertam em meu cabelo enquanto ele empurra mais fundo em minha boca. O alongamento queima deliciosamente, me ancorando enquanto a língua de Wraith circula

ao redor do meu clitóris. Eu afundo minhas bochechas, chupando mais forte, determinada a deixar Thane louco.

"Porra, isso aí," Thane rosna. "Tome tudo, pequena."

Suas palavras enviam uma nova onda através de mim. Eu relaxo minha garganta, deixando-o deslizar mais fundo até que meu nariz esteja enterrado nos pelos grossos na base de seu pau. O cheiro almiscarado dele enche meus sentidos.

Wraith escolhe aquele momento para arranhar seus dentes levemente ao longo de minha coxa interna, sua língua varrendo para cima novamente. As pontas afiadas enviam arrepios subindo pela minha coluna. Eu gemo em torno do comprimento de Thane, as vibrações fazendo ele amaldiçoar baixinho.

"Ela gosta disso," Thane arqueja. "Faça de novo."

Wraith rosna em resposta. Desta vez, quando seus dentes arranham minha carne sensível, é com mais pressão. O toque de perigo me faz apertar em torno de nada, desesperada para ser preenchida.

Como se lesse minha mente, a língua de Wraith mergulha em mim. O comprimento dela alcança lugares que eu nem sabia que existiam. Meus quadris se contorcem involuntariamente, perseguindo a sensação. As mãos enormes de Wraith apertam minhas coxas, me mantendo imóvel enquanto ele me fode com sua língua.

Eu gemo em torno do pau de Thane, sobrecarregada pela enxurrada de prazer. Os empurrões de Thane ficam mais erráticos enquanto ele se aproxima do pico. Sua pegada em meu cabelo beira a dor, mas eu a aceito. A leve picada apenas intensifica todas as outras sensações.

"Estou perto," Thane range. "Vou dar o nó nessa boca linda."

Meus olhos se arregalam com suas palavras. Nunca fizemos isso antes. A ideia de ser tão completamente reivindicada por ambos os meus alfas ao mesmo tempo envia uma nova onda de lubrificante cobrindo a língua de Wraith.

Wraith rosna, as vibrações viajando direto para meu núcleo. Seus dentes arranham perigosamente perto do meu clitóris enquanto ele

lambe meu lubrificante. O conhecimento de que um movimento errado poderia me cortar me faz tremer à beira.

O pau de Thane incha, alongando minha mandíbula até seu limite. Eu luto para respirar pelo nariz enquanto o nó dele pressiona contra meus lábios. Por um momento, eu entro em pânico, sem saber se consigo aguentar.

"Relaxe," Thane acalma, sua voz tensa. "Você consegue. Apenas respire."

Eu me forço a relaxar. Com um empurrão final, seu nó passa por meus lábios e dentes, nos travando juntos. O alongamento queima, mas da melhor maneira possível. Eu me sinto tão completamente reivindicada, presa entre esses dois alfas ferozes.

A liberação de Thane inunda minha boca, quente e salgada. Eu engulo reflexivamente, ordenhando ele por cada gota. Seus dedos passam pelo meu cabelo, mais gentis agora enquanto ele me elogia.

"Tão boa para nós," ele murmura. "Aceitando meu nó tão bem."

Um calor se espalha por mim e meus olhos se fecham com seu elogio. Mas eu não posso responder, minha boca ainda esticada em torno do nó de Thane. Tudo o que posso fazer é tentar respirar pelo nariz enquanto Wraith redobra seus esforços entre minhas coxas.

Sua língua chicoteia meu clitóris implacavelmente, aqueles dentes mortais uma ameaça constante e emocionante. Estou tão perto, à beira do êxtase. Minhas mãos se fecham nos lençóis enquanto luto para ficar imóvel.

Então Wraith faz algo inesperado. Enquanto sua língua mergulha em mim mais uma vez, seu polegar acidentalmente esbarra no meu ânus. A sacudida de sensação me faz apertar em torno de sua língua com um gemido abafado.

Wraith congela por um momento, claramente surpreso com minha reação. Mas então um rosnado baixo e perigoso ecoa através dele. Antes que eu possa processar o que está acontecendo, seu polegar está de volta, esfregando círculos lentos ao redor daquele anel sensível de músculo.

Oh, porra.

Meus quadris balançam contra seu rosto, implorando silenciosamente por mais. Wraith pega a dica. Sua língua mergulha

impossivelmente mais fundo enquanto ele aumenta a pressão de seu polegar. Não exatamente me penetrando, mas prometendo mais.

O polegar de Wraith pressiona mais insistentemente contra meu ânus enquanto sua língua se aventura mais fundo dentro de mim. As sensações duplas fazem minha cabeça girar, prazer e dor se misturando até que eu não consigo mais distinguir onde um termina e o outro começa. Eu gemo em torno do pau de Thane, minha mandíbula doendo com o alongamento de seu nó.

Os dedos de Thane apertam em meu cabelo, me mantendo no lugar enquanto ele começa a se mover novamente. Empurrões curtos e rasos que empurram seu nó mais fundo em minha boca dolorida com cada movimento. A leve dor e o impacto de sua coroa contra a parte de trás da minha garganta apenas intensificam tudo mais que estou sentindo.

"Boa garota," Thane rosna acima de mim.

Seu elogio envia outra onda de calor através de mim. Eu gemo, o som abafado por seu pau, enquanto os dentes de Wraith arranham meu clitóris latejante. As pontas enviam mais choques de eletricidade arqueando através de meu corpo. Estou tremendo à beira, tão perto que posso sentir.

Então Wraith empurra seu polegar dentro de mim.

O alongamento queima, meu corpo instintivamente tentando rejeitar a intrusão mesmo enquanto eu luto para me abrir para ele, soltando um gemido agudo que consigo com o nó de Thane preenchendo cada centímetro de minha boca. Eu me contorço, tentando me ajustar à plenitude alongando meu ânus, mas Wraith não precisa de ajuda. Ele é implacável, trabalhando seu polegar mais fundo enquanto sua língua continua seu ataque ao meu clitóris. A dor se mistura com o êxtase até que eu não consigo mais distingui-las.

Meus olhos rolam para trás novamente enquanto Wraith curva seu polegar, fazendo fogos de artifício explodirem atrás de minhas pálpebras. Eu grito o máximo que posso em torno do pau de Thane, meu corpo inteiro ficando tenso como uma corda de arco enquanto Thane segura meus braços, me mantendo imóvel enquanto Wraith enterra seus dedos em minhas bochechas.

"Porra," Thane sibila. "Ela está perto. Sua garganta está tremendo ao meu redor…"

Wraith rosna em resposta, as vibrações fazendo minha boceta formigar ainda mais. Ele redobra seus esforços, sua língua chicoteando meu clitóris e dobras enquanto trabalha seu outro polegar em meu buraco. Seus polegares começam a me abrir, trabalhando meu buraco apertado. O alongamento é quase demais, mas estou longe demais para me importar.

Estou vagamente ciente de que estou fazendo sons desesperados e carentes em torno do pau de Thane. Implorando sem palavras por mais, por liberação, por qualquer coisa que eles me derem. Meus quadris se contorcem contra o rosto de Wraith, perseguindo o calor se enrolando em meu ventre.

As mãos de Thane apertam meus braços. "Calma," ele murmura. "Nós temos você. Apenas solte."

Como se essas palavras fossem permissão, algo dentro de mim se quebra. O êxtase cai sobre mim em ondas, apagando minha visão. Meu corpo se convulsiona, apertando em torno dos dedos e língua de Wraith enquanto eu desmorono, gritando em torno do pau de Thane.

Mas eles não param.

Wraith continua lambendo, seus dedos ainda trabalhando dentro de mim enquanto os tremores percorrem meu corpo. O nó de Thane me impede de me afastar, me forçando a aceitar cada pedaço de estímulo que eles me dão. É demais, avassalador em sua intensidade, mas eu não posso escapar.

Eu não quero.

Lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos enquanto eu me lanço em direção a outra onda, impossivelmente rápido. Os dentes de Wraith arranham minha coxa interna, deixando trilhas ardentes em seu rastro.

"Olhe para mim," Thane ordena, sua voz rouca de excitação.

Eu forço meus olhos a se abrirem, encontrando seu olhar escuro de cabeça para baixo. O calor que vejo lá me faz estremecer. Ele parece selvagem, primal, tão longe de sua postura controlada usual.

"Boa garota," ele purra.

Eu me contorço contra o aperto deles, sobrecarregada. Mas eles me seguram firmemente no lugar, me esticando como uma oferenda entre eles, impotente para fazer qualquer coisa além de aceitar o que eles me dão.

"Mais fundo," Thane instiga Wraith, sua voz tensa. "Ela pode aguentar mais."

Wraith rosna em resposta, e eu sinto seus polegares empurrarem mais fundo em mim. O alongamento me faz gemer e me contorcer contra o aperto forte deles, mas a dor se mistura com o prazer que percorre meu corpo até que eu não consigo mais distinguir onde um termina e o outro começa. Wraith retira sua língua apenas para enfiá-la completamente em minha boceta até que seus dentes cutuquem minhas dobras, e eu sinto o arranhão perigoso de suas presas enquanto ele curva a ponta de sua língua com força contra meu ponto.

Meu mundo inteiro se reduz aos pontos onde eles estão me tocando. O pau de Thane alongando minha boca e garganta. Os polegares de Wraith me abrindo, sua língua me fodendo. A pressão firme e implacável de suas mãos me mantendo imóvel.

Estou tremendo à beira de outro pico, mas parece diferente desta vez. Maior. Como uma onda gigante se formando, pronta para cair sobre mim e me arrastar. Eu gemo em torno do nó de Thane, implorando silenciosamente.

"Isso aí," Thane rosna roucamente acima de mim. "Aceite tudo, pequena. Venha para nós de novo."

Seu comando alfa me faz desmoronar espetacularmente.

O orgasmo cai sobre mim com a força de um tsunami. Meu corpo fica rígido, cada músculo travando enquanto um prazer insuportavelmente intenso percorre meu corpo como se eu estivesse sendo eletrocutada. Estou vagamente ciente de que estou gritando em torno do nó de Thane, mas não consigo parar. Não consigo controlar nada enquanto onda após onda de êxtase avassalador cai sobre mim.

Através da névoa de êxtase, sinto Thane começar a se mover mais erraticamente. Sua pegada em meus braços aperta até o ponto de machucar enquanto ele empurra mais fundo.

"Porra," ele rosna. "Eu vou—"

Ele não termina a frase. Em vez disso, ele se enterra o mais fundo que pode em minha garganta, seu nó pulsando enquanto ele goza novamente. Eu engulo reflexivamente ao seu redor, ordenhando ele por cada gota mesmo enquanto as ondas continuam a rolar através de mim.

Wraith rosna contra minha boceta, as vibrações prolongando meu orgasmo. Seus polegares trabalham mais fundo dentro de mim, me massageando de dentro para fora enquanto sua língua nunca para seu ataque implacável. Estou presa em um loop infinito, incapaz de dizer onde um orgasmo termina e o próximo começa.

O tempo perde todo o significado. Estou apenas vagamente ciente de suas mãos me segurando firme enquanto os tremores continuam a percorrer meu corpo.

Eventualmente, a intensidade começa a diminuir. Eu me torno levemente ciente de outras sensações além da névoa de êxtase. A dor em minha mandíbula de estar esticada em torno do nó de Thane por tanto tempo. A picada onde os dentes de Wraith arranharam minha carne sensível. A latejada do meu buraco ao redor dos polegares de Wraith. A maneira como minha garganta parece crua de tanto gritar.

O nó de Thane finalmente diminui o suficiente para ele cuidadosamente sair de minha boca. Eu engasgo por ar, de repente percebendo o quão privada de oxigênio eu estava. Ele imediatamente segura meu rosto em suas mãos, seus polegares enxugando lágrimas que eu nem percebi que derramei.

"Você está bem, linda?" ele pergunta, sua voz rouca, mas terna.

Eu tento falar, mas tudo o que sai é um croar rouco. Minha garganta está muito arruinada para palavras. Em vez disso, eu aceno, oferecendo a ele um sorriso fraco.

Puta merda.

Isso foi tudo que eu esperava que fosse e mais um pouco.

Wraith lentamente retira seus polegares, me fazendo gemer com a perda. Ele pressiona seus dentes afiados em um beijo surpreendentemente gentil em minha coxa interna antes de olhar para mim, seus olhos azuis cheios de admiração e preocupação.

Eu te machuquei?

Eu balanço a cabeça enfaticamente. Não, ele não me machucou. Pelo menos, não de nenhuma maneira que eu não tenha gostado completamente. Eu estendo minhas mãos trêmulas para ele, e ele imediatamente se move para deitar ao meu lado. Thane se acomoda do outro lado, e eu me encontro envolta entre seus corpos quentes, a cama rangendo sob o peso combinado deles.

Os planos duros do abdômen de Wraith se tensionam sob meus dedos enquanto eu passo minha mão sobre sua camisa, traçando os músculos definidos escondidos sob o tecido antes de começar a desabotoar os botões. Meu coração acelera, uma mistura de êxtase pós-orgasmo e nova excitação percorrendo meu corpo. Sinto o calor de Thane nas minhas costas, sua respiração fazendo cócegas no meu pescoço enquanto ele observa.

"Ainda não terminamos," eu murmuro para Wraith, minha voz rouca.

E eu quero dizer isso literalmente.

Eu vou dar a ele uma recompensa e tanto.

CAPíTULO

TRINTA E OITO

WRAITH



O cheiro de Ivy enche meu nariz.

Doce.

Intoxicante.

Ainda posso sentir o gosto dela na minha língua.

Tem gosto de mel.

Claro que tem.

Não entendi no começo.

Pensei que ela queria que eu realmente a comesse.

Horrorizado.

Confuso.

Mas então Thane explicou.

Usar minha boca.

Minhas mandíbulas.

Minha língua.

Fazer ela se sentir bem.

Não morder.

Apenas lamber.

Me senti estúpido.

Sabia que ela não poderia querer dizer isso.

Mas não tinha certeza.

Não completamente.

Já acho Ivy louca.

Ela me quer.

Ela deve ser.
Mas eu faria qualquer coisa por ela.
Até coisas que não fazem sentido.
Até coisas que são perigosas.
Como colocar minhas mandíbulas nela.
No lugar mais sensível dela.
O gosto dela...
Os sons que ela faz...
A maneira como ela se move contra o meu rosto…
Viciante.
Quero mais.
Sempre quero mais dela.
Nunca vai ser o suficiente.
Meu pau pressiona contra minha calça.
Duro.
Dolorido.
Sua mão pequena me acaricia.
Acaricia meu peito.
Descendo até meu pau.
Me acaricia por cima da calça.
Um rosnado ecoa no meu peito.
"Ainda não terminamos," ela diz.
Eu não entendo.
Mas quero fazer de novo.
Quero que ela goze de novo.
Quero ouvi-la desta vez.
Chamando meu nome.
Chamando o nome do meu irmão.
Nossos nomes na língua dela.
Da última vez, ela não pôde.
Sua boca estava cheia.
Cheia do nó dele.

"Eu quero vocês dois," ela acrescenta. Voz rouca. Desejando. Precisando. "Ao mesmo tempo. Como quando eu estava com Plague e Whiskey na caverna."

Os olhos de Thane escurecem.

"Sério?" ele sussurra no pescoço dela.
Ela acena com a cabeça, ainda tremendo.
Ainda se contorcendo.
"Você na minha boceta, Wraith na minha bunda," ela continua. Quase soa tímida. "Eu posso sentar no colo de vocês."
A ideia me deixa tonto.
Não vai doer?
Mas ela quer.
Consigo sentir o cheiro dela aumentando.
Vejo a necessidade em seus olhos.
Nos sentamos na cama.
Ivy entre nós.
Ela se vira para Thane.
Beija-o profundamente.
Eu observo, fascinado.
A maneira como suas bocas se movem juntas.
Suave.
Apaixonado.
Diferente de como eu a beijo.
Não consigo beijar assim.
Não com meus dentes.
Mas posso tocar.
Posso adorar.
E ela gosta quando eu faço outras coisas.
Gosta quando eu pressiono meus dentes em sua pele.
Não acredito que ela gostou disso.
Não acredito que ela olha para mim assim.
Como se eu não fosse um monstro.
Como se eu fosse bonito para ela.
Isso me faz sentir corajoso.
Posso ser gentil.
Ela está me ensinando como.
Eu me inclino.
Pressiono meu rosto no pescoço dela.
Inalo profundamente.
Cuidado com meus dentes perto de sua garganta.

O cheiro dela é mais forte aqui.
Madressilva e sol.
Minha língua sai.
Prova o sal em sua pele.
Traça a curva de seu ombro.
Descendo sua coluna.
Ela estremece.
Arqueia-se ao meu toque.
Quero morder.
Marcar.
Reivindicar.
Meus instintos de alfa gritam em mim.
Fazer dela nossa.
Para sempre.
Mas ela não disse.
Não deu permissão.
Então eu não ouso.
Nem penso nisso.
Tiro isso da minha cabeça.
Tudo o que ela me dá é o suficiente.
Um presente que não mereço.
Seu toque.
Seus olhares.
Seus beijos.
Seus gritos.
Apenas continuo provando.
Continuo tocando.
Sua pele é tão macia.
Tão quente.
Viva sob minhas mãos.
As mãos de Thane se juntam às minhas.
Acariciando.
Explorando.
Trabalhamos juntos.
Adorando nossa ômega.
Nossa companheira.

Mesmo que ela ainda não esteja marcada.
Ainda nossa companheira.
Ivy quebra o beijo com Thane.
Vira para me olhar por cima do ombro.
Seus olhos estão escuros.
Famintos.
"Por favor," ela sussurra.
Não preciso perguntar o que ela quer dizer.
Eu sei.
Todos sabemos.
Thane se move primeiro.
Ajuda-a a tirar o vestido.
Ele cai no chão como água.
Ela está nua agora.
Perfeita.
Linda.
Minhas mãos tremem enquanto me estendo para ela.
Com medo de machucá-la.
Sempre com medo disso.
Mas ela pega minhas mãos.
Coloca-as em seu corpo.
Mostra-me onde ela quer ser tocada.
Eu sigo sua liderança.
Sigo suas curvas.
Os vales e depressões.
Mais macia agora que está conosco.
Não está mais faminta.
Agora que está se curando.
Nós cuidamos dela.
Ainda esbelta, ainda ágil.
Mas macia.
Cada centímetro de pele é um mapa que quero memorizar.
As mãos de Thane também vagueiam.
Trabalhando em conjunto com as minhas.
Como se fôssemos uma só mente.
Um só propósito.

Agradá-la.
Adorá-la.
Ivy suspira enquanto eu lambo seu pescoço.
Seu ombro.
Sua coluna.
Ela alcança para trás.
Enreda as mãos no meu cabelo.
Então alcança para baixo.
Alcança atrás de si mesma.
Suas mãos encontram meu cinto.
Desfaz o fivela.
Ela se torce em nossos colos.
Abre o zíper da minha calça.
Meu pau salta para fora.
Bate contra sua bunda.
Pega em sua bochecha.
Thane também se despe.
Pende a perna para fora da cama.
Chuta suas calças para longe.
Ainda está usando o casaco.
Ivy o tira.
Por cima da cabeça.
Então desfaz seus botões.
Expõe seu peito.
Arranca a camisa.
Torce novamente.
Pega a gola do meu casaco.
Puxa-o para fora.
Eu a ajudo.
Ainda lambendo seu pescoço.
Tiro meu casaco.
Tiro minha camisa.
Chuto minhas calças também.
Todos nós estamos nus agora.
Pele contra pele.
O calor entre nós aumenta.

As chamas são alimentadas.
As mãos de Ivy estão por toda parte em nós.
Ela está ofegante.
Olhos piscando fechados.
Se contorcendo em nossos colos.
Implorando.
Suplicando.
Pressiono a ponta do meu pau contra seu buraco.
Ela se contorce.
Se contrai.
Seu buraco ainda está molhado.
Molhado de sua boceta.
Dos meus dedos trabalhando para abri-la.
Thane olha para mim por cima do ombro de Ivy.
Seus olhos me dizem para ser gentil.
Ele acha que eu a machucaria.
Mas eu não faria isso.
Não de uma maneira ruim.
Apenas da maneira que Ivy gosta.
Minha natureza é ser gentil com ela.
Tratá-la com cuidado.
Como se ela fosse feita de vidro.
Ela me faz sentir menos medo.
Me faz pensar que não vou quebrá-la.
Posso ser rude se ela gostar.
Se ela quiser.
Lambo suas costas novamente.
Traço sua omoplata.
Subo até a curva de seu pescoço.
Provo sua veia jugular.
Sinto seu pulso.
O pulso vibra contra minha língua.
Acelera enquanto eu pressiono contra seu buraco.
Ela está tão apertada.
Muito apertada.
Não sei se isso é possível.

Ela geme novamente.
Esfrega-se contra mim.
"Por favor," ela suspira.
Não sei como isso funciona.
Como fazer o que ela quer.
Os instintos estão me guiando.
Thane está entrando nela.
Ela grita, suas pernas se abrindo.
Ela arqueia as costas.
A cabeça cai contra meu ombro.
Thane está sendo tão cuidadoso.
Devagar.
Gentil.
Ela suspira.
Eu pressiono contra suas costas.
Ela se inclina em mim.
Confiante.
Sempre confiante.
Thane alcança ao redor dela.
Dedos molhados com sua umidade.
Toca onde eu devo entrar.
A prepara.
Eu olho para baixo, fascinado.
A maneira como seus dedos desaparecem dentro dela.
A maneira como ela geme.
A maneira como seu buraco se contrai.
Empurra de volta contra sua mão.
Querendo mais.
Sempre mais.
Assim como eu.
"Agora," ela respira. "Por favor, Wraith."
Eu me posiciono.
A cabeça do meu pau pressionando contra ela.
Pauso.
Olho para Thane em busca de confirmação.
Ele acena com a cabeça.

Seus olhos estão tão escuros.
Ele também está faminto.
Eu empurro para frente.
Devagar.
Tão devagar.
Com medo de machucá-la.
O calor apertado me envolve.
Diferente de qualquer coisa que eu já senti.
Tenho que lutar para não empurrar.
Para tomar.
Para reivindicar.
Mas eu não vou.
Não até que ela diga.
A respiração de Ivy falha.
Seu corpo se tensiona.
Eu congelo.
O pânico aumentando.
Eu a machuquei?
Ela geme.
Suas pernas se flexionam.
Seus dedos dos pés se curvam.
Geme como se doesse.
Mas o cheiro dela se intensifica.
O cheiro dela quando ela gosta.
Eu saberia.
O cheiro está gravado em mim.
Gravado na minha língua.
No meu nariz.
O mel mais delicioso.
Faz minhas mandíbulas salivarem.
Quero prová-la novamente.
Mas não é isso que ela pediu.
Não agora.
Mas então ela relaxa.
Empurra de volta contra mim.
Puxa suas pernas para dentro.

Os dedos dos pés ainda estão curvados.
Ela me leva mais fundo.
Um rosnado cresce no meu peito.
Não consigo segurar.
Não quero.
Ela desliza no meu pau.
Esticada levemente pelos meus dedos.
Pelos dedos de Thane.
Um gemido borbulha em sua garganta.
Ela para de descer.
Sentada nas bordas de nossos nós.
Seu corpo treme violentamente.
Ela se torce, ajustando.
Suspira.
Ofegante.
Torce novamente, vira a cabeça.
Beija o lado do meu rosto desajeitadamente.
Quase corta os lábios nos meus dentes.
"Empurre," ela sussurra.
Arrasta seus lábios sobre minhas cicatrizes.
Ela se torce novamente.
Se apoia.
Permissão concedida.
Começamos a nos mover.
Todos os três conectados.
Uma carne.
Um coração.
Uma matilha.
Thane e eu encontramos um ritmo.
Entrando e saindo.
Empurrando e puxando.
Ivy presa entre nós.
Ofegante.
Gemendo.
Geminando.
Suas mãos agarram os ombros de Thane.

A cabeça jogada para trás contra meu peito.
Enterrar meu nariz em seu pescoço.
Inalar profundamente.
Seu cheiro.
Misturado com o nosso.
Perfeito.
Certo.
Do jeito que deveria ser.
Minhas mãos vagueiam por seu corpo.
Acariciando.
Adorando.
Uma encontra seu seio.
Amassa gentilmente.
O polegar passa sobre seu mamilo.
Ela arqueia ao meu toque.
Querendo mais.
Sempre mais.
As mãos de Thane agarram seus quadris.
Guiando seus movimentos.
Definindo o ritmo.
Devagar no começo.
Depois mais rápido.
Mais forte.
Bombeando-a para cima e para baixo.
Os gritos de Ivy ficam mais altos.
Mais desesperados.
Sinto-a se apertando ao meu redor.
Ao redor de nós dois.
Chegando perto.
Tão perto.
Nossos nós continuam batendo em seus buracos.
Grandes demais para caberem juntos.
Suas pernas saltam toda vez.
Bate, salta.
Bate, salta.
Quero vê-la desmoronar.

Quero ser a causa disso.
A mão livre desliza por seu corpo.
Entre suas pernas.
Encontra aquele lugar que a fez gritar antes.
Circula-o com meus dedos.
Tão molhado.
Facilita.
Fácil fazer círculos perfeitos.
Ela se contorce contra mim.
Contra nós.
"Sim," ela suspira. "Aí. Por favor."
Eu obedeço.
Continuo tocando-a.
Continuo me movendo dentro dela.
Com Thane.
Trabalhamos como um.
Para agradá-la.
Para adorá-la.
Para fazê-la nossa.
A necessidade de morder cresce.
De marcar.
De reivindicar.
Meus dentes doem com isso.
Mas eu não vou.
Não sem permissão.
Nunca sem permissão.
O corpo de Ivy treme entre nós.
O cheiro dela aumenta novamente.
Mel almiscarado delicioso.
Ela se contorce desesperadamente.
Nos leva mais fundo a cada movimento.
Meu pau lateja.
Meu nó incha.
"Por favor," ela geme. "Eu preciso... eu preciso de mais."
Os olhos escuros de Thane encontram os meus por cima de seu ombro.

Estamos ambos perto.

Tão perto.

"O que você precisa, pequena?"

A voz de Thane está tensa.

Mais áspera do que eu já ouvi.

Ivy olha para mim.

Depois para Thane.

Suas pupilas estão dilatadas.

Apenas um fino anel de azul-esverdeado visível.

"Eu quero... eu quero que vocês dois me nóem. Ao mesmo tempo."

Isso é mesmo possível?

Thane balança a cabeça.

"Ivy, não podemos. É demais. Vamos machucá-la."

Ivy rosna para ele.

Ela se esfrega mais forte.

O movimento me faz ver estrelas.

"Eu não me importo," ela ofega. "Façam acontecer. Eu aguento."

Eu olho para Thane, incerto.

Isso não é algo que já fizemos antes.

Algo que eu nunca considerei.

Mas a necessidade na voz de Ivy...

O desespero...

Isso chama algo primal em mim.

Thane hesita por mais um momento.

Então dá um aceno brusco.

Seus olhos se encontram com os meus.

E de alguma forma, eu entendo.

Sempre estivemos em sincronia.

Agora mais do que nunca.

Eu mudo meu aperto na cintura de Ivy.

Angulando-a.

Thane faz o mesmo.

Seus movimentos espelham os meus.

Começamos a nos mover juntos.

Em perfeita sincronia.

Empurrando mais fundo.
Mais forte.
Ivy grita.
Suas unhas cavam meus braços.
As unhas deixam trilhas ardentes.
É tão bom.
"Sim," ela suspira. "Assim. Mais. Por favor, mais."
Um rosnado baixo no meu peito.
O som vibra através de nós três.
Meu nó incha mais.
Pega em sua borda a cada empurrão.
Ao meu lado, o de Thane faz o mesmo.
A pressão aumenta, quase insuportável.
O corpo de Ivy se estica ao nosso redor.
Sua bunda está incrivelmente apertada.
Por um momento, tenho medo de que a rasguemos.
Medo de que *eu* a rasgue.
Mas ela apenas geme mais alto.
Implora por mais.
"Vamos," ela ofega. "Façam isso. Nóem-me. Ambos."
Os olhos de Thane encontram os meus novamente.
Há uma pergunta lá.
Uma última chance de recuar.
Eu dou um aceno brusco.
Não há volta agora.
Ela sabe o que quer.
Conhece seus limites.
Empurramos para frente juntos.
Forte e profundo.
Ivy grita quando nossos nós se travam.
Sua bunda se fecha com força abaixo da minha.
Aperta minha base.
Contraindo.
Tremendo.
Travando-nos todos juntos.
A pressão é incrível.

Esmagadora.
Como nada que eu já senti antes.
Eu quase desmaio.
O corpo de Ivy se contorce entre nós.
Suas paredes internas se contraem.
Seu corpo ordenha nossos paus.
Parece que estou morrendo.
Meu orgasmo chega como uma onda.
Rugindo, enterro meu rosto no pescoço de Ivy.
Me esvazio dentro dela.
Distante, ouço o rosnado de resposta de Thane.
Sinto seu pulso contra o meu.
Ele também goza.
Ivy grita, seu corpo tremendo violentamente.
Um grito gutural.
Consigo sentir o cheiro de sua liberação.
Sentir cobrindo nossos paus.
Ela continua gozando.
Onda após onda a atingindo.
Ficamos travados juntos.
Tremendo e ofegante.
Não sei onde eu termino e eles começam.
Somos uma carne.
Um ser.
Unidos da maneira mais primal.
Ivy fica mole entre nós.
Ela está desmaiada e ofegante.
Ronronando e rosnando, eu afago seu pescoço.
Inalo profundamente.
Memorizo cada nota em seu cheiro.
Nosso e dela, todos misturados.
"Puta merda," Thane murmura.
Sua voz parece arruinada.
Ivy solta uma risada sem fôlego.
"S-sim," ela concorda. "Isso foi... caralho…"
Um rosnado de concordância.

Mesmo se eu pudesse falar, não conseguiria agora.

Minhas mãos vagueiam por seu corpo, verificando se há ferimentos.

Certificando-me de que não a machucamos.

É instinto.

Mesmo que eu sinta como se tivesse acabado de morrer.

Não poderia ter, mas parece.

Ela parece bem.

Melhor do que bem.

Ela está praticamente brilhando.

Sua pele corada e úmida de suor.

A coisa mais linda da terra.

Sempre é.

Sempre perfeita.

CAPíTULO

TRINTA E NOVE

THANE



Eu sinto o cheiro de uma maldita cobra.

Ainda estou em um estado de confusão e parcialmente desmaiado pela intensidade do que acabou de acontecer, meu nó pulsando dentro de Ivy enquanto os tremores de prazer percorrem meu corpo. Seu corpo está mole entre Wraith e eu, seu peito subindo e descendo enquanto ela tenta recuperar o fôlego. O cheiro do nosso prazer combinado *deveria* abafar qualquer outro cheiro.

Mas não quando sinto perigo para Ivy.

Perigo que está à espreita no corredor.

Perigo que aparentemente está excitado, a julgar pelas notas distintas de musk alfa metálico e fumegante no ar que definitivamente não pertencem a Wraith ou a mim.

Um rosnado baixo ecoa no meu peito antes que eu possa impedi-lo. Wraith, que estava lambendo Ivy com devoção como um lobo, fica tenso ao ouvir meu rosnado e olha para mim. Suas narinas se dilatam enquanto ele tenta captar o cheiro no ar, mas com o líquido de Ivy ainda brilhando em suas mandíbulas e nariz cicatrizados, duvido que ele consiga sentir qualquer coisa além de mel.

Ivy fica rígida entre nós enquanto nos movemos, suas paredes internas se contraindo em torno de nossos nós ainda inchados. Um pequeno gemido escapou de seus lábios quando o movimento nos agitou dentro dela. Isso deixa meu pau ainda mais duro, o que é a última coisa que eu preciso agora.

"O quê?" ela pergunta, sem fôlego, ainda ofegante enquanto inclina a cabeça para trás e fareja também. Seus olhos de oceano endurecem como pedra quando ela capta o mesmo cheiro que eu. "Você deve estar brincando comigo."

"Saia," eu rosnô entre dentes cerrados.

Valek entra no quarto, seus olhos prateados brilhando como luas crescentes na luz fraca. Mesmo sem seu equipamento tático habitual, ele consegue parecer perigoso. Ameaçador. Seus lábios se curvam em um sorriso irritante enquanto ele observa a cena diante dele.

E ele *é* perigoso.

Especialmente para Ivy.

Deveria tê-lo eliminado quando tive a chance. Ivy teria me odiado por isso, mas agora, enquanto ele entra como uma sombra com meu irmão e eu incapazes de mover um músculo sem machucar nossa ômega, estou me culpando por não ter feito isso de qualquer maneira.

Como eu pude ser tão estúpido?

E, claro, eu não estou com minha arma. Está no chão com minhas roupas e cinto, guardada no coldre dentro do meu paletó. Se eu tentar pegá-la, ele chegará primeiro. Sem mencionar o que isso faria com Ivy.

Tudo o que posso fazer é observar e esperar.

"Calma, calma," ele diz, segurando as mãos em um gesto calmante. "Não há necessidade de toda essa tensão. Não estou aqui para me aproveitar da sua... *situação precária*. Acredite, eu não gostaria de me intrometer entre irmãos."

Ivy revira os olhos.

Wraith rosna, baixo e perigoso.

Mas a lembrança faz meu pau se contrair.

O que há de errado comigo?

"Você tem cinco segundos para explicar," eu rosnô roucamente, instintivamente apertando meu aperto nos quadris de Ivy. Ela geme suavemente novamente com o movimento, suas paredes internas se contraindo em torno do meu nó ainda inchado.

"Eu tenho, tenho?" O sorriso lobuno de Valek se amplia. "Eu não resisti em seguir. Estava entediado de ouvir o comentarista solitário tentando provocar aqueles de nós com mais de dois neurônios. Então fui dar uma volta e senti um cheiro bastante atraente." Suas narinas se dilatam enquanto ele inspira profundamente. "Ainda está."

Ivy fica rígida entre nós, seu cheiro se intensificando. "Você *nos assistiu*?" ela pergunta, irritação clara em seu tom. Acho que ela deveria estar furiosa, não apenas irritada, mas, novamente, não entendo por que ela tolera Valek em primeiro lugar.

Eu realmente não entendo.

De jeito nenhum.

"É o mais perto que vou chegar de você novamente, não é?" Valek responde secamente, um tom sardônico em sua voz que nunca ouvi antes.

Isso é arrependimento?

Valek não é capaz disso.

Eu *realmente* não gosto quando ele é imprevisível.

Wraith rosna como se confirmasse isso, seus dentes afiados brilhando na luz da lanterna na mesa de cabeceira. Ele está tão tenso que tenho medo de que ele vá explodir.

Mas ele se segura.

Ele sabe que estamos ambos presos.

Trancados dentro de nossa ômega, incapazes de nos mover sem machucá-la.

Estamos completamente à mercê de Valek.

E eu odeio isso.

"Seu doente do caralho," eu cuspo, desejando poder alcançá-lo. Se ele se aproximar um pouco mais, talvez eu consiga agarrar seu pulso. "Quando eu colocar minhas mãos em você—"

"Você vai o quê?" Valek interrompe. "Me despedaçar? Me rasgar em pedaços? Já ouvi tudo isso antes, Thane. Suas ameaças estão ficando bastante... repetitivas. E você sempre foi tenso. Isso também não é novidade."

Eu abro a boca para retrucar, mas Ivy me antecipa.

"Você tem dez minutos," ela diz, sua voz estranhamente calma.

As sobrancelhas de Valek se levantam. "Dez minutos para quê, pequena ômega?"

"Para ter uma vantagem," ela responde. "Porque quando os nós deles diminuírem, vou mandá-los atrás de você."

Finalmente.

O sorriso de Valek vacila por um momento antes de voltar ao lugar. "É mesmo?" ele diz, mas posso ver um lampejo de incerteza em seus olhos. "E o que te faz pensar que eu não vou simplesmente desaparecer? Você sabe como eu sou bom nisso."

"Porque você não vai," Ivy diz com certeza gelada. "Porque eu ainda estarei aqui, com esta matilha, e seus instintos alfa não vão deixar você me abandonar. E por mais que você odeie ser escravo de seus instintos, de todos os Fantasmas, você é o que mais age por instinto."

Eu a olho enquanto suas palavras enviam uma onda confusa de calor direto para meu pau, e ela se contorce um pouco enquanto meu nó pulsa dentro dela.

É a fúria fria em sua voz.

É por isso que ela é perfeita para nós.

Por que ela é nossa igual em todos os sentidos.

Ela pode ser uma ômega, mas é tão feroz, tão perigosa quanto qualquer alfa. E se ela quiser nos colocar em cima de Valek como os cães de ataque que somos, vou aproveitar cada minuto da perseguição. A perseguição que finalmente terminará com eu espancando ele até que ele não seja mais do que uma mancha no chão.

Ou terminará com minhas mãos em volta de seu pescoço.

Ele pode gostar menos disso.

Os olhos de Valek se arregalam levemente, um lampejo de preocupação genuína cruzando seus traços antes que sua máscara habitual de indiferença volte ao lugar. "Calma, calma, pequena ômega. Não há necessidade de violência. Eu estava apenas apreciando a arte do seu amor."

"Arte?" eu rosnô. "É isso que você chama de ser um voyeur doentio?"

A julgar pela forma como o lado do nariz de Valek se enruga levemente, ele se ofendeu com isso. "Não estou sendo sarcástico agora. Embora eu não diria que há algo artístico nesses dois animais. Eles são apenas os pilares que sustentam a peça central. *Você*."

Eu cerro os dentes até doerem. Suas palavras arranham meus nervos, alimentando o fogo da raiva que já queima no meu peito. A frustração de estar preso enquanto ele nos observa como animais enjaulados é enlouquecedora.

Sempre foi fácil imaginá-lo como um assassino em série, mas nunca tão fácil quanto agora. Eu odeio que tudo o que posso fazer é sentar aqui e torcer para que ele tenha sido sincero por uma vez quando disse que não estava planejando se aproveitar disso. Ele já matou muitas vezes antes.

O que são mais dois alfas?

Pelo menos acho que ele não machucaria Ivy.

Mas essa é a questão.

Eu *acho* que ele não faria isso.

"Você está na sua cabeça de novo," Valek diz para mim em um tom cantado.

Sim. Eu vou estrangular esse filho da puta até a morte.

Ele vai desejar que fosse uma corda.

"Quantos minutos faltam?" eu rosnô para Ivy.

"Oito," ela diz secamente. Ela se move entre Wraith e eu, fazendo uma careta enquanto se contrai em torno de nossos nós novamente. Um gemido suave escapa de seus lábios, mas seus olhos ainda estão duros como aço enquanto ela olha para Valek. "Você está escolhendo uma maneira interessante de passar esses minutos também," ela murmura, ainda fazendo careta. "Ficando aí falando em vez de ganhar uma vantagem."

Para meu choque e crescente irritação, os lábios de Valek se curvam em um sorriso malicioso. Sem aviso, ele se senta no chão, cruzando as pernas e se acomodando como se estivesse se preparando para um maldito piquenique.

"O que diabos você acha que está fazendo?" eu rosnô, instintivamente apertando meu aperto nos quadris de Ivy. Ela geme

suavemente quando eu acidentalmente a empurro com mais força para baixo em meu nó, o som enviando uma onda de calor através de mim, apesar da situação.

O sorriso de Valek se amplia. "Apenas aproveitando meus últimos oito minutos na terra," ele diz casualmente, como se estivesse discutindo o clima. "Melhor aproveitá-los, não é?"

Wraith solta um rosnado baixo e frustrado que vibra através de nós três. Eu sinto isso em meus ossos, em meu nó ainda inchado. Os olhos de Valek escurecem com o som, e eu sinto o aumento de sua excitação, seu cheiro metálico e pedregoso se intensificando.

O bastardo está gostando disso.

"Se você conseguir não se tocar," Ivy diz de repente, sua voz baixa e perigosa, "*talvez* eu tenha piedade de você."

Eu a olho. "Você não pode estar falando sério."

As sobrancelhas de Valek se levantam. "Isso é um desafio, pequena ômega?"

"É uma promessa," ela responde friamente. "E sua única chance de sair daqui inteiro." Ela olha para mim com um sorriso conhecido. "Não se preocupe. Ele não consegue se controlar."

Eu quero acreditar nela, mas não perco o calor em seu olhar.

Isso é apenas o jeito dela de testá-lo da maneira mais perturbadora possível? Eles sempre tiveram um relacionamento estranho. É predador e presa, só que não da maneira que eu esperava.

A pior parte é que, se ele conseguir se segurar, não há nada que eu possa fazer com ele. Não sem trair a Ivy. Eu pensei que finalmente teria uma chance de consertar as coisas e colocar esse desgraçado no chão, mas agora estou começando a perceber que há uma chance de ele sair impune por toda a merda que ele nos fez passar.

A merda que ele fez a Ivy passar, principalmente.

Acho que isso significa que ela é quem deve perdoá-lo.

Merda, eu odeio isso.

"Muito bem," Valek diz casualmente. "Eu aceito seus termos."

Antes que eu possa processar o que está acontecendo, Ivy começa a se mover. Ela se contorce sobre nós, seu corpo ondulando

entre Wraith e eu em um ritmo lento e sensual. Um gemido abafado escapa de mim antes que eu possa impedi-lo.

"Ivy," eu digo com os dentes cerrados, dividido entre o prazer e a ameaça real que ainda está sentada a poucos metros de distância. "O que você está fazendo?"

Ela vira a cabeça, encontrando meu olhar por cima do ombro. O fogo em seus olhos me tira o fôlego. "Dando uma lição a ele," ela sussurra, seu hálito quente contra meu ouvido. "E aproveitando meus alfas."

Suas palavras enviam uma nova onda de calor através de mim. Eu encontro o olhar de Wraith por cima do ombro dela, vendo minha própria mistura de excitação e confusão refletida em seu intenso olhar azul.

Ivy rola os quadris novamente, e desta vez, não consigo conter o baixo rosnado que ecoa em meu peito. Suas paredes internas tremem ao redor do meu nó, apertando em um ritmo enlouquecedor. Ainda estou dolorosamente sensível, e o estímulo renovado é quase demais para suportar.

"*Merda*," eu sibilo, minhas mãos apertando seus quadris. Eu deveria parar com isso. Deveria acabar com qualquer jogo que ela esteja jogando com Valek. Mas meu corpo me trai, respondendo a cada movimento dela com um entusiasmo embaraçoso.

Wraith solta uma versão engasgada de um rosnado purgante, seu corpo maciço tremendo com o esforço de ficar parado. Eu observo enquanto Ivy estica a mão para trás, enrolando os dedos em seu cabelo escuro e puxando-o para perto. Ela aconchega-se em sua mandíbula marcada, seus lábios roçando seus dentes afiados de uma maneira que acelera meu coração.

Especialmente quando vejo o sangue escorrendo deles.

"Está tudo bem," ela murmura para ele. "Solte-se. Mostre a ele o que ele não pode ter."

Com outro rosnado gutural, ele avança, enterrando o rosto na curva do pescoço de Ivy. Não consigo ver exatamente o que ele está fazendo, mas, pelo jeito que as costas de Ivy arqueiam e o grito sem fôlego que escapa de seus lábios, deve ser algo incrível.

Estou dividido entre observá-los e manter um olho em Valek. O alfa de cabelos prateados não se moveu do seu lugar no chão, mas sua respiração ficou ofegante. Suas pupilas estão dilatadas, restando apenas um fino anel de prata ao redor. Suas mãos estão cerradas ao lado do corpo, os nós dos dedos brancos de tanto esforço para não se tocar.

Bom. Deixe-o sofrer.

Os movimentos de Ivy ficam mais insistentes, seu corpo se contorcendo entre nós em uma dança sinuosa que ameaça desfazer o que resta do meu autocontrole. Sinto meu nó pulsando, preso no aperto de seu corpo.

Isso é a última coisa de que preciso.

Preciso que ele *diminua,* não que inche novamente.

"Isso aí," ela arfa, sua voz ofegante e cheia de desejo. "Me enche. Me marca por dentro."

Suas palavras me atingem como um golpe físico.

Nunca falamos sobre marcá-la antes.

Já pensei nisso, obviamente. Inúmeras vezes. Constantemente. Mas eu não sabia que ela ainda nos queria depois do cio até recentemente, não tivemos a chance de tocar no assunto. Mas agora, com ela presa entre nós, implorando por isso...

A tentação é quase irresistível.

O momento é errado. Se houver até uma fração de chance de que ela realmente queira isso quando diz aquela palavra mágica, precisamos fazer isso como um grupo. Mas isso não impede meus instintos de alfa de lutarem contra as correntes para tomá-la literalmente aqui e agora. Para tomar o que é meu e fodam-se os outros.

Isso vai contra minha natureza, mas...

Merda, eu quero.

Eu me aproximo, aconchegando-me no ponto onde o pescoço encontra o ombro. Seu cheiro é intoxicante, uma mistura inebriante de madressilva e excitação que faz minha boca salivar. Meus caninos doem com a necessidade de afundar em sua carne macia, de reivindicá-la como nossa de uma vez por todas.

Como *minha.*

Seu cheiro selvagem de madressilva enche minha cabeça, afogando tudo mais. Até mesmo as notas metálicas e fumegantes da excitação de Valek queimando meu nariz não conseguem superar a mistura intoxicante de madressilva e sexo que é pura Ivy.

"Quatro," ela purra, sua voz baixa e sensual.

Leva um momento para eu entender o que ela quer dizer.

Faltam quatro minutos.

Meus olhos se voltam para o alfa de cabelos prateados, ainda sentado no chão. Seu peito se levanta a cada respiração ofegante, suor escorrendo em sua testa e molhando seus cabelos brancos como osso. Seu pau está tão duro contra o tecido de suas calças brancas que deve doer. Ele está tremendo com o esforço de não se tocar.

A realização surge em mim. Isso não é apenas sobre punir Valek por seu voyeurismo. Ivy está testando ele. Empurrando-o até seus limites para ver se ele consegue superar seus instintos mais básicos.

Tudo pela chance de que ela possa mostrar misericórdia a ele.

É brilhante pra caralho.

Outro rosnado baixo ecoa em meu peito ao pensar nisso. Ivy responde apertando mais forte no meu nó. Cerrando os dentes, eu rosnou para não perder o controle.

Puta merda, isso é intenso.

"Você gosta disso?" Ivy sussurra, seu hálito quente contra meu ouvido.

"Sim," eu rosnou, além de me importar com o quão errado isso é.

Ivy me recompensa com outro movimento dos quadris, e não consigo evitar o gemido que escapa de mim. Por cima de seu ombro, eu vejo Wraith dedicando mais atenção à sua garganta, as pontas afiadas de seus dentes arranhando e roçando sua pele sem realmente quebrar a superfície.

Ele está tão perto de marcá-la.

Tão, tão perto.

Uma fração de pressão adicional e ele afundaria aqueles dentes afiados em sua carne como se estivesse mordendo um pêssego. É

incrível o quanto de controle ele tem. O quanto de controle ele *aprendeu* a ter.

E acho que é isso que está acontecendo com Valek.

Ivy está treinando ele.

As mãos enormes de Wraith apertam a cintura de Ivy enquanto ele a penetra com mais força do que antes, fazendo-a suspirar. O movimento sacode nós três, enviando novas ondas de êxtase agonizante por meu corpo. Estou supersensível, meus nervos expostos e doloridos, meu nó latejando de onde o calor apertado de Ivy continua agarrando e ordenhando, mas não consigo parar.

"Ai, merda," Ivy geme, sua cabeça caindo de volta contra meu ombro. "Assim mesmo. Vocês dois. Mais forte."

Quem sou eu para negar a ela?

Eu arremesso meus quadris para cima, entrando mais fundo em seu calor pulsante. Wraith espelha meus movimentos, e logo encontramos um ritmo punitivo. O som obsceno de carne batendo contra carne enche o quarto, pontuado pelos gritos ofegantes de Ivy e nossos próprios rosnados guturais.

"Três," ela arfa.

No meio de tudo, mantenho meus olhos fixos em Valek. Não confio nele, nem por um segundo. Não apenas para não dar um jeito de se satisfazer, mas para não nos atacar. Se ele realmente acha que vai morrer, é quando ele faria isso também.

Porque Valek não parará por nada para salvar sua própria pele.

Ele provou isso repetidas vezes.

É a única coisa previsível nele.

E não vou tirar meus olhos dele, mesmo que não haja nada que eu possa fazer se ele tentar algo estúpido.

Seu olhar prateado está focado na direção de Ivy, mas está vidrado, como se estivesse olhando para algo muito além deste quarto. Mas a rápida elevação e queda de seu peito e os tremores visíveis que sacodem seu corpo traem o quão afetado ele está pela cena diante dele.

"Olhe para ele," eu rosnou no ouvido de Ivy, alto o suficiente para Valek ouvir. "Veja o quanto ele quer se tocar. Se juntar a nós."

A risada de Ivy é sombria e ofegante. "Mas ele não vai. Vai, Valek?" Quando ele não responde, ela levanta a voz. "Eu te fiz uma pergunta."

Os olhos de Valek voltam a se focar, encontrando o olhar ardente de Ivy.

"Dois minutos," ela o avisa com voz rouca.

"Não," ele diz com os dentes cerrados, sua voz quase irreconhecível de tão tensa. "Eu não vou."

"Bom garoto," Ivy purra, elogiando *ele* por uma vez.

Sinto ela se apertar ao redor de mim com as palavras.

Merda. Ela está se excitando com esse jogo de poder perturbador?

Claro que está.

E, se for honesto comigo mesmo, eu também.

Passei tanto tempo tentando ser a voz da razão. Aquele que mantém todos na linha. Mas agora, com Ivy presa entre Wraith e eu, seu corpo tremendo à beira de outro orgasmo... Eu não quero ser razoável.

Quero deixar o alfa assumir o controle.

Me perder na necessidade primal de reivindicar, de dominar.

De punir.

Minhas mãos apertam os quadris de Ivy com força suficiente para machucar enquanto eu a penetro com renovada força. Ela grita, suas unhas arranhando meus braços e deixando trilhas ardentes em seu rastro. A dor só me estimula, alimentando o fogo que queima em minhas veias.

"Isso aí," eu rosnou, mordiscando sua garganta. Não forte o suficiente para quebrar a pele—não vou marcá-la, não sem permissão explícita—mas o suficiente para fazê-la suspirar. "Mostre a ele o que ele está perdendo. Mostre a ele o que ele estragou."

O corpo de Ivy fica tenso entre nós, tremendo à beira do orgasmo. "Por favor," ela choraminga. "Estou tão perto. Faça eu gozar. Faça eu gritar."

Wraith solta um som que é mais bestial do que humano, seus quadris batendo com força brutal. Eu acompanho seu ritmo, e logo estamos penetrando Ivy sem controle. A espiral de prazer em meu

estômago se enrola mais apertada a cada empurrão, ameaçando se soltar a qualquer momento.

Mas eu não vou soltar.

Ainda não.

Não até Ivy desmoronar ao nosso redor.

"Um minuto," ela diz com um gemido abafado.

Minha mão desliza entre nós, entre suas pernas, os dedos encontrando seu clitóris com facilidade prática. Eu esfregó círculos apertados contra o botão inchado, saboreando os sons desesperados que escapam de seus lábios.

"Vamos, pequena," eu insisto, minha voz rouca de esforço e necessidade. "Goza para nós. Mostre a Valek o quão bem nós te fazemos sentir."

Como se minhas palavras fossem uma ordem, o orgasmo final de Ivy a atinge como uma onda. Suas costas arqueiam, a cabeça jogada para trás enquanto um grito feral escapa de sua garganta. Suas paredes internas se apertam em nós como um torno, o pulsar rítmico de seu clímax ordenhando nossos paus.

É demais.

O prazer atinge o ápice, ardente e avassalador. Com um rugido, eu me enterro o mais fundo que posso dentro dela, minha liberação inundando-a em pulsos longos e quentes. Distante, ouço o rugido de Wraith enquanto ele nos segue além do limite.

Por um longo momento, o único som no quarto é nossa respiração ofegante. Ivy desaba entre nós, mole e saciada. Eu me aconchego em seu pescoço, inalando o cheiro intoxicante de nossa liberação combinada.

Então, quase em um sussurro, sua voz.

"O tempo acabou."

Minha cabeça se levanta rapidamente, os olhos fixos em Valek. Não olhei para longe por muito tempo, mas percebo imediatamente que ele não quebrou as regras. Ele está uma bagunça, a pele ruborizada e coberta por uma camada de suor. Seu peito se levanta a cada respiração difícil, mas posso dizer pela forma como as pontas dos dedos estão cravadas no chão de pedra, os nós dos dedos brancos, que ele nunca se tocou.

Ele parece que está prestes a morrer.

Merda. Ele realmente conseguiu.

Não sei se estou impressionado ou decepcionado.

Ivy olha para mim, depois para Wraith, seus olhos embaçados enquanto ela arfa pelo que acabamos de fazer com ela. Quando ela volta seu olhar para Valek, eu odeio que seus lábios formem um pequeno sorriso.

"Bem," ela diz, sua voz rouca de tanto gritar. "Acho que você realmente mereceu essa misericórdia."

A risada de Valek é quebrada e rouca. "Que generosidade da sua parte, pequena ômega," ele diz, soando como se tivesse engolido um punhado de cacos de vidro e cascalho.

Eu fico tenso, esperando a piada.

Que Valek revele que tudo isso era parte de algum esquema elaborado e sacar sua faca favorita.

Mas ele apenas fica sentado lá, o peito levantando e abaixando, completamente destruído.

"E agora?" eu pergunto, não conseguindo evitar o rosnado em minha voz.

"Vocês o soltam," Ivy diz simplesmente, se aconchegando mais em nosso abraço enquanto Wraith e eu instintivamente nos fechamos ao redor dela, seus rosnados quebrados e ronronados vibrando em suas costas. "Ele mereceu. Além disso, não é como se vocês fossem capazes de pegá-lo de qualquer maneira. Não quando seus nós incharam de novo."

Eu não acredito no que estou ouvindo.

Ela está dando a ele outra chance.

Ela não vai deixar a gente acabar com ele.

Não só isso…

Ela nos prendeu.

Eu mudo um pouco meu peso na cama, mas meu pau está firmemente preso dentro de Ivy. O mesmo pensamento passa pela mente de Wraith, pelo jeito que ele está fazendo a mesma coisa e olhando para mim com suspeita, um leve traço de diversão em seus olhos azuis.

Estamos tão presos quanto antes.

Parte de mim quer discutir. Quer lembrá-la de todas as vezes que Valek nos traiu. Traiu *ela*. Mas eu mordo a língua.

Essa é a decisão de Ivy.

E, se for honesto comigo mesmo, uma pequena parte de mim está aliviada. Eu digo a mim mesmo que é só porque somos mais fortes com Valek do que sem ele. Que ele provou ser um trunfo para a matilha, mesmo que também seja um grande risco.

E eu nunca vou admitir o que sei, no fundo, ser a verdade.

Que há uma parte de mim que ainda se importa com ele.

"Você ouviu ela," eu digo, encarando Valek com um olhar duro. "Você fica. Por enquanto. Mas se você sequer olhar para ela de forma errada—"

"Sim, sim," Valek interrompe, acenando com a mão de forma dismissiva. Um pouco de sua arrogância habitual está voltando ao seu tom, mas ainda posso ver como sua mão treme. "Você vai me despedaçar. Estou bem ciente das consequências, Thane."

Eu abro a boca para retrucar, mas Ivy fala primeiro.

"Você pode ir," ela diz para ele. "Mas você não tem permissão para aliviar sua tensão ainda. E acredite, eu vou descobrir."

Ela dá a ele um sorriso que o faz encará-la como se ela tivesse dito a coisa mais incrível que já chegou aos seus ouvidos. Maldito esquisito.

"Ainda?" ele pergunta com uma voz rouca.

"Veremos," ela diz simplesmente.

"Saia daqui antes que eu mude de ideia," eu rosnó.

Wraith rosna também.

Para o crédito de Valek, ele não precisa ser avisado duas vezes.

CAPíTULO

QUARENTA

VALEK



Eu ajusto a gravata de seda no espelho, estudando meu reflexo com um olhar crítico. O terno branco que os servos da Peste trouxeram cabe perfeitamente, embora eu sinta falta do meu equipamento tático habitual.

E do meu lenço.

Ainda assim, tenho que parecer Prytel, o financista rico, para nosso encontro com Nikolai.

Ele entrou em contato esta noite e concordou em me encontrar—ou melhor, Prytel—em um bar decadente na outra extremidade do território Surhiiran.

Pode ser uma armadilha, mas o que mais há de novo?

Também é a única escolha que temos se vamos seguir com esse plano suicida de invadir Reinmich em nome de… o quê?

Tornar o mundo um lugar melhor?

O conceito é tão estranho para mim quanto os níveis sobre-humanos de autocontrole que tive que manter nos últimos três dias para manter minha promessa a Ivy de que não faria nada para aliviar minha excitação.

Três longos e torturantes dias.

E não apenas porque Nikolai nos manteve esperando.

Minhas mãos tremem levemente enquanto aliso as lapelas. Cada terminação nervosa parece um fio desencapado. Fiel à minha palavra, não me permiti nenhum alívio, nem mesmo um toque.

Isso é verdadeiramente uma tortura requintada.

Ela é uma mulher depois do meu próprio coração.

Mesmo que isso signifique que estou quase não dormindo, e eu preciso muito dormir. Eu queimei todos os meus contatos para os Fantasmas. Para Ivy. Geo, Raven e agora Nikolai. Mesmo se eu realmente quisesse sair, estaria completamente ferrado lá fora. Nenhum favor para pedir, nenhuma porta que se abriria para mim.

E agora estou privado de sono também.

Mas ela estava certa.

Eu sou um escravo dos meus instintos quando se trata dela.

Toda a minha vida, a autopreservação guiou cada decisão minha. Cada traição, cada risco calculado—tudo foi para me manter vivo.

Mas agora?

Agora eu tenho algo que valorizo mais do que minha própria sobrevivência.

Eu tenho ela.

Mesmo que ela nunca mais me deixe tocá-la, eu preferiria me humilhar aos pés dela, implorando pelas migalhas de sua atenção, do que ser livre sem ela. A ironia não me escapa enquanto estudo meu reflexo. Eu sempre imaginei que o amor era seu próprio tipo de prisão, mas descobri que não há liberdade sem Ivy.

Mesmo que ela me odeie.

Mas aquela noite em que a encontrei com Wraith e Thane… aquela noite foi a primeira vez que tive um vislumbre de esperança de que pode haver alguma parte dela, por menor que seja, que guarda amor ao lado desse ódio.

A porta se abre e o volume de Whiskey preenche o vão. "Hora de partir," ele diz com aspereza. "É melhor você não estragar tudo, psicopata."

Eu reviro os olhos. "Sim, sim. Aquele com o pau no cu já me ameaçou."

"Praga?" ele pergunta, franzindo a testa.

"Thane," eu o corrijo, alisando meu cabelo para trás. "Embora seu namorado também tenha dado alguns avisos escolhidos."

Eu passo por ele antes que ele possa balbuciar uma resposta, indo para a área principal de nossa nova base. Os outros já estão

reunidos, vestidos com seus melhores trajes. Minha respiração falha quando vejo Ivy em um vestido branco fluido, seu cabelo ruivo selvagem domado em ondas elegantes.

Ela vai interpretar o papel de minha ômega hoje.

E ela certamente parece o papel.

Eu não poderia ter sonhado com qualquer perfeição maior. Claro, *é* apenas um papel. Seu ato aleatório de misericórdia não muda isso.

Mas um homem pode sonhar.

Até mesmo um homem perverso.

"Você está linda, pequena ômega," eu purro, pegando sua mão e pressionando um beijo em seus nós dos dedos.

Ela permite o gesto, mas me fixa com um olhar de advertência. "Não exagere."

Eu deixo sua mão cair com um sorriso e abro a porta com um floreio, esperando que ela passe. Não consigo resistir à tentação de estudar sua forma em retirada enquanto ela caminha pela porta.

O autocontrole tem seus limites.

Os veículos Surhiiran esperando lá fora são tão elegantes quanto tudo o mais neste país impossível. Branco e dourado, é claro. Os guardas que nos acompanham usam uniformes imaculados que os fazem parecer mais peças de arte do que soldados.

Mas eu sei melhor.

Eu vi o que os guerreiros Surhiiran podem fazer. Eles nem estão vestidos para esconder sua afiliação nacional. Prytel é um homem com uma nação de origem, mas sem lealdade a nenhuma. Se ele acha que eu consegui recrutar um destacamento Surhiiran, pode ser a única coisa que venda essa fachada desmoronando.

Assumindo que o Conselho já não queimou essa ponte e estamos todos caminhando para sua armadilha.

Mas esse é um risco que temos que correr.

A viagem até a borda do território Surhiiran passa em um silêncio tenso. O bar duvidoso onde estamos nos encontrando com Nikolai é um contraste gritante com o luxo de nossa nova base. É o tipo de lugar que existe nas sombras entre territórios, onde as regras são mais...

Flexíveis.

Perfeito para um encontro como este.

Quando chegamos, avisto um casaco vermelho-sangue familiar através das janelas sujas. Nikolai já está aqui, o que significa que isso pode acabar muito bem ou muito mal.

Com ele, raramente há meio-termo.

Eu faço um inventário das outras figuras posicionadas ao redor do bar assim que entramos. Um grupo de alfas e betas jogando uma partida de sinuca absurdamente alta. Um punhado de bêbados espalhados pelo bar em vários estados de devassidão. Uma beta bêbada em um vestido quase inexistente jogando dardos com um alfa velho o suficiente para ser seu avô. E então os suspeitos habituais enchendo os bancos desgastados que revestem as paredes.

Há dois alfas enormes em pé em ambos os lados de Nikolai, ambos vestindo longos casacos escuros de um estilo típico Vrissiano que os fazem se destacar como dedos doloridos, nem mesmo tentando se esconder. Por mais comuns e no lugar que os outros clientes pareçam, eu sei que qualquer um deles pode facilmente pertencer ao seu exército também.

Um homem como Nikolai nunca vem despreparado.

Eu ajusto minhas mangas uma última vez, deslizando para a pele de Prytel. O financista rico e arrogante que está prestes a oferecer uma soma impossível de dinheiro ao mercenário mais perigoso dos Confins Exteriores.

Hora de ver se consigo realizar um último golpe.

Por ela.

Sempre por ela.

Nikolai se recosta em sua mesa escolhida como um rei em seu trono, impossível de não notar naquele sobretudo vermelho-sangue que se destaca como um respingo de sangue na neve recém-caída. A cicatriz irregular que corre diagonalmente em seus traços duros, da testa até a boca, puxa o canto de seus lábios para um rosnado permanente.

Seus olhos frios nos avaliam brevemente através daquelas lentes redondas e chamativas. Ele nos estuda com o desinteresse de uma cobra que cuspiu na cara da morte muitas vezes para se importar.

"Ah, Nikolai," eu purro em meu tom mais aristocrático, abrindo os braços em saudação. "Bom te ver novamente, meu amigo."

Os outros assumem seus lugares ao redor da mesa, a tensão irradiando deles em ondas. Ivy desliza graciosamente para o assento ao meu lado, interpretando seu papel de ômega mimada perfeitamente, apesar do clima estranho. Wraith pairando perto dela, a parte inferior de seu rosto envolta em um lenço que me faz sentir inveja.

Nikolai mal lhes dá uma olhada passageira, seu olhar tingido fixo em mim.

"Não vamos insultar nossa inteligência," ele diz com um sorriso sarcástico. Eu reconheço que a máscara que ele usou em nosso último encontro caiu completamente. Um predador revelando sua alma para outro. "Você é um péssimo ator."

Eu seguro minha própria máscara no lugar um pouco mais, caso ele esteja tentando me chamar de blefe, mas sinto os outros se enrijecerem, suas mãos se movendo em direção às suas armas. O leve rosnado que cresce no peito de Wraith. A maneira como a pequena mão de Ivy se move mais para cima de sua coxa, onde uma lâmina sem dúvida está aninhada em um coldre que eu venderia minha alma para reencarnar como.

Eu me enrijeço, genuinamente ofendido. "Eu peço desculpas?"

"Eu sempre soube que era besteira," Nikolai continua com um movimento preguiçoso da mão. "Prytel. A coisa de financista. Tudo isso."

Thane se inclina para frente, seus olhos escuros se estreitando. "Se você sabia, por que não nos denunciou?"

E assim, minha máscara também cai.

Deixe para o homem das cavernas nunca ter ouvido falar em manter uma cara de poker.

Mas então, qual é o ponto?

Se hoje seguir conforme o planejado, o disfarce tem que cair em algum momento, de qualquer maneira. E o fato de que aqueles cavalheiros na mesa de sinuca que de repente mostraram um interesse muito maior em *nossa* mesa não pegaram suas armas é a prova de que ele não ordenou que atirassem à vista.

Um sorriso frio curva os lábios de Nikolai. "Porque teria sido imprudente irritar as penas do Conselho desnecessariamente. Eu posso ser destemido, mas não sou imprudente." Ele faz uma pausa, aquele sorriso perturbador se alargando. "E para ser simples? Foi divertido. Especialmente a maneira como você tenta não soar como eles." Ele acena para os outros. "Seu sotaque deixa a desejar, *Prytel.*"

Eu resisto à vontade de mostrar meus dentes para ele. Meu orgulho dói mais do que deveria—eu sempre me orgulhei da minha capacidade de me deslizar em diferentes papéis. Ouvir ele descartar minha performance tão casualmente...

"Então por que vir?" Plague pergunta, sua voz sem emoção. "Por que concordar em se encontrar?"

O olhar de Nikolai varre nosso grupo, pausando brevemente em cada rosto antes de se fixar novamente em mim. "Porque eu me sinto intrigado. Os criminosos mais procurados dos Confins Exteriores, entrando em contato através de canais antigos—comprometidos, aliás—e fingindo ser alguém que não são..." Ele abre as mãos. "Cheira a desespero. Como eu poderia resistir a descobrir o que poderia valer tanto teatro elaborado?"

"Você poderia ter caído em uma armadilha," eu aponto, incapaz de evitar o tom de voz cortante.

Ele ri, o som como vidro quebrando. "Por favor. Como eu disse antes, não vamos nos tratar com condescendência." Seus olhos brilham perigosamente por trás daquelas lentes vermelhas. "Além disso, eu trouxe um seguro."

Como se fosse uma sugestão, vários dos "clientes" ao redor do bar se movem levemente, suas mãos se movendo em direção a armas escondidas. Eu conto pelo menos oito que posso ver, o que significa que provavelmente há o dobro que não posso.

"Nós trouxemos os nossos," Thane diz com aspereza, acenando para os guardas Surhiiran que permanecem em posição, parados perfeitamente, mas prontos para agir com graça mortal ao menor sinal de provocação.

"Claro que trouxeram," Nikolai diz com uma risada que ecoa pelo estabelecimento repentinamente silencioso. Todos os olhos estão em

nós, mercenários disfarçados e clientes normais.

Embora agora, eu esteja até começando a duvidar daquela beta no quadro de dardos que não está agindo tão bêbada quanto antes.

Talvez eu esteja perdendo minha vantagem, afinal.

"Agora então," Nikolai continua, recostando-se em sua cadeira. "Por que não pulamos o pretexto e chegamos ao motivo pelo qual você está realmente aqui? O que os infames Fantasmas poderiam querer tanto a ponto de arriscar exposição? Tenho certeza de que você sabe que o Conselho tem suas formigas vasculhando cada canto dos Confins Exteriores por você neste momento."

Eu olho para Thane, deferindo a ele agora que minha fachada cuidadosamente construída desmoronou. Ele dá um leve aceno, e eu sinto um pouco da tensão sair dos meus ombros.

Pelo menos eu não tenho que continuar interpretando um papel que aparentemente não enganava ninguém de qualquer maneira.

Embora *eu* ainda ache que dei uma performance impecável.

Eu me inclino para frente, deixando meu estilo usual de lado enquanto explico nosso plano audacioso. "O Conselho acha que estamos dispersos, quebrados. Eles se tornaram complacentes em sua caça por nós, e as tensões na guerra aumentaram após o ataque Vrissiano naquele trem de suprimentos de Reinmich. O Conselho está enfrentando pressões de todos os lados agora—não apenas da guerra, mas agora o fato de que seus maiores passivos escaparam. O momento perfeito para atacar seria agora."

Quando termino de falar, o silêncio paira pesado no ar.

Então Nikolai dá uma risada áspera, o som agudo e perturbador na atmosfera tensa.

"Suicida," ele diz, ficando sério rapidamente. "Absolutamente suicida. Mas eu dou crédito pela criatividade. E pela audácia." Seu sorriso se torna predatório. "Claro, eu sempre estou disposto a enviar homens para morrer pelo preço certo. Mas isso?" Ele gesticula vagamente. "Isso é jogá-los em um moedor de carne."

Seus olhos se estreitam por trás daquelas lentes vermelhas. "E eu duvido seriamente que você tenha algo sobrando para me pagar depois de contratar esses..." Ele olha com desdém para os guardas

Surhiiran. "Contratantes de segurança fazendo bico como guardas para tornar seu pequeno disfarce mais convincente."

Ah.

Então ele não sabe tudo, afinal.

"Não é um disfarce," Plague diz calmamente. Sua voz carrega aquele tom perigoso que aprendi a reconhecer. "E se seu exército não fosse o único?"

A cabeça de Nikolai se inclina levemente. "Continue."

Thane se inclina para frente, seu corpo maciço fazendo a cadeira ranger sob ele. "Surhiira concordou em comprometer suas forças. *Se* conseguirmos garantir tropas adicionais primeiro."

"Interessante." Nikolai tamborila os dedos na mesa. Ele ainda acha que é besteira, isso é claro, mas ele está brincando conosco. Como um gato com um rato preso sob sua pata. "Mas me diga, por que a nação mais notoriamente isolacionista do mundo decidiria jogar seu poder militar atrás de um bando de homens mortos andando? Isolacionista ao ponto de ser fácil esquecer que eles existem. Exatamente quanto de um idiota você me acha para pensar que eu aceitaria sua palavra por isso?"

A pergunta paira sem resposta por vários momentos. Eu me vejo olhando para Ivy, avaliando sua reação. Mas a máscara da pequena ômega permanece firmemente no lugar. A única razão pela qual posso ver um vislumbre de raiva transformando o tom sereno daqueles olhos em algo ardente é porque passei tanto tempo olhando para eles, saberia se um único pontinho azul-esverdeado desaparecesse.

Nikolai começa a se levantar. "Você sabe, eu *ia* matar você, mas você forneceu um entretenimento maravilhoso para meus homens, então vamos considerar isso como quites."

"É a verdade," Thane rosna.

"Sua palavra como o escárnio da linhagem Hargrove tem menos peso do que costumava ter, meu amigo," Nikolai diz com um sorriso sarcástico. "Agora, se você tivesse gasto o suficiente para envolver um oficial Surhiiran corrupto em seu pequeno teatro, *isso* teria sido —"

"E um príncipe herdeiro?" Plague pergunta.

Nikolai congela no meio do movimento, seus olhos rastreando cada movimento de Plague perigosamente. Sua mão vai para a arma dourada em seu quadril que eu erroneamente assumi ser apenas para exibição, e seus guardas se tensionam enquanto Plague puxa uma lâmina de seu casaco.

Não é qualquer lâmina, mas uma que carrega o brasão real de Surhiira.

O filigrana dourado e branco captura a luz fraca.

Pela primeira vez desde que o conheço, um choque genuíno aparece nos traços cicatrizados de Nikolai. Ele desaparece em um instante, substituído por aquele sorriso predador familiar, mas esteve lá.

Então ele se inclina em uma reverência exagerada. "Perdoe-me, Sua Majestade," ele diz com um sotaque mais espesso que o habitual. Quando ele se endireita, seus olhos brilham com um interesse recém-descoberto. "*Agora* estamos falando."

Eu não posso evitar sorrir. Por toda sua postura sobre ver através do meu ato, ele nunca viu isso chegando.

Para ser justo, nenhum de nós viu, realmente.

"De fato estamos," eu purro, voltando ao meu ritmo natural agora que as cartas estão na mesa. "Então vamos discutir os termos?"

Nikolai se acomoda novamente em sua cadeira, um novo respeito em seu olhar enquanto estuda Plague. "Termos," ele ecoa pensativamente. "Sim, acho que devemos. Então o temido médico dos Fantasmas não é outro senão o príncipe perdido de Surhiira. Devo admitir, é raro que algo consiga me surpreender, mas isso… isso é interessante."

Eu percebo a mudança sutil na atmosfera da sala. Os vários "clientes" que estavam tão prontos para a violência momentos atrás relaxaram levemente, tomando suas dicas de seu líder.

É isso.

O momento em que tudo está dependendo.

"Vou poupar você da história comovente da minha reunião familiar," Plague diz em seu tom habitual, seco. Eu noto a maneira

como Whiskey fica perto dele, os olhos do alfa corpulento fixos intensamente em Nikolai, uma mão em sua própria arma.

"Outra hora, talvez," Nikolai diz, mostrando a ele um sorriso que poderia cortar diamante. Sua atenção se desvia para dentro de si mesmo por alguns momentos enquanto ele estuda os grãos da madeira barata da mesa, e eu posso ver as engrenagens girando por trás daquelas lentes. A energia frenética da loucura por trás de seus movimentos cada vez mais erráticos.

A maioria das pessoas morre nos Confins Exteriores.

Alguns poucos sortudos sobrevivem.

Bastardos como Nikolai?

Eles se alimentam do caos.

E isso é um banquete.

É preciso um para conhecer outro, suponho.

Eu observo Nikolai bater seus dedos na madeira marcada da mesa, seu olhar tingido de vermelho distante enquanto ele processa tudo o que colocamos sobre a mesa. O líder mercenário sempre teve um talento para o dramático, mas há uma consideração genuína em sua expressão agora.

"Ainda é imprudente," ele murmura, mais para si mesmo do que para nós. Seu sotaque Vrissiano se torna mais espesso quando ele está pensando profundamente. "Embora entre minhas forças especialmente treinadas e o maldito *exército Surhiiran*..." Ele faz uma pausa, aqueles olhos metálicos se focando bruscamente em nós novamente. "Nós realmente poderíamos ter uma chance. Mas ainda seria um ataque brutal, e o time da casa sempre tem a vantagem. Um banho de sangue, não importa como você o corte."

"Nós temos um informante," eu digo suavemente, me inclinando para frente. "Um que vamos extrair em breve de Reinmich em nome de Surhiira. Em uma troca de prisioneiros."

Eu pego o leve aceno de aprovação de Plague. Melhor fazer parecer que o envolvimento de Surhiira depende de recuperar seu homem. Mais crível do que a verdade.

Que a rainha simplesmente quer corrigir erros passados.

Mais crível para um homem como Nikolai, pelo menos, que provavelmente venderia sua própria mãe se o preço fosse certo.

O rosto cicatrizado de Nikolai se torce com interesse. "E quem seria esse informante?"

"Isso não é da sua conta," Plague corta antes que eu possa responder. Seu tom carrega aquele fio afiado de bisturi que não deixa espaço para argumentos. "Nós vamos lidar com a passagem pelas defesas de Reinmich. Tudo o que você precisa fazer é trazer seus homens para a fronteira quando chegar a hora. Uma invasão estratégica, não um ataque cego."

Eu tenho que admirar como ele naturalmente se deslizou no papel de príncipe.

A autoridade em sua voz é perfeita.

Não exigente, mas esperando ser obedecido.

Está funcionando também. Eu posso ver os cálculos correndo por trás das lentes vermelhas de Nikolai.

"Um acordo, então?" eu insinue, mantendo minha voz cuidadosamente neutra.

"Nomeie-os," Plague responde sem hesitação.

Eu observo enquanto os lábios cicatrizados de Nikolai se torcem em um sorriso cruel. "Eu estou dentro," ele diz, "sob uma condição." Ele faz uma pausa para efeito dramático, claramente apreciando a tensão. "Seu informante melhor entregar. E considerando a abordagem... *entusiástica* de Reinmich à interrogação de prisioneiros, isso é uma aposta e tanto."

Plague se enrijece ao meu lado. Eu pego o leve tremor em sua mandíbula, o único sinal externo de sua angústia, mas ele permanece em silêncio.

"Qual é o seu preço?" Thane exige impacientemente. Sempre o instrumento contundente.

O sorriso de Nikolai se alarga, revelando seus dentes brancos e os dois pares de incisivos que ele transformou em presas. Isso é novo. Uma moda Vrissiana que eu nunca entendi.

"Simples," ele purra. "Se *vocês* falharem—quando falharem, muito provavelmente—eu coleciono seus cadáveres. As recompensas por suas cabeças cobrirão mais do que minhas perdas." Seus olhos brilham por trás daquelas lentes vermelhas. "E se por algum milagre *nós* tivermos sucesso e Reinmich cair... Eu quero acesso ao arsenal."

"Você não pode estar falando sério," Thane rosna, seu corpo maciço se tensionando. "Isso é poder de fogo suficiente para destruir uma nação inteira."

"Exatamente," Nikolai responde, abrindo as mãos. "Por que mais eu arriscaria meus homens em uma missão tão imprudente? A recompensa potencial deve corresponder ao risco, não é?"

Eu observo os outros trocarem olhares. Até Ivy parece preocupada, embora ela mantenha sua máscara de indiferença admiravelmente.

Todos nós sabemos o que Nikolai poderia fazer com esse tipo de poder de fogo.

O caos que ele poderia desencadear.

Mas que escolha temos?

Além disso, uma vez que derrubarmos o dragão, podemos lidar com a cobra.

"Um momento para conferir," eu digo suavemente, levantando da cadeira.

Os outros seguem o exemplo, e nos agrupamos a alguns passos de distância. Perto o suficiente para manter um olho em Nikolai, longe o suficiente para que nossos sussurros não sejam ouvidos.

"Não podemos dar a ele esse tipo de poder," Thane sibila. "Ele é um louco."

"Não temos escolha," Plague responde em um sussurro. "Sem suas forças, não temos chance. E se falharmos..."

Ele faz uma pausa, mas todos nós sabemos exatamente o que ele quer dizer.

Se falharmos, estaremos mortos demais para nos importar com o que Nikolai faz com nossas recompensas.

O rosnado cauteloso de Wraith confirma que ele está pensando a mesma coisa.

"Além disso," ele continua, "nem mesmo Nikolai é suicida o suficiente para enfrentar Surhiira."

"Você espera," Whiskey murmura.

"Tique-taque, meus amigos," Nikolai chama em um tom ameaçador.

"Plague está certo," Ivy diz calmamente. "Temos que fazer isso. Se ele sair da linha, nós simplesmente o matamos."

Wraith rosna em concordância.

Pode ser os três dias de contenção que acabei de suportar, mas meu pau se contorce dolorosamente em resposta às suas palavras. Nossa ferozinha ômega nunca é mais linda do que quando está planejando assassinato e caos.

Talvez se eu jogar minhas cartas direito, ela eventualmente se digne a infligir um pouco disso em mim.

Nós voltamos para ficar perto da mesa e Plague dá um passo à frente para se dirigir a Nikolai. "Nós aceitamos seus termos," ele diz com aquela frieza clínica que sempre o faz parecer mais perigoso, até mais do que quando ele está tentando ser.

O sorriso lobo de Nikolai retorna em um flash. Ele pega uma garrafa de líquido claro e derrama uma quantidade generosa em dois copos. "Maravilhoso. Vamos brindar a isso, vamos?"

Plague apenas o encara impassível.

Nikolai encolhe os ombros. "Não? Mais para mim, então."

Ele engole o gole em um movimento suave e bate o copo na mesa com força suficiente para fazer a madeira barata tremer. "Há mais uma coisa que me deixa curioso," ele acrescenta, seus olhos se desviando para Wraith por trás de suas lentes vermelhas. Eu sinto Ivy se tensionar ao meu lado imediatamente. "Como você conseguiu treiná-lo?"

Um rosnado suave ecoa do peito de Wraith, o som vibrando pelo chão. Antes que qualquer um de nós possa reagir, os olhos de Ivy brilham perigosamente. "Chame ele de 'ele' mais uma vez," ela diz naquela voz enganosamente suave que geralmente precede a violência, "e eu vou te mostrar exatamente o quão bem treinada *eu* sou."

Nikolai joga a cabeça para trás e ri, o som agudo e perturbador na atmosfera tensa. Sua diversão só parece enfurecer Ivy ainda mais. Eu posso sentir o cheiro do pico de fúria em seu delicioso aroma de madressilva.

"Eu não quis ofender," Nikolai diz, levantando as mãos em uma rendição falsa. "Mas você deve entender minha curiosidade. Afinal,

não é todo dia que se encontra um sobrevivente da instalação Vytoskyk."

Todos nós congelamos. A temperatura na sala parece cair vários graus. Eu pego a nota súbita de preocupação no aroma de Ivy, e meus músculos se contraem instintivamente em resposta.

"O que você quer dizer com isso?" eu pergunto cuidadosamente, mantendo minha voz neutra apesar dos alarmes tocando na minha cabeça.

O sorriso de Nikolai se alarga, revelando aquelas presas novamente. "Nós não concordamos em parar de insultar nossa inteligência? Você não achou que eu faria minha pesquisa sobre eventos em minha própria terra natal? Acontece que eu recentemente adquiri um... *ativo* similar."

Eu ouço e vejo Ivy ranger os dentes com isso.

Para ser justo, eu também estou nervoso agora.

"Encontrei ele no caminho para cá, na verdade," Nikolai continua, girando outro gole. "Um espécime e tanto."

O cheiro da angústia de Ivy se torna mais forte. Wraith se aproxima dela, seu corpo maciço irradiando energia protetora.

"Explique," eu exijo para que ela não precise fazê-lo. E porque tenho certeza de que ela está a um comentário desavisado de pular em sua garganta.

"Um grandalhão," Nikolai diz, gesticulando expansivamente. "Pelo menos dois metros e meio de altura. Máscara de ferro fundida ao rosto, braço de metal. Hastes saindo de suas costas como espadas cravadas na armadura de um cavaleiro. Matou duas dúzias dos meus melhores homens antes que conseguíssemos subjugá-lo."

Nikolai parece quase orgulhoso. Mas eu tenho a sensação de que ele vê seus homens como pouco mais que soldadinhos de brinquedo.

Eu quase invejo sua apatia.

Meu olhar se desvia para Ivy, para seu perfil tenso e a maneira como sua mandíbula se contrai com cada palavra de Nikolai, empatia pelo Cavaleiro e raiva emanando dela em igual medida.

Quase.

"Onde está esse ativo agora?" eu pergunto, cuidadoso para manter meu tom neutro. Eu ficaria bastante contente em nunca ver aquele maldito monstro novamente, mas Ivy sempre teve um fraco por monstros.

O fato de eu ainda estar vivo é prova suficiente disso.

"Atualmente o tenho em um poço," Nikolai continua enquanto toma outro gole, aparentemente alheio à fixação homicida de nossa ômega nele. "Um prêmio e tanto, não diria?"

"Esse 'ativo' é uma pessoa, não uma arma," Ivy diz em um tom plano, claramente tendo que lutar para não arrancar um novo buraco nele.

Nikolai finalmente olha para ela, como se só agora tivesse notado sua presença. Não tenho certeza se ele esteve mais ou menos ignorando ela até agora, suas ameaças à parte, por respeito a nós—duvidoso—ou se ele simplesmente não quer arriscar um tiroteio em um espaço fechado.

De qualquer forma, provavelmente é um bom sinal.

"Todos que sobrevivem por aqui aprendem a ser ambos, ômega," ele diz, mostrando a ela um sorriso perigoso que me faz me colocar entre nós antes que eu perceba.

Ele apenas olha para mim, um vislumbre de curiosidade em seu olhar enquanto avalia a situação. Calcula exatamente o quanto ele está disposto a arriscar pelo bem de cutucar o urso.

"Eu não quis ofender ao comparar minha nova aquisição com este… cavalheiro estimado," ele continua, sua voz carregada de sarcasmo enquanto gesticula em direção a Wraith. "Eu só estava me perguntando se havia algum truque para domar uma fera selvagem. Mas eu tenho minha resposta." Seu lábio superior se curva, mostrando uma presa. "Talvez eu tenha que encontrar uma ômega para jogar a ele como sacrifício."

Ivy está tremendo de raiva contida, e Wraith dá um rosnado baixo e contínuo, colocando sua mão enorme na parte inferior de suas costas. Eu noto como isso parece acalmá-la, e eu gostaria que fosse eu em vez dele.

Os olhos de Nikolai percorrem a sala, seus óculos escuros deslizados o suficiente para que eu possa ver o quão danificado seu

olho está devido à cicatriz. Eu ficaria surpreso se ele pudesse ver algo com ele. Inferno, pode até ser uma prótese. Talvez essa seja a verdadeira razão para seus óculos e não o brilho da neve, afinal.

"Eu brinco," ele diz com uma risada apaziguadora que não combina com o aço em seus olhos enquanto eles se fixam em mim. "Apenas um pouco de humor Vrissiano. Um gosto adquirido, não é?"

"Alguns mais facilmente adquiridos do que outros," eu respondo secamente.

"Você deveria estar me agradecendo, na verdade," Nikolai diz com um resmungo, recostando-se em sua cadeira. "Esse monstro que capturei estava indo direto para Surhiira. Algum tipo de determinação obstinada. Sorte a minha tê-lo interceptado quando o fiz, não?"

Eu estudo seu rosto cicatrizado, tentando determinar se ele está mentindo. Mas não há engano em seus olhos. Apenas aquele brilho habitual de loucura contida.

"Por que ele estaria indo para Surhiira?" Plague pergunta, sua voz cuidadosamente controlada.

Nikolai encolhe os ombros, parecendo de repente entediado com o assunto. "Não faço a menor ideia. Mas quem sabe? Talvez tenha sido timing divino. Eu posso até ser capaz de usá-lo antes de nossa conquista iminente." Ele faz uma pausa, nos encarando com um olhar pontudo que revela a verdade fria e calculista por trás de seu charme barulhento. "Assumindo que você cumpra com seu exército."

"Nós vamos," Plague diz firmemente.

Eu observo enquanto Nikolai se levanta de sua cadeira, aquele sorriso perpétuo ainda brincando em seus lábios cicatrizados. A tensão na sala é espessa o suficiente para cortar com uma de minhas facas.

Todos estão nervosos, esperando o outro sapato cair.

E ele cai.

A porta se abre de repente e um mensageiro Surhiiran entra, seu uniforme branco imaculado se destacando como um farol neste estabelecimento sujo. Armas aparecem como por magia. O revólver dourado chamativo de Nikolai, minha própria lâmina, a arma de

Thane. Até a mão de Ivy desaparece sob seu vestido, sem dúvida alcançando aquela adaga de vidro da qual ela tanto gosta.

Os olhos da guarda se arregalam por trás de seu véu enquanto ela observa o arsenal repentinamente apontado em sua direção. Suas mãos se levantam, tremendo levemente.

"Príncipe Hamsa," ela diz, sua voz vacilante enquanto se curva profundamente para Plague. "Eu tenho uma mensagem urgente, da rainha."

Eu não baixo minha lâmina. Ninguém mais o faz. Todos nós sobrevivemos tempo demais para confiar em coincidências.

"Fale," Plague ordena.

A guarda se endireita, mas mantém as mãos levantadas. "Um oficial de Reinmich entrou em contato. Eles estão... dispostos a discutir a troca de prisioneiros."

O ar parece crepitar com eletricidade.

Eu observo enquanto a compreensão surge nos rostos de todos.

Esta pode ser nossa chance de recuperar Azarel.

Para finalmente ter alguma alavancagem real contra o Conselho.

Nikolai é o primeiro a baixar sua arma, aquela risada perturbadora ecoando pelo bar. Seus homens seguem o exemplo, as armas desaparecendo tão rapidamente quanto apareceram. "Bem, bem," ele purra, caminhando até Plague e batendo em seu ombro com força suficiente para fazer o príncipe se enrijecer. "Timing divino, de fato."

É um gesto deliberadamente desrespeitoso.

O tipo de familiaridade casual que ninguém ousaria mostrar à realeza.

Uma jogada de poder, pura e simples.

Eu tenho que admirar sua audácia, mesmo enquanto meus dedos coçam para arrancar aquele sorriso de seu rosto.

Plague permanece perfeitamente imóvel, mas eu posso ver a tensão em sua mandíbula, o leve tremor em sua têmpora que trai sua raiva cuidadosamente controlada. Whiskey se aproxima dele, praticamente vibrando com a necessidade de intervir enquanto seu lábio se enrola em um rosnado baixo, mas ele consegue se conter.

"Nós estaremos em contato," Nikolai diz com indolência, já se dirigindo para a porta. Apesar de sua atitude despreocupada, ele sabe exatamente quanta pressão pode aplicar.

E quando tirá-la.

Ele acena com seu revólver no ar de forma descuidada, seu casaco vermelho-sangue girando ao seu redor como uma capa. "Tentem não derramar sangue Reinmichiano sem mim."

Todos nós observamos em silêncio tenso enquanto ele sai do bar e passa pelo mensageiro apressado, seus homens seguindo atrás como cães bem treinados. Só quando o som de suas botas desaparece é que eu finalmente me permito relaxar um pouco.

"Bem," Whiskey murmura, quebrando o silêncio. "Isso foi bem."

Eu não posso evitar rir. Confie no tolo para afirmar o óbvio. "Se por 'bem' você quer dizer que não morremos todos em um tiroteio, então sim, suponho que foi."

Mas ele não está completamente errado.

Conseguimos o que viemos buscar—o acordo de Nikolai para se juntar à nossa cruzada suicida.

E agora podemos ter uma chance de recuperar o irmão de Plague também.

O timing é quase perfeito demais. O que significa que tudo provavelmente está prestes a dar errado para nós.

Mas, novamente, tudo é uma armadilha ultimamente.

O truque não é evitá-las.

É escolher quais ativar.

Eu olho para Ivy, percebendo a maneira como seus olhos continuam se desviando para a porta por onde Nikolai acabou de sair. Eu conheço aquele olhar. Ela está pensando no Cavaleiro, no que Nikolai disse sobre mantê-lo em um poço.

Outra alma perdida para ela salvar.

Eu me aproximo, resistindo à vontade de estender a mão para tocá-la, mesmo que, no momento, meus instintos estejam mais voltados para o conforto do que para qualquer outra coisa. "Você fez a coisa certa," eu murmuro para que só ela ouça. "Nós podemos ajudá-lo, mas primeiro…"

"Eu sei," ela diz, virando para me encarar, sua expressão muito mais neutra do que eu esperava.

Mas então, eu realmente não deveria me surpreender.

Ela teve que assistir ao sofrimento a vida toda, sem poder fazer nada para detê-lo. Desta vez não é diferente.

Exceto que eu prometo a mim mesmo que será a última.

"Nós precisamos de Nikolai para parar o Conselho," ela acrescenta. "Depois, ele é alvo livre."

Eu aceno com a cabeça, tentando esconder minha surpresa. "Desculpe por não poder fazer mais."

Minhas palavras fazem a expressão de Ivy mudar de surpresa para algo mais contemplativo. A maneira como aqueles olhos infinitos de oceano me estudam faz meu coração fazer coisas estranhas no meu peito que não me deixam totalmente confortável.

"Você realmente quer dizer isso, não é?" ela pergunta suavemente.

Eu encolho os ombros, tentando manter minha indiferença habitual mesmo que tudo dentro de mim grite para fechar a distância entre nós. "Eu sempre quero dizer o que digo para você, pequena ômega. Mesmo quando estou sendo insuportável."

Um vislumbre de sorriso brinca em seus lábios. "Você é sempre insuportável."

"É parte do meu charme."

Antes que ela possa responder, a voz estrondosa de Whiskey corta nossa conversa. "Ei, pombinhos, hora de ir! A menos que queiram ficar por aqui e experimentar a culinária local." Ele olha para os pratos de aparência duvidosa nas mesas dos poucos clientes que não faziam parte da equipe de Nikolai com óbvio desgosto.

"Estamos indo," ela chama de volta, já se movendo em direção ao grupo. Mas então ela pausa, olhando para mim por cima do ombro. "E Valek?"

Eu congelo no lugar. "Sim, pequena ômega?"

"Obrigada."

Ela se inclina e pressiona seus lábios contra minha mandíbula.

Bem, pelo menos uma coisa é certa.

O que quer que aconteça, eu posso morrer um homem feliz agora.

CAPíTULO

QUARENTA E UM

PRAGA



O cheiro acre de comida gordurosa e barata e álcool Vrissiano ainda permanece em minhas narinas enquanto voltamos para a base. Minha mente corre, lutando para processar tudo o que acabou de acontecer naquele bar imundo e decadente.

Conseguimos o que queríamos, mas sair de qualquer reunião com Nikolai dificulta a sensação de vitória. E não temos tempo para nos recuperar agora antes que eu tenha que negociar sua libertação.

A possibilidade de que Azarel esteja vivo me dá um choque toda vez que me permito considerá-la. Mas a esperança é uma coisa perigosa, especialmente aqui nos Confins Exteriores.

Não posso me permitir deixar isso nublar meu julgamento.

E ainda há a chance de que ele queira cravar uma adaga no meu coração no momento em que nos encontrarmos. Mas isso sempre foi um risco em reuniões de família.

Quando entramos na câmara principal de nossa base temporária, as paredes de mármore branco imaculado parecem quase obscenas após a sujeira daquele bar. Os outros entram atrás de mim, seus rostos uma mistura de exaustão, excitação e cautela. Ivy se senta na borda do sofá, ainda pronta para pular a qualquer momento, e Wraith pairando atrás dela, uma sombra gigante.

Logo, prometo a mim mesmo, chegará o dia em que ela não terá que viver sempre em alerta, pronta para fugir ao primeiro sinal de perigo.

E isso depende de trazer Azarel para casa.

"Certo," a voz profunda de Thane corta o silêncio. "Vamos revisar o que sabemos."

Eu respiro fundo, forçando-me a me concentrar. "Quando estávamos saindo, a mensageira me deu alguns detalhes a mais. Ela disse que o negociador de Reinmich só vai nos encontrar em terreno neutro. E..." Eu hesito, sabendo como essa próxima parte será recebida. "Eles só permitirão um guarda."

A reação é imediata. Os olhos de Thane se estreitam perigosamente, seu corpo maciço ficando rígido. "Isso é uma completa besteira," ele rosna.

Eu sinto minha própria raiva aumentando. "Você acha que eu não sei disso?" eu sibilo, minha compostura cuidadosamente mantida rachando. "Nós não temos escolha."

"O cachorro-quente humano está certo, mano," Whiskey murmura, coçando sua mandíbula com barba por fazer. "Pode ser uma armadilha."

A cabeça de Thane se volta para ele, os olhos brilhando. Valek solta uma risada áspera, e eu tenho que resistir à vontade de jogar algo nele.

Whiskey, aparentemente alheio ao território perigoso que está pisando, esclarece. "Quero dizer, por causa de como você tem um pau no cu e tal."

"Sim, eu entendi a referência," Thane responde, sua voz carregada de raiva contida.

Um sorriso torto se espalha pelo rosto de Whiskey, e eu me pego pensando, não pela primeira vez, se ele tem um desejo de morte. "Não posso levar todo o crédito. Valek me deu a ideia."

Os olhos prateados de Valek se arregalam, e ele levanta as mãos em um gesto de apaziguamento. "Não, não," ele diz rapidamente, uma nota de irritação entrando em sua voz. "Todo o crédito é seu."

Eu aperto a ponte do nariz, sentindo uma dor de cabeça se formando atrás dos olhos. "Podemos nos concentrar, por favor?" eu digo com os dentes cerrados. "Isso não é uma piada. A vida do meu irmão pode estar em jogo."

A sala fica em silêncio com isso, e eu sinto uma pontada de culpa por usar Azarel como alavanca.

Mas é verdade.

Se houver até mesmo uma chance de ele estar vivo, eu tenho que aproveitá-la.

Especialmente porque o que quer que ele tenha aprendido durante seu tempo em Reinmich é nossa chave para entrar lá sem nos matarmos.

"Olha," eu continuo, forçando minha voz a permanecer firme. "Eu sei que é arriscado. Mas essa pode ser nossa única chance de obter algumas informações reais sobre o que está acontecendo dentro de Reinmich. Sem mencionar..." Eu paro, incapaz de terminar o pensamento.

"Sem mencionar trazer seu irmão de volta," Ivy termina suavemente.

Eu aceno com a cabeça, engolindo em seco o nó na garganta. "Sim."

Eu respiro fundo, tentando manter minha compostura. "Tem que ser eu. Eu vou sozinho se for necessário."

"Nem pensar," Whiskey rosna, dando um passo à frente. "Eu vou como seu guarda."

"Isso não—" eu começo a protestar, mas Ivy me interrompe.

"Eu também vou," ela diz com firmeza, levantando-se do sofá.

"Ah, claro que não," diz Whiskey.

Eu a encaro. "Eles especificaram um guarda."

Até Wraith, que sempre é o primeiro a fazer o que Ivy quer, rosna suavemente em preocupação e faz um sinal para ela que eu não entendo direito.

"Eles não vão me ver como uma ameaça," ela aponta, seus olhos brilhando com determinação. "Eu sou apenas uma ômega, lembra? O preconceito deles funciona a nosso favor. Eu posso ser uma arma extra que eles não esperam."

"Absolutamente não," eu digo, mesmo que parte de mim admire sua lógica. "É perigoso demais."

"Nós somos um bando," ela diz simplesmente. "Se você está escolhendo fazer isso, eu também vou."

Eu fecho os olhos, respirando fundo mais uma vez. *Você consegue fazer isso,* eu digo a mim mesmo. *Você evoluiu. Você não é o mesmo alfa que costumava ser.*

Quando eu abro os olhos novamente, Ivy está me olhando com uma mistura de desafio e esperança em seu olhar. Para a surpresa visível de todos—incluindo a minha—eu me vejo acenando com a cabeça.

"Tudo bem," eu digo relutantemente. "Mas fazemos isso com inteligência."

Whiskey grunhe, cruzando seus braços maciços sobre o estômago. "Ela tem mais lugares para esconder armas," ele murmura.

Thane faz uma cara de espanto, seus olhos escuros se estreitando com desconfiança. "Onde diabos você está *escondendo* armas?"

Whiskey levanta o dedo do meio. "Nada vai na minha bunda, se é isso que você está pensando," ele diz, me dando um olhar significativo. "*Nada*, mano."

Eu reviro os olhos. "Nós não temos tempo para isso," eu digo secamente. "A mensageira disse que eles querem se encontrar ao amanhecer. Precisamos nos mover."

"Onde é o ponto de encontro?" Thane pergunta, claramente tentando nos colocar de volta nos trilhos, embora seja como tentar pastorear gatos. Gatos com raiva.

"Uma igreja abandonada na zona neutra," eu respondo, agradecido pela mudança de assunto. "Fica a cerca de duas horas daqui."

"Lugar perfeito para uma emboscada," Whiskey murmura.

"É por isso que precisamos estar preparados para qualquer coisa," eu digo, já me movendo em direção à porta. "Peguem seu equipamento. Partimos em dez minutos."

Enquanto os outros se dispersam para se preparar, eu pego Ivy me olhando com uma expressão indecifrável.

"O quê?" eu pergunto, indo até ela.

"Nada," ela diz, um pequeno sorriso brincando em seus lábios. "Só... você mudou."

Eu me inclino, pressionando um beijo suave nos lábios de Ivy. Suas palavras aquecem algo no meu peito que eu pensei ter congelado há anos. "Você deveria se trocar em algo que eles não reconheceriam," eu murmuro. "Algo que não chame atenção."

Ela acena com a cabeça, se afastando. Eu não deixo de notar que ela para perto de Wraith, se inclinando para sussurrar algo em seu ouvido. Suas mãos se movem rapidamente em resposta, rápido demais para eu entender mais do que algumas palavras, mas eu pego uma parte.

Tenha cuidado. Por favor.

E então ele dobra o dedo médio e o anelar para a palma da mão, o indicador e o mindinho ficando para cima, o polegar para fora. Eu não sei muito sobre linguagem de sinais, já que só recentemente Wraith tem se comunicado conosco além de gestos simples e rosnados, mas eu sei o que esse sinal significa.

Eu te amo.

Ivy faz o sinal de volta para ele com um sorriso suave, e ele se inclina para se apoiar em sua mão com afeto. Ela se levanta na ponta dos pés para pressionar um beijo em suas mandíbulas através de seu lenço.

A visão da troca carinhosa entre Wraith e Ivy faz meu coração se apertar dolorosamente no peito. Esse gesto simples contém mais emoção crua do que eu normalmente me permito sentir.

Eu deveria dizer a ela também?

Nós deveríamos *todos* dizer a ela que a amamos?

Que ela não só nos salvou, mas nos deu algo pelo qual valha a pena morrer?

Pelo qual valha a pena *viver*.

Tudo está avançando em direção à sua conclusão inevitável. A merda proverbial está prestes a atingir o ventilador de forma espetacular. Tudo está chegando a um ponto de ebulição. E eu sei com absoluta certeza que cada um de nós morreria para mantê-la segura.

E alguns de nós podem.

É provável, até.

Mas o medo me cala. Eu me lembro muito bem de como ela me disse, sem rodeios, que o amor não era algo que a interessava, pouco antes da traição de Valek fazer tudo desmoronar em caos. Parece que foi uma eternidade desde aquela conversa, mas na verdade não faz tanto tempo assim.

E ela pode nunca estar pronta.

Ela pode nunca estar pronta para nossas marcas.

Ou isso mudou?

Agora que ela escolheu ficar conosco, agora que ela abraçou ser parte de nosso bando... ela se sente diferente? Ou dizer a ela agora só adicionaria outro fardo em seus ombros? Faria com que ela se sentisse pressionada a retribuir sentimentos pelos quais ela pode não estar pronta?

Eu não sei.

Mas agora, eu tenho ainda mais em mente.

E eu não sou o único. Valek está pairando perto da porta, parecendo que há algo que ele muito quer dizer a ela, mas ele se segura.

Por uma vez.

Eu suponho que se até *ele* sabe que não é o momento certo...

Dez minutos depois, estamos saindo. Ivy parece qualquer outra viajante Surhiiran em sua capa longa com capuz, escondendo seu cabelo ruivo, o tecido branco com bordas de filigrana dourada delicada. O estilo combina com ela, embora eu possa dizer que ela não está totalmente confortável com o quão formal é.

"Tem certeza disso?" Whiskey pergunta enquanto nos dirigimos ao veículo que vamos usar. É simples, mas blindado. "Quero dizer, seu histórico com reuniões de família não é exatamente brilhante."

Eu lhe dou um olhar fulminante. "E seu histórico com *tato* é inexistente."

"Só estou dizendo," ele resmunga, mas não há calor real nisso. Ele para para abrir a porta do passageiro para Ivy, e ela coloca sua mão menor na dele, deixando que ele a ajude a subir na frente do veículo. Ele se arrasta para o banco de trás depois, se acomodando no meio, onde pode nos enlouquecer o tempo todo enquanto dirigimos. Eu já sei que é exatamente isso que ele vai fazer.

Eu pego o volante e não perco tempo colocando distância entre nós e a base assim que todos estão dentro. Eu noto a empolgação mal contida de Ivy enquanto ela olha pela janela, absorvendo avidamente a paisagem que passa.

Ela sempre foi assim.

Atraída pela aventura, não importa o risco.

Seria preocupante se não fosse tão cativante.

"Você pode parar com isso?" eu rosno, afastando a mão grande e carnuda que continua alcançando entre os bancos para mexer nos botões do painel de controle. "Estou tentando dirigir."

"Só queria colocar umas músicas," Whiskey argumenta, se inclinando para frente para ocupar o espaço entre nossos bancos. "Quanto tempo até chegarmos lá?"

"Tempo suficiente," eu digo secamente. "E vai demorar mais se eu te jogar para fora e fizer você nos seguir a pé."

Ivy ri baixinho.

"Sim, sim," Whiskey resmunga, permanecendo onde está, ocupando nosso espaço, mas pelo menos ele para de apertar os botões. "Essa coisa é chique."

A conversa dele e de Ivy sobre o veículo desaparece no fundo enquanto eu me pego olhando constantemente no espelho retrovisor. A nuca formiga com inquietação. Alguém está nos observando, seguindo de longe.

Eu tenho certeza disso.

Mas quando eu escaneio nossos arredores, não vejo nada.

Não é Wraith, ele é grande demais para se esconder efetivamente. Nem Thane. Por todos os seus talentos, discrição não é um deles.

Então é Valek.

Minha resposta imediata é atenuada pelo conhecimento de que Thane deve tê-lo enviado como reforço. Ele não teria passado pela porta de outra forma. Ele *é* o melhor atirador entre nós, e se eu mal consigo detectar sua presença, nosso contato de Reinmich também não vai notá-lo.

Pode não ser a pior ideia.

"O que há de errado?" Ivy pergunta, percebendo minha distração.

"Nada," eu digo, decidindo manter a presença de Valek para mim. Se eu não consigo vê-lo, ele está fazendo seu trabalho direito.

Whiskey resmunga. "Você está agindo tão estranho quanto o Val," ele diz, como se pudesse ler minha mente. Eu espero que não. "Mas pelo menos ele tem uma desculpa com todas aquelas lesões na cabeça. E estar com tesão pra caralho." Ele olha para Ivy com um sorriso provocador. "Você está planejando fazê-lo explodir como vingança ou o quê?"

Ivy cora sob o capuz, murmurando, "Eu não estou interessada em vingança."

"Eu não te culparia se estivesse," Whiskey diz com um resmungo.

"Ele é do bando," Ivy diz, olhando pela janela. "Eu vou perdoá-lo. Ele só precisa trabalhar para isso e provar que mudou."

"Se é isso que você quer, todos nós vamos encontrar uma maneira de lidar," Whiskey concorda, mas eu pego o leve alívio em seu tom.

Whiskey e Valek estão constantemente brigando, mas há um afeto genuíno por trás de toda a discussão.

Como irmãos.

E às vezes, seu irmão é a pessoa que você mais quer matar.

"Tenho outra pergunta," Whiskey diz, me fazendo pensar se é realmente possível querer matar alguém mais do que eu quero matá-lo agora. Afetuosamente, é claro. "Você acha que o Cavaleiro estava indo para Surhiira por um motivo?"

"O que você quer dizer?" eu murmuro.

"Sim," Ivy diz com convicção. "Ele estava procurando por Cosima."

Ah, pelo amor de Deus. Agora são os dois.

"Exatamente o que estou pensando," Whiskey diz com todo o entusiasmo de um teórico da conspiração que acabou de encontrar sua tribo. "Você acha que ele *é* quem ela está vendo em seus sonhos? Talvez ele seja todo Wraithy por baixo da máscara." Ele gesticula para o próprio rosto. "Talvez ela não seja louca e eles tenham algum tipo de ligação psíquica."

"Isso não existe," eu digo secamente para ele, apertando o volante com mais força.

"Se ela está sonhando com ele, talvez ele esteja sonhando com ela também," diz Ivy, me ignorando. "Talvez ele esteja seguindo ela porque captou o cheiro dela em um sonho. Talvez ele pense que ela é sua companheira."

O veículo fica completamente em silêncio por um momento, porque até eu não tenho uma resposta imediata para isso, antes que Whiskey ria e se recoste com força suficiente para fazer o carro tremer. "Nãããão."

"Ele é um alfa," Ivy aponta.

Whiskey se inclina para frente novamente, os cotovelos nos joelhos. "Espera, você está falando sério, gata selvagem? Você acha que…?" Seu rosto fica algumas tonalidades mais pálido. "Mano, se ele realmente está vindo atrás dela, estamos todos *ferrados*."

"Mesmo que ele estivesse," eu digo pelos dentes, irritado com a direção completamente ilógica que a conversa está tomando, "Nikolai o tem em um poço agora."

"Por enquanto," Whiskey diz com ênfase. "Um poço não seria suficiente para me manter longe da Ivy, e eu nem sou um maldito mutante."

Eu suspiro. "Chegamos."

Finalmente.

A igreja abandonada onde o encontro fatídico está acontecendo surge diante de nós através da névoa do amanhecer, suas torres quebradas se projetando da pedra desgastada como os dedos retorcidos de um cadáver tentando sair da terra. Arcos góticos, suas bordas desgastadas por décadas de negligência, emolduram janelas de vitral quebradas que nos encaram como olhos vazios. O vidro que resta capta os primeiros raios fracos de sol, lançando sombras doentias de roxo e vermelho sobre a pedra desgastada. A natureza começou a reivindicar o prédio, grossas trepadeiras subindo pelas paredes como veias em um corpo moribundo.

Eu paro o veículo na base dos degraus desgastados. As rodas rangem sobre vidro quebrado e detritos, o som anormalmente alto

no silêncio. Um portão de ferro enferrujado pende torto de suas dobradiças, rangendo suavemente na brisa fria da manhã.

"Bem, isso não é assustador pra caralho," Whiskey murmura atrás de mim.

Eu tenho que concordar, embora mantenha o pensamento para mim. O prédio parece irradiar uma aura de decadência e abandono que faz minha pele arrepiar. Até o ar parece pesado com o peso de orações esquecidas e fé quebrada.

Ivy se inclina para frente no banco, estudando a igreja com interesse intenso. Seus olhos oceânicos captam o pouco de luz que há enquanto ela observa cada detalhe. "Essas esculturas ao redor da porta," ela diz suavemente. "São Vrissianas, não são?"

Eu aceno com a cabeça, impressionado com sua observação. "Isso foi construído durante a ocupação, antes da guerra. Quando Vrissia ainda tinha influência tão ao sul." Eu aponto para as inscrições desgastadas acima das enormes portas de carvalho. "Veja como as letras são esculpidas em um ângulo? Isso é trabalho em pedra tradicional."

"Fascinante," Whiskey diz com sarcasmo. "Talvez possamos ter uma aula de história depois de nos certificarmos de que isso não é uma armadilha que vai nos matar todos."

Ele está certo, é claro, mas não consigo evitar estudar a magnífica obra de arquitetura com mais cuidado agora que estamos aqui. Um bando de corvos decola de uma das torres quebradas enquanto saímos do veículo, seus gritos ásperos ecoando nas paredes de pedra. É exatamente o tipo de drama que eu esperaria de um negociador de Reinmich. Eles sempre têm um talento para o teatral.

Logo, saberemos se isso é uma troca legítima ou uma armadilha elaborada. Dada nossa sorte, provavelmente é os dois. Mas com a força silenciosa de Ivy ao meu lado, o humor irreverente de Whiskey nos mantendo sãos, e minha certeza de que Valek está nos vigiando de onde quer que ele esteja...

Talvez tenhamos uma chance.

E talvez eu consiga trazer meu irmão de volta.

Mesmo que ele tente me matar.

"Fique no carro," eu murmuro para Ivy, saindo antes que ela tenha a chance de discutir. Eu sinto ela franzindo a testa para minhas costas, no entanto.

Whiskey sai atrás de mim e está incomumente silencioso enquanto vasculhamos o terreno, procurando por qualquer sinal de uma armadilha.

Ou do inimigo à espreita.

Eu escaneio o terreno da igreja em ruínas uma última vez, observando cada sombra e possível esconderijo. Um movimento chama minha atenção—um flash de branco nos penhascos distantes que desaparece tão rápido quanto aparece. Valek. Pelo menos ele escolheu um bom ponto de observação.

"Notou algo estranho?" eu pergunto a Whiskey, mantendo minha voz baixa.

Ele hesita, olhando ao redor com cautela exagerada. "O quê, tipo um fantasma?"

"Não, seu idiota," eu digo secamente. "Não um fantasma." Embora tecnicamente seja um Fantasma, eu penso ironicamente. Se Whiskey não notou a posição de Valek, isso é na verdade um bom sinal. Significa que nossos inimigos também não vão.

"A cobra está aqui, não está?" Whiskey murmura, a tensão evidente em seus ombros largos enquanto ele olha ao redor.

"Não chame atenção para ele," eu aviso. "Podemos precisar do reforço." Eu agarro seu braço antes que ele possa protestar mais. "Se algo acontecer, leve Ivy e vá direto para o noroeste. Valek vai cobrir vocês."

Whiskey começa a discutir, mas eu já estou voltando para o carro. "Você pode sair agora," eu chamo para Ivy.

Ela emerge graciosamente, sua capa branca captando a luz baixa. Seus olhos arregalados observam a igreja abandonada e o terreno coberto de vegetação. "Parece tranquilo," ela murmura.

"É, bem, você gosta de coisas góticas assustadoras. Como o Wraith," Whiskey brinca, mas sua mão permanece perto de sua arma.

"Você também gosta," eu aponto.

Ele pausa, me olhando com curiosidade. "Nunca pensei nisso dessa forma. Você meio que dá vibes de vampiro."

Eu reviro os olhos. "Apenas cale a boca e fique de olho na estrada."

Nós esperamos em silêncio tenso enquanto o sol nasce no horizonte, pintando o céu em tons de dourado e rosa.

Um brilho de metal à distância nos faz todos ficar rígidos.

Um carro blindado preto se aproximando através da névoa da manhã.

Eu me posiciono na frente de Ivy instintivamente, Whiskey se movendo para flanquear o outro lado dela. Meus olhos se esforçam para ver através das janelas escuras, procurando por qualquer vislumbre do meu irmão, embora eu saiba que isso é apenas uma negociação. Ele não estará aqui ainda.

O carro para e uma figura emerge, fazendo meus pelos se arrepiarem. Ele é claramente enorme sob a capa preta que chega até o topo de suas botas de couro, mais alto e mais largo do que qualquer um de nós, exceto Wraith, com cabelos longos e pretos chicoteando violentamente no vento. Uma bandana preta cobre a maior parte de seu rosto, deixando apenas seus olhos visíveis. Não é uma escolha incomum nos Confins Exteriores, mas tenho certeza de que tem tanto a ver com esconder sua identidade quanto com o vento. O sol nascente o silhueta enquanto ele se aproxima, tornando impossível distinguir seus traços.

Minha mão se move em direção à minha arma, e eu sinto mais do que vejo Whiskey e Ivy se tensionando atrás de mim. A passada medida e proposital do estranho é nada menos que predatória.

Algo em seus movimentos parece familiar, mas eu não consigo identificar o porquê. Minha mente corre através das possibilidades enquanto ele se aproxima, e a confusão ricocheteia em mim como uma bala.

Ele veio sozinho?

Isso ainda pode ser uma armadilha.

Todos nós observamos em silêncio enquanto a figura maciça para diante de nós.

"Eu pensei que tinha especificado um guarda," ele diz, e meu sangue congela.

Aquela voz.

Eu não consigo identificar o sotaque vago, mas...

Eu *conheço* aquela voz.

Antes que eu possa processar o que está acontecendo, Whiskey solta um risinho. "Você está com medo de uma garota, mano?"

A figura fica completamente imóvel, e eu pego um vislumbre de olhos azuis brilhando acima da bandana enquanto ele olha para Ivy atrás de nós.

Whiskey sorri, acrescentando em um sussurro, "Você deveria estar."

Eu olho para Ivy, notando como sua mão permanece escondida sob a capa. Sem dúvida segurando aquela adaga de vidro da qual ela tanto gosta. Seus lábios se curvam em um sorriso perigoso que combina com o de Whiskey.

O homem dá mais um passo à frente, e todos nós ficamos tensos. Meu coração bate forte contra minhas costelas enquanto ele levanta a mão, os dedos agarrando a borda da bandana. O tempo parece desacelerar enquanto ele a puxa do rosto, o tecido escorregando.

"Azarel?" eu engasgo.

Meu irmão olha de volta para mim.

Ele parece mais velho do que seus anos, e seu rosto está mais duro do que eu me lembro enquanto ele me olha com indiferença fria. Novas cicatrizes marcam sua pele bronzeada escura.

Mas é ele.

Ele está vivo.

E ele está com a mão na arma.

CAPíTULO

QUARENTA E DOIS

WHISKEY



Eu olho entre o grandão que acabou de sair do carro com aquela capa dramática e o Plague, meu cérebro lutando para processar o que estou vendo.

"*Esse* é o seu irmão mais velho?" Eu solto. "Ele não é só grande, ele é enorme pra caralho!"

Plague me ignora completamente e dá um passo à frente. "Como você escapou?" ele pergunta ao irmão, sua voz tensa de emoção. E isso é como tirar cerveja de um cactus.

"Eu não escapei," Azarel diz secamente. Sua voz é mais profunda que a do Plague, mais áspera. Mais parecida com a do Thane. E como o Plague, o único sinal de seu sotaque Surhiirano é o tom elegante de suas palavras. "Mas quando os Surhiiranos começaram a farejar por aí, perguntando sobre um prisioneiro usando um dos meus codinomes de contingência, eu soube que tinha que agir antes que você estragasse completamente minha cobertura. Imagine minha surpresa quando eles enviam *você*."

Algo me diz que ele não quer dizer isso de uma forma, "Oh, que doce, um bolo—que surpresa divertida".

Caramba, esse cara é frio.

Vejo os ombros do Plague se tensionarem. "Você ficou quieto por meses," ele diz. "Nossa mãe pensou que você estava morto."

Azarel solta uma risada seca que soa tão quente quanto um iceberg. "Isso é engraçado, vindo do traidor que fugiu no meio da

noite e foi trabalhar para o inimigo."

Plague cerra a mandíbula. Posso dizer que ele está prestes a explodir.

"Essa é uma reunião de família comovente e tal," eu digo, mantendo minha mão perto da arma. Não posso deixar de notar que a mão do Azarel não se afastou da arma dele. "Mas não vamos ficar muito sentimentais."

Vejo Ivy se mexendo inquieta ao meu lado, seus olhos azuis se movendo entre os irmãos. Ela está preocupada também. E com razão. Essa reunião é tão quente quanto um inverno Vrissiano.

Os olhos do Plague se estreitam enquanto ele gesticula para o uniforme e as insígnias que aparecem debaixo do casaco do Azarel. "O que você chama isso, irmão?" ele pergunta com amargura. "Uma dragoneta de general? Parece que o inimigo gosta muito de você."

"Eu chamo isso de ser discreto," Azarel diz com desdém, me olhando com um olhar julgador que me lembra muito do irmão mais novo metido, mas sem nenhuma das qualidades redentoras. "Você deveria tentar isso algum dia."

"Vou deixar sua bunda discreta, mano," eu retruco.

Ivy levanta uma sobrancelha para mim. "Não foi seu melhor retorno," ela murmura baixinho.

"Ainda não tomei café," eu resmungo, mas ela está certa.

Isso foi fraco pra caralho.

Talvez eu devesse ter dito algo sobre enfiar aquele uniforme Reinmichiano tão fundo na bunda dele que ele vai cagar medalhas por uma semana.

Tarde demais agora.

A tensão no ar é tão espessa que dá para engasgar enquanto os irmãos se encaram. É como ver dois lobos alfa circulando um ao outro, ambos esperando uma desculpa para atacar.

É foda, se estou sendo honesto.

Ou seria, se eu não amasse um daqueles lobos.

Vejo a cena se desenrolar como um acidente de trem em câmera lenta. A brisa muda e Azarel de repente fica rígido, suas narinas se dilatando ao sentir o cheiro da Ivy. Mesmo com os supressores e

sprays que o Plague tem dado a ela, não há como confundir o que ela é de perto.

Um rosnado surge no meu peito antes que eu possa impedir. Puro instinto alfa assumindo o controle diante da ameaça à nossa ômega.

Por uma vez, o Plague não me enche o saco por isso.

Se é que ele não está pronto para brigar também.

"Você trouxe uma *ômega* aqui?" Azarel pergunta, sua voz afiada como uma faca.

Acho que ser um babaca julgador é de família.

Por outro lado, a rainha é uma delícia e o Revi é um ursão, então talvez esses dois tenham pegado isso do papai.

"O que posso dizer? Ela gosta de passeios de carro e não podemos confiar nela sozinha em casa," eu brinco, tentando aliviar a tensão antes que alguém seja esfaqueado. "Fica mastigando os móveis e nos mordendo. Ela é um pouco selvagem."

Vejo Ivy discretamente me mostrando o dedo do canto do olho, mas posso ver que ela está segurando um sorriso. Bom. Mantenha-a relaxada enquanto o resto de nós se prepara para brigar, se necessário.

"Então é verdade. Você realmente escapou com uma ômega," Azarel murmura, olhando pensativamente entre nós. "E eu pensei que os Fantasmas teriam se dissolvido."

"Mais fortes do que nunca, baby," eu digo, encarando o bastardo.

Espero que ele entenda isso como o aviso que é.

Azarel inclina levemente a cabeça e parece que quer dizer algo mais, mas decide contra isso, balançando a cabeça. "Não tenho tempo para isso," ele murmura. Então seus olhos se fixam no Plague com uma intensidade que faz minha mão se mover em direção à arma. "A garota. Onde ela está?"

"Ela está segura," Plague diz cuidadosamente. O fato de ele não estar dizendo ao próprio irmão onde Cosima está diz muito.

E eu pensei que *minha* família era fodida.

Azarel dá um passo à frente, e há algo perigoso brilhando naqueles olhos que são tão parecidos com os do irmão. "Você vai

devolvê-la," ele diz, sua voz caindo para um rosnado. "*Imediatamente*."

Vejo os olhos do Plague se estreitarem enquanto ele estuda Azarel. Já estive do outro lado desse olhar o suficiente para saber exatamente o que está passando pela cabeça dele. Ele está analisando cada microexpressão, cada tremor, construindo um diagnóstico do que diabos está errado com o irmão.

"Você pode parar com o ato," Plague diz finalmente. "Você não precisa mais fazer o trabalho sujo do Arthur Maybrecht. Estamos te tirando daí. Vamos atacar Reinmich."

A risada que sai da garganta de Azarel é áspera e amarga, como vidro quebrado em um liquidificador. "Atacar Reinmich?" ele diz com desdém. "Com que exército? Seu bando de rejeitados?"

"Temos Surhiira," Plague diz firmemente.

"E alguns mercenários muito chamativos," eu adiciono, ajudando.

Os olhos de Azarel se voltam para mim, frios e calculistas. "Você realmente acha que pode liderar uma invasão em grande escala contra Reinmich?" Seu olhar volta para o irmão. "Eu sempre soube que você era ingênuo, Hamsa, mas isso é além da tolice."

"Não me chame disso," Plague retruca.

Hmm.

"Então como devo te chamar?" Azarel enruga o lábio. "Plague? É assim que sua nova *família* te chama?"

O jeito que ele diz 'família' faz meu sangue ferver.

Como se fôssemos algo que ele raspou da sola da bota chique dele.

"Estamos fazendo isso, Azarel," Plague diz firmemente. "E tenho o apoio da família real. A escolha de participar ou não é sua."

Azarel solta uma risada seca. Seus olhos continuam gelados, o que torna tudo ainda mais assustador.

"Se você quer se matar, irmão, que seja," ele diz, sua voz cheia de desdém. "Mas não vou deixar você arrastar Surhiira para baixo com você. Não quando eu passei anos protegendo—"

"É isso que você chama de proteger?" Plague o interrompe, sua voz afiada como um bisturi. "*Proteger* Surhiira? Porque do meu

ponto de vista, parece que você se infiltrou tão fundo que esqueceu quem você realmente é."

Merda.

Isso vai ficar bom.

Ou ruim, dependendo de como você olha.

"E o que isso faz de você?" Azarel rosna de volta. "Um príncipe fugitivo brincando de curandeiro e soldado?" Seus lábios se curvam em um sorriso cruel. "Você realmente acha que pode se redimir pelo que fez? Por matar sua amante?"

A temperatura parece cair uns vinte graus. Sinto isso vindo um segundo antes de acontecer. Aquela carga elétrica no ar logo antes de um raio cair.

Ambos os irmãos se movem ao mesmo tempo, como se esse momento estivesse se acumulando por toda a vida deles. O que, conhecendo a família do Plague, provavelmente está.

Plague saca sua lâmina Surhiirana. Ela capta a luz da manhã, todo metal branco imaculado e filigrana dourada. Porque é claro que até as armas deles têm que ser bonitas.

Azarel responde sacando uma espada debaixo da capa. Uma daquelas peças cerimoniais Reinmichianas com o emblema do Conselho trabalhado no cabo. Eles não distribuem isso em festas da empresa.

O cara está metido até o pescoço.

Sinto Ivy se tensionar ao meu lado, pronta para intervir, mas eu estendo o braço para impedi-la. "Ainda não, gatinha," eu murmuro, sem tirar os olhos da luta que está começando na nossa frente. "Isso é coisa de irmão. Quando eles sacarem as armas, *aí* podemos intervir."

Ivy claramente não gosta disso, mas fica para trás. O que ela não sabe é que estou tendo tanta dificuldade quanto ela.

Mas eu entendo.

Isso é uma merda familiar enraizada que precisa se desenrolar. E, julgando pelo fato de Valek não ter metido uma bala na cabeça de ninguém ainda, ele deve sentir o mesmo.

Os irmãos circulam um ao outro, nenhum fazendo o primeiro movimento. É como assistir a um espelho fodido. Apesar de

parecerem tão diferentes, eles têm a mesma maneira graciosa de se mover. Mas enquanto o rosto do Plague é todo cálculo frio, o de Azarel está em branco de uma forma que eu não sabia que uma pessoa poderia estar.

Como se o rosto dele *fosse* uma máscara.

"Vou te perguntar mais uma vez," Azarel diz em um tom perigoso, tão vazio de emoção quanto sua expressão. "Onde. Está. A. Garota."

"Engraçado," Plague diz naquele tom suspeito que sempre faz os pelos da minha nuca se arrepiarem. "Se eu não soubesse melhor, diria que você está aqui em uma capacidade pessoal, e não como o garoto de recados de Reinmich."

Oh, *merda*!

A máscara em branco de Azarel quebra por apenas uma fração de segundo. Tempo suficiente para eu captar um vislumbre de fúria pura antes que ele se lance contra o irmão. As lâminas deles se encontram com um som que faz meus dentes doerem, enviando faíscas voando na luz da manhã.

Eu me encolho, meus músculos se contraindo com a necessidade de intervir.

Para proteger o que é meu.

Porque o Plague *é* meu, assim como é da Ivy e do resto da matilha. O fato de que esse monstro de homem compartilha o sangue dele não muda isso.

Mas o Plague está se segurando, por pouco. O que ele perde em poder bruto, ele compensa em velocidade e precisão. Ele dança longe dos ataques brutais de Azarel como fumaça, aquela lâmina chique saindo para tirar o primeiro sangue.

Um corte raso no bíceps do irmão.

O próximo choque de metal contra metal me faz estremecer. Azarel coloca toda a sua força no golpe e o Plague voa para trás, suas botas escorregando na terra enquanto ele luta para manter o equilíbrio. Meus punhos se apertam tão forte que sinto sangue quente escorrendo entre meus dedos onde minhas unhas quebram a pele.

Uma mão pequena desliza na minha. Olho para baixo e vejo Ivy olhando para mim com olhos preocupados, seus dedos se entrelaçando com os meus. O gesto ajuda a me acalmar, mas apenas um pouco.

Cada músculo do meu corpo se estica em direção à luta.

"Fiquem para trás," Plague grita para nós, claramente sentindo nossa intenção de ajudar. "Isso é entre irmãos—"

O aviso custa caro. A bota de Azarel conecta com o joelho do Plague e ele tropeça. O irmão segue com um golpe vicioso que teria aberto a garganta do Plague se ele não tivesse conseguido levantar a lâmina a tempo.

Acho que eles estão realmente tentando se matar.

Pelo menos o Azarel está.

Puta merda.

A luta fica selvagem, todo o pretexto de cerimônia abandonado. Azarel luta como um homem possuído, seus ataques ficando mais brutais a cada troca. Mas há algo estranho nisso. Seus movimentos são muito rígidos, muito controlados, mesmo em sua fúria.

Como se ele estivesse lutando contra si mesmo tanto quanto contra o irmão.

Plague combate sua intensidade, mas posso ver que ele está cansando. Seus golpes precisos estão ficando mais desleixados, seus passos menos seguros. Sangue escorre de um corte acima do olho onde o pomo da espada de Azarel o atingiu.

Não sei se posso me segurar por muito mais tempo, mas tenho medo de que, se eu intervir, vou piorar tudo. Sou como uma bola de demolição. Não tenho a precisão necessária para realmente fazer alguma diferença aqui.

Tudo o que posso fazer é assistir e me manter entre eles e a Ivy.

Merda.

A luta está ficando brutal quando Plague finalmente acerta um golpe sólido, sua lâmina cortando o peito de Azarel. Não é profundo, mas tira sangue e rasga a capa de Azarel. Aparentemente, isso é a gota d'água para esse psicopata, porque ele arremessa a espada pelo espaço entre eles e ela crava no chão aos pés do Plague.

Então, novamente, ele é o irmão do Plague.

Talvez ele só goste da capa.

"Estou cansado desses jogos," Azarel rosna, jogando fora a capa rasgada para revelar o uniforme cinza e dourado brilhante de um tenente-general Reinmichiano por baixo e sacando sua arma em um movimento fluido.

"Plague!" Ivy grita.

É isso.

Agora eu intervenho.

Mas antes que eu possa dar mais do que um passo, um tiro ecoa pelo ar da manhã como um trovão. A arma voa da mão de Azarel em um jato de sangue enquanto ele grita de dor e raiva, segurando a mão sangrando. De alguma forma, Valek conseguiu atirar limpo no centro da palma da mão dele.

Puta *merda*.

Esse maluco é preciso.

Já o vi fazer tiros impossíveis antes, mas isso é outra coisa. Atravessar o buraco de uma agulha nem começa a cobrir isso.

Azarel se vira, escaneando a encosta enquanto tenta localizar o atirador. Seus olhos estão selvagens agora, aquela máscara de controle completamente quebrada. Sangue escorre constantemente de seus dedos arruinados. "Mostre-se, covarde!"

Aproveito sua distração para me colocar entre ele e o Plague, sacando minha própria arma. Plague está respirando pesado, sangue escorrendo de vários cortes, mas seus olhos estão afiados como sempre.

Quando Azarel se vira para nós e dá um passo ameaçador, outro tiro ecoa. Uma bala atinge o chão na frente de seus pés, enviando terra e grama voando. Ele tropeça para trás, aquela postura perfeita finalmente quebrada.

"Você não consegue nem lutar suas próprias batalhas?" ele cospe para o Plague, seu rosto se contorcendo de desgosto. "Que *desonroso*."

Uma risada seca escapa do Plague. "Tudo é válido na guerra, irmão."

"Se você realmente acredita nisso," Azarel diz friamente, "você é mais parecido com eles do que eu pensava."

"Talvez," Plague responde, sua voz assumindo aquele tom seco que sempre me deixa nervoso. "Ou talvez eu apenas tenha aprendido que há algumas coisas pelas quais vale a pena lutar sujo."

Seus olhos piscam brevemente para Ivy, e eu capto o significado.

Não estamos apenas lutando por nós mesmos agora.

Estamos lutando por *ela*.

E estamos lutando por um futuro onde ômegas como ela não sejam tratadas como propriedade. Mesmo que estejamos atualmente usando a agressiva na masmorra como moeda de troca.

Mas é o quadro geral, certo?

E se esse quadro geral significa trazer uma cobra para uma luta de espadas, que seja.

"Ei, olha por esse lado," eu digo, desesperado para aliviar o clima antes que alguém morra. "Pelo menos agora você pode se masturbar com a mão ferida."

Azarel parece que vai me matar, mas pelo menos a raiva dele é desviada do Plague.

"Você precisa de um hospital," Plague diz, sua voz de médico aparecendo. Mesmo agora, mesmo depois de tudo, ele não consegue evitar de se importar. "Você não vai conseguir usar sua mão de novo se não fizer uma cirurgia imediatamente."

A fúria de Azarel recua para trás daquela máscara cuidadosamente construída de pedra. "Guarde sua preocupação para aqueles que ainda te consideram família," ele rosna.

Mas Plague não se encolhe. Seu rosto fica completamente em branco também. É a mesma expressão que ele usa quando está prestes a fazer algo particularmente brutal.

"Muito bem," Plague diz, sua voz tão fria e afiada quanto um bisturi. "Se você não vai nos ajudar como família, então prosseguiremos com as negociações como planejado originalmente." Ele se endireita apesar dos ferimentos, e mesmo coberto de sangue, ele de alguma forma consegue parecer regal pra caralho. "Como inimigos."

Os olhos de Azarel se estreitam perigosamente. "Você ousa me ameaçar?"

Parece uma coisa estranha de dizer, considerando que eles estavam lutando até a morte dois minutos atrás, mas acho que o Icy Balls tem padrões diferentes.

"Não é uma ameaça," Plague responde. "É uma declaração de fato. Surhiira *vai* invadir Reinmich. A única variável é quanto sangue será derramado no processo."

Vejo Ivy se tensionando pelo canto do olho enquanto ela vem atrás de nós. Plague continua. "Se você realmente se importa com nossa terra natal, você vai garantir que nossas forças possam entrar com o mínimo de baixas. Mas de qualquer forma, a filha de Maybrecht fica onde está até que tenhamos rompido as defesas de Reinmich."

Oh merda. Ele está realmente fazendo isso.

"E então?" Azarel exige, seu corpo enorme praticamente vibrando de raiva contida. Sua mão ainda está sangrando enquanto ele a segura, mas o sangue diminuiu. Parece que Valek não acertou uma artéria.

Que pena.

Então, novamente, não acho que Plague queira Azarel morto.

"Então vou providenciar para que a localização dela seja enviada para você," Plague diz simplesmente. "Esteja eu vivo ou morto."

Ivy faz um som quieto de angústia. Eu alcanço e coloco minha mão no ombro dela, dando um aperto suave. Uma promessa silenciosa de que não vamos deixar isso acontecer.

Que vamos protegê-lo.

Proteger todos nós.

"Você usaria uma ômega inocente como alavancagem?" A voz de Azarel está cheia de desgosto. "Você realmente caiu muito."

"Inocente pode ser um exagero," eu digo secamente. "A garota tem um soco forte."

Os olhos de Azarel se estreitam e ele me dá um olhar que diz que ele está pensando em me despedaçar como queijo ralado.

"Diz o homem que passou anos sendo o cão de colo do Conselho," Plague retruca antes que ele possa responder. "Diga-me, Arthur Maybrecht sabe o quão *pessoalmente investido* você está em recuperar sua filha? Aliás, Monty Filch sabe?"

Puta *merda*.

A forma como o rosto de Azarel se contorce me diz que Plague acertou em cheio com essa. Acho que ser um intrometido também é de família.

"Você não sabe de nada," Azarel rosna.

"Eu sei o suficiente," Plague responde. "E eu sei que farei qualquer coisa pela minha ômega. Se há alguma parte de mim que corre no seu sangue," ele diz, dando uma olhada julgadora em Azarel que poderia congelar o inferno, "você fará o mesmo."

Vejo o silêncio se esticar entre os irmãos como um elástico prestes a estourar. Meus músculos permanecem tensos, prontos para me jogar entre eles se Azarel decidir ir para o round dois. O fato de Valek não ter atirado novamente me diz que ele também está esperando para ver como isso se desenrola.

Finalmente, os ombros enormes de Azarel caem levemente. "Três dias," ele murmura, soando resignado. "Tragam seu exército para o antigo posto de mineração na borda do posto de controle nordeste. Depois disso, vocês estão por conta própria." Seus olhos se endurecem. "E se eu ver qualquer um de vocês novamente, não hesitarei em atirar. Não vou comprometer minha cobertura por sua missão suicida."

"Eu entendo," Plague diz solenemente, e eu percebo o leve tique em sua mão enquanto ele limpa o sangue do olho. "Vou providenciar para que alguém entregue a localização de Cosima para você. Alguém já posicionado em Reinmich. Você tem minha palavra."

"Sua palavra?" A risada amarga de Azarel me dá vontade de socá-lo em seu rosto perfeitamente esculpido. Seus olhos se desviam para onde eu estou com Ivy, e o desprezo em seu olhar faz meus pelos se arrepiarem. "Isso *costumava* significar algo."

Eu mostro os dentes para ele. "Cuidado, babaca."

Ele me ignora completamente, o que provavelmente é para o melhor. "Terá que servir," ele diz para Plague.

Sem outra palavra, ele se vira e volta para o carro. Eu observo enquanto ele se abaixa para pegar a espada caída, trocando-a desajeitadamente para a mão esquerda, já que Valek ferrou a

direita. Sangue ainda escorre constantemente do ferimento enquanto ele embainha a lâmina.

"Bem," eu murmuro enquanto o carro ruge e dispara pela estrada de terra coberta de mato. "Isso poderia ter sido pior."

"Como?" Plague pergunta secamente.

"Ele poderia ter realmente te matado em vez de apenas tentar muito."

Espero que ele reclame disso, mas em vez disso, ele ri. Uma risada de verdade. É um alívio ouvir esse som de novo, especialmente depois de tudo o que acabou de acontecer.

Ele coloca uma mão no ombro de Ivy, depois no meu, e nos puxa para um abraço apertado enquanto solta um suspiro carregado.

Hoje está cheio de surpresas.

"Obrigado," ele murmura. "Aos dois."

Eu envolvo meus braços em volta de Plague e Ivy, ainda não acostumado a ser tão abertamente afetuoso com outro alfa, especialmente em público. Mas foda-se. Depois do que acabou de acontecer, eu preciso disso tanto quanto eles. Seus cheiros são estranhamente reconfortantes enquanto se misturam. O cheiro de madressilva selvagem de Ivy e o cheiro limpo de Plague, como o cheiro antes de uma tempestade.

Eu poderia ficar aqui para sempre.

Plague finalmente se afasta, sua voz rouca enquanto murmura, "Vamos, vamos para casa."

Queria ter a coragem de dizer a ele que eu estou em casa, desde que esteja com os dois. Mas isso é coisa sentimental, até para mim.

"Espera." Os olhos de Ivy se desviam para os penhascos onde o ninho de atirador de Valek está escondido. Sua mão pequena agarra a manga de Plague antes que ele possa se virar para o carro. "Vocês dois vão na frente. Preciso falar com ele."

Eu troco um olhar duvidoso com Plague. Todo instinto protetor grita para não deixá-la sozinha com a cobra, mesmo que ele tenha acabado de salvar nossas bundas de uma forma incrivelmente foda.

"Eu pego uma carona de volta," ela adiciona, claramente lendo nossa hesitação.

"Ivy…" Plague começa.

"Ele mudou," ela insiste. "Você viu isso hoje. Temos que começar a confiar nele em algum momento."

Ela tem razão. Aquele tiro na mão de Azarel foi cirúrgico. Poderia tê-lo matado facilmente, mas ele não o fez. Apenas o incapacitou o suficiente para manter Plague vivo.

"Ele salvou nossas bundas," eu admito relutantemente. As palavras têm gosto de vinagre saindo da minha boca, mas são verdadeiras.

Plague suspira, aquele som cansado que significa que ele está prestes a ceder. Ele se inclina e pressiona um beijo na testa de Ivy. "Tenha cuidado," ele murmura. "E leve isso."

Ele puxa sua lâmina Surhiirana chique da bainha, pressionando-a na mão pequena dela. O metal branco e a filigrana dourada captam a luz da manhã enquanto ela a prende no cinto com um sorriso.

"Vejo você em casa," ela diz suavemente.

Casa.

A palavra soa diferente agora. Faz meu peito fazer coisas estranhas.

"Não deixe ele te enganar," eu aviso enquanto nos dirigimos para o carro. "A cobra tem uma língua de prata quando quer usar."

Ivy apenas revira os olhos para mim, mas há afeto em sua expressão. "Acho que posso lidar com Valek."

"É disso que tenho medo," eu resmungo, mas já estou indo para o carro de fuga. De jeito nenhum vou deixar Plague dirigir com esses cortes que ele está carregando.

Nós dois nos viramos para assistir enquanto Ivy corre para os penhascos, e eu tenho que conter meu alfa interior de persegui-la. Ela desaparece na vegetação como a coisa selvagem que é, mas está perto o suficiente de Valek que eu sei que ela vai encontrar o caminho.

Eu me viro para Plague, observando o olhar pensativo que surge nele enquanto ela desaparece de vista.

"Você está bem?" eu pergunto. "Isso foi bem pesado lá atrás."

"Não realmente," ele diz em um tom de distanciamento quieto. "Não por causa do Azarel. Nunca estivemos nos melhores termos."

Eu dou uma risada. "Isso é dizer pouco." Ficamos em silêncio por alguns momentos, ambos observando os penhascos para o ocasional flash de vermelho na vegetação, como uma raposa subindo as colinas. "Você acha que podemos realmente confiar na informação dele?"

"Azarel é um homem de palavra," Plague responde pensativamente. "Para o bem ou para o mal."

Eu vejo um vislumbre de branco na vegetação enquanto Valek sai de seu esconderijo.

Ele a pegou.

Relaxando, eu coloco uma mão no ombro de Plague, dando um aperto firme. "Vamos," eu digo, dando um empurrãozinho para o lado do passageiro. "Vamos embora."

"Você não vai dirigir," ele diz com um meio sorriso.

"É? Olha eu aqui," eu digo, correndo para o lado do motorista. "Isso vai te dar tempo para ficar pensativo e olhar pela janela. Além disso, eu sou um motorista melhor que você."

"Isso é altamente questionável," ele diz secamente, mas ele entra.

Eu sorrio, ligando o motor. "O motorista escolhe as músicas."

"Esse é o botão de ejeção, seu idiota," ele diz logo quando estou prestes a apertar o grande botão preto no console.

Minha mão congela e eu olho para ele, não tenho certeza se ele está brincando ou apenas tentando me impedir de tocar rock alto o caminho todo para casa. "Você está brincando, certo?"

Ele não responde, apenas se vira e olha pela janela com um leve sorriso nos lábios.

Tanto faz.

Acho que não me importo tanto com o silêncio quando é com ele.

CAPíTULO

QUARENTA E TRÊS

IVY



Meu coração bate forte enquanto corro colina acima, minhas pernas queimando de esforço. O vento chicoteia meu cabelo no meu rosto, mas eu não diminuo o ritmo.

Ele nos salvou.

Ele salvou o Plague.

A realização me atinge novamente quando chego ao topo de outra pequena elevação, meus olhos escaneando a paisagem rochosa em busca de qualquer sinal daquele característico cabelo branco como osso. Valek poderia ter deixado Azarel matar o Plague. Poderia ter ficado parado e assistido enquanto tudo desmoronava.

Mas ele não fez isso.

Um flash de branco chama minha atenção, e de repente ele está lá. Valek emerge de trás de uma saliência de rochas, seu rifle de precisão pendurado casualmente sobre um ombro. Mesmo a essa distância, posso ver a cautela em sua postura enquanto ele me observa se aproximar.

Ele acha que ainda estou brava.

Ele não faz ideia.

Não diminuo o ritmo quando me aproximo dele. Pelo contrário, eu acelero, meus pés voando sobre o terreno irregular. Os olhos de Valek se arregalam uma fração de segundo antes de eu colidir com ele, jogando meus braços em volta de seu pescoço. O impacto nos

empurra para trás um passo, mas os braços de Valek se levantam instintivamente para me segurar.

"Ivy?" Sua voz é áspera de confusão. "O que você está—"

Eu o interrompo, enterrando meu rosto em seu peito e inspirando profundamente. Aquele cheiro familiar de pedra e metal fumegante enche meus pulmões, e eu aperto meu aperto nele. "Obrigada," sussurro com ferocidade. "Obrigada por salvá-lo."

Por um momento, Valek fica completamente imóvel.

Então, lentamente, hesitante, seus braços se apertam ao meu redor. Uma mão sobe para acariciar a parte de trás da minha cabeça, seus dedos se enredando no meu cabelo despenteado pelo vento.

"De... nada," ele diz, seu lenço desalinhado, parecendo quase atordoado. Como se ele não conseguisse acreditar que isso está acontecendo.

Eu me afasto o suficiente para olhar para ele, absorvendo a visão de seu rosto. Aqueles olhos prateados que conheço tão bem estão arregalados de surpresa, uma vulnerabilidade ali que raramente vi.

Antes que eu possa me convencer do contrário, me estico na ponta dos pés e pressiono meus lábios contra os dele.

Valek fica rígido por um instante, e eu me pergunto se cometi um terrível erro. Mas então ele está me beijando de volta com uma intensidade desesperada que me tira o fôlego. Suas mãos ásperas enquadram meu rosto, inclinando minha cabeça para aprofundar o beijo enquanto ele derrama semanas de saudade e arrependimento nele.

Quando finalmente nos separamos, estamos ambos respirando com dificuldade. Valek apoia a testa na minha, seus olhos vasculhando meu rosto como se estivesse tentando memorizar cada detalhe.

"Pequena omega," ele suspira.

Há um peso na maneira como ele diz seu apelido para mim, como se houvesse muito mais que ele quisesse dizer. Eu observo o conflito se desenrolar em seus olhos, a maneira como sua garganta se move enquanto ele engole com dificuldade.

Ele não precisa dizer nada. Sempre estivemos na mesma página, de uma maneira meio estranha. Talvez seja porque ele também é feral. Talvez não no mesmo sentido literal que Wraith e eu somos, mas ele ainda tem os olhos de uma fera selvagem.

Ele certamente tem o sorriso de um.

Um lobo, para ser específico.

E acho que sei o que ele está prestes a dizer. Aquelas três palavrinhas que ficaram não ditas. As que eu senti em cada toque, cada olhar, mesmo quando não foram ditas em voz alta.

Porra. Eu também estou com medo.

Por quê? Por que dizer é tão mais assustador do que sentir?

Os olhos de Valek vasculham os meus, e eu vejo a luta ali. As palavras estão na ponta da língua dele, eu posso sentir. Mas então algo muda em seu olhar. Um lampejo de entendimento, como se ele pudesse ler minha mente.

Uma risada rouca escapa dele, quebrando a tensão. "Não é o momento certo," ele diz, sua voz áspera. "Você ainda não me perdoou."

Meu coração pula uma batida com suas palavras.

Ele está errado.

Eu o perdoei.

E não tenho certeza se percebi isso completamente até agora.

Mas posso ver a resignação naqueles olhos afiados, a aceitação do que ele acha que é a verdade. O que ele acha que merece.

Eu balanço a cabeça lentamente, um pequeno sorriso brincando em meus lábios. "Talvez seja o momento certo para outra coisa," murmuro, observando a confusão piscar em seu rosto.

A testa de Valek se franze, suas mãos ainda repousando levemente em meus quadris. "O que você quer dizer, pequena omega?" ele pergunta com aquela voz aveludada.

"Para eu mostrar que você está errado," digo, minha voz mais forte agora. "Eu *perdoei* você, Valek."

Seus olhos se arregalam, descrença lutando com esperança em seu olhar. Antes que ele possa responder, eu me aproximo mais, eliminando o pouco espaço que restava entre nós. Minhas mãos deslizam para baixo da frente aberta de seu casaco. Mesmo através

de sua camisa, posso sentir a batida rápida de seu coração sob minhas palmas.

"Ivy," ele suspira, sua voz tensa. "O que você está fazendo?"

Eu me inclino, meus lábios roçando sua orelha enquanto sussurro, "O que parece que estou fazendo?"

Um calafrio percorre seu corpo, suas mãos apertando meus quadris. Posso sentir o calor de seu corpo através de nossas roupas, sentir o cheiro fumegante e metálico que é unicamente dele.

"Este é um bom lugar, não é?" pergunto, me afastando o suficiente para encontrar seu olhar. "É isolado aqui em cima. Seguro."

"Sim," Valek diz roucamente, seus olhos escurecendo de desejo. Mas então ele se controla, balançando a cabeça como para se livrar de algo. "Espera… não. Não, não é seguro." Ele dá uma risada rouca e baixa. "Faz muito tempo. Tenho medo de que não consiga resistir a te dar um nó. Se fôssemos descobertos…"

"Há outras coisas que podemos fazer," ofereço, deslizando uma mão para baixo, apertando o volume óbvio em suas calças. Valek sibila, seus quadris se contraindo involuntariamente. "Eu poderia cuidar disso por você."

Um ronco baixo ecoa em seu peito. "Certamente não recusaria isso," ele diz, sua voz tensa. "Mas… você tem certeza, pequena omega?"

A preocupação em sua voz, mesmo enquanto ele claramente luta por controle, é o motivo pelo qual eu o perdoei. Porque por trás de todas as suas arestas afiadas e sorrisos perigosos, ele se importa.

Ele sempre se importou.

"Tenho certeza," digo firmemente, já trabalhando em seu cinto. "Eu quero isso. Eu quero você."

A respiração de Valek falha quando eu o liberto das restrições de suas calças. Ele está duro e quente em minha mão, o pré-gozo já formando gotas na ponta perfurada. Eu esqueci o quanto gosto das perfurações em seu pau. Eu passo meu polegar sobre a cabeça, espalhando a umidade ao redor dos pinos de metal, e ele geme.

"*Porra*," ele arqueja, sua cabeça caindo para trás.

Eu começo a masturbá-lo, maravilhada com a pele macia como veludo sobre a dureza do aço. Ele se inclina contra a parede do penhasco, e posso dizer que ele está tentando não respirar, não perder o controle.

Minha mão se move lentamente para cima e para baixo no comprimento de Valek, saboreando a sensação dele. Seu cabelo branco e desalinhado cai sobre seus olhos prateados enquanto ele me observa, arquejando, seu peito subindo e descendo rapidamente. O cheiro de seu almíscar alfa está ficando mais forte a cada segundo.

Eu me ajoelho na frente dele e sua respiração falha audivelmente. Suas mãos se apertam ao lado do corpo, as pontas dos dedos cavando na pedra áspera da face do penhasco. A tensão em cada linha de seu corpo se destaca em relevo enquanto ele luta para ficar parado.

Eu me inclino, minha respiração pairando sobre seu pau. Ele está tão duro, a cabeça ruborizada e brilhante. Eu passo minha língua, provando-o, e Valek sibila através dos dentes cerrados.

"Porra," ele geme. "Pequena omega, você vai ser a minha morte…"

Eu sorrio para ele, mantendo contato visual enquanto envolvo meus lábios em volta da cabeça de seu pau. O metal de suas perfurações é frio contra minha língua, um contraste delicioso com o calor de sua pele. Os quadris de Valek se contraem involuntariamente, e eu tenho que me apoiar em suas coxas para não engasgar.

"Desculpe," ele arqueja. "Faz tanto tempo... você é tão boa..."

Eu murmuro em reconhecimento, as vibrações fazendo-o estremecer. Lentamente, eu o levo mais fundo, afundando minhas bochechas enquanto chupo. O sabor salgado dele enche minha boca enquanto seu pau libera pré-gozo em minha garganta.

Acima de mim, Valek está se desfazendo. Sua cabeça está jogada para trás, expondo a longa coluna de sua garganta. Seu peito se eleva com cada respiração rouca. Mas são os sons que ele está fazendo que realmente me pegam. Grunhidos baixos e frenéticos que ele claramente está tentando sufocar.

Justo quando estou começando a me perguntar se alguém vai ouvi-lo, ele aperta a mão sobre a boca e morde, abafando um rosnado. Sinto uma onda de orgulho por ser capaz de fazê-lo perder o controle assim.

O grande Valek, desfeito pela minha boca.

Eu estabeleço um ritmo constante, movendo minha cabeça para cima e para baixo em seu comprimento. Minha língua traça as perfurações na cabeça de seu pau a cada subida, fazendo as coxas musculosas de Valek tremerem e se contorcerem sob minhas mãos. Sua mão livre vem descansar na parte de trás da minha cabeça e se enreda no meu cabelo, não empurrando, apenas uma pressão gentil.

Eu olho para ele através dos cílios. A visão me deixa tonta. Os olhos de Valek estão fechados, seu rosto uma máscara de êxtase requintado. Sua mão ainda está pressionada firmemente sobre a boca, mas posso ver a maneira como sua mandíbula se move enquanto ele morde de volta os gemidos.

A necessidade de ouvir esses sons, de fazê-lo se desfazer completamente, me leva a redobrar meus esforços. Eu o levo mais fundo, relaxando minha garganta para acomodar seu comprimento impressionante. Quando a cabeça de seu pau atinge o fundo da minha garganta, os quadris de Valek se contraem violentamente.

Seu rifle de precisão, ainda pendurado em seu ombro, bate contra a parede de pedra do penhasco. O som é surpreendentemente alto no silêncio relativo, e ambos congelamos.

Por um longo momento, nenhum de nós se move. Eu fico perfeitamente imóvel, o pau de Valek pesado em minha língua, enquanto ouvimos qualquer sinal de que fomos descobertos. Mas não há nada. Apenas o assobio do vento através das rochas e a batida do meu próprio coração em meus ouvidos.

Eu puxo minha cabeça para trás, deixando seu pau balançar livre. "Shhh," sussurro antes de lamber todo o comprimento de seu pau. Ele faz um som estrangulado e morde mais forte em sua mão.

Sangue escorre pelo seu pulso.

A visão é suficiente para fazer minha mão deslizar sob minhas roupas, meus dedos encontrando imediatamente meu clitóris latejante enquanto continuo a chupar seu pau com vigor renovado.

Quanto mais cedo ele gozar, mais cedo podemos chegar a um lugar seguro.

O perigo faz parte da diversão.

Meus dedos circulam meu clitóris enquanto levo Valek mais fundo, afundando minhas bochechas ao redor de seu comprimento. Já estou tão molhada, meu lubrificante cobrindo meus dedos enquanto me toco.

Valek comete o erro de olhar para mim e seus olhos se arregalam, as pupilas dilatando até que a prata de suas íris mal seja visível. A realização do que estou fazendo enquanto o chupo faz todo o seu corpo ficar rígido, seus músculos tremendo com o esforço de ficar parado.

Eu puxo levemente, focando minha atenção na cabeça de seu pau. Minha língua circula as perfurações ali, traçando o metal frio. Ao mesmo tempo, aumento a pressão e a velocidade dos meus dedos no meu clitóris. A sensação dupla é quase demais e eu tenho que diminuir o ritmo para não gozar primeiro.

Valek fecha os olhos com força, sua testa se franzindo, para não gozar com a visão de mim. Sua garganta se move enquanto ele engole compulsivamente. O momento em que ele começa a se desfazer é óbvio imediatamente.

A mão no meu cabelo aperta.

Seus quadris falham, perdendo o ritmo.

Sangue escorre pelo seu antebraço em riachos.

O rosnado abafado e quebrado que escapa dele, abafado por sua mão sangrando, envia uma onda de calor direto para o meu núcleo. Todo o seu corpo fica tenso como uma corda de arco. E então ele está gozando, derramando em minha garganta em pulsos quentes.

Eu engulo avidamente, não querendo desperdiçar uma gota. Eu gozo ao mesmo tempo, o prazer branco e quente irradiando de onde meus dedos ainda trabalham contra meu clitóris. Eu gemo e ronrono em volta do pau de Valek, meus lábios roçando a borda de seu nó inchado, o som ressoando através de nós dois.

Quando as reverberações finalmente passam, eu me afasto lentamente. As pernas de Valek cedem e ele desliza pela face do penhasco, caindo em uma pilha desengonçada no chão rochoso. Seu

peito se eleva enquanto ele tenta recuperar o fôlego. Sangue cobre seu antebraço agora, vermelho vivo contra sua pele.

Eu rastejo para o colo dele sem pensar, me pressionando contra seu peito. Seus braços se levantam para me envolver automaticamente. Por um longo momento, apenas ficamos sentados lá, ambos tremendo levemente no rescaldo.

"Você está bem?" pergunto finalmente, minha voz rouca.

Valek solta uma risada sem fôlego. "Acho que eu deveria estar perguntando isso a você, pequena omega."

Eu me afasto o suficiente para olhar para ele. Seus olhos estão embaçados, as pupilas ainda dilatadas. Mas há algo mais lá também. A mesma vulnerabilidade de antes.

"Estou bem," asseguro. "Melhor do que bem, na verdade."

Um fantasma de seu sorriso habitual puxa seus lábios. "Não tenho certeza se 'bem' é uma palavra forte o suficiente para o que acabou de acontecer."

Eu rio suavemente, balançando a cabeça. Deixe o Valek tentar ser engraçado logo depois de ter seu cérebro sugado pelo pau. Mas então meus olhos pousam em sua mão ensanguentada, e meu divertimento desaparece.

"Devemos cuidar disso," murmuro, alcançando-a.

Valek tenta se afastar, mas eu seguro firme. "Não é nada," ele diz descartivamente. "Já tive muito pior."

"Eu sei que já," respondo. "Deixe-me cuidar de você."

Ele fica muito quieto com isso, vasculhando meu rosto. Não tenho certeza do que ele vê lá, mas depois de um momento, ele relaxa levemente. "Tudo bem," ele concede. "Se isso vai fazer você se sentir melhor."

Eu aceno, já alcançando o pequeno pacote de suprimentos que tenho carregado junto com o coldre da minha faca. Enquanto limpo e enfaixo as marcas de mordida em sua mão, nenhum de nós fala. Nenhum de nós sente a necessidade de preencher o silêncio.

Parece... certo.

Natural.

Quando termino, Valek flexiona a mão experimentalmente. "Nada mal," ele diz, parecendo genuinamente impressionado. "Você

aprendeu uma coisa ou duas com nosso querido doutor, vejo."

Eu encolho os ombros, tentando ignorar o calor que se espalha pelo meu corpo. "Alguém tem que impedir os Ghosts de sangrar até a morte."

A risada de Valek é mais suave desta vez, quase carinhosa. "Minha heroína," ele brinca gentilmente.

Eu reviro os olhos, mas não consigo evitar um sorriso enquanto me aconchego em seu lado novamente. Eu ficaria contente em sentar com ele assim pelo tempo que ele quisesse, olhando do penhasco para as ruínas da antiga igreja e o deserto além, mas as nuvens cinzentas se acumulando à distância prometem que vamos ser pegos pela chuva se ficarmos muito mais tempo.

"Devemos voltar," murmuro relutantemente. "Os outros vão se perguntar onde estamos."

Valek acena, levantando e me puxando com ele. "Claro. Não podemos deixá-los pensar que eu te sequestrei."

Eu dou uma risadinha enquanto me levanto, tirando a poeira de minhas roupas. "Tenho certeza que esse navio já partiu, considerando tudo."

Ele se levanta graciosamente, ajustando suas próprias roupas. Por um momento, ele apenas me olha. Há uma intensidade em seu olhar que faz minha respiração falhar.

"Obrigado," ele diz suavemente. "Por me dar outra chance. Eu sei que não mereço, mas—"

Eu o interrompo pressionando um dedo em seus lábios. "Você está certo," digo firmemente. "Você não merece. Mas esse não é o ponto. Nós somos uma matilha. *Você* é da matilha."

"Até eu?" ele pergunta com um leve sorriso.

"Até você," confirmo. Então, porque não consigo resistir, acrescento, "A Deusa nos ajude."

Isso arranca uma risada genuína dele. Eu percebo que uma risada assim do Valek é incrivelmente rara. Apenas pura e desprotegida diversão.

"Vamos?" ele pergunta, oferecendo a mão.

Eu a pego com um sorriso. "Obrigada."

Sua mão está quente na minha enquanto descemos a encosta rochosa. O vento chicoteia meu cabelo ao redor do meu rosto, carregando o cheiro de chuva. Eu o respiro profundamente, saboreando este momento de paz antes de termos que voltar para os outros e enfrentar o que vier a seguir.

Minhas pernas ainda estão um pouco trêmulas do nosso encontro no penhasco, e eu tropeço levemente em uma pedra solta. O braço de Valek envolve minha cintura, me estabilizando. A intimidade casual do gesto faz meu coração pular. Faz tanto tempo que não me permito ficar tão perto dele, confiar nele assim.

Chegamos ao pé da colina, e eu avisto algo brilhando na fraca luz do sol. Uma motocicleta branca e elegante. Deve ser Surhiiran, mas falta o estilo chamativo de sempre. Esta é discreta o suficiente para não ser imediatamente óbvia.

A mão de Valek escorrega da minha enquanto ele se aproxima da moto e pega o capacete pendurado ao lado. Quando ele se vira para mim, percebo o brilho de travessura em seus olhos.

"Segurança primeiro, pequena omega," ele ronrona, sua voz baixa e provocante enquanto caminha até mim com o capacete.

Eu levanto uma sobrancelha para ele. "Você não é o que não pode se dar ao luxo de outra lesão na cabeça?"

"Touché," ele diz, seus lábios se curvando em um sorriso familiar. "Mas eu insisto."

Antes que eu possa protestar mais, ele está deslizando o capacete sobre minha cabeça. Seus dedos roçam minha pele enquanto ele ajusta a alça, e eu tenho que suprimir um calafrio. Mesmo depois do que acabamos de fazer, o menor toque dele deixa meus nervos em chamas.

"Pronto," ele murmura, seu rosto perto do meu enquanto ajusta o capacete, arrumando meu cabelo atrás do pescoço para que não grude no meu rosto. "Perfeito."

Eu reviro os olhos, embora ele não possa ver através do visor escurecido. "Você é ridículo."

"Você adora," ele provoca.

E, pela primeira vez, não consigo negar.

Valek balança a perna sobre a motocicleta. "Suba."

Eu não hesito. Em um movimento fluido, estou atrás dele na moto, meus braços envolvendo sua cintura. Eu me pressiono contra suas costas, saboreando o calor de seu corpo mesmo através de nossas roupas.

"Segure firme," ele diz, sua voz quase inaudível sobre o motor enquanto ele ronrona sob nós, as vibrações intensas entre minhas pernas depois do que acabamos de fazer no penhasco.

Eu aperto meu aperto assim que ele gira o acelerador. A motocicleta avança com força suficiente para me fazer suspirar. Nós rasgamos a estrada sinuosa que leva para longe dos penhascos, o vento chicoteando nossas roupas enquanto o mundo desfoca ao nosso redor, uma mancha de cores suaves sob o céu nublado.

Enquanto fazemos uma curva fechada, não consigo evitar soltar um grito de alegria. Sinto o peito de Valek vibrar com risadas sob minhas mãos. Ele faz a próxima curva ainda mais rápido, inclinando-se com confiança.

Isso é liberdade.

Isso é o que eu estive perseguindo minha vida toda sem perceber.

Não apenas o vento no meu cabelo ou o rugido do motor, mas essa sensação de pertencimento. De fazer parte de algo maior do que eu mesma. De ter pessoas que rasgariam o mundo ao meio para me manter segura, e que eu faria o mesmo por elas.

Não apenas pessoas.

Minha matilha.

CAPíTULO

QUARENTA E QUATRO

IVY



Eu me sento na borda do sofá de veludo macio, observando meus alfas se prepararem para a guerra. O silêncio em nossa base temporária é ensurdecedor. Até o Whiskey não fez uma piada há horas, o que me diz mais sobre seus níveis de estresse do que qualquer palavra poderia.

Plague acabou de voltar de organizar as tropas e passar um tempo com sua família. Sua mãe insistiu em vê-lo antes da invasão, embora Revi tenha optado por ficar para trás e ajudar a coordenar as coisas de Surhiira. Acho que não podem ter todos os três herdeiros do trono em papéis de combate.

O pensamento se instala como um peso de chumbo no meu estômago.

Eu pego o Plague ajustando seu equipamento tático todo preto pela centésima vez, seus movimentos precisos e afiados.

Precisos demais.

Ele está preocupado.

Todos estão. E eles deveriam estar.

Estamos prestes a tentar algo sem precedentes. Uma invasão em grande escala da Capital. O reduto do Conselho. O centro de seu poder e corrupção.

A porta se abre e um homem alto de Surhiira entra, seu uniforme branco adornado com medalhas que refletem a luz. General Larihm. Eu só o conheci algumas vezes, mas ele parece gentil por trás de

sua exterioridade excessivamente séria. Ele se inclina profundamente para o Plague.

"Príncipe Hamsa," ele diz formalmente. "As tropas estão reunidas. Tudo está pronto."

Minha respiração trava na garganta.

Isso está realmente acontecendo.

"E o outro assunto?" Plague pergunta, sua voz cuidadosamente controlada.

"A prisioneira ômega está sendo transferida para a instalação do Sr. Vlakov neste momento," Larihm responde com outra leve inclinação. "Ela deve chegar ao anoitecer."

Após o confronto de Plague com Azarel, ele decidiu que era melhor que Cosima fosse mantida em um terreno mais neutro. Não tenho certeza se Nikolai Vlakov foi a melhor escolha, mas ele é o único com tanto incentivo para realizar este plano quanto o resto de nós. Mesmo que suas lealdades atuais sejam questionáveis, Azarel ainda é de Surhiira—e, tecnicamente, ele tem tanto direito de entrar aqui e exigir acesso a ela quanto Plague.

Quando partirmos, ele terá a oportunidade.

Eu sei que parte de Plague ainda não quer acreditar que seu próprio irmão nos trairia quando estivermos vulneráveis, mas ele também não está arriscando.

Além disso, se minha teoria sobre Cosima e o Cavaleiro estiver correta… talvez ambos estarem sob custódia de Nikolai por enquanto não seja a pior coisa. Não é exatamente o que eu tinha em mente quando prometi ajudá-lo, mas agora não há mais nada que eu possa fazer.

"E o mensageiro?" Plague pergunta.

O general Larihm acena com a cabeça. "Ele será despachado assim que recebermos a notícia de que nossas forças romperam o perímetro, como você instruiu."

Eu fico tensa com suas palavras, lembrando da promessa de Plague ao irmão. Que, mesmo que ele morra neste ataque, alguém entregará a localização de Cosima a Azarel.

O pensamento faz meu estômago revirar.

Todos podem morrer hoje.

A realidade do que estamos prestes a fazer se instala como um peso de chumbo. Não estamos apenas lutando por nós mesmos agora. Estamos lutando por todos os ômegas presos sob o controle do Conselho. Por todas as famílias dilaceradas por sua tirania.

Pela liberdade.

Mas o custo pode ser devastador.

Eu olho ao redor para o resto da minha matilha, absorvendo a visão deles.

Thane verificando suas armas, seus olhos escuros tempestuosos.

Wraith pairando perto da janela mais próxima de mim, observando ameaças mesmo aqui em nossa base segura.

Whiskey sentado anormalmente quieto, sua energia inquieta contida como uma bomba prestes a explodir.

Valek à espreita em silêncio nas sombras, rondando e andando de um lado para o outro.

Eu tenho tanto a perder.

Todos nós temos.

Mas no fundo, eu sei que, para entrar no futuro que poderíamos ter juntos, temos que enterrar os fantasmas do nosso passado.

"Os mercenários também estão em posição," Larihm continua. "Embora eu deva expressar minhas reservas sobre confiar—"

"Suas reservas foram anotadas," Plague o interrompe suavemente. "Mas Vlakov cumprirá sua parte. Ele tem muito a ganhar nos ajudando—e muito a perder nos traindo."

Eu não tenho tanta certeza, mas agora é tarde demais para dúvidas.

"Muito bem, Sua Alteza." Larihm se inclina novamente. "Devo dar a ordem para partir?"

Os olhos de Plague encontram os meus do outro lado da sala. Naquele momento, eu vejo tudo o que ele não está dizendo. Seu medo, sua determinação, seu amor por todos nós.

Eu lhe dou um pequeno aceno.

O que quer que aconteça, estamos enfrentando de frente.

Como uma matilha.

"Sim," ele diz, voltando-se para Larihm. "Dê a ordem. Nós nos reunimos na antiga mina, próximo ao posto de controle nordeste da

Capital."

Quando o general sai, eu me levanto e me movo para o centro da sala. Meus alfas gravitam em minha direção instintivamente, formando um círculo solto. Por um momento, apenas nos olhamos. Eu me pego tentando gravar cada um de seus rostos em minha mente, mas então percebo que eles já estão lá, gravados profundamente em minha alma.

"Bem," Whiskey finalmente quebra o silêncio, sua voz rouca. "Acho que é isso, hein?"

"É isso," Thane confirma sombriamente. "Todos prontos?"

"Prontos para invadir uma das nações mais poderosas da terra?" Plague pergunta secamente. "Existe isso?"

Eu mudo meu peso ansiosamente, observando meus alfas se prepararem para o que pode ser nosso último combate juntos. A realidade do que estamos prestes a fazer me atinge com mais força a cada segundo que passa. Meu peito parece apertado. Como se eu não conseguisse ar suficiente.

Eu poderia perdê-los.

Qualquer um deles.

Todos eles.

O pensamento faz meus joelhos fraquejarem. Eu fisicamente não consigo imaginar isso. As palavras estão na ponta da minha língua, me tentando com a facilidade de soltá-las. Para mantê-los todos seguros.

Por favor, não façam isso.

Podemos encontrar outro jeito.

Qualquer outro jeito.

Mas antes que eu possa dar voz ao meu momento de fraqueza, Valek fala de sua posição nas sombras.

"Vamos mesmo fazer isso?"

Todos congelam enquanto ele ecoa de alguma forma a súplica que reverbera em meu cérebro. Eu pego os olhares agitados que passam entre os outros, a maneira como seus ombros se tensionam com suas palavras.

"Fazer o quê?" Thane rosna. "A invasão? Um pouco tarde para hesitar agora."

Mas os olhos prateados de Valek estão fixos em mim. "Não," ele diz suavemente. "Não a invasão."

"Então o quê?" Whiskey exige impacientemente. Tão sério. Tão diferente de si mesmo.

"Estamos prestes a embarcar no que é de longe a missão mais imprudente, audaciosa e suicida que já tentamos," Valek continua, seu sotaque engrossando com a emoção. "E *isso* é dizer algo. Ainda assim, estamos dançando em volta do óbvio por medo do desconhecido."

Os outros trocam olhares confusos.

Até eu não tenho certeza para onde ele está indo com isso.

Valek dá um passo à frente, e pela primeira vez, sua graça predatória habitual é substituída por algo quase vulnerável. "Eu tenho mais do que arrependimentos suficientes para uma vida," ele diz suavemente. "Se eu for morrer hoje, não quero que este me assombre na vida após a morte."

Meu coração bate forte contra minhas costelas enquanto ele se aproxima.

"Eu te amo," Valek diz simplesmente para mim. "E como parece que os outros, com exceção de Wraith, estão com medo de te assustar ao colocar isso em palavras, bem..." Um fantasma de seu sorriso habitual brinca em seus lábios. "Eu já sou o vilão. Então vou dizer. Eles também te amam."

"Valek," Thane adverte, mas há algo em sua voz que eu nunca ouvi antes. Algo cru e exposto.

"Não era seu lugar," Plague diz severamente.

O sorriso de Valek se alarga. "Não? Então quando? Depois que estivermos mortos?" Ele balança a cabeça, olhando intensamente para mim. "Finalmente era a hora certa."

Tudo o que posso fazer é olhar para ele.

Para todos eles.

"Sim," Whiskey diz roucamente, cruzando os braços. "Nós te amamos, gata selvagem."

"Desde o momento em que te vimos," Plague diz suavemente, dando um passo à frente. "O momento em que sentimos seu cheiro e nossos mundos individual e coletivamente mudaram de eixo..." Ele

engole com dificuldade. "Sabíamos que você era nossa. E nós éramos seus."

Wraith se aproxima, as correias de couro que seguram seu equipamento blindado rangendo suavemente enquanto ele sinaliza. *Sempre.*

"Nós não queríamos pressionar você," Thane acrescenta asperamente. "Depois de tudo o que você passou... sabíamos que poderia levar um tempo até que você estivesse pronta para ouvir isso. Sabíamos que havia uma chance de que você nunca estivesse pronta."

"Mas agora podemos morrer," Valek corta, direto como sempre, ganhando outra rodada de olhares severos. "O quê? Podemos. E eu me recuso a morrer sem que ela saiba a verdade. Vocês se recusam?"

Thane suspira. "Não," ele concede, seus olhos encontrando os meus. "Ele está certo. Eu te amo. Mais do que palavras podem dizer."

"Eu também te amo," Plague acrescenta suavemente, seu tom habitual distante em lugar algum. Apenas calor e vulnerabilidade agora.

A voz de Whiskey quebra um pouco enquanto ele acrescenta, "Sim. Te amo mais do que qualquer coisa, gata selvagem."

Os olhos de Wraith se apertam nos cantos enquanto ele sinaliza também. Ele já me disse antes, mas ver aquele sinal novamente faz meu coração cantar. *Eu te amo.*

"Eu já disse, mas vou dizer de novo," Valek diz com aquela voz aveludada. "Eu te amo, pequena ômega."

Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto o peso de suas palavras—seu amor—me envolve. Eu não estava esperando por isso, e se eu tivesse sabido que toda a matilha ia declarar seu amor por mim, eu poderia ter ficado assustada. Com medo, até. Mas agora que está realmente acontecendo, não é apenas ok, é…

É incrível.

Meus lábios se separam enquanto tento formar as palavras que queimam no meu peito, mas Thane levanta a mão.

"Não," ele diz gentilmente. "Não diga só porque nós dissemos. Apenas diga quando estiver pronta. *Se* estiver pronta."

Uma risada chorosa escapa de mim enquanto olho para eles através de minhas lágrimas. "Estou pronta," sussurro, minha voz rouca. "Eu também te amo. Eu os amo há mais tempo do que provavelmente queria admitir para mim mesma."

A tensão na sala se quebra como uma represa. Eles se movem como um, me cercando em um círculo de calor, força e devoção. Seus cheiros me envolvem enquanto seus braços fortes me cercam.

O cheiro de casa.

"Eu não sei se consigo fazer isso," murmuro, de repente me sentindo como se estivesse prestes a desmoronar em seus braços. Eu consigo fazer muita coisa, mas aparentemente, não saber se todos esses homens por quem me apaixonei vão sair vivos disso é demais.

"Você não vai nos perder," Plague diz firmemente, sua mão encontrando a minha.

"Somos teimosos demais para morrer," Whiskey concorda com um resmungo.

"Quando você se tornou nossa ômega," Thane diz, sua voz profunda ressoando em mim, "nós fizemos uma escolha. De te dar tudo o que você merece. E parte disso é um mundo melhor."

"Um mundo onde os ômegas não são propriedade," Plague continua.

"Onde ninguém precisa viver com medo," Whiskey acrescenta.

"Onde você pode ser livre," Valek termina suavemente.

Wraith ronrona em concordância, seu corpo enorme se aproximando protetoramente.

Eu engulo o nó crescente na garganta para poder falar. "Então vamos fazer esse mundo. E quando estivermos todos em casa, quando estivermos todos seguros… eu quero que todos me marquem."

"O que você disse?" Thane pergunta, seu tom ainda mais áspero.

Eu respiro fundo, olhando para meus alfas enquanto eles me olham em silêncio atordoado. "Eu quero que vocês me marquem," repito com mais firmeza. "Todos vocês. Quando chegarmos em

casa." Eu levanto a mão para tocar o lugar onde meu pescoço encontra meu ombro, onde uma marca de acasalamento ficaria, perto da minha cicatriz. "Eu quero ser completamente de vocês. E quero que vocês sejam meus."

"Pequena ômega..." Valek me olha como se não tivesse certeza se estava me ouvindo corretamente. "Você tem certeza?"

"Sim," digo sem hesitar. "Eu nunca tive tanta certeza de algo." Eu olho ao redor para todos eles, encontrando cada um de seus olhares por vez. "Então é melhor que todos voltemos vivos, porque não vou fazer isso sem nenhum de vocês."

"Porra," Whiskey respira com uma risada baixa. "Isso... isso é um baita incentivo para ficar vivo, gata selvagem."

"Essa é a ideia," digo com um pequeno sorriso. "Eu preciso que todos prometam que vão ter cuidado. Que vão voltar para mim." Minha voz quebra levemente. "Porque vocês não são apenas minha matilha. Vocês são minha família. Meu lar."

Thane me puxa para mais perto, pressionando sua testa contra a minha. "Nós prometemos," ele diz asperamente. "Nada neste mundo poderia nos impedir de voltar para você. Nada em *nenhum* mundo."

"Então está decidido," digo, tentando ignorar a maneira como meu coração acelera com suas palavras, com as promessas em seus olhos. "Nós entramos, derrubamos o Conselho, voltamos para casa..." Eu engulo com dificuldade. "E então vocês me fazem de vocês."

"Você já é nossa," Thane diz suavemente. "As marcas só vão tornar isso oficial."

"Sim," murmuro, me sentindo um pouco mais em paz agora. "Oficial."

Meus alfas me seguram por mais um longo momento, me cercando como um casulo protetor. O peso do que acabamos de admitir um ao outro paira no ar, mas não parece mais pesado.

"Bem, merda," Whiskey finalmente diz, quebrando o silêncio. "Isso ficou bem sentimental bem rápido." Ele limpa dramaticamente os olhos. "Alguém tem um lenço? Acho que caiu algo no meu olho. Provavelmente o perfume do Plague."

"E ele está de volta," Plague murmura, mas eu pego o alívio em sua voz. A leve curva ascendente de seus lábios.

Eu observo enquanto meus alfas se movem pela sala com eficiência treinada, fazendo verificações finais de armas e ajustando equipamentos táticos. Até seus movimentos parecem mais leves agora, como se confessar nossos sentimentos tivesse tirado algum peso invisível de seus ombros.

De repente, não tenho mais certeza se eles estavam agindo sombrios por causa da guerra. Talvez fosse apenas o peso de tudo o que ficou não dito. Considerando que esses são alfas militares endurecidos que prosperam em uma zona de combate e congelam quando se trata de discutir emoções, acho que isso faz sentido.

"Hora de partir," Thane diz, sua voz profunda carregando aquele comando natural que nos faz endireitar instintivamente.

"Lembrem-se," Plague diz enquanto nos dirigimos para a porta. "Sigam o plano. Entramos, vamos direto para as câmaras do Conselho. Eles vão evacuar os VIPs para um lugar para poder protegê-los todos. Eles serão alvos fáceis enquanto nossos exércitos enfrentam as forças da Capital, e então—"

"E então nós arrasamos," Whiskey interrompe alegremente. "Entendi."

"Isso... não é exatamente como eu colocaria," Plague suspira.

"Mas é isso que vai acontecer," Whiskey aponta.

"Ele não está errado," digo, ganhando um sorriso orgulhoso de Whiskey e um olhar exasperado de Plague.

As coisas parecem normais novamente.

Tão normais quanto podem ser agora, pelo menos.

Seguimos para fora de nossa base temporária para a luz do dia que se transformará em noite quando chegarmos a Reinmich, passando pelas fileiras de soldados de Surhiira que se posicionam em atenção ao ver seu príncipe, enquanto os mercenários de Nikolai se movem em sua variedade de equipamentos. O contraste seria engraçado se não fosse pelas expressões mortalmente sérias nos rostos de todos.

"Prontos?" Thane pergunta quando chegamos à frente do comboio.

"Prontos," digo firmemente.

Whiskey abre as portas com seu flair dramático habitual, revelando o caos organizado de nossas forças reunidas. Tropas de Surhiira estão diante de nós em formação perfeita em um mar de branco imaculado, todos os olhos em nós.

"Bem, então," Whiskey diz, estalando os nós dos dedos com um sorriso selvagem. "Vamos ganhar uma guerra nessa porra."

CAPíTULO

QUARENTA E CINCO

PESTE



O antigo posto da mina surge diante de nós, uma cicatriz irregular esculpida na encosta da montanha. Meus olhos escaneiam o perímetro, procurando por qualquer sinal de movimento ao longo da muralha. Parece enganosamente frágil, desmoronando em alguns lugares, coberto por vegetação teimosa que se agarra à vida nessa paisagem hostil.

Eu sei melhor.

Reinmich não faz nada pela metade, especialmente quando se trata de fortificações. Mas Azarel escolheu este como nosso melhor ponto de entrada por uma razão. O pensamento do meu irmão envia uma nova onda de inquietação através de mim, mas eu a reprimo.

Não há espaço para dúvidas agora.

Nossas forças ocultas devem estar em posição, deslizando pela floresta como sombras. Eu imagino Valek entre eles, seus olhos prateados brilhando na escuridão enquanto ele prepara seu rifle.

Por uma vez, estou feliz por ter a cobra do nosso lado.

E não apenas porque ele apareceu quando mais precisei.

Nikolai caminha ao meu lado, seu casaco vermelho-sangue um borrão de cor vívida contra os tons suaves do nosso entorno. Mas aparentemente, não há como convencê-lo a abandonar sua ótica ostentosa, mesmo no meio de uma guerra. Para ser justo, se as forças de Reinmich nos notarem, será por causa do exército, não do seu senso de fashion obnoxioso.

Seu rosto marcado está torcido em um sorriso cético enquanto ele murmura: "Ponto fraco, minha bunda. Esse seu contato é melhor que funcione."

Eu encaro seu olhar firmemente, mantendo minha voz calma e confiante. "Ele vai. Ele é um homem de palavra."

As palavras têm um gosto amargo na minha língua. Antes, eu teria apostado minha vida na honra de Azarel sem hesitar.

Agora... não tenho tanta certeza.

Mas não posso deixar essa incerteza transparecer.

Não quando tanto depende deste momento.

Sinto a preocupação de Whiskey e Ivy. Voltando-me para eles, ofereço um sorriso tranquilizador. Parece forçado, mas espero que seja convincente o suficiente.

Com movimentos deliberados, eu pego a máscara de médico da peste pendurada no meu cinto. Esta é adornada com filigrana dourada Surhiirana, mas, de outra forma, é uma réplica. O peso familiar dela em minhas mãos é estranhamente reconfortante. Quando a coloco, ajustando as tiras de couro, uma sensação de acerto se instala sobre mim.

Este é quem eu sou agora.

Um curador e um arauto da morte em igual medida.

Pelo menos por esta noite.

Se eu sobreviver a este dia ou não, será o último dia em que usarei esta máscara. Ou eu morrerei, ou acordarei amanhã em uma nova vida com minha matilha.

Com Ivy.

As lentes da máscara tingem o mundo em tons de âmbar, fazendo tudo parecer surreal. É apropriado. O que estamos prestes a fazer ainda parece um sonho febril às vezes.

Eu verifico meu relógio, a inquietação se enrolando no meu estômago ao notar a hora. Estamos no limite. *Muito* no limite. Uma voz traiçoeira no fundo da minha mente sussurra que talvez eu esteja errado. Talvez a honra não signifique mais nada para Azarel.

Afinal, nossa irmandade já significou algo também.

E veja como isso desmoronou facilmente.

Os segundos passam, cada um parecendo uma eternidade enquanto a energia inquieta se espalha por nossas forças. As tropas Surhiiranas estão em perfeita atenção, um mar de branco e dourado, enquanto os mercenários de Nikolai se movem e murmura entre si. Dois exércitos muito diferentes com habilidades drasticamente distintas, unidos por um objetivo impossível.

Justo quando estou prestes a sinalizar uma mudança de planos, o mundo explode em caos.

Explosões rasgam o ar, uma tempestade trovejante que sacode o chão sob nossos pés. Plumas de poeira e detritos se elevam enquanto cargas detonam ao longo da muralha. À distância, a torre de guarda do posto de controle de pedra desmorona sobre si mesma, levando consigo qualquer um que estivesse dentro. A única ameaça com a qual precisamos nos preocupar neste lado da cidade.

Por um momento, tudo o que posso fazer é encarar.

Ele cumpriu sua palavra.

Azarel manteve sua palavra.

"Uau," Whiskey respira reverentemente.

"Melhor que fogos de artifício," Ivy concorda.

Um alívio feroz manchado de esperança perigosa brota dentro de mim, misturando-se com a adrenalina já correndo em minhas veias. Ao meu lado, o rosto de Nikolai se abre em um sorriso de lobo.

"Ora, ora," ele diz, sacando seu revólver dourado chamativo e girando-o no dedo. "É hora do show."

Eu aceno com a cabeça, virando-me para o General Larihm. Os olhos do comandante Surhiirano brilham com determinação acima de seu lenço. "Você sabe o que fazer," eu digo, minha voz firme apesar da batida acelerada do meu coração.

Larihm se inclina profundamente. "Que nossa Deusa nos proteja, Sua Alteza."

Pouco ele sabe que minha deusa está ao meu lado, em carne e osso.

Com isso, ele se vira e começa a gritar ordens para nossas tropas. O ar se enche com o som de armas sendo preparadas, de botas batendo contra a terra enquanto nossas forças avançam.

Eu saco minha própria arma. A lâmina Surhiirana que se tornou uma extensão de mim novamente, apesar de todos os anos que passamos separados. Seu metal imaculado parece brilhar na luz que se esvai, um farol de esperança em meio à carnificina que está prestes a se desenrolar.

"Certo, seus malucos," Whiskey grita, seu sorriso feroz e selvagem. Ele sempre marchou ao som de seu próprio tambor, e é o único de nós que não está usando uma máscara. "Vamos causar um caos!"

Wraith solta um rugido arrepiante de concordância, já se movendo em direção à brecha na muralha com um propósito mortal. Thane se junta a ele. Ambos estão usando máscaras que são referências às que usavam como Fantasmas—uma máscara de gás para Wraith e uma máscara de caveira para Thane—mas as deles também têm detalhes dourados e fios de ouro.

Eu me viro para Ivy, absorvendo a visão dela. Mesmo no meio dessa loucura, ela é de tirar o fôlego. Seu cabelo flamejante esvoaça ao redor do rosto, e há uma determinação em seu queixo que faz meu coração inchar de orgulho e amor.

"Fique perto," eu digo a ela, estendendo a mão para apertar a dela. "Não importa o que aconteça lá dentro—"

"Eu sei," ela me interrompe, apertando minha mão de volta, um leve sorriso brincando em seus lábios. "Sem imprudência."

Eu aceno com a cabeça, engolindo em seco o nó na minha garganta. Há muito mais que eu quero dizer, mas agora não é a hora.

Temos uma guerra para vencer primeiro.

Eu mantenho Ivy perto enquanto nos movemos pelo caos que explode ao nosso redor, meu coração batendo forte contra minhas costelas. Os sons da batalha ecoam pelos edifícios de pedra da capital. Tiros, explosões, gritos. O ar está denso com fumaça e o cheiro acre de cordite.

Mas temos uma missão.

Thane e Wraith estão caçando seu pai neste momento.

Como uma barata, ele fugirá no momento em que perceber que a capital está condenada a cair, e não podemos deixar que ele tenha

a chance de reunir reforços. Enquanto isso, Whiskey, Ivy e eu estamos indo direto para as câmaras do Conselho. Eu vejo o trabalho de Valek enquanto nos movemos. Guardas caindo silenciosamente de seus postos, tiros precisos que falam de um atirador magistral nos observando como uma espécie de anjo da guarda desequilibrado.

"Por aqui," eu murmuro para Ivy, puxando-a para um beco estreito enquanto outra explosão sacode a rua atrás de nós. Detritos caem, mas já estamos nos movendo.

Ela fica perto, como prometeu. Sua mão pequena está quente na minha enquanto eu a guio pelo labirinto de ruas laterais e becos. Estamos dando a volta longa, evitando as vias principais onde a maior parte da luta está concentrada.

Um flash de movimento à frente me faz parar, mas é apenas um gato correndo entre latas de lixo. Ainda assim, eu pressiono Ivy contra a parede, protegendo-a com meu corpo até ter certeza de que está tudo limpo.

"Estou bem," ela sussurra, mas não luta contra meus instintos protetores.

Mesmo agora, no meio de uma zona de guerra, ela está tentando me tranquilizar.

Chegamos a uma escada de incêndio e eu a impulsiono para cima, seguindo logo atrás. O metal range sob nosso peso enquanto subimos, mas aguenta. Deste ponto de vista, posso ver o escopo completo da batalha que se desenrola abaixo.

Tropas Surhiiranas em seus uniformes brancos imaculados colidem com as forças de Reinmich nas ruas. Os mercenários de Nikolai se movem como sombras pelo caos, atacando onde menos se espera. O som do combate é ensurdecedor, mas estamos acima da maior parte dele agora.

Um guarda aparece no telhado à nossa frente, mas antes que eu possa sequer alcançar minha arma, ele cai com um buraco limpo entre os olhos.

O trabalho de Valek novamente.

"Lembre-me de agradecê-lo depois," Ivy diz secamente.

"Se você insistir," eu digo com um suspiro, ganhando uma leve risada que aperta meu peito.

Nós fazemos nosso caminho pelos telhados, mantendo-nos abaixados e usando as unidades de ventilação como cobertura. As câmaras do Conselho se erguem à frente, uma estrutura imponente de vidro e aço que parece zombar da pobreza ao seu redor.

Eu avisto o volume de Whiskey perto da entrada de serviço, sua estrutura massiva inconfundível mesmo a essa distância. Ele está colocando cargas ao redor da porta reforçada, movendo-se rapidamente. Ele sabe exatamente o que está fazendo.

Meu coração afunda de alívio ao vê-lo ileso e fazendo sua coisa favorita que não está relacionada a Ivy. Ou a mim.

Explodindo coisas.

"Ali," eu sussurro para Ivy, apontando para ele.

Ela acena com a cabeça, meu alívio refletido em seu olhar.

Aceleramos o passo, mantendo-nos nas sombras. Mais guardas caem silenciosamente enquanto nos aproximamos, Valek limpando nosso caminho com precisão cirúrgica. Minhas lentes me ajudam a captar o brilho sutil de sua luneta de uma torre distante que ele tomou, e eu permito-me um pequeno sorriso.

A cobra tem seus usos.

Quando chegamos a Whiskey, ele está terminando a última carga. "Demorou o suficiente," ele diz sem olhar para cima de seu trabalho. "Estava começando a pensar que vocês se perderam."

"Alguns de nós preferem não avançar direto pelo meio de uma zona de guerra," eu respondo.

Ele sorri para nós, os olhos brilhantes. "Onde está a diversão nisso?"

Uma bala passa zunindo, atingindo a parede atrás de nós com uma faísca. Todos nós nos abaixamos instintivamente, mas o guarda que atirou já está caindo, outro tiro perfeito na cabeça de Valek.

Eu vejo o rosto de Whiskey se iluminar com aquele sorriso maníaco que eu aprendi a temer e apreciar. Ele está praticamente vibrando de empolgação enquanto nos acena para trás de uma unidade de ventilação.

"Afaste-se e observe," ele grita, correndo em direção à nossa posição como se tivéssemos algo melhor para fazer. "Esta é a minha parte favorita!"

Ele mergulha atrás da cobertura no momento em que a primeira carga detona.

A explosão sacode o edifício, enviando tremores pelo aço sob nossos pés. A porta reforçada não apenas se abre, ela se desintegra em uma exibição espetacular de fogo e estilhaços. As cargas secundárias explodem em rápida sucessão, cada explosão perfeitamente cronometrada para criar uma reação em cadeia devastadora.

Eu tenho que admitir, é impressionante de uma forma caótica.

Gritos de alarme ecoam de dentro enquanto guardas surgem pela abertura cheia de fumaça. Eles são bem treinados, movendo-se em formação tática apesar da surpresa, mas estamos prontos para eles.

Um guarda à esquerda cai com uma bala na garganta enviada diretamente por Valek acima de nós. Eu derrubo mais dois com minhas facas de arremesso enquanto eles emergem. O volume massivo de Whiskey se ergue ao meu lado, seu rifle disparando morte em rajadas controladas.

Entre nós três, tudo acaba em segundos.

Eu entro correndo no prédio e escaneio o saguão em busca de qualquer sinal de movimento antes de fazer o chamado. "Limpo!"

"Limpo!" Whiskey ecoa, levando Ivy para a segurança do prédio.

Outro tiro ecoa da posição de Valek, seguido pelo baque distante de um corpo atingindo o chão à distância.

"Fique perto," eu sussurro para Ivy, olhando para as escadas de mármore. "Haverá mais guardas no nível superior."

"Onde todos os porquinhos estão se escondendo," Whiskey diz com um sorriso maluco, cartuchos vazios caindo no chão enquanto ele engatilha seu rifle.

"Bom trabalho com as cargas," Ivy chama para Whiskey enquanto nos movemos em direção às escadas.

Seu peito incha de orgulho. "Certo? Você viu como a explosão secundária criou aquele perfeito—"

"Podemos discutir a teoria das demolições mais tarde," eu o interrompo, embora não consiga evitar o afeto em minha voz. "Precisamos nos mover."

"Oh, *você* é quem fala de falar demais quando não deveria," Whiskey responde para mim.

A fumaça ainda se enrola dos restos retorcidos da moldura da porta enquanto eu assumo a liderança e começamos nossa subida pelas escadas. Minhas botas são silenciosas contra a pedra polida, e atrás de mim, Ivy também. Até Whiskey não está fazendo barulho. As câmaras do Conselho estão logo à frente, mas eu sei melhor do que pensar que isso será fácil.

Os guardas aqui serão diferentes.

Forças de elite encarregadas de proteger o Conselho a qualquer custo.

Com certeza, ao dobrar a esquina para o patamar superior, uma saraivada de tiros nos força a voltar para a cobertura. Eu vejo pelo menos oito guardas em equipamento tático, dispostos em posições defensivas ao redor das portas duplas ornamentadas.

"Abordagem sutil?" Whiskey sussurra com um olhar que diz que ele já sabe minha resposta.

"Quando isso já funcionou para nós?" eu respondo secamente.

Ele sorri amplamente. "É disso que eu gosto de ouvir."

Antes que eu possa detê-lo, ele avança com um grito de batalha selvagem, disparando tiros de supressão de seu rifle. Os guardas se espalham, mergulhando para se proteger atrás de pilares de mármore e móveis virados para criar barreiras improvisadas.

Eu suspiro internamente, mas me movo para apoiá-lo, brandindo minhas lâminas enquanto me escondo nas sombras.

É assim que sempre trabalhamos.

Seu caos criando aberturas para minha precisão.

Um guarda aparece para mirar em Whiskey, mas minha faca de arremesso encontra sua garganta antes que ele possa puxar o gatilho. Outro tenta nos flanquear, e eu estou lá em um instante, minha lâmina abrindo sua artéria femoral em um corte limpo.

O volume massivo de Whiskey atrai a maior parte da atenção, seu tamanho o tornando um alvo óbvio enquanto ele mantém um

fluxo constante de tiros. Ele está se expondo, mas eu sei que é melhor não dizer para ele ter mais cuidado. Além disso, seu ataque imprudente está impedindo que eles organizem uma defesa eficaz.

Eu vejo movimento à minha esquerda. Um guarda tentando circular atrás de nós. Minha lâmina brilha, captando a luz enquanto arqueia pelo ar. O guarda cai com um gorgolejo, segurando a garganta.

"Exibido!" Whiskey grita enquanto recarrega.

Estou prestes a retrucar quando vejo. Um guarda conseguiu se posicionar atrás de uma mesa caída, mirando cuidadosamente nas costas expostas de Whiskey. Meu coração para. Estou longe demais, minhas mãos vazias de facas de arremesso.

Mas então uma lâmina passa zunindo pelo meu ouvido, girando no ar, e se enterra entre os olhos do guarda com precisão mortal. Ele cai sem um som, seu tiro errando o alvo.

Eu me viro para ver Ivy parada ali, seus olhos arregalados com uma leve surpresa. Ela está segurando o braço estendido em uma forma de acompanhamento perfeita.

Os guardas restantes caem rapidamente entre os tiros de supressão de Whiskey e minhas lâminas. Quando o último corpo cai no chão, o silêncio desce sobre o corredor.

"Boa forma," eu digo para Ivy, incapaz de evitar o orgulho em minha voz.

"Você estava escondendo isso de nós, gatinha," Whiskey diz com um assobio de apreciação enquanto recarrega seu rifle. "Salvou minha bunda lá atrás."

"Obrigada," ela diz com um pequeno sorriso.

Eu me movo para recuperar sua faca do guarda caído, limpando-a antes de devolvê-la a ela. Nossos dedos se tocam enquanto ela a pega, e mesmo através de minhas luvas, sinto o calor de seu toque.

Eu vejo os olhos de Whiskey se iluminarem com aquele brilho animado que conheço tão bem enquanto nos posicionamos em frente às portas da câmara do Conselho. Ele estava esperando por este momento.

"Permita-me," ele diz, recuando para pegar impulso.

Antes que eu possa protestar, ele avança como um touro, seu ombro batendo nas portas duplas ornamentadas. Elas explodem para dentro com um estrondo trovejante que faria suas cargas de demolição se orgulharem.

Os quatro guardas estacionados dentro reagem instantaneamente, mas Whiskey é mais rápido. Seu rifle dispara quatro tiros precisos em rápida sucessão. Os guardas caem onde estão, seus corpos batendo no chão de mármore com baques surdos.

"Ninguém se mexe!" Whiskey ruge, brandindo seu rifle para o grupo de membros do Conselho agrupados como ovelhas assustadas.

Eu escaneio seus rostos rapidamente, notando Monty Filch entre eles. O beta parece ainda mais patético do que o normal, praticamente se escondendo atrás de seus colegas do Conselho. Vários deles alcançam armas escondidas, e meu coração pula na garganta.

"Ivy, abaixe-se!" Whiskey e eu gritamos em uníssono.

Mas ela já está se movendo, mergulhando atrás de uma pesada mesa de carvalho com a graça fluida de alguém que passou a vida evitando perigos.

E esta será a última vez que ela terá que fazer isso.

Os membros armados do Conselho não têm chance. Entre os tiros precisos de Whiskey e minhas lâminas, mais quatro corpos caem no chão antes que eles possam sequer nivelar suas armas. Seus projéteis e minha faca se alojam no peito de um ao mesmo tempo, a ponto de eu nem ter certeza de qual de nós o matou.

"Ah," Whiskey diz, claramente tendo o mesmo pensamento de uma perspectiva muito diferente, seu tom zombeteiramente doce. "Uma atividade de casal!"

"Ah, cala a boca," eu retruco, sacando minha arma, já que é uma ferramenta muito mais eficiente quando se trata de lidar com um grupo.

Os membros restantes do Conselho levantam as mãos em rendição, seus rostos pálidos de terror.

"Escolha inteligente," eu digo friamente, avançando para amarrar seus braços e revistá-los em busca de armas. Precisaremos de reféns para as negociações depois que tomarmos a cidade.

Esses covardes chorões servirão perfeitamente.

Estou revistando um membro particularmente choroso do Conselho quando um movimento chama minha atenção. Um dos guardas que pensávamos estar morto está se levantando, sua mão alcançando sua arma. Ele mira em mim e tudo o que sinto é alívio por não ser um deles. O tempo parece desacelerar enquanto percebo que não conseguirei reagir a tempo.

Um tiro ecoa, e eu me preparo para o impacto.

Mas ele nunca vem.

Em vez disso, o guarda cai como um boneco com as cordas cortadas, um buraco limpo no centro exato de sua testa. Sangue escuro se acumula sob ele, se espalhando pelo chão de mármore imaculado.

"Boa hora," eu murmuro, assumindo que é Valek cuidando de nossas costas como de costume.

Mas quando me viro, não são os olhos prateados de Valek que encontro.

São os olhos azuis gelados de Azarel.

Meu irmão está na porta, sua estrutura massiva silhuetada contra o caos visível através das portas quebradas. Seu uniforme cinza e dourado de Reinmich e seus longos cabelos negros estão salpicados de sangue, e sua mão direita—a que Valek atirou—está enfaixada. Mas a pistola em sua mão esquerda está firme enquanto ele a abaixa.

"Você sempre teve um ponto cego à esquerda," ele diz secamente.

Eu o encaro, incapaz de processar o que estou vendo. "O que você está fazendo aqui?"

"Salvando sua vida, aparentemente." Seus olhos escaneiam a sala, absorvendo a carnificina com um desapego clínico. "Embora eu veja que você conseguiu fazer uma bela bagunça sem minha ajuda."

"Ei, que porra é essa?" Whiskey resume eloquentemente meus pensamentos.

Azarel o ignora, seus lábios se curvando em algo que poderia ser um sorriso em qualquer outra pessoa. Nele, parece mais um predador mostrando os dentes. "As forças do Conselho estão em desordem. Seus exércitos estão garantindo o perímetro da cidade enquanto falamos." Ele faz uma pausa, seus olhos encontrando os meus. "Achei que você poderia precisar de reforços."

"Você disse que se nos visse novamente, atiraria," eu lembro, ainda não totalmente convencido de que isso não é algum tipo de armadilha.

"Eu disse," ele responde, acenando com a cabeça para o guarda morto que ele acabou de derrubar. Ele entra na sala, os passos de suas botas de couro preto polido ecoando pelo teto abobadado das câmaras internas.

Eu vejo um flash de vermelho enquanto Ivy lentamente espreita de trás da mesa, observando com o mesmo choque que sinto. Ela se encolhe instintivamente quando outro tiro ecoa e um dos membros desarmados do Conselho cai no chão.

Antes que eu possa reagir, outro cai.

E outro.

"Que *porra*?" Whiskey ruge novamente enquanto Azarel continua caminhando pela fila até o último membro restante do Conselho.

Azarel o ignora enquanto finalmente para em frente a Monty. O beta está tremendo em suas restrições, e a frente de suas calças escurece enquanto meu irmão se aproxima. Considerando que este é o mesmo homem que deixou sua ômega à mercê do inimigo, não posso dizer que estou surpreso.

Mas estou repugnado, mesmo assim.

"Não faça isso," eu aviso, dividido entre alcançar minha própria arma e não querer que isso se torne uma luta até a morte desnecessariamente. "Eles eram nossa alavancagem."

"Errado," Azarel diz calmamente, o revólver pendurado casualmente em sua mão esquerda enquanto estuda nosso último peão choroso com um grau de frieza que é surpreendente, mesmo para ele. "Eles eram testemunhas. Não posso deixar que você os entregue aos remanescentes de Reinmich que surgirem das cinzas e estraguem minha cobertura, posso?"

Os olhos de Whiskey se estreitam e ele parece pronto para atacar. "Seu filho da—"

Antes que eu possa detê-lo, Ivy surge de seu esconderijo e o agarra pelo pulso, puxando-o de volta. Azarel ignora os dois, sua atenção fixa em Monty.

Eu observo meu irmão, tentando ler seu rosto, mas é como olhar para uma estátua de mármore. Frio. Impassível. Ainda assim, algo mudou sob aquela exterior gelado desde nosso confronto na igreja.

"Podemos trabalhar juntos," eu digo, mantendo minha voz firme apesar da tensão que trava meus músculos. "Há outra maneira."

Os olhos de Azarel encontram os meus, e por um momento, eu capto um vislumbre de algo quase humano por trás daquela máscara cuidadosamente construída. Algo como nostalgia.

Mas desaparece tão rápido quanto aparece.

"Você escolheu seu caminho, irmão," ele diz, sua voz carregando menos veneno do que antes. Quase... respeito. Ou talvez apenas resignação. "E eu escolhi o meu."

Antes que eu possa responder, ele se vira de volta para Monty. Os olhos do beta se arregalam enquanto Azarel levanta sua arma e pressiona o cano contra a testa de Monty. A mancha úmida nas calças caras de Monty se alarga.

"Por favor," Monty gagueja, sua voz falhando. "Por favor, eu farei qualquer coisa. Tenha piedade!"

Um sorriso frio curva os lábios de Azarel e, pela primeira vez, toca o gelo em seus olhos. "Implore," ele diz simplesmente.

Monty congela, confusão piscando em seus traços.

"Quero ouvir você implorar," Azarel esclarece, sua voz caindo para um rosnado perigoso. "Do jeito que ela fez. E veremos se funciona tão bem para você agora quanto funcionou para ela naquela época."

Eu troco um olhar com Ivy, vendo a mesma realização em seu olhar enquanto eles endurecem de fúria. A mesma raiva escurece os olhos de Whiskey.

Esta não é a primeira vez que esses dois se cruzam.

Longe disso.

Ao meu lado, Whiskey se move desconfortavelmente, mas não faz nenhum movimento para intervir. Até ele consegue ler a sala bem o suficiente para saber que esta não é mais nossa luta.

O choro patético de Monty enche a câmara enquanto ele percebe a gravidade de sua situação. "Eu sinto muito!" ele grita, lágrimas e ranho escorrendo pelo rosto. "Por favor, por favor, não atire! Eu farei o que você quiser! Qualquer coisa!"

Seus apelos coerentes eventualmente se dissolvem em soluços histéricos e xingamentos alternando com tentativas ainda mais desesperadas de clemência.

Não há nenhuma a ser encontrada no olhar de Azarel enquanto ele fica ali, observando e ouvindo, absorvendo tudo.

Saboreando como um vinho fino.

Eu nunca vi meu irmão sorrir assim antes. Não é apenas frio ou cruel. É vingativo. Satisfeito. Como um predador finalmente encurralando sua presa após uma longa caçada, lambendo os lábios antes de dar a primeira mordida.

"Boa noite, Monty," Azarel diz suavemente, quase ternamente, um sorriso zombeteiro curvando seu lábio superior.

O tiro ecoa pela câmara como um trovão.

O corpo de Monty desmorona no chão, juntando-se aos outros membros do Conselho em sua crescente poça de sangue no chão de mármore.

Eu estudo o rosto do meu irmão enquanto ele abaixa sua arma, tentando reconciliar esta versão dele com a que eu conheci. O soldado dedicado. O filho perfeito. O homem que colocou a lei e o país acima de tudo e todos.

E esta, de todas as noites, é a primeira vez na minha vida que eu já me perguntei se realmente não somos tão diferentes afinal.

O pensamento me faz olhar para Ivy.

Talvez eu entenda meu irmão melhor do que pensava.

"Porra," Whiskey finalmente quebra o silêncio, sua voz incomumente contida.

Azarel não o reconhece, seus olhos ainda fixos no cadáver de Monty. Então, em um instante, sua máscara habitual de indiferença está de volta.

Ele se vira e caminha pelos cadáveres, pelas balas, pelas facas caídas, e congela na porta. Ele olha para mim com um último olhar. "Da próxima vez que nos vermos, seremos inimigos novamente."

Não é uma ameaça.

Nem exatamente um aviso.

Apenas uma declaração casual de fato.

"Não seria a primeira vez," eu respondo.

E então, eu vejo. Por apenas um instante, um lampejo de um sorriso.

Então, ele se vai.

O pesado silêncio na câmara do Conselho é quebrado apenas pelos sons distantes da batalha ecoando pelas janelas quebradas.

"Puta merda," Whiskey diz ao meu lado. "Seu irmão é intenso."

Eu solto um suspiro pesado, olhando para os corpos espalhados pelo chão de mármore. "E agora nossa alavancagem se foi."

"Negociação é superestimada de qualquer maneira," Ivy murmura.

Não posso evitar rir, puxando-a para perto com um braço. O calor dela ao meu lado ajuda a me ancorar, me lembra por que estamos aqui. "Temos um exército," eu pondero. "E a capital." Eu faço uma pausa, considerando a nova realidade em que nos encontramos. "Acho que isso terá que ser suficiente. Talvez o tempo de negociar já tenha passado, de qualquer maneira."

Whiskey muda seu peso, ajustando seu rifle enquanto olha para a porta onde Azarel desapareceu. "O que você acha que ele vai fazer quando perceber que transferimos Cosima para Nikolai?"

"Ele terá que voltar para o que restou de Reinmich primeiro para garantir sua cobertura, a menos que queira trazê-la de volta para uma zona de guerra," eu murmuro. "Algo me diz que ela não apreciaria isso. Agora, ele acha que ela está sob custódia Surhiirana, então não há razão para ele se apressar. Quando ele perceber quem a tem, já estaremos longe e ele a pegará, como planejado."

"É, a menos que aquele maluco nos traia e decida ficar com ela," Whiskey diz, sua testa franzindo de preocupação.

"Por que ele faria isso?" eu pergunto.

Whiskey encolhe os ombros. "Pode levar semanas para Azarel chegar até ela. E se ele se apegar?"

Uma risada seca escapa de mim, e eu balanço a cabeça. "Nikolai está conseguindo o que quer. Suas armas. Não há nada que um homem como ele valorize mais do que isso."

Os olhos de Whiskey se desviam para Ivy, e um sorriso de compreensão se espalha por seu rosto. "É, você provavelmente está certo," ele diz. Então ele sorri. "Perda dele."

Eu capto o significado e puxo Ivy para perto instintivamente.

Ele está certo.

"Vamos," Ivy diz, puxando gentilmente meu braço. "Vamos encontrar os outros."

Ela está certa. Precisamos nos reagrupar, garantir que Thane e Wraith tenham sucesso em sua missão.

Para ver isso até o fim como uma matilha.

Eu dou uma última olhada na câmara do Conselho, nos corpos dos homens que pensaram que poderiam controlar nosso mundo através do medo e da manipulação. Seu sangue se infiltra nas rachaduras entre os azulejos de mármore, manchando a pedra branca imaculada para sempre.

Parece um fim.

E um começo.

CAPíTULO

QUARENTA E SEIS

THANE



Eu caminho ao lado do meu irmão através da chuva de balas com um propósito mortal. Chumbo quente passa zunindo pela minha cabeça, mas mal registro isso agora.

Nós cortamos tantos soldados esta noite—homens que eu ajudei a treinar, até rostos que reconheço por trás de suas máscaras táticas—que a violência se tornou quase meditativa.

O peso disso se instala no meu peito, mas não é exatamente culpa. Não exatamente. Eu pintaria minhas mãos de vermelho com o sangue de cada soldado em Reinmich se isso significasse manter Ivy segura.

Se isso significasse dar a ela o futuro que ela merece.

O corpo maciço de Wraith se move ao meu lado com graça fluida enquanto avançamos. Um soldado surge de trás de uma barricada e a mão enorme do meu irmão se estende, agarrando-o pela garganta. Há um estalo doentio quando Wraith quebra seu pescoço com eficiência casual.

Isso também não o afeta mais.

Pelo menos, eu acho que não.

Eu coloco dois tiros em outro soldado tentando nos flanquear. O corpo cai com um baque úmido, adicionando à pilha crescente de cadáveres que deixamos para trás.

Nós verificamos todos os outros lugares para onde nosso pai poderia ter recuado.

O centro de comando militar.

O bunker subterrâneo.

As casas seguras do Conselho.

Mas no fundo, eu sabia que acabaríamos aqui.

A propriedade dos Hargrove se ergue à frente, sua arquitetura imponente um lembrete severo de tudo o que deixamos para trás. As forças de Nikolai já cercaram o terreno, suas armas apontadas para todas as saídas. Elas se abrem como água enquanto nos aproximamos, dando-nos uma ampla margem. Até esses mercenários endurecidos parecem sentir a gravidade do que está prestes a acontecer.

"Ele está lá dentro," comenta uma alfa mal-humorada. Com seu casaco de couro e equipamento antimotim, ela parece mais em casa em um clube de luta clandestino do que em uma zona de guerra. O fato de seu casaco estar mais vermelho do que preto agora com o sangue pingando dele é prova suficiente de que isso não prejudicou seu desempenho. O pelo antes marrom e preto do pastor magricela ao seu lado está quase tão pintado, seus olhos castanhos atentos nos observando cautelosamente enquanto nos aproximamos.

"Obrigado," murmuro, acenando para ela enquanto seus homens abrem os portões de ferro para nos deixar passar.

Ela dá uma tragada em seu cigarro e então esmaga o resto sob sua bota de bico de aço. Seus lábios se curvam em um sorriso levemente torto devido às cicatrizes irregulares que vão dos cantos de sua boca até suas orelhas. Ela é a braço direito de Nikolai—*mulher*—então acho que isso faz sentido.

"Cuidado lá dentro, garotos," ela diz com uma voz rouca, inclinando-se para acariciar o lado do cachorro que está fielmente a seus pés. "A velha Bess aqui acendeu como uma árvore de Natal quando escaneamos o perímetro, e ela tem um gosto por pólvora, se é que você me entende."

Eu olho para a mansão com um aceno curto. Claro que nosso pai não cairia sem fazer sua última resistência.

E com certeza será grandiosa.

Passamos pelo portão e paramos por um momento na base dos degraus de mármore, olhando para a casa onde Wraith e eu

passamos nossa infância. Se é que você pode chamar isso. O lugar onde a frieza do nosso pai nos moldou nas armas que ele queria que fôssemos.

As memórias me atingem de uma vez.

Sessões intermináveis de treinamento.

Punições brutais.

A pressão constante para ser perfeito.

Para ser digno do nome Hargrove.

E agora vamos destruir tudo isso.

O rosnado suave de Wraith chama minha atenção. Quando olho para ele, vejo as mesmas memórias refletidas em seus intensos olhos azuis. A dor. A maneira como nosso pai ficou de lado e assistiu a tudo, tratando seus próprios filhos como ativos a serem armados. Mas há algo mais em seu olhar que não consigo encontrar em mim, não importa o quanto eu procure.

Remorso.

O entendimento passa entre nós sem palavras.

Nós dois sabemos o que precisa ser feito.

Eu lhe dou um aceno firme, que ele retribui. Então nos movemos como um, subindo os degraus para entrar no inferno.

As enormes portas de carvalho nem estão trancadas. A arrogância do nosso pai, mesmo agora, é impressionante. O saguão está vazio, nossas botas ecoando no chão de mármore enquanto entramos. Tudo parece exatamente como eu me lembro. O lustre de cristal, os retratos de família alinhados nas paredes, as flores frescas em seus vasos caros.

Geração após geração de Hargroves nos observam com julgamento—todos alfas masculinos, é claro—enquanto passamos. É como voltar no tempo. Mas não somos mais as crianças quebradas que um dia caminharam por esses corredores.

Não estamos aqui para redenção ou reconciliação.

Estamos aqui para acabar com isso.

E eu sei exatamente onde ele estará.

O mesmo escritório onde ele praticamente viveu durante nossa infância, escondido atrás de montanhas de papelada e estratégia militar em vez de ser um pai para seus filhos.

Wraith me segue pela casa silenciosa, ambos verificando os cantos por hábito, embora saibamos que não encontraremos guardas aqui. Nosso pai sempre preferiu lidar com as coisas pessoalmente.

Eu agarro o ombro de Wraith assim que ele começa a subir as escadas, puxando-o de volta. Algo não parece certo. Nosso pai é muitas coisas, mas descuidado não é uma delas.

Hora de testar minha teoria.

Um dos pesados porta-livros de latão em uma prateleira próxima me chama a atenção. Um busto do nosso avô. Eu decido testar minha teoria. O baque metálico quando ele atinge o terceiro degrau é imediatamente seguido por uma explosão ensurdecedora. Eu puxo Wraith para trás de uma coluna de mármore enquanto pedaços de madeira e gesso caem ao nosso redor.

Meu irmão deveria ter notado isso. Previsto isso. E o fato de que ele não o fez me diz exatamente o quanto ele está abalado com o que estamos prestes a fazer.

Não que eu possa culpá-lo.

Isso não é apenas mais uma missão.

Isso é patricídio.

E para ser justo, eu sou o único com essa linhagem amaldiçoada correndo em minhas veias. Um pai tentando matar seus filhos não é algo que eu precise entender. É uma suposição fácil.

Quando a poeira baixa, eu espreito em volta da coluna para avaliar os danos. As escadas estão parcialmente destruídas, mas há o suficiente intacto para prosseguir.

Ainda assim, a mensagem é clara.

Nosso pai não vai cair sem lutar.

Wraith se move para assumir a liderança, mas congela. Seus olhos afiados captam o que eu quase perdi desta vez. Um fio fino esticado através dos degraus restantes, mal visível na luz fraca.

Outra armadilha.

Como uma série de quebra-cabeças mortais dispostos por um velho paranóico.

Então, novamente, é realmente paranóia quando alguém realmente está vindo para te matar?

Eu observo enquanto Wraith cuidadosamente desarma o fio de armadilha, suas mãos surpreendentemente delicadas enquanto trabalha. As habilidades que nosso pai nos ensinou sendo usadas contra ele. Há uma certa poesia nisso. Enquanto ele trabalha, os sons suaves de música—sempre jazz descontraído—filtram pelo corredor de um fonógrafo.

E eu sei exatamente quanto tempo dura aquela gravação específica.

Nosso pai costumava colocá-la em seu escritório antes do jantar para que soubéssemos quanto tempo tínhamos para nos comportar perfeitamente. Wraith se tensiona ao meu lado, e eu sei que ele está ouvindo a mesma coisa. Sei que ele está tendo flashbacks daquelas noites estressantes, desejando estar em qualquer outro lugar enquanto definhava sob o olhar severo de nosso pai, tentando em vão comer com boas maneiras apesar de suas mandíbulas.

Ele sempre quis agradar nosso pai.

Sempre quis ser aceito.

O pensamento aperta ainda mais minha garganta.

Encontramos mais três armadilhas enquanto subimos. Uma placa de pressão, outro fio de armadilha e o que parece ser uma claymore improvisada presa ao corrimão. O soldado lá fora não estava brincando.

Desmontamos cada uma com barulho deliberado.

Eu quero que ele nos ouça chegando.

Quero que ele saiba que estamos derrubando suas defesas cuidadosamente preparadas uma por uma.

A pesada porta de carvalho de seu escritório se ergue diante de nós no final do corredor. Dois batentes de porta com cabeças de leão de bronze nos encaram com olhos vazios, mas malévolos, suas mandíbulas ligeiramente abertas em torno dos anéis pendurados em seus dentes. A luz derrama por baixo da porta, junto com o cheiro fraco de charutos caros e aquela maldita música que eu sempre mais odiei.

Algumas coisas nunca mudam.

Wraith olha para mim, aqueles intensos olhos azuis fazendo uma pergunta silenciosa. *Estamos realmente fazendo isso?*

Eu aceno firmemente.

Não há mais volta agora.

Meu irmão se tensiona ao meu lado enquanto nos aproximamos do escritório. Nenhum de nós se preocupa mais em se mover silenciosamente. Deixe-o ouvir nossas botas sujas em seus tapetes bem cuidados. Deixe-o saber que a morte está vindo para ele, envolta na carne de seu próprio sangue.

Ele deveria saber que esse dia chegaria. Mas nosso pai nunca foi bom em ver seus filhos como algo mais do que ferramentas a serem usadas.

Isso termina hoje à noite.

Eu paro do lado de fora da porta do escritório, memórias me invadindo. Quantas vezes eu fiquei neste exato local quando criança, reunindo coragem para enfrentar sua decepção? Quantas vezes Wraith e eu nos agachamos aqui, cuidando de hematomas frescos de mais uma sessão de treinamento que foi longe demais?

Mas não somos mais crianças.

Não estamos mais com medo.

Temos algo pelo qual valer a pena morrer.

Pelo qual valer a pena matar.

O pensamento de Ivy fortalece minha determinação. Isso não é apenas sobre vingança ou justiça. É sobre garantir que ela—e todos os ômegas como ela—nunca tenham que viver com medo novamente. O sistema que nosso pai ajudou a construir e manter tem que cair.

Começando com ele.

Eu tiro minha espingarda tática das costas, acenando para Wraith. Nós arrombamos a porta juntos, o pesado carvalho reforçado se estilhaçando sob nossa força combinada. A música jazz floresce no corredor, uma trilha sonora assustadora para o que está prestes a acontecer.

Eu esperava outro banho de sangue, mais armadilhas, uma última resistência violenta. Mas o General Hargrove está simplesmente sentado atrás de sua enorme mesa de mogno, fumando um de seus charutos caros. Ele está vestindo seu uniforme, suas medalhas brilhando na luz fraca da lâmpada de sua mesa, e ele

parece um rei em seu trono. Calmo e majestoso, em vez de um homem prestes a enfrentar a execução.

Ele também tem o revólver do nosso avô. O brilho do cano prateado chama minha atenção. A arma está em cima de sua mesa, perto o suficiente para ele alcançá-la facilmente. Mas ele não faz nenhum movimento para pegá-la. Nem mesmo um tremor de dedo.

"Achei que você teria chegado aqui mais cedo," ele diz com um escárnio, fumaça saindo de seus lábios.

Uma risada escapa de mim antes que eu possa pará-la. "Crítico até agora?"

"Velhos hábitos," ele responde simplesmente, levando o charuto aos dedos e estudando a ponta brilhante.

Seu comportamento está me deixando nervoso. É como se ele não apenas esperasse morrer hoje, mas estivesse ansioso por isso. Recebendo a morte de braços abertos como um velho amigo. Por que mais ele estaria vestindo seu uniforme? Todas aquelas armadilhas eram apenas para que ele soubesse onde estávamos na mansão?

Ele nunca teve medo de morrer.

A única coisa que ele teme é a vergonha.

"Queríamos deixar o melhor para o final," digo, mantendo minha espingarda apontada para seu peito enquanto Wraith se move para flanqueá-lo. O jazz continua a tocar do fonógrafo do outro lado da sala, a melodia suave um contraste gritante com a tensão que paira no ar.

Nosso pai dá uma risada seca e cuidadosamente apaga seu charuto no cinzeiro de cristal. "E eu suponho que você acha que venceu?" ele pergunta, sua voz carregando aquele tom condescendente familiar que costumava me fazer encolher. "Que Reinmich terá um futuro glorioso sob sua liderança?"

"Eu não tenho interesse em liderar," respondo secamente. "Mas não pode ser pior do que está agora."

Ele olha para mim então, realmente olha para mim, talvez pela primeira vez na minha vida. Seus olhos frios estudam meu rosto como se estivesse tentando memorizá-lo. Ou talvez ele esteja

apenas me vendo como um homem em vez de uma criança decepcionante.

"Você realmente acredita nisso?" ele pergunta, recostando-se em sua cadeira de couro. "Você acha que desmontar tudo o que construímos tornará o mundo melhor? Mais estável?"

"Mais estável para quem?" exijo, meu dedo apertando o gatilho. "Os alfas? O Conselho? E todos os outros que têm que viver sob sua tirania?"

"A ordem exige sacrifício," ele diz simplesmente, como se estivesse explicando algo para uma criança. "A estrutura exige—"

"Poupe-me da retórica," eu o interrompo. "Já ouvi tudo isso antes. Mas sabe o que eu não ouvi?" Eu dou um passo à frente, minha voz caindo perigosamente. "Um pedido de desculpas. Pelo que você fez conosco. Com *Wraith*."

Os olhos do meu pai se desviam para onde meu irmão se esconde nas sombras, seu rosto marcado escondido atrás de sua máscara. "Pedir desculpas?" ele ecoa, como se estivesse refletindo sobre a palavra. Como se fosse a primeira vez que ele sequer considerou isso. "Para aquela coisa?"

Eu me arrepio com suas palavras, engatilhando minha espingarda, mas antes que eu possa responder, o general se levanta e eu me preparo para ele pegar a arma em sua mesa. Quando ele não o faz, eu observo os lábios de meu pai se curvarem naquele sorriso cruel familiar.

"Um pedido de desculpas," ele repete, sua voz cheia de desdém. "Na verdade, eu *vou* pedir desculpas... por não ter acabado com isso quando tive a chance."

Wraith se encolhe e seus olhos azuis brilham com dor.

"Eu pensei que seria útil," nosso pai continua, cada palavra escolhida precisamente para causar o máximo de dano. "Uma arma para desafiar você, para torná-lo mais forte. Mas no final..." Ele acena com a mão para Wraith. "Apenas mais um experimento falho."

Meu dedo aperta o gatilho. "Cale a boca."

Mas ele não terminou. Aquele olhar frio e azul se fixa nos meus olhos com foco de laser. "Mas você..." ele diz, sua voz caindo para um sussurro perigoso. "*Você* é minha maior decepção."

Uma risada borbulha em meu peito antes que eu possa pará-la. "Essa é a coisa mais gentil que você já me disse," eu digo, e quero dizer isso. "Porque significa que me tornei tudo o que você não é."

Raiva e orgulho brilham em seus olhos ao mesmo tempo. Mas antes que eu possa processar isso, sua mão vai para uma das medalhas em seu peito, seus dedos tocando a águia em relevo.

"Então morra sabendo que você falhou," ele rosna, pressionando um botão oculto.

A explosão sacode o escritório, nos lançando para longe. Livros caem das prateleiras enquanto a fumaça enche o ar. Meus ouvidos zumbem com a explosão, mas enquanto me arrasto para fora dos escombros retorcidos, tudo o que consigo pensar é no meu irmão.

Quando a fumaça começa a se dissipar, eu o vejo. Ele tem nosso pai preso contra o que restou da mesa, rosnando baixo em seu peito, aquela mão enorme envolta em volta da garganta de nosso pai. Contra todas as probabilidades, o fonógrafo continua tocando, a música jazz suave distorcida e desconexa do calor enquanto o ápice da música final se repete.

Mas algo está errado.

A mão de Wraith está tremendo.

"Não consegue fazer isso, não é?" nosso pai arfa, aquele sorriso cruel ainda brincando em seus lábios mesmo enquanto o aperto de Wraith o deixa com o rosto vermelho. "Ainda o filhote patético e inútil que eu encontrei na floresta." Ele dá uma risada amarga que seca em uma tosse rouca, mas o veneno em sua voz não vacila. "Um monstro com consciência. Imagine isso."

Eu observo o conflito se desenrolar nos olhos do meu irmão.

A dor.

A raiva.

"Wraith," eu chamo suavemente, me aproximando através dos destroços que se assentam enquanto pego minha espingarda de onde caiu perto do que restou da parede. Eu não tiro os olhos deles por um segundo. "Solte."

Seus olhos azuis encontram os meus, e eu vejo o pedido silencioso lá. Ele não quer ser o monstro que nosso pai tentou fazer dele. Não quer provar que ele está certo. Ou talvez haja uma parte

dele que ainda ama o homem que ele tanto queria que fosse um pai.

Isso faz um de nós.

Eu observo os olhos de meu pai brilharem com aquela luz cruel familiar enquanto ele olha para Wraith. Mesmo com a mão do meu irmão em volta de sua garganta, ele consegue torcer seus lábios naquele sorriso zombeteiro que eu lembro da infância.

"Faça isso," ele arfa, sua voz rouca, mas ainda cheia de desdém. "Faça isso, seu maldito inútil!"

As palavras ecoam pelo escritório cheio de fumaça. Mesmo agora, nosso pai está cuspindo na cara da morte para tentar forçar meu irmão a fazer o que ele quer. Para *ser* o que ele quer. Mas não está funcionando. Os ombros maciços de Wraith estão tremendo, seu aperto afrouxando levemente.

Ele não consegue fazer isso.

E ele não deveria ter que fazer.

Ele não é um monstro como eu.

"Solte!" eu grito para Wraith, e ele solta, bem a tempo.

O tiro da espingarda é ensurdecedor no espaço fechado. Sangue e matéria cerebral pintam os livros restantes nas prateleiras atrás do que costumava ser a cabeça de nosso pai. De alguma forma, acho que o toco sem cabeça do pescoço de nosso pai será uma memória mais agradável do que aquele sorriso cruel.

Wraith cambaleia para trás, sangue salpicando sua máscara e equipamento tático. Seus olhos azuis estão arregalados de choque enquanto olha do cadáver de nosso pai para mim. A confusão em seu olhar aperta meu peito.

Eu baixo a espingarda fumegante lentamente, minha voz saindo mais suave do que eu esperava. "Eu quis dizer o que disse antes."

Wraith apenas me encara, ainda paralisado. Sangue pinga dele no tapete caro enquanto a música final no disco continua, as notas distorcidas fantasmagóricas enquanto preenchem o estranhamente silencioso quarto.

Eu fecho a distância entre nós, guardando minha espingarda nas costas e colocando minha mão no ombro de Wraith. "Você não

escolheu nada disso," digo firmemente. "E não era seu lugar terminar isso. Chega de matar. Você acabou."

A compreensão surge nos olhos de Wraith, seguida por algo mais. Algo que aperta minha garganta. Antes que eu possa processar o que está acontecendo, ele me puxa para um abraço esmagador.

Seus braços são como faixas de aço ao meu redor, apertando tão forte que mal consigo respirar. Mas eu não me importo. Eu envolvo meus próprios braços ao redor dele, retribuindo o abraço com igual força. Nunca fizemos isso antes. Nunca nos permitimos esse tipo de vulnerabilidade um com o outro.

É difícil respirar, mas é... bom.

Até me pego esperando que o fantasma do velho esteja por perto o suficiente para ter um ataque de raiva com isso.

"Vamos, irmão," digo, finalmente me afastando. "Vamos buscar nossa garota."

EPíLOGO



Eu olho para o lago Surhiiran da varanda da nossa villa à beira do lago, observando os raios rosados do sol dançarem sobre a água imaculada enquanto ele se põe atrás das nuvens. Ouvindo o suave e rítmico bater das ondas contra o penhasco branco abaixo.

É a villa que eu avistei quando deixamos Surhiira de trem, e, como eu suspeitava, é perfeita para nós. O mármore branco da nossa nova casa de alguma forma consegue se misturar perfeitamente com a paisagem selvagem ao redor. Plague até transportou lindas plantas e videiras floridas dos jardins suspensos ao redor do palácio para aprimorar nosso pequeno pedaço do paraíso.

Esta villa foi o presente de Plague para mim. Para toda a matilha, embora eu tenha sido aquele que plantou a ideia em sua mente. Ele fez com que os melhores arquitetos e construtores de Surhiira começassem a trabalhar nela na manhã em que deixamos Surhiira de trem, tornando-a perfeita para nós.

É uma celebração da segurança que encontramos juntos. E depois de tudo pelo que passamos como uma matilha, mais do que merecemos isso.

Mais do que merecemos nosso descanso.

Eu me inclino sobre o corrimão da varanda com um suspiro de satisfação, observando as ondas suaves se espalharem pela superfície do lago. O casco dourado do catamarã branco que usamos para viajar de volta para a cidade de mármore brilha sob o sol poente. Na parte externa do casco, o nome que Whiskey insistiu em dar também brilha.

O Wildcatamaran.

Enquanto Whiskey estava em uma onda de nomear tudo o que via, ele nomeou nossa villa de Chateau Two. É meio difícil de pronunciar, e não é um chateau de verdade.

Mas combina.

O Chateau foi o primeiro lugar onde comecei a me sentir quase em casa. Antes de perceber que eram os alfas que me faziam sentir assim, e não os prédios de concreto decadentes e portas de aço reforçado.

O pensamento traz um sorriso ao meu rosto que se transforma em uma risada, mesmo enquanto olho para essa paz impossivelmente serena pela qual lutamos tanto. Daqui, é fácil me deixar apenas *ser.* Me deixar descomprimir.

É tão… diferente.

Não é nada como a violência e o caos em que vivemos por tanto tempo.

E, pela primeira vez, somos nós que estamos sendo protegidos. Embora não possamos ver os guardas nas torres de vigia distantes, eles certamente podem nos ver. A paisagem aberta que se estende por milhas e milhas, mesmo além do vasto lago que nos abriga,

torna impossível que alguém se aproxime de nós sem ser abatido por atiradores.

É estranho, essa nova vida minha.

Nossa.

Estranho viver sem sentir que precisamos ficar olhando por cima do ombro. Não há uma Espada de Dâmocles pairando sobre nossas cabeças aqui. Ninguém pode nos tocar neste santuário.

Não que isso nos impeça de ficar em alerta quando ouvimos um som à distância que parece perigo. Quando você viveu tanto tempo com a morte respirando em seu pescoço, é difícil acreditar que você está realmente seguro. E eu não sou a única passando por um período de adaptação.

Embora seja claramente do tipo bom.

Os Fantasmas também estão tendo dificuldade para se adaptar à aposentadoria. Velhos hábitos são difíceis de morrer, especialmente para alfas que passaram a vida inteira lutando e matando. Por outro lado, não faz muito tempo. Apenas pouco mais de uma semana. Tanta coisa aconteceu em um período tão curto.

Com a tomada da capital e a destruição do Conselho, o antigo Reinmich caiu. O Centro de Refinamento não passa de escombros e cinzas em um solo encharcado de sangue. As forças de Surhiira têm se expandido dia após dia, libertando cada vez mais do país que já foi uma prisão para todos os ômegas dentro de suas fronteiras.

E embora a rainha tenha oferecido a tarefa de supervisionar o renascimento do que já foi chamado de Novo Reinmich e governar como regente a Plague, nunca me senti mais aliviada do que quando ele recusou.

O resto do mundo ainda está uma bagunça. Não poderíamos consertar tudo sozinhos. Era demais para uma matilha — mesmo uma matilha de alfas como a minha. Mas lançamos as bases, e estamos comprometidos em fazer nossa parte nesse trabalho como uma matilha.

Apenas não como a Unidade Alfa Fantasma.

Nossa parte na *guerra* acabou.

Mas isso não significa que não deixou suas cicatrizes em nós.

Thane ainda se posiciona com linhas de visão claras para todas as saídas, mesmo quando estamos apenas jantando. Ele também verifica o lago com frequência, como se houvesse alguma chance de um inimigo tentar nos alcançar. Mesmo que isso pudesse acontecer, estamos no topo de um penhasco. Ainda assim, ele verifica, seus olhos escuros sempre alertas.

Às vezes, acho que ser o protetor o deixa feliz. Raramente há tensão em seus músculos atualmente, e eu saberia, considerando quantas massagens nas costas eu faço nele.

Eu posso vê-lo de onde estou na varanda, sentado no convés do nosso barco, olhando para o lago. Quando ele está sentado assim — de pernas cruzadas, inclinado para frente, com os cotovelos nos joelhos — ele está meditando.

Ele sempre viveu dentro de sua própria cabeça.

Pelo menos agora, ele está mais propenso a meditar do que a pensar demais.

Whiskey, por outro lado, lida com o estresse de seu novo ambiente — ou a falta dele — se jogando em treinamentos com uma intensidade quase maníaca. A área de treinamento atrás da casa ecoa diariamente com o som dele socando sacos de pancada e lutando com quem ele conseguir convencer a se juntar a ele.

Geralmente é Valek.

Eles formaram uma trégua bizarra e tentativa que parece ser construída inteiramente em chutar o traseiro um do outro em um ambiente controlado. Melhor isso do que os dois vagando pela cidade, procurando brigas com bêbados.

É onde eles estão agora, e, a julgar pelo som áspero da risada triunfante de Valek e o rosnado de frustração de Whiskey, o último confronto deles não vai acabar tão cedo. Eu prefiro deixá-los resolver suas diferenças sem interromper, mas Whiskey e Valek me ajudam a cozinhar.

Bem, Valek pelo menos me ajuda a cortar tudo.

Eu caminho descalço pela grama macia da nossa área de treinamento no quintal, atraído pelo som de grunhidos e o baque sólido de punhos encontrando carne. O sol da tarde lança sombras

suaves sobre o mármore branco imaculado da nossa villa enquanto observo Whiskey e Valek circulando um ao outro.

Em vez de interrompê-los, decido esperar, apoiando-me em um dos manequins de treinamento que Whiskey pintou para se parecerem impressionantemente com os cowboys ninjas ciborgues de seu filme favorito.

Nosso filme favorito, na verdade, embora eu tenha visto alguns outros desde então. Nenhum deles supera minha primeira experiência cinematográfica com "Bros, Hoes, and Foes" naquela última noite no Chateau, mesmo que o resto da noite não tenha sido nada engraçado.

E, claro, para não ser superado, Valek criou sua própria maneira de adicionar seu toque pessoal ao nosso lar. Um pote de dedos preservados, apresentado a mim com uma reverência. Especificamente os dedos restantes daquele beta no Centro de Refinamento. Ele pensou que eu gostaria de tê-los.

Ele estava certo.

Os alfas estão sem camisa e suando, seus corpos musculosos brilhando sob a luz dourada-rosada. Como um lobo branco enfrentando um grande urso pardo, e é impossível dizer quem está ganhando. Isso vale tanto para a luta física quanto para os golpes verbais que estão trocando, embora eu não saiba como eles conseguem entender o que o outro está dizendo com tanto grunhido e rosnado.

Especialmente porque Whiskey não consegue ler os lábios de Valek por trás do lenço prateado e branco que de alguma forma permanece no lugar.

A visão dos dois alfas lutando faz a parte de trás do meu pescoço formigar com um calor familiar. Ele tem se intensificado nos últimos dias, e tenho certeza de que Plague percebeu. Ele me disse que vai pegar mais supressores de calor para mim enquanto estiver na cidade com Wraith esta noite, e os outros alfas estão tensos o dia todo. Eu continuo os pegando cheirando o ar quando passo por eles.

Mas eu não quero tomar aquilo de novo.

Desta vez, eu *quero* entrar no cio.

Quero saber como é agora que somos uma matilha.

Uma família.

Uma família com um lar permanente.

É por isso que tenho me escondido para trabalhar no meu ninho sempre que tenho um momento livre. O quarto de nidificação privado que Plague reformou para mim está escondido em um canto isolado da villa, acessível apenas por uma porta escondida disfarçada de parte do painel de parede ornamentado. Ele me apresentou com uma timidez atípica, explicando que queria que eu tivesse um espaço que fosse inteiramente meu.

É um covil de mármore, claro, mas um covil mesmo assim. Não há janelas, apenas paredes arredondadas e um teto baixo e inclinado.

E é absolutamente perfeito para mim.

Penso na pilha luxuosa de tecidos, cobertores e travesseiros que me esperam lá, todos cuidadosamente selecionados pela matilha durante nossa viagem de compras em Surhiira. Plague também mandou trazer muitos extras. Na verdade, tenho a leve suspeita de que ele comprou a loja inteira.

Na época, fiquei sobrecarregada com a variedade e opulência de tudo. Agora, com meu cio se aproximando, sou grata por cada pedaço de tecido sedoso e almofada fofa.

Eu os arrumei e rearranjei inúmeras vezes, impulsionada por algum instinto primal que não entendo completamente. Cada peça tem que estar perfeita, criando um casulo de conforto e segurança que cheira aos meus alfas.

Até me peguei ronronando enquanto trabalho.

Os outros alfas têm mantido distância da área de nidificação, respeitando minha necessidade de privacidade. Mas posso sentir a curiosidade deles. Às vezes, os pego parados perto da entrada escondida, cheirando o ar com interesse mal disfarçado. Especialmente agora, com meu cio iminente intensificando meu cheiro de ômega no ninho. Isso aquece meu peito, sabendo que eles querem estar perto, mesmo enquanto se contêm.

E escondido em um canto, cuidadosamente dobrado sob a almofada bordada com *lar é onde a matilha está*, estão pedaços de tecido que roubei de cada um deles. Um dos cintos de Thane,

cuidadosamente enrolado ao redor da pilha. Uma tira de uma das camisas de Whiskey. O lenço que Wraith rasgou acidentalmente com seus dentes afiados. Um dos panos que Valek usa para polir suas facas. E uma das luvas de Plague, roubada quando ele não estava olhando.

Talvez eu devesse me sentir culpada pelo roubo, mas é algo que eles não sentirão falta — embora Plague tenha procurado a luva — e o ômega em mim ronrona de satisfação toda vez que sinto os cheiros deles misturados.

Isso faz o ninho parecer completo.

Whiskey se move de repente, agarrando o lenço de Valek em um impulso. Valek responde imediatamente com um soco no queixo de Whiskey, ganhando um rosnado de raiva de Whiskey. O alfa maior derruba Valek, jogando-o de costas no chão, e o imobiliza. Valek levanta o joelho na barriga de Whiskey, e o outro alfa cai dele com um *uof*.

A visão dos dois alfas brigando faz uma nova onda de calor me invadir. Minha pele parece muito apertada, muito sensível. Quero tirar minhas roupas e ir para o meu ninho, rolar nos cheiros deles, marcando tudo em preparação para esta noite.

Mas ainda não.

Primeiro, precisamos jantar.

Eu preparei uma noite especial para todos nós.

Agora, Wraith está na cidade com Plague, que está ajudando ele com um tratamento a laser para suas cicatrizes. A tecnologia especial de cristal que eles usam é mais suave do que os métodos tradicionais, o que é crucial dado o trauma de Wraith. E ele só precisará de uma sessão. Não há muito que possam fazer além de suavizar e amaciar o tecido cicatricial com o laser, devido à forma como ele metaboliza sedativos e outros medicamentos, então ele não é candidato a nada mais invasivo, mesmo que pudesse lidar mentalmente com isso.

Fico feliz que ele não tenha ficado preocupado que eu quisesse que ele fizesse mais quando conversamos esta manhã, antes de ele sair com Plague. Eu o tranquilizei que só quero que ele se sinta

melhor e não sinta tanta dor, e pude ver pela leveza em seus olhos que ele acreditou em mim.

Estamos todos progredindo.

Cada um à sua maneira.

Ainda me surpreende o quanto as coisas mudaram. Plague está trabalhando na abertura de sua própria clínica em Surhiira, onde se especializará no tratamento de veteranos e civis feridos que vêm à cidade em busca de ajuda. Surhiira parece estar caminhando para o futuro um pouco menos isolacionista do que antes, pelo menos quando se trata daqueles que precisam.

Acho que ajudar os outros a se curarem também o ajuda a se curar, de certa forma. E ele não está mais se escondendo. Não do seu passado, não de sua família, e definitivamente não de seu relacionamento com Whiskey.

O pensamento me faz sorrir ao me lembrar das reações cada vez mais exasperadas de Whiskey a outros alfas dando em cima dele desde que Plague se assumiu publicamente sobre tudo o que aconteceu, incluindo seu relacionamento. A maioria das investidas foi imaginada, mas isso só adiciona muitos momentos engraçados às nossas viagens à cidade.

De todos nós, Wraith parece o mais em paz com nossa nova vida. Ele está contente em relaxar na villa comigo, e quando vou até os jardins perto da praia para coletar comida para nossas refeições, ele me segue até lá e pega peixes com as próprias mãos na água cristalina. Ele é incrivelmente eficiente nisso e sempre humano.

Os peixes que ele pegou esta manhã estão esperando para serem cozidos. Eles já estão limpos e prontos ao lado da fogueira de pedra, graças a Valek e sua nova faca de cozinha Surhiiran forjada em vidro. Claro, Whiskey trouxe as toras para a fogueira, incluindo algumas que eram grandes demais porque ele queria exibir seus bíceps para mim, que estão ainda mais grossos do que o normal graças a todo o treinamento.

Então ele e Valek foram para o pôr do sol lutar.

Eu já juntei a lenha e os galhos pequenos, arrumando-os exatamente como minha mãe me ensinou quando eu era pequena. Há algo profundamente satisfatório em cozinhar sobre uma fogueira,

especialmente peixe. O cheiro de fumaça de madeira e ervas frescas me leva de volta àqueles raros momentos de paz da minha infância.

Começo a fazer a fogueira, empilhando cuidadosamente a lenha em forma de pirâmide. Os movimentos familiares são calmantes para meus nervos um pouco desgastados, embora hoje eles estejam desgastados apenas porque estou começando a entrar no cio. Isso é algo que eu conheço, algo que conecta meu passado ao meu presente de uma forma que parece certa.

"Precisa de ajuda com isso?" Whiskey chama, momentaneamente distraído de sua luta com Valek.

Valek aproveita sua falta de atenção, varrendo as pernas de Whiskey de baixo dele. O alfa maior cai no chão com um baque e uma série de xingamentos criativos.

"Estou bem," eu rio, acendendo um fósforo. "Mas talvez vocês dois possam pegar mais lenha para depois? Vamos querer manter a fogueira acesa depois do pôr do sol."

Eles ambos acenam, sua competição anterior esquecida enquanto se dirigem à nossa pilha de lenha. Eles ainda estão discutindo sobre o golpe baixo de Valek, mas é bom vê-los trabalhando juntos em vez de tentar se matar.

O progresso vem de muitas formas, suponho.

A fogueira pega rapidamente, as chamas lambendo a lenha seca. Eu arrumo a plataforma de cozinha de pedra sobre ela, esperando que ela aqueça adequadamente. Os peixes de Wraith são lindos exemplares, suas escamas brilhando prateadas sob a luz do final da tarde.

Eu os tempero de forma simples. Apenas sal, pimenta e ervas frescas do nosso jardim. Às vezes, os velhos métodos são os melhores, e não há nada melhor do que peixe cozido no fogo com pele crocante e carne macia.

Minha boca enche de água só de pensar nisso.

Quando Plague e Wraith voltarem, o jantar estará pronto. Todos nós nos reuniremos ao redor da fogueira, compartilhando histórias e risadas enquanto o sol se põe sobre o lago. Esses momentos de paz e união ainda parecem surreais às vezes, como se eu pudesse acordar e descobrir que tudo foi um sonho.

Mas é real.

Esta é a nossa nova vida.

Eu observo Valek e Whiskey voltarem com braçadas de lenha, sua luta anterior aparentemente esquecida. Valek imediatamente começa a arrumar as ervas com sua precisão habitual, enquanto Whiskey se ocupa em alimentar o fogo.

"Filho da puta!" Whiskey rosnou, quebrando o silêncio. Valek soltou uma risada afiada ao ver Whiskey batendo na própria barriga, onde uma brasa fugiu e o queimou.

"Você está bem?" eu pergunto, correndo até ele para inspecionar a marca vermelha em seu estômago. Ele solta um som agudo quando meus dedos passam pela queimadura, e quando pressiono meus lábios nela para fazê-lo se sentir melhor, ele estremece.

"Melhor?" eu pergunto.

"S-sim," ele diz roucamente, engolindo em seco enquanto me olha, as pupilas dilatadas. "Mas acho que uma brasa me atingiu um pouco mais abaixo também."

Eu lhe dou um olhar.

O riso de Valek finalmente diminui. "É o que você ganha por cozinhar sem camisa," ele comenta.

"Você é quem fala, mano," Whiskey retruca com um olhar irritado para o próprio torso nu de Valek.

"Sim, bem, *eu* não estou cuidando do fogo," Valek responde suavemente, se esticando como um gato para que o sol reflita em seus músculos magros.

Exibicionistas.

Ambos.

Mas estou apreciando o show.

"Lá vem o estraga-prazeres," Valek diz, suspirando dramaticamente. Eu sigo seu olhar para o lago. Thane está subindo o caminho, parecendo mais relaxado do que o normal após sua meditação.

"Ei, irmão zen," Whiskey diz a Thane com um aceno.

"Me chame assim de novo e eu te jogo no lago," Thane rosna, mas seu tom é mais brincalhão do que o habitual. Ele se senta ao meu lado, sua presença quente e sólida. "Algo cheira bem."

"Os peixes que Wraith pegou esta manhã," eu digo, arrumando-os na plataforma de cozinha. "O jantar estará pronto quando ele e Plague voltarem."

"Plague me avisou que eles estão a caminho," Thane responde, tocando o pager em seu cinto. Meus olhos são imediatamente atraídos para o volume óbvio em suas calças também. "E eu avistei o barco a vela que eles pegaram vindo do outro lado do lago. Deve levar apenas alguns minutos agora."

Navegar é outra coisa que Wraith pegou naturalmente. Whiskey, que tem muita experiência com navegação de seus dias na costa da Colômbia, começou a ensiná-lo assim que chegamos aqui. E a visão dele no convés, seu corpo enorme silhuetado contra o sol poente enquanto o vento sopra em seus cabelos escuros e desalinhados, faz algo comigo.

Eu me lembro da primeira vez que ele me levou para o barco com ele. Apenas nós dois, cercados por um azul infinito. O catamarã cortando as ondas, o spray molhando minha pele. O alfa feral no leme, seus músculos se flexionando enquanto nos guiava pela água.

É um milagre que eu não tenha entrado em cio completo naquela hora.

Eu percebo como todos os três alfas se aproximam sutilmente, claramente afetados pelo meu cheiro cada vez mais forte. As narinas de Thane se dilatam levemente, enquanto Whiskey continua encontrando desculpas para esfregar em mim enquanto cuida do fogo. Até Valek parece mais focado do que o habitual em sua tarefa, como se estivesse lutando para não cortar os dedos.

"As ervas estão prontas," Valek anuncia, passando-as para mim com movimentos cuidadosos. Seus dedos tocam os meus, e eu o sinto estremecer levemente com o contato.

"Perfeito," eu murmuro, polvilhando-as sobre os peixes. "Whiskey, você pode pegar os pratos lá dentro?"

"Já vou," ele diz ansioso, claramente grato pela distração. Enquanto ele se dirige à villa, eu o pego ajustando as calças, tentando ser discreto.

Não discreto o suficiente, aparentemente.

Thane ri e Valek sorri por trás do lenço.

“Vocês são todos ridículos,” eu digo carinhosamente, virando os peixes para garantir que cozinhem por igual. A pele fica crocante lindamente, liberando um aroma incrível que se mistura com a fumaça da madeira.

“Você pode nos culpar?” Thane pergunta baixinho, seus olhos escuros intensos enquanto se encontram com os meus. “Seu cheiro é...”

“Irresistível,” Valek termina quando Thane hesita. “Para dizer o mínimo.”

Eu escondo meu sorriso, fingindo focar no cozimento. “Coisas boas vêm para aqueles que esperam.”

“Espero que você esteja falando literalmente,” Valek diz em um tom baixo.

Thane lhe dá um olhar irritado. É claro que ele ainda tem uma questão pendente com Valek, mas isso é algo que ele terá que superar durante suas sessões de meditação.

Whiskey volta com os pratos, claramente tendo tirado um momento para se recompor. “Ainda estamos falando sobre o jantar?” ele pergunta, olhando entre nós.

“Sobre o que mais estaríamos falando?” eu pergunto inocente, aproveitando a forma como todos os três alfas ficam tensos com meu tom.

O sol continua sua descida em direção ao horizonte, pintando tudo em tons suaves de dourado e rosa. O lago brilha como diamantes, e uma brisa suave carrega o cheiro das ervas do jardim. A única coisa que não está pacífica é a energia tensa que emana dos alfas ao meu redor.

E eu estou aproveitando cada momento.

Aproveitando a forma como eles orbitam ao meu redor, atraídos pelo meu cheiro cada vez mais forte, mas mantendo o controle. Aproveitando o conhecimento de que eles são todos meus, assim como eu sou deles.

Enquanto meus alfas se ocupam com os preparativos finais do jantar, eu sorrio para mim mesma. Esta noite vai ser interessante, para dizer o mínimo. Mas primeiro, vamos aproveitar esta refeição juntos, como uma família, em nosso lindo lar à beira do lago.

Exatamente como deveria ser.

Como se fosse convocado por meus pensamentos, ouço passos se aproximando do caminho que leva ao lago. Meu coração dispara quando os avisto, a figura esguia de Plague em contraste com a silhueta imponente de Wraith. Mesmo à distância, posso dizer que Wraith está de um humor incomumente bom. Há ainda mais leveza em sua postura do que o habitual, seus ombros enormes relaxados.

Eu deixo a fogueira, confiando que Valek e Whiskey cuidarão do jantar enquanto corro para cumprimentar os dois alfas que retornam. Plague chega primeiro, seus olhos azuis claros se aquecendo acima do lenço branco. Sem hesitar, ele puxa o tecido para baixo e me puxa para um beijo apaixonado.

O sabor familiar dele — limpo e afiado, como menta e ozônio — inunda meus sentidos. Suas mãos enluvadas envolvem meu rosto enquanto ele aprofunda o beijo, e eu derreto contra ele. Quando finalmente nos separamos, ambos ofegantes, posso ver o efeito que meu cheiro cada vez mais forte está tendo nele. Suas pupilas estão dilatadas, um leve rubor visível no que posso ver de suas maçãs do rosto altas.

"Porra, você é uma visão para olhos cansados," ele murmura, como se tivessem ficado semanas longe em vez de horas, sua voz mais áspera do que o habitual.

Eu me aconchego em sua mão, saboreando o contato. "Bem-vindo de volta." Eu faço uma pausa enquanto algo me ocorre, baixando a voz para não estragar o clima ao redor da fogueira. "Alguma notícia de Azarel?"

O olhar de Plague escurece e ele balança a cabeça levemente. "Não. E imagino que isso provavelmente seja uma coisa boa."

Ele provavelmente está certo. Depois do que vimos nas câmaras do Conselho, tenho a sensação de que não precisaremos adivinhar quando Azarel finalmente perceber de quem Cosima foi temporariamente transferida. Mas isso é um problema para outro dia, e considerando que Azarel cortou todo contato com Surhiira e desapareceu atrás das linhas inimigas após a invasão, ele praticamente foi declarado um desertor. Ele não será capaz de nos alcançar aqui tão cedo.

"Onde está *meu* beijo?" Whiskey pergunta, caminhando até nós com os braços abertos e um sorriso no rosto.

"Vá beijá-lo antes que ele se incendeie," eu digo a Plague, sorrindo.

Com um último beijo rápido, Plague passa por mim em direção aos outros. Eu observo enquanto ele se aproxima de Whiskey, que ainda está sem camisa e brilhando de suor após sua luta anterior.

"Você deveria realmente colocar uma camisa antes de se queimar," Plague repreende, embora haja carinho em seu tom enquanto puxa Whiskey para perto e pressiona seus lábios contra os do outro alfa. Whiskey o puxa para um abraço esmagador.

A voz divertida de Valek ecoa. "Tarde demais."

Eu volto minha atenção para Wraith, que finalmente chegou até nós. Seus olhos azuis se estreitam acima do lenço preto enquanto eu jogo meus braços ao redor de seu corpo enorme. Ele ronrona suavemente, o som vibrando por todo o meu corpo enquanto ele me envolve em um abraço gentil.

"Como foi?" eu pergunto, me afastando para olhar para ele.

Bem. Senti sua falta, ele sinaliza.

"Eu também senti sua falta," eu digo suavemente.

Ele levanta a mão e desenrola o lenço. Minha respiração falha quando o tecido cai, revelando suas mandíbulas cicatrizadas. À primeira vista, ele não parece dramaticamente diferente. Mas, ao estudá-lo mais de perto, há mudanças sutis, mas perceptíveis. As ranhuras do tecido cicatricial parecem mais suaves, misturando-se mais naturalmente com sua pele, e o músculo exposto perto de seus dentes afiados não parece tão irritado.

Ele ainda parece meu Wraith, mas há menos tensão em seus traços. Como se ele não estivesse mais com dor constante.

Isso é o que mais importa.

"Você está lindo," eu digo honestamente. "Como você está se sentindo?"

Ele encolhe os ombros, mas noto o brilho de satisfação em seus olhos. *Melhor. Não dói tanto,* ele sinaliza.

Meu coração se enche de alegria por ele. Eu levanto as mãos, segurando seu rosto cicatrizado. "Você é tão bonito," eu murmuro,

significando cada palavra. Sempre foi. Então, gentilmente, pressiono meus lábios contra seus dentes afiados.

Wraith congela por um momento, claramente surpreso. Então, hesitante, ele me lambe de volta. Sua própria maneira de beijar. O gesto é quase lobuno, e isso envia um calafrio de calor por mim.

Está ficando *realmente* difícil segurar.

Seu rosnado aumenta quando ele sente meu cheiro cada vez mais forte, aqueles olhos azuis penetrantes escurecendo de interesse.

"Ah, é, como foi seu tratamento a laser chique?" A voz incerta de Whiskey quebra o momento enquanto ele se aproxima de nós. Eu me viro para vê-lo olhando para Wraith, sua testa franzida em confusão enquanto ele observa a aparência de Wraith como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça. "Ah. Sinto muito, cara. Ou... estou feliz por você?"

Eu lhe dou um olhar fulminante.

O desconforto de Whiskey cresce visivelmente. "Mano, isso é uma armadilha? Eu devo dizer algo específico?"

"Você deveria calar a boca e cuidar da sua vida," eu digo, embora não haja calor real em minhas palavras.

Mas Wraith apenas solta uma risada e sinaliza para ele. *Eu não fiz isso por você, W-H-I-S-K-E-Y.*

Whiskey ri nervosamente. Para seu crédito, ele tem melhorado na linguagem de sinais. Todos eles têm. Eu pedi que todos aprendessem comigo, e eles têm se esforçado genuinamente com Wraith como nosso professor.

Plague belisca o lado de Whiskey, provocando um rosnado surpreso dele, antes que ele possa cavar um buraco mais fundo. "Por que não nos sentamos e aproveitamos o delicioso jantar que Ivy preparou?"

Nos reunimos ao redor da fogueira, nos acomodando nos travesseiros dispostos em um círculo. Os peixes e legumes assados crepitam tentadoramente na plataforma de cozinha, enchendo o ar com um aroma delicioso. Eu sirvo a todos, garantindo que Wraith receba porções extras de seus favoritos, já que ele teve um dia difícil.

"Isso parece incrível," Thane diz apreciativamente enquanto eu lhe entrego seu prato.

"Cheira divino," Plague concorda, inalando profundamente.

Whiskey já está enfiando comida na boca. "Puta merda, gata selvagem," ele murmura com a boca cheia. "Isso está foda."

"Obrigada a todos," eu digo, o calor se espalhando pelo meu peito com o elogio deles. "Mas não posso levar todo o crédito. Valek e Whiskey ajudaram, e Wraith pegou os peixes."

Valek se enche de orgulho visivelmente com o reconhecimento, dobrando seu lenço no colo. "Eu não fiz muito."

"É. Você cortou ervas," Whiskey ri. "Eu fui o cara que carregou toda aquela lenha."

"Sim, *e* você conseguiu se queimar no processo porque insiste em ficar sem camisa o tempo todo," Valek retruca. "Realmente um esforço hercúleo."

"Eu não me importo," Plague acrescenta, olhando apreciativamente para o torso nu e musculoso de Whiskey.

Whiskey murmura algo que provavelmente é obsceno antes de olhar ao nosso redor. "Tem algo que está na minha cabeça," ele diz, se esticando enquanto olha para Thane. "Qual é o seu nome verdadeiro?"

Thane olha para cima, surpreso. "O quê?" ele pergunta, franzindo a testa.

"Bem, não pode ser *Thane*, mano."

"E por que diabos não?"

"Não sei, só parece um nome de código," Whiskey diz como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

"O que Thane significaria?" Thane exige.

"Eu sempre achei que tinha algo a ver com árvores," Whiskey diz com um encolher de ombros. "Soa como algo relacionado a árvores."

Thane apenas o encara por alguns segundos antes de responder secamente: "Não tem. É só meu nome."

Eu quase engasgo com meu peixe. Whiskey apenas esfrega a nuca. "Bem, *isso* foi estranho." Ele olha para Wraith. "Falando em nomes, talvez devêssemos renomear você."

Wraith inclina a cabeça, confuso, e sinaliza de volta para ele. *Por quê?*

"Soa como um nome ruim," diz Whiskey. "E você não é um cara ruim. Você poderia ter qualquer nome que quisesse. Como Vincent, ou Victor, ou Viggo…"

"Você conhece algum nome que não comece com V?" Valek pergunta, arqueando uma sobrancelha.

"Nenhum que se encaixaria," Whiskey responde. "Por quê? Está com ciúmes porque ele terá um nome com V melhor que Valek?"

Wraith lhe dá um olhar vazio, como se não soubesse como reagir a isso, então olha para mim. *Eu gosto do meu nome. Gosto da forma como ela o diz,* ele sinaliza.

Eu me inclino contra seu ombro com carinho.

Enquanto eles continuam discutindo de forma amigável, Valek e Whiskey — e agora Plague — debatendo sobre a classificação da lista curta de nomes que começam com a letra V, eu pego o olhar de Wraith novamente. Ele está observando a troca com clara diversão, seus dentes afiados brilhando sob a luz do fogo enquanto ele manobra pedaços de peixe para a boca. Como se ele pudesse dizer que estou me perguntando o que ele está pensando, ele sinaliza com uma mão.

Apenas feliz.

Eu também, eu sinalizo de volta para ele, lágrimas surgindo em meus olhos.

Depois de tudo pelo que passamos, toda a dor, violência e medo, encontramos isso. Este momento de paz, de família, reunidos ao redor de uma fogueira e compartilhando uma refeição.

Comemos em um silêncio confortável por um tempo, saboreando a comida e a companhia um do outro. Enquanto o sol mergulha mais no horizonte, não posso deixar de me maravilhar com o quão longe chegamos.

"Então," Plague diz eventualmente, colocando seu prato vazio de lado. "Presumo que todos notaram a... condição de Ivy."

O calor invade meu rosto enquanto cinco pares de olhos se fixam em mim com foco intenso. Meu cio iminente tem sido o elefante na sala o dia todo, mas é típico de Plague abordar isso de frente.

"Difícil não notar," Whiskey murmura, se mexendo desconfortavelmente.

Thane limpa a garganta. "Devemos discutir como queremos lidar com isso. É o primeiro cio de Ivy com todos nós, e—"

"E eu não quero tomar os supressores de novo," eu interrompo, minha voz mais firme do que me sinto. "Eu... eu quero compartilhar isso. Com todos vocês."

O silêncio que se segue é ensurdecedor. Eu praticamente consigo ouvir as engrenagens girando em suas cabeças enquanto processam minhas palavras. Wraith é o primeiro a reagir, um rosnado baixo e faminto crescendo em seu peito. Os olhos prateados de Valek se estreitam e Whiskey parece que pode explodir espontaneamente.

Plague e Thane trocam um olhar carregado, tendo uma de suas conversas silenciosas. Às vezes, eu gostaria que os dois parassem de pensar por uma vez.

"Tem mais uma coisa," eu acrescento.

Todos eles me observam, pendurados em cada palavra.

"Eu quis dizer o que disse antes de irmos para a guerra, sobre querer que todos vocês me marcassem," eu continuo. "Esta noite é a noite que eu quero fazer isso."

E está claro, pela forma como eles estão me olhando como lobos olhando para um cordeiro, que eles querem exatamente a mesma coisa. Eles querem me reivindicar como sua ômega.

Para sempre.

"Você tem certeza?" Plague pergunta cuidadosamente, sua voz rouca. "Vai ser... intenso, especialmente com você estando no cio."

Eu levanto o queixo, encontrando seu olhar firmemente. "Intensidade nunca me assustou."

Outro silêncio pesado cai sobre nosso círculo. A tensão está aumentando, o ar ficando espesso com o cheiro de alfa e meu próprio cheiro intensificando. Minha pele parece muito apertada, cada terminação nervosa hipersensível.

É Thane quem finalmente quebra o silêncio, sua voz profunda áspera com desejo mal contido. "Nós vamos cuidar de você."

Whiskey solta uma respiração trêmula. "Porra, está quente aqui ou é só eu?"

"É você," Valek diz secamente. "Ou melhor, é ela." Seu olhar faminto não saiu de mim desde que eu fiz minha declaração.

Wraith se aproxima, seu corpo enorme irradiando calor. Ele não fala, mas a intensidade em seus olhos azuis diz volumes. Sua mão encontra a minha, envolvendo-a completamente, e eu me inclino em seu calor sólido.

Ter todos os meus alfas aqui comigo enquanto eu entro no primeiro cio que já desejei está tornando impossível segurar. Um calafrio quente percorre minha coluna e eu solto um gemido fino antes que eu possa me controlar.

"Devemos levar isso para dentro," Plague diz, sempre a voz da razão.

Eu aceno, grata por sua sensatez, mesmo enquanto chamas queimam em minhas veias. "Boa ideia."

Enquanto começamos a limpar o jantar, posso sentir a carga elétrica no ar. Cada toque acidental de pele envia faíscas através de mim. Meus alfas se movem ao meu redor com precisão cuidadosa, como satélites orbitando um sol prestes a explodir.

E, de certa forma, é exatamente isso que está prestes a acontecer.

Antes de entrarmos na villa, eu olho para o lago Surhiiran, observando a visão serena dos últimos raios de sol pintando o céu e a água cintilante em tons vívidos de dourado e violeta.

É lindo.

Mas tudo o que consigo pensar são nos meus alfas.

Minha pele parece estar em chamas enquanto abro a porta escondida e entro no meu ninho, minhas pernas tremendo sob mim. Os lençóis de seda fresca no meio são um choque contra minha carne superaquecida enquanto eu caio sobre eles. Outra onda de calor passa por mim, fazendo-me gemer e me encolher. Minhas roupas parecem muito apertadas, muito restritivas.

Eu quero tirá-las.

Quero ar fresco na minha pele.

Eu quero...

Eu quero meus alfas.

Como se fossem convocados por meus pensamentos, eu os ouço na sala fora do covil. Eu sinto seus cheiros enquanto esperam permissão para entrar no ninho.

"Entrem," eu digo roucamente.

Eles entram um por um, seus olhos escuros de fome enquanto observam a visão de mim deitada na cama. O ar fica espesso com seus cheiros, fazendo minha cabeça girar.

"Porra," Whiskey respira, seus olhos castanhos-dourados arregalados. "Você cheira incrível, gata selvagem."

Eu estendo as mãos trêmulas para ele. "Por favor," eu gemo. "Eu preciso..."

"Nós sabemos do que você precisa," Thane ronrona, sua voz profunda enviando arrepios pela minha coluna. "E vamos cuidar de você. Todos nós."

Eles cercam a cama, formando um círculo de energia alfa protetora que me faz sentir segura, mesmo enquanto o desejo queima em minhas veias. O olhar de Plague percorre meu corpo, avaliando enquanto ele tira uma luva, alcança e pressiona a parte fria de sua mão contra minha testa febril.

"Sua temperatura está elevada," ele murmura. "O cio completo vai chegar em quinze minutos. Precisamos deixá-la mais confortável."

Wraith ronrona suavemente em concordância, suas mãos enormes já trabalhando em meu vestido. Eu arquejo em seu toque, desesperada por contato pele a pele. O tecido cai, deixando-me nua sob seus olhares famintos.

"Linda," Valek ronrona, olhos prateados brilhando. "Nossa pequena ômega perfeita."

Outra onda de calor me invade, e eu grito, sobrecarregada por tudo. Tudo é demais e insuficiente ao mesmo tempo.

Eu preciso das mãos deles em mim.

Suas bocas.

Seus paus.

"Por favor," eu imploro, sem nem saber o que estou pedindo.

"Shh," Thane acalma, acariciando meu cabelo. "Nós cuidamos de você. Apenas solte. Deixe-nos cuidar de você."

Eu aceno freneticamente, além das palavras agora, enquanto o instinto assume o controle. Minhas coxas estão encharcadas de excitação, minha boceta se contraindo em torno de nada. Eu preciso ser preenchida. Eu preciso ser amarrada. Se eu não conseguir todos eles, vou enlouquecer.

Os alfas trocam olhares carregados.

Então, como se coreografados, eles começam a se despir.

Plague vai primeiro, aqueles olhos azuis claros fixos nos meus enquanto ele lentamente tira a outra luva. A visão de suas mãos nuas, e a promessa do que ele vai fazer com elas, me faz estremecer com fogo renovado. Ele toma seu tempo com cada botão de sua camisa branca impecável, revelando vislumbres tentadores de músculos magros. Quando ele tira as calças, seu pau já está duro, o nó na base parcialmente inchado.

Whiskey é menos paciente enquanto desabotoa o cinto e tira as calças. Seus cabelos castanhos estão selvagens, olhos dourados queimando de desejo enquanto ele se despe. Eu absorvo a visão de sua pele bronzeada, seus ombros largos, os músculos grossos de seus braços e peito, sua barriga acolchoada, seu pau enorme. Quando ele me pega olhando, ele sorri com aquele sorriso torto que sempre faz meu coração pular.

"Gosta do que vê?"

Eu aceno, sem confiar em minha voz. Meus olhos são atraídos para Thane enquanto ele começa a se despir. Ele se move com aquela graça quieta e controlada que sempre me cativa. Seus olhos escuros nunca deixam os meus enquanto ele lentamente desabotoa a camisa, revelando os planos esculpidos de seu corpo musculoso. O tecido sussurra enquanto cai no chão, e eu tenho que morder um gemido ao ver toda aquela pele à mostra.

As mãos de Thane vão para o cinto, e eu me pego segurando a respiração. O som suave do metal parece incrivelmente alto no silêncio aquecido do ninho. Ele toma seu tempo, prolongando o momento até que eu esteja quase me contorcendo de impaciência. Quando ele finalmente empurra as calças sobre aquelas coxas poderosas, não consigo evitar o gemido suave que escapa de mim ao ver seu pau duro, uma gota de lubrificante já brilhando na ponta.

Valek vai em seguida. Ele já está sem camisa após sua briga de treino com Whiskey, mas quando ele enfia os polegares na cintura das calças, ele prolonga o momento. Um sorriso brinca nos cantos de seus lábios enquanto ele lentamente as empurra para baixo, revelando o corte de seus quadris. Minha respiração falha quando seu pau surge, já duro e curvado em direção aos abdominais definidos, os piercings prateados brilhando na luz baixa.

Minha memória me leva de volta àquela primeira noite juntos, onde aprendi como os pinos daqueles piercings se sentem empurrando contra meu ponto, e meu núcleo se contrai com o flashback repentino.

Eu lambo os lábios, de repente com sede.

Whiskey está olhando para os piercings em choque, como se nunca os tivesse notado antes. "Que porra, cara, isso não doeu?"

"Esse é o ponto," Valek diz suavemente.

O último alfa a se despir é Wraith. Suas mãos enormes se movem com uma destreza surpreendente enquanto ele desabotoa a camisa, começando pelo colarinho e indo direto para baixo. Tenho certeza de que ele não pretende que seja um strip tease torturante, porque isso não faz parte de sua personalidade, mas é exatamente isso que é.

Ele tira a camisa, deixando-a cair no chão. Meu olhar percorre seu corpo enquanto ele desabotoa o cinto e tira as calças, seus músculos se flexionando sob a pele cicatrizada. Eu absorvo o mapa de cicatrizes que conta a história de tudo o que ele sobreviveu. Algumas são grossas e cordonadas, outras finas e prateadas.

Todas lindas para mim.

Quando ele se endireita, completamente nu agora, não consigo evitar o gemido suave que escapa de mim. Ele é enorme em todos os lugares, seu pau já duro e curvado para cima. As pontas afiadas de seus dentes brilham enquanto ele abre levemente as mandíbulas, farejando o ar.

Todos eles parecem tão famintos.

A visão faz outra onda de calor passar por mim. Eu grito, arquejando na cama enquanto fogo líquido corre por minhas veias.

Minha pele parece muito apertada, muito quente.

Eu preciso...

Eu preciso dos meus alfas.

Eu preciso deles dentro de mim tão desesperadamente que dói.

"Por favor," eu gemo.

Em um instante, eles estão se abaixando para entrar mais no ninho sob o teto inclinado, me cercando. Mãos acariciam minha pele superaquecida, deixando trilhas de eletricidade em seu rastro. Bocas pressionam beijos no meu pescoço, meus ombros, meus seios. Eu estou me afogando em sensações, perdida em um mar de cheiro de alfa e necessidade desesperada.

As mãos frias de Plague envolvem meu rosto, me forçando a focar nele. "Respire, Ivy," ele diz suavemente.

Eu aceno freneticamente. Seus lábios capturam os meus em um beijo ardente que rouba o pouco ar que me resta. Enquanto sua língua invade minha boca, sinto as mãos calejadas de Whiskey em minhas coxas, gentilmente as abrindo.

"Porra, você está encharcada," ele rosna. A primeira lambida de sua língua contra minha boceta me faz gemer na boca de Plague.

A voz profunda de Thane ronrona em algum lugar perto da minha orelha. "Isso. Deixe-nos ouvir você."

Eu me afasto do beijo de Plague com um suspiro por ar enquanto a língua de Whiskey lambe avidamente meu clitóris e percebo que talvez eu não consiga respirar de novo por um minuto. Dois dedos deslizam para dentro de mim facilmente, curvando-se para atingir aquele ponto que me faz ver estrelas. Minhas coxas pressionam contra seu rosto, buscando mais atrito, mais pressão, mais tudo.

"Tão responsiva," Valek ronrona do meu outro lado. Sua mão percorre meu corpo, as pontas dos dedos mal tocando minha pele. Quando ele alcança meu seio, ele rola meu mamilo entre os dedos.

O corpo enorme de Wraith paira sobre mim, seus olhos azuis queimando de fome. Ele se inclina, se aconchegando na curva do meu pescoço. Sinto as pontas afiadas de seus dentes arranhando minha pele e estremeço.

Eu arquejo as costas enquanto a língua de Whiskey faz mágica entre minhas coxas. A barba por fazer em seu queixo arranha minha carne sensível enquanto ele me devora como um homem faminto.

Meus dedos se enroscam em seus cabelos castanhos, puxando-o para mais perto. Estou vagamente consciente das vozes dos alfas acima de mim, discutindo logística, mas suas palavras se misturam na névoa em que minha mente está nadando enquanto Whiskey me devora.

"Precisamos fazer isso ser bom para ela," Thane ronrona. "Melhor do que ela já teve antes."

"Concordo," diz Plague. "Talvez se nós..."

Eu não me importo como eles fazem isso.

Eu só preciso deles dentro de mim, me preenchendo, me reivindicando.

Agora.

"Por favor," eu gemo, balançando meus quadris contra o rosto de Whiskey.

A mão de Valek acaricia minha bochecha, virando meu rosto para ele. "Abra para mim," ele ronrona.

Eu abro os lábios ansiosamente, desesperada por algo para chupar. A cabeça grossa de seu pau empurra para além dos meus lábios e eu gemo em torno dele, saboreando o sabor familiar. Enquanto eu o levo mais fundo, minha língua encontra os pinos de metal de seus piercings.

"Sim," Valek geme. "Deixe bem molhado."

Suas palavras me fazem apertar em torno dos dedos de Whiskey com um gemido, imaginando o pau perfurado de Valek me abrindo. Eu redobro meus esforços, chupando-o mais fundo, circulando minha língua em torno dos piercings.

"Porra," Valek sibila. O que quer que ele diga a seguir está em Vrissian. Seus quadris se contraem, empurrando seu pau mais fundo na minha garganta. Eu respondo afundando as bochechas enquanto trabalho ele com minha boca, empurrando os pinos redondos de metal em círculos. O ângulo é estranho comigo de costas, mas eu não me importo.

Eu preciso disso.

Preciso agradá-los.

Preciso que eles me reivindiquem completamente.

Whiskey escolhe aquele momento para selar seus lábios em torno do meu clitóris e chupar com força. Eu grito em torno do pau de Valek, minhas costas arqueando novamente. A barba por fazer de Whiskey arranha mais forte minhas coxas internas enquanto ele me devora, seus dedos se curvando para atingir aquele ponto dentro de mim que me faz ver estrelas.

"Tão bom," Whiskey rosna na minha boceta.

Eu gemo em torno do pau de Valek, dividida entre as sensações duais de plenitude na minha boca e a eletricidade implacável entre minhas coxas.

É demais.

E insuficiente.

Eu preciso de mais.

Preciso de todos eles.

"Espere," a voz de Plague corta a névoa. "Eu quero tentar algo."

Whiskey se afasta, seu queixo brilhando com meu líquido. "O quê?" ele pergunta, sua voz rouca.

Os olhos de Plague estão escuros de desejo enquanto ele olha para Whiskey. "Eu quero que você se deite sob Ivy, pegando sua boceta enquanto eu pego sua bunda. Ela pode chupar os outros dessa forma. Uma nova maneira de pegá-la toda de uma vez."

Minha respiração falha com suas palavras.

"Porra," Whiskey rosna. "Eu topo se ela topar."

Eu aceno ansiosamente, deixando o pau de Valek escapar da minha boca com um som molhado. O calor que corre em minhas veias exige ser saciado, e eu aceito qualquer coisa que eles estiverem dispostos a me dar.

"Então tá," Thane ronrona. "Vamos prepará-la."

Mãos gentis me ajudam a levantar, me posicionando de quatro. Eu gemo com a perda de contato, meu clitóris formigando, mas então Whiskey está me puxando para cima dele. A cabeça de seu pau pressiona minha entrada enquanto eu me acomodo em seu torso largo, e eu empurro instintivamente, desesperada para ser preenchida.

"Calma, gata selvagem," ele murmura, segurando meus quadris para me manter parada. "Vamos devagar."

Eu quero protestar, implorar para que ele simplesmente me foda logo, mas então sinto os dedos de Plague se molhando em meu líquido. Eu gemo e esfrego contra sua mão desesperadamente enquanto dois de seus dedos entram na minha boceta, encharcando sua mão.

"Fique parada," Plague diz gentilmente, seus dedos já sondando minha outra entrada. Ele me abre cuidadosamente com um único dedo, deslizando para dentro e para fora até a primeira junta, curvando-o e pressionando contra o anel muscular interno apertado.

A queimadura é leve, mas da melhor forma possível.

"Você está indo tão bem," Plague diz suavemente.

Seu elogio envia um calafrio pela minha coluna. Eu esfrego contra seus dedos, mesmo que doa, implorando silenciosamente por mais. O pau de Whiskey ainda está posicionado na minha entrada, não me penetrando completamente, apenas pressionando, e a antecipação está me deixando louca.

"Depressa," eu gemo. "Eu preciso… Eu preciso…"

"Nós sabemos do que você precisa," Valek ronrona de algum lugar à minha esquerda. "E você vai conseguir tudo."

Os dedos de Plague se retiram, e mal tenho tempo de lamentar sua perda antes de sentir a cabeça grossa de seu pau pressionando contra minha bunda. Ao mesmo tempo, Whiskey começa a entrar na minha boceta, o atrito grosso dele acendendo cada terminação nervosa.

"Ah, porra," eu grito enquanto ambos começam a empurrar. A queimadura é intensa, quase demais, como da última vez, mas o calor queimando em mim exige mais.

"Tão apertada," Whiskey geme sob mim. Suas mãos apertam meus quadris, me guiando para baixo dele centímetro por centímetro agonizante. Minhas mãos se agarram ao seu peito largo enquanto ele se enterra até o nó dentro de mim.

A respiração de Plague está quente contra meu pescoço enquanto ele lentamente entra. "Respire, Ivy," ele murmura. "Apenas relaxe."

Eu tento seguir suas instruções, forçando meus músculos a se soltarem enquanto eles me preenchem tão completamente. Parece

que eles estão reorganizando minhas entranhas, reivindicando cada parte de mim. Quando eles finalmente estão completamente dentro, eu solto uma respiração trêmula que borbulha em um grito. Mal consigo respirar, esmagada entre os dois alfas.

"Você está bem?" Whiskey pergunta, sua voz tensa com o esforço de ficar parado.

Eu aceno, sem confiar em minha voz. A plenitude é avassaladora da melhor forma possível. Eu me sinto aberta, totalmente e completamente reivindicada por ambos.

Eles começam devagar, cuidadosos para não me sobrecarregar. Mas, à medida que o desconforto inicial desaparece, substituído por ondas de prazer, eu fico impaciente. Eu esfrego contra eles o máximo que posso nessa posição, esfregando meu clitóris latejante contra a barriga acolchoada de Whiskey.

"Porra," Plague sibila. Seus quadris se movem para frente, entrando em mim com mais força, suas palmas batendo no ninho de cada lado da cabeça de Whiskey enquanto ele mal se contém de me esmagar completamente sob ele. Ele é magro para um alfa, mas ainda é muito maior do que eu.

Ofegante, eu aperto em torno de ambos, saboreando a forma como isso os faz gemer em uníssono. As mãos de Whiskey deslizam para cima para segurar meus seios, os polegares esfregando meus mamilos enquanto eles se comprimem em suas mãos a cada empurrão.

"Monte em nós, gata selvagem," ele rosna.

Eu não preciso ser mandada duas vezes. Eu começo a me mover com vontade, me fodendo de volta em seus paus. Cada empurrão atinge pontos que eu nem sabia que existiam, enviando ondas de choque por todo o meu corpo. Meus olhos rolam para trás como uma pessoa possuída enquanto eu me contorço entre eles, presa no lugar.

"Olhe para ela," a voz profunda de Thane ronrona de algum lugar próximo. "Tão corajosa, levando dois paus de uma vez."

Eu forço meus olhos a se abrirem, nem percebendo que os fechei. Thane e Wraith estão nos observando com olhos famintos,

seus paus duros e lubrificante brilhando em suas pontas. Valek fica mais perto, seus olhos prateados brilhando.

"Não se esqueça do Valek," Plague diz, sua voz áspera com esforço. "Você ainda pode usar sua boca."

A ideia de ser preenchida de todos os lados, de agradar todos os meus alfas de uma vez, me faz estremecer incontrolavelmente. Estou apenas vagamente consciente de que estou gritando quando um pau enche minha boca, me silenciando. Leva um momento para eu perceber que é Valek de novo, claramente não terminou de foder minha boca, e só porque seus piercings estão esfregando no céu da minha boca.

"Que garota boa," Valek ronrona. "Termine comigo."

Tudo o que posso fazer é chupar e me contorcer e tentar respirar, cheia de ambos os lados com Plague socando minha bunda e Whiskey empurrando para dentro da minha boceta. Meu corpo parece esticado de forma impossível, empalado em seus paus enormes.

Eu engasgo levemente quando Valek empurra mais fundo, a cabeça de seu pau atingindo o fundo da minha garganta. Lágrimas surgem em meus olhos, mas eu me forço a relaxar, a levá-lo mais fundo. Ele se retira o suficiente para que eu possa respirar e muda o ângulo, seus piercings prateados esfregando no céu da minha boca enquanto ele entra e sai.

"Leve tudo," Valek ronrona.

Eu gemo em torno de seu pau grosso, sobrecarregada pela plenitude. As mãos enormes de Whiskey agarram meus quadris, me guiando para cima e para baixo em seu pau. Os músculos em seu estômago enterrados sob a camada grossa de gordura se tensionam a cada empurrão. O corpo magro de Plague cobre minhas costas, me enjaulando enquanto ele fode minha bunda com precisão implacável.

Eu me sinto tão pequena entre eles, completamente à mercê deles.

"Porra, ela está tão apertada," Whiskey geme. Seu pau me estica de forma impossível, a borda de seu nó batendo na minha entrada a cada empurrão. Seu corpo robusto vibra com ronronos destinados a

me acalmar, mas eu nem consigo processar o que está acontecendo enquanto os três alfas me usam completamente.

Plague também ronrona, as vibrações formigando em meu corpo enquanto estou esmagada entre eles, me fazendo me contorcer de novo. Meu corpo queima de necessidade, desesperado por mais. Por todos eles. Eu esfrego para trás para encontrar seus empurrões, levando-os o mais fundo que posso, mesmo que pareça que vou rasgar.

As mãos de Whiskey amassam meus seios, suas calosidades arranhando meus mamilos sensíveis. Eu arquejo as costas para empurrar meus seios contra suas palmas, gemendo, o movimento e as vibrações fazendo Valek sibilar. Seu pau se contrai na minha boca.

"Boa garota," Thane ronrona de algum lugar próximo.

Eu forço meus olhos a se abrirem, encontrando seu olhar aquecido. Ele fica ao lado da cama, lentamente masturbando seu pau enorme enquanto observa. Ao lado dele, os olhos azuis de Wraith queimam de fome, seus dentes afiados brilhando como lâminas curtas.

Vê-los lá, esperando sua vez, envia outra onda de excitação por mim. Eu aperto em torno de Whiskey e Plague, fazendo ambos gemerem.

Os quadris de Valek se contraem, seu ritmo falhando. "Porra, estou perto," ele diz com os dentes cerrados.

Eu afundo as bochechas, chupando-o com mais força. Minha língua circula em torno da cabeça de seu pau, provocando o ponto sensível logo abaixo. Ele xinga em Vrissian, seu aperto apertando em meu cabelo.

"Porra, sim," ele rosna. "Faça-me gozar, pequena ômega."

Eu redobro meus esforços, levando-o o mais fundo que posso. Os pinos de metal de seus piercings arrastam ao longo da minha língua enquanto trabalho ele com minha boca. Seu pau incha, os primeiros sinais de seu nó pressionando contra meus lábios.

"Não amarre sua boca," Thane o avisa. "Nenhum de nós vai amarrá-la ainda."

"Gata selvagem, é melhor você chupar até a última gota," Whiskey rosna para mim. "Se até uma gota cair na minha porra de

cara—”

“Cale a boca,” Valek sibila para Whiskey, amolecendo levemente na minha boca.

Eu chupo com mais força, mordendo levemente para que ele não possa puxar para fora e derramar na cara de Whiskey, minha língua trabalhando os piercings de Valek o máximo que posso com seu pau enchendo minha boca completamente. Funciona. Valek solta um rosnado engasgado enquanto ele solta, seu gozo pulsando no fundo da minha língua. Eu engulo reflexivamente, engasgando levemente enquanto sua liberação inunda minha boca e garganta. Quando ele começa a puxar para trás, eu continuo chupando, seguindo a ordem de Whiskey para que uma briga não comece no meu ninho.

Valek faz um som engasgado, completamente arruinado, mas quando ele tenta puxar para trás de novo, eu mordo com mais força. “*Porra*—!”

Quando tenho certeza de que esvaziei Valek e ele não vai derramar em Whiskey, finalmente o liberto de entre meus lábios. Minha mandíbula dói agradavelmente enquanto Valek cai de volta nos travesseiros ao redor da borda do ninho, ofegante e completamente arruinado. Uma onda de orgulho me invade ao reduzir o alfa normalmente composto a tal estado.

“Puta... merda,” Valek ofega.

Eu não tenho tempo para me deleitar em minha conquista antes que Thane se mova em minha direção, seu pau enorme se projetando à frente. Minha boca enche de água ao vê-lo, mas a incerteza brilha em seus olhos escuros.

Provavelmente porque eu acabei de morder Valek.

Whiskey ri debaixo de mim. “Essa configuração toda parece bem precária. Não tenho certeza se quero arriscar você gozando na minha cara.”

A voz zombeteira de Valek ecoa de seu ninho de travesseiros. “Ah, você não estava tão com medo comigo?”

Um rosnado baixo ecoa pelo peito de Whiskey, vibrando através de minhas costelas. “Cai fora antes que eu te chute para fora do ninho.”

"Não é seu ninho. Você não tem autoridade aqui," Valek diz com indiferença.

A discussão deles se torna ruído de fundo enquanto os alfas começam a me reposicionar. Mãos fortes me levantam do pau de Whiskey, fazendo-me gemer com a repentina sensação de vazio. Mas antes que eu possa protestar, estou sendo virada e arrumada em uma nova posição.

Eu me encontro de quatro, a cabeça escorregadia de Whiskey pressionando minha bunda por trás. Eu sinto algo acontecendo embaixo de mim também, e leva um momento para eu perceber que é Plague, deslizando por baixo entre os joelhos de Whiskey para enterrar seu rosto na minha boceta enquanto masturba seu próprio pau. É difícil ver o que está acontecendo desse ângulo, e quando eu viro minha cabeça para frente novamente, Thane está ajoelhado na minha frente, seu pau no nível do meu rosto.

Eu gemo e grito enquanto o pau grosso de Whiskey lentamente empurra para dentro da minha bunda, me abrindo. Ele é um pouco mais grosso que Plague, mas a língua de Plague lambendo minha boceta molhada me distrai da queimadura. Meus braços tremem enquanto tento me segurar, sobrecarregada.

O pau enorme de Thane balança na minha frente, uma gota de lubrificante brilhando tentadoramente na ponta. Eu estico a língua para prová-lo, saboreando o sabor salgado-doce. Ele rosna, uma mão vindo para se enroscar em meu cabelo.

"Isso mesmo, pequena," ele ronrona.

Eu abro os lábios, deixando-o guiar seu pau para dentro da minha boca. A queimadura é intensa. Ele é tão grande que mal consigo encaixá-lo entre meus dentes. Mas já fiz isso antes, e posso fazer de novo. Mesmo que não tivesse, a parte primal do meu cérebro que assumiu o controle no cio exige mais.

Eu preciso ser preenchida.

Reivindicada.

Marcada.

Whiskey começa a se mover atrás de mim, seus quadris rolando em um ritmo constante enquanto ele fode minha bunda. Cada empurrão me empurra para frente, levando o pau de Thane mais

fundo na minha garganta. Eu engasgo levemente, lágrimas surgindo nos cantos dos meus olhos, mas me forço a relaxar e levá-lo mais fundo.

"Porra, você é incrível," Whiskey geme. Suas mãos agarram meus quadris, os dedos cavando com força suficiente para machucar. A dor leve só faz isso parecer ainda melhor, faíscas correndo ao longo de meus nervos.

A língua de Plague circula em torno do meu clitóris em círculos enlouquecedores antes de mergulhar mais baixo para empurrar dentro de mim. Os sons molhados de sua boca trabalhando minha boceta enchem o ar, misturando-se com nossos gemidos e rosnados. Eu esfrego contra ele desesperadamente, buscando mais daquele atrito exquisito.

Minha mente fica em branco, reduzida a puro instinto animal. Tudo o que consigo focar é a sensação de ser preenchida de ambos os lados, de agradar meus alfas enquanto eles me levam com eles. O calor se enrola baixo no meu núcleo, se apertando cada vez mais com cada empurrão.

Os quadris de Thane começam a se mover mais rápido, fodendo minha boca com vontade agora. A saliva escorre do meu queixo enquanto eu luto para respirar em torno de sua grossura. Seu pau atinge o fundo da minha garganta a cada empurrão, me engasgando.

Mas eu amo isso.

Amo me sentir possuída e reivindicada por ele.

"Você é tão corajosa," ele elogia, voz rouca de excitação. "Tão boa garota."

Suas palavras enviam uma nova onda de líquido escorrendo por minhas coxas. Plague geme contra minha boceta, lambendo avidamente. As vibrações de sua voz enviam ondas de choque irradiando por mim, da minha boceta até a ponta do meu nariz, até que meu rosto inteiro está zumbindo.

Os empurrões de Whiskey ficam mais erráticos, sua respiração áspera e superficial. "Porra, estou perto," ele diz com os dentes cerrados. A borda de seu nó pega na minha entrada a cada empurrão, ameaçando entrar.

Parte de mim quer isso desesperadamente. Quer ser amarrada a ele, preenchida com sua semente. Mas eles concordaram em não amarrar ainda. Não até que todos tenham tido sua vez comigo. Então eu aperto com mais força, provocando um rosnado rouco dele.

"*Porra*, ela está apertada…"

Como se lesse minha mente, Thane rosna para ele. Avisando-o sem palavras para puxar para fora quando ele gozar.

Whiskey solta um gemido frustrado e seus quadris se movem para frente mais rápido, buscando sua liberação, minha bunda esfregando contra sua pelve e estômago. A força de seus empurrões me balança para frente, enfiando o pau de Thane impossivelmente mais fundo na minha garganta. Seu pau grosso e latejante abafa meu gemido e eu enterro meus dedos nos lençóis e cobertores do meu ninho, focando em respirar pelo nariz.

A língua de Plague trabalha mais rápido contra meu clitóris, dois dedos deslizando para dentro para se curvar contra aquele ponto que me faz ver estrelas e me contorcer em total desespero. As sensações duais de plenitude e a pressão implacável nas minhas áreas mais sensíveis rapidamente me empurram para a beira.

A primeira onda me atinge sem aviso. Eu grito em torno do pau de Thane, mal conseguindo fazer um som em torno dele, meu corpo inteiro se tensionando enquanto o êxtase rola por mim. Minha boceta se contrai ritmicamente em torno dos dedos de Plague enquanto ele me leva através disso, extraindo cada última onda de prazer.

A força do meu orgasmo parece desencadear o de Whiskey. Ele puxa para fora bem a tempo, seu pau pulsando enquanto ele pinta minhas costas e o abdômen de Plague com cordas de gozo quente. A sensação de isso respingando contra minha pele superaquecida me faz estremecer e esfregar contra o rosto de Plague.

Thane segue logo depois, suas mãos apertando em meu cabelo enquanto ele derrama na minha garganta com um gemido gutural. Eu engulo reflexivamente, engasgando levemente novamente enquanto tento engolir tudo. Um pouco escapa, escorrendo dos

cantos da minha boca. Já estou tão cheia de gozo de Valek que não consigo engolir até a última gota.

Enquanto as ondas de prazer diminuem, eu desmorono para frente, bunda no ar, completamente exausta. Tudo o que posso fazer é me contorcer e estremecer enquanto Plague continua me comendo, seus rosnados abafados por minha boceta enquanto ele goza na mão, as cordas respingando na coxa de Whiskey.

Mas o fogo em minhas veias não foi completamente apagado.

Meu cio está longe de acabar.

Mãos gentis me ajudam a deitar de costas. Eu pisco para meus alfas através de olhos embaçados, um sorriso preguiçoso se espalhando pelo meu rosto. Eles parecem tão arruinados quanto eu me sinto, peitos ofegantes enquanto tentam recuperar o fôlego.

"Puta merda," Whiskey ofega, passando uma mão pelos cabelos úmidos de suor. "Isso foi..."

"Incrível," Plague termina, lambendo os lábios. Seu queixo brilha com meu líquido.

Wraith sobe sobre mim, seus rosnados baixos ecoando com os ecos do ronrono quebrado que amo tanto. Suas mãos enormes agarram minha cintura enquanto ele me levanta sem esforço, me posicionando em seu colo sobre seu pau grosso. Eu me agarro a seus ombros largos, minhas pernas tremendo enquanto eu me sento em seu colo. Seus olhos azuis queimam nos meus, pupilas dilatadas de desejo.

"Por favor," eu gemo, esfregando contra ele desesperadamente. Minha boceta se contrai em torno de nada, doendo para ser preenchida de novo, mesmo que eu esteja tão cheia de gozo que meu estômago está caindo. "Eu preciso de você."

Um rosnado baixo cresce em seu peito enquanto ele lentamente me abaixa em seu comprimento. Eu grito enquanto ele me abre, minhas paredes supersensíveis tremeluzindo em torno dele. Ele me segura parada uma vez que está completamente dentro, me dando tempo para me ajustar. Suas mãos abrangem minhas costelas, polegares acariciando reverentemente a parte inferior dos meus seios. Eu me inclino para frente, pressionando minha testa contra a dele enquanto tento recuperar o fôlego.

Ele ronrona novamente, as vibrações enviando pequenas ondas de choque através do meu núcleo. Lentamente, cuidadosamente, ele começa a se mover. Seus quadris rolam para cima em mim enquanto ele me levanta com aqueles braços fortes, estabelecendo um ritmo constante.

Estou vagamente consciente do movimento atrás de mim. Mãos agarram meus quadris, diferentes das de Wraith. A voz profunda de Thane ronrona no meu ouvido.

"Tem espaço para mais um?"

Antes que eu possa processar suas palavras, sinto a cabeça grossa de seu pau pressionando minha bunda. Meus olhos se arregalam enquanto percebo o que ele pretende fazer.

"Ah, porra," eu grito enquanto Thane começa a empurrar para dentro.

A queimadura é quase insuportável enquanto ele entra na minha bunda, mas estou longe demais para me importar. Meu corpo queima por eles, desejando mais mesmo enquanto me sinto impossivelmente cheia. Wraith me segura parada com um rosnado suave e tranquilizador enquanto Thane lentamente se enterra dentro de mim.

"Porra," eu grito, minha testa pressionada contra a de Wraith enquanto tento respirar através das sensações avassaladoras. "Tão cheia..."

Wraith ronrona tranquilizadoramente, as vibrações viajando por todo o meu corpo. Seus olhos azuis se encontram com os meus, cheios de uma mistura de preocupação e desejo ardente. Eu me agarro a seus ombros largos, usando-o como uma âncora enquanto Thane começa a se mover.

Os primeiros empurrões são lentos, cuidadosos. Mas, à medida que meu corpo se ajusta, aceitando ambos, o ritmo acelera. Wraith me levanta com aqueles braços impossivelmente fortes, apenas para deixar a gravidade me puxar de volta para baixo em seus paus. Cada vez que eu desço, Thane empurra para cima para me encontrar. O contraponto de seus movimentos me faz ver estrelas, o prazer espalhando por mim a cada empurrão.

Estou vagamente consciente de que estou fazendo barulho. Gritos altos e estridentes que mal reconheço como minha própria voz. Mas não consigo parar. Não consigo controlar nada enquanto eles me fodem implacavelmente, me levando cada vez mais alto.

"Você está indo tão bem," Thane rosna no meu ouvido, seu hálito quente contra meu pescoço. Seu encorajamento envia outra onda de calor por mim. Eu tento responder, dizer a ele o quão bom é ser deles, mas tudo o que sai é um gemido quebrado.

A cabeça de um pau bate nos meus lábios e eu olho para cima através de olhos embaçados para ver piercings familiares a alguns centímetros do meu rosto. Eu pisco, tentando focar. Valek está atrás de Wraith, curvado um pouco por causa do teto inclinado do meu quarto de nidificação, seus olhos prateados brilhando com fome renovada.

Quando ele se recuperou?

Há quanto tempo estamos fazendo isso?

O tempo perdeu todo o significado no meio do meu cio. Eu nem sei quando Plague e Whiskey se viraram um para o outro, Plague ofegando e gemendo de costas enquanto ele se desfaz com Whiskey chupando seu pau ao nosso lado. A mão de Plague está agarrada à minha coxa, se agarrando a mim como uma tábua de salvação enquanto Whiskey o esvazia.

Antes que eu possa processar o que está acontecendo, Valek está pressionando seu pau contra meus lábios. "Não posso deixar meus irmãos terem toda a diversão," ele ronrona.

Thane rosna em clara agitação como se estivesse prestes a corrigi-lo, mas ele não o faz. É distante, de qualquer forma, ofuscado pela necessidade avassaladora que corre por mim. Sem pensar, eu abro os lábios, aceitando o pau de Valek na minha boca. O sabor salgado familiar dele inunda meus sentidos enquanto ele empurra mais fundo.

"Porra," Valek sibila. "Ainda tão ansiosa por isso..."

Eu mal consigo respirar, empalada em três paus ao mesmo tempo. Meu corpo parece estar em chamas, cada terminação nervosa cantando com prazer e dor. Eu não sei mais onde eu

termino e eles começam. Somos um emaranhado de membros e sensações, nos movendo juntos em um ritmo primal.

A sensação da mão de Plague se movendo para meu clitóris enquanto Wraith empurra para dentro de mim me leva ainda mais longe da beira de compreender o que está acontecendo. Eu gemo em torno do pau de Valek enquanto eles mantêm cada centímetro do meu corpo ocupado, meus braços parecendo simultaneamente sem ossos e feitos de chumbo, mesmo enquanto me agarro a Wraith por apoio.

Os braços de Wraith se apertam em torno de mim, me segurando perto enquanto Thane e Valek me fodem por trás e por cima. Sua mandíbula cicatrizada esfrega contra minha bochecha enquanto ele se aconchega no meu pescoço, um rosnado baixo e constante ronronando em seu peito.

Os alfas encontram seu ritmo, trabalhando juntos para me levar cada vez mais alto. O pau grosso de Thane estica minha bunda de forma impossível a cada empurrão. Wraith preenche minha boceta tão completamente, a borda de seu nó pegando na minha entrada. E Valek fode minha boca com abandono selvagem, seu pau perfurado atingindo o fundo da minha garganta.

O calor se enrola baixo no meu núcleo, se apertando cada vez mais enquanto os dedos habilidosos de Plague trabalham meu clitóris. Seu toque é implacável, preciso, alimentando o inferno que queima em minhas veias. Eu esfrego desesperadamente contra Wraith e Thane, buscando aquele pico ilusório. Seus nós incham, pegando na minha entrada a cada empurrão, me provocando com a promessa de plenitude.

Eu preciso de mais. Preciso ser esticada, preenchida, reivindicada completamente.

"Por favor," eu tento gritar, mas minha voz é abafada pelo pau de Valek e a palavra sai como um grito ofegante. Eu puxo para fora de seu pau com um suspiro, seus pinos redondos batendo contra meus lábios inchados. "Por favor," eu gemo, minha voz rouca e desesperada. "Eu preciso... Eu preciso..."

"Do que você precisa, pequena?" Thane rosna no meu ouvido, seus quadris se movendo para frente com mais força.

“Seus nós,” eu engasgo. “Por favor, eu preciso dos seus nós. Qualquer um de vocês. Todos vocês. Eu não me importo, apenas... por favor!”

Isso parece quebrar o último de sua contenção. Wraith avança, seus dentes afiados arranhando meu lábio inferior enquanto ele pressiona suas mandíbulas contra meus lábios. Ao mesmo tempo, a boca de Thane se prende à junção do meu pescoço e ombro, chupando com força. Valek se masturba ao nosso lado para que eu possa respirar, observando atentamente enquanto eu me desfaço, seus olhos brilhando como mercúrio na luz baixa do meu ninho.

Eles se movem em perfeita sincronia, empurrando para dentro de mim com mais força, mais rápido. Seus nós incham mais, pegando na minha entrada a cada empurrão.

“Isso mesmo,” Plague murmura encorajadoramente, seus dedos nunca parando seu ataque implacável ao meu clitóris. “Leve-os, Ivy. Você consegue.”

Com um empurrão final e poderoso, Wraith e Thane empurram seus nós para dentro de mim. Eu grito enquanto eles se prendem dentro de mim, me esticando de forma impossível. A dor rápida dá lugar a um prazer avassalador enquanto eles começam a gozar, me inundando com sua semente quente.

Meu corpo se contorce entre eles, contraindo ritmicamente em torno de seus paus pulsantes, meu estômago caindo da plenitude avassaladora. Estrelas explodem atrás das minhas pálpebras enquanto onda após onda de êxtase passa por mim.

Estou vagamente consciente de Valek xingando em Vrissian, seus quadris se contraindo enquanto ele derrama sobre meus seios e clavícula. A sensação de seu gozo quente pintando minha pele apenas intensifica meu prazer.

Os dedos de Plague se movem mais rápido contra meu clitóris supersensível, extraindo meu êxtase até que eu esteja um tremor, uma bagunça incoerente. Através da névoa de prazer, eu o ouço soltar um gemido engasgado. Seus quadros se arquejam para cima na boca de Whiskey enquanto ele goza de novo, seu corpo inteiro estremecendo.

O tempo perde todo o significado enquanto nós cavalgamos nosso clímax compartilhado. Parece que estou flutuando no lago, ancorada apenas pela sensação dos corpos dos meus alfas pressionados contra o meu. Suas mãos percorrem minha pele úmida de suor, acalmando e possessivas. Palavras suaves de elogio e adoração me envolvem, embora eu não consiga distinguir vozes individuais.

Enquanto a intensidade começa a diminuir, eu me torno consciente da dor em minha mandíbula, a leve queimadura onde estou esticada em torno dos nós de Wraith e Thane. Mas é uma dor boa. Um lembrete de quão completamente fui reivindicada.

Eu me aconchego no pescoço de Wraith, respirando seu cheiro selvagem e terroso. Seus braços se apertam em torno de mim, me segurando perto. Atrás de mim, Thane pressiona beijos gentis ao longo do meu ombro, sua barba por fazer arranhando agradavelmente minha pele sensível.

Todos os meus alfas estão ronronando, e eu também.

"Nossa garota perfeita," Plague murmura, sua mão se movendo do meu clitóris para acariciar meu cabelo.

Eu murmuro contente, muito exausta para formar palavras. Meu corpo parece pesado, saciado de uma forma que nunca experimentei antes.

Whiskey ri roucamente. "Acho que a quebramos."

"Cai fora," eu resmungo, embora não haja calor nisso. Eu nem consigo reunir energia para abrir os olhos.

"Aí está ela," Valek ronrona, a diversão clara em sua voz. "Eu estava começando a me preocupar que a tínhamos fodido muda."

Eu me deleito no pós-clímax, cercada por meus alfas, seus ronronos vibrando através de mim. A dor onde estou esticada em torno dos nós de Wraith e Thane é um lembrete agradável de quão completamente fui reivindicada.

Mas há mais um passo para completar isso.

"Está na hora," eu murmuro, minha voz rouca de tanto gritar. "Eu quero que vocês me marquem. Todos vocês."

O ronronar para abruptamente. Eu posso sentir a tensão vindo deles, uma mistura de desejo e hesitação.

"Você tem certeza de que está pronta?" Plague pergunta suavemente, sua mão parando em meu cabelo, embora pareça que está matando ele perguntar. "Uma vez feito, não há volta."

Eu aceno tontamente. "Tenho certeza. Eu quero isso. Eu quero que essa matilha seja minha, para sempre."

Whiskey solta uma respiração trêmula. "Porra, gata selvagem. Você não sabe o que isso significa para nós."

Mas eu sei. Eu posso ver em seus olhos, sentir na forma como seus corpos se tensionam em torno de mim. Isso é tudo o que eles querem, tudo o que eles temem esperar.

E o mesmo vale para mim.

"Wraith," eu digo, me virando para me aconchegar em sua mandíbula cicatrizada, mais suave agora do que antes do tratamento. "Eu quero que você vá primeiro."

Ele se afasta levemente, confusão evidente naqueles olhos azuis, geralmente tão afiados e intensos. Agora, há apenas calor lá. Suas mãos se movem para sinalizar para mim.

Vai doer mais quando eu te marcar.

"Parte de onde a marca será já está cicatrizada," eu explico, alcançando para traçar as cicatrizes em seu rosto enquanto ele me olha. "De quando eu queimei minha designação de ômega." Eu engulo em seco, afastando as memórias daquela dor. "Seus dentes são tão afiados... eles vão cortar o tecido cicatrizado facilmente."

Compreensão brilha nos olhos de Wraith, seguida rapidamente por mais preocupação.

Não sei se consigo ser tão gentil.

"Eu confio em você," eu insisto, pressionando mais perto dele, apesar do leve desconforto de me mover em seu nó. "Por favor, Wraith. Eu quero que seja você."

Ele me encara por um longo momento, conflito fervilhando naqueles olhos expressivos. Eu posso vê-lo pesando os riscos, seus instintos protetores lutando com o óbvio desejo de me reivindicar como sua.

Finalmente, ele solta um rosnado baixo e rouco que vibra por todo o meu corpo. Ele acena uma vez, um movimento brusco de sua cabeça.

"Se ele for muito fundo..." Thane diz atrás de mim, sua voz tensa com preocupação.

"Eu confio nele," eu digo firmemente. "Eu confio em todos vocês."

As mãos enormes de Wraith vêm para envolver meu rosto, aqueles dedos ásperos tão gentis contra minha pele. Ele se inclina lentamente, me dando toda a chance de mudar de ideia. Mas eu não quero. Eu inclino a cabeça, expondo meu pescoço para ele em um gesto de completa submissão.

Seu hálito está quente contra minha pele enquanto ele se aconchega no meu pescoço. Eu sinto as pontas afiadas de seus dentes arranhando a carne sensível e estremeço. Não de medo, mas de excitação e antecipação.

"Faça isso," eu sussurro.

Wraith hesita por apenas um momento a mais. Então, com uma lentidão agonizante, ele fecha suas mandíbulas em torno da curva do meu pescoço e seus dentes afiados afundam.

A dor é imediata e intensa. Parece ser marcada por facas. Eu grito, meu corpo se tensionando em torno dos nós ainda presos dentro de mim. Mas sob a dor, há algo mais. Uma onda de calor que não tem nada a ver com meu cio que está diminuindo e tudo a ver com o ato primal de ser reivindicada.

Eu sinto o momento em que Wraith atravessa o tecido cicatrizado. É uma sensação estranha, dor sobreposta a dormência onde os nervos foram danificados. Mas então sua língua está lá, lambendo a ferida simultaneamente, e a dor começa a diminuir.

Enquanto Wraith gentilmente retira seus dentes afiados e se afasta, eu sinto o vínculo se formar. É como nada que eu já experimentei antes. De repente, estou agudamente consciente dele de uma forma que nunca estive. Eu sinto uma onda de suas emoções — seu amor, sua feroz proteção, sua culpa persistente por me causar dor.

"Obrigada," eu murmuro, pressionando um beijo gentil em seus dentes manchados de sangue.

Você está bem? ele sinaliza.

"Mais do que bem," eu digo ofegante enquanto o calor se espalha da minha nova marca por todo o meu corpo, misturando-se com o sangue escorrendo pelo meu peito e costas em riachos.

Ele ronrona suavemente, se aconchegando em mim. Eu posso sentir seu alívio e felicidade através do nosso novo vínculo, e isso me faz sorrir.

"Você é o próximo," eu sussurro para Thane, olhando para trás para ele. A preocupação em seu olhar é clara, mas quando ele vê que estou bem, seus lábios se curvam em um sorriso aliviado.

Ele sem palavras pressiona seus lábios contra a curva do meu pescoço, provando meu sangue, lambendo os cortes da marca já fechada de Wraith para misturar suas saliva antes que ela se feche. Eu inclino a cabeça para dar a ele melhor acesso ao outro lado do meu pescoço. Sua barba por fazer arranha agradavelmente minha pele enquanto ele se inclina. Diferente de Wraith, ele não hesita. Seus dentes afundam na minha carne imediatamente, fazendo-me gritar.

A dor é diferente desta vez. Mais afiada, mais focada. Mas diminui rapidamente, substituída pela onda inebriante de outro vínculo se formando. Eu sou inundada com as emoções de Thane. Seu amor feroz, sua lealdade inabalável, a profundidade de seu compromisso com nossa matilha. Comigo.

Enquanto Thane se afasta, lambendo a ferida fechada, eu me sinto relaxando ainda mais. Eu ouço vozes ao meu redor, coordenando as próximas mordidas, mas estou contente em apenas me perder no mar de êxtase. Quando finalmente estou relaxada o suficiente para Wraith e Thane saírem de mim, eu me encontro no colo de Valek, o que eu só percebo porque seus piercings estão batendo na minha entrada.

Os olhos prateados de Valek queimam nos meus enquanto ele lentamente me abaixa em seu pau. Os pinos de metal de seus piercings arrastam deliciosamente contra minhas paredes internas, me fazendo estremecer. Estou tão sensível depois de tudo o que fizemos, mas o fogo em minhas veias ainda arde. Meu cio ainda não acabou.

Eu gemo enquanto ele chega ao fundo, me sentindo impossivelmente cheia mais uma vez. Minhas coxas tremem enquanto tento me segurar, sobrecarregada. Os músculos magros de Valek se flexionam sob mim enquanto ele começa a se mover, arrancando gemidos de mim.

Os outros observam com olhos famintos. Whiskey se masturba preguiçosamente, enquanto os dedos de Plague percorrem minha coluna. Thane e Wraith ainda estão se recuperando, mas seus olhares não são menos intensos.

"Olhe para você," Valek murmura, uma mão vindo para envolver meu rosto. "Tão linda. Tão perfeita para nós."

Suas palavras enviam uma nova onda de calor por mim. Eu esfrego contra ele desesperadamente, buscando mais atrito. Os piercings em seu pau atingem pontos dentro de mim que fazem meus dedos dos pés se enrolarem, e não consigo evitar os gemidos ofegantes que escapam de mim a cada empurrão.

"Por favor," eu gemo, sem nem saber o que estou implorando.

Valek rosna como se soubesse exatamente, seus quadris se movendo para frente com mais força. "Você precisa ser reivindicada. Marcada. Feita nossa para sempre."

"Sim," eu gemo, me agarrando a seus ombros. "Por favor, Valek. Me marque."

Ele me dá aquele sorriso lobuno que amo tanto. "Como desejar, pequena ômega."

Com um empurrão final e poderoso, o nó de Valek entra em mim. A queimadura é intensa, quase dolorosa, mas então ele está gozando e o prazer afoga tudo mais. Jatos quentes de sua liberação me inundam enquanto seus dentes afundam, logo acima da marca de Wraith.

Eu grito enquanto outro orgasmo passa por mim, contraindo ritmicamente em torno do pau pulsante de Valek. Através da névoa de prazer, eu sinto o terceiro vínculo se formar. As emoções de Valek me inundam. Possessividade, amor e uma profundidade de adoração total que me deixa tonta. Esse homem faria qualquer coisa por mim. Ele arrancaria a lua do céu se achasse que isso me faria sorrir.

Eu me aconchego em seu pescoço, sobrecarregada pela intimidade do momento. Seus braços se apertam em torno de mim, me segurando perto enquanto as ondas de prazer passam por nós dois. Seu ronrono vibra através do meu peito, confortante e possessivo ao mesmo tempo. Eu me sinto sem ossos, completamente exausta, mas tão incrivelmente cheia. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente também.

Enquanto a intensidade começa a diminuir, eu me torno consciente dos outros se movendo ao nosso redor. Mãos gentis acariciam minhas costas, minhas coxas, meu cabelo. Palavras suaves de elogio e adoração me envolvem, embora eu não consiga distinguir vozes individuais.

Eu murmuro contente, muito exausta para formar palavras de qualquer forma. Meu corpo parece pesado, saciado de uma forma que nunca experimentei antes.

Valek se move levemente, seu nó puxando minha carne sensível. Eu gemo com a sensação, e ele me acalma com beijos gentis ao longo do meu ombro enquanto ele puxa para fora. Mas antes que eu possa expressar meu descontentamento por estar vazia novamente, braços fortes estão me levantando, me embalando contra uma parede de músculos acolchoados.

Eu pisco sonolenta, tentando focar. Whiskey sorri para mim, seus olhos dourados quentes. "Nossa vez, gata selvagem," ele ronrona. "Eu quero aquela bundinha apertada de novo."

Plague aparece na minha frente, seus dedos acariciando as marcas de Thane que estão se fechando. "Aqui?" ele pergunta, olhando para Whiskey.

"Parece bom," Whiskey diz roucamente. "Ambos ao mesmo tempo?"

"Como um," Plague concorda.

Meu coração acelera enquanto Whiskey e Plague se posicionam em ambos os lados de mim. Sua pele está quente como fogo contra a minha enquanto o corpo robusto de Whiskey pressiona minhas costas e Plague fica de frente para mim, seus olhos azuis claros escuros de desejo.

"Pronta, gata selvagem?" Whiskey ronrona no meu ouvido, sua barba por fazer arranhando agradavelmente meu pescoço.

Eu aceno, me encontrando além das palavras novamente. Meu corpo anseia por ser preenchido novamente, reivindicado por esses dois alfas que me amam e um ao outro. Enquanto Whiskey me levanta levemente, eu gemo ao sentir a cabeça grossa de seu pau pressionando minha bunda dolorida. Ao mesmo tempo, as mãos de Plague agarram meus quadris, me guiando em seu comprimento.

A queimadura enquanto eles entram em mim simultaneamente é quase demais. Eu grito, minha cabeça caindo para trás no ombro musculoso de Whiskey enquanto eles lentamente empurram mais fundo. O contraste do pau grosso de Whiskey na minha bunda e o de Plague na minha boceta me leva à beira novamente, e então estou caindo além, me contorcendo e me debatendo.

"Porra," Whiskey sibila através dos dentes cerrados. "Tão apertada…"

Os dedos de Plague cavam em meus quadris, sua expressão normalmente controlada rachando enquanto ele chega ao fundo dentro de mim. "Respire, Ivy," ele murmura, embora sua voz esteja tensa. "Apenas relaxe."

Eu tento seguir suas instruções, forçando meus músculos a se soltarem. É um desafio com ambos enterrados tão fundo dentro de mim, mas, à medida que o desconforto inicial desaparece, ondas de prazer começam a rolar por mim. Eu me esfrego experimentalmente, esfregando contra eles, e todos nós três gememos e rosnamos em uníssono. Eu me agarro aos ombros de Plague, minhas unhas cavando enquanto tento me ancorar para não desmaiar.

As mãos de Whiskey percorrem meu corpo por trás, ásperas e possessivas. Ele amassa meus seios, rolando meus mamilos entre seus dedos enquanto ele fode para cima em mim. Seu pau me estica tão largamente, a borda de seu nó pegando na minha entrada a cada empurrão. Atrás de mim, eu posso sentir o ronronar de seus rosnados vibrando através de seu peito.

"Ah, porra," eu grito enquanto ele começa a trabalhar círculos apertados ao redor do broto sensível. Eu não estou apenas perto

desta vez, estou acabada. Mal consigo registrar onde estou mais. Nas estrelas, talvez.

"Goze para nós," Plague ordena, sua voz rouca. "Solte, Ivy. Nós cuidamos de você."

Suas palavras, combinadas com um empurrão particularmente profundo de Whiskey, me enviam caindo sobre a borda. Eu grito enquanto meu orgasmo passa por mim, meu corpo se contorcendo entre eles. Minhas paredes internas se contraem ritmicamente em torno de seus paus enquanto eles enfiam seus nós em mim, arrancando gemidos gêmeos dos alfas.

Mas ainda não acabou. No momento em que seus nós se prendem dentro de mim, me enchendo, eu os sinto mudar. Seu hálito está quente em minha pele enquanto eles se aconchegam na mesma área do lado que Thane marcou, e eu sei o que está por vir.

"Nossa," Whiskey rosna.

"Para sempre," Plague acrescenta.

Seus dentes afundam no meu ombro em perfeita uníssono e seus vínculos se formam simultaneamente. Eu não consigo dizer onde um termina e o outro começa. Uma onda de emoções me atinge, ameaçando me afogar. A paixão feroz e a lealdade inabalável de Whiskey se misturam com o amor profundo e duradouro de Plague e o que parece estranhamente como adoração também.

Enquanto eles gentilmente retiram seus dentes, suas línguas lambem as feridas, selando-as. A picada desaparece rapidamente, substituída por um calor que se espalha por todo o meu corpo.

Eu me sinto... completa.

Inteira de uma forma que nunca experimentei antes.

Eu ronrono enquanto o mundo se estreita para este momento, para a sensação de ser completamente reivindicada e possuída por esses alfas.

Todas as suas mãos percorrem minha pele úmida de suor, acalmando e possessivas ao mesmo tempo. Ronronos suaves e rosnados ecoam em seus peitos, vibrando contra mim de ambos os lados. Meus braços, pernas e coluna parecem cheios de chumbo enquanto sou levantada de Plague e Whiskey e embalada no centro da matilha, cercada por amor e proteção.

"Você deveria morder todos nós também," Valek ronrona, quebrando o silêncio. "Não é justo para o resto da matilha que eu sou o único que vai carregar uma marca sua esta noite."

"Espera, não *meu* pau," Whiskey diz defensivamente enquanto Plague respira uma risada rouca de algum outro lugar no ninho.

"Não precisa ser seu pau," Valek diz secamente.

Eu pisco lentamente, tentando focar através da névoa de prazer e exaustão. As palavras de Valek levam um momento para se registrar em meu cérebro embaçado.

Mordê-los?

Marcá-los como meus?

Estou tão agradavelmente cansada que não acho que tenho energia para ficar acordada por muito mais tempo, mas a ideia de reivindicar meus alfas em troca está me acordando um pouco.

"Posso?" eu pergunto, minha voz rouca.

Os dedos de Plague acariciam gentilmente meu cabelo. "Claro," ele diz suavemente. "Marcas de ômega não têm a mesma... intensidade biológica que marcas de alfa, mas significam tanto quanto."

"Então eu quero," eu murmuro. "Eu quero marcar todos vocês."

Wraith solta um rosnado suave e ronronante com minhas palavras.

Thane acena. "Nós somos seus, pequena."

Eu me viro em seus braços para Wraith primeiro. "Você," eu murmuro, alcançando para traçar suas cicatrizes irregulares, mais suaves agora do que antes do tratamento. "Eu quero marcar você aqui." Eu toco gentilmente logo abaixo de sua orelha no topo do pescoço, em um dos poucos pedaços de pele intacta.

Ele ronrona suavemente, inclinando a cabeça para me dar melhor acesso. Meus dentes arranham sua pele com uma lambida gentil antes de afundar meus caninos. O sabor de seu sangue inunda minha boca, metálico e afiado. Enquanto eu o liberto, lambendo gentilmente a ferida, nossa conexão vibra com uma onda de alegria por pertencer a mim.

Thane é o próximo. Ele me observa com aqueles olhos escuros e intensos, esperando pacientemente por minha decisão. "Para você,"

eu murmuro, traçando meus dedos pelo seu peito. "Bem aqui." Eu toco o ponto sobre seu coração.

A respiração de Thane falha enquanto eu me inclino. Sua pele está quente sob meus lábios enquanto eu pressiono um beijo suave no local antes de afundar meus dentes. Seu ronrono se intensifica, sua mão vindo para se enroscar em meu cabelo antes que eu me afaste.

Whiskey se move impaciente ao meu lado, chamando minha atenção. Seus olhos dourados estão mais escuros enquanto ele me observa. "E eu, gata selvagem? Onde você quer me marcar?"

Minhas mãos percorrem seu peito largo e os músculos sólidos abaixo. Então, decisivamente, eu me inclino e mordo a junção onde seu pescoço encontra o ombro, sabendo que ele ficará orgulhoso de exibir a cicatriz lá. Quando eu me afasto, admirando as marcas limpas de meus caninos, ele me olha adoravelmente.

Finalmente, eu me viro para Plague. "E você," eu murmuro, alcançando para ele. "Eu sei exatamente onde quero marcar você." Eu gentilmente pego sua mão na minha, virando-a com a palma para cima. Então, mantendo contato visual, eu afundo meus caninos na carne de seu polegar.

Plague inspira profundamente, seus dedos se curvando reflexivamente. Quando eu o liberto, lambendo a mordida antes que ele se afaste, ele olha para sua palma como se fosse a coisa mais bonita que ele já viu.

Meus alfas recém-marcados se fecham em torno de mim mais uma vez, formando um casulo de músculos quentes e sólidos. Não demora muito antes que eu comece a perder a luta para ficar acordada, flutuando dentro e fora do sono enquanto seus ronronos vibram através de mim, um lembrete constante de que não estou mais sozinha.

Que nunca mais estarei sozinha.

As marcas no meu pescoço formigam agradavelmente, cinco vínculos distintos zumbindo com amor e contentamento. Eu sinto cada um deles através dessas conexões agora, suas emoções se misturando com as minhas enquanto todas as nossas almas se entrelaçam.

Enquanto o sono puxa as bordas da minha mente, meus pensamentos vagam de volta para aquela ômega feral assustada escondida na floresta. Aquela que preferiria morrer a se submeter à reivindicação de um alfa. Aquela que queimou sua própria marca de designação.

Se eu pudesse voltar no tempo, o que eu diria para ela?

Ela até acreditaria em mim se eu tentasse explicar como tudo mudaria? Que ela encontraria não apenas um alfa para confiar, mas cinco? Que ela voluntariamente — ansiosamente — seria marcada e reivindicada por toda a matilha?

Eu imagino encontrá-la encolhida em uma de suas tocas escondidas, olhos selvagens e pronta para lutar. Pronta para morrer antes de deixar qualquer alfa tocá-la. Eu diria a ela que um dia, ela entenderá que ser amada não precisa significar ser possuída.

Eu diria a ela sobre Wraith, o alfa feral que o mundo vê como um monstro e como ele se tornaria seu protetor mais feroz. Sobre como sua força silenciosa se tornaria sua âncora na tempestade.

Sobre Thane, cuja autoridade quieta a faria se sentir segura em vez de presa. Como seus olhos escuros sempre a observariam, não para controlar, mas para proteger.

Sobre Plague, cuja distância cuidadosa lhe daria espaço para abrir as asas e ser ouvida. Como o príncipe que se tornou um fantasma a ajudaria a encontrar seu próprio tipo de realeza.

Sobre Whiskey, que ama completamente e imprudentemente. O alfa que queimaria o mundo por ela e soltaria fogos de artifício para celebrar, se deleitando no caos.

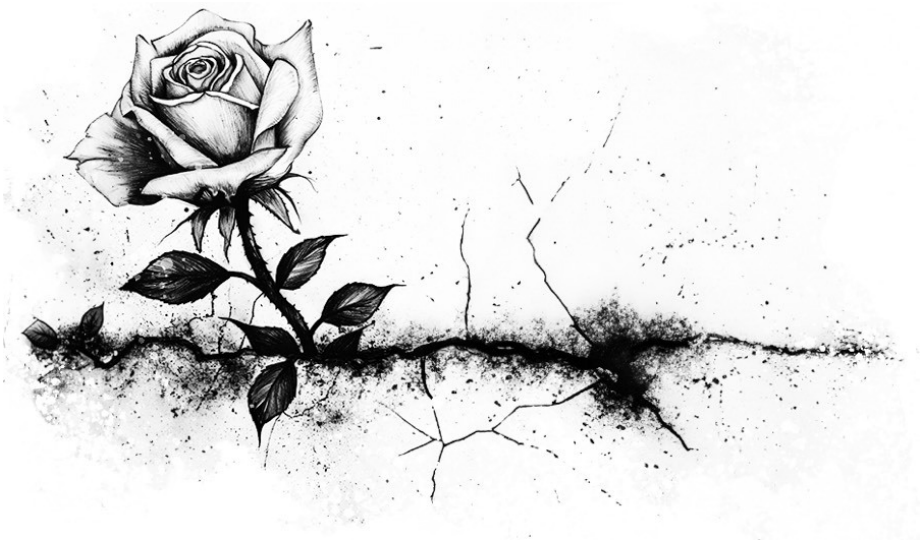
E sobre Valek, que lhe ensinaria que até os pedaços mais quebrados podem se encaixar para fazer algo bonito. Que a redenção é possível até para aqueles que acham que não podem ser salvos.

Eu diria àquela ômega feral que um dia, ela entenderá o que é força real. Que não é sobre lutar sozinha, mas sobre saber quando deixar os outros lutarem ao seu lado. Que a verdadeira liberdade não é a ausência de laços, mas escolher aqueles que te tornam mais forte. Escolher sua família.

E eu os escolho.

Todos os dias, eu os escolho.
Meus alfas.
Minha matilha.
Meu lar.

Fim.





Olá, leitores maravilhosos!

Muito obrigada por lerem ***Psycho Pack***. Escrever sobre Ivy e seu bando de alfas tem sido uma das coisas mais emocionantes que já fiz, e mal posso esperar para que vocês leiam o que vem a seguir!

A próxima trilogia neste universo conta a história de Cosima e seu bando. Você pode começar a lê-la antecipadamente no meu Patreon!

Se você adorou este livro, significaria muito para mim se você pudesse dedicar um momento para deixar uma avaliação ou resenha. As resenhas ajudam autores independentes a levar nossas histórias para o mundo, para que possamos escrever mais dos livros que você ama.

E o Wraith vai te dar um grande abraço! Para sua eterna confusão, porque ele NÃO entende por que todo mundo o ama tanto ou por que alguém gostaria de um abraço dele.



Aviso: Lenore Rosewood não se responsabiliza por ossos quebrados e órgãos esmagados.

Inscreva-se na minha newsletter para ser o primeiro a receber atualizações de novos lançamentos, oportunidades de ARC, prévias e conteúdo exclusivo para assinantes. Como agradecimento por ser um leitor, você também receberá uma novela gratuita do universo Omegaverse!

Eu também adoraria conhecê-lo no meu grupo do Facebook, onde compartilho prévias dos meus livros, arte literária, enquetes e memes que fariam sua família torcer o nariz. Você também pode acessar todos esses links com este código QR.



Até o próximo livro,

Lenore Rosewood